



III
a
y
c
o
n

LIVRO 1

KELL TEIXEIRA

b
EDITORA



Maycon
Kell Teixeira

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

*Fecho os olhos em meio ao caos, eu procuro, mas não há saída
Construo um lugar, meu inferno particular
Eu crio a dor, eu anestesio a dor
Eu sigo a trilha branca, ela é o desvio entre o certo e errado
A brecha entre o céu e inferno
Ela é o caminho que conduz a perdição, a perfeição
Quem nunca fechou os olhos não pode me culpar
Quem nunca tentou se apagar só para poder sonhar
Eu transformei palavras em estrelas
Eu usei o céu inteiro para chamar de meu
Eu me tornei meu juiz e fui condenado no meu próprio julgamento...
Era apenas ilusão...
(Maycon Sebastian)*

Prólogo

Olho para a cocaína com todo o respeito que tenho por ela – é sagrada para mim –, faço a primeira carreira e pego o canudo. Ao sentir o pó subindo pela minha narina, meu corpo todo se arrepia, então começo a sentir a excitação, as portas do paraíso surgem para mim e eu quero que seja eterno. De repente, meu cérebro se abre e um prazer imenso me invade, agora estou acima de tudo, sou intocável e nada pode me convencer do contrário. Mas da mesma maneira que começou, em minutos uma rachadura aparece e lentamente sou chutado do meu paraíso. E em momentos como esse eu sei que preciso de mais, sempre quero mais, porque eu preciso voltar a ter as emoções que somente ela me faz sentir e, depois de novamente estar no meu inferno, não resta dúvida de qual caminho continuar a seguir.

Essa é a minha merda de vida, para alguns sou Maycon Sebastian Callier, mas para outros apenas mais um viciado em cocaína.

Capítulo 1

Entre as rachaduras da minha mente, posso ver o pequeno Maycon, ou pelo menos a parte que ainda resta dele. Não gostamos um do outro, mesmo assim ele me encara por alguns segundos, ele sente demais e eu, bom, eu não sinto mais porra nenhuma.

Antes de tudo acontecer, eu era um filho de classe média alta que, assim como muitos, parecia destinado a brilhar. Mas apostar no incerto é foda, você fica sem saber se está desviando da bala ou perdendo a vida. E no fim da equação o produto final deu errado.

Mãe advogada e pai empresário, e o filho? Foda-se o filho, ele deu merda. Mas você sabe como funciona a jogada, as pessoas gostam de promessas, ainda que elas saibam que você não irá cumprir um terço delas, mas eu estou tentando, Deus sabe como, prova disso é que estou no sexto período de medicina. Mas como um viciado se torna estudante de medicina?

A real é que só na minha classe mais da metade usa, mas os prodígios estão no auge, só um tiro para curtir e aguentar a pressão de passar noites intensas acordados estudando. A sutil diferença entre mim e esses idiotas patéticos é que eles estão começando agora, então, para eles, eu sou o cara *cool*, o *indie* da turma. Se eles soubessem o inferno que é, pensariam duas ou três vezes antes de entrarem nisso. Mas são todos cegos demais para verem a verdade, mal sabem eles que um dia eu só dava um tiro para curtir a adrenalina, agora eu estou na merda e, assim como eu, não vai demorar para eles estarem também.

Mas voltando a minha droga de realidade, hoje é sábado, há dois dias eu não cheiro umazinha e agora estou pirando por ter que encarar uma fissura do caralho, enquanto imploro para conseguir a merda da *farinha*. Os pensamentos circulam em fagulhas, enquanto eu fico feito idiota olhando para o nada. A minha mãe foi ingênua, ela ainda tem a tosca ilusão de que para se ter a droga, temos que ir nos subúrbios, mal sabe ela que o traficante mora a duas ruas da casa que ela me deu em um bairro classe média, e quem faz a entrega não é o maltrapilho de rua, o zé da esquina, mas os filhos da puta de classe média alta. E não é de qualquer merda não, os caras vêm de carro, filhinhos de papai com acesso livre aos grandes e mais tradicionais condomínios. Aqui é o céu para eles. Ausência de pontos altos de observação,

as ruas arborizadas e com pouco movimento e, lógico, as grades de segurança, fazem desses lugares os mais seguros para usar e vender drogas. É, mãe, você não conhece esse mundo. Odeio pensar na minha mãe, Emily, que agora está em um retiro espiritual na Índia. Antes acreditava que ela pedia proteção para a minha vida, mas depois de esgotar o seu limite de lágrimas, acho que ela provavelmente pede pela minha morte.

As horas passam e eu começo a tremer, a fissura em usar me faz perder qualquer linha de raciocínio. Ligo para a porra do Robert, aquele imbecil está pouco se lixando para mim e eu estou louco para matar a vontade, só na viagem de uma carreira, e aquele filho da puta desaparece com a porra do meu dinheiro.

O plano era simples e já deu tempo de o cara voltar, a não ser que ele tenha rodado, e se aconteceu, eu serei o próximo. Isso é louco porque nunca pensamos em quando irá acontecer, mas sabemos que cedo ou tarde acontece. Sempre acontece. Robert está comigo desde o início – ele e Jayde – e somos tão inseparáveis quanto a Santíssima Trindade, mesmo que a Jay tenha saído da heroína. Ela curte um baseado e por isso pensa que está um patamar acima de nós, mas como tem medo de ficar por aqui queimando sozinha, se sente na obrigação de nos dosar. É ilusão, sua ilusão, mas foda-se ela. O problema é que na última vez que eu apaguei ela ficou paranoica, e ter que aturar a sua paranoia é uma merda, e que merda!

Droga! Estou enlouquecendo e é foda porque eu estou cansado disso. Prometi para mim mesmo que esse ano vou refrescar a cabeça, dar aquela pausa para me limpar, procurar uma clínica bacana. Não essas que nos veem como animais, uma boa, aí eu vou controlar essa porra e vou usar só socialmente. É, vou fazer isso.

Confiro a porra das horas e fica claro que deu merda. Eu estou devendo para o Paul, meu traficante fixo, mas ao invés de pagar o cara, eu e Robert tivemos a brilhante ideia de comprar com outro traficante. Ele me deu prazo até quarta-feira para pagar, e se eu não o fizer, já era o pó, já era Maycon e, provavelmente, quem estiver comigo. Mas eu não tenho toda a grana e para piorar o meu pó acabou, então, como um bom viciado, foda-se o Paul e a dívida. Eu só preciso e penso em conseguir o maldito pó, essa é a parte que ninguém conta. Depois de se afundar, você vive em prol de uma dose e faz qualquer merda por ela.

A maioria das pessoas não sabe, mas há uma grande diferença entre

visitar o mundo das drogas e viver nele. Eu vivo e o foda de estar nisso há tanto tempo é que todos os traficantes da área o conhecem, então, se pisar na bola, se quebrar a regra, rapidinho você é apagado. A regra é clara – cada um com seu ponto. Se deve, tem que pagar, não tem erro e nem perdão. Vacilou, morre.

Dois caras descem a rua e passam por mim, sabem que é só mais um viciado. Estou paranoico. Rob pegou o restante dos meus *corres* e foi ao traficante vizinho, um amigo do Paul. Comprar com ele é a pior opção, se meu traficante descobrir eu estou morto e já era para o Rob também. A sorte, se é que pode se considerar sorte, é que o cara me conhece, mas não conhece o Robert, e por isso ele foi atrás do pó. É arriscado, mas é a única maneira de conseguir.

O céu escurece e nada do Rob, então acendo meu último cigarro e é uma merda, começo a tremer e sinto meu coração disparado. Sem chance de conseguir grana com a minha mãe para pagar o cara, ainda que eu conte a verdade, ela não me daria, ela não acredita em mim, não mais.

Com meu pai, só se eu voltar a implorar, ele ainda acredita que eu posso sair dessa, mas acha que não me esforço para isso. A primeira parte é mentira e a segunda é verdade, porém, nessa altura do campeonato, eu não me imagino mais sem as drogas. Eu não saberia viver sem drogas e, claro, conseguir dinheiro com meu pai significa ter que tentar, e tentar sempre inclui humilhações e sermões, clínica de reabilitação e a porra da terapia. Isso ou foda-se, Maycon.

Faz semanas que ele não me liga ou eu não atendo, dá no mesmo. Na última vez que nos falamos acabamos discutindo e ele jogou na minha cara que eu só o procuro quando preciso de dinheiro. Não mentiu, mas, infelizmente, essa é a vida com as suas verdades que eu não quero encarar. Que porra, velho! Rob sumiu com a minha grana, e a Jay, sei lá onde essa porra está.

Pense, Maycon, pense porra! Você vai ou não vai atrás do Rob?

O cara já me viu várias vezes com o Paul e se eu for ele me apaga achando que estamos armando para cima dele. Porra! Estou numa fissura do caralho! Quando começo a andar decidido a encarar a merda, finalmente vejo Rob vindo com dois caras que não conheço. Isso vai dar merda, muita merda. Olho para o Rob tentando entender que porra é essa, mas ele não me dá nenhum sinal. Será que vamos rodar? Que porra é essa, Rob? Que merda

você fez? Os caras atravessam a rua na metade do caminho e Rob vem sozinho. Meu coração parece que vai explodir, estou suando frio, agora. Em silêncio, seguimos até o meu carro que está a duas quadras.

— Conseguiu? — pergunto, irritado, ao entrar no carro.

— Na próxima a gente roda, Maycon. Na próxima já era, cara.

— Conseguiu ou não conseguiu? — insisto.

— Estou te falando, porra, o cara colocou a arma na minha cabeça.

Não conte mais comigo pra isso e pague o Paul, porque isso é loucura!

— Foda-se, Rob, você serra o meu pó e agora vem com essa onda? Não morreu, pare de show!

— Fale com seu pai, Maycon, peça que ele te arruma a grana, cara. Você só precisa voltar a ficar bem com eles de novo e tentar manejar!

— Vai à merda, Robert. Se vire com seus problemas e deixe que eu me viro com os meus.

Ele não diz nada, mas está tão puto que joga os papelotes em mim. Assim que olho para eles, sinto um intenso alívio, enquanto dirijo feito um louco pelas ruas e, minutos depois, quando chego à rua da minha casa, penso nas possibilidades, mas fodam-se elas. Eu cumprimento o segurança do meu pai, abro o portão e lá vou eu novamente me afundar nisso. Entro e enquanto subo a escada, Robert vai chorar suas merdas com a Jay

Eu os escuto falarem que vou morrer, que estou muito viciado, mas ignoro porque tudo que eu preciso está em minhas mãos. Eu vou direto para o quarto, abro os papelotes e faço as minhas santas carreiras e, em segundos, começo a cheirar. Foda-se o Robert, foda-se a Jayde, fodam-se meus pais, foda-se o mundo inteiro, porque eu estou de volta ao paraíso.

São carreiras e mais carreiras, então perco a noção do tempo e não vou demorar para apagar. A euforia é intensa e rápida, o céu é meu e eu sou o herói aqui. O prazer é tão intenso, que nem a melhor transa poderia se comparar a isso.

O tempo passa e com ele o meu pó e todo o seu paraíso. Quando acaba, eu estou vazio de novo, ele leva tudo de mim, e eu fico puto, louco porque quero sentir isso de novo. Caralho! Acabou tão rápido, que começo a pensar na minha merda de vida e a porra da depressão me pega de jeito.

Jogado no chão, fico olhando o meu céu estrelado.

Estou sem pó, devendo e não tenho grana pra porra nenhuma! Sei que quando acordar vou estar com uma dor de cabeça do caralho, cansado e louco

para conseguir outra cheirada. Meu ciclo de viciado voltará a se repetir, mas, como eu disse, esse é o meu mundo e as portas estão fechadas nele.

Sinto minha cabeça pesada, meu corpo todo dói e velhas recordações começam a me assombrar. Em momentos assim, eu me lembro de quando tudo começou. Eu tinha apenas doze anos e nem sabia ao certo o que procurava, estava irritado com a forma com que meus pais estavam lidando com a merda do divórcio e, apesar de tudo aquilo estar me machucando, eles não se importaram em me tratar como objeto de disputa para atingir um ao outro.

Lembrar-me disso é como salgar a merda da ferida. As brigas e a forma como a minha mãe tentava me fazer odiar meu pai me vêm à mente. Ela queria que eu dissesse para ele que não queria vê-lo e que o odiava. Eu a ouvia chorar por noites e aquilo me matava, ela era a mulher que eu mais amava, então prometi a mim mesmo que faria o meu pai pagar, apesar de não saber exatamente pelo que ele deveria pagar, mas quando ele me ligava dizendo que ia me buscar, e eu tinha a minha mãe à minha frente esperando que eu escolhesse um lado, eu não conseguia odiá-lo. Eu estava confuso e não queria ter que mentir. Ele continuava a falar pelo telefone, enquanto minha mãe continuava à minha frente esperando que eu tomasse uma atitude.

— Maycon, no fim de semana eu vou te ver e nós vamos ao parque juntos. Está com saudades de mim, campeão? — ele perguntava e eu não conseguia responder. Não com a minha mãe à minha frente. Eu não sabia que na cabeça dela aquilo era uma escolha, e que merda de escolha. Quando eu disse sim, a maneira como minha mãe me olhou ficou marcada.

Hoje eu não sei se foi uma viagem minha ou não, mas ela mudou comigo. Até então eu não sabia o porquê do divórcio, havia algumas semanas que ele tinha ido embora com a desculpa de que iria viajar, mas com a doce promessa de que voltaria, como em outras vezes. E, apesar das brigas, eu realmente acreditava que ele iria voltar, achava que em algum momento alguém ia me acordar daquele pesadelo e eles estariam juntos e, novamente, seríamos só nós três, então eu esqueceria toda aquela merda. Mas não aconteceu e eu soube da pior forma possível que tinha uma irmã. A minha mãe conseguia tornar cada experiência mais amarga que a outra, mas hoje eu não a culpo. Ela foi traída, trocada por uma garota de dezoito anos que engravidou. Emily estava machucada e obviamente queria vingança, ela

queria ferir o meu pai e me usar para conseguir isso era mais fácil. Acho que ela nunca percebeu que estava me machucando também, a dor dela a cegou.

Isaac tentou algumas vezes, mas quando se deu conta que não seria perdoado e o casamento estava acabado, ele entrou na justiça pleiteando a minha guarda, mas a porra do juiz decidiu que seria guarda conjunta. Eu odiava o meu pai por ter ido embora e não sabia se podia confiar nas acusações da minha mãe e, apesar de tudo, queria ter os dois de volta na minha vida como éramos antes. Eu estava muito confuso. Ele era o meu pai e parte de mim o amava por ser o meu herói, e odiava e amava a minha mãe por tudo que ela fazia, e nesse ciclo insano passei a me odiar. E foi nessa jogada de guarda conjunta que eu perdi o meu lar. Era como caminhar em um campo minado. Dois dias com ele, três com ela e fins de semana com meus avós, até que me tiraram isso, o campo neutro da jogada. Minha vida virou um inferno e quem quer que fosse o idiota a ativar a primeira mina, era eu quem iria explodir.

Depois da separação definitiva, meu pai alugou um apartamento e, sinceramente, ele parecia tão confuso quanto eu. O foda da guarda conjunta é que, ao contrário da minha mãe, que até então não trabalhava fora, ele trabalhava muito à frente da empresa – a Indústria Farmacêutica Callier –, então a sua única e melhor opção era contratar uma babá. Eu não entendia muito bem por que tinha que ficar alguns dias da semana no apartamento dele, se quem ficaria comigo era uma babá, mas parecia que essas eram as regras e eu não precisava entender, apenas seguir. Somente a noite ele chegava em casa com os olhos vermelhos e cheirando a álcool, e em noites como essa tudo que ele conseguia dizer era um pedido choroso de desculpas. Então me dei conta de que não era bem ficar com meu pai, ele só queria provar para a minha mãe que ela não mandava na porra toda, e o Maycon que se foda.

Após duas tentativas frustradas, ele finalmente conseguiu uma babá através de uma agência que estivesse disponível nos horários loucos dele e foi então que eu conheci a Britney – a garota mais louca que cruzou a minha vida. Ela tinha dezoito anos e, apesar da pouca idade, ele precisava de alguém para ficar comigo, então não se prendeu aos detalhes e a contratou. Eu me lembro que a única pergunta que ele fez foi se ela gostava de crianças. O tempo dele era escasso e sequer suspeitou que ela fosse usuária de drogas, muito menos que diante dele poderia estar a minha porta de entrada para esse

mundo, meu novo mundo.

A mulher era tão pirada, que no segundo dia que foi me buscar no colégio, assim que chegamos em casa, ela ficou quase uma hora me encarando e aquilo me dava medo. Que porra aquela mulher queria comigo? Um dia ela me perguntou se eu havia beijado uma garota e quando respondi que não, ela simplesmente se aproximou e me beijou. Na hora eu fiquei sem reação, então ela começou a rir da minha cara de assustado. Ela viajava em mim, dizia que eu era o cara que nunca ia precisar pagar por sexo. Eu tinha doze anos, nenhum amigo e uma criação totalmente restrita, mas agora estava diante de um mundo oposto ao meu e, de quebra, com uma anfitriã louca que falava essas coisas.

Emily obviamente piraria ao ver o seu garotinho tão protegido sendo corrompido. Com as brigas dos meus pais, os constantes ataques da minha mãe e o colégio, estar com Britney era o meu novo lugar neutro. Eu preferia ouvir as viagens dela, suas fantasias sexuais e suas paranoias a ficar com meus pais. Eu queria me esquecer de tudo aquilo, eu precisava urgentemente sair daquele inferno, e esse mundo era a minha nova opção. Britney namorava um cara estranho e às vezes eles se encontravam perto do colégio. Um tempo depois, eu soube que ele traficava e que, às vezes, fazia dela o seu saco de pancadas, mas eu pouco me importava com isso.

Na casa da minha mãe, as perguntas sempre eram sobre a vida do meu pai e a mulher e filha dele, nunca sobre mim ou o quanto era difícil ter meu mundo destruído. No fim, tudo que sobrou do meu mundo feliz foi a dor e talvez essa seja a real razão por sempre revivê-la. Essas lembranças são as sobras da felicidade que um dia eu tive. O foda era que eu não conhecia a mulher do meu pai, muito menos a filha, mas a minha mãe achava que eu estava mentindo, e eu achava que ela estava mentindo sobre isso. A mulher em que eu mais amava na vida começou a desconfiar de mim e foi exatamente aí que nos perdemos.

Minha família estava destruída, meus pais estavam destruídos pelas mágoas e a guerra sem fim, e eu, bom, eu era o produto de troca, a garantia de merda deles para continuarem o inferno. Nessa época eles estavam cegos demais para perceberem que o produto estava começando a apresentar defeito e, cedo ou tarde, ele se tornaria o problema.

Eu já estava me acostumando com esse inferno e, tirando a escola, a melhor parte dos meus dias era com a Britney. Ela era um barato, o meu

escape. Nós víamos filmes pornôns juntos, ela me ofereceu o meu primeiro cigarro e me ensinou a fumar – e como eu queria impressioná-la, viquei nessa merda –, depois passamos a beber e quando ela me apresentou a erva, eu fui de cabeça, para mim era um anestésico.

Britney sempre dizia que eu era um garoto especial, mas a minha babá não ficou só nisso, como ela era muito fissurada em mim, consequentemente também me apresentou o sexo. Tudo na minha vida foi precoce, hoje seria pedofilia, mas nunca vi o que aconteceu dessa maneira, ela fez meu pau subir, então acho que houve consentimento. Na época, eu me achava o cara por transar com a minha babá gostosa e fumar erva, mas quando a minha mãe a conheceu, fez um inferno. Eu nunca contei o que Britney fazia, mas meu pai acabou descobrindo que ela usuária, então a demitiu. Coitado, mal sabia que o filho estava indo para o mesmo caminho.

Aos poucos, a minha mãe começou a retomar a sua vida, inclusive a carreira, mas isso não incluía o fim das brigas, porém não fazia mais diferença, não para mim, eu tinha um escape. O problema é que a erva o deixa lerdo e eu não queria aquela onda, gosto de adrenalina, eu tinha raiva demais dentro de mim para ficar abafando com erva. Em uma das idas até o cara doidão da Britney, eu conheci a *farinha* e o Robert e foi nesse encontro louco que aconteceram duas mudanças na minha vida – a cocaína se tornou meu vício e Robert virou o meu melhor amigo, que também curti coca. Depois disso, já era mãe, pai e todas as brigas. Eu ainda era o garoto prodígio, tinha que continuar a farsa para ter a grana, então, desde que as notas na escola continuassem altas, o pó estava garantido.

Um tempo depois, o namorado da Britney foi morto e ela desapareceu, chegaram a falar que foi ela quem o matou, mas eu nunca soube direito da história.

Eu estava em queda livre e era uma presa fácil de ser fisgado, conseguir o próximo traficante não foi difícil, eu era a garantia certa de grana, filhinho de papai com acesso a dinheiro fácil. E olhando para nós agora, foi quase amor à primeira vista, ou melhor, cheirada, a coca se tornou a minha vida. Ela me fazia sentir o garoto especial que meus pais falavam antes do divórcio, me dava a felicidade que um dia senti e, o melhor, me colocava longe de tudo. Então o resto que se fodesse.

Anos depois, quando meus pais descobriram, já era tarde, eu estava viciado demais. Eles perderam o controle, eu perdi o controle e estava pouco

me lixando para isso. Ironicamente, as brigas pararam, agora tinham a bela missão de salvar o filho do mundo obscuro das drogas e toda a merda que vem depois disso. Mas, na real, meus pais deveriam me considerar um santo, eu fiz o maior milagre da vida deles. Depois de descobrirem sobre as drogas, todos os problemas entre eles milagrosamente acabaram, o produto apresentou sua falha e foi exatamente aí que eu me tornei “o problema”.

Capítulo 2

Eu estou de ressaca e Jayde sabe quais são as regras nessa porra, mas está quebrando uma ao abrir a porta. Ela vem até mim e percebo que seus olhos estão inchados. Que porra é essa? Essa garota não está assim por causa de mim. Não, de jeito nenhum.

— May, o Paul pegou o Rob! — Ela praticamente vomita as palavras em mim. — Ele vai matar o Rob, May — completa e começa a chorar.

— Quê? — Dou um pulo da cama. — Que viagem é essa, Jay?

— Você apagou, então Rob dormiu aqui. Hoje ele foi embora e duas horas depois me ligou. O Paul está com ele e quer você!

Ah, porra! Ferrou, Maycon.

Mal calço o meu chinelo e já pego a chave, correndo em seguida para a garagem. Merda, merda, merda! Quando entro no carro, Jay entra ao meu lado.

— Que porra é essa, Jay? Sai fora!

— Eu vou com você.

— Vai merda nenhuma.

— Maycon, é o Rob, cara — diz, chorando.

— Eu sei que é o Rob, não sou idiota, mas o que você vai fazer lá, Jay?

— Eu tenho que ir, tem que me levar de qualquer jeito!

Cara, me sobe um ódio ao escutá-la, a burrice disso ultrapassa limites.

— Você é burra, mas é burra em um nível que me assusta. Ele pode apagar o Rob e eu lá mesmo, então deixe de ser idiota e dá o fora! — esbravejo.

— Eu vou e foda-se o que você acha.

— Ah, eu esqueci. Tenho que te levar mesmo, porque você é fodona demais, vai chegar lá e resolver a parada toda, né, porra?! Esqueci que é super-heroína! — grito e ela me mostra o dedo do meio. Merda de garota.

— Sai, porra!

Ela me ignora, mas não tenho tempo para convencê-la do contrário. Tiro o carro da garagem e saio feito um louco com a cabeça a mil. Já era, ele vai me apagar e o Rob também. Esses caras não perdoam isso. Que porra! Tudo por causa da merda de umas carreirinhas. Em minutos, estou próximo

do nosso ponto de encontro, que não é na casa dele, lógico que não. E eu só sei onde é o tal local porque estava com ele quando apagou dois caras. Ele atirou e eu fiquei paralisado, não esperava por aquilo, mas depois se tornou normal esse tipo de coisa. Até mesmo ter uma arma apontada para a minha cabeça, nesse mundo tem dessas e pode acontecer comigo a qualquer hora. Você pensa mil coisas e não pensa em porra nenhuma.

Qualquer um que fosse um pouquinho inteligente fugiria, mas é o Robert, e apesar de ele serrar o meu pó, não tem porra nenhuma com isso. Merda! Jayde está usando um short e uma camiseta praticamente transparente, ela só vai me atrapalhar, sem contar que não para de chorar. Mas nunca tive controle sobre essa menina e prova disso é que ela não foi mais embora da minha casa depois de termos transado uma vez e ela ter passado a noite, e isso aconteceu faz mais de dois ou três anos, não me lembro direito. Mas depois disso nos tornamos inseparáveis.

Eu paro o carro na entrada de uma mata de difícil acesso, mas quando o cara quer matar alguém ele adentra a mata e não fica como está agora, na beira de estrada. Eu vejo Paul e mais dois caras, Fin e Hunter, armados. Rob está de joelhos com as mãos amarradas e rosto coberto. É foda. Eu respiro fundo para me controlar, nessa hora não se pode vacilar.

— Jay, você fica aqui. Se eu entrar na mata com os caras, você foge, entendeu?

Nem sei se ela responde, simplesmente saio do carro tentando entender a situação. Eu penso na minha mãe e tudo fica mais difícil, nem tive a chance de pedir perdão e agora pode ser o meu fim.

— Olha aí o viadinho, não é que o sujeito é homem mesmo? — doidão, Paul diz com um sorriso no rosto assim que me vê.

— Qual é, cara? O prazo é até quarta — falo.

Ele me encara e continua rindo.

— Sabe, Maycon, eu gosto de você, mas, poxa, nunca te deixei na mão e tu faz essa merda comigo? Cheira o meu pó e não paga na hora, e depois vai comprar com outro? Que porra!

— Sua grana é sua grana, cara, meu prazo não morreu.

Ele ri e sem que eu espere, atira. O meu coração dispara e o barulho me deixa surdo por alguns minutos. Quando consigo voltar à realidade, vejo que o idiota deu um tiro próximo ao Robert, que começa a chorar e faz com que os caras riam. É humilhante demais e quando acho que não dá para

piorar, a Jayde sai do carro. Merda! Terei sorte se Paul não a vir.

— Trago seu dinheiro hoje — falo, tentando recuperar o controle antes que ele veja a Jay.

— Tem até dez horas, caso contrário, vou apagar esse idiota. — Ele aponta para o Robert e se aproxima de mim, apontando a arma para a minha cabeça. — Se não trouxer, vou te buscar no inferno e não vai ter nem corpo pra sua mãe enterrar, entendeu?

— Deixe o cara ir — falo e ele tira o capuz do Robert. — Ele é um merda, mas se apagar o imbecil você sabe que pode dar B.O., e tenho certeza que você não quer a polícia envolvida nisso — completo e ele ri.

— Você é esperto, Maycon — diz com sarcasmo, então se vira e vê a porra da Jay. Merda! — Uau! De onde essa princesinha saiu? — Ele parece pensar por alguns minutos até que finalmente a reconhece. — Ah, sim, é a sua garota. — Ele olha para o Robert e depois para a Jayde. — Tem razão, Maycon, ele é um merda. — Então se vira para Hunter. — Solte esse merdinha, eu quero ela.

Sinto um gelo percorrer o meu corpo e eu tento manter o controle, mas quase desmorono.

— Qual é, cara, ela é só uma puta, não vale nada. O problema é entre mim e você.

Fin traz a Jayde segurando pelo cabelo dela com a arma em sua cabeça, ela está assustada e me olha com desespero, esperando que eu faça alguma coisa.

— Coloque-a no carro! — ordena e, em seguida, se vira para mim. — Tem razão, ela pode ser uma puta, mas é a sua puta e isso faz uma puta diferença — sorri. — Você tem duas horas para trazer a minha grana ou nunca mais vai vê-la — ele diz e, sem esperar reação, os três levam Jayde e desaparecem.

Merda, Maycon o que você foi fazer, seu porra?

Solto o Robert e antes de conseguir raciocinar, eu sinto um murro em minha boca.

— Olha o que você fez, seu imbecil! Era para você cuidar dela, eu te falei, Maycon, falei para não se envolver com esses caras — ele grita, enquanto limpo o sangue da minha boca.

— Cala a boca, idiota, eu vou conseguir a grana! — falo, segurando a imensa vontade de chorar. Merda!

— Vai conseguir como? Sua mãe está na Índia, seu pai mora do outro lado da cidade e lembra o que disse para ele da última vez que foi dar uma de filhinho revoltado? Falou que o mataria na próxima vez que ele te procurasse. E agora, vai fazer o que, seu viciado de merda? Se fizerem alguma coisa com ela, eu mato você!

— Mata porra nenhuma! — grito. — Esqueceu de quantas vezes eu comprei a sua briga? Pare de dar showzinho, pode estar na minha conta, mas você cheirou também. Então foda-se o que pensa de mim, é medroso para se matar, quanto mais matar alguém. Você é um merda, Robert.

Vou para o carro e Robert me segue, não tem jeito. Merda! Na última vez que vi o meu pai nós brigamos feio. Ele disse que eu só o procuro quando preciso de grana e me humilhou tanto, que jurei que nunca mais olharia na cara dele, mas promessa de viciado não vale porra nenhuma.

Ligo o carro e corro feito um louco por todos os sinais que encontro pelo caminho. Quanto mais eu demorar, mais tempo Jayde fica na mão desses caras. Robert continua chorando e falando merda, então ligo o som no talo para ele sacar que não estou a fim de ouvir.

Estou desesperado e engolindo toda minha merda do meu orgulho. Depois de quarenta minutos escutando a mesma de música, eu paro em frente ao condomínio do meu pai. Agora estou, como diria a Jayde, no maior estilo zé droguinha, sem blusa, cheio de tatuagens, bermuda e chinelo, parado em frente a um condomínio de luxo.

Saio do carro e respiro fundo.

— Isaac Callier, por favor. É o Maycon. — Entrego a minha habilitação e a atendente da portaria me olha de cima a baixo.

Dois seguranças estão a postos enquanto ela liga para a casa dele e após verificarem, me deixam entrar. Agora é a hora do Maycon se humilhar. Chego em frente à mansão e o portão se abre. Porra, pelos carros que estão aqui, sei que tem visita. Eu odeio ter que fazer isso, se não tivesse a Jayde na jogada, eu até ficaria grato por morrer.

Subo as escadas e escuto Robert atrás de mim. Meu pai o detesta e minha mãe não gosta da Jayde, porque eles têm que culpar alguém. Nem imaginam que dos três, o demônio sou eu. Antes que eu toque a campainha, a ajudante abre a porta e me olha um tanto quanto assustada. Eu odeio receber esse tipo de olhar.

— Seu pai está na sala de jantar. Ele pediu para que fosse até ele —

diz com receio.

Merda! Sei que Isaac não vai facilitar para mim, não mesmo. Vou à sala e além da puta dele, eu me deparo com a droga do doutor Jordan, meu antigo psiquiatra, e não somente ele, mas toda a sua família também.

Cara, que vergonha! A filha dele estuda na mesma faculdade que eu... ah, que se foda.

— Boa noite, Maycon — o médico filho da puta é o primeiro a me cumprimentar, enquanto ajeita os óculos. — Nossa, você emagreceu muito — ele diz. Odeio gente sem noção.

— Sabe como é, estou de dieta e bem focado. — Pisco e, em seguida, olho para o meu pai. Devo estar um espantalho, porque ele nem mesmo me encara. — Pai, podemos conversar em particular? — Tento parecer calmo.

— Maycon, cumprimente as pessoas, por favor. — Ele força demais, só pode estar tirando uma com minha cara. Mas, foda-se, é pela Jay.

— Boa noite — falo em um tom nada amigável.

Todos respondem ou fingem responder, não me importo.

— Pode falar na frente de todos, Maycon, eles já estão habituados aos nossos encontros. — Oh, desgraça! É muita sacanagem. Ele se levanta e se aproxima de mim para se certificar que não estou chapado, e ao constatar que não, ele continua: — Algum problema? Tem um mês que parou de me atender.

— Eu andei ocupado — passo a mão no cabelo —, mas não leve para o lado pessoal. — Olho em seus olhos e odeio ter que encará-lo quando estou limpo, e o mesmo acontece com a minha mãe, porque eu me lembro de todas as merdas e acho deprimente demais. Engulo em seco e forço um sorriso. — Pai, eu preciso de cinco mil — falo e, obviamente, encaro a decepção em seu rosto. Só de olhar para mim ele quase chora.

— Maycon, eu não posso fazer isso.

— Pai, por favor. — Toco seu braço.

— Olhe para você, Maycon. Sinceramente, eu já não me importo com a maneira como você me trata, mas a sua mãe merece respeito.

Merda, é sério que ele quer falar sobre isso?

— Mas eu respeito vocês — retruco e ele respira fundo. — Quando eu não estou chapado, eu respeito sim — ressalto.

Ele desvia o olhar e dá um sorriso torto.

— Na última vez que nós o encontramos, você estava na rua deitado

com os mendigos.

Envergonhado, só consigo abaixar a cabeça. Por que ele sempre tem que aparecer com um sermão antes da verdadeira conversa?

— Vocês ainda saem juntos? Achei que isso era passado — falo para provocar a putinha dele e Isaac dá um suspiro frustrado.

— Não tínhamos notícias suas há dois dias, nem a Jayde sabia onde você estava. A sua mãe estava tão desesperada, que saiu pela noite para te procurar e eu não poderia deixá-la fazer isso sozinha. Quando o encontramos, você estava tão drogado que só não avançou nela porque eu estava lá para impedir.

— Eu não me lembro não — rebato e sinto uma dor ao ouvir essa merda.

— É, sei que não. Você faz as suas merdas, mas nunca se lembra. Ela só queria te levar para casa, cuidar de você.

— Mas é esse o problema de vocês dois. Pare com essa neura de querer saber de mim. Foda-se, Maycon, e segue reto.

— Tudo bem, tem razão. — Ele dá um sorriso forçado. — Foda-se, Maycon, e segue reto! — ele fala sem perder o controle.

Merda!

— Pai, por favor?

— Não! — ele diz.

Sabendo que Isaac não vai ceder, eu começo a chorar, mas isso não o convence. Não mais. Eu não queria jogar sujo, mas pela Jay eu o faço, e ele pode fingir que não, mas sei que ainda sente alguma coisa pela minha mãe, e é justamente por saber disso que sei como jogar com ele.

— Eu me envolvi com pessoas erradas e eles vão me matar se eu não levar a grana.

Ouvir isso é demais para ele, Isaac aponta para a porta e grita:

— Vá embora, não vai me convencer dessa vez.

Estou com tanta vergonha, que não me atrevo a olhar para ninguém à mesa.

— Você prometeu para a Emily que cuidaria de mim enquanto ela estivesse viajando. Vai fazer isso com ela, pai? Vai deixá-la chegar aqui e não ter nem corpo para enterrar o único filho? — Ele permanece inalcançável, então eu faço a minha próxima jogada. — Você tem sua família, Isaac, mas Emily só tem a mim. Sabe que ela não vai superar, não

sabendo que você poderia ter evitado a morte do seu filho por cinco mil — pondere e isso deixa todos boquiabertos.

— Você joga tão sujo, Maycon, eu... — ele não consegue completar, simplesmente começa a chorar.

Ser o cara que faz isso com ele é uma merda, mas a vida da Jay depende disso. Isaac me encara e, enxugando suas lágrimas, novamente aponta para a porta, então dou passos em direção à saída me sentindo pior do que quando entrei.

Assim que entro no carro com o Robert, o desespero bate. Sei que ele tem o dinheiro, porque Isaac possui um cofre em casa, mas não sei como o convencer a me dar.

— E agora, Maycon? Como vamos fazer? — Robert pergunta e sei que agora que viu a reação de Isaac, está tão desesperado quanto eu.

— Cala boca, Robert, estou pensando, porra!

Fico tentando encontrar uma saída, minutos passam e nada vem à minha mente. É desesperador não saber o que fazer, nenhum plano parece funcionar agora. Quando finalmente ligo o carro, eu vejo Isaac surgir na porta fazendo sinal para que eu o espere, então o alívio me invade. Isaac vem até mim e, sem justificativa, apenas entrega a grana em maços.

— Eu sei que não adianta pedir isso, nem sei se consigo acreditar em você mais. É o que faz de melhor Maycon, nos engana sem pudor algum.

— Não estou mentindo...

Ele me corta ao levantar a mão.

— Sei que não se importa conosco, mas, Maycon, sua mãe já sofreu demais. Você quis morar sozinho e nós deixamos, em troca prometeu que iria tentar.

— Eu estou tentando, Isaac.

— Não, você só finge, mas não quero te ver passar por isso mais. Se quiser, podemos almoçar juntos, tentar resolver a situação, uma solução verdadeira dessa vez — ele sugere, mas eu não tenho tempo para soluções verdadeiras, preciso salvar a Jay.

Eu não digo nada, então ele beija a minha cabeça e eu o espero se afastar, arrancando com o carro em seguida. Obviamente, suas palavras ficam presas à minha mente. Robert permanece calado, ele percebe que para mim é uma barra quando tenho que lidar com meus pais. Quando chegamos à casa do Paul, não adianta pedir para o Rob ficar no carro, então entramos e

seguimos até o seu “escritório”. Entrego o dinheiro e, depois de contar, ele sorri e se levanta, vindo até mim para me abraçar.

— Você é dos meus, então vamos começar de novo. Está para chegar um pó fino para mim e você vai ser o primeiro a dar um tiro. Por minha conta. — Paul se vira para Fin. — Traga a garota dele.

Ver Jayde é um alívio, mas ignoro a sua blusa rasgada e o rosto vermelho. Eles a soltam e ela vai direto para o Robert, me ignorando totalmente. Ele tira a blusa que está vestindo e veste nela antes de seguirem para o carro. O cara me dá o pó dizendo que é pelo nosso recomeço e é obvio que eu pego a droga e ainda aperto a sua mão. Isso aqui é vida de viciado, não rejeitamos drogas.

Entro no carro com a droga no bolso da bermuda e enquanto eu dirijo, Jayde e Robert choram. Ele promete a ela que vai parar, mas escuto isso desde que o conheci, e quando ele pergunta se o cara fez alguma coisa com ela é demais para mim, então aumento o som, aumento porque sou filho da puta e não quero escutar porra nenhuma. Aumento porque a minha consciência me mata, mas não vou parar de cheirar e não vou mentir para ela prometendo isso. E ainda que eu aumente a porra do som, eu vi a forma como ela me olhou e isso está me cortando por dentro.

Promessas adiantam? Adiantam porra nenhuma. Isso é ser viciado. Você vende seu corpo e alma por uma carreira, perde todo respeito e, no fim, tudo que quer é cheirar. Mas amanhã é um novo dia e eu volto para minha vidinha de estudante com o único propósito de entregar o diploma para a minha mãe. Assim que penso nela quero morrer, no fundo, você sabe que essa é a única solução, não só para você e sua merda de vida, mas para todos que você ama, porque as pessoas podem não acreditar nisso, mas viciado também ama e não só a porra do pó.

Sem cerimônia, eu sinto as lágrimas e fico pensando em quando vou receber a bala que vai me livrar desse inferno. Porque eu estou cansado, cansado de ser a porra do Maycon.

Chego em casa e vou direto aliviar a dor, em pouco tempo eu não sinto mais nada... estou anestesiado, encontrei minha cura.

Capítulo 3

Com os olhos fixos no meu céu de estrelas, eu viajo nesse imenso universo, vejo minha vida passar diante de mim e começo a questionar quando foi que eu cruzei a linha. Os avisos estavam nítidos demais e eu os ignorei. É o que eu faço de melhor, ignoro a porra toda. Mas a culpa geralmente vai além, você até tenta, mas ela permanece à espreita esperando o momento certo para agir. E ela sabe bem qual é o meu.

Sem nenhuma carreira, tudo que me resta é a droga da culpa e não é tão fácil reconhecer meus erros. Não é fácil ver a minha mãe sofrer, mas eu cruzei a linha e não há muito que fazer a respeito depois disso, ainda que uma parte minha queira que ela siga sem se prender à merda que eu faço com a minha vida, sei que é impossível.

Ela deveria entender que eu escolhi esse caminho e justamente por isso não deveria sofrer. Não por mim, porque quando eu vejo a dor tão nítida em seus olhos o quadro muda e, ao contrário do que meus pais pensam, meus sentimentos não são vazios como a minha consciência parece ser. Se pelo menos ela entendesse isso, agora eu não estaria sentindo toda essa merda de culpa. Mas ela tem que fazer planos e pensar no nosso futuro. E é isso que eu temo, porque eu não planejo ter um futuro. Seus planos nos levam ao limite, pois o futuro que eu vejo é uma foto minha em sua estante com o diploma ao lado.

Eu respiro fundo, tentando, porque eu estou tentando, mas ela não vê. Olho para o calendário e me lembro que ela estará de volta no sábado, e mesmo tendo passado tanto tempo, ainda não sei se eu quero vê-la.

Ao pensar no quanto Jayde me alertou em como Paul era perigoso, que eu não deveria me envolver com ele, mas Maycon é sempre Maycon, então não diga o que não ele deve fazer, esse é o gatilho que o move – o ir contra. Chega a ser irônico pensar assim, porque, por um tempo, eu tentei ser igual, me encaixar, mas estava jogando contra as regras, e se você faz isso não tem como vencer. Jayde e o modo como ela me olhou quando Paul a levou e toda aquela merda que o Rob teve que encarar sobrevoam os meus pensamentos.

E aqui, sozinho no quarto, percebo que as vagas lembranças da minha infância foram quase extintas, mas algumas estão tatuadas no cérebro, nem

mesmo o pó consegue apagar.

Emily tinha altas expectativas em mim, além de ser um pequeno gênio, tinha aptidão para música, o que a fez investir e ter meus pais como plateia era o melhor de tudo. Eu era tão fascinado por física e astrofísica, que ela acreditava ter concebido o próximo Albert Einstein, e mesmo com pouca idade nós discutíamos sobre buracos de minhoca e viagens no tempo. Ela realmente acreditava que eu seria um futuro gênio.

Apesar da minha habilidade de aprender mais rápido que uma criança comum, a escola não era de tudo um tédio. Lembro que meu professor de ciências gostava de ficar comigo nos horários vagos, ele sempre percebeu a minha facilidade e chegou a insistir em um teste de QI, mas meu pai não queria essa pressão sobre mim. O professor dizia que eu fui abençoado com um supercérebro e, mais tarde, depois de nos afastarmos, soube que ele chorou quando o vício em cocaína foi descoberto. Segundo ele, eu era o cérebro mais incrível com o qual tinha se deparado e era um desperdício deixá-lo se acabar nas drogas.

O cômico era que apesar de ter um supercérebro, em se tratando de emoções eu sempre fui um lixo. Nunca soube como lidar com meus sentimentos, sempre fui um fracasso, um simples não dos meus pais, que era raro, se tornava sinônimo de muitas lágrimas. Eu amava a família unida que eu tinha e, obviamente, não saberia lidar com a separação dele e esse foi o ponto de erupção.

Eles eram a minha plateia, meu escudo, e tudo desmoronou sem que eu pudesse entender o porquê. Pensando por esse lado, em como eles depositaram suas fichas em mim, fico imaginando que merda de decepção a deles ao verem o que sou agora. O aprendiz de gênio que era especial pra caralho, hoje não passa de um viciado de merda.

Um professor me disse uma vez que existem pessoas inteligentes e outras que, apesar de não serem inteligentes, eram esforçadas. Ele praticava *bullying* em sala de aula e sempre incluía algum aluno para ser o bode expiatório das suas teses malucas e eu só o ignorava, até porque, pessoas desse tipo não valem o esforço de um neurônio, mas então ele resolveu exemplificar a sua tese apontando para um carinha. Ele disse que pelas notas claramente se encaixava no grupo dos esforçados, porque estava longe de ser inteligente, todos riram e o moleque só abaixou a cabeça, envergonhado.

Mas ter essa merda de cérebro questionador não deixava que eu

aceitasse atitudes como essa e, infelizmente para aquele professor, eu estava em sua sala. Assim que pararam de rir, eu levantei a mão e disse em alto e bom som que se toda aquela balela fosse verdade, ele também poderia se considerar muito esforçado, mas que, para a sua felicidade, não era. Todos olharam chocados para mim, o esquisito que se achava o gênio estava contradizendo o professor. Ele deu um sorriso sarcástico e pediu para que eu me levantasse e fosse para a frente da turma para defender a minha tese, já que eu havia afirmado que a teoria era uma balela. A intenção não era humilhar o professor, na minha tosca inocência, acreditei que estava ajudando-o a rever seu erro.

Olhei diretamente para ele, na frente de toda a turma, e expliquei que ao analisarmos o contexto da palavra inteligência, no geral, ela se resume a capacidade de compreender e aprender, e partindo desse princípio básico todo ser humano é inteligente por ter a capacidade cognitiva de aprender, ou seja, ainda que alguns precisem de estímulo para buscar o famigerado conhecimento, nós aprendemos. Ele claramente ficou puto com a minha resposta, afinal, ter um pirralho o questionando não era legal. Mas sendo quem sou, eu fui além, mostrei a todos que pesquisas em neurociência comprovavam que a maioria dos bebês já nasciam com o potencial de obter sucesso em muitas áreas cognitivas, ressaltando que há algumas predisposições genéticas, mas que nosso cérebro era extraordinariamente maleável e educável.

Quando ele pediu que eu provasse, a resposta foi direta, reforcei que o simples fato de aprender a ler e escrever já eram sinais de inteligência. Que inteligência não se restringia a apenas um campo, indo muito além de meios acadêmicos. Que mesmo um iletrado com o simples gesto de saber ouvir e falar na hora certa, demonstrava sinal de inteligência. Inclusive que respeitar o modo de pensar divergente ao seu é sinal de inteligência. E para concluir a minha “tese”, esclareci também que ser esforçado não deixava de ser também sinal de inteligência. Resumindo, disse que todos somos inteligentes, mas que precisamos descobrir onde nos encaixamos.

Como resultado disso, ele me expulsou da sala de aula, chamou os meus pais e disse que eu era um rebelde. Foi então que eu percebi que as pessoas não gostam de ser questionadas, ainda que estejam erradas. Muitas vezes elas preferem a porra de uma mentira escrota, do que a dura verdade, e isso é se iludir, mas ilusão é aceitável no mundo dos humanos. Essa

experiência me tornou quem sou, um observador nato. Minha vida se tornou um tédio e para me encaixar eu optei por fingir não saber.

Lembro-me de uma vez que estava passando próximo ao corredor da sala de música, e escutei um piano ser dedilhado e apesar de errar algumas notas, gostei de ouvir a melodia, então fui até a porta e vi Jayde Wesley. A garota era linda, mas mesmo com os meus esforços, não rolou aquela aproximação, e olha que ironia, agora essa porra mora na minha casa. Não sei se isso se chama destino ou talvez seja só o acaso.

E se na cabeça eu conseguia ser bem racional, emocionalmente eu era intenso demais, colocava altas expectativas nas pessoas e me frustrava muito. Apesar de todas as angústias e de me sentir tão deslocado, eu me foquei e muito na música. Eu ia às aulas apenas para apresentar ao professor, e enquanto seus outros alunos conseguiam identificar algumas notas escutando a música, eu conseguia reproduzir só por escutar, passei então a escrever as minhas próprias músicas. Em determinado momento, a vida já não parecia tão estimulante, as pessoas no geral eram desinteressantes, eu não tinha amigos e nem queria, não tínhamos os mesmos interesses, então passei a me isolar cada vez mais. Porém como eu não estava valorizando a porra do meu grande cérebro, como castigo, o meu universo entrou em colisão e meus pequenos planetas intitulados pai e mãe se desintegraram. Quando eu os vi se consumirem, eu me senti gravemente ferido e precisava da cura, e assim que eu a encontrei foi uma evolução decadente e, pela primeira vez na história, desafiando a ciência moderna, a estrela sol Maycon atingiu seu mais alto grau de evolução e se tornou um buraco negro, engolindo seus planetas rebeldes na escuridão.

Freud já dizia que a dor de existir sempre fez parte da condição humana, e foi justamente lendo-o que eu entendi a minha condição. Os infelizes possuem capacidade de experimentar um registro muito maior de emoções, então meu problema era sentir demais, mas sendo o rebelde sem causa, eu fui meu Einstein e criei a teoria, não da relatividade, mas da restauração. Ela não precisava das leis de física, era apenas química na porra do meu cérebro.

Olho o meu telefone e vejo que já são duas e quarenta e três da manhã, e eu aqui, argumentando teses e contradizendo a mim mesmo e a porra do meu caminho. Eu me levanto e pego o notebook, tenho um trabalho para concluir de semiologia onde tenho que relatar os sintomas e, através de

exames, estabelecer um diagnóstico. O prazo de entrega é até amanhã e, provavelmente, a porra do Robert foi o primeiro a fazer. E conhecendo como eu o conheço, sei que vai rolar uns dias de isolamento, onde ele irá evitar o demônio, no caso, eu. O ciclo se repete e eu consigo rir disso, mesmo já sabendo cada passo, Robert é um carinha inteligente, mas previsível demais. Entretanto, dessa vez eu sei que errei e preciso encontrar um jeito de corrigir isso.

Merda!

Minha consciência pesa ao me lembrar de Jayde. Mas algo que aprendi nesse meu tempo de observação é que as pessoas amam loucamente a mentira maquiada, preferem mil vezes ela à verdade crua. E eu testei essa tese em Robert que, ao perceber o seu interesse em física, inventei uma teoria escrota sobre como surgiram os buracos negros e, obviamente, para dar ênfase à minha teoria de merda, citei Einstein, Niels Bohr, Max Planck, inventando frases ditas por eles que sustentavam a minha teoria. O cara ficou tão louco e dizia cada merda concordando com a porra toda, que eu morri de rir nesse dia. Quando o cara me pediu um lápis para anotar as referências e se inteirar a respeito, eu confessei que era mentira, que eu havia inventado tudo aquilo, então ele pirou demais. Como resultado, ficou uma semana sem falar comigo. Ele é assim, fazemos a merda juntos, mas ele sempre precisa culpar alguém, e esse alguém se chama Maycon. Mas, sinceramente, eu não me importo, na verdade, me diverte a maneira como ele e Jayde me demonizam, mas nunca dão um passo sequer para longe. Só que dessa vez eu sei que ultrapassei os limites, ignorei os avisos e vou receber meu castigo por ser um amigo de merda, e isso não é ironia.

Termino e envio o trabalho, nas horas restantes fumo e faço gráficos de jogos de PC. Eu conheci um carinha jogando on-line, ele me ofereceu o trabalho e eu aceitei, o salário é uma merda, mas faz bem ao ego ter de onde tirar o meu sustento, ainda que esse dinheiro não sustente porra nenhuma. Quando o alarme do telefone toca, são seis horas, então me apronto para ir me encontrar com os futuros profissionais de medicina. Eu deveria ter mais orgulho de mim por estar entre eles, mas não há uma gota sequer. Já pronto, bato à porta da Jayde e dou o meu melhor sorriso quando ela a abre.

— Vamos? — chamo e ela desvia o olhar, parecendo sem graça.

— Olha, eu vou com o Rob hoje, tá? — diz e me faz engolir em seco ao olhar em seus olhos e ver a mágoa.

— Ah, qual é, Jay? Sério isso?

— Porra, Maycon! Rob está traumatizado. Você é a porra de um filhinho de papai, a dívida era sua e o cara nem colocou a mão em você, e sabe por quê? Porque ele olha para você e só vê a merda de uns cifrões e enquanto tiver isso você sai imune. Agora eu e o Rob somos merda nenhuma e vamos nos ferrar se continuarmos com você.

Ela cospe suas verdades que, além de machucarem, me fazem encarar a vergonha, e nesse caso em especial, eu preferiria ouvir mentiras. Mas Jay pouco se importa com as minhas preferências. Ela não sabe em quantas furadas Robert já me colocou, mas não sou um cara que gosta de se defender, não me importo em levar a culpa, na verdade, eu até gosto.

— Olha, Jay, eu...

— Maycon, vai à merda com as suas desculpas — ela me corta, irritada.

— Qual é? Eu te avisei e você foi porque quis. Já Robert usou comigo, então corta essa de que ele se ferra por minha causa. Se ele está disposto a cheirar, tem que ter disposição para encarar a merda que vem depois disso. — Eu desvio o olhar, ela não cede. — Olha, Jay, eu sei que o cara pegou pesado com vocês, mas eu prometo que...

Ela me corta novamente.

— Promete porra nenhuma. Por que diabos você não fica bem com seus pais e os convence a pagar pelo seu bagulho?

— Não é tão simples assim.

— Então faça ser simples. Você é muito bom em ser filho da puta, principalmente com seus pais. Faça seu jogo, você detém as cartas, sabe como fazê-los de idiota. — Sua resposta arrogante me faz rever meu sentimento de culpa.

— Cuidado com o que fala de mim, não sabe como funciona a merda com meus pais, então dispenso as suas opiniões. Pare de achar que me conhece, não conhece e nem tente conhecer, porque vai se arrepender — revido. Era para ser só a porra de um pedido de desculpas, mas ela sempre complica tudo.

— Maycon — ela diz mudando o tom —, pensa que porra você quer fazer com a sua vida, só não coloca o Rob no meio das suas merdas. Eu falo para você manear e você diz que está sob controle. Olha, encare a verdade, você tá muito viciado, não consegue se controlar e sequer consegue admitir

isso. Se precisa de um tempo para se restabelecer, tira, porra! Acontece que Robert não merece passar por isso...

Desvio o olhar, odiando ouvir essa merda.

— Foda-se você e ele — replico e recebo o seu olhar de ódio.

— Se continuar assim, vai morrer sozinho — diz com rancor.

— Procure quem se importe, porque eu estou pouco me lixando.

Ela fecha a porta na minha cara. A casa é minha, e ela faz isso. Engulo em seco e vou direto para o carro, ao sair eu me deparo com Robert esperando na rua em frente ao portão. Eu o cumprimento com sorriso irônico, mas ele não responde, então sigo vendo-o desaparecer pelo retrovisor com as palavras da Jayde presas em minha garganta.

Chegando à faculdade, novamente sou tomado pelo tédio e me sinto um estranho em meio a toda essa multidão. O foda é que a maioria acha que me conhece e falam pra caralho sobre mim. Fumo um cigarro enquanto espero dar o horário de entrar, alguns se aproximam e cumprimentam, e eu fico paranoico pensando no que Jayde disse. Então eu não posso me controlar, é isso que acham?

Vá à merda com o que acha de mim, Jayde, vou provar que está errada.

Nesse tempo louco, alguns caras se aglomeram à minha volta e eu escuto pessoas passarem e falarem o meu nome, alguns contam piadas e riem. Rebeca, uma estudante de psicologia, se senta ao meu lado debaixo da árvore. Já rolou algo entre mim, ela e Jay, mas isso não faz diferença, só que depois disso ela acha que nos tornamos amigos, o que não é verdade, mas se ela quer pensar isso, foda-se.

— Jayde, vem hoje?

— Não sei. — Dou uma tragada no meu cigarro.

Um carinha passa próximo a nós com uma garota de cabelos lisos, e apesar de não a reconhecer, seu rosto não parece estranho. Ela me encara como se eu fosse uma aberração, ou talvez seja admiração, porque apesar de estarmos no mesmo ambiente, eles pertencem ao mundo dos perfeitos e eu ao mundo do que os pais não querem para os filhos.

— Rebeca, Maycon — o cara diz. Nem sei como que esse porra sabe o meu nome, então apenas aceno.

— Oi, Keven, Elena — Rebeca cumprimenta e mal espera que eles se afastem para começar a falar mal da garota.

Ela repete tantas vezes o nome que fica chato, mas continua falando e tudo que eu penso é em como resolver essa merda com Jayde, Robert, com meus pais... resumindo, minha droga de vida. Tenho uma promessa a cumprir e falta pouco tempo para concluir. Eu preciso segurar os pontos até me formar e finalmente desatar todos os nós e me apagar dessa porra. Então, sem pensar muito no meu orgulho, eu envio uma mensagem ao meu pai.

“Podemos nos ver em seu escritório?”

Demora um pouco para a resposta vir.

“Maycon estou ocupado hoje, mas vou olhar a agenda e vejo se posso te encaixar, tudo bem?”

“Que porra é essa, Isaac? Sou seu filho, lembra?”

**“Jamais esqueceria isso, mas a vida não funciona assim.
Nem sempre estou à disposição, não nos seus horários.
Mas podemos almoçar juntos e conversamos. O que acha?”**

“Tudo bem, que horas?”

“Às 14, no Spollete, combinado?”

“O.k.”

“Espero que não queira só dinheiro, como ontem”

Reviro os olhos e o mando ir à puta que pariu mentalmente. Vejo Jay e Robert chegando e antes que eles saiam do carro, termino meu cigarro e me afasto da turma que se aglomerou ao meu redor.

— Vai entrar? — Rebeca pergunta.

— Sim — falo, saindo. — Boa sorte com a tal da Elena. — Pisco e ela sorri.

Arrumo a minha touca, coloco o capuz da blusa por cima e lá vai o Maycon tentar alinhar as órbitas da sua vida, correr atrás da última chance de voltar a fazer as pessoas acreditarem nele. Ultrapassei limites, acumulei pecados e estou prestes a perder os últimos que estavam comigo, então, juntando as mãos eu rezo para dar certo dessa vez. O foda é que não existe

uma divindade protetora de viciados. Nesse caso só resta rezar para mim mesmo e esperar pelo milagre de não ter um maldito carma traiçoeiro à espreita.

Capítulo 4

Escuto o professor falar e tento manter o foco enquanto meus dedos deslizam nas conversas antigas entre mim e Isaac, fazendo a minha mente viajar para um lugar que eu adoraria esquecer.

Meu aniversário de doze anos estava próximo e não havia promessas de “se você tirar as melhores notas poderá escolher o presente”, ser sempre o melhor já era comum, mas ainda assim, pela primeira vez, eu iria escolher o programa de férias e estava muito empolgado com isso. Nos últimos dois anos não tínhamos viajado, meu pai andava muito ocupado com a empresa que estava crescendo no mercado e, quanto mais expandia, mais tempo ele dedicava a ela. Então eu sabia exatamente o que escolher – um safári na África – e seria a nossa grande aventura em família.

A lembrança de um jantar me vem à mente, onde os dois estavam calados e não houve perguntas de como eu fui na escola, nem nada do tipo. Os olhos da minha mãe estavam vermelhos e isso estava sendo recorrente, mas ainda assim eu estava empolgado demais para perceber que não era um bom momento. Quando eu disse que queria fazer um safári, meus pais desviaram os olhares e eu fiquei confuso. Naquela semana meu pai não tinha ido ao colégio me buscar, somente minha mãe, e a explicação foi que ele estava ocupado. Tudo bem, eu podia o perdoar por isso, mas aquele comportamento bizarro me fez ter medo. Nós três juntos era algo sagrado, tão sagrado como a Santa família para mim.

Eu fui dormir mais cedo, na verdade, demorei a realmente pegar no sono. Lembro-me de ter ficado olhando para meu céu de estrelas que meu pai havia me dado, eu amava dormir olhando o meu universo imaginando que um dia nós viajaríamos para lá. Eu seria o cientista que conseguiria teletransportar matéria e nós três viajaríamos juntos pelo tempo, superaríamos o espaço-tempo e seríamos eternos. Eu dedicaria toda a minha juventude para alcançar isso, assim como Isaac Newton, eu dedicaria a minha vida e faria acontecer. Sim, eu faria.

Naquela noite em especial, eu fui sozinho para a cama, não houve histórias ou beijos de boa-noite. Fui acordado por um grito tão arrepiante, que percebi que havia cochilado. Eu nunca senti um chão tão frio como aquele ao caminhar descalço, em silêncio, para abrir a porta. A cada passo que eu dava,

os gritos se tornavam mais intensos, até que comecei a escutar vidros sendo quebrados.

— Emily, por favor, eu amo tanto você... — Isaac insistia.

— Ama? E que merda de prova de amor, Isaac — ela disse, gritando.

— Eu não estou justificando, mas depois que o Maycon nasceu, você...

— Cala a boca! Não tente colocar o Maycon nisso.

Eu estava confuso e comecei a escutar mais vidros sendo quebrados e depois a minha mãe gritando, então eu descii um lance de escada e a cena seguinte me paralisou. Eu fiquei perdido, tentando entender o que estava acontecendo. Meu pai estava pressionando a minha mãe contra parede e percebi que havia sangue na blusa dele. Ela estava em lágrimas e parecia muito irritada, e ele tentava acalmá-la pedindo para ela falar baixo para não me acordar, então ele a soltou e ela continuou arremessando garrafas e tudo que encontrava pela frente. Foi então que, ao ser agredido por ela, ele a segurou pelo pescoço contra a parede. E foi somente quando me ouviu chamá-lo é que os dois pararam. Eu o perdoaria facilmente por ter feito aquilo sem nem mesmo ele ter que me pedir perdão, nenhum erro era grave o suficiente para nos separar.

— Vá para o quarto, Maycon! — minha mãe gritou, era a primeira vez que ela fazia isso comigo.

Eu estava confuso e sem saber o que tinha feito de errado, com medo e não queria subir para o meu quarto, então descii a escada. Meu pai não me encarava e Emily disse algo que eu só fui entender depois.

— Resolva a sua vida, porque essa é a minha decisão. — Havia dor em suas palavras, Isaac então começou a chorar.

— Papai, está tudo bem? — perguntei, ainda assustado.

Ele então se aproximou de mim e se abaixou à minha frente.

— Está sim. — Foi a primeira vez que vi alguém mentir tão descaradamente.

— Por que mamãe está brava? — perguntei e Emily desviou o olhar, chorando.

— Volte para o quarto Maycon! — ela gritou novamente.

Foi quando meu pai me pegou no colo e subiu a escada comigo, e sem dizer nada ele entrou comigo em meu quarto e me colocou na cama.

— Por que mamãe está chorando? — perguntei, ainda assustado.

Então percebi que a mão dele estava sangrando. — Papai, a sua mão.

Só então olhou para ela.

— Está tudo bem. Maycon, eu vou viajar por uns dias e...

— Mas vai voltar, não é?

— Vou. — Ele desviou o olhar.

— Por isso a mamãe está brava?

— Campeão, quero que cuide da mamãe enquanto eu estiver fora, tudo bem?

— Tudo, mas você vai ficar bem, papai?

— Claro, não se preocupe.

— Papai, eu sei por que mamãe está brava. Na verdade, nós não gostamos de ficar longe de você — sorri. — Promete que volta rápido? — eu disse, ainda confuso, porém mais aliviado.

— Eu prometo, Maycon. — Ele então me beijou, me cobriu, apagou a luz e deixou o quarto. Eu fechei os olhos e fiquei esperando Isaac voltar, mas não voltou. E naquela noite não houve mais gritos.

Por vários dias eu não o vi e minha mãe se isolou. Nas poucas vezes que eu a via, ela estava sempre com lágrimas em seus olhos, mas na maior parte dos dias ficava trancada no quarto achando que assim eu não entenderia o que estava acontecendo. Eu estava perdido, tentando entender o que havia acontecido, mas seja lá o que fosse, eu provoquei aquilo, afinal, Isaac foi claro ao dizer “depois que o Maycon nasceu”. Eu queria perguntar, mas não sabia se estava preparado para encarar a minha culpa, então passei a ter meu pai através de uma voz ao telefone sempre com a minha mãe à minha frente. Ainda que me sentisse acuado, eu sempre perguntava quando ele ia voltar e a resposta era a mesma – ele estava em viagem, mas voltaria em breve e, no fim, dizia que me amava.

Demorei a entender, mas aquilo é a mentira que as pessoas contam para amenizar a dor. Não existia mais casa, não para nós três, meu herói havia me deixado e a partir daquele momento seria apenas eu e a minha mãe, e como havia prometido, eu cuidaria dela. Nas primeiras semanas minha mãe não permitiu que ele viesse me ver, então, após três semanas, ele passou a ir ao colégio no intervalo e pediu para que eu guardasse segredo. Eu era bom com segredos, Britney pôde confirmar isso mais tarde.

— Quando vai voltar para casa, pai?

Tínhamos apenas quinze minutos, mas eu precisava saber que ele

voltaria, que eu teria os dois juntos, porque tudo que mamãe fazia depois que ele se foi era chorar trancada em seu quarto. Mas eu não contei essa parte. Ele desviou o olhar e sei que não era o momento para fazer isso, eu estava em pedaços e precisava que ele sorrisse, mas como se recusou a me encarar, decidi não contar que eu ficava todas as noites o esperando na porta. Eu tinha certeza que ele sabia disso, mas não queria a confirmação.

— Maycon, sua mãe está muito magoada e...

— Por que ela está magoada? — perguntei, esperando que ele me contasse o que eu havia feito de errado.

— Porque eu cometi um erro — ele disse e, inocentemente, eu sorri ao me sentir aliviado por mim e por ele.

— Não tem problema, pai, quando a gente erra é só corrigirmos que fica tudo bem. Os professores sempre dizem isso.

— Mas você não erra, você nunca erra aqui, seus professores dizem isso também — ele disse, tentando segurar o choro.

— Mas posso errar e então vou corrigir o erro. É simples, não é?

Ele passou a mão pela minha cabeça e, em seguida, me abraçou.

— Campeão, as coisas tendem a ficar um pouco complicadas e eu vou ter que fazer algo que não queria, mas é meu direito, entende? Eu quero poder ficar com você também.

— Então volte para a casa, eu ainda estou te esperando. Nós vamos para a África e mamãe vai entender que você está arrependido.

— Maycon, não existe mais casa... — ele disse assim, com lágrimas nos olhos.

Ouvir aquilo me paralisou, o simples ato de respirar ficou difícil. Eu não estava preparado e nem queria ouvir isso, mas quando olhei em seus olhos a verdade estava nítida, e mesmo sendo tão cortante, não existia possibilidade de ignorá-la.

Naquele dia eu não chorei quando a minha mãe me buscou. Não houve palavras e algo estava sangrando em mim, meu mundo estava sendo destruído, um buraco negro estava engolindo todo o meu universo, devastando os meus sonhos e a dor me impedia de sequer conseguir dizer algo.

Eu fiquei trancado por dois dias em meu quarto e minha mãe nem notou, ela estava trancada no dela. Algo em mim estava morrendo e a dor era surreal, não havia lágrimas, palavras ou qualquer outra coisa, apenas a dor de

estar ali, preso em minha própria névoa.

No fim de semana seguinte, vovó me levou à igreja, ela achava que eu estava calado demais. O que o reverendo disse sobre família, que era sagrada diante de Deus, que Ele a havia criado e nada poderia separá-la, ficou gravado em minha mente. Ele também falou a respeito dos salvos e não salvos e estranhamente eu senti que não pertencia àquele lugar, que aquelas pessoas ali estavam acima de mim, e que nós, os sem família, não éramos um deles e não estávamos sobre a proteção divina que guardava as famílias. E isso me fez entender que eu não era um escolhido de Deus.

Tudo estava confuso e eu não queria mais viver aquilo, não queria mais voltar para casa. Foi tudo tão rápido, que em meses meu pai conseguiu a guarda conjunta e através da Britney eu consegui um antídoto para dor.

Eu passei a sempre estar chapado para não sentir que estava sendo abandonado. Minha mãe estava presa à sua dor e às acusações, deveria saber que suas perguntas e desconfianças doíam, mas mesmo sob o efeito da cocaína eu nunca menti para ela, porém isso não importava mais. Acho que o fato de ser parecido com o meu pai a fazia enxergá-lo em mim e, de uma maneira ou outra, eu também iria decepcioná-la.

Depois da decepção com Britney, sem opções, ele abriu mão da guarda conjunta, mas ainda nos víamos com frequência, mesmo que nada mais fosse como antes. Em um desses encontros, já com quatorze anos, meu pai me falou que queria me apresentar algumas pessoas. Ele estava sem jeito e eu chapado, tão chapado que não dei atenção alguma a isso. Eu já estava habituado ao nosso inferno familiar, escutava as merdas da minha mãe, as merdas do meu pai e afundava na merda da cocaína, sempre anestesiado e longe o suficiente de qualquer dor real. Mas quando precisava de dinheiro, eu topava qualquer coisa, inclusive conhecer pessoas, e era fácil, eles tinham o péssimo hábito de nunca perguntarem para que, aos olhos deles o filho era bom demais para se envolver em caminhos errados, então eles apenas me davam quando eu pedia.

No dia seguinte, quando ele me pegou depois do colégio, eu não imaginei que era para conhecer sua outra família. Assim que chegamos ao restaurante, eu vi uma garota linda de cabelos castanhos e lábios carnudos, ela até parecia uma modelo de revista, tão jovial, sem contar que o sorriso dela era convidativo. Ela estava sentada à mesa com uma menininha loira e elas pareciam felizes. Na ocasião, a revolta da minha mãe ou as reclamações

do meu pai sobre Emily já não faziam mais efeito. Eles se odiavam e eu não me importava mais de estar no fogo cruzado ou ser envolvido nas brigas.

Mas quando ele se aproximou da mesa, eu senti como se a merda da droga perdesse o efeito, e assim ele a apresentou como sua mulher e, em seguida, sua filha, aquilo foi como um trem passando em cima de mim. Emily não estava louca, ele fez isso conosco, ele realmente nos descartou por sua porra de algo melhor. Até então eu tentava me manter neutro, ficar na minha, e apesar de no momento só morar com a minha mãe, eu ainda amava o meu pai.

Os próximos passos foram surreais. Eu me vi sentado em frente a ela, uma garota que parecia ser a minha irmã, e quando ela disse à menina que eu era seu irmão, não deveria doer, eu não deveria sentir porra nenhuma, mas senti. Eu fiquei como um animal indefeso mal acreditando que ele realmente trocou a nossa família sagrada por elas.

Eu senti nojo de mim mesmo por estar ali, senti como se estivesse traindo a minha mãe e mesmo com todos os seus sorrisos e educação, eu odiei Jeniffer, ela havia tirado o que era sagrado para mim, ela e ele. Isaac nos deixou por elas. O sorriso da menininha loira ficou gravado na minha mente, então me dei conta que eu não era mais o único, Isaac estragou tudo e agora ele tinha outra família.

Eu me levantei e ao invés de chorar no banheiro do restaurante, eu cheirei cocaína, porque eu precisava bloquear a dor, e fiz isso até não sentir mais porra nenhuma. Voltei à mesa anestesiado e almocei com eles sem falar uma palavra sequer. Isaac percebeu que havia cometido um erro e quando me levou de volta para casa, em frente ao portão da casa da minha mãe, ele disse que me amava muito e que isso nunca mudaria, independentemente de agora ele ter outra família.

Ele não deveria ter dito aquilo, não naquele momento. Ele havia destruído tudo que eu amava e ao me dizer aquelas palavras, ele estava me mostrando o que eu deveria destruir.

— Eu não quero te ver mais — falei assim, cuspiendo tudo.

— Maycon, por favor. Você é meu filho e eu te amo. Se não quiser mais vê-las, tudo bem, mas eu quero continuar te vendo, eu preciso — ele disse de imediato, quase implorando.

Eu olhei para o céu e vi o sol brilhando, então pensei sobre isso e percebi que não deveria somente inibir a minha dor, eu queria causar dor.

Isaac teria de volta toda a dor que trouxe para mim.

Ele continuou se explicando, mas tudo que fiz foi lhe dar as costas e o deixar falando sozinho. Quando a minha mãe voltou do trabalho, eu sequer consegui olhar em seus olhos, eu me sentia sujo. Depois disso, a autodestruição entrou em ascensão e quando eles descobriram sobre as drogas, foi desesperador para eles, mas eu não estava nem aí, até gostava de ignorar tudo que eles sentiam como um dia fizeram comigo.

Mas nada é eterno, e depois de tantas tentativas eles se cansaram de acordos quebrados, brigas, de fugas de clínicas de reabilitação, de terapeutas me odiando, então chegaram ao limite e aqui estou eu, tendo que fazer meus *corres*. Foi exatamente aí que eu conheci outra dor, a dor de ficar sem cocaína, a dor de ver meu cérebro pirar pela droga.

A primeira vez que tive uma fissura eu chorei, chorei igual louco porque tudo que eu queria era ter uma carreira. Minha cabeça latejava e eu me sentia muito fraco, foi então que eu conheci o outro lado do mundo dos viciados. Agora a dor era real e eu tinha a porra de um acordo por causa da faculdade – eles bancavam a minha vida acadêmica, meu sustento e até meus cigarros –, mas não tinha mais dinheiro para drogas. Antes eu fazia porque além de me drogar eu gostava de magoar meus pais, agora pago pelos meus pecados.

Cada semana é um inferno e não existem mais princípios, ainda que eu tente mentir para Jayde que posso controlar, sei que não consigo. Quanto maior é a mentira, maior a chance de ela ser acreditada e eu não quero que Jayde vá morar com Robert, não quero ficar sozinho. Ainda que ela ache que eu não me importo, eu me importo, me importo muito, prova disso é que fui me humilhar para Isaac.

Até tento prestar atenção na aula, mas Robert, com seus vários debates, cansa até a mente mais ágil. Toda aula ele tem que dar pitaco, é a extrema necessidade de chamar atenção para provar a sua inteligência. Vez ou outra ele olha para trás esperando que eu diga algo, mas estou cansado, num tédio do caralho, e depois de cinco horários ouvindo a voz chata dos professores e a irritante do Robert, que não desconfia que já deu, eu chego ao limite.

Quando Cheryl, a professora de Farmacologia Aplicada I entra, eu sei que não consigo mais, não hoje. Eu vejo seu sorriso malicioso surgir para mim, e do jeito que me olha me dá nojo. Na verdade, eu odeio. Odeio porque

ela joga na minha cara que cheguei ao fundo do poço, ela conhece a pior parte de mim, toda a merda que eu tento esconder está estampada em seu sorriso. Eu me levanto e pego as minhas coisas.

— Se eu fosse você não faria isso, senhor Maycon Sebastian, é matéria de prova. — Ela volta a sorrir de uma maneira que me faz odiá-la ainda mais.

Eu poderia até achá-la gostosa se não fosse toda a merda que, graças a ela, eu passei a fazer. Eu estava louco para conseguir grana para a cocaína e em uma maldita noite eu a encontrei no bar, estava tão fissurado pela droga, que não tive muita clareza da sua proposta de sexo e drogas, uma troca por outra. Dois dias depois, quando todo o efeito da droga passou, eu me dei conta do lixo de ser humano que me tornei. Quando você está no fundo do poço, sempre aparecem os abutres para fazerem você se afundar mais, e o pior que jurei que não faria mais e fiz várias outras vezes. E sempre com ela. E agora, como estou limpo, não consigo sequer olhar para a cara dela.

— Na verdade, eu entendo bem como as substâncias químicas interagem com os sistemas biológicos. Faço muitas experiências no ramo e caso reste alguma dúvida, Robert pode me ajudar depois. Sabe como é, ele tem um bom coração. — Pisco e todos riem, mas Cheryl não parece feliz com a minha resposta.

Saio da sala e vou direto para o carro. Eu mando uma mensagem para a Jayde dizendo para ela ir com o Robert e, apesar da conversinha ridícula, ela nunca vai embora com ele, o drama é só para vir. Talvez dessa vez seja verdade, talvez ela vá me deixar e eu vou continuar nessa merda, me afundando nas escolhas erradas. Vou para casa querendo esquecer toda a merda e ao chegar sigo direto para o meu quarto.

Quando estava em uma clínica, um terapeuta me disse que eu deveria colocar para fora tudo o que me envergonha, todas as escolhas erradas, porque expondo a minha fraqueza e vergonha eu me tornaria forte. Na noite seguinte, eu peguei as minhas coisas e fugi da clínica, porque o que ele disse ia de encontro ao que eu precisava, e ainda preciso.

Eu não quero ter que encarar isso, ter que encarar a porra do Maycon, mas também não quero ficar sozinho. É aquele lance da mentira que ela nunca se tornará verdade, mas se empenhe em fazer as pessoas acreditarem. Esse é o segredo.

Eu pego a folha do calendário e escrevo “primeiro dia sem cocaína”

com pincel vermelho após marcar o dia antes de o colar na parede, próximo à cama. Meu telefone toca e vejo que é uma mensagem do meu pai perguntando se irei almoçar com ele, decido não responder e, em seguida, recebo a mensagem da minha mãe com uma frase significativa sobre Deus, fé e caminho de luz. E isso sim me faz rir.

Eu não ando na luz, Emily, você, melhor do que ninguém, deveria saber disso.

Mas pensar nela faz o meu cérebro carregado de culpa querer me matar. Eu abro a gaveta, pego calmantes, antidepressivos e engulo alguns, então aguardo. Sei que cedo ou tarde vou ter que encarar isso, mas hoje não é dia de ter meus pecados contra mim, não hoje.

Cansado de esperar, vou para a cozinha e tomo uma cerveja, que me faz apagar rapidamente uma vez misturada com os medicamentos.

Capítulo 5

Sem conferir as horas e ainda sob efeito de *Valium* eu pego o violão e começo a dedilhar *Behind Blue Eyes* do *Limp Bizk*. Ouvir-me tocar e cantar é como um convite para Jayde entrar em meu quarto. Primeiro ela olha o calendário marcado e, em seguida, se senta perto e fica como uma criança à espera de doce. Se ela conhecesse a mente sombria por trás do violão, saberia que está caindo em um plano medíocre de me safar depois da merda que fiz.

— Está tudo bem? — ela pergunta quando termino a música com o olhar atento no calendário.

Como eu disse, converta a sua mentira em verdade, sempre funciona.

Deixo o violão de lado e faço sinal para ela se aproximar, então toco o seu rosto e acaricio antes de dar um beijo. Jayde é linda.

— Que horas são? — pergunto, ainda sonolento.

— Quase sete da noite — ela diz e percebo que está arrumada. — Rob disse que você abandonou a aula. Se está grilado com o que aconteceu, esquece, nós vamos superar essa merda...

— Vai a algum lugar? — Ignoro as suas palavras ao fazer uma pergunta.

— Rob e eu vamos à igreja — ela diz e eu gargalho ao escutá-la. — Não tem graça, Maycon.

— Por que isso? Sério mesmo? Por quê?

— Robert me chamou. Ele quer agradecer e eu vou com ele, sabe como é, ele está tentando.

— Há um dia? — debocho e ela retribui com uma careta. — Tudo bem, agradeçam por mim.

— May — ela coça a cabeça e sei onde quer chegar —, soube que a Francine vai chegar essa semana na cidade e parece que ela vai tocar na inauguração do Rockmiror.

O bar é do Max e eu o conheço, é um ex-calouro de Filosofia, será como os outros estabelecimentos que tem por aí, meio bar e boate. Jayde quer muito tocar lá e nós fazemos isso há um tempo, mas somos só nós dois e eu não levo muito a sério, quase sempre tocamos em festinhas da faculdade, coisas do tipo. Quando rola algo mais sério, eu sempre corro atrás de mais dois caras para nos acompanhar e é o sonho dela, uma banda fixa.

O foda é que Francine tem o PlayIII, o melhor guitarrista da região, e eles têm uma banda legal, cantam e tocam pra caralho. Já fizemos músicas juntos e ela até canta algumas músicas que compus e é por isso que seria difícil concorrer com eles, mas é o que Jayde quer e ela sabe como me convencer a entrar na jogada.

— Sabe se o Max fechou com eles? — pergunto e ela faz um sinal negativo. — É isso mesmo que quer?

Ela dá um sorriso torto, deixando clara a sua resposta.

— Se você conseguir isso, juro que te apresento um cara foda que tem da boa.

Eu gargalho assim eu ouço essas palavras.

— Está me oferecendo a chance de conhecer um bom traficante minutos antes de ir para uma igreja? Sério? — provoco.

— May, por favor, cansei do título de garota do Maycon. Eu canto bem e você sabe que só preciso de uma chance em um lugar como aquele, faça isso por mim.

— E como acha que posso os convencer a não tocar?

— Ouvir dizer que a Francine está falando mal de você aos quatro cantos, mas o gênio aqui é você, não eu. Dá um jeito nisso. — Ela pisca e logo o seu telefone vibra anunciando uma mensagem. Robert. Jayde se aproxima, me dá um selinho e sai do quarto.

Penso por minutos ou horas, nem sei ao certo. Francine é uma garota inteligente, uma estrela do rock gostosa e louca pra caralho, obviamente é o sonho de consumo da Jayde, mas ela não curte garotas. Entre nós não há artimanhas, nada tira o seu foco, mas estou nisso há mais tempo que ela e sei como funciona essa merda.

Depois de um banho demorado, vou ao closet e me deparo com muitas peças de roupa e acredito que mais da metade não me serve, estou emagrecendo pra caralho. Há dias que o meu estômago está uma merda, sinto muita dor e quando como acabo vomitando, então desisto de comer e isso está me deixando fraco. O que está me mantendo em pé é o soro com analgésico que ando tomando em casa.

Eu me arrumo no melhor estilo Maycon com uma calça, botas coturnos, blusa meia-estação e jaqueta, tudo *Gucci*. Pouco me importo se as roupas são de grife, mas a minha mãe faz questão. Meu cabelo está comprido e sei que Emily reclamará disso quando voltar, mas vai falar tanto que vou

acabar passando a máquina zero só para evitar a porra da falação, e depois ela vai reclamar disso também.

Amarro o cabelo para trás e passo o perfume que a Francine elogiou na última vez que transamos e que foi bem foda. Logo em seguida eu acabei transando com a amiga dela e acho que não deveria ter restado mágoa, estávamos todos sob efeito de ecstasy – mais conhecido como *bala* – e depois da *bala* o Maycon ama praticamente todo mundo e quer beijar e transar com todas também, mas parece que ela esperava fidelidade ou coisa do tipo. Quem espera isso numa rave? Uma louca, com certeza.

Se o que Jayde disse for verdade, Francine está puta comigo, mas isso não me intimida. Sigo para o barzinho perto da faculdade, o ponto de encontro dos viciados, traficantes e playboyzinhos, que serve até como motel se quiser uma trepada rápida. Francine deveria ter boas recordações nossas aqui, mas acho que não é bem assim. Assim que estaciono em frente ao bar, reconheço a moto do PlayIII, então sei que não perdi viagem.

Enquanto vou entrando no bar e sigo para o balcão, percebo que conheço todos, sem exceção, acho que até os ratos desse lugar me conhecem. Peço uma cerveja e bebo um gole com uma *bala* – Maycon sem drogas não é o Maycon –, então eu me viro e dou de cara com a porra da Cheryl na mesa onde a Francine está com a sua bandinha.

Vamos lá fazer a merda todos juntos.

— Ora, ora, se não é a grande putinha? — Francine diz com rancor, gosto desse humor bipolar dela. — O que faz aqui, Maycon?

— Atrás de clientes — falo e sorrio. Sinto como se tivesse uma música eletrônica na minha cabeça, estou agitado, amando as luzes e o melhor, completamente consciente. Gosto disso.

— Melhorou, Maycon? — Cheryl pergunta e ela parece realmente preocupada, mas estou pouco me lixando para ela e a sua preocupação.

— Novinho em folha.

— Ainda tocando com aquela garota? Qual o nome dela mesmo? — PlayIII pergunta e sei que Jayde choraria se soubesse que esse cara nem sabe o nome dela, ela o idolatra.

— Jayde. Sim, estamos rumo a grande montanha, esperando a porta aberta que nos levará ao topo. Sabe que ainda não aprendi a voar. — Pisco.

— Você está pálido, Maycon, não parece muito bem — Cheryl insiste.

Mesmo sob o efeito do ecstasy, eu consigo odiá-la.

— Estou bem. É a genética da minha mãe, somos da tribo cara pálidas.

Ela bufa ao me escutar.

— A maneira como você fala faz com que eu acredite que você me odeia.

— Se engana. Essa é a forma mais pura e sincera de amor, depois disso deve rolar um pedido de casamento ou coisa do tipo — eu a encaro com cinismo. Ela se levanta, paga a bebida e deixa o bar. — O que essa praga faz aqui? — digo para mim mesmo e Francine sorri como se a resposta estivesse óbvia.

— Você sabe do que ela gosta, sabe como os olhos dela brilham por você — diz, debochada.

— Vai à merda, Francine! — falo e PlayIII começa a rir, acho que ele está doidão.

— O que você quer, Maycon? Não se comporte como se fôssemos amigos, você é só um idiota imbecil. Vaza, vai!

— Qual é, garota, eu vim aqui para ver você, estava com saudades e... — Tento me aproximar, mas ela me empurra.

— Corta essa. Pode convencer essas putinhas, mas eu te conheço e sei que não sente saudade de porra nenhuma. Você já era, Maycon Sebastian.

— Falando assim você ofende os meus sentimentos, parte meu coração. Eu estava cheio de boas intenções e você me menospreza dessa forma? Isso magoa, sabia? Me faz querer enfiar a cara em antidepressivos e terapia.

Ela desvia o olhar de maneira indiferente.

— Vai tocar no Max? — pergunto e ela sorri.

— Então está aqui por isso. No mínimo, a Jayde quer isso, mas sabe que ela não tem chance, não comigo na jogada.

— Aquilo é só uma merdinha de um bar para você. Eu soube que fechou contrato com uma gravadora, não precisa mais disso.

— Realmente não, mas se você quer é motivo para eu repensar.

— O que preciso fazer para você não aceitar tocar lá? — pergunto, deixando todo o sarcasmo de lado e fazendo com que ela solte uma gargalhada diante da minha sinceridade.

— Morrer — ela diz e dá um sorriso sinistro.

Meu sorriso some, então acendo um cigarro e encaro o PlayIII. Eles passam a me ignorar, então eu me levanto, porque sei que não vai dar em nada. Saio do bar e sigo para o meu carro, mas antes de abrir a porta, escuto Francine me chamar. Eu me viro e a vejo se aproximar, e assim que para à minha frente, olha em meus olhos e segura meu rosto entre suas mãos frias para logo em seguida me beijar feito louca. É um quase sexo no meio da rua.

Francine é a louca que largou a faculdade, caiu na estrada e está se dando bem na música. Todos por aqui são a fim dela, mais ainda a Jayde

— Maycon, não pense que você significa algo pra mim. Você não é nada além de um pau gostoso, só isso — ela diz e volta a me beijar. — Tem uma aí pra dividir comigo? — sussurra e só então percebo que ela está na fissura.

— Se veio por isso, perdeu viagem. Estou duro, sem grana, sem bagulho...

— Puta merda, você já era mesmo — diz com deboche e, em seguida, volta a me beijar e se afasta de repente. — Vem comigo. Pega a estrada comigo, eu vou embora amanhã e...

— Não — eu a corto e me afasto um pouco, mas ela novamente segura o meu rosto entre as mãos.

— Maycon, eu...

— Francine, não rola. Tem a porra da faculdade e você já tem um guitarrista que, provavelmente, recebeu a benção do James Hendrix. Quer me levar para quê?

— Quem disse que eu te quero no meu palco? Você é um imbecil, mas gosto de você entre as minhas pernas — ela sorri com malícia.

Um carro passa por nós com farol alto e eu reconheço a mulher ao volante, Cheryl, e ela não parece feliz com o que vê.

— Tô louca por uma picada, Maycon, não tem mesmo uma aí? — ela pergunta e sei que ela realmente precisa disso.

Ela me lembra muito de como Jayde ficava, heroína vicia fisicamente, o corpo implora pelo seu efeito. O que Francine não sabe é que eu também estou na fissura, nós somos da velha guarda de viciados e isso faz com que os novatos achem que somos deuses aqui, mas é tudo ilusão.

— Sabe o que Cheryl fazia aqui? — pergunto, ignorando a sua fissura.

— Comprou drogas, uma boa quantia, pelo que vi — diz e logo solta

uma ideia idiota. A necessidade da droga faz com que a gente tenha ideias ridículas acreditando que vai dar certo. — Nós podemos roubá-la! — Francine diz com tamanha convicção, como se o seu plano fosse infalível e brilhante.

— Eu não faço isso — sussurro ao me escorar no carro.

Francine me dá as costas e eu coloco as mãos por debaixo da sua jaqueta, começando a acariciá-la até chegar aos seus seios e fazendo com que ela solte um gemido com o contato.

Eu sei que Cheryl não usa drogas, ela faz pesquisas em ratos, acho que procura uma nova medicação para combater a dependência. A ideia de roubá-la está fora de questão para mim, mas sei como fazer a merda funcionar, o que a fará me dar de boa vontade, ainda que isso embrulhe o meu estômago. Mas então eu penso em Jayde, em como ela quer tocar no Max e se sentir uma estrela do rock. Estou devendo uma a ela.

— Se eu conseguir, você cede os caras da sua banda para tocar com a Jayde no Max?

Ela se vira e beija a minha boca.

— O PlayIII detesta você, sabe disso, não sabe?

— Sei e o motivo está bem na minha frente — sorrio.

Ela me dá um beijo, então entramos no meu carro. Depois de uma boa transa e alguns cigarros, sigo o meu caminho de merda novamente dirigindo até o apartamento da Cheryl. Odeio isso, não que eu a odeie, mas sim o fato de ela me mostrar que estou no fundo do poço.

O apartamento dela fica no centro, então leva poucos minutos para chegar. Francine está tão ansiosa, que nem percebe que não estou fazendo isso por ela e sim por Jayde e por mim.

O efeito do ecstasy já passou, então vou só com a cara e a coragem. Deixo a Francine no carro, toco o interfone e escuto a voz chorosa de Cheryl do outro lado.

— É o Maycon — falo e ela não diz nada, depois de alguns segundos simplesmente abre.

Eu respiro fundo e caminho como se estivesse indo para o inferno. Em todo esse tempo, o único relacionamento verdadeiro para mim foi com a cocaína. Já transei com tantas garotas, que nem mesmo me lembro o nome. Cheryl abre a porta e sei que ignora o perfume da Francine em mim, assim como eu passo a me ignorar também. Não há palavras, ela sabe o que eu

quero, mas desta vez não vão ter regras, estou mudando isso agora.

Ela está com uma garrafa de uísque na mão, então eu a pego e bebo até achar que estou preparado para encarar isso. Cheryl é linda e não estou sendo hipócrita, mas é mais excitante para mim me envolver com viciados que não lembrarei sequer o nome do que a porra de uma professora que acha que podemos ser felizes juntos sem se importar de sustentar o meu vício.

Começo a beijá-la e apesar da minha brutalidade, ela parece se contentar com migalhas. Então olho para ela e percebo que também é um fundo de poço para ela, e apesar de ver claramente o que ela sente por mim, Cheryl não pode me culpar por isso. Durante todos os nossos encontros eu ensinei a ela como bloquear isso, contei algumas histórias e ensinei tudo que poderia para manter o coração distante, mas ela acredita que pode me salvar de mim mesmo.

Meus pais tentaram e falharam, terapeutas e clínicas tentaram e falharam. Eles veem as drogas como um problema, mas eu vejo como algo sagrado, um refúgio. Nas clínicas, enquanto todos estavam tentando me desintoxicar, eu estava me preparando para fugir e voltar a usar uma boa quantidade quando estivesse solto novamente, porque isso é tudo que eu sempre serei e não ligo a mínima.

Acabamos transando e entre gemidos e declarações, ela chega a dizer que me ama, que podemos recomeçar ou algo assim. Eu sequer assimilo direito, só quero que essa porra acabe logo. As minhas barreiras estão em pé e só estou fechando um ciclo, o meu ciclo. Fechei todas as portas e ninguém tem a chave, somente eu.

Eu pego a cocaína, sei que ainda vou me sentir um lixo por isso e, apesar de querer a droga como um bom viciado que sou, hoje eu tenho pressa. Faço carreiras entre seus seios e amo quando finalmente tenho a minha recompensa, ainda que eu tenha descido tão fundo para tê-la. Depois de todo o êxtase, eu me deito ao seu lado enquanto ela espera que eu me acalme e quando isso acontece, ela quebra o silêncio.

— Maycon — ela sussurra enquanto acaricia o meu cabelo, pelados sob o cobertor —, estava conversando com os outros professores sobre você — ela diz e já sei onde isso vai terminar. — Eu sei que você acha que não, mas é tão inteligente e pode começar de novo. Pode ter uma segunda chance, largar tudo isso e ser quem gostaria de ser.

— Quando diz largar tudo, se refere a você? — eu pergunto e ela

desvia o olhar, parecendo envergonhada. — Eu gosto de ser quem eu sou, Cheryl, não sei como não percebeu ainda.

— Não, você não gosta, só está em pedaços. Você tem um cérebro incrível e poderia usar isso a seu favor. Você afasta as pessoas e só é sociável quando está drogado. Por que se retrair dessa forma? Você fez uma prova do oitavo período e conseguiu uma nota melhor que a maioria da turma. Você sabe que é inteligente, que pode mais, mas não quer tentar.

— Cheryl, a sua última experiência com ratos deu certo? — Eu mudo de assunto e ela bufa, frustrada.

— Maycon, por favor... me deixe te ajudar. Uma única tentativa e...

— Eu escolhi isso e não quero remar contra a maré. Agradeço a sua boa vontade, mas estou dispensando — eu falo e ela se cala ao saber o que quero dizer.

— O que eu tenho que fazer para você me amar, Maycon? — ela diz depois de minutos em silêncio.

— Existe isso? Condições para amar alguém?

— Eu não sei, me diz você.

— Eu não entendo muito sobre isso, Cheryl, mas sempre achei que era algo natural, sem esforço. Uma coisa que apenas acontecia. No entanto, é interessante a sua colocação. Se precisa de condições para acontecer, significa que o amor não é tão genuíno assim, não acha?

Ela não diz nada, então acendo um cigarro e enquanto fumo, ela adormece em meus braços. Assim que percebo que realmente pegou no sono, estou pronto para cumprir a minha parte.

Depois de pegar toda a cocaína e heroína, procuro algo que possa intensificar o efeito, como *benzodiazepínicos* e *lítio*, então vou até a minifarmácia que ela mantém em casa e faço a limpa. Não é roubar, é uma simples troca. Eu dei a ela tudo de mim e não me irritei com a conversinha ridícula de sempre, então pego o que quero em troca, como um pagamento. Rapidamente visto a minha roupa, o único vestígio que fica para trás são lembranças que amanhã vou implorar para esquecer.

Quando bato na porta do carro, Francine leva um susto e a abre rapidamente. Apesar de todo álcool e cocaína que estão correndo em minhas veias, eu dirijo e faço isso em alta velocidade.

— Para onde você vai amanhã? — pergunto, mas não a deixo responder. — Vou com você.

— Vai mesmo? — ela pergunta, entusiasmada.

— Sim. E não tenho intenção de voltar, mas antes tem que me prometer que independentemente do que acontecer, você vai deixar a Jayde tocar no Max com a sua banda. Promete isso?

Ela concorda sem nem pensar enquanto aqueço a heroína e preparo a seringa para nós. Eu preciso dessa merda para enganar o meu cérebro e fingir que está tudo bem, que não estou me prostituindo porque é por amor. Preciso para me fazer acreditar que não tenho vergonha de mim e de onde cheguei.

Eu me pico e em segundos o mundo fica perfeito. Eu amo muito os meus pais, as pessoas e sinto uma paz imensa me invadir. O meu corpo todo relaxa e eu fico bem comigo mesmo, sei que me amo e consigo me perdoar pelos meus erros. Eu olho para a Francine e uma vontade enorme de dizer a ela que a amo me invade, então nos beijamos como um casal apaixonado. Mas nada é real, é tudo efeito da droga. Drogados, acabamos transando novamente, então percebo que o dia já está amanhecendo e tudo que eu quero é desaparecer para não ter que encarar mais isso.

Na estrada com eles, eu me afundo nas drogas, bebidas e raves. Ela me tem exatamente como queria, drogado, na sua cama. Transamos em alguns dias e nos odiamos em outros, mas a merda começa a dar errado quando o nosso estoque começa a acabar e temos que misturar tudo. Nem sei que merda acrescentaram, mas meu corpo não reage bem à mistura e quando estou acrescentando o *lítio* sinto que vai dar uma merda do caralho.

Francine e PlayIII começam a brigar quando fico mal pra cacete. Ele acha que estou tentando me matar, que logo vou conseguir e eles vão se foder com isso. Deitado na cama dela, sinto dor em todo o meu corpo, meus ossos doem, a minha cabeça parece prestes a explodir. Acabo vomitando ali mesmo, na cama, e quando tento me levantar caio de cara no chão. Assim que todos entram no quarto e se deparam comigo no chão, eles me encaram assustados, e odeio quando fazem isso. Estou fraco, muito fraco... isso é morrer? Então tudo fica em silêncio e eu apago.

Mal estou enxergando, só vejo vultos, sem contar a dor do caralho que estou sentindo. Nem sei mais se isso é real ou não. Escuto o choro do meu pai e a sua voz, mas estou fraco demais para conseguir ver com clareza. Apago e acho que volto no minuto seguinte, isso se repete várias vezes e, novamente,

não faço ideia de onde estou. Nos poucos minutos que pareço estar mais lúcido, sem droga alguma, eu sinto o quanto o meu corpo está debilitado.

Escuto uma voz grave dizer que estou no limite, que meu corpo precisa urgentemente se desintoxicar. Acho que a minha saúde nunca esteve tão na merda como agora. Ouço com clareza Isaac implorando para me salvarem, pedindo desesperadamente, enquanto estou perdido no escuro começando a ver o meu céu de estrelas se apagar.

Capítulo 6

É um estado de quase consciência, escuto tudo ao meu redor, mas estou debilitado demais para interagir com essas vozes. Reconheço somente a voz do meu pai, provavelmente, as outras são de médicos e enfermeiros, porque, nessa altura do campeonato, sei que estou em um hospital. O cheiro desse lugar é inconfundível e a sensação gelada do soro entrando na veia e a queimação que alguns medicamentos causam é quase como ter fogo e gelo sendo injetados em mim. Como não estou totalmente lúcido, sequer consigo pedir para ministrarem devagar essa merda, que dói pra caralho.

Quando as vozes se calam, restam apenas os sons dos aparelhos e a voz de Isaac em meio a reuniões que acredito ser via Skype. Estou totalmente perdido no tempo e, de repente, ouço o toque de um telefone e logo em seguida a voz dele dizendo que só irá avisar a Emily quando ela estiver de volta. Acho que significa que não estou tão mal assim, caso contrário ela já estaria aqui. Depois da ligação, escuto seus passos se aproximando e sinto quando ele toca o meu rosto e beija a minha testa.

Ouvir Isaac dizer o quanto me ama e a pergunta insistente do que poderia fazer por mim, sem contar o quanto implora a Deus por uma solução, faz com que eu perceba que a sua dor emocional supera a minha física. O meu erro foi tão grave assim? Quais serão as consequências? O problema de misturar tantas drogas é que você viaja, perde o controle e faz coisas que geralmente não faria. Nem mesmo sei o que aconteceu ou como cheguei aqui e, infelizmente, qualquer esforço para tentar me lembrar é inútil, as drogas apagaram qualquer vestígio de lembrança. E se você não se lembra, não há muito do que se arrepender. Mas agora não quero pensar nisso, porque o mínimo de esforço é mais do que posso suportar. Sinto a minha mente cansada e parece que envelheci uns vinte anos, posso ver as minhas velhas culpas tomarem seu lugar de direito.

Enquanto ele faz as lamentações e preces, eu tento suportar a dor de ter cada parte do meu corpo destruída, tento suportar a dor de ser essa pessoa que me tornei. Alguém entra e algo é injetado em mim e demora um pouco, mas sinto a dor desaparecendo e com ela a minha consciência e culpa.

Eu me vejo em um campo com flores, grama, árvore e tudo é lindo e perfeito. Eu sinto paz, sinto que estou bem, então a minha mãe vem e se senta

ao meu lado e eu apoio a cabeça em seu ombro. Estranhamente, eu me sinto um menino, como se o meu espírito estivesse conectado com a natureza, a minha mente está calma e tudo que quero é continuar aqui.

— Maycon — mamãe diz com a sua voz doce —, a vovó Carle está doente.

Eu amo a minha vó materna, sempre vamos à igreja juntos.

— Não se preocupe, mamãe, eu posso ser médico e vou cuidar dela — ela sorri e me beija. — Vou cuidar de você e do papai também, vocês nunca ficarão doentes. Tudo bem?

— Eu sei que vai, meu amor. Você vai ser o melhor médico de todos — ela diz e me faz sorrir. — Mas pode ser um grande físico também.

— Eu sei, mamãe. O papai me disse que eu posso ser qualquer coisa.

— Você pode, amor, sempre vai poder...

Ela sorri novamente, então deito a cabeça em seu colo e sinto suas mãos acariciando o meu cabelo enquanto ficamos vendo o pôr do sol.

Assim que acordo, consigo abrir meus olhos com um esforço surreal. A claridade incomoda os meus olhos e demora um pouco para me acostumar com ela. Consigo ver um médico, uma enfermeira e meu pai perto dele. Como já imaginava, estou em um quarto de hospital com soro na veia e usando um concentrador de oxigênio. Um monitor multiparamétrico mostra dados relacionados ao meu estado de saúde.

O médico pergunta se me sinto bem, reconheço o timbre de voz condenatório, mas o seu desprezo não me incomoda, eu só me esforço em dar as respostas. Ao dar uma olhada melhor no quarto, percebo que é um hospital particular. Ainda que Isaac me despreze por quem eu sou aos seus olhos, o dinheiro dele faz com que o médico mantenha um pouco de respeito.

Quando eles saem, Isaac se aproxima e tudo que fiz me atinge. Não consigo chorar ou dizer que sinto muito, mas agora, estando tão consciente de mim mesmo, eu queria que ele pudesse enxergar o verdadeiro Maycon, aquele que não foi totalmente consumido pelo vício em drogas, o que gostaria de conseguir dizer a ele que sente muito por fazê-lo passar por isso. Mas ele não acreditaria, eu mal acredito.

Olhamos nos olhos um do outro, então ele cruza os braços e desvia o olhar, ambos poupam as palavras, nem sei se realmente conseguiria dizer alguma coisa. Sem saber que eu presenciei e ouvi o quanto ele implorou pela minha vida, Isaac decide assumir uma postura rígida.

— Maycon — sua voz sai sufocada, carregada de mágoa e dor —, tem ideia do que fez? — Não obtendo resposta alguma da minha parte, ele continua. — Me diz qual acordo a sua mãe e eu quebramos com você que o fez chegar a isso? — Ele tenta se recompor. — Você chegou a roubar a sua professora! Por quê?

A minha mente procura por vestígios de lembranças, mas me restam apenas espaços em branco.

— A polícia encontrou os seus amigos depois de o abandonarem em um hospital qualquer. Ao serem apreendidos com uma grande quantia de medicamentos, eles disseram que era seu e como todos os frascos que estavam no seu carro tinham o nome dela, ela foi chamada para esclarecer a situação. Para a sua sorte, apesar de não se sair bem com as declarações, a senhorita Cheryl se recusou a prestar queixa de roubo, mesmo não tendo uma justificativa plausível de como a medicação foi parar nas suas mãos. Mas o problema foi suficiente para que ela fosse obrigada a pedir transferência da faculdade. — Ele dá um suspiro frustrado. — Sério, Maycon? Agora você está roubando? — A pergunta sai com muito rancor. Acho que se eu não estivesse em uma cama de hospital, ele me daria um murro.

Eu gostaria de ter algo a dizer, mas estou confuso feito uma criança, remotamente me lembro de estar no apartamento de Cheryl e depois flashes de Francine e sua banda, nada mais. Isaac fala sobre overdose, anemia, gastrite, diz que se continuar nisso irei desenvolver um enfisema pulmonar por conta do pó presente nos pulmões, e finaliza com algo sobre complicações cardíacas e que não sobreviverei a uma próxima vez. Ele está tão exaltado e com tanta raiva enquanto fala, que eu continuo calado como uma criança indefesa que está sendo acusada de algo que não se lembra de ter feito. Assim que ele finalmente termina, eu não quero encarar todas as verdades das quais me envergonho, mas quero ser sincero.

— Por que está se envolvendo com essas pessoas, Maycon? Que merda eu preciso fazer para o manter longe de confusão? — pergunta de maneira agressiva.

— Não tem como, eu não consigo mais sair disso...

As palavras o acertam como um soco. Raras são as vezes que admito isso, porque só o faço quando estou limpo, o que quase nunca acontece.

— Há dias que tenho pensado em colocar um fim a tudo isso, desaparecer. Só assim para vocês terem uma vida sem toda essa merda que

me envolve. Eu tento, mas todas as minhas tentativas são falhas, prova disso é que estou aqui, com você.

Isaac engole em seco e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Você acha que eu e a sua mãe teremos uma vida feliz sem você? Se pensa assim é um idiota. — Isaac engole o choro. — Assim que acordo, meu primeiro pensamento é sobre você. Todos os dias. Eu penso em como o ajudar, em como vou ficar orgulhoso quando você se formar, penso se está bem... — Ele engole as palavras.

— Eu não tenho mais chance nenhuma, pai. Você sabe disso. Eu sou só um viciado de merda e não vai demorar para os traficantes me apagarem. — Ele chora ao escutar isso. — Não sinta como se fosse culpa sua, são consequências das minhas escolhas e, cedo ou tarde, eu vou ter que encarar isso.

Ele me encara e sei que ele quer acreditar, mas por ter caído tantas vezes em minhas manipulações baratas, Isaac recua. Ele conhece esse caminho e já não sabe mais quando estou sendo sincero.

— Eu amo muito você, filho. Foi o melhor que aconteceu para mim e para a sua mãe, mas dói muito o ver assim, Maycon. Estou enlouquecendo porque não sei o que fazer, você me deixa com as mãos atadas.

Internamente, eu imploro para ele não fazer isso, porque não tem nada entre mim e suas palavras, então elas me atingem em cheio. Eu queria poder dizer que o amo, que vou me tratar, que vou tentar, mas não vou, porque sou fraco.

Ele volta a dizer que me ama, mas o amor não salva ninguém. O único amor capaz de fazer você sair disso é o amor-próprio e essa é a primeira coisa que a droga tira de você. Aos poucos, ela vai tirando tudo até só restar o amor por ela. Mesmo escutando Isaac, a minha mente só consegue pensar no quanto gostaria de ficar chapado. Chapado até morrer.

— Me diz o que posso fazer por você, só não faça mais isso, Maycon. Não fique devendo para traficantes e desaparecendo com esses loucos. A sua mãe e eu merecemos mais do que isso de você.

— Eu não consigo parar, Isaac. Estou sendo sincero com você, porque merece a minha honestidade e, no momento, ela é tudo que me resta.

— Eu sei disso, filho, mas o que posso fazer para te manter em casa? O que faço para te afastar dessas más companhias?

Ele não deveria ter dito isso, porque automaticamente o viciado

imbecil que sabe manipular bem as pessoas vê a brecha perfeita para continuar nessa vida. Ele continua falando das minhas péssimas companhias e internamente eu quase rio, sou tão verme quanto essas pessoas que ele classifica como inferiores a mim.

— Eu preciso de algumas doses diárias, e... — falo cautelosamente e ele não percebe a malícia e intenção por trás de cada palavra.

— E como sei que não está mentindo para mim? Como sei que vai manter o acordo?

— Se você estiver disposto a me dar a grana para sustentar o meu vício, eu não vou ter que correr atrás. Simples. Sinceramente, eu prefiro não me envolver com essas pessoas. Você pode até achar que não, mas eu quero manter a promessa que fiz para a minha mãe, e se me ajudar segurar a barra até conseguir terminar a faculdade, eu...

Quando paro para prestar atenção em minhas palavras, percebo que estou na cama de um hospital e completamente debilitado, mas tudo que o meu cérebro quer é manipular Isaac para ter mais drogas.

Ele parece pensar por alguns minutos antes de voltar a falar.

— Mas isso parece tão errado, Maycon. Eu sou o seu pai.

— Não tem outro jeito, eu sei disso, nós dois sabemos — falo, soando calmo e convincente. Com mais algumas poucas palavras temos um novo acordo, mas desse a Emily não pode saber, caso contrário, não o perdoaria.

O dia ou a noite passa, nesse lugar não dá para saber, e Isaac permanece ao meu lado. Quando a enfermeira aparece no quarto, pergunto e ela confirma o que eu já sabia, Isaac esteve o tempo todo comigo. Eu não sinto fissura, então vejo que estou sendo sedado e, pela quantidade de medicação sendo ministrada, eu não deveria conseguir me manter acordado, mas meu corpo conhece químicas bem mais forte.

Isaac volta e quando acho que não dá para piorar, Emily surge no quarto, e pelo modo como está vestida, sei que veio direto do aeroporto. Alguém contou a ela, talvez tenha sido o Erick, seu marido. Ela me beija entre lágrimas e eu insisto que está tudo bem, mas quando o médico entra ela o metralha com perguntas.

— Maycon teve uma overdose e está passando por um processo de desintoxicação. Os exames acusaram anemia e através dos resultados soubemos também que ele desenvolveu uma gastrite. Também está com infecção urinária e se continuar com a mesma rotina, corre o risco de ter um

enfisema pulmonar por conta da química que está no pulmão. Ele realmente precisa de...

Ele continua e toda essa conversinha chata me irrita, porque faz com que Emily fique no meu pé. Somente quando escuto que terei alta na manhã seguinte, eu sinto algum alívio. O médico sai e Isaac abraça Emily e ficam tempo demais nisso. Eles ficam conversando por um tempo e percebo que o meu pai esconde toda a merda sobre Cheryl e a polícia, só diz que exagerei e está grato por eu ter sido socorrido a tempo.

Quando tenho alta, eu volto para a minha casa e sou recebido por Jayde com um abraço, nunca pensei que isso pudesse significar tanto. Emily fica para garantir que vou tomar os medicamentos e me alimentar na hora certa. Como não quero pensar na cocaína, eu me concentro em ensaiar as músicas com a Jayde. No fim do dia, Robert aparece e nós três ficamos cantando, contando piadas, falando sobre física e medicina, sempre tendo a minha mãe como plateia.

Eles não perguntam o que houve, nunca perguntamos coisas do tipo um ao outro. Tudo parece ir bem com a minha mãe aqui e para garantir que tudo está realmente se encaixando, ela dorme comigo no meu quarto. No dia seguinte, ela pede a um cabeleireiro para vir à minha casa para cortar o meu cabelo e fazer a minha barba, melhorando um pouco a minha aparência.

Sem drogas, bebidas alcoólicas e apenas um ou outro cigarro, ela acredita que está presenciando um milagre. Mas sem que ela saiba, eu me afundo no *Valium* para conseguir segurar a barra e quando ele já não faz mais efeito, fumo maconha que Jayde traz para mim.

Na sexta seguinte, já estou louco. O meu pai vem me visitar e sem que a minha mãe veja, ele cumpre a sua parte do acordo e quando eles vão embora, estou pronto para voltar ao meu fiel relacionamento com a minha doce cocaína. Por um pequeno espaço de tempo, eu acreditei, assim como eles, na mentira de que posso ficar limpo, de que estou livre da influência da cocaína, mas não passou de uma ilusão.

Mostro o dinheiro e o cartão ao Robert e à Jay, e eles ficam tão felizes quanto eu, estamos iguais crianças ansiosas para ter doces. Eles saem para comprar as drogas e lá vamos nós de novo, estou de volta ao meu paraíso prometendo nunca mais me afastar.

Só que dessa vez o caminho é diferente, tenho novas regras, um novo acordo e eu vou cumprir a minha parte, ao menos tentar. É como o

renascimento de um novo Maycon, um que não joga de acordo com as regras, mas que cria as suas próprias sem arrependimentos ou remorsos. Eu, Jayde e Robert criamos asas e viajamos pelo nosso universo jurando que a nossa amizade será eterna e, sob efeito de drogas, sabemos que será, porque nenhum de nós vai durar muito e isso deveria ser triste, mas nada é triste quando se está em uma viagem.

Capítulo 7

Eu me olho no espelho embaçado do banheiro e vejo meu reflexo pálido. É estranho saber que estou aqui depois esperar não estar mais, mas as cicatrizes internas que ficam em meu corpo estranhamente fraco me lembram disso. Sei que é diferente dessa vez e eu deveria ver isso como um sinal, mas me tornei bom em ignorar os sinais.

Ao pensar nos vestígios do Maycon que existem em mim, eu fico determinado a não o deixar me atingir, então faço uma carreira antes de ir à faculdade dizendo para mim mesmo que é apenas para ficar bem. Na segunda, eu digo que é como uma garantia, mas na terceira não me importo em dar desculpas. Juro que gostaria de uma quarta, mas sei que tenho uma boa promessa agora, apesar de não saber exatamente o que meu pai espera de mim dessa vez, estou firme nesse propósito inexistente entre nós de levarmos essa equação louca adiante até obtermos um resultado satisfatório. Pelo menos para um de nós.

Olho fascinado para esse pozinho branco. O problema é que todo o brilho que deveria me guiar pelo caminho está literalmente me cegando. Limpo os vestígios do pó em meu rosto, pego a mochila em cima da cama e saio fechando a porta, sei que agora estou de volta à minha velha vida.

Bato à porta da Jayde ainda fungando, gosto muito do fato de ela não se prender a detalhes, ou talvez ela nem os note, nunca me interessei o suficiente para perguntar. Durante o trajeto, a maneira inquietante com que ela lança olhares para mim diz claramente que quer perguntar o que rolou com Cheryl e Francine para chegarmos a isso, porém, sinceramente, ainda me sinto fraco e não sei se quero me aprofundar nisso para começar a falar, e como ela não se arrisca a perguntar, continuamos apenas com o som do carro.

Quando chegamos à faculdade, pelos olhares, sei que tenho outra fama além de *cool* e *indie* que rola entre os estudantes. Os olhares que os professores me lançam é de que roubei a Cheryl e por não querer problemas com meus pais, ela preferiu ser transferida. Uma ótima história, porém, ela não é vítima, não há vítimas, só cartas viciadas em jogadas vencidas.

Durante o dia, eu escuto mais histórias sobre a minha vida do que um dia eu chegarei a viver. Setenta por cento delas são mentiras, mas as pessoas parecem gostar de terem histórias para contar, sejam boas ou ruins.

Recebo olhares de repulsa da maioria dos professores e tento responder com um sorriso pacífico, mas no momento nenhum deles deseja a paz para mim. É uma pena tanto ressentimento, Cheryl se foi sem ouvir um pedido de desculpa ou coisa do tipo, nem sei se deveria ou se ela esperava por isso, mas é tudo que temos e todos deveriam saber superar e seguir com o quase nada de respostas.

Eu apaguei durante alguns dias e quando acordei o meu velho mundo estava de volta, mas a minha ação gerou uma reação. Consequentemente, as coisas parecem estranhas para mim agora. Durante a aula da nova professora de Farmacologia Aplicada I, estou acesso demais para conseguir me concentrar, mal ouço suas palavras e nem mesmo as interrupções constantes do Robert me incomodam. Eu me sinto invisível ou com a minha má fama, ela prefere fingir que na terceira cadeira da segunda fileira não há ninguém. Mas não a culpo, às vezes quando se tem um problema e não se sabe como resolver o melhor é ignorar. Um dia eu ignorei cada pequena dor que estava em mim até que todos esses pedaços se juntaram e ficaram grandes demais, e agora eu sou pequeno diante dela.

Apesar de estar acesso, não tenho ânimo algum e eu sei bem o porquê – quanto mais se usa um medicamento, mais o seu organismo se acostuma a ele, então um dia ele perde o efeito. E eu estou perdendo o efeito, a coca está perdendo o efeito, juntos estamos morrendo, e não é só fisicamente.

Mas essa é a nossa história de amor e deve ser contada com todo respeito para que seja eternizada.

Apesar de não me importar com o que andam falando de mim, tudo isso me faz pensar nas minhas perdas. Quando eu soube da morte da minha avó, dois dias depois do enterro, eu me senti perdido, como estou agora. Jayde e eu tínhamos caído na estrada e assim que voltei a minha mãe me contou. Na hora não tive reação, eu me lembrava vagamente que tínhamos sido próximos um dia, mas à noite, quando tive certeza que não havia ninguém além de mim acordado, tive que encarar a realidade e chorei. Em meio a tantos pedidos de perdão e lágrimas, eu pude perceber que em algum lugar, ali no fundo, restava um pouco do pequeno Maycon que ela amou. Eu chorei por ela e chorei por ele também, pelo Maycon que um dia a amou, pelo Maycon que tinha grandes planos para o futuro, chorei porque estava óbvio, bem antes de perdê-la, que eu já o tinha perdido.

É estranho... estou chapado e deveria ter mais felicidade em mim,

deveria ter um ego superior que iria rir de todas essas histórias loucas que contam como vantagem a meu respeito. Eles pintam um quadro de um demônio pronto para destruir qualquer vestígio de paz, o terror da faculdade, e é bem risível. Mas tudo que fica na cabeça é que a cocaína tirou demais de mim e eu deveria me importar, só que essa parte ela tirou também, então não me importo.

Eu me sinto sozinho nesse barco chamado Maycon, um viciado assombrado por sua própria mente confusa, e não quero remar a seu favor. Tudo é frustrante e parece que até as portas do inferno se fecharam, condenando-me a continuar aqui. Novamente, é o preço a se pagar. Talvez eu mereça, talvez eu tenha me tornado tudo que falam sobre mim, e a minha condenação será não ter mais estrelas, será um eterno eclipse na minha monótona vida de viciado, onde a mesma história se repete diariamente.

No intervalo da última aula, eu chamo dois caras para tocarem comigo e Jayde, Wesley e Kurt, respectivamente um baixista e baterista. Eles não são tão bons, mas Jayde não é detalhista, então combinamos de nos encontrarmos nos sábados à tarde para ensaiarmos na minha casa.

No caminho, eu ligo para o Mark. No início ele fala da falta de compromisso da Francine, reclama que ela parou de atendê-lo do nada e depois de ouvir todas as reclamações, eu digo que estou tocando novamente com a Jayde e que aceito o pagamento em bebidas e cigarros, então ele fecha comigo.

Jayde está ansiosa, ela presenciou toda a conversa e sabe com quem eu estava falando.

— E então? Ele topou? — pergunta, empolgada.

— Claro, por que não toparia? — Pisco e a louca quase me faz bater a porra do carro ao me beijar dizendo que me ama.

— Então agora é oficial, estamos de volta — diz, sorrindo. Não sei quando foi que paramos. — Só falta chamarmos alguns caras e teremos novamente a nossa banda. — Ela lança um olhar indagador para mim. — Por que Francine desistiu?

— Ficou intimidada pelo seu talento — digo, com deboche, assim que paro no sinal, e ela faz uma careta. — E, claro, meu charme e poder de persuasão.

— Sexo e cocaína — ela diz, me cortando.

— Quase isso — admito e ela gargalha.

— Quem vamos chamar?

— Já chamei — sorrio.

— Quem?

— Wesley e Kurt. Respectivamente, Farmácia e Química.

— Só pode ser piada — ela fala em um tom debochado e eu me pergunto para onde foi todo amor que ela jurou minutos atrás.

— Não é não — forço um sorriso.

— Qual é, Maycon? Só me diz um motivo para colocarmos um cara que ainda está aprendendo a tocar baixo e um nerd idiota que acha que sabe tocar bateria em nossa banda?

— Em primeiro lugar, um entende bem de química e o outro de remédios, o que já é suficiente para mim — brinco e ela não curte muito. — Como você disse, são nerds, o que significa que serão pontuais e, segundo, eles querem ser descolados e acham que somos. E, por último, minha cara, nesse ecossistema onde vivemos todos estamos aprendendo, dia após dia. Isso se chama vida.

— Vai à merda, Maycon!

— Jay, não força a barra, temos uma banda e vamos tocar no Mark. Não era isso que queria?

— Acontece que a Francine e banda dela estão a anos-luz à nossa frente.

— Jayde, anos-luz se refere à distância e não tempo. É impossível a sua colocação, uma vez que estamos no mesmo estado, e não me refiro ao estado físico, apesar de também estarmos...

Agora ela fica bem puta.

— Maycon, cale a boca! — Ela me dá um murro e essa porra dói.

Eu sorrio e faço sinal de silêncio.

— Robert não se enturmou hoje, sabe por quê? — pergunto, mudando o assunto.

— Acho que está de lance novo com um cara e...

— Entendi — falo, colocando um fim. Robert acha que só eu carrego a má fama, e estando longe de mim acredita que as pessoas não a associaram a ele, então às vezes ele se afasta de mim. É pura ilusão. — Físico?

— Tem possibilidade de ele ficar com alguém que estuda outra matéria? — ela pergunta com ironia.

Penso alguns segundos a respeito antes de responder.

— Acho que não.

Assim que chegamos em casa, eu me lembro que tenho três relatórios e dois trabalhos para entregar até segunda-feira que vem, ou seja, noites em claro.

No sábado pela manhã, sou acordado pela porra do cachorro que ganhei de presente e odeio o fato de ele não parar de latir. Eu ligo para o Rob e o chamo para ir comigo à casa da minha mãe, uma vez que nunca recusa uma visita à casa dela. Na verdade, não tenho nada para falar com ela, só uma tentativa de tornar tudo menos tenso e levo Robert porque ele não para de falar, conversam sobre tudo e mais um pouco.

Quando chegamos à casa de Emily, ela é bem receptiva. É uma coisa louca, mas parece que o Rob é o filho e eu a companhia dele, enquanto eles se divertem tendo o que chamam de bom assunto, eu fico observando os dois como se estivesse interessado.

Após o almoço, eu converso com a minha mãe sobre devolver o carro que ela havia me dado para emprestar a Jayde. Depois de algumas multas e ter batido em uma placa, minha mãe o pegou de volta. Mas não precisa de muito para convencê-la, não quando estou no modo “Maycon, o bom filho”. Ela promete devolver na segunda-feira e, sinceramente, fico aliviado por Jayde não depender mais de mim.

Quando finalmente digo que tenho que ir, a minha mãe se despede agradecendo pela visita e diz ter amado passar esse tempo comigo, então me dá um abraço e um beijo. Robert se despede e antes que ele invente uma desculpa para não estar presente no nosso ensaio, eu o convenço de que ele, além de ser a nossa plateia, será o nosso crítico e poderá até fazer objeções se tiver coragem de encarar o humor da Jayde. Isso é o suficiente para ele aceitar participar de tudo.

Entro na sala e me seguro para não rir ao ver Jayde com Wesley e Kurt, pela cara dela eu sei que está odiando a situação e que vou ouvir depois, mas a cena já faz valer a pena.

Depois de cumprimentar a todos, nós vamos ao nosso “estúdio” e eles ficam surpresos por termos todos os instrumentos. Como fiquei noites acordado por causa dos trabalhos e relatórios, imprimo o repertório que pretendo tocar no Mark, que vão de *covers* a músicas minhas que a galera já conhece.

Ao contrário do que Jayde esperava, os caras surpreendem por

tocarem bem e, durante todo o ensaio, o mais difícil de tolerar são as constantes interrupções do Robert e as caras e bocas da Jayde quando tento fazer com que ela mude o tom, mas isso me arranca boas gargalhadas.

Depois de duas horas de ensaio, diferente da Jayde, que está longe de ser receptiva, eu tento fazer os caras se sentirem em casa. Imagino que eles estejam achando o máximo serem oficialmente membros da turma, dessa merda de turma. Assim que terminarmos, ofereço uma carona, mas eles dispensam e depois de irem embora, volta a ser apenas Jayde, Robert e eu, que sigo para o meu quarto com eles no meu encalço.

— Acha que realmente temos chance? — ela pergunta e Robert se adianta.

— Óbvio. Apesar de o Maycon ter mudado a fama de viciado galinha para péssimo viciado e ladrão de professores, com direito a um aviso em cima de mantenha distância. Você sabe como as garotas gostam disso, fora que ele também é uma putinha fácil, então, você sabe, vão estar lá por ele. — Eu lanço o meu olhar de *vai à merda* para o Robert e ele entende bem. — Mas, falando sobre isso, terminou seus relatórios? — completa e me encara.

— Quase, mas termino hoje.

— Então significa que Jay está livre para sair comigo e...

— Robert, eu não estou muito a fim de ir à igreja hoje — ela o interrompe.

Solto uma gargalhada ao ver como ela foi direta com ele.

— Nossa!! Era só comer um hambúrguer e visitar os meus pais.

— Eles não gostam de mim — Jay diz, saindo do quarto.

— Sim, por isso quero te levar, isso encurta a visita.

Jayde faz aquela cara de poucos amigos e fica em silêncio antes de concluir.

— Sabe, Rob, você não usava os amigos tão descaradamente assim, acho que precisa se afastar um pouco de certas pessoas. — Ela me encara e eu dou um sorriso forçado.

— Não o culpe, ele não faz de propósito. É quase natural. Assim como você ser tão receptiva — provoco.

Ela sai do quarto e Robert vai atrás tentando convencê-la de que será a última visita. Eu não entendo bem isso, não sei por que ele insiste em visitar os pais, já que eles não aceitam bem o seu modo de vida.

Meu pai envia uma mensagem perguntando se está tudo bem. Tenho

certeza que ele sabe que está, provavelmente a minha mãe já o informou da visita, mesmo assim respondo que sim e mando um beijo, então ele entende o recado que não quero receber uma ligação.

A sua imagem no hospital me vem à mente. Em umas das muitas tentativas de me tirar do vício, ele me levou a uma psicóloga indicada pelo Dr. Jordan. Ela tinha um quadro com detalhes de espelho e, sem que notasse, consegui ver a minha extensa ficha.

F1, (diagnóstico, Dr. Jordan) Maycon vem de um lar destruído, psicologicamente a atenção que ele ganha ao se rebelar, mesmo que seja autodestrutiva, tem mais valor emocional para ele do que sucumbir ao tratamento. Muito inteligente e manipulador.

Foi ridículo ver que sem nem me conhecer ela já havia tomado nota do que achava ser o meu problema. Eu nem me dei o trabalho de inventar uma desculpa ao deixar a sessão. Depois o meu pai me ligou para tentar esclarecer, mas era tarde demais.

Em meio ao silêncio que agora está na minha casa, eu abro o notebook para concluir o relatório, mas essa depressão não parece querer me dar uma trégua, então pesquiso sobre outros possíveis antidepressivos que surtirão mais efeito.

Mais uma semana igual sem novidades. Os caras estão tão empolgados, que decidem ensaiar durante a semana, então Jayde topa e eu não faço objeção, só concordo. Ultimamente, a minha vida tem sido isso, nada de inovador, mas começo a acreditar que o problema sou eu. Eu mudo as minhas drogas medicinais, mas nada parece mudar.

Na quarta-feira vamos ao bar próximo à faculdade e, sem esperar nenhuma reviravolta, fico escutando conversas jogadas fora. Eu já estou chapado e as pessoas ao meu redor falam sobre bandas, covers e tudo que não me interessa, então começo a beber e sinto que ainda não estou preparado para um bom porre.

Em meio a tudo isso, eu vejo algo tão estranho que não tenho certeza se realmente é verdade ou alucinação. Uma garota vestindo um conjunto de moletom entra no bar e é tão oposta a tudo isso, que me faz rir. Mas a porra do meu estômago começa a embrulhar e não me sinto bem, então saio fora da galera sem comprovar se estou mesmo viajando.

Antes de chegar ao carro, eu me sinto tonto e meu estômago embrulha muito, então abaixo a cabeça por alguns instantes e, quando o céu anuncia

uma boa carga de chuva, respiro fundo e olho para o ponto de ônibus que tem ali perto. Novamente vejo aquela garota, mas agora está sentada olhando para o nada.

O que ela faz ali?

A curiosidade faz com que eu me aproxime e só quando chego perto o suficiente que percebo que é um anjo de tão linda e perfeita. É mesmo real? Não sei. Ao olhar para ela, sem ter certeza se é efeito da droga ou não, eu desejo ser perfeito para entrar em seu mundinho, desejo ter outra vida para poder me aproximar e conversar.

Quando vejo o maço de cigarros em sua mão é quase como uma porta de entrada, mas ainda não tenho certeza se estou indo para o seu mundinho perfeito ou se é ela quem está entrando na minha escuridão.

Capítulo 8

Tento me aproximar do jeito que me lembro que as pessoas normais fazem, mas percebo que não sei mais como agir assim. Eu sou viciado, só me aproximo de viciados, e nesse grupo não precisamos de muitas palavras, apenas drogas.

Olho para ela e me pergunto se ela fuma mesmo a resposta sendo tão óbvia, então peço um cigarro e ela me dá todo o maço. Eu agradeço e tento manter um diálogo, mas está óbvio que somos opostos e quando olho em seus olhos, ignoro a imensa vontade de chorar. Ela vive no mundinho perfeito dos normais e eu estou afundando no mundo obscuro de vícios. Se ela fosse um pouco mais esperta, fugiria agora, mas ela continua aqui, ignorando todos os avisos para fugir de mim. Estranhamente, eu me sinto atraído e não sei explicar bem o porquê, mas é algo em seu olhar.

Eu pergunto o porquê do cigarro e, envergonhada, ela diz que precisa fazer uma entrevista com um usuário de drogas. Acabo rindo do seu jeito tímido e tento ajudá-la ao responder as perguntas sobre o meu vício, fazendo com que eu perca qualquer mínima chance de voltarmos a ter um dia uma segunda conversa. Mas quem eu quero enganar? Não vai existir um segundo encontro e fica ainda mais claro quando olho novamente em seus olhos e vejo nitidamente quem eu sou.

Não consigo ficar mais tempo ao seu lado, sequer consigo olhar novamente para ela, então vejo Jayde e Robert vindo e, sem me despedir, eu me afasto antes que eles nos vejam.

Robert dirige o meu carro e deixa Jayde em casa, como combinamos, hoje compraremos coca de um primo dele. O foda é que o cara mora a duas cidades daqui, no caminho passaremos por uma barreira policial e se eles nos pegarem eu vou me ferrar. Se bem que depois que entrei nesse mundo, estou sempre procurando maneiras de me ferrar, e não é de propósito, são ossos do ofício, não há alternativas. Estamos caminhando na tênue linha da loucura, ultrapassando limites, correndo sempre o risco de ser pego ou morto.

Como sempre, Robert e eu seguimos nessa juntos. Vamos dirigir por duas horas na esperança de conseguir um pó mais puro, pelo menos é o que o cara garantiu para nós. Enquanto ele dirige, eu tento tirar a garota da minha mente, mantê-la aqui é louco e estranho.

Eu olho para o maço de cigarros e sei que amanhã terei vagas lembranças disso.

— Pela quantidade de cocaína que iremos buscar, se formos pegos é cana, sem dúvida alguma — Robert diz, mas estou concentrado em meus próprios pensamentos. — Maycon — ele insiste.

— Foda-se, Rob, nessa situação você não pensa em ser pego, pensa apenas em conseguir seu barato e é isso. Vamos conseguir o nosso.

Ele liga o som e meu estômago continua queimando, sinto que vou vomitar, a minha cabeça gira e tudo que penso é na possibilidade de conseguir uma boa coca.

Apesar de todos os perigos, nós estamos acostumados, somos uma irmandade e iríamos para o inferno de mãos dadas se preciso. Mas, como em toda família, temos problemas e o nosso começa quando o pó está acabando. Não colocamos Jayde na jogada, ela passou por maus bocados nessa merda de vida e escolhemos protegê-la, ainda que não deixemos que ela perceba isso. Jayde é o nosso maior triunfo, nós a tiramos da heroína e não foi fácil e nem de um jeito dócil. Ela ficou praticamente trancada sendo medicada com *metadona* por mim e Robert até termos certeza de que estava livre, e para segurar a fissura da *metadona*, ela se afundou em maconha, porque para nós, viciados, maconha é estar acima do vício. É apenas para relaxar, a droga é barata e ninguém fica na fissura por causa dela.

Nesse mundo, traficantes rodam o tempo todo e eles nos iludem e são iludidos por acharem que estão no poder, mas depois de serem pegos pela polícia, eles perdem a ilusão atrás das grades. E nesse esquema louco de gato e rato onde só as drogas vencem, todos estão condenados. Paul rodou e o traficante da vez agora é Jong, o conhecido da Jayde, mas ainda não comprei com ele, fiquei sabendo que o pó que repassa é ruim e eu não quis arriscar.

Rob continua dirigindo e em um momento a dor no estômago fica tão insuportável, que peço para ele parar o carro. Assim que saio apressado, eu vomito.

— Tá tudo bem, cara? — ele pergunta ao se aproximar de mim.

— Está — digo e limpo a boca.

— Não acha melhor irmos para o hospital? — ele insiste.

— Vai à merda, Robert, eu sei do que preciso. Vamos?

— Seu problema é que mistura muito, Maycon. Seu corpo não está mais aguentando essas loucuras. Jay disse que o médico falou que...

— Foda-se o que o médico disse. É problema de quem mesmo? — pergunto com raiva e ele desvia o olhar.

Voltamos para o carro e seguimos para o nosso destino. Vamos atrás de drogas fingindo sermos apenas estudantes preocupados em passar nas matérias nesse semestre e, quando passamos pelos policiais quase tenho um colapso interno, mas seguimos sem sermos parados.

Chegamos ao endereço indicado quando passa da meia-noite. Assim que paramos em frente à casa do cara, ele nos recebe como se fôssemos os seus irmãos, mas eu sei que na verdade ele só vê dinheiro quando olha para nós.

Ele nos convida para dar um tiro, só que Robert agradece e dispensa. Mas quando eu vejo o pó, cara... não sei como Rob consegue rejeitar isso, eu sequer escuto porra alguma de conselho e preparo uma boa carreira. É óbvio que Robert fica puto comigo e até tenta me convencer a não cheirar, mas, foda-se, eu o ignoro da melhor forma possível.

Cara, o pó é tão bom que preciso controlar a imensa vontade de cheirar tudo. Na hora de fecharmos a compra, o cara vem com um papo furado de aumentar o preço, dobrar na verdade, justificando que é pura. Merda! Merda! Merda!

Robert até tenta, mas o seu primo sabe como negociar com viciados e lá vamos nós de novo.

Acabamos voltando com menos da metade do que esperávamos e, obviamente, estamos putos. Estou puto com Robert, puto com o primo dele e mais puto ainda com Isaac por pensar que sou burro e meu cérebro não funciona. Eu saquei o lance dele, percebi que a cada saque, o próximo valor indisponível para sacar diminui e ele acha que não percebo isso, mas foda-se, Isaac não foi capaz de cumprir a promessa que fez para a Emily em ser fiel, por que manteria a promessa a um viciado? Ainda que esse viciado seja o seu filho.

Eu volto dirigindo e Robert vai falando merda pelo fato de eu ter cheirado, e fala tanto que me irrita. E com a sua falação, o caminho agora parece bem mais longo. Nós nos aproximamos novamente dos policiais e é óbvio que estou com o coração a mil e, para a minha merda de sorte, eles pedem para encostar.

— Porra, Maycon, que sorte do caralho. Ferrou com a gente! — escuto Robert sussurrar.

Estamos com as drogas e se o policial olhar em meus olhos, ele vai saber que estou alterado. O policial vem até nós e eu não o encaro, então ele pede os meus documentos, que entrego rapidamente. Ele vai até o outro colega e demora eternos minutos para voltar, assim que o faz ele pergunta se somos estudantes e eu confirmo que sim, então ele me entrega os documentos e diz que conhece o Isaac e quando menciona a Callier, pergunta se sou seu filho. Apesar de estar claro por ele ter visto isso na documentação, eu confirmo e ele nos deixa seguir.

Solto um suspiro aliviado, por sorte não fomos pegos.

A vida é estranha, a minha vida é estranha. Há algumas horas eu encontrei um anjo, desejei entrar em seu mundo ao olhar em seus olhos, e agora estou no apartamento do Robert, puto porque a droga não é o suficiente para dois viciados. Enquanto Robert divide os papérolas, eu penso em Jayde e na erva que não compramos e no quanto ela vai falar por isso. Jayde vive em seu próprio mundo de conto de fadas onde acredita que meus pais sustentam numa boa o meu vício, e nesse mundo louco dela não existe limite entre o dinheiro do meu pai e o meu vício.

Já para Robert e para mim, que temos que encarar a verdade, estamos no inferno e é exatamente agora que tudo começa a piorar, porque vamos dividir e não é o suficiente para nós, temos consciência disso.

Não sei qual é a do Rob, mas para mim a coca funciona como medicação, eu preciso de uma boa dosagem por dia e a cada dia a quantidade só aumenta.

Eu tento manter o controle enquanto estamos dividindo. A cocaína é meu único amor, e mesmo sendo único, ela é ingrata comigo, se ressentiu pelas vezes que tentaram me fazer deixá-la, pelas vezes que tentei controlá-la em minha vida. E agora, como castigo, ela me controla e é um controle psicológico intenso, meu cérebro quer e foda-se como vou fazer para conseguir. Nem mesmo um bom efeito essa porra é capaz de me dar agora, ela me deixa poucos minutos em seu paraíso e sem amor algum me chuta de lá.

Robert se mantém pensativo olhando para os papérolas, ele sabe tão bem quanto eu que teremos que reduzir ou ficaremos sem, então ele tem a brilhante ideia de injetar, e nós sabemos que injetar significa elevar o nível de viciado. Você tem toda a droga ali em seu sangue sem perder nada. Mas, uma vez que injeta, não vai mais parar, sei disso, meu cérebro sabe disso, mas,

foda-se, eu não me importo e lá vamos nós dois cavar o poço mais fundo.

Depois de ele se picar, ele me passa a seringa suja com seu sangue e eu me pico, então estou no paraíso, meu paraíso. Só que depois do paraíso vem a descida e com ela a paranoia, então começo a achar que o Robert está me traindo, que ele armou essa com o primo para ficar com a minha grana e, de repente, o plano não parece tão perfeito e eu fui o otário que caiu nele. Isso fica martelando na minha cabeça enquanto pego uma das minhas várias blusas que estão no closet do Robert que ele nem pede emprestado, mas que preciso para cobrir o buraco que eu fiz no braço e que agora sangra.

— Você armou, não armou? — pergunto, já bem puto com a situação.

— O quê? — ele diz, sem entender.

— Não me venha com essa, filho da puta. Acha que sou imbecil? Acha que não percebi que foi armação?

— Ah qual é, cara? Não vem com essa ideia errada, não vem com essa paranoia para o meu lado.

— Por que quis que comprássemos com seu primo e não com o cara da Jayde?

— Porque a dele é ruim.

— Como sabe?

— Vai à merda, Maycon.

Ouvir essas palavras é o suficiente para fazer o meu sangue ferver, então parto para cima dele e o agarro, jogando-o contra a parede.

— Pare com isso, cara, somos irmãos — diz, assustado.

— Acha que vou cair nesse papo idiota? O dinheiro é meu, a parada é minha.

— Qual é, cara? Eu me arrisquei com você.

— Arriscou porra nenhuma. Acha que me engana com essa de que somos irmãos? — Eu o aperto contra a parede e Robert me empurra, puto pra cacete comigo.

— Maycon, quer saber de uma coisa... pega a merda da droga e dá o fora. Você sempre faz isso. Você é um puta filhinho de papai mimado que acha que pode fazer qualquer coisa. Já tem a sua parada, então foda-se o Robert, não é?

— Por que o cara subiu o preço? — falo, ignorando a sua provocação.

— Não sei, porra! Você estava lá, sabe que fiquei tão puto quanto você e agora vem com essa? Quer o pó? Leve, mas vê se me esquece,

caralho!

Eu tento esfriar a cabeça, mas ainda me sinto ressentido por ter que dividir a minha droga com ele, e o fato de achar que armou para mim não sai da minha cabeça, então voltamos a discutir e quase que agredimos fisicamente um ao outro.

Depois de pegar pesado com ele, Robert me manda embora, então pego a estrada e ambos sabemos que a tendência é piorar daqui em diante.

A cocaína preencheu toda a tristeza e mágoa que ficou em mim quando meus pais se separaram, e hoje ela só preenche o próprio buraco que fica quando eu deixo de usá-la. Mas eu não quero sentir tudo que a sua ausência provoca em mim, é a pior dor que existe e não quero passar por toda a paranoia e inferno que ficar limpo causa.

Chego em casa determinado a não falar mais com o meu pai, o acordo não era esse, eu confiei nele, porém, também não quero brigar, porque brigar significa não ter mais dinheiro e, por consequência, nada de cocaína. Se essas são as novas regras, ele terá exatamente o que está disposto a me dar.

Eu me tranco no quarto antes que Jayde perceba que voltei e pergunte da erva. Depois de toda a paranoia, sinto uma tristeza tão grande e sei exatamente o que pode me curar, então procuro desesperadamente por seringa e de novo eu vou me curar.

A minha vida se resume ao prazer intenso, paranoia e depressão, vivo apenas para isso, o resto não faz mais sentido.

Pela manhã, na faculdade, Robert se aproxima, mas não me cumprimenta e Jayde percebe que tem algo errado, só que na frente da galera ela não pergunta nada.

Na sala de aula, depois da cocaína ter fodido com meu cérebro pela manhã, estou cheio de confiança e um ego novinho em folha. Respondo todas as perguntas do professor de Semiologia Médica só para deixar Robert puto, e ele fica, porque adora ser o gênio da sala e eu estou tirando isso dele hoje. Mas esse é meu melhor jeito de me desculpar e ele sabe disso.

No intervalo ele me ignora, fica com a turma de Física por causa do novo amiguinho. Quando vamos embora, Jayde nem pergunta da erva, então imagino que Robert tenha contado tudo o que aconteceu.

Chegando em casa, faço os meus *corres* e consigo a erva para a Jayde, e quando entrego a desgraçada nem me agradece, só vem com um papo de

que devo desculpas ao Robert e diz que ele está passando uma barra com os pais, o resto nem me dou o trabalho de escutar. Mesmo que eu estivesse certo nessa história, não vale a pena argumentar com a Jayde, ela jamais ficaria do meu lado.

Os dias passam e são todos iguais, mesmo que eu esteja praticamente sem coca, faço meus *corres* e continuo a ter a minha mínima dose diária. Nós ensaiamos com os caras e quando o dia finalmente chega, Jayde está extremamente nervosa, mas, segundo ela, é a nossa chance e a nossa vida irá mudar depois disso. Só não faço ideia de como.

Capítulo 9

Enquanto fumo meu segundo cigarro, percebo que estou praticamente sozinho. Sigo para a minha sala e ao pensar em Jayde sei que ela espera muito de hoje, então vou dar o meu melhor. Depois de tudo, ter Jay ao meu lado é quase como uma experiência excitante.

Um dia ela me perguntou se eu já havia me apaixonado e expliquei que, segundo a ciência, apaixonar nada mais é do que um coquetel de adrenalina, dopamina, serotonina e algumas outras substâncias liberadas no cérebro, mas que o efeito ia perdendo a sua intensidade com o tempo. Igual a droga, mas em uma intensidade bem menos significativa.

— Bobagem, Maycon, você só diz toda essa merda porque não se apaixonou ainda.

— Eu me apaixono todas as vezes que a cocaína fode com o meu cérebro.

Ela gargalhou com a minha resposta e, apesar de Jayde descartar a verdade, essa é a única explicação plausível para a ciência sobre a baboseira de amor. Então, sim, eu sou totalmente apaixonado por essa química, mas quem provoca isso em mim está longe de ser uma pessoa. O assunto rendeu, mas depois, somente ela falou, eu desisti de continuar quando ela disse que a ciência era bobagem, mas fiquei ouvindo as suas argumentações. Quando ela contou de como Rob estava apaixonado, conseguimos rir da situação. Tudo bem que meus amigos rejeitam a verdade de que o amor nada mais é do que química no cérebro, mas as suas histórias me fazem rir.

A vida é isso, as pessoas preferem a doce ilusão do que a verdade crua e simples. Para mim isso é manter a ilusão de viver. Mas não posso as culpar, a vida se torna uma merda quando você perde a ilusão e começa a enxergar a verdade de como essa masmorra de ratos realmente funciona.

E que diabos estou fazendo aqui mesmo? Vivendo no meio deles, porque sou um deles.

Meu telefone vibra e vejo que é mais uma mensagem da Francine dizendo que veio apenas para me aplaudir hoje. Eu até consigo rir disso. A vadia que vá para a casa do caralho com seus aplausos. É só uma tentativa frustrada de limpar o seu barato. Foda-se!

Decidido a deixar os fantasmas da minha mãe, seus sermões e todo o

meu mau-caráter apenas nas lembranças, entro na sala tentando não ser notado, mas sendo quem eu sou, conseguir isso beira à loucura. Peço licença, dou o meu melhor sorriso e recebo olhares interessantes. Sento-me e o professor dá continuidade ao que estava explicando.

É quase comovente sentir toda a expectativa dos futuros médicos e a empolgação em forma de perguntas. O foda é que eles realmente acreditam que têm um propósito maior aqui, estão sempre esperando por algo, mal sabem que não existe um grande propósito a cumprir, não existe um sentido para essa merda. Mas se querem se iludir, fodam-se.

As horas seguem em sentindo anti-horário, estranhamente tudo parece louco demais no mundo dos normais e eu aqui, como todos, cumprindo o meu papel. Ou quase isso.

Eu levo a Jay para almoçar fora e pago com cartão para refeições que Emily me deu, mas que é nominal a ela, assim ela garante que dinheiro algum chegue às minhas mãos e “controla” tudo que eu faço com ele. Na volta, passamos na cachoeira da Jay e depois de muita insistência por parte dela, pulamos feito loucos. Assim que chegamos em casa, eu falo com a Emily e ela questiona por que ainda não fiz os meus exames e começa com os sermões sobre a minha saúde. Como quero que ela desligue logo, eu prometo fazer na manhã seguinte.

A nossa relação se tornou isso – cobranças de exames, bom comportamento, faculdade e a amada bandeira de paz que erguemos mesmo seguindo caminhos tão distintos. É foda. Com meias palavras, promessas de amor e uma família que se mantém ligada unicamente pelo sobrenome, nós nos despedimos.

Eu entendo as regras. Para cumprir o seu papel de mãe, se der merda comigo ela quer ser a primeira a saber, não só ela, Isaac também.

Após desligar, quase que imediatamente Isaac me liga, só que eu não atendo. Não sei por que ele tem necessidade de falar comigo agora, houve tantas noites que eu desejei poder conversar com ele, mas Isaac estava brincando de formar sua nova família e não tinha mais tempo para perder com os produtos descartados.

Vou ao meu quarto e enquanto dedilho no meu violão algumas músicas, toco uma nova composição.

Ela se foi como um vento frio na tempestade

E agora suas memórias ficam acima dos meus pensamentos circulam

por aí

E ninguém pode entender

*Ela acreditou que a nossa água se transformaria em vinho e rezou
muito por isso, sim ela rezou*

Mas não haveria vinho para nós, talvez em outra vida

Sim, agora estou estranho ouvindo seus possíveis motivos

*Sim, ela está dizendo todos os motivos e eu acreditaria se não
houvesse apenas um coração batendo entre lágrimas*

Mas o que resta depois disso é só um quarto escuro, sussurros

Sim, um coração batendo e nada além

Às vezes eu ando por aí tentando esconder os segredos

Mas a luz da manhã já se apagou pra mim

Sim, sim eu poderia acreditar novamente

Mentir novamente, te amar novamente, viver novamente

Mas tudo que resta depois de toda a tempestade

É um coração batendo

Sim, apenas um

Sem vinho, sem poder tocar você

Sim, querida, é tudo que temos

Você poderia voltar só por uma noite e acreditar em mim

Apenas acender uma vela para mim, para minha alma

Sem esperar nada por isso

Apenas uma pequena luz para mim em toda essa escuridão

Sim, querida, eu amaria, mas só restou um coração batendo

É o suficiente para Jayde vir toda animada. Ela volta a falar sobre a nossa noite e está tão empolgada que o seu entusiasmo me faz rir.

À tarde, depois de nos encontrarmos com os caras no bar e passarmos o som, eu aproveito para tirar um cochilo e, quando acordo, sinto a imensa necessidade de cheirar. É ilógico precisar mais disso do que de comida, mas eu preciso e é decepcionante perceber que em dias eu já dobrei as minhas carreiras, e uma vez que não chego ao auge, eu me pico misturando *lítio* e pó. Só de pensar que a coca está me abandonando me dá vontade de chorar. Quando ela finalmente decide foder com o meu cérebro, eu sinto alívio e fascínio ao mesmo tempo.

Como um anjo, ela abre as portas do paraíso. É euforia pura, sou um

cometa viajando pelo universo. Eu sou o cara, sou um puta cara, e quando começo a descer procuro desesperadamente por antidepressivos para não afundar na merda da depressão. É tão rápido e intenso, mas, como sempre, ela não me deixa muito tempo no seu universo e tudo que resta é a merda de um Maycon idiota. Eu sei que o declínio está à porta.

Quando Jayde vem já arrumada ao meu quarto, percebo que o meu dia acabou e agora é o momento dela. Ela está linda, no melhor estilo estrela do rock. Depois de um banho rápido, eu me arrumo.

— May — ela diz antes de sairmos.

— Sim. — Faço algumas carreiras e Jay cheira uma, ela precisa estar acessa e por hoje dispensou a erva. Eu cheiro as outras e depois de longos minutos, quando estou no auge, ela sabe que estamos prontos.

— Pode não cantar hoje?

Eu olho para ela sem entender.

— Como assim? Faço a segunda voz, esqueceu?

— Eu sei, quero dizer, mesmo que as pessoas peçam para você cantar um solo, pode ignorar isso e deixar ser só eu?

— Qual é? Nunca existiu isso entre nós — falo e ela segura a minha mão.

— May, é sério. Eu estou cansada das pessoas me conhecerem como a garota que mora com o Maycon, hoje quero que eles conheçam a Jayde que canta.

Eu me seguro para não rir.

— Você é a estrela hoje, brilhe!

Nós nos abraçamos e apesar de achar que falta o Robert aqui, sei que ele estará lá. Dizem que a vida sempre nos surpreende, mesmo quando achamos que estamos preparados para isso. E é decepcionante ver Robert e a Cheryl na mesa com a Francine e os caras da sua banda.

— Ah droga! Isso vai dar merda, não vai? — Jay pergunta ao vê-las rindo enquanto olham em minha direção.

Eu a puxo, fazendo com que me encare.

— Não vai, dou um jeito nisso. É a sua noite e ninguém vai atrapalhar. — Eu pisco para ela, que sorri.

Enquanto Jay vai encontrar com a nossa banda, eu faço a péssima escolha de ir até eles.

— Que prazer revê-las — digo, exibindo o meu melhor sorriso.

— Igualmente — Cheryl diz, mas desvia rapidamente o olhar.

— Quem é vivo sempre aparece — Francine sorri.

— Interessante seria se os mortos aparecem, não acha? — Arqueio a sobancelha e seu sorriso desaparece.

Limpo meu nariz e fungo, então me sento perto do Rob e pego o seu copo, virando a tequila em um só gole.

— Na mesma vida, Maycon? — Cheryl me encara e eu desvio o olhar.

— Ele não conhece outra — Robert diz, provocando.

— Sabe, Robert, é uma qualidade dos bons perdoar e esquecer o passado, acho que está na hora de alguns aqui praticarem isso — retruco e os três me encaram como se eu fosse o próprio demônio.

— Falou o garotinho que nunca conseguiu esquecer que foi abandonado pelo papai. Ainda dói, Maycon, saber que seu pai chutou você e a sua mãe por outra mulher? — ele diz e isso me atinge em cheio. Não sei como reagir, não quando vem dele, então encaro o chão e todos riem. — Ah, foi mal, isso meio que mágoa você, não é? Ainda sente falta do papai — ele sorri com sarcasmo.

— Vai para puta que pariu, imbecil! — falo e ele balança a cabeça e sorri.

Jayde sobe no palco e eu sei que essa é a minha deixa. Quando eu me levanto, Francine inicia os gritos e com isso outras garotas fazem o mesmo. Eu detesto isso e essa vaca sabe muito bem. Subo ao palco e ao pegar a guitarra, olho para todos me sentindo distante de tudo. Jay dá o seu melhor e é legal ver que alguns cantam conosco e apesar de tentar ignorar, consigo ver o deboche no rosto de Francine e Robert, além disso, tenho Cheryl para me lembrar do que eu odeio e, cara, isso é ridículo. Sei que Rob está chapado, mas somos amigos, ou éramos. Ah, foda-se. Merda!

É tão foda e quando olho ao meu redor, percebo que essa é a minha realidade. Mas se esse é o meu mundo, por que eu me sinto tão perdido e solitário? O que tem de errado comigo?

Eu olho para cada rosto, e quando me viro em direção ao bar, vejo um estranhamente familiar na escuridão. Eu não tenho certeza se realmente nos conhecemos, mas não precisa ser muito esperto para perceber que ela não pertence a esse lugar e, talvez, assim como eu, apesar de razões distintas e mundos que nos separam hoje, estamos perdidos. Um cara se aproxima dela e

é tudo que preciso para deixar de olhar para a garota.

Jay está muito empolgada, mas no meio disso tudo sou pego pela paranoia e começo a escutar vozes, sei que estou viajando. Eu preciso sair daqui, preciso dar o fora bem rápido.

Chego ao meu limite e quando acho que é demais, que já deu, dou um toque para a Jay e ela entende que acabou, então não protesta.

Estou surtando e sei que isso tudo é por misturar merda demais, meu coração está acelerado e eu preciso de ar.

Quando desço do palco sob o som de aplausos e gritos, Jay vem me beijar.

— Vou pra casa — digo perto do seu ouvido.

A música eletrônica começa a tocar e ao olhar para a mesa que Robert está com a Cheryl, a Francine e o PlayIII sei que essa noite acabou para mim.

— O que foi?

— Nada, só preciso ir — falo, ela olha em direção a eles, entendendo bem o que está rolando.

— Tudo bem.

Saio do bar e dou um tempo enquanto fumo um cigarro escorado na parede da primeira entrada. O cara que se aproximou da garota do bar agora passa aos beijos com outra. Bom, não existe um cara aqui para condená-lo, já fiz isso uma merda de vezes.

Dou a volta e quando eu me aproximo do meu carro, do lado oposto, perto da segunda entrada, está a garota escorada no meu carro e parece bem puta com seu amigo.

— Merda, Keven, me atende! — ela diz e agora está mais puta do que antes.

— Se Keven for o cara que chegou com você, ele foi embora — falo e ela me encara feito idiota.

Seu sorriso convidativo me atrai e apesar de ter me decepcionado com todas as surpresas dessa noite, essa me parece bem interessante.

Capítulo 10

Dizem que a busca pela felicidade nos força a ignorarmos as regras feitas pelos homens. Na minha vida, essa frase só se aplica quando troco a palavra felicidade pela palavra loucura. E é justamente isso que vou fazer agora.

Olho para a garota e os sinais estão nítidos, não pertencemos ao mesmo mundo, mas, de repente, eu quero me aventurar nessa realidade oposta à minha e ver aonde isso vai me levar.

Aperto o botão do alarme do carro para destrancá-lo e ela percebe o que está acontecendo.

— Desculpa — diz, dando alguns passos para a frente.

— Esse ambiente não combina com você, garota. O que faz aqui? — falo, tentando parecer um cara legal.

— Vim com um amigo.

— O que te deixou pra trás? — ressalto.

Ela desvia o olhar e percebo que não me é estranha. Mas onde exatamente eu a vi?

— Sim — resmungo, ressentida, e agora parece mais irritada com o cara.

— Onde você mora? — Continuo tentando, mas ela não parece à vontade com isso.

— Ah, não se preocupe, vou a pé. É perto — diz, demonstrando a sua insegurança. É óbvio que está sem graça. — Então, tchau — acena e sorri novamente. Por incrível que pareça, eu gosto disso, desse sorriso tímido.

Ela me dá as costas e sai andando, ignorando-me por completo. Será que realmente mora por perto ou está fugindo porque já conhece a minha péssima fama?

Bom, depois desse claro aviso, eu devo seguir o meu caminho, mas ela parece um animalzinho assustado, perdido longe do seu mundinho seguro.

Sem pensar muito, vou em sua direção. Por que isso, Maycon? O que essa garota tem?

— Onde você mora? — insisto e ela se vira. Posso ver claramente o receio em seus olhos e isso é decepcionante. Mas é justamente aí que me lembro desse olhar, ela estava no ponto de ônibus. Porra! É a mesma garota.

— No campus — responde, nervosa.

— Puta que pariu! — Não consigo me segurar e acabo rindo.

— Por que está rindo? — Novamente ela parece não gostar.

— Tem noção do quanto vai andar? — Tento esclarecer a situação, mas está evidente que isso não vai muito longe.

— Não exatamente, mas eu gosto de andar — ela diz, me cortando.

O.k., Maycon, já deu. É a sua deixa.

— Tudo bem, boa caminhada, então — sorrio, dou meia-volta e entro no carro.

Ela caminha pela estrada e eu pareço patético por me preocupar com uma estranha. Vejo que ela está caminhando para o lado errado, mas não é da minha conta, é só ignorar e seguir o meu caminho, então faço isso. Mas não por muito tempo. Eu volto e paro o carro ao lado da porra da garota.

— Ei? — falo e ela me olha de um jeito bizarro.

Qual o problema dessa garota? Será que está rolando uma nova droga no pedaço e eu estou por fora? Será que isso é uma viagem?

— Oi.

— Você está bêbada? — pergunto com cuidado para não soar como uma ofensa.

— Não, completamente sã, o que significa que me lembrarei de tudo amanhã e posso denunciar você...

— O quê? — Ah que porra! Ela é completamente pirada. Agora não me parece um anjo, mas esse é o preço a se pagar por estar sempre chapado. O anjo de ontem pode se transformar no demônio de hoje, e o foda é que é exatamente isso que mais me atrai.

— Nada. O que você quer, hein?

— O campus fica para o outro lado. Você, provavelmente, saiu na porta errada — informo, forçando um sorriso.

Ela me ignora totalmente, se comporta como se eu fosse invisível. Juro que eu nunca vi pessoas agirem assim com drogas. O que será que essa garota usou, hein? Que porra é essa?

E quando penso que já vi de tudo, do nada ela começa a correr e não vai muito longe, acaba caindo. Não consigo deixar de rir, que merda de sorte a minha.

Ela se senta no meio da estrada e depois da sua merda de gratidão, eu deveria ir embora, mas quando olho de novo, sei que se vier um doido por aí

nem irá vê-la e aí já era essa garota. Dou um suspiro frustrado e lá vai o Maycon dar uma de bom samaritano. Saio do carro e me aproximo dela.

— Você usa drogas? — pergunto ao me aproximar.

— Não! — responde, furiosa por eu ainda estar por aqui e, sinceramente, eu estou perdido.

Ela age feita idiota e eu é que sou o cara mau aqui?

Eu me aproximo o suficiente para examinar o seu rosto de perto, então olho em suas pupilas. Não, ela não parece drogada, mas, então, qual o problema dessa garota? Será que isso é o seu normal? Puta que pariu! Se for, definitivamente ela tem problemas.

Dou mais alguns passos em sua direção.

— Qual é o seu problema? — Tento novamente bancar o cara legal, ainda que esse Maycon legal pareça não funcionar para ela.

— Não tem problema, só quero que me deixe em paz. Por que está me seguindo?

Arregalo os olhos, chocado com o que escuto. Isso é sério?

— Você é louca? Não estou te seguindo, moro a cinco quadras daqui. Estou indo para a minha casa.

Então ela começa a chorar, e isso é demais. Acho melhor eu ir embora antes que dê merda para mim.

— Ei, não precisa chorar por causa disso, né? Me ajuda aí! — falo, tentando esconder o riso, irritando-a ainda mais.

— Não estou pedindo sua opinião — diz com arrogância e, sinceramente, foda-se essa garota. Já deu para mim.

— O.k., tchau. — Volto para o carro e vou numa boa seguindo o meu caminho. Mas aí começo a viajar na possibilidade de acontecer alguma coisa. Ela pode não estar chapada, mas uma pessoa normal não age assim, e por estar diante dessa possibilidade a minha consciência não me deixar ir.

Maycon, vai se foder, porra. O que você tem a ver com isso?

Eu me irrita comigo mesmo e ainda que eu queira muito ir embora, por alguma razão idiota eu viro o carro e paro ao lado dela, jurando ser a última vez.

— Entra aí, vou te levar de volta.

Ela me encara como se o encosto aqui fosse eu.

— Não, obrigada.

Ah, que porra, velho.

— Jura que, após dar esse show, ainda vai fazer pirraça?

— Vai para o inferno! — ela diz e eu perco a paciência.

Deveria deixar essa idiota aqui, mas não consigo.

— Ah, vai à merda, garota! Entra logo nessa porra de uma vez! — falo sem paciência alguma.

— Para a sua informação, não entro em carro de estranhos — ela retruca cheia de ironia.

Depois de tudo, é sério que eu estou escutando isso?

— O.k., então durma na rua.

Quando começo a arrancar com o carro, ela vem.

— Não, tudo bem, aceito a carona. — Ela muda o tom, só pode ser louquinha mesmo.

— Não é carona, não. Não estava indo para o mesmo lado que você, isso se chama caridade — sorrio, provocando.

Ela entra no carro e me encara por alguns segundos.

— Vou te matar agora — falo enquanto a encaro todo sério.

Ela fica pálida, então não aguento e começo a rir.

— Idiota — diz e acaba sorrindo.

Eu sigo pela estrada olhando de relance para ela, acho graça por ela se manter feito uma estátua. O seu perfume está por todo o carro e é quase surreal isso ser o normal de alguém, apesar de tudo, acho que gosto dessa sensação que temos agora. Dois estranhos seguindo o mesmo caminho.

Chegamos em questão de minutos. E quando ela se vira para sair, tenho um súbito desejo de tocá-la, então seguro a sua mão e me assusto com a sensação estranhamente familiar que sinto quando a minha pele encosta na dela. Ela me encara parecendo assustada, mas não se afasta.

Eu olho em seus olhos querendo saber se ela também consegue sentir isso, e em busca de uma resposta, acabo me perdendo em seu rosto angelical, seus lábios perfeitos e a maneira como ela desvia o olhar timidamente. Eu não entendo e não sei se é mesmo real o que estou sentindo. Ela então se afasta, então sorrio sem graça. Isso foi bizarro. Eu estou viajando, não nos conhecemos, tive uma noite de merda. Só isso.

— Não me leve a mal, mas você não faz o meu estilo, então evite esses tipos de encontros — brinco, tentando amenizar o clima estranho.

— Graças a Deus por isso — diz, abrindo a porta.

Agora tenho certeza que ela é louca. Se eu soubesse que terminaria

assim, teria deixado essa porra na rua.

— Vai pela sombra, garota. — Forço um sorriso sem graça.

— Obrigada pela carona, mesmo que não tenha sido uma. — E finalmente ela baixa a guarda.

— Sem problemas. Agora, dá para fechar a porta? Trabalho hoje, assim que o dia amanhecer — falo, querendo colocar um fim nisso, e assim que ela o faz, eu coloco o carro em movimento novamente e sigo o meu caminho enquanto a sua imagem vai desaparecendo pelo retrovisor.

Passando novamente em frente ao bar do Max, eu vejo Jayde, Francine e Rob na entrada. Eles parecem chapados, logo continuo seguindo e eles gritam quando me reconhecem, então acelero o carro e os obrigo a pular para fora da estrada. Eles me xingam de tudo quanto é nome e antes que possa pensar sobre o lance com Robert, a garota volta à minha mente. Eu me lembro de ela caindo na rua e tenho um ataque de riso. Quem diria que alguém poderia agir assim em seu estado normal? No fim, depois de todas as merdas, essa noite terá uma boa lembrança.

Volto para casa, cumprimento o segurança e ele parece desconfiado ao me ver chegar sozinho. Assim que eu entro, tudo parece vazio, como a minha vida é agora. Subo as escadas e antes de pensar merda, tiro os sapatos e me deito na cama. Eu me sinto estranho e antes de deixar qualquer porra de sentimento me invadir, eu me jogo nos meus últimos papелotes de cocaína sabendo que ela me fará esquecer as merdas, ainda que seja momentâneo.

Reflexos da garota circulam por minha cabeça, sua maneira irritante e convencida, seu sorriso tímido e como ela ficou feito estátua quando entrou no meu carro. Que tipo de pessoa age daquele jeito?

Se eu não a tivesse levado embora, provavelmente ela ainda estaria na rua e, se bobear, ela deve achar que me fez um favor, e não o contrário. Que bizarro. Como vai ser daqui em diante? Talvez ela me ignore se me vir na faculdade. Será que sou eu ou apenas a vida tratando de fazer a sua parte.

Os minutos passam e eu me levanto e ligo o PC, onde passo horas projetando gráficos de jogos. Em um momento de distração, uma foto minha com Emily ao lado da estante chama a minha atenção. Encaro a foto e gosto de pensar que apesar de todos os problemas, um dia o nosso amor irá encontrar conforto, ainda que, assim como eu nesse momento, ela o encontre nas lembranças do sorriso de uma foto minha.

Acendo um cigarro, vou até a janela e a porra do cachorro late para

mim. Deixo a fumaça se misturar ao ar frio e enquanto dou as minhas tragadas, volto a rir com lembranças da garota, sei que isso vai permanecer por alguns dias.

Penso no Robert e me sinto estranho. Que porra foi aquela? Ele não é esse tipo de cara, e se eu fosse um amigo melhor, provavelmente iria visitá-lo, trocaríamos uma ideia e ficaria tudo bem. Mas eu não sou e odeio dar pitaco na vida dos outros, ainda que o cara seja como um irmão.

Termino o cigarro e me jogo na cama. As horas passam lentamente e quando finalmente o sono me invade, a droga do telefone toca de maneira insistente. Eu ignoro até ouvir passos se aproximando e acho que é Jayde até reconhecer o perfume familiar.

— Vamos, Maycon, ontem eu disse que o levaria para fazer seus exames.

— Ah, qual é? Eu ainda estou dormindo, Emily.

— Maycon, vamos? E só para constar, não te gerei por meses para ser chamada de Emily. Vamos, quanto mais rápido você fizer, mais rápido se livra de mim.

Eu abro os olhos e a loira está bem à minha frente, vestida impecavelmente e esbanjando superioridade. Em algum momento, a matemática deu errado para eu ter saído desse útero. Enquanto lavo o rosto, escuto gavetas serem abertas e assim que volto ao quarto, ela joga uma blusa e uma calça em minha direção.

— Qual é, mãe, vai escolher as minhas roupas também?

— Não vai se vestir como mendigo. Eu não entendo, compro tantas roupas para você e nunca o vejo usar. Não gosta?

— Gosto, e justamente por gostar que prefiro preservá-las. — Pisco e ela me ignora, então visto a roupa e lá vamos nós para o laboratório.

Não é um problema ter uma agulha nas veias, não quando sou eu a furar. Eu nunca tive veias boas e esse fato me faz perder a paciência com quem tenta tirar o meu sangue. A mulher tenta em um braço, tenta em outro, mas antes de ela tentar uma terceira picada, eu a ajudo a encontrar a veia. Obviamente isso a deixa sem jeito, mas pelas outras marcas de picadas, ela já deve ter sacado que sou profissional no ramo.

— Vai dar tudo certo — Emily diz quando eu saio. Não sei o que ela quer dizer com isso, mas fico quieto. — Maycon — ela diz quando entramos no carro e eu entrego o papel com login e senha para ela acessar o resultado

que sairá na terça —, eu e seu pai estamos conversando sobre...

— Mãe, por favor, já passamos dessa fase.

— Maycon, nós só queremos ter certeza de que está bem.

— Eu estou. Fiz as minhas escolhas e quero colher exatamente o que estou plantando.

— Você sabe como é difícil para nós?

— Eu sei. — Seguro a sua mão e vejo lágrimas em seus olhos. — Mas vai passar e quando isso acabar, siga em frente sabendo que deu o seu melhor — falo e ela desaba em lágrimas. Merda!

— É cruel a maneira como você espera que eu encare. — Engole em seco. — Quando foi que você cresceu que eu nem vi?

Ela continua lamentando e eu forço o meu cérebro a voar para longe disso. Quase posso escutar a minha voz de menino a chamando, mas construímos muros e eles são altos demais para serem ultrapassados. Eu me lembro de todas as vezes que ela esteve distante em sua própria dor, em como o seu quarto parecia ficar a quilômetros do meu. Eu me vejo durante noites, depois de horas esperando por um pai que não iria mais voltar, subir as escadas e me sentar em frente à sua porta trancada, e depois de chamá-la e não obter resposta, ficar ouvindo suas lágrimas em meio aos seus gemidos de dor. E agora, depois de tudo, é quase insano ouvir como eles se importam. Ela segue por ruas e eu me sinto envergonhado, mas não tenho esperança e não quero continuar aqui com ela, então peço para ela parar em frente a um banco.

— Precisa de alguma coisa? — pergunta, ainda chorando.

— Não, só descer aqui — falo e ela respira fundo.

— Promete que ao menos vai pensar no que eu te falei?

— Claro, obrigado pela carona — digo e saio do carro.

Ela fica alguns segundos esperando, mas sabe que já deu para nós, por hoje cumprimos a nossa parte. Assim que ela se afasta, eu vou para o caixa eletrônico e saco as minhas verdinhas, então lá vou eu seguir o meu manual de viciado. Fazer o que faço de melhor, ir atrás do meu barato e sei que não vai demorar para pirar por causa disso.

Capítulo 11

Ao olhar o valor disponível na minha conta no caixa eletrônico, toda a tristeza que aflige um viciado me invade. Antes eu era o garoto que fazia cálculos de física e era o orgulho dos pais, agora faço cálculos de quanto preciso ter na conta para comprar a cocaína que o seu cérebro precisa. É foda chegar a esse ponto. Eu me sinto sufocado, enquanto tento controlar a imensa vontade de chorar feito um menino.

Não faço ideia de como me virar dessa vez, patético precisar tanto disso, patético sentir o desespero correr por minhas veias mesmo tendo cheirado cocaína ontem. A aflição ao constatar que não tenho o suficiente me faz perambular feito a porra de um cachorro.

Eu me sinto perdido e ando pelas ruas até chegar a uma praça, então me sento no banco e acendo um cigarro. Eu reconheço quase todos os viciados que passam por mim, é quase como se tivéssemos uma marca em nossa testa nos conectando. Alguns estão longe feitos zumbis, mesmo seus rostos não sendo estranhos para mim, eu não consigo os identificar com precisão, apenas uma memória remota de um dia ter estado entre eles.

Pessoas passam por nós como se fossemos invisíveis, mas isso não é algo para se lamentar, apenas a verdade crua. Para pessoas normais, viciados são vistos como lixos, mas aqui, entre os usuários, não há julgamento, se é que isso serve de consolo.

Olho no rosto de cada um e é assustadora a forma como posso me ver nitidamente neles. Ser viciado é uma merda, não existe a possibilidade de usar uma vez e parar, é um ato contínuo. O cérebro de um viciado sempre engana mentindo para si mesmo que é só mais uma vez, mas é furada, você usa e precisa sempre de mais e mais. É uma pena meu pai não entender isso, ele diz que me quer longe de encrencas, mas não está disposto a bancar essa porra. A verdade é que estar longe de fazer merda e sustentar o meu vício são equações que não batem.

Continuo olhando para o nada e em algum momento a dor e o sofrimento se tornam tão ruins, que só consigo pensar que preciso ter cocaína sempre disponível ao lado da cama para conseguir levantar e seguir em frente. É a única coisa que preciso para ficar bem, ser o Maycon que pouco se importa com tudo.

Eu termino o cigarro e volto a caminhar com passos automáticos que me conduzem até um traficante da região. Já houve um tempo em que conseguir drogas era bem mais difícil, óbvio que nunca deixará de ser arriscado, mas você sempre encontra alguém vendendo em qualquer esquina. Não que seja da boa, essa é rara e precisa ter contatos. Eu fico grato pela puta sorte que tenho em conhecer as pessoas certas e, sinceramente, para usar essas merdas da rua eu tenho que estar muito doidão, porque é mais cal do que coca.

Chego à casa de Alex, um traficante das antigas que atende somente quem tem grana, espero que ele não saiba que não pertencço mais a esse grupo. Eu o cumprimento, mas não trocamos mais que meia dúzia de palavras, ele sabe o que eu quero. Só que a porra da minha insistência em fazê-lo baixar o preço denuncia tudo e o faz rir da situação, Alex sabe que estou no fundo do poço e como todo filho da puta quer se aproveitar disso. Então já era para mim, porque quando ele olhar em meu rosto verá que não sou mais um bom cliente, para ele, sou só mais um viciado filhinho de papai que perdeu seu valor. E é justamente aí que ele vê a oportunidade de me oferecer uma opção de conseguir a droga que preciso. O problema é que quando não tem dinheiro envolvido, o preço a se pagar é muito alto.

Quando ele propõe ir buscar a droga dele em outro estado, os resíduos do Maycon que há em mim me alertam da grande furada, mas o meu cérebro e instinto de viciado só pensam na boa quantia que terei caso aceite.

O plano envolve a mulher dele, o seu bebê de um ano e eu. Serão quatro horas de viagem até o fornecedor onde terei que passar por várias barreiras policiais – um percurso que a mulher dele conhece bem –, pegar a encomenda e trazer para ele. Alex está em condicional e se for pego com drogas é cana e condenação na certa.

É um plano imbecil, arriscado e com grande chance de dar merda, mas a cocaína dele é a mais pura da região e esse fato anula qualquer possibilidade de dar errado para mim. Então aceito e no próximo sábado irei com a “minha família” fazer uma visitinha para a “minha sogra”. Essa é a história que terei que contar se for parado, geralmente os policiais não revistam carros quando há crianças e espero que o meu carro não seja a exceção. Como parte do acordo e garantia de que não irei furar, Alex me passa bem mais cocaína do que posso pagar, e de quebra ainda ganho a erva da Jayde. Sou estúpido o suficiente para achar que fiz um grande negócio ao

sair de lá, pelo menos é o que digo a mim mesmo para acreditar nessa grande mentira.

Quando chego em casa, encontro com Jay e Rob e eles parecem curiosos, mas tudo passa assim que mostro o que tenho. Na verdade, não tudo, a maior parte escondo para mim. Os desentendimentos da noite passada desaparecem e estamos novamente tapando as rachaduras da nossa amizade. A droga faz isso, não conserta as merdas, só cobre as feridas com gazes sem colocar remédio algum, e foda-se a inflamação. E chapados, estamos todos prontos a declarar o amor que sentimos um pelo outro.

Jayde sugere fazer uma festa em casa no próximo sábado dizendo precisamos comemorar a nossa volta por cima. E soa ridículo, visto que nunca estivemos por cima, não no quesito drogas. Eu os lembro que a minha mãe não quer festas na minha casa e quando termino de dizer isso, nós três acabamos rindo feito idiotas. Robert começa a falar tudo que meus pais não querem e que eu nunca respeito. Mesmo estando chapado, eu me sinto um menino magoado ao ouvir essas verdades.

Eu fico ouvindo as histórias sobre o garotinho promissor, o filhinho de papai, o amigo foda que todos amam e o resultado dessa fusão se resume a um Maycon viciado sem futuro algum.

Não conto como consegui ou como vou pagar a droga, esse é o nosso momento feliz e não quero bancar o imbecil que vai estragar tudo. Não, não mesmo. Esse é o meu momento feliz, o momento em que eu viajo e nada me atinge.

Para ter realmente um bom efeito em tempo recorde, misturo bem mais merdas do que Robert e quando não é o suficiente para o meu cérebro, eu começo a beber.

Não quero me lembrar das minhas escolhas, só desejo não ter acusações no cérebro, ver os sorrisos da Emily e não as suas lágrimas. Eu quero o Maycon acreditando em tudo que um dia ele disse que seria e em como ele esperava encontrar as estrelas. Não vai durar muito, mas não é isso que dizem sobre a felicidade? Ela não se baseia em momentos felizes? Esse é o meu momento feliz e estou sorrindo com os meus amigos enquanto acreditamos que no fim tudo vai dar certo, que nas rosas há sangue, há feridas, mas há beleza também e a beleza faz com que as toque.

Na segunda-feira, após uma boa carreira, volto para a rotina de

estudante. Antes de entrar na minha sala, eu vejo Isaac e a sua digníssima esposa com o reitor da faculdade.

Merda!

Como sempre, ele deve receber agradecimentos e ser bajulado por suas contribuições financeiras. Assim que ele me vê, eu desvio o olhar e dou as costas, seguindo pelo corredor oposto.

Caminho entre os estudantes e entro em uma sala, sentando-me em uma das últimas fileiras enquanto observo os lugares serem ocupados um a um. Eu respondo oi a todos que dizem meu nome e, cara, acho que todos me conhecem e apesar de saberem que não pertenço a essa turma, ninguém faz objeções, nem mesmo o professor.

Aula é de Psicofarmacologia e não sei que porra estou fazendo aqui, mas, sinceramente, entre mais uma aula chata a ter que encarar Isaac, a sua puta e o reitor com possíveis sermões, prefiro continuar aqui. Quando acho que nada interessante irá acontecer, a garota que deu um show na rua entra feito um furacão parecendo concentrada, como sempre. Ela se senta perto de mim, mas ao contrário da maioria que faz questão de me encarar, ela sequer me dá um escroto oi.

O professor inicia a aula e não consigo prestar atenção em mais nada a não ser nela, a maneira como se mantém anotando tudo que ele fala. Ela parece alheia a todos e pela maneira como o professor aprova o seu comportamento, imagino como a sua santidade deve gostar disso. Apesar de sermos tão diferentes, eu me lembro da sensação que tive ao tocá-la, e justamente isso faz com que eu queira me aproximar mais uma vez. Que diabos é isso? Loucura, com certeza.

Lembranças do nosso encontro vagam pela minha mente insana, fazendo com que eu ria e, enquanto penso em como conseguir a sua atenção, o lápis dela cai no chão e encontro a oportunidade perfeita para ser notado.

Eu me abaixo rapidamente e pego o lápis e entrego para ela, que me ignora e considero isso com um aviso claro para me afastar. Ela se mantém concentrada e apesar de ter me ignorado, ainda estou curioso de como ela reagirá ao me ver. Rebeca dá uma risadinha, mas eu pouco me importo com isso, não é a sua atenção que eu quero e sim da garota que está me ignorando agora. Apenas a dela.

Quando a aula termina, eu peço licença com o intuito de chamar a sua atenção e pelo olhar que recebo, sei que me reconheceu e está surpresa por

saber que estive esse tempo todo aqui.

— Que garota concentrada você é — sussurro e ela fica vermelha de vergonha, então desvia o olhar. Provavelmente se lembrou do desastre de sexta-feira.

Eu me afasto com a última expressão de surpresa em seu rosto gravada em minha mente, e somente depois disso é que percebo que me esqueci dos motivos que me fizeram entrar nessa sala.

Meu telefone vibra e três mensagens aparecem. Robert perguntando onde estou, minha mãe com uma longa mensagem falando sobre os resultados dos meus exames e, por último, Isaac reclamando da minha falta de consideração, como se ele soubesse o significado disso. Envio uma resposta somente ao Robert dizendo que estou a caminho. Ele e a nossa turma de loucos estão me esperando na quadra de baixo, onde fumamos, bebemos vodca e matamos a aula seguinte. Quando dá o horário da próxima aula, Robert e eu decidimos entrar. Ainda estou pensando na garota, que raios ela fez para se manter na minha cabeça?

Os minutos passam e eu fico pensando em como me aproximar. Não entendo por que essa obsessão, mas ela está aqui e vou pirar se não saciar isso. Quando o intervalo se aproxima, eu vou até o refeitório e lá está ela, sozinha em uma mesa. Eu quero me aproximar, mas não sei como se faz isso, nunca precisei, sempre foi o oposto – as pessoas se aproximam, não eu.

Tenho boas intenções e expectativas. Apesar de isso ser novo para mim, quero só jogar conversa fora e descobrir aonde isso vai terminar, afinal, ela me deve um agradecimento mais formal, ainda que não saiba que não precisa disso.

Eu passo por ela e percebo que finge não me ver enquanto encara um livro tentando se esconder do meu olhar. Mesmo notando que a estou encarando, ela não cede. É bizarro esse comportamento e para não ficar constrangedor para nenhum dos dois, espero Robert e Jayde se afastarem. Ao olhar novamente para ela, vejo o desastre acontecer quando ela espreme o ketchup sem perceber que ele estava aberto. O resultado disso é que o molho cai em cima do seu livro, blusa e mesa. Escuto as pessoas rindo e olhando na direção dela, que parece muito envergonhada.

— Tudo bem? — Eu me aproximo e me sento ao seu lado, ajudando-a a limpar a bagunça. Agora que estou tão perto, não sei onde estava com a cabeça para me aproximar, sequer sei o que dizer, então ficamos em um

silêncio constrangedor.

— Você é muito desastrada, sabia? — Tento começar um assunto, e que merda de tentativa.

— Acontece com todo mundo — ela diz e parece desinteressada.

— Não, você não é uma desastrada normal. Vai além disso, entende? — brinco, mas acho que ela não percebe que é apenas uma tentativa de iniciar uma conversa.

Ficamos em silêncio novamente e odeio a forma como estou sendo ignorado. Decido a provar para mim mesmo que é só coisa da minha cabeça, eu toco a mão dela e quando encaro o seu rosto não posso acreditar que ela não consegue sentir o mesmo que eu, ainda que não faça ideia de que porra seja isso. Qual é? Que porra é essa? Será que usei tanta merda que estou paranoico?

Ela continua olhando para qualquer merda que não esteja na minha direção, mas não preciso olhar ao nosso redor para saber que temos a atenção de todos. Terminamos de limpar a bagunça e eu me sinto um merda pela garota ter ficado o tempo todo sem dizer uma palavra. Dupla merda!

— Obrigada — diz, um pouco ofegante ao me encarar.

Que merda! Olho em seus olhos e não quero ir sem conseguir nada, então faço o que juro ser a última tentativa, a mais idiota, por sinal.

— Conhece a Jayde? — pergunto e é notória a sua inquietação.

— Sua namo... A cantora — diz e a sua dedução me faz sorrir.

Ela novamente desvia o olhar.

— É, ela mesma. Bom, vamos dar uma festa no sábado e talvez você queira ir.

Puta que pariu! É sério isso, grande gênio? Está convidando uma santinha que mal conhece e parece não gostar de você para uma festa de viciados?

Agora entendo porque nunca fiz isso, sou péssimo em reconhecer quando desistir.

— Obrigada mesmo, não só pelo convite, mas por tudo que fez por mim até o momento — sorri, parecendo estar sem graça.

— Então, você vai? — pergunto, esperando ouvir uma confirmação.

— Maycon, me desculpe. Eu não quero ser rude, mas olhe para mim e olhe para você. Não curtimos as mesmas coisas e, cá entre nós, não estou interessada em ser da sua turma — ela responde e me deixa sem palavras.

Putaque pariu! É quase surreal. Olho ao meu redor e, sinceramente, não sei como reagir a isso.

— Desculpa. Só achei que... quer dizer, esquece. Você tem razão. — Eu me levanto e saio, decepcionado.

Merda! Não entendo que porra fiz de errado para ser tratado assim, só que é bem foda. Ignoro as vozes me chamando e vou direto para o carro, mas antes de conseguir entrar, ela vem até mim.

— Maycon, me desculpe — diz, parando em frente à porta do carro.

— Por quê? Foi sincera, não precisa se desculpar, você não anda com pessoas como eu, já entendi... — retruco, tentando não parecer chateado, mas vai além disso. Só não sei exatamente o que é.

— Olha, eu... tem cinco minutos? — ela pergunta como se eu não tivesse noção do que ela disse alguns minutos atrás. Se ela não tem um parafuso a menos, é muito sem noção.

— Não.

— Por favor? — insiste. Provavelmente é bipolar também.

— Não tenho, mas se quiser, posso te dar esse tempo mais tarde — digo para tentar me livrar dela, então entro no carro.

— Que horas?

Ah, que porra! Ela realmente está achando que vai rolar? Desvio o olhar tentando entender que merda é essa.

— Às nove da noite, sei lá, por aí... — Eu ligo o carro, mas ela continua me atrapalhando. Como parece que não se toca disso, eu volto a olhar para ela, que sorri feito uma idiota. Sinceramente, agora eu não tenho dúvida alguma, ela não é normal. — Pode me dar licença? Está me atrapalhando para sair. Já disse que estou sem tempo.

— Ah, claro, desculpe — ela diz um tanto sem graça e assim que se afasta, eu dou a partida no carro.

Dou um tempo esperando a Jay aparecer, e quando entra no carro acho que ela não desconfia de nada. Eu tento matar o meu tempo, matar a vontade e tirar a porra da garota da cabeça, então vou com a Jay para a casa do Rob e depois seguimos para a cachoeira. Eles fumam maconha e bebem, enquanto eu mergulho tentando esfriar a cabeça. Mas ela permanece aqui, a maneira como me olhou, o seu sorriso e o que ela me faz sentir quando a toco. Que merda é essa, Maycon?

Quando voltamos, atendo a ligação da minha mãe e recebo um

sermão sobre o estado da minha saúde, o meu relacionamento com meu pai, minhas ações e a maneira como ela acha que eu deveria me comportar. Ela dita as regras, mesmo sabendo que não vou seguir porra nenhuma.

Eu e Rob fazemos trabalho e jogamos videogame. As horas passam e depois que ele vai embora, quando estou sozinho, eu cheiro o meu precioso pó. E novamente a porra da garota invade a minha cabeça.

Tem algo errado, meu cérebro não está processando direito. Eu tomo um banho e quando escuto Jay fechando a porta do seu quarto, eu confiro as horas e vejo que são quase onze.

Enquanto fumo um cigarro, observo as gotas da chuva molharem a rua. Eu tento ignorar o que estou sentindo, mas talvez esteja só curioso para saber o que ela tem a dizer. Decidido a fazer a merda acontecer, eu troco de roupa, coloco a minha touca e vou até ela.

Chego ao campus e entro, então olho as várias portas no alojamento. Que merda! Não posso ir batendo em todas. Mas antes de desistir, eu me lembro da Rebeca e ligo para perguntar se ela sabe em qual quarto a garota do lápis mora.

— Se for a Elena, ela mora na primeira à esquerda do corredor perto do portão. Por quê?

— Nada, curiosidade. Valeu, garota, te devo uma — digo e não sei se ela entende como despedida, mas simplesmente desligo.

Ajeito a touca na cabeça, acendo um cigarro e de frente para a porta, ainda não estou certo se devo bater. Mas bato. Ela abre a porta vestindo um pijama e com o rosto sonolento. Na hora, penso em soltar um “está a fim de sexo grátis?”, mas como ela não é bem-humorada resultaria em polícia, com toda a certeza, então decido pelo óbvio.

— Ainda quer os cinco minutos? — sorrio ao perceber o que está acontecendo.

Ela fica boquiaberta, enquanto dou a última tragada no cigarro e o jogo no lixo próximo à porta. Ofereço o meu melhor sorriso, mas não parece funcionar. Parabéns, Maycon, acaba de fazer mais uma merda. No mínimo, ela irá chamar a polícia!

Que porra, mas foda-se, já foi.

Capítulo 12

— Você disse nove, agora são onze — ela diz, irritada.

Não consigo entender qual é a dessa garota.

— Se não quer, é só dizer que não. Não tem que ficar questionando — falo, esperando ser mandando embora com o resto de dignidade que ainda tenho, mas ela fica segundos me encarando em silêncio.

— Só um minuto, vou trocar de roupa e volto. — Ela muda repentinamente o tom, deixando-me mais confuso.

Ela fecha a porta na minha cara e, após dois minutos, surge com uma roupa que consegue ser pior que seu pijama. Não que eu me importe com isso ou seja um especialista em moda, mas os moletons dela parecem quatro números maiores do que ela realmente usa. Assim que sai do quarto, ela fecha a porta atrás de si.

— Pode falar! — digo e agora é ela quem parece estar confusa.

— Falar o quê?

— Não me pediu cinco minutos hoje cedo? — Eu a lembro.

— Ah é... — responde. — Bom, desculpa por hoje. Expressei-me mal.

Nós começamos a caminhar dentro do campus.

— Tem algum problema comigo? — eu pergunto e ela desvia o olhar.

— Não. Você, provavelmente, vai rir disso. Acho que estou parecendo uma idiota e sempre fico assim perto de você.

Eu começo a rir, porque realmente estou confuso.

— Por quê? — pergunto.

— Você é legal, gentil, mas ainda sou um pouco ingênua quanto à verdadeira intenção das pessoas. Não sei por que, mas, agora mesmo, eu não consigo encontrar as palavras certas para te explicar. É tão confuso.

Ela soa tão sincera, juro que por essa eu não esperava.

— Você é insegura — digo, porque sei bem como é se sentir assim.

— Realmente sou, tenho que me sentir segura para confiar e sair com alguém.

— E é difícil conseguir com que se sinta segura?

Nós paramos perto da entrada, então coloco as mãos em seus ombros e consigo sentir novamente a sensação que tenho ao tocá-la. Quando olho em

seus olhos, eu sei exatamente porque estou insistindo nisso. Ela fica paralisada e sei que está sentindo o mesmo que eu. Apesar de todas as nossas diferenças, nós sabemos que tem algo aqui, basta olharmos nos olhos do outro para termos certeza. Pode parecer loucura, mas eu sei que não estou louco. É imprevisível e completamente novo.

— Não vai me responder? — insisto, tentando conter a vontade que tenho de beijá-la.

— Tem que me provar algumas coisas primeiro.

— Sério? — pergunto, surpreso, e ela confirma com convicção.

— Que coisas?

— Deixe-me ter certeza que você vai me manter segura, que vai respeitar meus limites, e que...

— Isso tudo só para sair com você? — Ainda espero ouvir “estou só brincando”, mas pelo olhar dela parece que realmente é sério.

— Sim, e só sair mesmo. Não vai rolar beijo depois — diz toda séria, então percebo que nunca conheci alguém assim.

— Nossa, foi criada num convento?

— Não. Só não sou como essas garotas com quem você está acostumado a sair.

Se Jayde pudesse ver isso, ela iria rir e confirmaria que não, nunca, para ser mais exato.

— Sei que não, qualquer um percebe quando olha para você — falo, mas ela não percebe a ironia.

— Bom! Já tive meus cinco minutos. Obrigada, vou dormir — ela diz ao se virar na direção do seu quarto.

Só que não estou pronto para deixá-la ir, não agora. Então eu a puxo pela cintura e novamente sinto aquela sensação que me faz querer ir além e pela maneira como ela corresponde ao meu toque, sei que tenho carta branca para seguir, ainda que ela não saiba disso.

— Teve seus cinco minutos. Agora eu quero os meus — falo com persuasão e seguro a sua mão, levando-a a passos largos até o meu velho amigo Opala.

— O que está fazendo? — ela pergunta, confusa.

— Entra! — ordeno.

— Não! — diz, enfurecida.

— Vou te provar que está segura comigo. — Pisco para ela com

charme.

— Não funciona assim — ela diz de maneira firme, mas é só lançar o meu olhar de garotinho pidão para que ela ceda.

— Tenho uma leve impressão de que não preciso de muito para te convencer — falo, olhando de relance para ela.

Ela entra no carro e eu a levo perto de uma mata do lado oposto do campus, um antigo ponto de viciados, mas ela não precisa saber disso. Como eu disse, antigo, agora eles se encontram no barzinho do Joe, perto do campus. Seguimos em silêncio e eu começo a achar que não será tão fácil conseguir me aproximar mais. Ao chegar à mata, eu paro o carro.

— Se sente insegura?

— Não. Não é assim!

Eu saio do carro e ela me segue, sempre observando a estrada, a mata e a chuva fina que cai do céu escuro. Enquanto isso, eu me deito sobre o capô do carro.

— Vem aqui — eu a chamo, achando que é um bom lugar para fazer sexo, espero que ela concorde comigo.

— Não, lógico que não. — Como sempre, ela tem que relutar antes de ceder.

— As estrelas estão lindas. Você vai perder se não vier — brinco.

— Não tem estrelas. Está chovendo.

Uau, sério?

— Sempre tem. Mesmo que você não as veja, elas estão lá — ressalto.

Sem protestos dessa vez, ela vem e se deita ao meu lado, então ficamos olhando a imensa escuridão sobre nós. Eu quero descobrir qual é a dessa garota, e a cada segundo que passo ao seu lado tenho mais certeza disso. Eu me viro e a vejo ainda paralisada olhando para o céu, sei que está me evitando, mas não o suficiente para não me querer, já que está aqui.

— Você tem olhos tristes. Acho que é porque tem medo de tomar certas atitudes —falo ao me referir ao fato de ela não ceder a mim. — Entendo você, sei que é difícil criar coragem em um mundo cheio de pessoas para te julgar e sacanear. — Estou louco para que ela se vire, mas a sua resposta vem com ela ainda mantendo os olhos fixos no céu.

— Acho que todos têm inseguranças.

Ah, merda!

— Verdade...

Apesar de todo o meu charme, ela se mantém firme e com o passar dos minutos fica evidente que não vai rolar. É decepcionante descobrir que Britney mentiu ao dizer que eu nunca iria precisar implorar para ter atenção ou sexo. Bom, parece que não é bem assim. Mas sem nem saber por que, eu acabo me aproximando dela. Qual o sentido nisso?

Eu a ajudo a descer do capô ao segurar a sua mão, então consigo experimentar a descarga elétrica percorrendo as minhas veias ao sentir a sua pele sobre a minha. Sua mão é delicada, pequena e suave, e eu a seguro por muito mais tempo do que o necessário para que essa sensação gostosa não acabe e, em silêncio, eu a levo de volta para o carro.

O caminho até o campus é curto, porém há uma tensão palpável entre nós, então eu abro as janelas para tentar pensar em outra coisa que não seja a garota sentada ao meu lado. Mas ao fazer isso, os cabelos dela voam para o seu rosto e ela tenta contê-los amarrando com um prendedor que tinha no braço. Eu peço desculpas e ela diz que está tudo bem ao mesmo tempo em que sorri para mim, me deixando hipnotizado pelo seu sorriso. Ainda consigo sentir o efeito que o seu pequeno sorriso causou em mim ao chegarmos ao campus. Quando nos olhamos, eu volto a sentir a merda da atração que ela exerce sobre mim.

Por que isso, Maycon? Já deu, cara.

Mesmo com tudo isso que rola entre nós, ela preserva a distância e nada acontece. Apesar de me encarar e sorrir de um jeito mágico, eu sei que é loucura persistir, somos diferentes, caminhos opostos, então acho que é melhor nos separarmos agora, sem mágoas e ressentimentos, apenas um encontro e pedido de desculpas louco. Quando paro o carro e olho em seus olhos e em seus lábios delgados levemente rosados, percebo que tudo nela parece perfeito. Ela não é a garota mais linda da faculdade e eu não entendo, nunca dei atenção a uma garota dessa forma. Para mim sempre foi só sexo e drogas, tudo no primeiro encontro e acabava ali mesmo. Agora o cara que nunca se prendeu a detalhes, está olhando nos olhos de uma garota e achando isso estupidamente atraente e lindo.

Apesar de jurar que meu cérebro não está processando direito, ao invés de me despedir como planejei, faço o oposto.

— Tem cinco minutos amanhã? — digo e sorrio.

— Acho que sim, mesmo horário? — ela diz timidamente, mas, assim

como eu, ela não consegue ignorar o que está acontecendo entre nós.

Você perdeu a chance de recusar, garota, porque a sua resposta vai continuar a mantendo presa à minha cabeça e acho que nenhum de nós precisa disso, não é mesmo?

— É, pode ser... — Nós sorrimos. — Então, tchau — digo, ela sorri e sai do carro.

Enquanto a vejo caminhando, eu me pergunto por que prolongar isso, mas do mesmo jeito que nunca saberemos qual será o destino do universo, eu sei que posso incluir essa pergunta no caderno de perguntas que nunca terão respostas. Ainda que eu tente entender, está longe do meu domínio. Estou atraído por alguém muito diferente de mim e sei que as chances de isso dar merda são infinitas, mas, como diz Isaac, sou bom em fazer merdas.

Chegando em casa, coloco o carro na garagem e é um alívio saber que terei uma boa carreira à minha espera. Entro no quarto e ao conferir o telefone em cima da cama, vejo que Robert me enviou por e-mail o trabalho sobre doenças dos rins para matéria de Nefrologia que preciso fazer a conclusão. Tento me manter focado e cheiro cocaína para manter a atenção, mas o efeito é oposto, ao invés de me concentrar, meus pensamentos fogem e toda a concentração viaja até uma garota estranha cujo o nome é Elena.

Desde o divórcio dos meus pais, eu estava ciente que não sabia lidar com as minhas emoções, e para evitar qualquer merda, eu me certifiquei de sempre estar chapado o suficiente para não me envolver com ninguém. Só que no meio desse ciclo insano, vagando por algumas brechas, conheço Elena e vejo que ela está invadindo as pequenas rachaduras que existem em mim.

Ela é perfeitinha, a garota que ganha medalha por bom comportamento, e eu sou o cara que geralmente estraga tudo, e isso inclui uma grande lista de merdas com o vício em cocaína no topo dela.

Eu não quero me envolver, não quero conhecer o que está além daquele olhar que tanto me atrai. Eu tento de todas as formas, mas meus dedos permanecem digitando enquanto a minha mente viaja nas impossibilidades. Se ela me visse agora, provavelmente correria para longe de mim.

Vou ao banheiro e me encaro através do espelho. Eu tenho resíduo de cocaína no nariz, minhas pupilas estão dilatadas.

Por que ela?

Você sabe o quanto isso é errado, já destruiu a sua vida, não pode

fazer o mesmo com a dela.

Sentir isso é uma merda. Volto para o quarto e quando termino a conclusão sei que está horrível, então passo para o plano B que consiste em mandar novamente para o Robert perguntando se devo mudar algo. Eu o conheço bem para saber que esse é o gatilho que o move, então rio disso.

Eu me deito na cama e sei que amanhã ele terá o trabalho completo em mãos com um sermão sobre a minha merda de conclusão. Fecho os olhos e quase posso desenhar o rosto dela no ar, então me levanto e fumo dois cigarros enquanto rio de mim mesmo por ter esperado fazer sexo com alguém do tipo da Elena. Viajo na ideia de tê-la toda santinha de joelhos me chupando e gargalho feito um idiota da minha grande viagem.

Que porra!

Acordo com o despertador do telefone e ao desligá-lo vejo a mensagem de Isaac na tela me lembrando do aniversário da minha mãe e ainda dizendo para não aparecer drogado, pois é o dia dela e ela não merece passar por isso de novo e blá blá blá.

Foram tantas vezes que fiz isso, que ele poderia ser mais específico e dizer ao qual se refere, mas estou pouco me lixando para a sua merda de mensagem. Na verdade, se eu mostrasse isso para a Emily, ela brigaria com ele, mas para a sua sorte tudo que eu tenho feito é ignorá-lo.

**“Foda-se, Isaac! Vai para o inferno.
É a minha mãe e não a lembre que foi chifrada
e deixe a sua putinha em casa, ou melhor, não vá.
Nós agradeceremos por isso.”**

Envio e sei que ele visualiza, mas não responde.

A minha mãe sempre comemora o aniversário no dia, não importa se cai na segunda-feira ou no sábado. Na boa, se eu não tivesse certeza que saí daquele útero, acho que nós nos evitaríamos. Hoje é só a merda de uma terça-feira e tenho três provas além de um trabalho, e ainda assim sei que ela espera que eu apareça na casa dela.

No aniversário dela, Isaac sempre envia rosas brancas em seu nome e vermelhas em meu nome com um cartão declarando todo o meu amor por ela. E no aniversário dele, Emily envia charutos cubanos em meu nome, só que

nós três sabemos que eu não envio porra nenhuma para ninguém. É uma coisa louca.

No fundo, acho que eles se escondem atrás de pretextos idiotas ou talvez seja viagem minha. Por mais que eu odeie isso, sei que sempre vai existir em mim uma parte do garotinho que esperava que seu pai entrasse por aquela porta e, como mágica, resolvesse toda a merda que ele fez em nossas vidas.

Demoro minutos na cama enquanto fumo meu cigarro barato, porque não sou exigente como eles, então escuto Jay me chamando e sei que vou me atrasar.

Tomo um banho rápido e tento inibir a minha sonolência com o meu melhor remédio, minha coca pura. Eu amo o milagre que esse pozinho faz em mim.

Sigo para a faculdade ouvindo *California Dreaming* do *The Mamas & the Papas*. Entrando na sala, eu vejo Rob mais ao fundo, então eu me sento perto dele e sei que há algo errado, ele não opina em nada e isso por si só é quase um milagre. Fazemos duas provas nos dois primeiros horários e o terceiro custa a passar, do nada estou pensando na garota. Mas, querendo mesmo bancar a porra de um amigo melhor, pergunto ao Rob se está rolando algo, mas ele sorri e diz que não, que está apenas cansado.

— Relaxa, cara! — ele sussurra logo em seguida.

Não falamos sobre o trabalho e no fim do terceiro horário eu o chamo para ir à casa da minha mãe à noite, mas Rob dispensa dizendo ter compromisso. Rob ter compromisso é o segundo milagre do dia e espero que o terceiro seja Elena realizando a minha viagem. Isso me faz sorrir.

No intervalo, eu fico sentado no banco do refeitório e a vejo caminhando ao lado de um cara conversando empolgados, mas quando me vê ela congela e passa a encarar o chão. Eles se sentam à mesa e quando ela finalmente me encara, dou um sorriso e ela discretamente retribui.

Volto para a sala para fazer mais uma prova e no final da aula eu não a vejo. Jayde agora vem com o carro que a minha mãe devolveu e então eu a espero para almoçarmos. Nosso ritual inclui quase sempre almoçarmos em casa, mas hoje ela cismou de que quer camarão, então vamos a um restaurante de frutos do mar.

Eu tento não pensar em Elena, mas de uma forma louca isso não acontece. Não sei se é apenas curiosidade, sexo ou qualquer outra merda, mas

estou obcecado por ela.

À noite, já em frente à casa de Emily, eu vejo vários carros e entre eles reconheço o do Isaac. Seria pedir demais não ter que encontrar com a puta da Jeniffer?

Sou recebido pela nova ajudante dela que nem mesmo sei o nome e logo Emily vem me abraçar.

— Parabéns — falo e dou um beijo em seu rosto. Minha mãe retribui e olha em meus olhos, sei exatamente o que procura. — Estou limpo, mãe, hoje é o seu dia e você merece isso.

Ela me dá outro beijo e sorri. Passamos pela sala de visitas e eu vejo as rosas vermelhas com o cartão.

— Amei as rosas, você nunca esquece que são as minhas preferidas. Erick nunca se lembra — ela diz e eu fico em silêncio. — A propósito, você está lindo.

— Sou seu filho, somos lindos — brinco.

O marido dela se aproxima, então nos cumprimentamos antes de Emily caminhar de braços dados comigo para socializar com os seus convidados, alguns eu me lembro, outros não. Percebo que evita passar perto de onde Isaac está com a mulher e filha, ela sabe o meu limite.

Eu me sento à mesa mais distante e logo um garçom aparece para me servir. Assim que ele se afasta, sinto uma mão em meu ombro. Isaac. Ele se inclina e me abraça, então puxa uma cadeira e se senta ao meu lado. Não sei se é coisa da minha cabeça, mas tenho a sensação de que todos me olham de um jeito estranho, como se eu fosse a experiência bizarra do cruzamento de Emily e Isaac, chego a me sentir como um animal em um zoológico.

— Adorei a sua mensagem de bom-dia. Seria mais romântica se você pedisse dinheiro também — ele diz e sei que está com raiva.

— Sei que não é um bom momento, Isaac, principalmente agora — olho na direção de Erick e da minha mãe. — Deve ser foda para você fingir ser amigo do cara que come a mulher da sua vida, mas não venha descontar em mim, eu só sou o seu esperma que ficou naquele útero por meses. A merda quem fez foi você, não eu — falo e sinto a sua respiração pesada.

— Cresça, Maycon. A vida é bem mais que o seu umbigo — ele sussurra enquanto segura um copo de uísque. — Já que você escolheu essa noite para falar verdades, vamos lá. Reparou como a sua mãe e Jeniffer conversam animadamente? Acho que demonstra que o único problema aqui

está em você. — Ele respira fundo, esperando que eu diga algo, mas mantenho o silêncio. — Eu vou falar só uma vez e espero que entenda o recado. Se afaste desse tal de Alex, porque eu juro que se você for preso, vai apodrecer na cadeia — ele diz e se afasta.

Quando percebo, estou olhando na direção de Emily e Jeniffer, que realmente estão conversando animadamente. É quase como salgar as feridas. Talvez Isaac tenha razão, eu sou o único que vê problema nisso ou, como ele disse, o único problema aqui.

Não fico nem cinco minutos mais, espero apenas que ele se afaste para sair sem ser visto pela Emily. Na minha casa vazia, eu cheiro e bebo uísque barato, depois de um tempo ouço passos e logo em seguida a Jay entra no quarto e me abraça e me beija. Ela está bêbada, pois diz que me ama, e ela só faz isso quando enche a cara.

Nem sei quanto tempo depois eu ouço o meu telefone tocar. Emily. Decido não atender, em seguida aparece o nome do Isaac na tela, mas também ignoro a sua chamada. Ele é um imbecil filho da puta que segue cada passo meu, mas não sei por que se importa, já que disse claramente que eu sou o problema.

Jayde começa a beber direto na garrafa e, do nada, dispara a rir.

— Jay, se você conhecesse um cara tipo eu e sentisse uma conexão, quanto tempo levaria para transar com ele?

Ela me encara com seus grandes olhos azuis.

— Primeiro — diz pausadamente —, está falando de mim?

Cara, ela fala tão engraçado quando está bêbada, que me faz rir.

— Não é você, Jay.

— Ah. — Ela toma mais um gole. — Está com problemas para transar com alguém?

— Não, só queria saber quanto tempo...

— Por quê? Quer transar comigo, é isso? — ela ri com deboche.

— Não é você, é outra pessoa.

— Acha que sou idiota? Nunca conheci alguém que não queira transar com você, porque você é um cara “transável”. — Olho para ela sem entender porra nenhuma. “Transável”? — Vai por mim, é o que todos dizem. — Ela aponta o dedo para mim. — Não estou mentindo.

— O que é “transável”? Nunca escutei essa palavra — respondo com deboche

— Vai à merda, você entendeu. — Ela se joga na minha cama e sei que vai apagar daqui a pouco.

Olho para o celular para conferir as horas. Onze em ponto. Eu pego a minha jaqueta e vou lá para ter os meus cinco minutos com alguém que não sabe que sou um cara “transável”. Sorrio feito um idiota com isso.

Eu bato à sua porta e a ouço conversando com alguém um pouco antes de me atender. Ela fecha a porta atrás de si rapidamente e fica corada quando escuta um boa sorte dito por um homem vindo do quarto.

— É o meu colega de quarto, Keven, acho que você conhece.

— Não... mas tudo bem. Cinco minutos? — falo e ela sorri.

Enquanto caminhamos até o meu carro, encontramos alguns estudantes no caminho que me cumprimentam pelo nome, mas não faço ideia de quem sejam. Eu abro a porta do carro para ela, então Elena entra e sorri.

— Mesmo lugar? — digo ao entrar.

— Claro, apesar de ainda estar nublado — ela diz.

Eu ligo o som e minutos depois o meu telefone volta a tocar, mas não atendo. Isaac insiste tanto, que acabo atendendo.

— Me desculpe. Você não é um problema, sabe disso, mas você complica tudo, Maycon — ele diz assim que atendo.

— O.k. Estou ocupado agora, nos falamos depois.

— Maycon, cuidado, por...

— O.k. — eu o interrompo e sem dar chance de falar, desligo.

— Algum problema? — ela pergunta.

— Não. — Dirijo mais alguns minutos e então chegamos.

Subo no capô e dessa vez ela vem sem protestar, nenhum dos dois se atreve a olhar nos olhos do outro. Quando começa a ficar estranho, eu decido abrir a boca.

— Quer ouvir algo interessante sobre galáxias?

— Claro.

— Um ano galáctico dura em torno de 225 a 250 milhões de anos terrestres.

— Ah, legal — diz, totalmente desinteressada.

Merda! Eu me viro em sua direção, mas como na noite anterior, ela permanece olhando para o céu.

— Cursa psicologia, certo? — Ela assente com a cabeça. — E qual abordagem psicoterapêutica pretende adotar quando iniciar?

Agora ela me encara e gosto desse olhar que ela me dá.

— Sabe as diferenças? — pergunta com certa arrogância.

— Acha que perguntaria se não soubesse?

— Talvez. Para tentar me impressionar? — Ela mais afirma do que pergunta enquanto arqueia uma sobrancelha.

— Psicanálise desenvolvida por Freud, terapia cognitivo comportamental criada por Aron Beck, porém, essa teve como base a teoria behaviorista de Skinner. Tem também a Humanista que faz oposição à psicanálise, e a Gestalt Terapia, que é uma linha dentro da psicologia humanista — concluo e ela me dá um sorriso sem graça.

— Ainda não estudei todas a fundo, então não tenho uma resposta para a sua pergunta — diz em um tom totalmente diferente, diria que até sem jeito.

— Não está errada. Eu não li para te impressionar porque faz anos, mas já li um pouco sobre isso — sorrio e isso a faz sorrir.

Ela se vira em minha direção e ficamos nesse impasse de evitarmos os olhares, porque é foda reprimir essa droga de imã. Mas ele está aqui, conectando dois estranhos.

— Maycon, por que está me trazendo aqui? — ela pergunta de uma maneira doce.

Eu poderia ser sincero, mas talvez a sinceridade a faça recuar e eu não quero isso.

— Sei que somos opostos, mas algo me diz que podemos...

— Ser amigos? — ela completa e eu desvio o olhar.

— Claro — respondo um tanto decepcionado.

Eu olho para ela e é quase como ter heroína nas veias. Ela me transmite paz, uma sensação de que não importa o que vem a seguir, ou talvez eu esteja carente demais hoje.

Elena começa a falar sobre o seu dia na faculdade e como está sendo ficar longe dos pais, então percebo que ela teve uma criação severa e segue regras como se a sua vida dependesse disso. Assim como eu, ela se sente sozinha, e apesar de mundos opostos, talvez isso seja nosso algo em comum.

Não acontece beijo, nem hoje nem na quarta-feira, mas começo a ter uma necessidade de cinco minutos com uma garota onde posso ser apenas o Maycon, sem acusações ou drogas, mesmo que elas estejam correndo em minhas veias. Mas conversar com alguém que está além desse mundo me faz

reviver o garoto que um dia eu fui.

Sempre que nos despedimos, ela quase me faz desejar ter outra vida, querer ser um cara de quem ela pudesse gostar. Um do seu mundo, mas não sou e acho que a droga da depressão começa a me pegar de jeito, porque eu me sinto péssimo quando olho para ela. Mas antes de desmoronar na sua frente, eu a deixo no campus e volto a ser o Maycon que todos gostam, mas que ninguém conhece de verdade.

Uma coisa eu tenho certeza, quando ela conhecer a verdade sobre esse Maycon, ela irá desaparecer, e é por isso que quero esconder toda a merda. Porque sei que preciso dos meus cinco minutos em sua vidinha perfeita.

Capítulo 13

Desesperado, chego em casa com a intensa vontade de tirar essa angústia de mim. Eu não estou entendendo mais nada, não faço ideia de que porra estou fazendo com essa garota. No capô do meu carro parece tudo perfeito, mas aqui, cheirando pó, eu sei que é errado, que somos errados. Sei que não há chance alguma e os números não estão a meu favor.

Como em um ciclo vicioso, a coca me leva ao intenso prazer, mas na mesma intensidade sou jogado para a lembrança de Elena, que continua vagando pela minha mente. Eu me sinto estúpido por mantê-la aqui.

É loucura. Nunca precisei ou me prendi a alguém, sei que não sirvo para ela e quando olho em seus olhos isso fica mais do que confirmado. Mas qual o momento exato para colocar um fim? Posso apenas parar de ir? Ela irá sentir a minha falta ou não fará diferença? Posso apenas ignorá-la, ignorar tudo que ela me faz sentir? Um tudo que mal conheço.

É foda passar noites acordado me dando mil motivos para não ir e, às onze da noite, estar ansioso para ter a merda dos cinco minutos com alguém que deixou claro que não tem interesse em ser da minha turma. Turma essa que nem mesmo existe.

O telefone toca e na quarta vez eu olho para a tela. Chamadas perdidas do Robert. Depois de finalmente desistir, ele envia uma mensagem perguntando se tenho um papelote para ele. Consigo sentir o seu desespero e lamento por isso, mas não estou disposto a dividir a pouca coca que eu tenho. Ainda que ele ache que é muito, para mim não é.

Eu preparo mais carreiras e olho para os papelotes, me perguntando em qual deles a morte me espera? Qual me fará ter uma parada cardíaca, dando um fim a minha vida medíocre de viciado?

Volto a cheirar e meu nariz sangra. É uma merda. Tiro a blusa e a pressiono contra o nariz. Decido a não abrir mão de nenhuma grama, eu pego a seringa e misturo o pó com *lítio*, então sigo para a cozinha para terminar a minha mistura louca com o limão para conseguir tirar Elena da minha cabeça.

Acordo com a seringa na veia e o pensamento confuso. Não faço ideia do que aconteceu, foi diferente dessa vez, mas aos poucos o meu cérebro

começa a processar tudo ao meu redor. Estou no meu quarto, sozinho.

Eu jogo a seringa em um canto qualquer, deito-me na cama e sinto o vazio, um vazio tão grande que o desespero rasteja sobre mim. Tudo se vai – a autoconfiança, o ego, o amor – e como sempre fica a vergonha, a tristeza e a solidão me sufocando. Com meus pensamentos correndo a mil, consigo ver o olhar da Elena me seguindo, mostrando que sou um imbecil ao tentar me infiltrar em sua vida perfeita, então fica claro que não posso continuar com essa ilusão.

Não ter nenhum motivo válido para continuar é um bom motivo para colocar um fim. Eu poderia dizer que estou envergonhado, que tenho muito peso na consciência e que estou frágil demais e não suporto as pedras, elas machucam muito. Mas ninguém escutaria, porque estou sozinho. Olho em seus olhos distantes e tento disfarçar a dor, mas é maior do que eu.

Elena se torna Emily. Eu poderia dizer a ela que sinto muito por ser quem sou, que sinto muito por toda dor que causei a ela. Poderia dizer que tentei parar algumas vezes, mesmo que ela não acredite nisso, mas as minhas tentativas só são visíveis aos meus olhos, é o grito de um eu que está morrendo dentro de mim.

Eu poderia dizer mil coisas, todas diferentes de tudo que dizem de mim, mas não existe sorte em dados viciados. Olho para Elena e ela continua apenas me observando.

Em minha escuridão, eu me aproximo da sua luz, poderia dizer que a quero, mas nós não somos o certo. Eu poderia dizer a Elena que estou quebrado, que a minha felicidade se resume a química que posso ter em meu corpo.

Ela entenderia, mas por que isso é tão importante para mim? Poderia dizer que pessoas dizem coisas a meu respeito, mas que se ela me desse uma única chance eu mostraria que elas não conhecem a verdade.

Eu respiro fundo várias vezes para tentar me afastar desses fantasmas. Não tem Elena, Emily ou porra alguma, são apenas vozes em minha cabeça, peso em meu coração quebrado e um idiota que afirmou para si mesmo que cocaína cura.

E agora aqui, jogado em seu próprio inferno, é obrigado a admitir que ela não faz isso, apenas te oferece migalhas de felicidade enquanto te escraviza. E depois que isso acontece, não existem milagres, apenas esperar pela dose que trará a morte.

Eu confesso que estava confuso sobre sentir essa atração. Por que ela? Mas a resposta é óbvia, sua perfeição um dia foi a minha, um dia eu fui o centro desse mundinho perfeito até cair como um anjo rebelde. Ver Elena flutuando na luz me fez lembrar e salgar velhas feridas, me fez querer ser como ela, porque ela é especial e eu não sou. Não mais.

Pensar em tudo que ela é e em tudo que eu sou me faz desmoronar, mas eu tenho a química e com um sorriso de escárnio, a cocaína está sempre de braços abertos esperando que eu me afogue nela. Eu corro para o seu abrigo e ela me aceita sem julgamentos. Sob o seu efeito, eu minto para mim mesmo que ainda existe alguém que se importa, mas apesar de saber que ultrapassei todos os limites e que ninguém mais se importa, ela alivia a minha dor.

Ela me fala do garoto que está lá fora esperando atrás dos portões do mundo normal, em como seu coração se quebra a cada tentativa de entrar. Fala da sua dor, mas não posso senti-la. Quando finalmente me deixa olhar para os olhos daquele garotinho, sinto muito por vê-lo lá, sozinho, sinto muito por saber que os portões não irão se abrir para ele. Consigo ver como está perdido e quebrado, mas ninguém mais vê a sua dor, eles veem apenas um viciado e esperam ardentemente que ele cumpra o seu papel e pague o preço por ter se envolvido com as drogas se tornando mais um número na estatística.

Eu entendo que ela não me queira, mas posso continuar observando pelas rachaduras durante cinco minutos para viajar até o seu sorriso. E sei que se eu tivesse outra vida, nós poderíamos nos encontrar e lá eu não seria esse Maycon quebrado. Sei que teria a chance de negar os rótulos e ser o cara que ela gostaria de ter ao lado. Eu poderei beijá-la e o sol iria voltar e iluminar a minha pele. E se por algum remoto momento alguém nos jogasse na cara quem eu fui nessa vida, apesar de todos os erros, eu explicaria os meus motivos, mostraria as minhas feridas e ela entenderia porque fiz tanta coisa errada.

Mas não é assim que o mundo funciona.

Eu não sou novo nessa estrada e sei o que me espera, já estive por aí e vi de tudo que se possa imaginar. Pessoas “normais” ficando loucas, perdendo a cabeça e sendo cruéis. Vi pessoas cruéis tendo um lado mais humano e, no último momento, até mesmo compaixão. Vi pessoas tendo viagens loucas e dando o último suspiro, deixando essa vida para trás.

Fui julgado muitas vezes e algumas me machucaram, mesmo hoje não posso afirmar que não ferem mais.

Eu poderia dizer a Elena que ter presenciado tudo isso – o melhor e pior das pessoas – permitiu que eu tivesse um olhar mais apurado das questões que antes eu julgava importante, porque quando se chega a esse nível de percepção, por incrível que pareça, você se torna mais humano.

É no colapso entre morte e a vida, entre caos e paraíso, que você aprende que não importa o quanto acredita estar apto, se não é com você, não fale a respeito ou julgue. Cada um sente a sua dor e a medita como convém.

Por mais que as pessoas achem que os viciados são irresponsáveis, a verdade é que tudo que eu queria era não sentir mais dor. Eu entrei nesse barco ingênuo demais, mas nesse mundo não existe uma segunda chance para pessoas assim, infelizmente, na altura do campeonato já não tinha alternativa, a cocaína ocupava e direcionava o meu caminho. Eu achei o que procurava, mas, por consequência, eu causei dor.

Em uma noite, eu cheguei em casa e vi Emily chorando porque há dias não tinha notícias minhas, aterrorizada com a ideia de ter perdido o seu garoto especial, eu estava tão chapado e foi horrível o fato de ter que encarar que eu causava dor à pessoa que eu tanto amava e queria proteger. Foi difícil ter que encarar a minha mãe, difícil ter que olhar em seus olhos e me ver em sua dor.

Já cansado daquela situação, eu escrevi uma carta pedindo que ela me perdoasse, explicando que nenhuma dor era eterna e que um dia ela teria apenas lembranças. Um dia eu voltaria a ser o seu garotinho especial e ela saberia sempre onde me encontrar. No túmulo.

O meu erro foi achar que aquela carta explicaria tudo, fazia com que ela entendesse, aconteceu o oposto disso. Emily ficou puta comigo e foi a briga mais intensa que tivemos. Ela entrou no meu quarto e gritou pelos quatro cantos todas as merdas entaladas na garganta. Se eu fechar os olhos, ainda consigo vê-la jogando tudo pelo chão, até mesmo a minha cocaína.

Aquilo doeu mais do que as suas palavras, porque era tudo que eu tinha para usar. Eu corri na direção do rastro branco e fiquei como um cachorro tentando cheirar as gramas espalhadas. Ela ficou perplexa quando me viu daquela forma, foi então que ela entendeu o que a cocaína era para mim. Eu me levantei e a segurei pelo braço, praticamente entre gritos eu a joguei para fora do quarto. Essas lembranças mostram bem quem o Maycon é

e as pessoas que falam de mim, não fazem ideia disso.

Você quer me conhecer, Elena? Quer conhecer esse Maycon que, apesar de todas as merdas, passa noites implorando perdão, mas não tem coragem de encarar os pais?

Eu queria que a cocaína tirasse isso, Elena, que ela levasse embora as merdas e que toda a dor passasse. Mas ela é só uma química, no fim sou eu que tenho que encarar as merdas que o Maycon chapado faz. Dói saber disso, ser esse cara que me leva ao limite, porque eu sempre tenho motivos para pedir perdão e, infelizmente, não posso prometer não cometer os mesmos erros. Eu queria, mas não tenho forças para não ser esse cara, porque eu preciso disso.

Esse é o Maycon que todos amam e odeiam, mas, se quiser, posso mostrar o meu “eu” de verdade, o cara por trás de toda química, porém, já aviso que é só depressão e fragilidade.

Por mais que eu queira que isso passe, não vai passar, então prometo a mim mesmo que amanhã será a nossa última vez, mas não me ignore, apenas diga algo para uma mente insana, diga algo do tipo “foi bom te conhecer, eu guardarei isso como uma boa lembrança.” Quando eu for embora, siga com isso, pois apresentei a você a minha essência, então a leve sempre com você.

Pela manhã, eu me forço a seguir em frente, é só mais um dia como todos os outros. Eu olho para a bagunça do meu quarto e vejo papelotes, sangue, agulha e resíduos de pó. Ao me encarar no espelho, tento esconder todas as rachaduras em mim.

Robert pede carona e eu estranho o fato de ele não pedir para a Jayde, só descubro o motivo quando eu a vejo na sala esperando por mim, mas não faço perguntas, apenas seguimos para o carro. Quando Rob entra no carro em frente ao seu prédio, rola aquela risadinha de deboche entre ele e Jayde.

— Maycon, soube que você está desenvolvendo um novo projeto — ele diz e eu o encaro, um tanto confuso. — Quanto tempo leva para perverter e viciar uma virgem? — Os dois gargalham e eu ignoro, colocando o carro em movimento. — Qual o lance entre você e a garota de psicologia? — ele insiste.

— Não tem lance — falo, querendo deixar a conversa morrer. — Só gostamos de conversar um com o outro.

Ele dá uma risada sarcástica.

— E eu gosto de mulheres — ironiza — Qual é, cara, não somos amigos?

— Não tem nada, só conversamos — olho de relance para ele.

— Era dela que você estava falando aquele dia? De quanto tempo leva para uma garota querer trepar com você? Lembra, Maycon? — Jay diz com cinismo.

Eu sequer olho em sua direção, odeio quando ela faz isso. Ela não tinha nada que tocar no assunto, sei que só fez isso para colocar mais lenha na fogueira.

— Não acredito. Está tentando transar com ela há dias? Puta que pariu! Estou feliz por ter vivido tempo suficiente para ver o grande Maycon implorar por sexo e levar um pé na bunda.

— Não sabe se isso vai acontecer, Robert.

— Maycon, caia na real, cara. Você não é esse tipo, não curte garotas assim. Você gosta das loucas.

— Vai à merda, Robert.

— Na boa, vocês estão a anos-luz de distância do outro. Procurei conseguir informações sobre ela, e você não vai se sair bem, Maycon. Os professores estão de olho, cara, o conselheiro quer você longe da garota santinha.

— Que porra é essa? Por isso veio com esse papo ridículo?

— Maycon, na boa, cara, foda-se o que rola entre vocês, mas todos estão falando. Os professores acham que é uma brincadeira cruel da sua parte e depois do que fez com a Cheryl, não vão permitir nenhuma gracinha sua.

— Algum deles ao menos se deu o trabalho de perguntar o que ela acha disso? Eu não estou tentando foder com ela, nós só conversamos, Rob, e...

Ele me encara, pega o meu cigarro e isqueiro, então acende um, enquanto Jay fica apenas nos observando.

— Maycon, você é viciado, porra, então foda-se as suas boas intenções, ninguém quer ouvir sobre isso. Todos querem que você fique longe dela, então seja lá que merda tem com essa garota, ela não é para você. As pessoas estão comentando e, sinceramente, é ridículo ver você com ela. Não é porque a sua vida é uma merda, que tem que fazer a dos outros uma merda também. Então, antes que fique complicado para você, se afaste dela ou vai se ferrar por isso — ele diz e coloca os óculos escuros.

Apesar de ele estar com raiva porque eu o ignorei ontem, tem mais verdades aí do que eu gostaria de ouvir. Então estão falando que estou brincando com ela ou coisa do tipo. Que porra! Nós só conversávamos.

— Já dei o recado. Se afaste dela, porque, sinceramente, essa idiota ingênua não precisa de alguém como você, seja como um amigo ou qualquer porra que pretende com ela.

— Robert, vai pra puta que pariu! — respondo.

— Ah qual é, cara, olha só pra você, Maycon. Você não tem futuro, mas ela sim, então seja lá que viagem é essa, é melhor colocar um fim. Deixe a garota pra lá e vamos sair hoje, ou amanhã. Nós três. Você precisa curtir putas como você, é o que gosta — ele ri. — Vamos perder a linha, chapar todas e sábado vamos curtir de novo, na sua casa. Entrará para a história essa festa. — Ele toca o meu ombro. — Esse é você, e o melhor, somos seus amigos e não tem que bancar o santinho com a gente — ele sorri e liga o som, então seguimos.

Robert às vezes é cruel comigo, mas eu também sou com ele. O problema é que nunca se sabe se nosso “eu” está chapado o suficiente para aguentar essas merdas. E o meu não está, cheirei todo pó que tinha na noite passada, então não tenho nada agora.

É foda! Eu não quero ouvir verdades tristes sobre um cara chamado Maycon, não hoje, então fodam-se todos eles.

Eu não saio da sala nem mesmo na hora do intervalo. As horas passam e eu percebo porque sempre tenho que estar chapado para manter a minha mente insana longe das verdades que as pessoas pensam e dizem de mim.

Volto para casa e à tarde falo com minha mãe. À noite, Jayde me chama para sair com ela e Rob, mas eu não quero. Não hoje.

Depois que como o resto de uma pizza, pego uma garrafa de vodca e vou até o piano. Fico horas dedilhando canções que ainda não escrevi, mas que estão na minha cabeça, e entre um cigarro e outro volto ao quarto. Apesar de estar pouco me lixando sobre o que as pessoas andam falando, Elena não é o tipo que ignora, ela tem uma boa reputação e sei que pretende mantê-la assim.

Eu me forço a ignorar as horas, mas nada me convence de que não merecemos um adeus, então esqueço todos os grandes conselhos e às dez vou até ela.

Bato à sua porta, ansioso, me sentindo condenado por palavras que não saíram da sua boca.

— Oi — ela atende quase que imediatamente.

— Oi — digo e quero parecer melhor do que estive hoje.

Ela sorri e é esse sorriso que confirma que estou certo e todos errados, então fodam-se eles.

— Não te vi hoje no intervalo, não foi à faculdade? — ela diz, fechando a porta.

— Fui — começamos a caminhar —, mas estive ocupado.

Enquanto nos aproximamos do carro, percebo que ela ignora os olhares curiosos, mas eu sinto como se eles me demonizassem. Antes que eu destranque o carro, ela já está com a mão na maçaneta. Hoje Elena não está de moletom, mas com um jeans que mostra claramente as suas curvas. Eu tento não me pretender a nenhum desses detalhes, mas quando entro no carro, o seu perfume me intoxica de uma forma prazerosa. Antes de dar a partida no carro, olhamos nos olhos um do outro e sei que poderia tentar, mas não conseguiria fugir disso.

— Hoje eu tive uma prova difícil e não consegui me concentrar. Quer dizer, não era difícil, eu só não conseguia manter a atenção — sorri de uma forma tímida.

Eu ligo o carro e o coloco em movimento. Assim que chegamos ao local de sempre, ela é a primeira a sair do carro e se deitar sobre o capô.

— Sabe, acho que tenho que encontrar uma maneira de te manter longe dos meus pensamentos. Amigos fazem isso o tempo todo, é normal pensarmos nos amigos, mas eu preciso me concentrar nos estudos — ela diz olhando em meus olhos.

Ouvir isso me faz rir. Será que posso dizer a ela que a minha maneira de a manter longe é ficando chapado? Posso dizer que hoje não tenho cocaína e não quero ficar sozinho?

Posso usá-la para anestesiá-la a dor? Amigos fazem isso, Elena? Nós somos amigos?

— Está calado hoje, aconteceu alguma coisa? — ela diz, interrompendo os meus pensamentos.

— Não. Amigos são bons ouvintes, só estou te ouvindo — minto e ela sorri de uma forma gentil.

Desvio o meu olhar antes de sentir quando ela se aproxima e coloca a

cabeça em meu ombro. Há um universo entre nós, ela é como uma estrela Polar e eu uma cadente, nenhuma probabilidade de dar certo. Elena toca o meu braço e o desejo me consome ao sentir o calor da sua mão delicada, e em uma tentativa tosca de me controlar, eu evito encará-la.

— Hoje eu falei com meus pais e...

Ela continua falando e percebo que não posso continuar ao seu lado. É muito confuso. Eu não quero me apaixonar por ela, é só química, uma merda de química que o seu cérebro produz quando se apaixonava. E se é realmente só isso, eu tenho todos os dias com a cocaína. Mas se é só química, por que estou me iludindo em expectativas?

Ela fala algo e sorri, então volto a olhar em seus olhos e me sinto apavorado. Pelo seu olhar, sei que espera que eu diga alguma coisa.

— Hoje eu falei com a minha mãe também. — As palavras saem e eu pareço muito estúpido.

Que merda! Provavelmente a conversa dela com os pais não era sobre vícios.

— Então, mesmo sem saber estamos fazendo as mesmas coisas. É uma conexão, não acha? — ela diz, sugestiva.

Desvio novamente o olhar, me sentindo muito idiota. Que porra é essa, Maycon?

— Claro — sussurro e a única certeza que tenho é que preciso ir embora. — Elena, desculpe, mas não posso ficar — digo e volto a olhar para o seu rosto. Estou apavorado, mas não quero que ela perceba.

— Por quê?

— Trabalho. Mas amanhã eu vou estar aqui, quer dizer, nós dois estaremos reforçando o nosso laço de amizade. — Que porra estúpida acabei de dizer. Não era para ter dito isso, era só para dar o fora e pronto.

— Tudo bem, então vamos.

Como sempre, eu a ajudo a descer do capô e a deixo no campus, decidido a não voltar mais. Eu ligo para a Jay e pergunto onde ela está, então ela me passa o endereço de uma festa.

Dirijo por várias ruas até me cansar, então paro o carro no acostamento e tenho a imensa vontade de voltar e dizer a Elena que quero mais cinco minutos, que fui idiota e não tenho porra nenhuma para fazer. Quero dizer que estou com medo porque ela é muito inocente e eu não mereço alguém como ela. Medo porque todos têm razão e quando ela souber

a verdade sobre mim, não serei eu a dizer que não pode mais ficar.

Capítulo 14

Vou ao encontro dos loucos, porque é justamente a eles que eu pertencço. Estou perdendo a cabeça por alguém que mal conheço e preciso dar um basta nisso, preciso manter essa garota fora da minha mente. Eu não quero continuar me sentindo um rato que busca vida fora dos bueiros, não me encaixo mais nisso. Foda-se isso também.

Só preciso deixar essa merda para lá, não quero enlouquecer, não sem ser da maneira que sei fazer isso. E o melhor jeito de manter Elena longe é com a química e as pessoas loucas. Fumo três cigarros enquanto dirijo pelas ruas, as luzes coloridas da cidade agora me parecem melancólicas demais.

Olho para o banco do passageiro e consigo ver a porra da garota sentada me encarando. Cacete! Feito louco, eu paro novamente no acostamento e encaro o volante esperando isso passar, mas é inútil.

— Sabe, Elena, você não deveria estar aqui. Não deveria invadir os meus pensamentos como se eu tivesse dado permissão para isso. Não é certo, olha pra você, olha pra mim. Sabem o que dizem de mim? — Eu encaro o seu rosto e ela sorri. — Você não faz ideia, não é? Eu sou o cara cujo nome é sinônimo de péssimas escolhas. Tem mais tatuagens e vícios que qualquer pai poderia tolerar e, claro, o tipo de pessoa que nada tem para acrescentar, só te faz afundar. — Ela continua com seu sorriso sincero. É só imaginação, minha imaginação. — Eu quero você, garota, quero mesmo, mas olhe para mim. Estou feito um bebê com medo de encarar tudo. A lista do que dizem de mim é tão imensa, e incluem bem mais erros que cometi, mas acho que ninguém está disposto a checar a veracidade das histórias para eliminar as mentiras, afinal, sou eu, garota. Sou só alguém que não vale a pena, não para alguém como você, não alguém como eu.

Eu respiro fundo e coloco o carro em movimento novamente até o endereço da festa. Mando uma mensagem para a Jay, mas quem vem me receber é uma garota que parece ser bem mais nova que eu e, claramente, nota-se que não pertence a esse mundo, mas isso não a impediu de dar uma festa para essa gente louca.

— Prazer te conhecer, Maycon — a ruiva com os cabelos cacheados e franja e um rosto quase sem maquiagem diz ao fechar a porta, então sorri gentilmente ao me indicar o caminho. — Ouvi falar muito de você — diz

com simpatia. É uma pena ver um rosto tão inocente entrando nesse mundo.

— Normal, as pessoas sempre têm o que dizer sobre mim. —
Retribuo seu sorriso, mas não pergunto o seu nome, não quero ter um nome para lembrar quando souber de como a sua vida virou uma merda.

Passamos pelo corredor abarrotado de pessoas se agarrando, alguns colocam a mão sobre mim como se eu pertencesse a eles, as fragrâncias dos perfumes se misturam ao álcool e a erva no ar.

Na sala, eu vejo Jay e Robert, e apesar de olharem e sorrirem quando eu aceno, sei que eles mal me reconhecem.

— Bem-vindo à festa.

Escuto as suas palavras, mas a visão à minha frente me parece bem mais interessante. Vou até a mesa coberta de bebidas e drogas – doce, bala, pó, erva e cachimbo. Alguém aqui sabe mesmo como dar uma festa. Pego uma vodca na esperança de conseguir tirar Elena da cabeça e me sento perto do Roni, um carinha louco que ama um pó que conheci nos *corres* da vida. Sem cerimônia ou um ritual de preparo e sem que eu possa dizer exatamente quando começou, eu me vejo em uma disputa com ele de quem cheira carreiras mais rápido.

Não é o melhor pó da região, mas é de graça e isso conta. Após boas carreiras, olho ao redor e acho engraçado como a garota que me recebeu agora parece tão perdida em meio a todos nós. Fico observando como ela tenta a todo custo se encaixar, mas as pessoas não estão aqui por amizade ou a porra de consideração, somente pela curtição de graça.

Não julgo, não vou sequer me lembrar do seu rosto amanhã e ela vai continuar sendo apenas alguém desconhecido para a maioria aqui. É bizarro, eu sei, mas gosto de ficar entre as pessoas esquisitas que pouco se importam com a porra da vida, sem regras, presos como eu nessa merda de névoa, sem procurar a saída, apenas caindo e rastejando.

Eu pego qualquer merda que me passam e quando dou por mim estou fumando erva. Todos parecem tão felizes, a vida é colorida e divertida, não temos tempo para tristeza ou para encarar as nossas merdas. Estamos perdidos e foda-se isso, ninguém quer voltar para casa, aliás, não temos casa, não hoje, somos só nós aqui, unidos como uma grande irmandade.

Eu vejo tudo de uma maneira divertida e feliz, todos estão sorrindo e dançando, então olho na direção do Rob e vejo ele e Jay se beijando. Isso meio que desperta um sinal em mim, quase como receber uma descarga

elétrica para voltar à realidade. Quando eu percebo a merda que ele está fazendo, eu tento dizer algo, mas a música está muito alta e todos estão envolvidos com ela.

Robert agora passa a mão no corpo de Jay e posso ver quando chega aos seios dela. Não faço ideia que viagem é essa ou o que ele está querendo provar, mas eu o conheço bem e sei que se continuar com isso vai se arrepender depois. Jay corresponde ao beijo e assim que para ri feito louca, está tão fora de controle quanto ele.

Depois de pegar algumas drogas, eu vou até o sofá e me sento ao lado deles, então falo que estão cometendo um erro gigantesco que pode arruiná-los. Mas eles só sorriem para mim, estão longe demais para notarem quem sou. Eles voltam a se beijar e quem não conhece quase acredita na história de que estão apaixonados.

Basicamente é isso que a droga faz, ela anula o seu verdadeiro eu e te faz viajar em possibilidades que normalmente não existiria se você estivesse lúcido.

Alguém se senta ao meu lado, mas ainda estou muito focado em Jay e Robert para me dar o trabalho de olhar. Eles estão em um quase sexo e tem pessoas com o celular na mão, mas não posso afirmar se estão mesmo filmando.

Eu não sei se existe um momento ideal para interromper e impedir os dois de fazerem merda, mal sei se consigo fazer isso, mas tenho certeza que vai dar merda e vão se arrepender depois.

— Que garoto mal-educado. Vem à minha festa e não se dá o trabalho de cumprimentar a anfitriã. — Bem diferente da garota que me recebeu na porta, uma voz quase sensual ecoa ao meu lado.

Eu me viro em sua direção e vejo uma mulher de cabelo escuro cortado na altura do queixo sorrindo de maneira maliciosa.

— Prazer, Maycon Sebastian Callier — ela diz e apesar de sermos estranhos, ela sabe quem eu sou. — Ouço falar muito de você.

Ela parece ser bem mais velha do que a maioria de nós e está vestida com um macacão preto social, sem contar que também não parece pertencer ao nosso mundo. É, no mínimo, bizarro.

— Parece ridículo perguntar isso, mas você me conhece? — Estou confuso sobre ter realmente perguntado ou não.

Ela me examina e sorri.

— Quase, Maycon — diz e não é viagem, sei que me escutou.

— O quê? O que quer dizer com quase?

— Bom, na verdade eu conheço duas versões do Maycon. A contada pela minha chefe e a outra versão, por minha melhor amiga. — Ela vira a taça que está em sua mão e eu encaro o seu rosto tentando entender que merda é essa. — São duas versões opostas e intrigantes, então cá estou eu, querendo descobrir qual versão vou tomar como verdade, a dita por Emily Bens ou Cheryl Watson? — ela diz com malícia enquanto passa a língua nos lábios sedutoramente.

Porra!

Em que merda você se meteu agora, Maycon? Jura que está na festa de uma louca que conhece a sua mãe e a Cheryl? Como diz Isaac, sou bom em fazer merdas e me superar fazendo merdas piores.

— Me mostre a melhor versão e juro que ninguém terá problemas por essa noite.

— Minha mãe sabe sobre Cheryl?

— Tem algo para saber? — pergunta, provocando.

— Não que eu me importe — digo e desvio o olhar.

— Acho que ver seu garotinho lindo cheirando cocaína é pior que saber que ele dormia com a professora, não acha? — Engulo em seco. — Somos amigas de infância, aquela que te recebeu é a minha irmã. Vamos, teremos uma longa noite e juro que o melhor ainda está por vir. — Ela pisca e se levanta, esperando que eu faça o mesmo.

— Cada um conta o que convém, talvez nada do que tenha ouvido sobre mim seja verdade.

— Concordo. A sua mãe fala de um garoto prodígio, inteligente, lindo e que tem um grande futuro pela frente como médico. Sejam sinceros, esses adjetivos não se encaixam ao cara que minutos atrás acabava com a cocaína da festa — ela sorri, querendo que eu me sinta inferior, mas não digo nada. — Já Cheryl, a coitada fala de um garoto com sérios problemas consigo mesmo e que apesar de toda ajuda que ela lhe deu, ele partiu seu coração.

— Ajuda? Sério? — Consigo rir ao escutá-la.

— Não leve pelo lado pessoal, ela ainda está apaixonada por você. Obviamente guarda mágoa por não ter tido seu amor correspondido. Vamos? — ela insiste.

— Não vou lugar algum com você. Não tenho que ir e nem acho que

tenho motivo para isso.

— Qual é? Não banque o difícil, é apenas mais diversão. E para ser sincera, você é bem mais atraente e lindo que a sua mãe ou Cheryl conseguiram descrever, estou mesmo interessada.

— Não coloque a minha mãe nisso. Desde quando trabalha com ela?

— Entrei na advocacia do Perlon há um ano, mas somente agora consegui ser a assistente dela em um caso. Você sabe, ela é a melhor. Mas esse também se tornou o meu motivo para encher a cara. A sua mãe é controladora e exigente demais, mas agora entendo toda a sua fonte de frustração, deve ser difícil para ela ter um filho como você — ela fala como se fôssemos íntimos.

— Olha, eu não sei que porra é essa que está tentando, mas não vai rolar. Ninguém se aproxima de um estranho falando da mãe ou da professora que pagava cocaína para ele em troca de sexo. Você é patética e precisa melhorar se acha que sou como eles. Não vai me comprar, não hoje, e boa sorte com a sua chefe! — falo e seu sorriso se desfaz, provavelmente essa verdade a Cheryl não contou a ela.

— Uau! São assuntos frágeis para você — ela me lança um olhar de ironia. — Sei que não consegue encarar os seus medos, sequer tocar neles, provavelmente, tem muita mágoa, mas já é crescidinho e precisa aprender a lidar com isso. Não pode evitar tudo que tem medo, Maycon, às vezes só tem que encará-los. Essa é a melhor forma de vencê-los.

— Parece a minha mãe falando, ao menos já está aprendendo alguma coisa — debocho e ela sorri, então dá alguns passos. Na mesma hora eu penso na Elena e no oceano que eu coloco entre nós, penso no meu medo e sei que ela merece alguém melhor, mas por que não ser sincero e tentar? Por que não afundar nisso e encarar?

Ao invés de ir atrás da louca ou tentar separar o Rob e a Jay, eu me viro na direção da saída, ao ver que estou indo embora ela grita.

— Qual é? Já paguei por essa noite, você cheirou todo o meu pó — diz de maneira debochada, e eu mostro o dedo do meio para ela.

— Vai à merda, imbecil! — grito quando chego perto da saída.

Entro no meu carro rapidamente e sigo para a minha casa.

Passo a noite acordado e pela manhã eu me sinto um lixo. Resolvo da forma que sei resolver e na faculdade evito um possível encontro com Elena.

Chegando em casa depois da aula, vejo a porta do quarto de Jay aberta e ela jogada na cama. Não entro e não falo nada, só passo direto. No telefone, vejo as inúmeras mensagens do Robert implorando para entrar em contato, mas no momento eu não sei o que dizer, então deixo isso para mais tarde.

Fico isolado no meu quarto esperando o tempo passar. Emily me liga e ao falar com ela sei que está por fora de tudo que aconteceu na noite passada, caso contrário, agora eu estaria ouvindo um sermão. Escuto alguma vida vindo do lado de fora, então parece que Jay e seus planos para festa estão novamente a todo vapor.

À noite sigo para o meu lugar de sempre, uma semana e estou novamente na porta dela. Para uma pessoa normal é pouco tempo, mas para alguém que nunca se importou e segundo seu histórico médico não tem muito tempo pela frente, é tempo demais para perder com alguém que não enxerga o quanto estou a fim.

Quando ela abre a porta, eu olho em seus olhos. Se ela fosse mais objetiva, as coisas não seriam tão confusas para mim como estão agora.

— Oi — falo quase sem voz.

— Oi, Maycon — ela diz e sorri.

Eu não sei mais como me portar perto dela, não sei que porra essa garota quer comigo, mas também não consigo colocar um fim.

— Quer dar uma volta comigo? — brinco e ela sorri.

Merda. Depois disso, ela não precisa de muito para me convencer de que esse é o melhor lugar para se estar. Deitado no capô do carro olhando para o céu, tenho certeza que esse é o céu mais lindo que já vi, mas não são pelas estrelas, e sim por ela estar ao meu lado.

Nós nos olhamos intensamente, mas evitamos as palavras, nesse momento eu quase acredito que é real, mas a minha insegurança não me permite ir tão à fundo.

— Hoje tem estrelas — ela diz olhando em meus olhos.

— Sempre tem, garota.

— Elena — ela sussurra tão próximo e, Deus, ela não faz ideia de como isso me faz querer beijá-la.

— Ainda prefiro garota — sussurro.

— Por quê?

— Não sei dizer. — Desvio o olhar.

— Jayde sabe que tem vindo aqui comigo?

— Não devo satisfações a ela. Moramos juntos, nada mais — falo, mas ela não se convence. Se está preocupada, acho que é um sinal de que posso ir adiante, talvez ela não pense o mesmo que o resto das pessoas.

Olhos em seus olhos novamente e seguro a sua mão enquanto escorregamos pelo capô. Eu a puxo contra mim e, já de pé, penso em beijá-la, mas não sei se posso, então eu a abraço e sei que depois disso não vou ter a chance de recuperar o controle. Estou intoxicado por ela, cheirando Elena e me viciando em sua química doce.

— Às vezes, eu me sentia um pouco... solitária. Com saudade de casa.

Eu a mantenho em meus braços. Nós podemos ficar aqui toda a noite?

— Normal para uma garota da sua idade.

— Não sinto mais. Acho que você preencheu essa minha carência — ela fala como se realmente se importasse, como se eu significasse algo para ela.

Elena me dá as costas e não, não vou desistir agora, então passo as mãos em seus braços e percebo que estão frios. Eu tiro a minha blusa e visto nela antes de a virar para olhar em seus olhos e puxá-la contra o meu corpo.

Estou hipnotizado pelos seus olhos, mas quero bem mais do que isso. Eu toco o seu rosto delicadamente e beijo seus lábios. Não por muito tempo, mas o suficiente para me dizer porque é diferente com ela.

Ela se afasta repentinamente. Droga! Eu fui longe demais? Os sinais estavam errados? Eu cometi um erro?

Novamente, Elena me dá as costas.

— Até quando vai prolongar isso? — pergunto e a faço se virar novamente.

— Achei que era amizade — ela diz, mas está óbvio que sentiu o mesmo que eu.

— É só amizade para você? — Meu coração acelera com a possibilidade de tudo ter sido projetado por minha mente insana.

— Sim — responde e seus lábios dizem algo, mas não é o mesmo que seus olhos.

— Tenho certeza de que não estou sendo rude, mas essa atitude sua está acabando comigo. Está arruinando tudo. Qual o problema? Fiz alguma coisa errada? — Tento deixar tudo às claras, mas esse é um jogo do qual eu sou péssimo e posso estar perdendo sem ter me dado conta disso.

— Não. É que disse que não teria beijo — ela fala, desajeitada e

ofegante.

É um alívio ouvir isso.

— Não teve, não ainda. — Eu a puxo contra mim e ao beijá-la sinto que nunca mais vou ser o mesmo.

Eu continuo beijando-a e toda a falta de confiança e as vozes que ecoavam na minha cabeça estão distantes agora. Somos apenas nós dois, posso ver claramente as luzes vermelhas indicando que estamos ultrapassando limites, mas as emoções que ela causa em mim me fazem ignorá-las.

— Tudo bem, tudo bem. Parei — sussurro quando ela tenta parar as minhas mãos.

— Você é um safado.

— Esperei uma semana para te dar um beijo e ainda me chama de safado! Como assim?

— Tudo bem — ela diz e sorri.

— Deixe-me conferir se você não engoliu meu piercing. Ah não, ele ainda está aqui — brinco.

— Aí, você é chato! Que nojo.

— Você adorou.

Ela não diz nada, apenas sorri.

— Vai à minha festa amanhã? — digo, ignorando que a festa é da Jay e eu sou apenas um convidado.

— Não sei, convidou muitas pessoas?

— Só você! Jay que sempre chama.

— Não vai ganhar pontos comigo por causa disso — ela brinca.

— Já sei disso.

Ela se vira e quase pergunto se temos a possibilidade de dormirmos aqui hoje, mas acho improvável sendo quem ela é. Eu a encaixo no meu abraço e começo a beijar o seu pescoço, me deixando infectar por essa nova droga. E ela não precisa fazer nada para me excitar, só por tocá-la eu enlouqueço.

— Pare.

— Parar o quê?

— Você sabe.

Acho que deve estar se referindo ao fato de eu estar excitado.

— É normal. Não seria normal se não desse sinal de vida, não acha?

— sussurro, provocando.

— Por que só fica de touca? — Ela muda de assunto e sei que é um pretexto para me afastar.

— Porque me acostumei. Qual o problema? Não gosta?

— Prefiro sem — ela diz, desesperada para mudar de assunto.

— É só você não usar. Que tal mais um beijo? — insisto.

Ela se aproxima timidamente e volta a me beijar. É um delírio, mas, novamente, quando tento mais intimidade a garota pira e se afasta.

— Já entendi — sorrio.

— Terão regras.

— O quê? Por quê?

— Vamos namorar e vai ter que se comportar.

— Espere aí. Como assim, vamos namorar? — Eu a encaro esperando que ela diga “te peguei”.

— O que você pretende? Aproveitar e depois cair fora?

Caralho! Ela realmente fala sério.

— Estamos em pleno século vinte um e você quer namorar?

Será que sou um cara que se encaixa nisso?

— E ser a única também.

Eu fico em silêncio, não pela sugestão em ser a única, mas por ser sinônimo de problema, e não sei se ela tem ciência disso.

— Dá para rebobinar a fita, voltar esse beijo e sermos só amigos?

— O quê?

— Vou aceitar namorar com você, mas só dessa vez. — Eu pisco, fazendo charme.

Se eu dissesse que nunca fiz isso, ela acharia que estou mentindo. Mesmo que eu não seja um cara para se namorar, eu a quero, e se esse é o caminho para tê-la, tudo bem, vamos por ele, então.

— Que horas são? — ela pergunta.

Apesar de pouco me importar com as horas, olho para o meu telefone.

— Três e quarenta e sete.

— Ai, meu Deus! Tenho que ir — ela diz.

Os minutos seguintes são opostos a tudo que eu vivi, e quando eu a deixo no campus sei que isso me pegou de surpresa.

Capítulo 15

Enquanto sigo pelas ruas que me levam de volta para casa, penso sobre isso. A palavra casa costumava fazer sentido quando éramos eu, Isaac e Emily, depois deles é só um lugar para ir quando não se tem mais opções.

Entre baforadas de cigarros e ruas vazias, os pensamentos quase gritam. Agora eu tenho uma namorada e nem sei como funciona esse lance de namorar. Eu sei as regras, mas não sei ao certo se ela entende onde está se metendo.

Eu penso no beijo e sei que não faz sentido, mas estou muito envolvido e ela me faz sentir como se não precisasse de mais nada a não ser estar em seus braços, como se ali eu finalmente encontrasse o meu lugar. Merda! Eu sei que não vai durar muito tempo e quando acabar vou estar fodido, literalmente, mas o importante sempre foi viver o momento e eu quero vivê-lo enquanto essa garota me quiser por perto.

Quando entro em casa, encontro tudo em absoluto silêncio. Pelas horas, eu imagino que Jayde esteja dormindo. Eu não tenho pó, o último papelote que cheirei pela manhã foi o que eu trouxe da festa, então Elena e nosso possível namoro começa a se distanciar dos meus pensamentos, e agora a minha trilha permanece no que vou encarar assim que o dia nascer.

A imagem de Emily me vem à mente. Se der merda, eu não quero que ela vá me ver na cadeia, mas sei que ela estará lá se isso acontecer. Sinto muito por ela, mas eu sou o cara que Isaac diz, o que está sempre cavando mais fundo no seu poço.

Droga!

Pensar isso é foda. Ao considerar a possibilidade de dar merda, eu me pego pensando em como Elena poderia reagir se soubesse que assim que o dia amanhecer o seu namorado estará na estrada indo buscar droga para traficante. Olhando de fora parece uma merda, mas é a verdade de quem eu sou e isso provavelmente não se encaixa no seu plano perfeito. Só que não existe plano perfeito, não quando eu estou incluído nele. Isaac sempre diz que eu não espero os problemas surgirem, eu os crio. Mas, foda-se, eu não me importo mais com o que ele pensa de mim.

Na verdade, a maioria das pessoas está longe de conseguir entender que você afunda em seu mundo solitário e obscuro, a única coisa que

possibilita encontrar emoções, luz e felicidade, ainda que momentâneas, é a droga. Ela é a sua única chance de voltar a sentir a merda da felicidade, de preencher o vazio e tapar os buracos internos que existe em mim. Ela não cura as feridas, mas me impede de senti-las e isso é tudo que preciso, então eu não penso se sou capaz de fazer algo ou se é certo ou não. Eu só penso que preciso conseguir de novo e não importa o que eu faça, eu vou ter.

Isaac não entende, ele acha que eu só quero ferrarr com ele e a minha mãe. Ao olhar para o retrato de Emily, engulo a vontade de chorar. Não é sobre ela, é sobre mim, eu preciso disso, mãe, mais do que tudo.

Existe uma teoria que diz que para um eixo psicológico maximizar a sua melhor performance, a pessoa tem que criar um estado de ansiedade produtiva e através disso chegar a sua obra prima. É isso, quando a minha coca acaba, eu chego a esse estado de ansiedade extrema, e ela me obriga a agir sem pensar em porra nenhuma.

O vício faz isso. Você não se importa com o que dizem, ainda que machuque muito, dói mais estar limpo e, para não ter que encarar julgamentos, você precisa e quer ficar chapado novamente.

Robert continua por horas mandando mensagens, uma mais depressiva que a outra. Pelo visto, ele transou com a Jayde e não está sabendo lidar com isso, se sente culpado porque acha que a usou para tentar provar para os pais que não é gay. Ele continua as suas confissões e ao contrário dele, eu sempre soube escolher as minhas e, sinceramente, eu não preciso e nem consigo dizer porra alguma para ele agora. Eu só preciso me concentrar no que terei se tudo der certo, então decido deixar do outro lado da porta toda a insegurança de ter que encarar a merda que virá se tudo der errado.

Robert continua insistindo, está desesperado e espera que eu diga algo. Eu nunca fui bom nisso, eu estava lá, premeditei que isso aconteceria e não fiz porra nenhuma porque a coca estava fodendo comigo e quando ela faz isso, ela anula o Maycon que está disposto a ajudar.

Às cinco da manhã estou obstinado em conseguir uma boa coca e é só nisso que me concentro. Em frente ao Alex, ele me apresenta a mulher dele e ri quando diz que agora ela é minha, assim como o seu moleque também. Ele traz a cadeirinha do bebê que tem um compartimento falso onde colocaremos a grana que depois iremos substituir pela coca.

Dou uns tiros antes de pegar a estrada, ter cocaína correndo pelo meu cérebro me faz ignorar a parte que me diz que sou filho da puta por aceitar

levar um bebê tão inocente para buscar drogas. Tudo isso só confirma que eu mereço essa desgraça que é a minha vida.

Acertamos tudo e a mulher louca dele traz o bebê, o coitado está dormindo, mas eu estou chapado e mando um foda-se para o que resta da minha consciência.

Querido, eu te amo.

Querido, você é o melhor.

Maycon, eu sempre estarei aqui com você...

Querido, vou ter que ir te ver na cadeia, você vai fazer isso comigo?

A voz da Emily fica na minha cabeça enquanto dirijo.

Foda-se, Emily! Foda-se você, foda-se eu...

Se bem que acho que se eu for pego, Isaac paga para me matarem. Tenho certeza que ele prefere isso a ver Emily tendo que ir à cadeia.

É isso que a coca faz, Isaac, ela me maltrata pra caralho, me faz ir ao inferno, mas ela sabe foder gostoso comigo, então tudo que eu faço é correr feito um cachorro e implorar para ela não me deixar. Isso é o inferno, meu inferno, nosso inferno, e nosso amor está um pouquinho além dele, então é preciso atravessar isso para tocá-la e deixar que seu pozinho milagroso me envolva no seu amor. Todo amor que ela faz com a minha cabeça.

Depois da paranoia sobre Emily e Isaac, a puta do Alex começa a contar que engravidou no tempo em que ele esteve preso e que agora eles estão juntos. Não tenho interesse algum em ouvir porra nenhuma, mas ela fala demais e não dá para colocar o som no talo por causa do bebê.

Caralho!

Que mãe se preza a isso? Mas depois de quase duas horas ouvindo sobre ela e seu amor pelo Alex e como ele é um cara “bacana” – que puta cara bacana –, sei que ela está iludida mais do que eu pela cocaína. Ela fala de um jeito engraçado, não é dessa região, mas não faço pergunta alguma, vai que ela ache que estou interessado em saber, aí essa porra vai continuar conversando até meus ouvidos estourarem.

Estrada, poeira e nós dois com um bebê. Quando ele acorda e começa a chorar ao olhar para mim, eu encosto o carro. Ela pega a bolsa para dar mamadeira a ele e, depois disso, vai ao mato se aliviar, então continuamos.

O momento mais tenso é passar por policiais, mas eles não nos param. É um alívio. A garota diz que é uma cidade de caipiras e que a polícia não desconfia de tráfico de drogas, não existe viciados aqui, então se tornou uma

perfeita rota de tráfico.

Eu sei que isso pode ser só papo furado e que podemos estar indo para uma armadilha, mas não quero pensar nisso. Paramos para almoçar e ela paga tudo, depois de voltarmos para a estrada, a louca começa com outro assunto de que sou um carinha até gostoso e pergunta se tenho namorada. Eu consigo rir disso, nós rimos. Cadê o seu grande amor pelo Alex?

— Tenho namorada — falo e ela sorri de um jeito enigmático.

— Qual o nome dela?

— Elena.

— Sobrenome?

Ah, que porra é essa? Olho para ela e, em seguida, pelo retrovisor para o seu bebê.

— Não sei, não sei seu sobrenome.

— Qual a idade dela? — insiste.

— Não lembro.

— Qual é, cara? Não sabe o sobrenome da sua namorada e nem a idade? Está de sacanagem, né?

— Começamos ontem. Temos algumas horas de namoro, mas faça uma lista que no próximo encontro eu juro que pergunto — digo, deixando-a sem graça.

Adentramos na cidadezinha e é um lugar muito pacato, como ela havia dito. Chegamos a uma mata e seguimos até uma pequena fazendinha, que segundo ela é do traficante da região, então estaciono em frente ao que parece ser um galpão que tem vários caras armados rondando. Ela sai do carro e vai conversar com um cara, então entra com ele no galpão e me deixa no carro com o bebê.

De repente, dois caras armados com fuzil começam a rodear o carro e olham tudo, em seguida abrem a porta e me mandam sair. Faço isso com um fuzil apontado para mim, então vou ao banco de trás e pego o bebê. A mãe desnaturada cujo nome eu nem me lembro vem até nós, pega a grana e, em seguida, seguimos por uma porta no fundo.

Entramos em um depósito de cocaína e lá consigo ver balança, embaladores, tudo que envolve esse mundo. Quando eu vejo a quantidade de cocaína por ali, meus olhos brilham. Aqui é o paraíso. Se Robert visse essa porra, ele morreria de tanto rir.

Fico vendo os caras armados trabalharem dividindo a cocaína e ela é

tão branca como cristal, tão linda, consigo até me ver dando um belo tiro ali.

— É a mais pura da região — o cara que está embalando diz.

Trocamos uma ideia federal de como funciona a porra toda por aqui. Consigo me ver trabalhando aqui numa boa, eu e Robert, mas aí o cara diz que podem até fumar maconha, mas que se cheirar eles são apagados, o chefe não aceita, então lá se vai o meu projeto de vida feliz.

Bob é só mais um aqui, mas ele me conta que Alex conheceu um dos caras que trabalham para o chefe na cadeia e ele deu o canal para Alex conseguir comprar essa mercadoria. Quando pergunto se a polícia não aparece aqui, o cara diz que fazem vista grossa porque gera muita grana.

Quando a garota volta com cinquenta quilos de cocaína, ela abre o banco e coloca uma parte dentro fundo falso e o restante na cadeirinha do bebê. Nós nos despedimos e pegamos a estrada novamente. Não passamos por nenhuma barreira policial e é um alívio quando, no final da tarde, estamos entrando na nossa velha cidade.

Mas ao invés de irmos para a casa do Alex, seguimos para a casa dela, ele nos espera lá e sorri quando vê que seu plano foi perfeito. Depois de tudo que passei, o meu pagamento se resume a duzentos e cinquenta gramas de cocaína pura, é ridículo e nenhum idiota se prestaria a isso. O cara vai fazer uma grana preta com a coca e me dá a merda de duzentos e cinquenta gramas pelo serviço, e ainda acha que eu sou idiota. Mas seria mais ainda se quisesse discutir com Alex, ele é filho da puta e me apagaria aqui mesmo, ainda assim, é cocaína pura. Eu costumo usar dez gramas por dia das merdas que vendem por aí, mas essa aqui, tão pura assim, vai durar por quase um mês.

No caminho para casa, pelo GPS, sou avisado que tem uma barreira policial perto da minha rua, já são quase sete da noite e não vou dar esse mole, então mando uma mensagem para o Robert dizendo que estou a caminho. Não espero a sua resposta e nem leio as várias mensagens anteriores, ele e Jay que resolvam as suas merdas e que não me coloquem nisso.

Chego ao seu apartamento extasiado, louco para dar aquela cheirada. Robert vem com aquela “choração” a respeito dos pais, mas quando eu mostro o meu cristal ele fica louco, muda totalmente o foco e lá vamos nós experimentar o que passo a considerar a melhor coca da região.

Eu me lembro da festa da Jayde ao ver as suas quinze chamadas perdidas no meu telefone. No mínimo, ela deve estar puta comigo, mas estou

feliz demais para deixar qualquer coisa me atrapalhar. Cheiro outra carreira e o efeito é muito intenso. Eu amo esse pozinho mágico da felicidade.

Rob cheira e antes mesmo de sentir a porra do efeito, o cara começa a vomitar. Eu rio feito louco, nem sei por que, não tem graça alguma. Ele não está acostumado com uma pura dessas e por isso vomitou, mas não consigo parar, estou feliz demais. Eu tenho a cocaína mais pura da região e isso é o suficiente para mim.

Então, depois de tempos ouvindo Robert e suas lamentações, eu me lembro que agora estou namorando e tenho que ir buscar a Elena. É triste ter que deixar a minha coca com Robert, então faço mil recomendações e prometo que amanhã, assim que vier buscar, darei a ele cinco gramas. Pois é, Alex acabou de gerar um filho aqui. Separo um pouco para mim e escondemos o restante. E, mais uma vez, faço as recomendações.

Já no carro, eu me encaro no retrovisor e vejo que estou com as pupilas muito dilatadas e agora a porra do meu nariz está escorrendo também. Mas estou muito feliz e de quebra tenho uma namorada que espera por mim, que quer que eu a busque para curtirmos juntos, ainda que o curtir não inclua sexo. Eu me sinto bem, sinto como se tivesse doce correndo por minhas veias e amo essa sensação.

Paro em frente ao campus e um pouco mais recomposto. Sei que a minha doce e angelical namorada não faz ideia de como foi o meu dia. Bato à sua porta e quando ela abre fico hipnotizado por ela, obcecado em saciar o meu novo vício – seus beijos.

Planejo uma noite perfeita para nós na minha cabeça, e a cocaína me dá confiança o suficiente para acreditar nisso, que minha garota e eu somos perfeitos juntos.

— Oi — ela diz com um sorriso lindo no rosto.

— Oi — digo, e apesar de querer beijar a sua boca, faço isso em seu rosto.

— Chegou cedo — diz, enquanto tranca a porta do quarto.

— Cheguei, estava na casa de um colega meu. Vim de lá, passei aqui e ainda tenho que tomar banho — falo ao me lembrar do meu dia louco.

— Está lindo para um cara que ainda não tomou banho. — Ela pisca e isso me deixa sem graça.

Nunca me preocupei em como me portar perto de alguém, mas ela é tão doce e gentil. Então tento ser outro cara porque ela merece que eu tente.

— Você está gripando? — ela pergunta, pegando-me de surpresa.

Sei que é porque estou fugando, mas não sei o que dizer. E como continuo fungando, ligo o som do carro para tentar distrai-la. Não sei por que fico ansioso quando estou perto dela, Elena desperta em mim aquele cara que eu gostaria de esconder – frágil e com muita culpa.

Quando finalmente chegamos em casa, ela parece impressionada, mas nem faço ideia do porquê.

— Quem são? — ela pergunta, enquanto eu estaciono.

Cara, que merda. Cadê a porra da confiança em mim mesmo que eu deveria ter?

— Seguranças do meu pai.

— Mora com seus pais?

— Não, só com Jayde. É que sou filho único e eles querem ser os primeiros a saberem se algo acontecer comigo — explico, mas ela não faz ideia o que isso significa.

Espero que Jay não faça uma cena por eu não ter atendido às suas ligações, sinceramente, não tenho certeza se ela se lembra do que houve entre ela e Robert.

Entramos e eu cumprimento algumas pessoas, então Jayde vem em nossa direção e nos olha de cima a baixo.

— Oi — ela diz lentamente. Eu conheço bem esse olhar cínico e debochado.

— Oi — Elena diz, sem jeito.

— Jay, vou subir para tomar banho — falo e ela entende o recado. — Quer subir ou ficar? — pergunto a Elena sem conseguir olhar para ela.

Ela é tão diferente do meu mundo, que me sinto culpado por trazê-la aqui. Todos estão olhando para ela como se fosse inferior, mas eles nem imaginam que nós somos os merdas aqui, não ela. Fodam-se todos.

— Vou com você — ela diz, então subimos a escada.

Quando entramos no meu quarto, a minha guitarra está em cima da cama com o meu caderno, notebook e amplificador. Sei que Jay armou essa. Eu pego o meu pó e sem que Elena perceba eu o guardo na gaveta. Então me viro em sua direção e... merda, estou perdido. Sem jeito, eu me aproximo e ao perceber que ela está mais à vontade, eu me atrevo a beijá-la. Um beijo que ela corresponde deliciosamente, nesse momento, eu quero que ela saiba que estou sendo sincero sobre tê-la ao meu lado. Continuamos nos beijando até

que me lembro que ela estabeleceu um limite, então sem chances de continuarmos.

— Linda casa! — ela diz quando nos afastamos.

— É só uma casa. Vou tomar banho, quer tomar comigo? — brinco e ela me lança um olhar do tipo “sério, isso?!” — Imaginei que não! — digo e entro no banheiro.

Tomo o meu banho ciente de que não sei exatamente como fazer isso funcionar. Quem é o louco aqui, eu ou ela?

Assim que termino, eu saio com uma toalha enrolada nos quadris e noto quando ela fica vermelha.

— Algum problema? — pergunto assim que a encontro perto de uma foto da Emily.

— Não, é que adoro fotos.

Vou até a estante, pego uma revista para guardar dentro da gaveta, mas nesse momento o meu canudo cai aos seus pés. Caralho! Provavelmente ela sabe o que é, mas então finjo que não vi e vou ao closet.

Depois que eu me visto, volto ao quarto e guardo tudo que Jay deixou sobre a cama e, em seguida, eu me deito e a chamo para fazer o mesmo. Elena me olha parecendo surpresa, mas não quer dizer que faremos sexo, ainda é cedo e podemos matar o tempo por aqui. Justifico isso só para mim, mas percebendo que ela não virá, eu me sento na cama sem saber o que fazer. É uma merda não saber conduzir a situação, tudo para ela parece ser ofensivo.

Eu ligo para a Jay e pergunto se ela pegou o *doce* e a *bala* que eu trouxe da festa na quinta e ela confirma que sim.

— Tranquilo — digo e desligo.

Eu olho para a Elena e ela ainda se mantém distante, então acho melhor descermos.

— Vamos para a festa, garota — sugiro e me aproximo para segurar a sua mão.

Todos os amigos da Jay estão aqui, alguns poucos da faculdade, apenas pessoas como nós, e apesar de todos nos olharem com curiosidade, eu quero que Elena saiba que não importa em qual porra de mundo estamos, juntos podemos curtir como se não houvesse amanhã.

A música eletrônica ecoa possuindo as pessoas em cada canto. Jogo de luzes na sala, bebidas e muitos estão fumando um *beck*. Ela parece muito

assustada e surpresa.

Meu anjo, é só um baseado, não é o fim do mundo. Para ser sincero, não é nem o começo em se tratando desses loucos aqui.

— Quer beber alguma coisa? — Tento chamar a sua atenção para mim.

— Não — ela responde e fica óbvio que não quer estar aqui.

— Qual é o problema?

— Quando nos encontramos naquela festa, no bar, me disse que aquele não era lugar para mim, mas qual a diferença daquela para essa?

Merda!

— Ah! É isso. Aqui eu conheço todos que entram, lá entra qualquer um. — Eu poderia brincar dizendo que aqui ela terá carona de volta, mas pelo seu olhar é uma furada sequer tentar.

Mas, apesar de tudo, ela é um anjo inocente e eu a trouxe para o inferno. Está nítido em seu rosto que é a sua primeira vez nesse mundo, então não tem como ser diferente.

Decido pegar as bebidas e ao passar pelas pessoas e ver a quantidade de bebidas disponível, sei que Jay estourou o cartão da Emily. Vai dar merda para mim. E para a minha sorte, não tem sequer um refrigerante para oferecer a Elena, mas tem vodca e eu pego uma. Estou olhando para a Elena de longe quando sinto mãos em minha cintura. Jay e Francine.

— Quem é aquela garota, Maycon? — Francine pergunta maliciosamente curiosa.

— Um anjo que o Senhor enviou para mim — digo e elas gargalham.

— E você merece um anjo? — ela insiste, então olho para elas.

— Não, mas agora eu vou ser bonzinho porque isso faz parte do plano divino.

— Você irá pervertê-la e será condenado por isso — Francine diz com deboche.

— Ou ela me converter em um santo, quem sabe? — Pisco com charme e sei como ela está odiando a minha atitude.

Eu me afasto das duas assim que vejo uma garota insistindo para que Elena fume.

— É fácil, você acende, puxa, prende e, depois de sentir o efeito, você solta. Cara, isso é bom demais! — ela insiste.

Sei que Elena vai surtar se eu não intervir, então pego o *water pipe* e

entrego ao PlayIII. Ela fica me encarando enquanto eu bebo, e sei que a cada segundo ela odeia mais esse lugar, então vou até o DJ e peço para ele tocar *Mamma Mia* do A-Teens. O cara acha que estou zoando, mas quando percebe que não, ele ri e coloca.

Eu me aproximo dela, então Elena se levanta e eu começo a beijá-la. Posso sentir o olhar de muitos me condenando por isso, mas fodam-se todos. Ela tira a vodca da minha mão e coloca em uma mesa que está perto.

Tudo bem, meu anjo, você é melhor que vodca e estou pronto para me intoxicar de você.

— Gostou? — sussurro de forma provocante.

— Gostei — ela diz e tento voltar a beijá-la, mas Elena se esquivava e pega a minha mão, me guiando pela sala em direção ao corredor.

Ao encostar em seus lábios, sei que quero ter uma overdose de Elena essa noite. Eu a beijo com todo tesão que essa garota desperta em mim e a cada beijo tenho certeza do que quero. Cara, é surreal como tenho tesão nessa garota, ela me deixa louco e sequer consigo me lembrar de limites.

Continuamos nessa até que eu sinto a Jay passando a mão em minha cintura. A maneira como ela faz não deixa dúvidas de que é ela, então afasto a sua mão enquanto continuo beijando Elena, que solta uma risada.

— O que foi? — pergunto, curioso.

— Nada — ela me puxa para outro beijo e acabo mordendo a sua língua de leve.

— Pare — ela diz com malícia, mas é óbvio que não quer que eu pare.

— Ah! Tem uma brincadeira legal. É assim: coloco minha língua na sua boca, você tem que tentar me morder. Quem conseguir primeiro tem que fazer o que o outro pedir —falo, já contando com a minha vitória e feliz por saber que quando acontecer eu vou sugerir ir para o meu quarto.

Apesar desse *charminho* que ela está fazendo, estamos cientes que queremos um ao outro. Ela pensa um pouco e depois dá um sorriso malicioso.

— Tudo bem, você primeiro.

Eu me aproximo e começo a tirar e colocar a língua dentro da boca dela e quando ela tenta morder, eu tiro. Olho em seus olhos e fico hipnotizado, esqueço que estamos em uma disputa até sentir a sua mordida.

— Ai que porra! Não é para morder forte — digo, sorrindo.

— Ganhei — ela comemora.

— O que você quer? — falo com esperança de que ela peça para

irmos para o meu quarto.

— Não vai beber.

Cacete! Jura que é tudo o que quer, garota?

Eu volto a beijá-la e ela se entrega de uma forma que me enlouquece, então perco a noção e as minhas mãos começam a percorrer o seu corpo. Amo sentir cada pedaço dele.

— Maycon, por favor, qualquer um pode ver. Pare! — sussurra.

— Vamos para o meu quarto? — sugiro maliciosamente.

— Não.

— Não vamos fazer nada, eu juro. — Tento convencê-la entre beijos.

— Então podemos continuar aqui — ela sorri, me provocando.

— Acho que o corredor está pequeno para vocês — Jay aparece e diz com um sorriso no rosto.

— Meu quarto vai ficar menor ainda — respondo, olhando para Elena, que me dá um cutucão.

Eu me viro para a Jay, que se aproxima e me dá um selinho. Ah, porra! Quando ela se aproxima com esse jeitinho manhoso, sei que quer algum favor.

— Faz um favor para mim? — ela pede.

— Qual? — respondo sem surpresa alguma.

— Aceita um desafio no meu lugar. Virar uma garrafa de Absinto.

— Ah! Qual é? Você sempre faz isso. Se não aguenta pagar, por que aceita? — pergunto, irritado com ela.

— Qual é, Maycon? Você sempre paga por mim. Por favor — ela insiste e faz beicinho. — Quem ganhar leva erva.

— Não é minha praia — falo e a vejo revirar os olhos.

— O PlayIII e o Sam estão na disputa — ela diz, sabendo que o PlayIII e eu temos uma disputa.

Como a música está alta, tenho certeza que a Elena não escutou. Mas também, é só uma aposta, depois disso não vou mais beber.

— Tudo bem! — Tiro os braços de Elena que estavam ao redor da minha cintura.

— Só um minuto, eu já volto — falo.

Vou com a Jay para a sala. PlayIII e Sam já estão com a garrafa e me encaram com deboche. Trouxas, vão perder. Nós nos posicionamos e a galera fica à nossa volta.

— Um, dois, três... já!

Começo e para a má sorte deles, eu tenho coca pura correndo por minhas veias e essa porra de Absinto não é nada para mim. Sam começa a vomitar na metade da garrafa, então a disputa fica entre mim e PlayIII. Eu termino primeiro e vejo a sua cara de merda me encarando sem acreditar que perdeu.

— Uh! Porra! Vão se ferrar! Aqui é o Maycon, cara! Não Jayde! — digo, colocando a garrafa sobre a mesa.

Todos gritam e começam a zoar ele e Sam. Jay me dá uma bala de menta, então volto para Elena, farei a nossa noite a melhor de todas. Eu a beijo, mas ela não corresponde, está visivelmente desconfortável.

— O que foi? — pergunto sem saber o que aconteceu.

— Já está tarde. Quero ir embora — ela diz, me deixando mais confuso.

— Por quê? Pode dormir aqui! — falo, tentando entender o que está acontecendo.

— Não, obrigada — diz de maneira firme.

Fico totalmente perdido. Ela parece irritada e, sinceramente, o tempo todo eu me certifiquei de sempre estar ao seu lado e dois minutos que eu saio de perto ela me trata assim?

— Que porra! Eu estou louco para comer você e você fica nessa — falo sem pensar.

Merda!

— O quê? — diz, chocada.

Merda! Que merda, Maycon, por que disse isso?

Então eu penso na melhor forma de me desculpar.

— Quero ir embora — diz novamente, me deixando ainda mais frustrado.

— Tinha planejado algo legal para nós.

Eu não quero que ela vá embora e não sei como convencê-la de que teremos uma noite incrível se ficar.

— Sério? O quê, por exemplo? Me drogar, e depois me comer? — Ela vomita as palavras.

Como ela pode dizer isso, se em nenhum momento fiz menção em oferecer sequer álcool para ela? Estou chocado com a sua reação, tentando entender que porra aconteceu para chegarmos a isso.

— Acha que faria isso com você? É isso que pensa de mim? — pergunto, extremamente chateado. Eu podia jurar que o nosso lance era diferente.

Estive toda a semana com ela, foi real e único, e eu estava sendo sincero. Ela me pediu em namoro e agora me trata como se eu fosse um nada. Estou muito perdido.

— É isso que eu penso de quem usa drogas — ela diz e bufa.

— Se pensa isso, está com o cara errado — falo, muito chateado.

Nunca escondi isso dela e achava que não era um problema desde que respeitasse os seus limites.

— Você nunca vai ser o cara certo. Olhe para você, Maycon. Impressiona a sua rodinha patética de amigos, não a mim — ela responde de maneira ríspida.

Eu sequer consigo encará-la.

— Tudo bem. Meu segurança vai te levar embora. Tchau.

Eu me afasto dela e peço ao Jorge para levá-la embora. Passo pela sala e vejo todos rindo, então caminho até o freezer e pego uma vodca. Vejo a Jayde e a Francine aos beijos no sofá. Eu já a alertei sobre Francine, então foda-se.

Eu subo as escadas e bato a porta ao entrar em meu quarto. A minha noite perfeita se resume a cocaína, vodca e *lítio*. É isso.

Um tempo depois eu vejo alguém abrir a minha porta. Elena.

— Sabe, Elena, quando eu a vi pela primeira vez, mal consegui olhar em seus olhos, jurava que era um anjo. Para mim você é isso, um anjo. Você me fez acreditar na mentira que poderia acontecer e talvez isso não signifique nada para você, já que vive em seu mundinho perfeito, mas em mim dói porque eu só queria ser um cara especial de novo. E ainda que fosse mentira, você me fez acreditar nisso e agora está longe. Olha, entendo que ninguém quer se envolver com um cara como eu, mas você me fez acreditar que queria e isso é foda. Eu sou um idiota por acreditar, não é mesmo?

Ela solta uma gargalhada e então percebo que não é Elena, porque agora posso senti-la correndo para longe de mim. Minha garota está desaparecendo.

Não sei por quanto tempo fico apagado, mas sou acordado por Emily. Eu encaro o seu rosto tentando entender se é mesmo real, então olho ao redor e vejo resquícios de cocaína ao lado da cama, canudo, uma garrafa de vodca e

outra de uísque, camisinha jogada no chão e uma garota loira deitada ao meu lado. Minha mente está um caos, sem memórias do que houve e estou com uma terrível dor de cabeça. Quando finalmente encaro Emily de novo, percebo que seu rosto está vermelho e sei que esteve chorando.

Isaac dá uma olhada em volta, mas não comenta nada, apenas fica parado atrás de Emily sem conseguir me encarar. A garota se levanta vestida com a minha blusa, sem jeito ela deixa o quarto ainda sonolenta e sei que não me lembrarei do seu rosto.

Emily vem até mim e eu me sento na cama com o lençol enrolado no corpo ao perceber que as minhas roupas estão no chão e eu estou pelado. Então escuto Jay gritando no corredor e fico assustado tentando entender que merda eu fiz dessa vez. Aponto para a porta com a intenção de arrumar uma desculpa qualquer sobre a garota, mas Emily me interrompe.

— Não é sobre ela que quero falar — Emily diz, apreensiva, enquanto eu tento organizar meus pensamentos sem entender a quem ela se refere. — Maycon, querido — ela diz ainda em lágrimas. — Robert teve uma overdose.

Eu fico perplexo. Porra, Robert, não era para exagerar!

— Em qual hospital ele está? — pergunto.

Ao contrário de mim, é a primeira vez dele e ele deve estar péssimo.

— Ele não está em um hospital, Maycon — Isaac diz, me deixando confuso.

— Onde ele está, então?

— Amor — Emily parece procurar as palavras certas —, Robert não resistiu — ela diz e eu sinto como se agora estivesse sendo sugado por um buraco enorme que se abre em mim e não sei se consigo encarar tudo que estou sentindo.

Capítulo 16

Ainda em choque, eu continuo com a tosca esperança de que alguém vai bater à minha porta e me tirar desse pesadelo. Robert não fez isso, é só uma viagem, eu estou muito louco. É só mais uma viagem minha e assim que sair dessa eu vou até a casa dele para contar essa merda para rirmos disso. Eu só preciso e eu vou encontrar a saída dessa porra.

Não faz sentido. Nós combinamos ontem que hoje eu iria lá e estaríamos juntos de novo, então pegaria o meu pó e daria cinco gramas para ele como prometido, então continuaríamos vivendo a nossa vidinha de merda. Quando foi que ele decidiu mudar o plano sem me avisar porra nenhuma?

Que merda! Isso é tão foda!

Emily permanece sentada à minha frente, chorando em meio aos soluços. Então a porta se abre, Jayde entra e vem até mim. Eu olho em seus olhos e o seu desespero é como um murro na boca do meu estômago. Chorando, ela me diz o que eu não quero ouvir e juro que daria tudo para esquecer o seu olhar, mas não vou. Toda vez que eu me lembrar dessa merda, a imagem da Jay é que virá à minha mente.

Se até então eu podia ignorar Isaac e Emily, nas palavras de Jay a verdade me acerta em cheio. Eu vejo todos eles me encarando, esperando a porra de uma reação. É surreal, como se eu estivesse vendo tudo do alto. Eu me enrolo na coberta e vou ao meu closet, então visto uma roupa e ainda não sei o que dizer.

— Como sabem que isso é verdade? — pergunto em negação.

— Ele ligou para o pai de madrugada e pediu perdão por tudo. Como o pai desconfiou que algo estivesse acontecendo, eles foram até lá, mas era tarde, eles o encontraram já morto — Isaac explica.

— Que porra, velho. Aquele filho da puta. Como ele pôde fazer isso? — pergunto e Jayde se senta no chão escorada na parede, então leva as mãos ao rosto e continua ali, jogada, como se estivesse longe de nós. E ela está, assim como eu, ela faz isso bem, se isola com a própria dor. — Eu não estou entendendo, estive com o cara ontem, e agora isso?

— Maycon, sei que é difícil, mas... — Emily tenta, mas é inútil.

— Quando será o velório? — pergunto, ainda incrédulo.

— Não teve. Apenas enterro. Os pais preferiram assim e já aconteceu.

Não tiveram problema com a liberação do corpo. Infelizmente não conseguimos te acordar, mas a Jay foi conosco. Chegamos agora — Isaac novamente fala e é uma merda.

Que porra, velho! Droga de vida!

Eu olho para a Jay e ainda que doa muito em mim, tenho que estar aqui por ela.

— Me deixem com ela — digo.

Isaac puxa Emily pelo braço, então ela acaba cedendo.

Eu me sento ao lado de Jay e não sei bem o que dizer. Ela está distante, seu olhar parece morto, sei que eu deveria tentar, mas estou sufocado por minhas próprias palavras.

Posso dizer a ela que tenho culpa nisso? Ela vai me perdoar?

Olho para esse imenso oceano em seus olhos tristes e sei que não posso, estou cansado dessa merda de vida, cansado de querer o que não posso ter e cansado de perder meu tempo por aqui.

— Ele não tinha dinheiro para comprar a porra da cocaína, May, eu não entendo. Não consigo entender como foi acontecer — ela diz com tanta dor, que eu a puxo para os meus braços.

— Ah, Jay, quem entende essa porra de vida? Isso aqui é essa merda mesmo, os bons se vão e caras como eu ficam aqui.

— Pare com isso, ele te amava tanto, May.

— Ele a amava também, Jay.

— Não, May, ele te amava mesmo — ela diz e eu engulo em seco. Eu estou quebrado, me sentindo culpado, agora descubro que realmente sou o culpado. — Acha que vamos conseguir, May? Acha que podemos seguir?

— Claro que vamos. Você sabe que ele vai continuar aqui com a gente, Jay, sabe disso, não sabe?

— Não, May, ele se foi, cara.

— Jay, quando um sentimento é verdadeiro não existe esse lance de que acaba com a morte, entende? E tudo que sentimos um pelo outro é verdadeiro, ele só mudou de matéria, mas ainda continua aqui. Em nós.

— Acredita mesmo nisso? — ela fala, chorando, e isso é demais para mim.

— Eu não diria se não acreditasse, Jay, você sabe.

Ela se joga em meus braços e chora desesperadamente. Eu não consigo dizer mais que isso, fico aqui, sabendo que matei o meu melhor

amigo, o meu único irmão. Sei que mereço todas as merdas que a vida está disposta a me dar. Eu sou um merda, causo sofrimento para as pessoas, faço isso com pessoas que amo e por isso mereço ser abandonado por elas.

— May, eu não quero perder você. Por favor, promete que não vai me deixar, que não vai fazer isso comigo?

— Eu não vou. Estou aqui por você e com você — digo e a abraço forte.

— Me promete, May? — Ela levanta a cabeça e olha em meus olhos.

— Eu prometo. Nunca vou deixar você, mas corta essa de que ele se foi, só mudou de casa. A morte é isso, Jay, ela não tira quem amamos, só faz a pessoa que amamos mudar de casa, assim como um dia nos fará também. Nada de muito interessante sobre isso, é simples assim — falo e ela sorri.

— Eu amo você.

— Também te amo, Jay. Agora toma um banho, vai se sentir melhor depois disso. — Ela concorda. — E, Jay, me desculpe por ter apagado.

— Tudo bem. Podemos dormir juntos hoje?

— Todos os dias que você quiser. Agora vai tomar um banho, que eu vou preparar algo para comermos, depois vou tocar violão para você. Ele gostava disso, nós e um violão, vamos fazer isso hoje, juntos, tudo bem?

— A noite toda?

— Se quiser, eu faço a noite toda. Agora vai.

Eu a ajudo a se levantar. Jay entra no meu banheiro, então, depois de respirar fundo, sei que não quero ter que me encarar, não vou conseguir. Eu saio do quarto e desço a escada, no último lance paro ao escutar Emily falando com Isaac.

— Eu tive tanto medo, Isaac, tive medo de ser o Maycon — ela diz, soluçando. — Eu não quero perder o meu filho.

Como estão de costas para mim, eles não me veem.

— Prometo que isso não vai acontecer — Isaac diz e a abraça.

— Sabe, estou pensando em ir embora. Pegar o Maycon e sumir. Andei pesquisando cidades onde o acesso às drogas é muito restrito, então nós dois podemos recomeçar lá.

— Não, Emily — ele diz em desespero. — Você não pode ir embora, não pode fazer isso comigo. Como eu vou ficar sem vocês?

— Você tem a sua família, Isaac, pode ter mais filhos. Mas ele sempre vai ser o meu único filho e não posso viver sem ele. Não vou

conseguir viver sem o meu filho — ela se acaba em lágrimas.

— Emily, pelo amor de Deus, não faça isso comigo. Você sabe que amo vocês, nunca vão deixar de ser a minha família. Por favor, eu juro que vou dar um jeito, vamos tirar o nosso filho disso, só não me abandone, por favor. E o Erick? Você tem que pensar nele também.

Se ouvir a minha mãe não me machucasse tanto, eu ia rir da tentativa ridícula dele em apelar para o marido dela. Mas dói ver o sofrimento dela, nunca fui imune a ela.

— Maycon não é filho dele, Isaac, uma hora ele vai se cansar de estar nisso comigo.

— Mas é meu filho e eu nunca vou deixar vocês dois.

Eles ficam abraçados e eu não quero continuar escutando isso. São loucos, meus pais são loucos.

Dou mais passos ruidosos com intuito de eles me notarem, e quando acontece param de falar, então passo por eles e vou até a cozinha e pego um uísque. Eu não quero que eles fiquem aqui, mas não quero falar para irem embora, então eu me lembro que sou bom em fazer merdas e afastar as pessoas.

Com o uísque na mão, tomo mais três goles e vou até o piano e começo a cantar *Mother*, do *John Lennon*. Minha mãe odeia essa música. Quando ela vinha dar lição de moral pela droga, era essa música que eu cantava para provocá-la, então eu faço isso em alto e bom som e sinto Isaac me fuzilar com olhos, mas continuo e sorrio para eles. Essa é a minha forma de dizer adeus.

Mãe, você me teve, mas eu nunca tive você

Eu quis você, mas você não me quis

Então eu, eu tenho apenas que dizer a você

Adeus, adeus

Pai, você me deixou, mas eu nunca te deixei

Eu precisei de você, mas você não precisou de mim

Então eu, eu tenho apenas que dizer a vocês

Adeus, adeus

Crianças não façam o que eu fiz

Eu não podia andar e tentei correr

Então eu, eu tenho apenas que dizer a vocês

Adeus, adeus

Mamãe, não vá

Papai, volte para casa

— Maycon, o que pensa que está fazendo? — Isaac vem igual a um leão e em um sobressalto fecha a tampa do teclado, por pouco não o faz nos meus dedos.

— Bom, eu vi você e a Emily tão unidos, achei que o momento era propício para uma música, combina com nós três, não acha? — sorrio com sarcasmo e é o suficiente para ele colocar as mãos em mim com brutalidade.

— Acha que eu não sei onde estive ontem? Vou te dar um tempo agora, mas vamos conversar sobre isso, entendeu? — diz em um sussurro rude.

Eu solto uma gargalhada, ainda forçando um sorriso provocador.

— Sabe que pode aliviar isso para a mulher que ama, não sabe? Sabe que pode resolver essa merda se me apagar. Você tem os seus contatos e iria livrar a Emily de continuar passando por isso. Ninguém precisa saber, só nós dois.

— Você é um louco, não merece o amor da sua mãe.

— Sei que não, então por que não faz algo a respeito? Está em suas mãos, Isaac, se a ama tanto assim, pode fazer isso.

Ele fica tão puto, que me empurra contra a parede com força.

Emily, que não conseguiu escutar os nossos sussurros, vem correndo até nós.

— O que pensa que está fazendo, Isaac? Por Deus, Maycon acabou de perder um amigo — ela o repreende.

— É, Isaac, eu acabei de perder o meu amigo. Se comporte! — debocho.

— Tem razão. Eu vou embora, tenho que ir antes que ele me faça perder a cabeça! — diz em tom alterado e sai da sala sem se despedir.

É uma pena, porque eu queria que ele me tratasse como lixo, eu mereço ser tratado assim.

Emily me abraça e eu fujo disso, não mereço merda nenhuma de consolo.

— Não pode nos afastar, meu amor — ela diz claramente magoada.

— Eu posso e não quero nenhum de vocês aqui. Me deixe em paz, Emily, não preciso do seu apoio, não mais — falo, ela se afasta.

Mesmo magoada, ela pergunta se tudo irá ficar bem e ao se certificar

que sim, ela pede comida e deixa dinheiro em cima da mesa, então se despede de mim e vai embora. Eu fui um imbecil e sei que ela precisava de consolo, mas não sou hipócrita de consolá-la se fui eu que matei o cara. Pelo olhar que Isaac lançou para mim, imagino que ele saiba também.

Jayde desce e sei que a noite será longa, então, como prometido, após comermos subimos para o quarto dela. Ela deixou o notebook ligado e todos estão falando da morte do Robert, então eu deixo uma mensagem no meu Facebook. Apesar de não ligar para essa merda, Robert adorava estar presente nas redes sociais e como ele me fez prometer que se um dia algo acontecesse eu faria uma homenagem, escrevo uma breve despedida.

Jay é a primeira a curtir e isso desencadeia outra intensa crise de choro, então, mesmo me sentindo tão mal, eu pego o violão e começo a cantar *Stand By Me*, a versão de *John Lennon*, querendo que ela enxergue que precisa continuar comigo, que sou um filho da puta, mas a amo e, indiretamente, eu busco por migalhas de perdão. Eu queria pedir perdão para o Robert também, mas agora é tarde, ele não está aqui para me mandar ir à puta que pariu, e ainda que isso doa muito, eu canto, canto e toco até ver a Jayde envolvida pela música cantando comigo entre lágrimas.

Nós acabamos com a garrafa de uísque, fumo quatro cigarros e ela um cigarro de erva, quando Jay finalmente dorme, eu percebo que merecia tudo aquilo que Elena falou para mim. Ela tem razão em se afastar, eu não tenho nenhum motivo para fazer alguém ficar, eu odeio a mim mesmo e sei que mereço me ferrar porque matei o meu melhor amigo.

Engulo toda a vontade que tenho de chorar, lágrimas aliviam a dor, mas eu não mereço alívio, não eu, o cara que matou o Robert. Ter que encarar a realidade de quem eu sou dói pra caralho.

Acordo com o sol batendo em meu rosto e com uma dor de cabeça do caralho. Eu tenho prova e sei que a morte do Robert não muda nada na faculdade, então vou continuar como todos, fingindo não me importar.

Vou ao meu quarto e somente quando termino é que vejo a bolsa da Elena no canto, então eu a pego ao mesmo tempo em que começo a sentir os primeiros sintomas da abstinência, mas tento os ignorar. Convenço Jay a ir comigo, não posso deixá-la sozinha, não hoje.

Seguimos para a faculdade, mas meus pensamentos estão voltados para a cocaína que ainda está no apartamento do cara. Eu chego a me odiar

por pensar nisso, mas o viciado que há em mim insiste que tenho que voltar lá e pegar a coca, que ela é minha e eu preciso dela. Eu tento me esquivar disso, mas é foda, não tenho como fugir.

Jay fica na minha sala durante o primeiro horário recebendo olhares de pena das pessoas, os professores parecem querer uma trégua comigo e não se importam por Jay estar aqui. No fundo, acham que seremos os próximos e querem prestar um pouco de solidariedade.

Depois do horário, eles avisam que terá uma homenagem ao Robert e Jay fica feliz com isso, até mesmo eu fico. Ele iria adorar ter toda essa atenção.

Com todos os outros, seguimos para a quadra e quando acho que eles falarão do quanto Rob era inteligente e foda, sinto um choque percorrer meu corpo ao ver quem irá falar.

Elena sobe na plataforma olhando para a multidão. Quem foi que teve a brilhante ideia de colocar uma pessoa que nem mesmo sabia quem era o Robert para discursar? Depois de olhar para os professores, ela começa.

— Não conheci o Robert, não sei se ele era um bom amigo ou coisa do tipo, não posso falar sobre isso. Seria hipócrita. Estatísticas governamentais estimam que perdemos mais jovens para as drogas do que um país perde soldados em guerra. Não quero ser rude ou desumana, mas, infelizmente, para mim não é a mesma coisa que falar de alguém que morreu com câncer, porque pessoas com câncer ou com alguma outra doença terminal, lutam até a morte para sobreviverem, e vamos ser realistas, uma pessoa entra nessa porque quer. São covardes e não amam as pessoas à sua volta. Acho que, em certo momento, eles perdem até mesmo a capacidade de raciocinar, visto que as drogas matam os neurônios. Não quero ser ofensiva, mas ele procurou, achou e perdeu a vida por ser um viciado, provando que não mereceu ter vivido. Sinto muito, mas não perco meu tempo com viciados. É apenas mais um que irá ser lembrado como um cara que desperdiçou a vida com drogas, enquanto muitos lutam para viver. Sinto muito pelos seus entes que sentem a perda dele, mas eu não choraria por alguém desse tipo. Contudo, que a morte dele sirva de lição para que ninguém entre nessa viagem, porque uma hora você não vai voltar mais para contar como foi. Obrigada.

Assim que Elena termina o discurso, sinto que cada palavra dela produz uma ferida em mim, então começo a questionar qual o nível de dor eu

ainda posso aguentar. Eu matei o meu melhor amigo e agora estou ao lado de Jayde, sem ter coragem de confessar isso, então vem a Elena com o seu discurso me mostrando que não sou nada além de um verme.

Jay agora quer matá-la, então, para aliviar tudo, no intervalo eu entrego a bolsa fazendo um péssimo discurso de merda com intuito de tentar consolar a Jayde, que irá pensar que dei o troco por ela nos ter feito passar por isso, mas, apesar do desprezo que sei que agora Elena tem por mim, não há mais como me atingir.

As horas passam e eu não preciso de muito para saber que caminho seguir. A minha mãe aparece e assim que ela chega, pego a estrada sem dar satisfação de onde estou indo.

Passo em frente ao prédio do Robert e estaciono o carro no fundo, então entro pela saída de emergência e arrombo a porta dos fundos. Faço tudo isso mal acreditando que sou mesmo eu. Entre as roupas minhas e dele jogadas ao chão, procuro feito louco a cocaína até encontrá-la e ver que é bem menos do que eu esperava.

Eu cheiro uma carreira que já estava feita na escrivania e olho para todas as coisas dele, tudo está como ele deixou. Mesmo com a coca correndo em meu corpo, eu desabo no chão e começo a chorar. Fico sem conseguir entender por que ele se foi e não eu, sempre fui eu a querer isso. Mas então eu me lembro de todo sofrimento que causei aos meus pais, de todas as escolhas erradas, e sei que mereço passar por tudo. Sou uma merda de humano desprezível, por isso mereço continuar aqui, queimando e sofrendo.

Eu me levanto, guardo o pó no bolso da calça e pego o urso da Jay que ficava com ele, sequer consigo dizer adeus.

No carro, eu choro novamente. Estou cansado de tudo isso e esse é o momento em que eu deveria mudar, mas sei que não vai acontecer, pois se trata do Maycon, e ele não merece mudança alguma. Não merece nada e todos já deveriam saber disso.

Capítulo 17

Chego em casa chapado e Emily está com Jayde conversando sobre o Robert. Até tento passar sem ser notado, mas ela me vê e vem até mim, tocando o meu rosto e fazendo com que eu a encare. Ela sabe que estou drogado, sabe que esse não é o melhor momento para conversarmos.

— Acabou de perder um amigo para essa merda e ainda vai continuar nisso? — ela diz com indignação.

— Emily, não começa, vai. — Eu tento continuar andando, mas ela passa por mim e para na minha frente.

— Maycon, eu não consigo te entender. Você sabe como eu estou, como o seu pai está e sequer se esforça para sair disso.

— Emily, eu não estou a fim de conversar. Talvez outra hora.

— É isso que pretende fazer da sua vida? — ela pergunta com raiva.

— Sim, é isso! Agora que conseguiu a sua resposta, pode me dar licença? — Eu me esquivo dela, subo a escada e entro no meu quarto. Ela sequer deixa a porta bater antes de entrar atrás de mim.

— Maycon, como pode fazer isso comigo?

— Emily, meu dia foi uma merda, está sendo difícil pra caralho, então chega. Amanhã nós conversamos.

— Comprou drogas? — ela insiste.

— Não!

— Então como conseguiu?

— Eu não estou a fim de falar agora, minha cabeça está doendo e...

— Tem que estar, já que enfiou a cara na droga. Maycon, sinceramente, eu não sei mais o que fazer.

— Sério? Então vou te dar uma dica. Comece vivendo a sua vida e passe a se preocupar só com ela, o.k.? É um bom começo — falo e me jogo na cama.

— Jayde, está tão triste, se realmente ama essa garota, deveria estar aqui por ela.

— Ah, que porra, Emily! Onde acha que eu estou? Na Índia? Não, estou aqui, caralho. Dá um tempo.

— Se você está drogado, Maycon, pode estar em qualquer outro lugar, mas não está aqui. E não vou mais aceitar que você me chame de

Emily. EU SOU A SUA MÃE! — ela grita e eu respiro fundo. De costas para ela, levanto a mão esquerda e faço um sinal de positivo. — Me ligue se precisar de mim. — Ela sai e bate a porta com força.

Não demora muito para Jayde entrar em silêncio e se deitar ao meu lado. Eu me viro e olho em seus olhos antes de a puxar para que se aconchegue em meus braços.

— Aquela garota foi tão idiota — ela começa a chorar —, o Rob não merecia aquilo, May.

— Jay, aquilo não foi para o Robert, ela falou para mim. As coisas meio que acabaram mal entre nós, só isso.

— Por que se envolveu com ela?

— Esquece isso, vai, não faz mais diferença. Jay, eu sei que está foda agora, mas você tem que ser forte, dói agora, mas vai passar — digo e enxugo suas lágrimas.

— Rob estava magoado comigo ou comentou alguma coisa com...

— Jay, não faça isso — Sequer a deixo terminar de falar. — Você não teve culpa de nada. Eu sei que nós não tivemos só bons momentos, mas isso não anula quem éramos, quem ele era para nós, ainda é. Então foda-se quem pensa o contrário. Metade desses caras acham que o conhecia, mas nós o conhecíamos, e exatamente por isso sabemos que não existe nada que poderia fazê-lo deixar de nos amar. Ele era um grande cara e nós sabemos disso, então, sem grilo.

— Você é foda, May, nunca duvide disso — ela sorri para mim.

Eu me levanto e guardo meu pó em papelotes sob o olhar atento de Jay, mas ela não faz perguntas, nem mesmo quando eu entrego o urso a ela. Decido tomar um banho demorado e comer algo, então, assim que volto ao quarto, eu me deito novamente ao seu lado.

— Sabe, acho que você está fingindo que não dói, mas não precisa fingir pra mim, May. Você o conheceu bem antes de mim, sei o que um significava para o outro.

— Jay, eu vi que algo estava errado, eu o vi se afundar mais e mais. Robert já não via o mundo como antes e eu sabia o que isso estava acontecendo. Se existiu um momento para eu falar alguma merda, ele passou, entende? Agora não adianta mais, então, foda-se. Ele mudou de casa e não passou o endereço, sinal de que não quer visitas. E até descobrirmos para onde aquele porra foi, nós vamos ficar nisso mesmo, só queimando memórias

— conluo e dou um selinho nela, que sorri.

— Obrigada por me deixar ficar aqui.

— Se eu dissesse não você ficaria do mesmo jeito, então... — brinco e ela sorri novamente.

— Eu te amo, May.

— Se falar isso de novo vai ter que transar comigo — digo e ela gargalha.

— Idiota!

Meu telefone toca anunciado a chegada de uma mensagem do meu pai falando que amanhã iremos almoçar juntos, que precisamos conversar e que ele irá me pegar na faculdade. Vejo que recebi tantas outras de desconhecidos que acham que são conhecidos desejando condolências pela morte do Robert.

Tento me esquivar de qualquer pensamento sobre ele ou o que ele poderia ter pensado quando deu o último suspiro. Será que ele desejou a minha morte por isso?

Ao me lembrar da visita da minha mãe, uma parte minha me condena por tratá-la daquela forma, mas se eu não der motivos que a faça me odiar, quando acontecer o mesmo comigo ela não vai suportar. Estou bem ciente de que não se trata de se, apenas quando. Amo muito a minha mãe e não quero que ela sofra quando eu sumir, quero que ela pense em mim nos momentos bons e seja feliz. Porque uma hora ou outra, serei eu a me apagar disso aqui e não há nada a se fazer a respeito.

Elena e o seu discurso de merda. Era tudo falso, seus sorrisos eram só máscaras. Eu que me achava o cara, agora mal sei diferenciar os sorrisos falsos dos verdadeiros. Vozes condenatórias continuam na minha cabeça e ficam até restar só Elena e seu sorriso no capô do meu carro. Talvez eu esteja pagando o preço por acreditar que poderia dar certo e, apesar de tudo, uma parte em mim ainda vai continuar preso às memórias de uma garota angelical que ia ver o céu noturno comigo e que, entre uma estrela e outra, deixava essa mente assombrada contemplar seu sorriso, deixava que a sua luz em meio a toda minha escuridão tocasse o meu coração. Mesmo que agora só tenha sobrado consequências, eu sempre vou me lembrar de que um dia eu vi um anjo e ele me deixou beijá-lo.

É quase tortura ter que ir à faculdade e ter certeza de que não vou encontrar com o Robert. No telefone, eu olho as nossas últimas conversas, na

verdade, ele conversava sozinho, eu quase não respondia.

Fumo um cigarro dentro do carro querendo muito poder conversar com aquele porra agora, mas sei que essa é a vez dele de dar o troco. Não existe mais um Robert disponível para Maycon e isso é foda. Ainda de dentro do carro, eu vejo Elena passar com um cara. É uma merda perceber que algo que significou tanto para mim não signifique nada para ela.

Ao sair da faculdade, eu mando uma mensagem para o Isaac dizendo que o encontro no Spolleteo, sem essa idiotice de querer me buscar na faculdade. Enquanto entro no restaurante, eu o vejo com a sua putinha, então me aproximo.

— Olá, Isaac — digo e, em seguida, eu a encaro. — Olá, mulher do Isaac.

Ela desvia o olhar e ele prende os lábios, claramente irritado.

— Jeniffer, é melhor você ir embora.

— Não precisa, Jeniffer. Isaac vai me dar um sermão agora e apesar de ele ser esse cara bonitão e ter grana pra caralho, você tem que presenciar que ele não é tão legal com o seu filho superdescolado.

Ela finalmente me lança um olhar de desprezo e como eu adoro isso, posso retribuir com um sorriso.

— Maycon, vou ser direto. Eu já tentei te alertar sobre as pessoas erradas e o Alex é uma delas, mas de nada adianta. Eu sei o que fez, sei que buscou drogas para ele e sei que não adianta te pedir para não fazer isso, porque assim que o que trouxe e matou o Robert acabar, você vai atrás para conseguir mais. Mesmo que isso implique ser usado descaradamente por um traficante. Eu sei que não se importa com nada além do seu vício, mas eu prometi para a sua mãe, e... — Ele vomita todas as suas verdades cortantes em mim.

Eu desvio o olhar, é uma merda encarar isso.

— Não vou me internar em uma clínica. Então, se...

— Não — ele me interrompe. — Sei que isso é jogar dinheiro fora, apesar de que preferiria jogar meu dinheiro fora nisso do que na droga, mas a sua mãe não merece mais passar por esse sofrimento. Então me diz o que posso fazer para te manter afastado desses caras?

— Isaac, pare com esse show. Acha que vou cair nessa? Não é bom com promessas, não quando se trata da Emily ou o filho que teve com ela — respondo e ele suspira, frustrado.

— Quanto usa e quanto precisa para manter essa porcaria? Só me responda isso, sem drama e sensacionalismo barato, o.k.?

— Acha que vou cair nessa?

— Maycon, não estou nem um pouco preocupado se acredita ou não. Sei que não é a melhor escolha de um pai e já me arrependo por isso, mas não vou deixar que a sua mãe tenha que encarar você em um caixão porque foi morto por traficante ou tenha que te visitar na cadeia porque foi preso.

— A droga também mata.

— Mas você sabe como usar essa porcaria, caso contrário teríamos enterrado você e não o Robert — ele diz e agora mais do que nunca acredito que ele me odeia.

Não deveria doer mais ouvir coisas do tipo vindo de Isaac, mas dói.

— Pena para você não ter sido eu — falo e vejo seus olhos se encherem de lágrimas. A mulher dele abaixa a cabeça e, sem dizer nada, se levanta e se afasta da mesa. — Dependendo do dia, até dez gramas.

— Meu Deus — ele diz com pesar e enxuga as lágrimas. — Todos os dias? — Confirmo. — Tudo bem. Se me prometer se afastar desses caras, terá todo dia o dinheiro que precisa para manter essa porcaria. — Ele desvia o olhar e volta a derramar lágrimas.

— Se pagar te traz tanto sofrimento, por que está fazendo isso?

— Já viu o desespero da sua mãe quando acontece algo com você? Quando eu contei a ela sobre o Robert, sua mãe ajoelhou no chão e me implorou para falar a verdade achando que era você. Eu tive que presenciar isso, tive que ver Emily implorar a Deus para tirar a vida dela, mas não levar você, porque ela não iria suportar. Maycon, eu não suporto mais. Eu te amo tanto e ainda assim a dor da Emily é demais pra mim, entende? Quer dizer, você não entende, você some por aí com os seus falsos amigos e dane-se a sua mãe e eu. Você enfia a cara na droga e sequer se preocupa em ligar para ela. Sei que é esperto o suficiente para saber até que ponto usar e sinto muito pelo seu amigo não ter sido esperto como você. Porém se tem um preço para te manter em casa para Emily ter um pouco de paz, só me diz o quanto é que eu pago.

Estou com nó na garganta e nem sei direito o que dizer. Porra, velho.

— Eu também amo ela, Isaac — falo com a voz embargada.

— Não duvido, mas ama mais a droga, então só me diz quanto é que eu libero pra você. Mas a regra é clara, não pode se envolver com Alex ou

buscar drogas para traficantes. Nós temos um acordo? Posso confiar em você? — ele diz e eu engulo em seco.

— Tudo bem — respondo em um sussurro.

E sem mais palavras, acaba assim, cada um seguindo o seu caminho.

Eu saio do restaurante e sigo direto para casa. No trajeto, ligo para a minha mãe e ela atende no primeiro toque.

— Mãe, me perdoe por ontem e todos os outros dias. Você sabe que eu amo você, não sabe?

— Maycon, pelo amor de Deus, onde você está? — diz, desesperada.

— Pare com isso, mãe. Só estou te pedindo desculpa, só isso.

— Não, você não é assim. Está tudo bem? Onde você está? Vou me encontrar com você.

— Mãe, pare. Eu estou bem.

Mal termino de falar e ela desliga e, em seguida, faz uma chamada de vídeo.

— Eu estou bem. Estou dirigindo, o.k.?

Ela suspira aliviada ao me ver.

— Graças a Deus. Eu te amo, Maycon, muito.

— Pode parecer hipócrita pelo fato de fazer com que você passe por tanta coisa, mas eu também amo você, mãe.

— Eu sei, meu amor. Agora preciso desligar, mas eu ligo mais tarde — ela sorri, então nos despedimos.

Meus dias são medíocres, mas disfarço bem na frente da Jay, que começa a dar sinais de melhoras e chega até a marcar de sair com as amigas no sábado. Mas eu sinto a falta do Robert, que esteve tanto tempo na minha vida, e da Elena, que ficou tão pouco tempo. Na sexta-feira, sentindo tanta falta do pouco tempo que tive com ela e sem aguentar mais, começo a dirigir pelas ruas, passo em frente ao campus e sigo para o nosso refúgio no meio da mata, mas não me atrevo a ir até o lugar exato, eu paro um pouco antes.

Eu me deito no capô e acendo um cigarro. Não muito longe, vejo um movimento na mata, mas não sou um cara que se intimida fácil. Nem mesmo a chuva fina que começa a cair me faz ir embora. Eu fico no breu escutando porra nenhuma enquanto o meu cigarro acesso me parece bem mais feliz do que estou agora. Nunca viajei sem drogas, mas quando vejo a Elena passar perto de mim, sei que tudo tem a primeira vez e parece que a minha chegou.

Ela se distancia e para perto da mata, então começo a prestar atenção

para ver aonde a minha viagem vai dar. A garota fica olhando para o céu, então alguém sai da mata, quase consigo rir dessa viagem louca.

— Ora, ora, a garota que não gosta de viciados está sozinha aqui! —
Escuto a voz de um cara e, chocado, percebo que não é uma alucinação.

Que porra está acontecendo aqui?

— Por favor, me solte ou eu vou gritar.

Merda! Merda! Merda! Não é viagem.

— Grita! Ninguém vai te ouvir.

Eu desço do capô e ando o mais rápido que posso.

— Por que está fazendo isso? — Assim que ouço a voz de Elena, corro em sua direção.

— O Robert era o meu amigo e ele me disse que não gostou do que você falou — o cara zomba. Imbecil.

— Por favor, me solte! Sinto muito pelo seu amigo — ela começa a implorar.

— Sente porra nenhuma! — o cara grita. — E aí, Robert? O que quer que eu faça com ela? — ele pergunta, rindo.

Eu vou pegar esse imbecil e fazer com que ele se arrependa. Vou matar esse idiota.

— Já era pra você, garota. — O imbecil está tão concentrado nela, que não me nota.

— Solte-a — falo, puxando-o e o jogando no chão.

Pelo olhar em seu rosto, sei que ele me reconhece. Eu já o vi algumas vezes com o Robert. Imbecil.

Dou o primeiro chute pelo que fez com a Elena, o próximo pelo Robert e o restante por mim mesmo. Agora ele vai mesmo morrer.

— Pare! Vai matá-lo! — Elena grita, assustada, então eu paro.

Nesse momento ele vê a oportunidade de dar fora, então se levanta e sai correndo, ensanguentado.

— O que está fazendo aqui a essa hora? — Ainda estou tentando entender que porra ela veio fazer aqui.

— Precisava de um tempo, precisava caminhar — ela responde, ainda ofegante.

— E não dava para caminhar para um lugar com mais movimento? Pelo menos você está bem?

Ela não responde, simplesmente se joga em meus braços, e nesse

momento eu me lembro de que ela é meio louquinha. Elena começa a chorar e eu não entendo porra nenhuma, provavelmente está assim por causa do ataque.

— Por favor, me perdoe. Fui uma idiota ao falar aquilo — ela diz e me deixa chocado.

— Por mim está tudo bem, Elena — sussurro, mesmo que porra nenhuma esteja bem. — Não sou de guardar mágoa de ninguém, a vida é curta para isso. Fica tranquila, que com você não será exceção. — Eu a afasto. — Acho melhor te levar embora.

— Maycon, escuta, eu...

Ah, qual é, garota? Acha que pode me humilhar e depois fingir que nada aconteceu?

— Elena, olha, não vai dar certo, não temos por que insistir. É melhor assim. Você ainda vai me agradecer por isso. Vai ver. — Tento dar um sorriso.

— Se pensa assim, por que está tão magoado comigo?

— Porque eu realmente achei que poderia ter dado certo. Mas nós não soubemos como levar. Somos muito diferentes...

— Ainda podemos tentar — ela diz e isso só me confirma que ela é louca.

— Não, eu não quero — falo.

— Por que não?

O quê? Será que ela quer ser lembrada do que me falou?

— Porque eu nunca vou ser o cara certo. Lembra?

Então ela joga sujo ao se aproximar e olhar em meus olhos, fazendo com que eu me lembre do meu novo vício – seus beijos.

— Essa semana está sendo horrível para mim — ela diz e parece sincera.

Por que eu só atraio pessoas loucas?

— Olha, se for pelo pessoal da faculdade, eles vão esquecer o que aconteceu, você vai ver.

— Não é por eles, é por você. Nem eu sei o que é isso, mas sinto sua falta, sinto mesmo a sua falta. Sei que é pouco tempo, só que... Pela primeira vez, tenho certeza de que quero ficar com você.

Eu olho para ela não acreditando nisso, ela não pode brincar comigo dessa forma.

— Por que está dizendo isso? Por que complicar mais as coisas? Não faça isso, por favor. Não quero passar pelo que eu estou passando agora — digo quase implorando para senti-la novamente.

— Sentiu minha falta? — ela pergunta olhando em meus olhos.

— Sério isso? Acha que estou fazendo o que aqui? Deveria ter matado aquele cara por ter feito isso a você.

— Não vale a pena, pare com isso — ela sorri.

Merda. Eu me sinto tão conectado a ela, então eu a abraço forte e mesmo não sendo certo, eu quero ter o nosso campo neutro de volta na minha vida.

— Sinto tanto sua falta, mas você é complicada demais, e minha vida já é complicada. Queria ser o cara perfeito para você, mas nunca serei — falo com toda a sinceridade que posso ter.

Então ela me beija e já era qualquer consciência que diz que vou me ferrar de novo. Quando nos afastamos, eu sei que bem além de querer, eu preciso continuar com isso.

— Jayde vai me matar quando souber que estou aqui com você depois de tudo que disse — falo e sorrio.

— Por mim, que ela se mate — ela diz sem se dar conta das suas palavras.

Nós voltamos a nos beijar e, apesar de todo inferno, seus beijos são como anestésicos, mas não apagam a minha memória.

— Tem noção da merda que fez?

— Podemos consertar — ela diz e aí está a inocência que eu não mereço ter na minha vida.

— Não podemos, só temos a opção de seguir em frente.

— O que quer dizer com isso?

— Vamos deixar isso só entre nós. Esperar a poeira abaixar — falo.

— Por quê? Não devo satisfações a ninguém...

— Elena, diz que não perde tempo com viciados e quer aparecer comigo de mãos dadas amanhã? Não dá, o cara era parceiro, sei que não pensou para falar, é mais que óbvio. Só que eu penso. Apesar de não ter mais neurônios, como você disse — digo, sem jeito.

— Desculpa, estou arrependida por isso.

— Conhecia o Robert? — pergunto, já sabendo que ela, assim como muitos, acha que o importante é julgar.

— Não.

— Sábado, antes de te ver, estava com ele. Robert passou em primeiro lugar em medicina. Era bem inteligente, tinha lá seus problemas, mas não falava de ninguém. Estava sempre disposto a ajudar. Então foi muito foda o que você falou. Principalmente por não conhecer o cara. Geralmente, eu não corro atrás do que perco, seja amizade ou relacionamento, não faz sentido correr atrás do que se perdeu. Isso é paranoico. Já era, já era. Funciona assim para mim.

— Então, para você já era?

— O engraçado é que você se acha muito inteligente, mas não tem um raciocínio rápido. Se para mim estivesse acabado, não faria sentido estar aqui perdendo tempo com você. Faria?

— Está tentando me ofender?

— Não, acho que você precisa abrir a mente e parar de se achar superior às pessoas, o errado para mim pode não ser errado para você. O mundo é assim. Não comece um relacionamento achando que vai me transformar no cara perfeito para você. Isso é ridículo e ofensivo — resalto, deixando claro como vai funcionar dessa vez.

— Não é ofensivo querer que as pessoas se tornem melhores.

— Isso não existe. Dê o seu melhor e tente melhorar a você mesma, apenas você. Cada um faz da sua vida o que quer. Se puder me acrescentar algo de bom, ótimo, se não, escolhe outro caminho.

— É isso que quer para você então, acabar como ele!

Emily, é você?

— Eu quis me perder, quis esse caminho, talvez por idiotice, ou sei lá. Hoje nem me lembro mais o porquê. Só que eu estou exatamente onde quero estar. Não estou a fim de passar pela porra de uma clínica e encarar uma maldita abstinência. Esse é o caminho que escolhi e não fico dando pitaco na vida de ninguém, como se por algum motivo desconhecido tivesse esse direito.

Ansioso, decido acender um cigarro enquanto ela fica apenas me observando, sei que se continuarmos terá consequências.

— Aquele cara mataria você. Olha que ótima consequência teve seu discurso inspirador e poético. Seu problema é que não admite que, apesar de dizer aos quatro ventos que não perde tempo com viciado, quer ficar com um. Isso para mim não faz sentido — sorrio.

— Já entendi seu jogo — diz e pelas suas lágrimas não entendeu porra nenhuma.

Elena é tão ingênua que entra fácil no inferno achando que é o paraíso.

— Não é jogo, Elena, estou apenas te dando uma ideia federal para abrir essa sua mente pequena. Porque um dia você vai acordar e ver que seus sonhos não condizem com a realidade dessa porra de vida. Então, quanto mais cedo, melhor.

“Vinte anos, e minha vida estava parada porque me importava com que as pessoas pensavam a meu respeito. Mas uma vez, depois de ter apagado por dois dias, eu acordei e vi que não importa o quanto você tente, ainda que não dê motivos, as pessoas vão falar de você, e no fim das contas, foda-se para o que elas pensam a meu respeito. Foda-se, se sou só mais um viciado para elas. E se é só isso que você pensa de mim, foda-se você também. Mas se não é, podemos continuar, só que corta essa de contos de fadas, porque não rola para mim.”

Não sei se ela consegue entender, mas estou sendo realista de como funciona essa merda. E apesar de tudo, se ela quiser, juro que também quero.

— Está querendo dizer que eu tenho que aceitar...

— Do jeito que eu sou, lógico que como você não curte, não vou te submeter a me ver usando. Isso seria patético. Mas não quero que fale de mim com mais ninguém, porque todos podem até achar que seu discurso foi para o Robert, mas não sou idiota, aquilo tudo foi para mim. Sei disso.

— Maycon, eu me arrependi muito por ter falado aquilo.

— Tudo bem, o que as pessoas pensam de mim não me machuca mais. Só que não quero ouvir de você, me conhece há pouco tempo para se achar no direito. Não sou governado pela razão, e promessas não me atraem. Faço o que quero e como quero. Nada é perfeito e nem pode ser. Mas podemos continuar, se tentar ver as coisas de outra forma.

Começo a andar até meu carro e ela entra comigo, então seguimos em silêncio. Chegamos ao campus e não sei se ela realmente está sendo sincera comigo, mas não quero tirar isso a limpo, não hoje. Ela é doidinha e amanhã pode fingir que nem me conhece.

— Vai pela sombra. Se achar que tudo que te disse é demais para você ou que não faz sentido, siga o seu caminho que eu sigo o meu.

— Não vai se despedir de mim? — ela pergunta.

Acho que na cabeça dela voltamos a namorar. Vamos ver até onde você quer chegar, garota.

— Jayde vai passar o fim de semana com as amigas ou ficantes, sei lá que porra é. Quer passar o dia comigo amanhã?

Ela fica em silêncio, como se estivesse pensando.

— Claro que como está em cima da hora, não vou ficar chateado se não puder — falo.

— Que horas? — diz no mesmo instante.

— Te busco antes do almoço, pode ser?

— Só nós dois? — ela pergunta, desconfiada, mas não vou facilitar para ela.

— É! — sorrio com malícia.

— Tudo bem!

Fico surpreso com a sua resposta.

— Te pego no ponto em frente ao campus. O.k.?

— O.k.! — ela sorri e sai do carro.

Deus, se em algum momento Emily pediu que eu pagasse pelos meus pecados, acho que esse momento acabou de chegar. Elena é louca, mas apesar da sua loucura, ela é um vício que estou disposto a manter.

Capítulo 18

Seu beijo é como ter doce na veia, insano, viciante e errado, não sei por que ela voltou, já que o meu estilo de vida parece chocá-la. Mas indo contra todas as expectativas, ela está de volta ao meu mundo, sei que não parece certo estarmos juntos, não depois de tudo que houve, depois de tudo que ela disse no que deveria ser uma homenagem ao Robert, acho que isso me coloca mais em dívida com ele.

É foda. Ele usou o meu pó e, na real, era ele quem deveria estar em dívida comigo, mas aquela porra morreu e ainda vai doer por muito tempo ter que encarar isso.

Meu telefone vibra e é Jay perguntando onde estou, então respondo que a caminho de casa. Paro no sinal e me perco apagando mensagens antigas até que me deparo com a foto da Elena com uma mensagem de dias atrás que eu sequer tinha visto.

“Me desculpe”

É tudo que diz e, na boa, até consigo rir disso.

“Já está desculpada. Beijos e bom resto de noite.”

Respondo e vejo que ela visualiza antes de colocar o telefone no banco ao lado.

Seu sorriso vem à minha mente. Eu a quero, mesmo que saiba que não vai rolar por muito tempo, o desejo está em mim e é impossível ignorar. Minha vida está mudando e estou perdendo o controle sobre isso. Se bem que não sei exatamente se um dia eu tive o controle.

Chego em casa e Jay está em seu quarto com a porta aberta.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ela se vira e fica me encarando por alguns segundos, então entro em seu quarto.

— Hoje me falaram que você foi último cara que esteve com o Rob, que a droga que o matou era sua — ela diz, ressentida.

Eu me aproximo mantendo meu olhar fixo nela, sei que chorou e que agora pode estar me odiando.

— Quem disse isso?

— Francine. — Merda. Como aquela porra soube disso? Eu fico em silêncio, não nego e nem afirmo. — Então eu não suportei e tive que quebrar

a cara dela.

— Como assim? Sei que viaja naquela garota, por que fez isso? — Agora estou confuso.

— Por que acha que faria? — ela pergunta e eu desvio o olhar.

Jayde toca o meu rosto e, em seguida, me abraça.

— Esses imbecis não conheciam Rob, caso contrário nunca fariam de você. Acho que depois de hoje, não se atreverão a falar mais — diz e sorri.

— Não deveria ter feito isso, não por mim.

— Eu faria isso se fosse pelo Robert e farei mil vezes se for por você. É minha família, May, e eu amo você. Fiquei com tanta raiva, que meti a mão na cara dela. Aquilo tudo é ressentimento, porque você comeu e a chutou, agora a garota fica tentando fazer a sua caveira por aí. Quer dizer, ficava, tenho uma leve impressão de que não vai querer mais. — Ela me beija. — Vou dormir agora, amanhã cedo vou sair com a Rebeca. Tem certeza de que não quer ir conosco?

— Na próxima, quem sabe.

— May, por favor, não me deixe, tá? Promete que vai maneirar e vamos seguir juntos? É meu guitarrista, lembra? Vou precisar de você quando ficar famosa — ela brinca.

— Relaxa, Jay, eu prometi e vou cumprir. — Agora sou eu quem a beija. — Obrigado por ser quem é — digo, dou outro beijo nela e saio do quarto.

Parece que é isso, estamos seguindo em frente, mesmo que nenhum de nós realmente queira.

Depois de um banho e deitado na cama, a imagem de Elena volta a dominar os meus pensamentos. As pessoas nunca são exatamente como parecem ser e em se tratando dela, essa frase encontra o seu significado perfeito.

Fecho os olhos e consigo sentir como se ela estivesse aqui. Eu nunca me senti assim antes, mas agora estou sentindo com ela. Elena provoca uma obsessão em mim e em meio a toda essa contradição eu quase piro. Então abro os olhos e percebo que toda essa intensidade está em mim, apenas em mim, e fica claro quem é que está se apaixonando aqui. E pior, por uma garota tão oposta ao meu mundo. Eu não quero que isso aconteça, mas não sei como fugir disso.

Foi como se a porra do destino tivesse pausado a atração, mesmo

tendo ficado todos esses dias longe. Mas ela me beijou e tudo voltou ao mesmo patamar. Estou assustado, porque não sou esse cara, não do tipo que se apaixona. Então, que diabos estou fazendo pensando nela como se só isso importasse?

Esse relacionamento é um tiro no escuro e, no fim, a bala vai me atingir.

Fecho os olhos ainda lutando contra isso e quando os abro o dia está amanhecendo. São seis da manhã e não dormi nada.

O problema em ser viciado é que não importa se o dia anterior foi bom ou ruim, pela manhã seus primeiros minutos sempre serão dedicados às carreiras que você precisa cheirar para estar bem. Os meus são assim. É como um medicamento, se não tomar o meu dia estará todo comprometido. E apesar de tudo, mesmo querendo negar, estou ansioso para tê-la aqui e fico fantasiando coisas. Isso é uma merda.

As horas passam, Jay se vai e eu continuo pensando se isso vai rolar. Próximo ao horário de ir buscá-la, eu tomo um banho e peço uma porção de peixe. Assim que me entregam, eu envio uma mensagem para Elena avisando que estou indo buscá-la

Chego ao campus e não vejo nenhum sinal dela e, para a minha sorte, tem uns caras que andavam com Robert perto da entrada. Estaciono ali perto e os cumprimento, alguns respondem, outros apenas gesticulam. Ter esses caras aqui é uma merda. Fabrício começa a falar de Rob e quando vejo cada um conta um fato diferente sobre ele e percebo que não era o mesmo cara, comigo não havia máscaras, era quem era e foda-se. Mas com esses caras ele parecia sempre usar máscaras para convencê-los de que era bom.

Um deles se vira e diz algo sobre a garota do discurso de merda estar vindo, então olho na direção indicada. Elena vem e parece estar tão sem graça quanto eu.

Que merda! Ela trava, então eu saio do carro, cumprimento os outros que estavam mais afastados, abro a porta e, obviamente, o caos acontece quando todos a veem entrar. Ela está claramente desconfortável. Entro no lado do motorista e dou partida.

— Agora já era! — falo.

— Acho que sim — diz de maneira tímida e sorri.

Seguimos em silêncio até chegarmos em casa, então entramos e ela novamente parece desconfortável.

— Jayde já foi?

Confirmo com a cabeça e seguro a sua mão.

— Gosta de porção de filé de peixe? Pedi peixe para nós!

— Gosto — diz, mantendo o ar desconfortável.

Seguimos direto para a cozinha, então sirvo o suco e a porção de filé de peixe com molho rosé.

— Você é tão tímida, Elena. — Coloco o primeiro pedaço na sua boca e fico feito um otário hipnotizado por cada movimento seu.

Após o almoço, arrumamos a cozinha e ela até tenta quebrar o gelo, mas sei que não vai acontecer se eu não o fizer.

— Quer ver um filme? — digo, fingindo inocência.

— O que você costuma fazer quando está sozinho? — pergunta, sem desconfiar.

— Dormir, quer dormir comigo? — falo e ela fica sem graça.

— Passa o dia todo dormindo? — pergunta tão inocentemente, e isso me faz cair de quatro.

— Sim — continuo, mas agora sem malícia.

— Mentiroso. Vamos ver um filme, então.

Eu estou ansioso e ela parece mais tímida. Subimos para o meu quarto e encontramos a cama ainda desfeita. Eu puxo o edredom, me deito e pego o controle da TV antes de a chamar para se deitar ao meu lado, que ela faz depois de pensar alguns segundos.

— Você trabalha com o quê? — ela pergunta e estou louco para aprofundarmos o nosso relacionamento.

— Às vezes faço gráficos para games de PC on-line.

— Trabalha em casa?

— É só um bico, mas me rende uma grana.

— Imagino que irá continuar até se formar, mas você seguirá a profissão de médico, né? — ela fala e apesar de odiar a conversa, amo ouvir a sua voz.

— Acho que sim, não penso muito no futuro, o hoje é o suficiente para mim.

— Interessante a sua filosofia de vida!

Eu sorrio e a puxo para mais perto.

Agora as nossas respirações se misturam, estamos naquele estado de olhos nos olhos e ela tentando não olhar. Encosto meus lábios nos dela,

precisando de mais uma dose do meu novo vício.

Eu me deito por cima dela e quero tanto essa garota, que chega a ser insano. Iniciamos um beijo gostoso, intenso e então eu a coloco em outro patamar de vício – Elena, nicotina, álcool, isso é quase uma declaração de amor.

Vou beijando a sua pele e é um delírio ouvi-la gemer baixinho como se o que estivéssemos fazendo fosse proibido. Continuo a descer os beijos até chegar ao seu colo. Estou excitado pra caralho e quero fazer desse nosso melhor dia. Tê-la aqui me faz perceber o quanto eu me sentia sozinho. Deslizo a mão por baixo da sua camiseta e é quase um colapso tocar o seu seio.

— Me deixa beijar seus seios? — pergunto.

— Maycon, eu...

— Deixa pelo menos ver? Só quero sentir você. Prometo que não vai passar disso — sussurro. — Não confia em mim? — ela não me responde, então sei que posso continuar. Eu tiro a blusa dela e tenho certeza que nunca tinha me aproximado de algo tão perfeito como agora. — São lindos — sussurro e não consigo ficar apenas vendo, sugo tão forte que começo a delirar de prazer.

E sei que serei capaz de me viciar até o meu fim. Estou em um estado de quase loucura, cheirando Elena, fumando Elena, sentindo toda a sua química e sendo intoxicado de uma forma que não tem mais volta. A cada beijo estou mais entregue, decifro cada curva do seu corpo como um mapa. Que porra é essa que essa garota faz comigo?

Ela consegue me manter como se pudesse tomar meu coração e aqui, agora, olhando em seus olhos, estou disposto a roubar o seu. Eu só quero ter a chance de continuar tendo isso. É novo, insano e como diria Robert, amor no cérebro.

Continuamos o beijo e não preciso de porra nenhuma a não ser continuar aqui, quase implorando para ela me amar. Eu preciso e quero ir além dos beijos, estou a ponto de gozar.

— Quero que você seja intensamente minha! Você quer ser intensamente minha, Elena? Só minha? — Pode parecer pergunta, mas estou implorando por isso.

— Acho que eu já sou — diz em um sussurro.

Pela primeira vez em anos, eu não estou chapado e estou feliz. Eu me

afasto um pouco e pego uma camisinha na gaveta do criado-mudo. Mas, de repente, ela trava. O que eu fiz de errado? Ela parece ter aquele choque de realidade e muda totalmente a expressão.

— Qual o problema? — pergunto, desesperado para resolvê-lo, então volto a beijá-la tentando aliviar a tensão.

— Não acha que está cedo para isso? — ela diz entre os beijos.

— Não, por quê?

Paro e olho em seus olhos. Eu posso dizer a ela que nunca senti isso com outra pessoa? É cedo para tentar provar a ela que o que estamos vivendo também é novo para mim?

— Maycon, por favor — insiste, ofegante.

— Já fez sexo? — pergunto olhando em meus olhos.

Ela fica envergonhada, não me responde e tudo fica óbvio demais. Merda! Então eu me viro e me deito ao seu lado.

— Tudo bem! Vou tomar um banho — falo e apesar da frustração, não quero que ela fique chateada.

Vou ao banheiro e bato uma punheta pensando nela, óbvio. Depois de me aliviar, meus erros começam a me assombrar, e apesar de querer muito, eu sei que não mereço essa garota. Não é certo tê-la aqui, ela merece bem mais que isso.

Ah, que porra! Assim como com a coca, existe uma depressão pós-Elena também? Qual é, Maycon? Que porra é essa?

Assim que volto ao quarto, eu a encontro ainda imóvel na cama.

— Me desculpe — diz, quase chorando.

— Por quê? — pergunto, querendo mesmo deixar claro que não há problema nenhum nisso.

— Pode achar que sou boba, mas acredito no amor verdadeiro. E não quero chegar a esse ponto se não for para continuar com você. Acredito no momento certo, e sei que ainda não é o meu.

Ah, merda, essa cocaína cujo o nome é Elena fala e deixa claro que não vou me dar bem com a minha consciência se continuar nesse novo vício.

— Tem que ser com o cara perfeito? — pergunto, tentando apostar as minhas fichas em mim mesmo, mas só tenho cartas fora do baralho.

— Não tem que ser o cara perfeito. Quero que seja com você — ela diz e eu quase enlouqueço ao ouvi-la —, mas sou insegura. Fui criada de um modo diferente, tenho meus princípios, não que seja uma puritana, mas... e

quando as coisas não derem certo? E quando eu estiver me sentindo mal? Vai ficar comigo aconteça o que acontecer? Ou para você sou apenas mais uma? E depois que rolar, ainda vou ser interessante para você, ou vai partir para a próxima?

— Nossa! Muitas questões para uma pessoa responder. Não é só sexo para mim, vou te provar que não, mas tem que me dar essa chance. Vai me dar? — pergunto, ansioso, e ela nem mesmo percebe isso.

Ela não diz nada, apenas me beija. Sei que já estou envolvido demais, mas antes de chegar a um quase sexo, eu paro.

— Acho que não mereço uma garota como você, Elena. Jayde tem razão. Não fomos feitos um para outro, qualquer um pode ver.

— Não ligo para a opinião dela ou qualquer outra pessoa. Se me provar que não é falso comigo, juro que serei sua intensamente, seja lá o que isso signifique para você.

Olho em seus olhos e sei que ela realmente é um anjo, pena que está entrando no meu inferno sem ter noção disso.

— Vou esperar seu momento certo, garota — digo, ela sorri e me faz sorrir também. — É melhor nós descermos...

Não consigo tirar meus olhos dos seus seios, nem mesmo quando ela veste a blusa, e ao perceber isso ainda faz charminho.

— Engraçadinha. Não cutuque a onça com vara curta, é perigoso.

Iniciamos mais um beijo e depois seguimos para a sala. Eu me jogo no sofá e quando ela se senta no outro, eu rio.

— É sério isso? Vai sentar-se a quilômetros de mim?

— Pare de exagero, Maycon — sorri.

— Deita aqui comigo!

— Não vai caber.

— Lógico que vai, garota, cabe a Jayde e eu. Você é mais magra que ela — ressalto.

— Deita com ela assim? — ela pergunta, tentando não demonstrar que sente ciúme.

— Respondo se vier deitar. — Agora é a minha vez de fazer charme.

Assim que ela se deita, eu coloco a mão embaixo da sua blusa, mas leva segundos para ela tirar e se virar de frente para mim.

— Melhor ainda, posso beijar sua boquinha gostosa — provoco.

— Como foi que você e Jayde chegaram a morar juntos? — pergunta

após o beijo.

— Estudamos juntos quando crianças. Jay tinha uma banda, um dia me chamou para tocar com eles, aceitei e...

— E...

— Aceitei porque a achava... — rio sem graça.

— Gostosa — ela completa e faz sinal para eu continuar.

— Tivemos um entrosamento legal, bacana no início. Apesar de ela ser meio ausente.

— Ela usa drogas? — pergunta, já sabendo a resposta.

Quando foi que o assunto ficou tão desconfortável?

— Na época, só a via com erva. Hoje nem sei mais o que ela usa, para ser sincero, não pergunto. Diziam que Jayde gostava de dar uns tragos e outras coisas, e... Bom, eu cheiro e ela passou a cheirar algumas vezes, mas não se apegou, seu lance era outro. Hoje, eu a vejo sempre com erva. — Tento desconversar porque não entendo aonde ela quer chegar, esse parece ser um assunto claramente desconfortável.

— Você a induziu ao vício? — pergunta e agora começo a entender as coisas.

— Eu dizia para ela não usar, mas ela nunca me escutou, e quando eu estou cheirando, pouco me importo se quem está ao meu lado usa ou não. Ai já era, ela está nessa até hoje — falo meio sem jeito.

— Mas como chegaram a morar juntos? — ela insiste.

— Elena, eu realmente não gosto de falar e nem me acho no direito de falar sobre a vida dela. Mas para saciar sua curiosidade, digamos que ela teve alguns problemas com os pais e veio morar comigo. — Tiro o Rob da história para não piorar a situação.

— Ela perdeu o contato com eles?

— Não pergunto a ela sobre isso, na verdade, eu não pergunto sobre nada, acho meio chato esse lance de ficar querendo saber da vida dos outros, sabe? — Jogo a direta que de brinde tem uma risadinha cínica.

— Isso é uma indireta?

— Não, pode continuar a entrevista — falo de forma irônica.

— Fiquei tão sem graça no dia da entrevista. Você parece que nem ligou.

— Qual entrevista?

Ela me encara, incrédula.

— Você não se lembra que eu o entrevistei sobre drogas?

— Eu? Está de brincadeira, né? — falo.

— Maycon, pare, você me viu no ponto próximo à faculdade, foi a primeira vez que conversamos. Não se lembra do cigarro, da entrevista?

— Lembro que te vi lá, mas não me lembro de entrevista, rolou isso?

Ela sorri sem graça.

— Você não parecia estar drogado — ela diz.

Que merda! Lá vamos nós de novo jogar as cartas na mesa.

— Você aprende a disfarçar com o tempo. Mas, às vezes, misturo muita merda e isso me faz esquecer o dia anterior...

— Não tem como disfarçar.

— Não tem como se cheirar pra caralho, aí já era, mas se for pouco, sim.

— Você fica fungando — sussurra sem graça e isso parece incomodá-la.

— Na hora que cheiro, depois passa. Vamos mudar de assunto, já deu por hoje — falo, porque sei que a tendência é piorar e não quero que isso aconteça, quero uma zona neutra para nós dois.

Volto a beijá-la, mas ela está desconfortável e eu sei o motivo.

— Já ficou com a Jayde? — questiona e eu começo a odiar a entrevista, mas estou disposto a ser sincero.

— Já, no início. Hoje não rola.

— Por quê?

— Ela gosta do que eu gosto. Simples assim.

— Então como ficou com ela?

— No começo, me empolguei, mas Jay é foda, me assustei na primeira vez que fiquei com ela. Como eu te explico, bom... — Penso em como dizer isso. — Hum, ela meio que quer controlar como se ela fosse o homem e eu a mulher. Entende? Tipo, não tenho preconceito, mas fiquei imaginando que estava com um homem pelo jeito dela. Aí fodeu, não rolou mais. Lógico que não falei isso para ela, só que mulheres geralmente são delicadas por natureza, Jay é bruta, grossa, fora que bate igual homem. Deu para entender? — sorrio ao pensar que levaria um murro se ela me escutasse. Elena começa a rir também. — Sério, na boa, ela bate igual homem. Quando está viajando, eu nem olho para o lado dela.

— Quem usa mais, você ou ela?

Ah merda. Elena, sério que você não sabe finalizar um assunto? Estou começando a desconfiar que quer entrar nessa, que curiosidade chata.

— Nunca me preocupei em saber!

— Você fuma muito, bebe muito e...

Caralho!

— Cheiro muito — concluo.

— Por que tudo isso?

— Porque não queria fazer discriminação — começo a rir com o deboche.

— Como assim?

Cara, ela nem percebe a ironia.

— Em uma das vezes que meus pais me internaram, cheguei lá e o cara me perguntou: *Por que acha que está aqui?* Falei que não sabia. Perguntou se usava narcóticos. Disse que não. Aí ele me deu uma ideia federal, disse que a coca acaba com cérebro, coração, vasos sanguíneos, danos irreversíveis. Na época, eu não bebia muito, aí, para não rolar discriminação, decidi não deixar os rins e pulmões de fora — falo, rindo.

— Fala como se fosse piada, está acabando com sua vida e ri disso? Você é filho único?

Deus, foi piada e ela nem percebeu. Não consigo mais ficar nesse lance, então me levanto e me afasto.

— Ah, qual é, Elena? Sou filho único sim, mas não gosto de falar sobre meus pais e muito menos sobre o que faço com a minha vida. Você não conseguiria entender, já tem sua opinião formada. Então não vamos tocar mais nesse assunto. Pode ser?

Ela não responde. É foda ter alguém questionando a sua vida, até porque se você não consegue sentir, dificilmente irá entender.

Saio para fumar um cigarro e depois volto com um suco, então coloco novamente o filme. Eu me deito ao seu lado e a tarde passa. Ela não faz mais perguntas e é um alívio. Sentindo o seu cheiro, eu acabo cochilando. Quando abro os olhos, vejo Jay à nossa frente e levo um susto do caralho.

— Jay, voltou cedo!

— Tinha hora para eu voltar? — ela pergunta, parecendo puta comigo.

— Não disse isso, sua potranca. — Tento, mas ela me manda um claro foda-se.

— Para que tem a porra de um celular? — Jayde pergunta, irritada.

— Por quê? — Estou sem entender que porra está acontecendo.

— Eu estava curtinho com a galera, te ligo para saber se está vivo, a porra do telefone toca dez vezes, mas ninguém atende.

Sério que isso é pelo telefone e não por Elena? Qual é, Jay?

— Não vi, Jay, deve ter descarregado. Foi mal. Não precisava ter voltado por isso.

— Não? Lembra que a última vez que apagou, o médico disse que se exagerar de novo não volta mais?

Precisava falar isso na frente da repórter de viciados? Certeza que isso será pauta para a nossa próxima entrevista.

— Jay, depois a gente conversa sobre isso. Está tensa, vai dormir, vai!

— Puta que pariu, eu preocupada e você aqui bancando o príncipe encantado. Vai para o inferno, Maycon. Qual é o seu problema?

Merda! Eu me levanto e encaro Elena.

— Só um minuto, Elena.

— Tudo bem — responde.

Jay sai pisando duro e eu vou atrás. Sei que ela não está puta por eu não ter atendido às suas ligações. Assim que percebe que estou indo atrás dela, ela bate a porta na minha cara.

— Cai fora! — diz assim que eu abro a porta.

— Jay, que porra! Pare de drama, vai?

— Como tem coragem de trazer ela aqui depois do que essa sem noção falou do Robert? Cheirou tanto pó que esqueceu, é? — grita.

— Pare, Jay! Nada a ver, esquece isso.

— Idiota. Acha que vai ser diferente com você? Ela só está te usando para ficar bem na fita na faculdade.

— Jay, eu já expliquei que aquilo não foi para ele, foi para mim. Qual é?

— Ah, me poupe. Vai para o inferno. E quer saber, espero que você morra e que essa patricinha de merda faça o que fez com ele no seu discurso. Saia do meu quarto agora ou faço você sair! — ela grita novamente.

Sabendo que ela não vai ceder, eu vou para a sala para tirar a Elena daqui antes que a Jay continue.

— Acho que o problema sou eu — diz sem jeito.

— Não — tento amenizar a porra toda —, ela anda misturando tanta

coisa, que fica nervosa mesmo, tem cada viagem que eu prefiro ficar longe. Vamos nessa?

— Vamos, sinto muito por isso.

— Vou conversar com ela depois, mas agora é inútil, ela está paranoica. Tem que esperar passar.

Vou ao quarto e pego a bolsa da Elena.

— Ela vai ficar bem? — insiste.

— Vai. Fica tranquila, ela já está deitada.

Já no carro, eu vejo como o clima mudou e quando chegamos ao campus, ao ver outra turma que eu conheço apenas de vista, ela parece incomodada.

— Quer esperar um pouco? Não te viram ainda — sugiro e isso a deixa mais constrangida.

— O que você quer fazer?

Não digo nada, apenas estaciono um pouco longe da entrada e a puxo para o meu colo.

— Vai ficar bem com a Jayde?

Até então eu achava que Emily era a pessoa mais insistente, mas Elena acabou de ganhar dela.

— Não se preocupe, sempre ficamos bem depois. Sabe o que quero fazer? — Eu mudo de assunto.

Eu a beijo e acabamos nos perdendo nisso. Já louco, levanto a sua blusa e sei que sempre vou procurar maneiras de me afundar mais no meu novo vício.

— O que é isso? — pergunta, ofegante.

— Meu lema é nunca retroceder, agora é daqui para a frente — sorrio ao me lembrar que sempre digo isso a Emily e Isaac.

Acabamos perdendo a noção do tempo e quando percebo já escureceu.

— Estou com fome! — ela diz, se afastando.

— Eu também! — falo, mas não sei se ela percebe a malícia.

— Você é muito safado.

Bom, isso ela captou.

— Não deixe ninguém separar a gente, Elena. Promete para mim?

— Acho que a única que quer nos separar é a Jayde — ela sorri.

— Jay é só fogo de palha. Depois ela aceita — falo.

— Acho que ela gosta de você.

— Ela me ama, assim como eu a amo, mas somos como irmãos — falo e apesar de ser tão sincero, ela gargalha com deboche.

— Imagino — diz e eu ignoro a sua provocação.

— Tem um trailer aqui perto, quer comer hambúrguer?

— Hoje não. Mas aceito amanhã — diz e eu sorrio.

— Isso é só para garantir que eu venha te ver, não é?

Ela sorri e volta a me beijar. De todos os meus vícios, no momento, esse é o melhor.

— Amanhã você virá que horas? — ela pergunta.

— Que horas quer que eu venha? Se falar cinco da manhã, eu venho, se quiser que eu venha para dormir, nem vou embora — brinco, ela sorri.

— Idiota — diz com charme.

— É cedo para dizer que curto muito ficar com você?

Agora ela sorri feito boba.

— Curte mesmo? — pergunta, olhando em meus olhos.

— Sim, estou até pensando em tipo, quando jogamos, tem aquelas barrinhas de vida e missões que você faz e vai enchendo. Sabe do que estou falando?

Confirma que sim.

— Vou dar um jeito de fazer uma dessas para você.

— Por quê?

— Não tem essa paradinha de esperar o tempo certo?

— E? — Ela parece empolgada.

— Aí eu vou concluindo as missões para encher a barra do tempo certo! Quando encher e você ver a potência, já era, apaixonou-se mesmo! — sorrio.

— Você é tão bobo e idiota. Meu idiota!

— Acho que esse povo não vai sair daqui enquanto eu não for embora. Parece que estão brotando! Tinha uns dez, agora tem uns quinze — digo. — E então?

— Não sei. Keven ainda está aqui fora. Estou sem graça por isso.

Oi? Como assim?

— Quem é Keven?

— Meu colega de quarto.

— Interessante! Por isso não quer sair?

— Não é isso, mas é que não falo sobre você com ele.

— Tenho que me preocupar com esse idiota?

— Pare, ele é tão legal, não fale assim dele.

— O.k.!

Elena se ajeita, abre a porta e vai saindo, então penso que é melhor deixar as coisas claras aqui. Desço do carro, vou em sua direção e a abraço, então todos ficam olhando. Seguimos assim até a entrada e imagino quem seja o tal amigo assim que vejo o rosto chocado de cara. Eu percebo o quanto está envergonhada e acho isso uma merda.

— Oi — ela sorri para o cara.

Ele está com uma garota, menos mal, mas ainda acho péssimo ela se preocupar com ele.

— Oi — eles respondem ainda sob efeito Maycon.

— Maycon, esses são Keven e Any — ela diz.

— Beleza? — falo ainda com os braços ao redor dela.

Não sei o que estou tentando provar ou por que do ciúme, mas está acontecendo e não sei quando foi que me tornei esse cara.

— Joia, cara — ele responde. A garota apenas sorri e todos ficam em silêncio.

— Vou lá — finalmente Elena diz, olhando em direção ao seu quarto.

— Nos encontramos lá! — ele conclui e agora eu sei que detesto esse cara.

Eu a acompanho e em frente ao seu quarto nos despedimos com um beijo.

— Até amanhã — falo.

— Até amanhã depois do almoço. Tudo bem?

— Tudo — digo, e ao me virar ainda vejo todos os olhares curiosos sobre mim.

Entro no carro e desapareço o mais rápido possível. Estou assustado com o modo como isso está rolando, de repente eu me vejo tomando atitudes que nunca me passou pela cabeça.

Que merda! Essa merda de sentimento está me pegando de jeito.

Cadê a porra do seu grande cérebro que diz que amor é toda essa merda é só química barata? Elena não é uma droga, Maycon, e você está de quatro por ela.

E o que você quer de mim, Elena? Eu sei qual é a sua e mesmo

sabendo que isso é demais para você, não estou disposto a desistir. Que porra eu tenho que fazer para entrar no seu coração?

Essa garota é problema, e como Isaac diz, eu amo problemas.

Capítulo 19

Isaac

Quando conheci Emily, soube que ela seria a mulher da minha vida, mas não foi exatamente recíproco. Ela era o tipo de garota que planejava cada passo como se o futuro pudesse ser escrito em uma folha de papel e relacionamentos amorosos não estavam inclusos nele. Mas eu sabia que precisava apenas de uma chance e quando eu a tive, com ela veio a certeza de que daquele momento em diante eu faria de tudo para estar nesse futuro.

Ela era tão determinada, sempre sabia o que dizer e como dizer. E justamente depois de vários encontros e um pedido inusitado de namoro, um casamento era o próximo passo a ser dado. Quando eu a levei para conhecer os meus pais, eles ficaram impressionados, Emily sabia como conduzir uma boa conversa e por isso estava no ramo certo – direito – e sendo sincero, a sua oralidade e persuasão eram tão convincentes que não havia como não a admirar.

E bem mais que isso, ela era gentil, doce e tão linda que tomar meu coração foi um exercício fácil, e ao ter o seu, eu me senti o cara mais sortudo do mundo. Tudo bem que ela tinha um gênio autoritário e a extrema necessidade de estar no controle, mas uma vez que ela já controlava o meu coração, controlar todo resto não seria problema.

Anos passaram, houve algumas brigas, mas nada que nos mantivesse longe por muitos dias. Somente depois da faculdade é que marcamos a data. Nenhuma visão em minha vida foi mais linda que vê-la finalmente entrando na igreja vestida de noiva.

Os anos passavam e eu ainda me sentia como se fosse à primeira vez. E embora estivesse indo bem na promissora carreira de advogada, quando ela me propôs tentarmos aumentar a família, apesar de achar cedo, eu realmente apreciei a ideia de ser pai. Emily estava decidida de que era o momento certo e por isso ela fez vários planos, tínhamos até uma planilha de nomes. Acho que o fato de seus pais serem de idade avançada a ajudou a tomar a decisão.

Nós nos mudamos para uma casa maior e mesmo sem um resultado positivo, montamos todo o quarto do bebê, ela gostava disso, de fazer e concretizar seus planos. O problema é que a cada exame negativo eu a via entrava em desespero. Mas o colapso aconteceu mesmo quando ela sofreu o

primeiro aborto. Emily não aceitava a ideia de não poder gerar filhos e foi isso que a fez desrespeitar o prazo para uma nova tentativa. E quando tivemos o segundo aborto, ela pareceu perder a própria vida. Foi uma fase tão difícil e complicada de superar.

Quando eu não suportava mais ver o seu sofrimento, prometi para mim mesmo que não tentaríamos mais. Com a ajuda de amigos e um terapeuta, começamos a amadurecer a ideia de uma adoção. Em nosso aniversário de casamento, Emily implorou para tentarmos uma última vez, e somente depois de me prometer que seria realmente a última é que entramos novamente em acordo.

Apesar de querer e estar feliz quando alcançamos nosso positivo, os primeiros meses foram marcados pela tensão. Só contamos a novidade quando conseguimos passar do primeiro trimestre. Ela estava tão feliz, que comemoramos com amigos e familiares em um grande jantar. E quando soubemos que era menino, como um presente, ela me deixou escolher o nome e não foi nenhuma novidade que o escolhido foi o do meu bisavô, Maycon Sebastian Callier.

Nosso pequeno garoto finalmente estava a caminho e já nos imaginávamos como pais corujas. Aos cinco meses, ela teve um sangramento e ficamos desesperados, mas era diferente, nas outras gestações ela nunca havia passado do primeiro mês e apesar de tudo, esse fato nos deu esperança. Após uma internação, soubemos que era uma gravidez com alto risco de parto prematuro.

Emily então deixou tudo e se entregou por completo à gravidez, nosso filho era mais importante e para tê-lo nos braços valia qualquer sacrifício. Ela passou a fazer repouso absoluto, levantava da cama apenas para necessidades, até as suas refeições eram feitas ali. E apesar de sentir tanta falta de um contato mais íntimo com a mulher da minha vida, tudo foi recompensado quando vi a felicidade em seus olhos ao me fazer sentir pela primeira vez Maycon chutar em sua barriga. Nosso pequeno milagre estava a caminho.

Na época, eu já estava à frente da Callier, a indústria farmacêutica fundada por minha família paterna, e estávamos iniciando o processo de exportação e com isso meu tempo ficou cada vez mais limitado, porém, chegar em casa, beijar minha mulher, poder conversar e fazer planos para o nosso bebê compensava cada minuto distante.

Quando Maycon nasceu, em um parto muito complexo, nós tivemos nosso pequeno milagre em mãos. Era real agora e eu que estava receoso, conheci a forma mais pura do amor ao olhar para ele. Soube naquele instante que Maycon não precisaria fazer nada, eu o amaria e o protegeria sempre, simplesmente por ser quem era.

Emily sabia que não poderia ter mais filhos devido a todas as complicações que enfrentou, então eu já previa que ela se dedicaria inteiramente a ele no início, mas acreditava que em algum momento o nosso relacionamento voltaria a ser, não igual, porém próximo do que costumava ser. Eu estava enganado, a nossa rotina mudou completamente e eu estava tentando me adaptar a ela. Houve dias em que eu jurava que era mais fácil ser pai que voltar a ser um marido, não que eu tenha me permitido deixar esse papel ou esperasse que ela desse conta de tudo sozinha, eu não esperava e sequer impunha qualquer responsabilidade desse tipo, mas ela sendo quem era se impôs o fardo de ser a supermãe.

Houve momentos em que eu me sentia totalmente ignorado, e pior, isso me fazia sentir culpado. Ele era meu filho e se por um lado eu me achava no direito de revogar alguma atenção, como pai eu me sentia um lixo só por cogitar a ideia de querer minha mulher de volta. Nosso casamento parecia estar entrando na primeira crise e apesar de querer falar sobre meus sentimentos, Emily parecia estar sempre cansada, emotiva e com o nervo à flor da pele. E enquanto ela se afundava nesse mundo não tão mágico da maternidade, eu me focava cada vez mais no trabalho jurando que isso seria por pouco tempo, de que precisávamos apenas ser pacientes e mesmo me sentindo deslocado, em algum momento nós voltaríamos a ser como antes.

Com o passar dos meses, eu percebi que não era apenas devoção de mãe, Emily queria ser autossuficiente. E mesmo hoje, quando paro e penso, vejo que os sinais estavam ali, mas eu os ignorei. No resguardo ela não quis babá porque temia a simples ideia de Maycon a confundir com outra mulher, se ele chorava somente ela poderia pegá-lo no berço, tínhamos três ajudantes para não a sobrecarregar, mas em se tratando do nosso filho não existia a possibilidade de ajuda.

Aos poucos, ela deixou de me acompanhar aos eventos, porque não queria que ele corresse nenhum risco de contaminação, e manteve essa ideia por meses. Passá-lo para o quarto dele foi um sofrimento para ela, e durante quase dois meses, mesmo com babá eletrônica, ela ficava horas apenas o

observando.

À medida que ia crescendo, Maycon se tornava o centro de nossas vidas, nossas conversas giravam em torno dele, e apesar de sermos um casal, de dormirmos na mesma cama, parecia que era apenas isso que a fazia me manter por perto – o fato de ser o pai do seu filho. Eu estava confuso, eu amava meu filho e amava minha mulher, mas queria tê-la novamente em minha vida como a mulher por quem me apaixonei e não apenas como mãe do meu filho. Eu a queria de volta, mas não fazia ideia de como fazê-la enxergar o meu lado.

Parecia péssimo e eu me sentia culpado por ter ciúmes e querer Emily presente na minha vida também. Ao me abrir com Jordan, meu amigo de infância e padrinho de casamento, ele me disse que já havia notado que Emily tinha uma obsessão por Maycon, que ela queria ser suficiente para ele, queria que o filho se sentisse seguro apenas com ela e isso estava se tornando um problema. Ele disse também que eu deveria procurar tratamento antes que se tornasse prejudicial. Mas toda vez que pensava em falar, eu me lembrava de todo o sacrifício que ela fez na gravidez, em como ela se dedicou a ele e parecia egoísmo da minha parte querer cobrar algo agora.

Os anos foram passando e apesar de ainda amá-la, o sexo era casual, e parecia que estava tudo bem, mesmo sem um diálogo ou carícias.

Maycon era elétrico, muito esperto e inteligente, se interessava por atividades muito além da sua idade, e ao contrário de Emily, ele sempre me esperava acordado para brincar. Às vezes eu chegava muito tarde, exausto, mas lá estava ele, me esperando para contar uma novidade e, obviamente, brincar.

Jordan sugeriu que o enviássemos para escola, ele adorava a astúcia de Maycon, e quando entramos em acordo sobre qual colégio, mesmo Emily achando cedo, ela cedeu. E quando finalmente estava tudo certo para ele iniciar, cheguei a ter a ilusão de que poderia me atrasar algumas horas para o trabalho se isso me fizesse ter a chance de passar as manhãs apenas com Emily, apenas nós dois.

Emily se convenceu de que a experiência poderia traumatizá-lo caso ela não acompanhasse de perto, por isso ela não quis deixá-lo ir com o motorista, concordamos então que Emily o levaria e eu o buscaria. Essa foi última vez que tentei uma aproximação, eu me cansei de insistir, me cansei de ter vários convites para jantarmos fora negado, ela só ia a lugares que

poderia levar o nosso filho e sempre a sua atenção era toda voltada a ele.

Eu não o culpava, apesar de Maycon ser sempre tão mimado, foi meu erro deixar chegar onde chegou. Eu sempre decidi adiar a conversa e o dia nunca chegou. Passei a me sentir como se eu não fosse uma parte importante na vida deles, mas eu o amava, Maycon sempre foi tudo para nós, porém eu e sua mãe demonstrávamos isso de forma diferente.

Próximo ao seu aniversário de onze anos, como em todos os anos anteriores, Emily queria que nós dois decidíssemos tudo sobre a festa. Na época eu estava esgotado, novamente a empresa estava passando por transformações para se adequar às exigências do mercado e isso estava me tomando muito tempo e energia, e para compensar, a minha secretária tinha acabado de sair em licença-maternidade e a sua substituída, Jeniffer, apesar de estar se esforçando, não era o suficiente, não aos meus olhos.

Em casa, as perguntas sempre eram sobre Maycon e o que ele havia feito. Nunca duvidei que ele fosse superdotado, mas quando a escola sugeriu testes eu não quis impor essa responsabilidade a ele. Eu queria uma vida completamente normal para o meu filho, e apesar de meu casamento parecer estar por um fio, meu amor por eles me mantinha ali, aceitando tudo. Aos olhos de Emily, tudo parecia bem, cheguei a acreditar que ela tinha outro, mas doía demais ter que encarar essa possibilidade.

Foi então que em umas das noites em que eu não estava disposto a chegar cedo para falar sobre seu aniversário, continuei no escritório revendo contratos, e mesmo não pedindo, Jeniffer ficava algumas noites até tarde comigo. As poucas vezes que olhava para ela, eu me perguntava como uma jovem tão atraente poderia ser secretária e não modelo, pois além da beleza, ela tinha porte para se adequar à profissão.

Eu estava cansado, cansado do trabalho, do casamento, acho que de tudo, então resolvi tomar um uísque. Quando ela entrou na sala, ficou boquiaberta e por achar graça da atitude dela, eu a convidei para me acompanhar, esperava receber uma negativa e me surpreendi com a sua aceitação. Foi então que percebi, depois de três ou quatro doses, que ela não estava de sutiã. Jeniffer continuou conversando e em determinado momento começou a flertar comigo perguntando de um jeito provocativo por que Emily não se importava de eu ficar até tão tarde no escritório.

Sem nunca ter escondido o fato de ser casado, eu olhei para a minha aliança.

— Ela não se importa, acho que me ter ou não ao seu lado não faz mais diferença — eu disse sem me ater às palavras.

Jeniffer então sorriu de um jeito provocante e se aproximou. Ela fez um sinal para que eu me afastasse e desse espaço a ela, sentando em meu colo em seguida. Eu gostei da atenção que vi em seus olhos e no momento em que ela tirou a blusa e disse que se ela fosse a minha esposa não permitiria isso, eu quis que esse flerte fosse até o fim. Foi um desejo estúpido misturado à carência e álcool, então aconteceu. Transamos na minha mesa, na frente da foto da minha mulher e filho.

No momento eu sequer dei atenção a isso, porém, quando cheguei em casa e estacionei o carro na garagem, ao pensar na minha família, eu me julguei estúpido por ter feito isso. Chorei por muito tempo antes de conseguir entrar.

Para a minha surpresa, Maycon não estava me esperando e sim a Emily. Ela estava com um robe vermelho de seda, linda, não me lembrava da última vez que a tinha visto assim.

— Onde está o Maycon? — perguntei, indo direto ao bar.

— Com meus pais — ela se levantou do sofá, mas não veio até mim.

— O quê? Como assim? — questionei, mal acreditando e ainda absorvendo a notícia.

— Hoje o seu filho rebelde me disse que eu não o deixo respirar, até exigiu dormir fora, e como eu não estava preparada para isso e não queria ter a nossa primeira briga, deixei que fosse com meus pais.

A sua confissão me fez gargalhar. Até podia imaginar o meu pequeno garoto dizendo isso a ela, Maycon sempre soube argumentar de forma precisa, pelo menos uma vez Emily foi vencida na persuasão.

Com um sorriso no rosto, Emily tirou o robe e ficou completamente nua. Eu respirei fundo e desviei o olhar, eu me sentia péssimo. Quando ela percebeu que eu não ia até ela, Emily se aproximou e sem esperar que eu pudesse ter alguma reação, me beijou. Um beijo quente e provocativo, parecia errado estar ali, mas ter a sua atenção voltada para mim novamente era demais para eu rejeitar. Mesmo me sentindo errado, entrei em seu jogo e tivemos uma noite maravilhosa de amor.

Parecia ridículo dizer isso depois de tê-la traído, mas o nosso fim de semana foi perfeito. Foi então que eu me dei conta de que não estava preparado para perder a minha mulher, a minha família, mesmo tendo

cometido um erro.

Na segunda-feira eu conversei com a Jeniffer, disse que amava a minha esposa e que aquilo foi um erro. No dia seguinte ela pediu demissão e, para ser sincero, foi um imenso alívio.

Maycon passou a se impor indo dormir nos fins de semanas com os avós, na sua cabecinha, ele agora era adulto e eu e sua mãe ríamos muito depois que seus avós o levavam. Ele se despedia como se estivesse indo a outro país e aquilo realmente era muito engraçado.

Meses se passaram e como um milagre meu casamento voltou a ser o que foi um dia e eu vivia cada dia desejando não ter fim. Mas um dia Jeniffer me procurou dizendo estar grávida, então entrei em desespero e sugerido por Jordan, até pedi um exame de DNA. Quando foi comprovado que era mesmo meu filho, praticamente comprei o seu silêncio para continuar com Emily, mas viver construindo mentiras não é uma boa forma de manter um casamento. Assim que conte a Emily sobre a traição, eu vi a minha vida perfeita virar um inferno. Eu estava perto de perder a mulher da minha vida e bem além disso, meu filho também. Eu me sentia muito culpado por isso.

Emily acreditava que eu tinha um caso com Jeniffer, tentei de todas as formas mostrar que ela estava enganada, mas ela que teve tanta dificuldade em engravidar que não conseguia acreditar que Jeniffer engravidou em uma única vez.

Ela estava destruída, Maycon perdido e eu sem saber como recuperar a minha família. Emily queria que eu confessasse que o meu caso durava até aquele momento, mas eu não poderia confessar isso, não era verdade. Só que Emily já havia escolhido em qual verdade acreditar, ainda que ela fosse uma mentira.

Desde então, o nosso casamento se tornou um inferno. Maycon presenciou uma de nossas brigas e se até então ela estava segurando a barra por causa dele, depois disso Emily praticamente me expulsou de casa. Quando achei que já estava complicado, ela tentou colocar Maycon contra mim ao me proibir de vê-lo.

Deus, aquilo doeu muito. Ela o fazia dizer que não queria me ver e naquele momento eu acreditei que a odiava também, mas depois de todo inferno, quando vi como Maycon sofria e estava perdido com tudo isso, tive que enfrentá-la no tribunal para poder estar com ele e com isso consegui a guarda conjunta.

Depois de um tempo, apesar das brigas e das várias tentativas fracassadas em conseguir o seu perdão, percebi que era tarde, Emily não voltaria atrás em sua decisão e apesar de amá-la eu deveria juntar os pedaços do que restou de nós e seguir em frente. Eu errei com ela, errei com Maycon, mas independentemente de como ou com quem eu ficaria, eu não poderia ser negligente e continuar errando com Jessica, que apesar de tudo, não tinha culpa. Meus pais quiseram conhecê-la e depois disso me aconselharam a tê-la sempre por perto.

Eu acabei me aproximando novamente de Jeniffer, no início era só por Jessica, mas a situação em si nos uniu. Eu fui sincero com ela em relação a Emily e somente com um tempo, já com o divórcio finalizado e Maycon optando por morar com a mãe, é que decidimos ficar juntos. Eu disse a ela sobre os meus sentimentos, mas prometi que tentaria amá-la, seria um verdadeiro pai para Jessica, e que não faltaria respeito em nosso relacionamento. E ela aceitou.

Mas ao contrário de Emily, Jeniffer sempre foi ciumenta, mesmo tentando disfarçar, o seu ciúme sempre ficava evidente e até incluía o Maycon. E se a minha relação com meu filho já estava complicada, afundou de vez quando ele a conheceu.

O engraçado é que depois de descobrir sobre as drogas, Emily, que sequer considerava a possibilidade de estar no mesmo lugar que eu, me procurou. Eu não me surpreendi, ela sempre amou Maycon, sua prioridade era ser a mãe dele, e apesar de nesse encontro perceber que todo o amor que ainda estava vivo em mim não ser recíproco, ela estava ali pelo nosso filho e demonstrava claramente que estava disposta a tudo para salvá-lo.

E foram exatamente essas palavras que ela usou, que iria salvá-lo, mas que precisava da minha ajuda. Obviamente eu estava tão desesperado quanto ela, tudo que eu desejava para o meu filho parecia um sonho distante agora.

Ela se dedicou muito, me ligava de madrugada, desesperada para encontrá-lo, então íamos juntos e nunca neguei nada a ele ou ela. Jeniffer, que já era tão insegura, não aceitava muito bem quando me via saindo com Emily. Mas desde que descobrimos sobre o vício do Maycon, entendi que o nosso filho seria o nosso único elo e fiz Jeniffer entender isso também.

Emily agora tinha apenas a mim para ajudá-la. E apesar de ser uma situação tão frustrante, eu não queria que ela deixasse de me ligar, sempre

fomos o alicerce um do outro. Emily nunca se sentiu inferior a Jeniffer, era sempre o oposto, mas depois que ela se casou, elas passaram a ter uma relação quase de amigas, e apesar de tentar disfarçar, eu me senti péssimo naquele dia. Ao contrário de Emily, nunca tentei ser amigo de Erick, seu atual marido. Agora estou aqui, por um erro sei que destruí as nossas vidas e nunca vou conseguir me perdoar por isso, e desde então eu pago um preço altíssimo ao ver meu filho se autodestruir sem poder fazer nada para impedir.

Agora, a única coisa que consigo fazer é implorar a Deus por um milagre. Assim como ele nos concedeu um milagre ao nos dar Maycon, que conceda outro e liberte o nosso filho desse mundo tão injusto e obscuro que é ser viciado em drogas.

Capítulo 20

Assim que chego em casa, Jay sobe as escadas ao me ver entrando e bate a porta do seu quarto. Estou de saco cheio dessa atitude infantil, mesmo assim eu insisto e vou atrás.

— Jay, eu...

— Vai para o inferno Maycon! — Ela sequer me deixa terminar de falar. — Se a sua consciência está em paz com o que está fazendo, então foda-se. Mas agora tenho certeza que Rob merecia um amigo melhor — ela diz com rancor e isso machuca.

Eu queria poder dizer a ela que a minha consciência não está em paz, que nunca vai estar, mas acho que Jay não se importa com as minhas confissões.

Vou para o meu quarto, fumo um cigarro e é quase como se as suas palavras revivessem a culpa que eu tento ignorar. Penso nele, nas loucuras, nas merdas que fizemos juntos, foram tantas, e não consigo entender por que o cara fez isso. Quer dizer, eu sei que eu levei um pó puro e ele se iludiu achando que podia controlar, mas agora eu acho que se tivesse ficado com ele naquele dia teria impedido isso.

Quase choro, e sei que não consigo encarar isso, não consigo encarar a dor e automaticamente meu cérebro me diz o que eu preciso fazer para pará-la. Do nada, a depressão e a culpa me pegam de jeito e sei que preciso cheirar.

Acabo fazendo isso sem esperar que resolva o problema, não vai resolver, mas me permite não sentir porra nenhuma, e depois de ter cocaína no cérebro sei que não quero engolir as verdades da Jayde. Na verdade, agora estou tão puto com ela, que eu quero tirar essa história a limpo. Então cheio de coragem e querendo uma boa briga, eu bato à sua porta e não espero que me deixe entrar, simplesmente eu a chuto e ela se abre. Eu encontro Jay sentada na cama, com os olhos arregalados olhando para mim.

— Vai pra puta que pariu, garota! Eu não matei a porra do cara, só deixei o meu pó lá, cheiramos juntos e a porra deveria ter me devolvido na manhã seguinte. Quer saber, pelo menos eu não transei com o cara deixando-o se sentir culpado depois. E se não está satisfeita, dá o fora — sorrio, esperando que ela faça algo, mas Jay fica paralisada.

Quando ela percebe o que está acontecendo, passa a me ignorar. Eu desvio o olhar e abaixo a cabeça, enquanto ela finge que não estou aqui. Eu saio do quarto e pego a última garrafa de uísque, sei que a minha noite será uma merda.

Obviamente, Elena já está me esperando no quarto, pelo menos na minha cabeça. Eu cheiro várias carreiras até não conseguir mais me levantar, me sento no chão e fico escorado na cama, sozinho. Posso sentir o seu olhar de pena e ao mesmo tempo repúdio. Só tem uma pessoa que consegue me olhar assim. Elena.

— Esse sou eu, Elena, o seu namorado cheirador de cocaína que está tão dependente que não encontra mais a saída. Eu cometi muitos erros, transei para ter cocaína, humilhei várias e várias vezes os meus pais para ter dinheiro, não fui ao velório da minha avó porque estava chapado. Eu busquei drogas para um traficante e levei um bebê comigo expondo-o a esse mundo. Já cheirei ao lado de um cara e, depois de apagar, acordei e me deparei com ele morto. E sabe o que eu fiz? Eu fui embora antes que a polícia chegasse para não ter problemas. Se isso não é demais para você, então tenho que confessar que eu matei a porra do meu melhor amigo, o único que não se importava com as merdas que eu fazia. Essa é a verdade, eu sempre estou carregado de culpa, por isso preciso estar chapado. Então, Elena, o que pensa de mim agora? Está disposta a ficar e transar comigo? Quer mesmo amar um cara como eu? Não, você não quer e isso é uma merda!

Respiro fundo esperando que ela vá embora, mas ela continua ali, parada com o seu sorriso perfeitamente lindo. Ela faz isso porque não passa de uma ilusão, a minha ilusão.

Robert também está aqui e parece chateado comigo, então finjo que estou pouco me lixando para ele, mas não estou. Como um bom viciado que não suporta encarar as suas merdas, eu procuro um jeito de me afundar mais, e sem querer me gabar, sou um especialista nisso. Eu faço as minhas loucas misturas enquanto Robert fica me encarando.

— Foda-se, Robert, agora estou livre, imbecil. Não tenho que dividir a porra do meu pó com você — falo na lata e ele apenas me encara. — Você não deveria ter feito essa merda, você cheirou o meu pó, seu imbecil. Percebe que agora o meu estoque está acabando e a culpa é sua? — Engulo a imensa vontade de chorar. — Percebe o que fez? Você morreu, seu idiota. Merda, Robert, você morreu, porra! E as pessoas acham que eu matei você. Elas não

sabem como era uma merda isso aqui, elas não fazem ideia de quantas vezes eu tirei você da mira de uma arma para colocar a minha cabeça no seu lugar. Você deveria saber que éramos irmãos, deveria saber que irmãos não fazem essa merda. Irmãos não abandonam o outro.

Eu fico descontrolado e atiro a garrafa vazia contra a parede. Estou paranoico e sei que isso vai durar por um tempo. Robert finalmente desaparece, mas Elena continua e não percebe que não estou a fim de conversar. Ela continua sorrindo e agora começo a odiar o seu sorriso. Eu tento, mas não consigo tirar Elena da minha cabeça, impossível ignorar os sinais. Fecho os olhos, mas eu a sinto em minhas veias.

— Eu estou morrendo para ter mais de você, Elena. Estou cansado dessa merda, de ter você todas as noites na minha mente, me viciando, cansado da sua voz me dizendo que eu não a mereço. Olha para você! Tão santinha, tão ingênua, mas mal percebe que isso vai te arruinar. Eu estou cansado de querer e saber que não te mereço, cansado de continuar desejando a sua atenção. Mas eu não posso deixar você se afastar, não até te fazer querer ficar, porque quando isso acontecer, você vai realmente me conhecer e não vai ter medo disso. O meu mundo é uma merda, mas não precisa ter medo, nós dois somos loucos, eu sou louco e você está ficando louca também.

Eu começo a rir e faço um sacrifício enorme para conseguir me deitar na cama. Não sei que porra acontece, mas me sinto paralisado e a minha respiração fica ofegante até não ter mais luz alguma.

Acordo com a cabeça latejando. Estou coberto, provavelmente foi Jay, acho que ela também juntou os cacos de vidro, sequer há resíduos. Que merda! Odeio o fato de ter meu primeiro pensamento direcionado para a coca e sinto como se ela pudesse zombar de mim por sempre estar feito um zumbi atrás de pó, mas também não quero lutar contra isso. Eu já sei onde termina. Eu me levanto com uma ressaca do caralho, injeto e quase choro ao ver que meus papелotes estão evaporando, só pode ser a porra do Robert cheirando do além. Tomo um banho e mando uma mensagem para o Isaac perguntando onde esse idiota foi enterrado.

“Quer ir até lá?”

“Quero, pode me passar o endereço?”

Demora alguns segundos para a resposta vir.

“Passo aí em trinta minutos, pode ser?”

“Não precisa ir comigo, Isaac”

“Eu vou”

Saio e bato à porta do quarto da Jayde para me desculpar. Começo perguntando se ela está bem, mas a porra manda eu ir me ferrar. Nem digo mais nada, simplesmente vou para a sala esperar o Isaac. Minutos depois ele envia uma mensagem.

“Cheguei”

Saio de casa, cumprimento os seguranças e entro em seu carro, uma *Mercedes McLaren* prata que, por sinal, acabou de ser adquirida.

— Uau! Uma McLaren — digo sorrindo ao me sentar ao seu lado.

— Gostou? — pergunta e sorri, então se aproxima e me dá um beijo, bagunçando o meu cabelo.

— Prefiro meu Opala — eu o esnobo e nós dois rimos. — Onde enterraram o Robert?

— No cemitério Descanso das Almas. Aquele mais afastado do centro.

Ele coloca o carro em movimento. Nunca fui de me abrir com ele, mas sei que a Elena não merece continuar nessa minha merda de vida, mas eu não quero colocar um fim, mesmo sendo o certo.

— Isaac, eu não sou de falar sobre isso, mas eu... tem uma garota e... — Ele me encara, claramente chocado. — Ah qual é, não me olha assim, você é meu pai, lembra?

Ele ri.

— Claro. Pode continuar.

— Como sabe que amava a sua mulher a ponto de largar tudo? Mesmo sendo errado, o que o levou a fazer isso? Tipo, como teve certeza que era o que queria?

Ele respira, frustrado.

— Quer falar sobre Jeniffer, é isso? — diz, desanimado.

— Não — falo de imediato. — Estou saindo com uma garota, mas ela não é como a sua mulher, é mais como a minha mãe, entende?

— Não. Como assim, como a sua mãe?

— Sei lá, no sentindo de ser certinha demais.

— Usa drogas?

— Ah, esquece — falo, estressado.

— Tudo bem, vamos começar de novo. Que tal ir direto ao ponto? —

diz.

— Ela é alguém que eu não mereço, por isso é como a minha mãe. Mas a questão não é essa. O problema é que eu não quero errar com ela, mas nós dois juntos parecemos errado, entende? Então, sei lá, você esteve nesse mesmo lugar que eu. Você decidiu fazer algo que era errado, e...

— Maycon, eu não decidi largar tudo pela Jeniffer, nunca estive apaixonado como você está agora.

— Eu não estou apaixonado é só... — Eu me atrapalho todo. Merda!

— Com que frequência pensa nela?

Sua pergunta me deixa em um beco sem saída.

— Essa não é a questão, e sim que ela não merece essa vida, mas eu não consigo colocar um fim, entende? Eu quero, só que nós não somos o certo, assim como você e a sua mulher não eram e mesmo assim você arriscou...

— Maycon, eu não sei que história te fizeram acreditar e depois de tanto tempo eu... — ele suspira. — Ao contrário do que imagina, nunca planejei largar tudo por Jeniffer. Foi só um erro estúpido e quando me dei conta desse erro tentei consertar as coisas, mas a sua mãe não me perdoou. Então não acho que sejam situações parecidas, mas, vem cá, é isso que Emily fala para você até hoje?

— Emily não fala porra nenhuma de você, Isaac, pelo contrário, apenas pergunta se está tudo bem entre nós dois, se estou falando com você e depois cita uma longa lista de tudo que ela espera que eu faça. Ela critica o que eu faço e diz as mudanças que ela espera ver em mim, essas coisas. Ah, mas esquece isso, deixa pra lá. Eu só...

— Não. Deixe-me ver se eu entendi. Você quer saber como é estar apaixonado, é isso? Como ter certeza se ama alguém?

— Eu não estou apaixonado por ela, eu só...

Apesar de conversarmos evitando encarar um ao outro, ele parece chateado com o que eu disse da minha mãe. Eu abro o porta-luvas e vejo um par de óculos escuros que acredito ser dele, então eu pego e o coloco.

— Não admitir é pior — diz e sorri.

— E o que acontece quando a gente admite?

— Quando acontece não tem como fugir disso. Mas ela sente o mesmo por você?

Ah, merda! Não quero pensar sobre isso, então mudo de assunto.

— Por que nunca conseguiu levar a sua vida como Emily fez? — Eu o encaro e ele se mantém atento ao trânsito.

— Eu levei, mas em se tratando do primeiro amor é complicado. Não importa o tempo que passe, nada vai se comparar a ele.

— Ainda a ama?

— O que você acha?

— Se não é amor, é consciência pesada — digo e ele sorri, sem graça. Não sei por que até hoje eles evitam o assunto.

— Sua mãe sempre foi determinada, forte, e eu me sentia idiota perto dela, sentia que não a merecia, mesmo assim eu não queria me afastar. Então se você sente isso por essa garota e ela sente o mesmo por você, não desista. Mas se for para fazê-la sofrer, se não está disposto a mudar, sabe o que deve fazer — ele diz e eu sinto suas palavras pesarem em mim.

Eu tento ignorar tudo, porque agora está claro que caminho eu devo seguir.

— Como consegue lidar com isso?

— Maycon, eu era completamente apaixonado pela sua mãe e depois de errar é que entendi que o amor não se trata apenas de ter a pessoa. Eu a conhecia o suficiente para saber que não daria mais certo, mesmo nos amando. E foi justamente aí que aprendi que é preciso amar muito mais para saber o momento de ir. Sua mãe nunca teve um gênio fácil e eu sempre soube que não teria uma segunda chance, eu poderia ficar e nos condenar a infelicidade, ou poderia ir e esperar que de alguma forma o nosso amor encontrasse algum lugar de conforto, mesmo distante.

— E encontrou?

— Estamos no caminho, mas esse conforto está bem aqui, ao meu lado — ele sorri. — É você.

— Ah que merda! — Sorrimos.

— Mas não é tão ruim como parece, você consegue aprender a viver com isso. Então se essa garota for mesmo como a sua mãe, não erre com ela ou não terá uma chance para consertar.

— Significa então que eu tenho que desistir, porque eu sou um grande erro.

— Não, você não é, você é nosso milagre. A prova viva de que um dia eu e a sua mãe nos amamos muito, por isso nunca vai existir a possibilidade de nós desistirmos de você. Entende?

Eu coço a cabeça e começo a odiar esse papo dele, porque sei que termina com Maycon largue as drogas. Chegamos ao cemitério, o que é um alívio.

— Pode me esperar aqui? — pergunto e ele assente.

Isaac me explica onde Rob está, então vou olhando as lápides até encontrar a sua. Vejo a foto com os dizeres filho, irmão, amigo...

— Bom filho e irmão até que você era, Robert, mas nunca foi a porra de um amigo. Se acha que se livrou de mim, não se livrou, porque eu virei aqui sempre te atormentar, não vai ter sossego, Robert. Quando você achar que é demais, eu te encontro do outro lado e juro que te mato de novo, esteja onde você estiver — esbravejo.

Eu respiro fundo, fumo um cigarro e deixo o toco cair na sua lápide. Até penso em pegar, mas só para irritá-lo deixo onde caiu, então volto para o carro.

— Está tudo bem? — Isaac pergunta.

— Está. Vamos? — falo.

— Maycon, sempre que quiser vir eu...

— Isaac, corta essa, eu não vou pedir, nem quero — digo e ele dá um sorriso torto.

No trajeto, ele para no restaurante do centro, então almoçamos juntos e ele tenta uma aproximação, mas nosso assunto já deu. Quando me deixa em casa, assim que saio do carro, ele me chama.

— Pode achar que não, mas passar um tempo com você significa muito para mim, Maycon.

— Isaac, não conta pra minha mãe sobre o que conversamos, você sabe como Emily é. Se souber que estou com uma garota, ela vai querer investigar até a família dela.

— Tudo bem.

— Estou falando sério, Isaac, por favor?

— Ei, relaxa, não vou contar, tudo bem?

— Valeu, Isaac.

— Pode me chamar de pai, por favor?

— Posso ficar com seus óculos, pai?

Nós dois rimos.

— Claro, Maycon. Eu te amo.

— Tchau.

Entro e encontro Jay na cozinha. Eu me aproximo, tomo água, e ela não cede. Então à noite tentarei de novo até ela ceder. Tomo um banho, visto uma roupa qualquer e saio sem dizer nada para me encontrar com Elena.

Enquanto sigo para o campus, fico tentando encontrar as palavras certas para colocar um fim nisso, então ela vem e percebo que não existe uma palavra sequer que me faria colocar um fim. Ela entra no meu carro e eu sorrio ao vê-la tão linda.

— Jayde ficou bem? — ela pergunta.

— Hoje de manhã, bati à porta dela e perguntei se estava tudo bem, ela mandou eu ir me ferrar, então está tudo bem! — sorrio.

Nós nos beijamos e vai pelo ralo a vontade que eu nunca tive de terminar.

— Ela é tão temperamental assim? — questiona.

— Não viu nada ainda! Quando está de TPM, então... nem chego perto. Trocando o disco, então, para onde quer ir?

— Tem um parque ecológico por aqui, não tem?

— Puebla Costo? — falo, imitando Isaac.

— Acho que é esse mesmo. Podemos ir e passar a tarde lá, o que acha?

Eu teria opções melhores para indicar, mas não protesto, dou a partida e fico me questionando entre fazer o certo e errado.

Elena parece admirada com o lugar, então estaciono e nós entramos. Coloco os óculos de sol de Isaac para evitar que ela fique olhando as minhas pupilas. Emily e Isaac costumavam me trazer aqui. Nós nos sentamos em um banco próximo ao lago, debaixo da árvore que costumávamos ficar.

— Aqui é lindo, não é? — ela diz.

— Legal! Não sou um cara muito diurno. Prefiro a night.

Com a cabeça no colo de Elena, algumas memórias tomam os meus pensamentos e eu me lembro quando corria em volta do lago chamando Emily para me pegar. A minha vida sempre gira em torno de memórias que quero esquecer, mas que perpetuam como um espiral. É foda. Eu amava muito isso, mas não quero que elas estraguem o meu dia, então eu me levanto e rapidamente seguro seu rosto entre as mãos, beijando-a em seguida. Lentamente, seus beijos ocupam a minha mente. Eu a beijo com tanto desejo, que tenho que controlar o impulso de pegá-la para fugirmos dessa merda de

lugar. Já excitado, sei que preciso me afastar, mas quando paro Elena quase não me dá tempo, me puxando para outro beijo.

— Calma. Vamos trocar uma ideia, garota — sorrio.

— Não pode ser depois? — diz, ainda me beijando.

— Elena, é sério! — Tento, apesar de querer continuar.

— Então fala — sussurra, enquanto me dá selinhos.

Olho para seus lábios e não consigo me afastar, então volto a beijá-la e ao morder seu lábio inferior, ela geme baixinho. Eu sei que deveria colocar um fim, ela não merece essa merda de vida e eu não vou sair disso. Ao perceber que não vou voltar a beijá-la, ela faz beicinho e isso me dá um puta tesão. Tiro os óculos querendo que ela perceba o que causa em mim, então Elena volta a abrir os olhos e não sei o que pensou, mas a sua expressão muda e ela parece não gostar muito do que vê. Ela deve estar associando a minha pupila dilatada ao uso da cocaína.

Ah, qual é? Juro que não estou tão chapado.

— Para o seu bem, acho melhor nós não ficarmos juntos na faculdade — falo o óbvio.

— Como assim? Por quê? — diz, e se a pergunta não soasse tão sincera, eu acharia que ela está tirando onda comigo.

— Olha a minha fama, se souberem que estamos juntos, não vão demorar a te encaminharem para o conselheiro. E estou falando sério.

— Está exagerando... — ela diz calmamente. Deus, ela é inocente demais.

— Não estou. Você é a queridinha dos professores, podem até mesmo chamar seus pais por isso — eu a alerto.

— Lógico que não, isso é ridículo — diz, mas agora parece assustada com a possibilidade.

— Não é ridículo! É sério. No mínimo, vão achar que quero te levar para o *caminho da perdição*... — brinco.

— E você não quer? — pergunta fazendo charme e sei que essa garota vai acabar me deixando mais louco do que já sou.

— Mais que tudo, só que me refiro às drogas, cigarro e a longa lista de tudo que eu uso...

— Eles vão saber de um jeito ou de outro, não acha? — insiste.

— Vamos deixar do outro, porque não quero que ninguém fique enchendo sua cabeça de merda, senão, aí já era tudo que consegui encher na

barrinha. — Solto uma gargalhada, mas acho que ela não percebeu que é brincadeira.

— Ah, está bem, acha que já conseguiu encher?

Agora tenho certeza disso.

— Garota, eu não jogo para perder. Tipo, não sou Hollywood, mas tudo que faço vira sucesso — rio e coloco seu cabelo atrás da sua orelha.

— Cantada barata a sua — revida.

— Sei que é, mas funciona!

As horas vão passando e eu pouco me importo com isso. Acho que a minha mãe nem acreditaria que, pela primeira vez em anos, meu dia está sendo tão normal, que chego até a tomar sorvete. Elena passa sorvete no meu rosto, e não curto a brincadeira até ela começar a me lamber e eu começar a viajar na ideia de ela me chupando todo.

— Você me excita tanto, sabia? — sussurro em seu ouvido e pelo seu olhar sei que ela também sente o mesmo.

— Acho que você também — diz e, em seguida, fica vermelha feito um pimentão.

— Você me faz sentir algo que há tempos eu não me importava mais.

— O quê? — pergunta, curiosa.

— Me faz sentir normal, me faz sentir bem — confesso e desvio o olhar.

— Me sinto bem ao seu lado também. Sinto-me segura em seus braços.

Fixo meu olhar em seu sorriso tímido e sei que isso é loucura. Por que você, Elena? Onde isso vai dar, garota? Até tento, mas não consigo ficar muito tempo olhando em seu rosto sem beijar seus lábios. E estamos aos beijos quando o seu telefone começa a tocar, interrompendo o nosso momento. Ela olha para a tela e, apesar de frustrada, se afasta parecendo pensativa.

— Quem é?

Como ela não responde, eu viro a tela e vejo o carinha da faculdade, o que divide o quarto com ela. Porra!

— Keven... — diz claramente sem graça.

— Por que esse cara te liga? — pergunto sem entender que porra é essa.

— Somos amigos.

— Só amigos? — questiono.

— Tipo, ele meio que cuida de mim, conhece meus pais.

— Ele é o cara que anda sempre com você, não é? O mesmo que te deixou para trás? — falo só para enfatizar que cuidar e abandonar são opostos. Ela confirma com a cabeça, ignorando o que eu disse.

— Somos apenas amigos, ele tem namorada.

— Sei!

Merda!

— Maycon, queria te falar algo. Duas coisas. Primeiro, eu tenho asma, pode tentar não fumar perto de mim? Segundo, é que tenho que perguntar e espero que não se ofenda.

— Pode falar — digo, enquanto guardo o maço de cigarros e o isqueiro que tinha acabado de pegar para fumar.

— Você injeta?

Eu olho para ela sem entender. Quando foi que o assunto mudou e eu não vi?

— Por que a pergunta? — questiono ainda sem entender.

— Nada, é que...

— Fala a verdade, Elena — insisto.

— Keven falou a respeito disso — conclui meio sem graça.

— Está com medo que eu te passe alguma doença, é isso? — Não entendo como a porra do cara pode se intrometer se nem me conhece.

— Não! É que...

Ah, que porra! Está claro que Elena é altamente influenciável e isso é um ponto a mais para o nosso namoro dar em merda.

— Não precisa terminar, já entendi — falo, odiando o cara.

— Maycon, não é isso, só me responda.

— Fodeu, a barrinha voltou à escala zero — concluo, dando sorriso irônico. Agora não estou brincando. Começo a ligar as coisas e não faz sentido ele dizer isso, a não ser que... — Esse cara é a fim de você — murmuro, ainda chateado.

— Não! Somos só amigos, como você e Jayde.

— Ele fica com outros caras, tipo, ele é gay? — falo, irritado.

— Não, mas...

— Elena, corta essa, não sou trouxa. — Eu me levanto e talvez o melhor seja colocar um fim nisso agora. Não vai terminar legal para nenhum

dos dois, isso fica cada vez mais claro.

— Maycon, desculpa se ficou magoado.

— Vamos embora, já está tarde. Vou passar algumas músicas com Jay hoje... — invento uma desculpa qualquer.

A volta é feita em total silêncio. Eu a deixo no ponto e nem sei por que não consigo colocar a merda de um fim. Assim que ela sai do carro, vou embora sem me despedir.

Agora eu me sinto mais idiota do que nunca, aquele cara é como ela, e se ele é a fim dela, já era para mim. Ele sim é um cara que vale a pena e mesmo gostando dela, eu sei que eu não sou.

Capítulo 21

Chego em casa desejando não pensar em Elena com aquele cara, mas é foda. Se tem algo que eu aprendi com os meus pais é que uma vez que a confiança é quebrada, o amor não é mais o suficiente. E eu não quero perder isso.

Mas perder o quê?

Não estou entendendo que porra de sentimento é esse, nem por que me sinto tão mal agora. Posso estar só confuso, é a primeira garota que me acerta em cheio, não que signifique que isso seja amor. Ter Elena o tempo todo na minha cabeça não quer dizer nada.

Mas que merda significa, então?

Fumo um cigarro, viro uma cerveja e ela é um convite para cheirar uma carreira. Vou ao meu quarto e deixo a coca tirar a Elena da minha cabeça. Depois de mergulhar em seu paraíso, antes da descida, eu conto os papелotes. Merda. Eu me iludi achando que podia controlar, mas ao olhar para os poucos que ainda restam, quase choro de desespero.

Eu ligo para Isaac e o lembro do nosso novo acordo.

— Maycon, eu sei que prometi a você, mas é tão difícil para mim.

— Qual é, Isaac? Então não temos acordo porra nenhuma. Você não muda, não é capaz de cumprir as suas promessas. Você olhou em meus olhos e disse que tínhamos um acordo. Nem venha me dizer que a porra do dinheiro te faz falta, já que a sua putinha desfila por aí com coleções de bolsas da *Gucci*. Porra, velho, eu confiei em você.

— Maycon, sabe que não é pelo dinheiro, eu amo você e não quero te perder.

— Está me perdendo agora. Não volte a falar comigo como se eu fosse seu filho! — digo e desligo na cara dele.

Ele não volta a ligar, mas em segundos recebo uma mensagem do banco atualizando o meu saldo disponível na conta. Fico aliviado ao ver que ele vai cumprir o acordo. Em seguida, recebo uma mensagem dele.

“Por favor, não faça merda. Eu e a sua mãe amamos muito você.”

Sua mensagem me faz sorrir. Agora estou pronto para fazer a minha parte, o próximo passo é conseguir um traficante fixo. Abro os meus contatos no celular e começo a procurar alguém. Alex rodou de novo, está em cana,

espero que Isaac não tenha nada com isso. O desespero me sobe à cabeça por não ter mais traficante da boa. Não quero voltar a ficar nas ruas procurando por um pó mais limpo, até porque lá só tem merda.

Escuto Jay dedilhando no violão uma música que compus e dei a ela. Jay erra algumas notas, mas hoje não quero bancar o professor.

Estou confuso e começando a ficar paranoico por uma droga que ainda tenho, mas a possibilidade de não ter me faz entrar em crise, então entro em seu quarto sem bater.

— Quer comer um hambúrguer comigo? — pergunto e ela coloca o violão de lado.

— Por que não leva aquela garota estranha?

— Porque no momento eu quero uma louca — falo e ela dá um sorriso torto.

— Maycon, eu nunca precisei fazer rodeios, não quando se trata de nós. Mas sabe que você e essa garota é um acidente, não sabe? Vocês não têm nada a ver e é bizarro vê-los juntos.

— Eu sei... — digo sem graça. — Vai ou não comer um hambúrguer comigo?

Ela se levanta e vem até mim.

— Eu quero tirar uma história a limpo primeiro.

— O que foi?

— Você disse que eu e Robert transamos.

Ah, merda, lá vem outra bomba.

— Ah, esquece isso, Jay.

— Não vou esquecer, droga, só me escute, tá bom?

— Fala então, porra — digo e reviro os olhos.

— Ele se matou por isso? — pergunta.

Apesar de estar chateada, não consigo segurar o riso.

— Ah, qual é, Jay? Sabe que não, sabe que o cara teve overdose, isso o matou. E se tem algum culpado, ele se chama Maycon. Satisfeita? Agora esquece essa merda, vai!

— Você não é culpado, Maycon — ela diz.

— Jay, você acha que me conhece, mas não conhece — suspiro. — No fundo, a Francine tem razão sobre as merdas que fala de mim.

— Não, ela não tem razão e você está viajando! — Jay diz, irritada.

— Nunca disse claramente, mas ela e eu meio que tínhamos um lance

e para mim não era nada e já durava uns meses. Em uma noite eu transei com ela e depois com a amiga dela, acho que isso a deixou meio puta comigo, e depois de um tempo nos encontramos no bar próximo a faculdade e nós dois estávamos loucos por uma dose. — Respiro fundo — Sabe o que dizem sobre mim e Cheryl? — Ela confirma, me encarando. — É verdade. — Respiro fundo — Não me lembro ao certo o que houve, mas acho que eu e Francine a roubamos. Depois disso, pegamos estrada com sua banda e nesses dias de loucura usei tanta merda, que apaguei. Isaac me contou que eles me deixaram no hospital achando que eu ia morrer, fugiram, mas a polícia os encontrou. O PlayIII e Francine jogaram toda a culpa em mim, disseram que eu fiz tudo sozinho, então Cheryl foi chamada para depor e não prestou queixa, desmentiu a porra toda. O meu pai entrou no meio e ele conhece o delegado, molhou a mão do cara e acabou com ela sendo transferida e toda a merda apagada.

— Que filha da puta — diz, ainda com os olhos arregalados.

— Ela é, mas eu também sou. Só que você não é, Elena não é, Robert não era. Entende o que eu quero dizer?

— Pare com esse showzinho. Todos nós fazemos merdas e você não é a exceção. — Ela se aproxima e me abraça. — Vamos tomar umas hoje, só nós.

Quando estamos prontos para sair, Jay me chama em seu quarto e apesar de não fumar, acende um cigarro.

— Quero uma foto — diz e dá uma tragada.

Eu faço o mesmo, depois eu a abraço por trás em frente ao espelho e soltamos a fumaça juntos. Na terceira tentativa temos a foto que ela considera perfeita, abraçados em frente ao espelho com nossos rostos cobertos pela fumaça. Provavelmente essa foto vai para o seu Facebook. Seguimos para o Bar do Max, o lugar está cheio de conhecidos, então nos sentamos em frente ao balcão e peço uísque para os dois.

— Me passa o contato do Jong — falo, ainda tentando estabilizar a minha mente insana.

— Uhuuu! — diz, debochada. — Até que enfim, mas por que agora?

— Preciso de um traficante que seja de boa e você disse isso dele, apesar do produto ser uma merda.

— Cara, não é. Espalharam essa merda aí para foderem com o cara, mas eu garanto, não é.

— Já usou?

— Sim, vai por mim. Você vai curtir — diz e sorri.

Continuamos bebendo e ela começa a falar do produtor que conheceu no sítio. Eu estou escutando a sua voz, mas quando dou por mim estou pensando em Elena. Por que ter um relacionamento com alguém se tudo que ele faz é aumentar a porra da minha insegurança? Merda!

Agora eu preferiria não ter um cérebro que está viciado nela, em uma droga ruim. O efeito só é bom quando estamos juntos, longe é só depressão. As horas passam e o álcool começa a se misturar com meus sentimentos, isso é uma merda. Jay gargalha e sua risada louca me faz voltar à realidade.

Dois caras se sentaram perto de nós e estão conversando com ela. Como não estou a fim de conversar, saio do balcão e ocupo uma mesa vazia em frente ao carinha que está se apresentando hoje. Eu o aplaudo sozinho quando ele termina uma música e pago um uísque para ele, que sorri em agradecimento. Jay logo vêm e eu fico olhando o cara com seu violão, então peço *Hotel California* do *Eagles* e ele começa a dedilhar.

— Você está se apaixonando pela porra da garota, não é? — Jay pergunta, mas não respondo. — Pelo menos conseguiu transar com ela? — ela sussurra.

— E o que isso tem a ver?

— Pode ser só curiosidade — diz de maneira esnobe.

— Jura que uma curiosidade idiota me faria ficar assim? — questiono e ela gargalha.

— Só responde a porra da pergunta. Já transou com ela?

— Não — digo sem graça e ela gargalha novamente.

— Qual o problema, Maycon?

— Olha pra nós, Jay. Ela tem opções melhores que eu. — Eu levanto a mão e peço outra dose. Jay vira a dela e como o barman já me conhece, traz uma garrafa. Assim que nos vê, Max vem até a nossa mesa.

— Essa é por minha conta — ele diz ao barman. — E então, quando o grande Maycon vai dar uma palinha para nós? — ele pergunta, ignorando Jay, que fica sem graça com situação.

— Não canto, sou só o guitarrista dela. — Aponto com o polegar para Jay, que dá um sorriso sem graça.

— Sério? Me mandaram um vídeo seu tocando e cantando, cara, você é foda. Deveria pensar a respeito.

— Não tem o que pensar, já disse, sou só guitarrista dela — falo, colocando um ponto final. Ele percebe que não vou ceder, então se levanta e segue para o bar.

— Acho que ele não curtiu a minha voz — Jay diz, virando mais uma dose.

— Ele é produtor? Entende alguma porra, pelo menos? — pergunto, olhando nos olhos dela, que nega. — Então foda-se o que ele pensa. Aprenda isso, garota, as pessoas sempre irão querer opinar em tudo, mesmo que sequer tenham condições de fazer melhor. E são esses que você deve ignorar, vai por mim. Mudando o disco, Jong atende a qualquer hora?

— Só à noite.

— Sabe, Jay, acho que vou manear, tirar um tempo e tentar dosar meu pó.

— Maycon, na boa, se não rola sexo, o que rola entre você e essa garota? — Ah merda, tem gente que não percebe quando um assunto já deu. — Tipo, se ela está com você é sinal de que gosta, não? Apesar de todos acharem que você enlouqueceu, imagino que curta também.

— Ah, qual é, ela é bonitinha — brinco e ela gargalha. — Na verdade, ela morava no interior e veio para estudar psicologia, nunca tinha ficado longe de casa antes, o cara que divide o quarto com ela tem namorada, ela não tem amigos...

— E?

— Some a carência, estar longe da família, um amigo que namora e te dá pouca atenção. — Jay continua como se não estivesse entendendo porra nenhuma. — Aí surge um Maycon do quinto dos infernos que não é quem ela espera, mas que está disposto a aliviar a sua carência. — Agora Jay começa a gargalhar e eu acompanho, rindo da sua risada louca.

— E então? — ela pergunta. Puta que pariu, eu achando que a garota tinha entendido. O álcool em Jay sobe rápido e a deixa mais lerda ainda. — Continua — ela insiste.

— Desculpe-me, esqueci que você não é boa em juntar os pontos. — Dou um sorriso torto. — Resumindo, não acho que ela curta ficar comigo, acho que é só carência, um lance até o cara que ela acha que a mereça aparecer. Aí já era o Maycon.

— Mas você não quer isso, quer? — questiona e eu a encaro.

— A única coisa que eu quero, Jay, é entregar a porra do diploma

para Emily. Depois vou vender a minha casa, comprar um trailer e juntos vamos seguir por esse mundo afora tocando em bares e tal.

Jay passa a beber direto na garrafa, seus olhos brilham ao me escutar.

— Bom, pelo menos agora nós não precisamos pensar em uma desculpa para não levar o Rob. Lembra que ficávamos horas pensando em que desculpa arrumar? Como ele morreu, não precisamos nos preocupar com isso. — Nós dois gargalhamos.

— Não, Robert agora só em viagens.

— E depois que cansarmos disso?

— Depois que cansarmos, vamos para o deserto. Vamos escolher o lugar perfeito, vou preparar duas *speedball* para nós, daí vou injetar em você e depois em mim. Aí vamos bater na porta do inferno e dizer ao Robert “achou que tinha se livrado de nós? Se fodeu, otário.”

Agora nós caímos na gargalhada.

— Sempre tive curiosidade sobre a *speedball*. Por que é letal?

— Porque a coca te estimula, aumenta a pulsação, mas você sabe como essa merda passa rápido, em contrapartida a heroína desacelera o coração. Então você tem uma overdose tardia, perde os efeitos da coca, mas ainda sente os da heroína, tecnicamente, você tem uma depressão respiratória, e já era. Acaba aí.

— Quando você se formar, eu quero me consultar com você, doutor Maycon — ela diz com deboche. Adoro essa garota.

Arrasto Jay para os fundos e ela sabe o que eu quero, e ela também quer — drogas à vontade. Depois de várias doses de uísque é lei usar cocaína. E todos que estão aqui querem o mesmo que eu, chapar para esquecer.

Saindo do bar, nós vamos até o Jong e ele me deixa dá um tirinho. Apesar de não ser tão ruim, dá uma tristeza saber que nunca mais vou voltar a cheirar uma como a do Alex. É foda essa vida de viciado, como eu não consigo ficar sem, aceito qualquer merda que estiver disponível para saciar a minha necessidade. Nós nos damos bem e agora tenho um traficante fixo.

A segunda-feira chega e eu não dormi porra nenhuma, mas um dia a mais na faculdade é um dia a menos nessa merda de vida, então lá se vai o Maycon cumprir a sua agenda.

Eu cheiro a minha “medicação” matinal usando o mínimo da coca do Alex, porque sei que não vou ter esse pozinho milagroso por mais de uma semana. Ontem eu não peguei com o Jong, primeiro preciso sacar a grana, e

Jay tem razão, o cara é legal.

No corredor da faculdade, eu pergunto a Jay se podemos continuar fingindo ter algo acontecendo e ela só dá de ombros. Segundos depois seu celular vibra indicando a chegada de uma mensagem de Francine, que ela lê e me mostra.

— Fique longe dela, Jay. Na boa, não vale a pena, cara.

— Não disse que vale, só estou te mostrando, porra! — diz com o humor de cão que sempre a acompanha pelas manhãs.

Eu a viro contra a parede e digo em seu ouvido:

— Escute aqui, garota, se cair nessa de novo, juro que trago o Robert do inferno e o levo no seu lugar quando eu for pegar a estrada — brinco e ela sorri.

Assim que nos viramos, eu dou de cara com a Elena – minha droga ruim –, então sorrio, mas ela não retribui. Ao olhar em seus olhos, percebo que de todos os meus vícios, esse é o pior. Eu passo por ela e dou um aperto de leve em sua mão, esperando por um sorriso que não vem. Ninguém nota a nossa proximidade, acho que nem mesmo ela.

O dia passa e eu tento me convencer de que é só carência, mas essa é a explicação para ela estar comigo, não eu querer ficar com. Mesmo sem querer sentir a falta dela, eu sinto e acabo inventando coisas para fazer – escrevo músicas, faço provas no site da faculdade, leio a porra do livro de medicina aplicada –, sempre mantendo a ilusão de que posso tirá-la de mim. E quando acho que eu finalmente consegui, fecho os olhos e a porra dos sentimentos que eu jurava não ter estão todos aqui, acompanhados do seu sorriso.

Chego à conclusão de que tenho duas opções, mostrar a ela como é a minha porra de vida, falar na lata e esperar que ela escolha continuar comigo. Ou passar o meu login e senha do laboratório tentando convencê-la de que não é tão ruim e com isso voltar a encher a porra da barrinha de tempo certo. Acho que é isso, foda-se.

Sem avisar, eu pego o carro da Jay e às sete já estou feito idiota parado em frente ao campus digitando uma mensagem para ela.

“Estou te esperando aqui fora! Tem cinco minutos?”

Não demora muito e ela aparece, então entra no carro um pouco sem jeito. Como se nada tivesse acontecido no dia anterior, eu me aproximo e a beijo. Assim que me afasto dela, eu olho em seus olhos e sei exatamente

porque estou aqui. De repente, o medo de que ela não queira ficar se souber como é a minha vida me domina, então decido alterar a ordem das opções, não tenho como explicar, mas algo em mim insiste que quero e que preciso continuar com a Elena na minha vida.

— O que falou para a Jayde hoje, no corredor? — ela pergunta, desconfiada.

— Que horas?

— Maycon, não se faça de bobo — insiste.

— Eu falo com ela o tempo todo. Mas acho que está falando de manhã. É isso?

Ela assente com a cabeça.

— Ela estava meio estressada por causa de uma garota. Não entendo, Jayde é meio louca, falei para ela sair fora, mas ela não me escuta.

— Jura? Acha que acredito?

— Você é cismada com ela. Jay é foda, mas é o cara. Só curte garotas, é sério. Se dependesse dela para molhar o biscoito, eu podia virar padre — brinco, mas ela não parece convencida.

— Então ela não está com ciúme?

— Lógico que está um pouco, mas naquele momento falamos sobre isso, e falei também para continuarmos como casal, para ela segurar a onda e não sair beijando a boca de todas que vê pela frente — eu provoco Elena para ver até onde vai o seu ciúme.

— Não vejo sentido algum nisso — ela diz, carrancuda.

— Elena, vai por mim, não vai aguentar a pressão que vão fazer na sua cabeça quando souberem.

— Isso é ridículo, parece mais uma desculpa idiota.

— Sério? Já andou com um viciado?

Ela nega rapidamente.

— Comece a andar e amanhã aparece gente até das quintas para te aconselhar. É sempre assim.

— Então não quer que ninguém saiba? — diz com raiva.

— Não é questão de não querer, a questão é se você vai levar numa boa isso. Sabe que não suporta quando as pessoas falam de você.

— Não dou motivos para isso.

— Mas se passar a andar comigo, dará — ressalto.

— Tudo bem! — concorda, chateada. — E onde Jayde está?

— Não sei, peguei esse carro, se ela quiser, sai com outro; provavelmente foi o que fez.

— É dela?

— Praticamente sim. — Elena suspira, frustrada, e é exatamente aí que mudo a ordem das opções. — Ah! Trouxe uma coisa para você — sorrio para ela.

— O quê?

Entrego um papel com login e senha com uma esperança de que talvez dê certo.

— O que é isso?

— Meu login e senha do laboratório onde faço exames regularmente, pode acompanhar, se quiser. Só entrar no site do laboratório.

— Maycon, não precisa — ela diz, sem jeito.

— Relaxa, está tranquilo, apenas você, meus pais e eu temos a senha. E meu médico, lógico.

— Por que faz isso? Sempre vai ao médico?

— Neura da minha mãe.

— Por que ela tem tanta neura?

— Pela vida que levo e porque o médico enche a cabeça dela de merda.

— É sobre o que a Jayde falou?

— Mais ou menos, não ligo para isso. Vem aqui, me dá um beijo agora.

Eu a puxo contra mim e iniciamos beijos deliciosos, e é então que eu percebo que não preciso de justificativas, sentimentos não existem para serem explicados, apenas para serem sentidos. E aqui, quase louco com seus beijos eu quero sentir, quero tê-la completamente em mim e entrar na porra do seu coração. Dane-se os vícios e quem acha que isso um erro. Vale a pena se for só nós dois. Quando estou a ponto de enlouquecer, eu sei que preciso me acalmar, então eu a afasto gentilmente, mas ao olhar para o seu rosto, tenho certeza que não consigo ficar longe, então passo a língua em seus lábios e ela corresponde.

Volto a beijar seu pescoço, maxilar e Elena geme, é como ouvir uma boa música. Quero que ela seja minha e foda-se o resto, então afasto o banco e a coloco em meu colo mesmo estando de saia para fazer com que ela sinta a minha ereção. Ela tenta manter a pose de santinha, apesar de nós dois

sabermos o quanto ela está excitada. Consigo tirar a sua blusa, enquanto Elena olha para as pessoas que estão na rua. Os vidros embaçados do carro nos denunciavam, mas pouco me importo com elas, não podem ver.

Seus seios são lindos e eu os chupo com toda a devoção que eles têm de mim antes de tirar a minha blusa para senti-la mais intimamente. Eu beijo o seu pescoço e já quase louco volto a beijar a sua boca. Depois de segurar os seus quadris e os pressionar contra a minha ereção, percebo que estou perdendo totalmente o controle e não quero recuperá-lo. Mas preciso.

— Você me leva à loucura — sussurro, segurando o seu cabelo, mas eu me afasto, frustrado por não poder passar disso.

— O que foi? — ela pergunta, ofegante.

— É melhor darmos um tempo.

— Por quê? — Seu desespero me faz rir.

— Porque você tem que ter certeza. — Dou um sorriso ao ver claramente que ela quer continuar, mas não vai ceder.

Ainda excitado, eu pego sua blusa e entrego para ela, que me olha com desdém. Parece que ela está me odiando, como se a culpa fosse minha, sendo que é ela que tem isso de tempo certo. Para mim tempo certo não existe, nós temos o tempo e quem faz dele certo ou não somos nós.

— O que você quer de mim, Elena? — pergunto olhando em seus olhos.

— Quero que você me ame intensamente, quero que sinta necessidade de mim — ela diz com muita sinceridade e sei que preciso ser sincero também.

Eu sei que preciso mostrar a realidade da minha vida e das minhas escolhas, apesar de isso não estar a meu favor, é o certo a se fazer.

— Geralmente, as pessoas que eu amo, costumo abandonar — falo e ela agora parece chocada. Apesar de querer muito essa garota, eu não quero enganá-la, Elena não merece isso.

— Como assim? — pergunta, confusa.

— Quando as pessoas me amam, elas passam a querer que eu mude e isso me faz deixá-las para trás.

— Quer isso para nós?

— Não, mas vai muito além do meu querer.

— Por que, Maycon?

— Se eu te deixar invadir meu espaço, não vai conseguir lidar com essa vida. Você é frágil. — Eu acaricio o seu rosto e ela parece tão decepcionada que nem nota.

— É tão ruim assim?

— Tenho momentos ruins, quase insuportáveis, de loucura total. A única que ficou até hoje foi a Jay.

— E se eu quiser ficar?

— Não vai entender minhas escolhas — insisto, deixando claro a minha merda de vida.

— E o que posso fazer se não conseguir entender?

— Deve tentar, mas se ainda não conseguir, não pode tentar interferir, não aceito que ninguém interfira na minha vida.

— Seus pais conseguiram entender?

— Não dei escolha a eles e não vou dar a você. Estou sendo sincero, porque você merece que eu seja — concluo. Acho que esse é o momento em que tudo entre nós acaba.

— Não terei escolha alguma? — insiste.

— Pode decidir se quer ficar comigo ou não!

— E se eu ficar? Como vai ser?

— Vai ser a única, só minha, e eu vou amar você como você quer que eu ame.

— E se com o tempo a sua vida louca for demais para mim?

— Não pode me abandonar se decidir ficar, vai ser para sempre — falo, desejando que a garota dos neurônios não os use agora e perceba que não vale a pena.

Eu a observo por segundos, tinha certeza que ela não me escolheria e seu silêncio deixa tudo muito claro. Fixo o olhar em seus lábios, decidido a não voltar mais. Então esse é o fim? Pode até ser, mas quero um último beijo antes de ir, quero guardá-lo em mim. Então eu a beijo com todo sentimento que ela faz pulsar em meu coração e apesar de jurar ser o último, estranhamente não parece.

— Quero continuar — Elena diz entre selinhos ao se afastar.

Eu não esperava ouvir isso e apesar de querer muito que ela fique, não é certo condená-la a essa vida. Só que não tenho como negar que as suas palavras me deixam feliz pra caralho.

— Quero que fique, mas acho que por querer que você fique, não

estou te mostrando a realidade da minha vida, e vai por mim, não é boa — insisto, porque quero que ela tenha certeza disso.

— Podemos dar um jeito nisso! — Elena dá um lindo sorriso.

Não digo mais nada, simplesmente a beijo e ficamos nessa loucura por horas. Quando saímos do carro, não tem mais ninguém em frente ao campus, já passa da meia-noite, precisamente quinze para uma, então damos mais alguns beijos e mesmo não querendo que ela vá, eu sei que precisa.

— Essa semana não vou poder vir.

— Por quê?

— Semana de provas, e se me der mal, já era minha liberdade.

— Como assim?

— Meus pais são divorciados, fiz um acordo com meu pai, medicina pela minha liberdade. Enquanto estiver indo bem, eles não podem dar palpites na minha vida.

— E sua mãe?

— Ela ainda dá, mas não ligo para sua opinião.

— E ficamos assim? Você e Jayde se amando na faculdade — ela fala, fazendo manha e acabo achando graça.

— É melhor assim. — É tudo que digo.

Damos um último beijo e nos despedimos. Por mais que ela queira ficar e eu queira que ela fique, sinto que estou levando o meu anjo para o inferno e no fim serei condenado por isso. Mas não consigo desistir, não consigo deixá-la se afastar, não agora que descobri a minha razão por querer Elena sempre ao meu lado. Ela é o anjo que enviaram para mim, e apesar de não saber muito sobre o amor, sei que a amo.

Capítulo 22

Elena me deixa tão viciado, que consegue a proeza de ter cada pensamento meu direcionado a ela. Dirijo pelas ruas e em minutos chego em casa. Mesmo que uma parte minha acredite que tudo que Elena sente é a porra de uma carência, a outra quer acreditar que ela tem certeza do que realmente quer, que se eu transmitir mais segurança a ela, Elena terá certeza do que eu já tenho, nós temos que ficar juntos.

Na garagem de casa eu vejo o meu carro, então acho que Jay está em casa e confirmo isso ao escutar a música eletrônica vindo do seu quarto. Só uma louca para curtir sozinha. Não vai demorar para a polícia bater aqui.

Decido ir direto para o meu quarto, hoje não quero me esquivar das memórias que Elena grava em mim e que permanecem como um espiral por horas em minha mente.

Enquanto estou no closet tirando a minha roupa e me enrolando em uma toalha, Jay entra no quarto e vem até mim sorrindo de um jeito louco. Ela está chapada, fumando um baseado e espalhando essa fumaça que eu odeio pela casa, mas não adianta falar, Jay nunca me escuta.

Jay começa a dançar e tenta a todo custo me envolver nisso, então se aproxima e eu acaricio o seu rosto, mas quando ela vem me abraçar, eu a faço rodopiar e me esquivo, seguindo para o banheiro e a deixando sozinha. Assim que entro, eu tranco a porta e ligo o chuveiro e enquanto a água fria escorre pelo meu corpo, meus pensamentos vagam para a Elena. É tão patético e viciante tudo isso.

É foda me sentir aprisionado por esse sentimento, quando olho em seus olhos as possibilidades se multiplicam, e o que é errado passa a ser tão certo, mas quando estamos longe a realidade é oposta. Acho que ter sentimentos por alguém é isso, se apegar às pequenas possibilidades e ainda que quase tudo esteja contra o que eu sinto, o seu sorriso, seu beijo, seu cheiro que agora estou tentando tirar de mim, fazem com que eu acredite que se realmente formos sinceros com o outro, o quase pode se tornar muito.

Pela manhã sou obrigado a ficar esperando Jay, que sempre se atrasa. Nem sei por que ela quer ir comigo hoje. O caminho até a faculdade é feito com o pensamento longe, sei que é muita pressão esse lance de estarmos

juntos e talvez seja demais para Elena ter pessoas falando o tempo todo sobre sermos um erro. Mas talvez, se assumirmos de vez, Elena se sinta mais segura em nossa relação. Ela é assim, precisa da aprovação de outras pessoas, e essa atitude poderia provar que eu posso levar alguém a sério, contrariando o que as pessoas dizem sobre mim. Pensando bem, acho que estou pronto para fazer isso, nós juntos aqui e em qualquer outro lugar.

Estaciono na vaga de costume e acendo um cigarro antes de entrarmos. Algumas pessoas se aproximam, às vezes acho que devo parecer um cartão de visitas, porque é foda essa aproximação bizarra que as pessoas acham que têm comigo.

Termino o cigarro e vou com Jay pelo corredor, então vejo Elena vindo e um sorriso aparece no meu rosto, mas ela finge não me notar e eu fico sem entender que porra está acontecendo. Tentando desvendar esse mistério, mando uma mensagem para ela.

“O que foi? Aconteceu alguma coisa?”

A resposta vem em segundos.

“Não, concordo com você a respeito do anonimato e prometo ser compreensiva.”

Sério? Justo agora que eu estava disposto a deixar o nosso anonimato? Mas tudo bem, talvez ela precise de um tempo para ter certeza disso. Não penso muito a respeito, quero acreditar que está tudo bem.

A sala de aula sempre parece deprimente agora que Robert decidiu não vir mais. Os ponteiros do relógio parecem seguir anti-horário. Nem depois de duas provas eu consigo me concentrar, estou focado demais em Elena e isso é uma merda. Minha mãe envia uma mensagem perguntando se fiz meus exames.

“Não rola fazer exame toda semana, uma vez ao mês está ótimo”

“Tudo bem, Maycon, não vamos brigar por isso. Podemos almoçar juntos hoje?”

“Pode ser no Spollete?”

“Pode, te encontro às 14. Bjs. Eu te amo!”

No intervalo, estou disposto a falar com Elena, não quero que ela pense que estou fugindo de um compromisso, não sou esse cara, só tenho

receio que seja demais para ela. Eu quero que ela se sinta segura, quero tentar tê-la mais perto, mostrar que podemos fazer isso juntos, deixando claro como funciona as coisas entre mim e Jay.

Quando entro no refeitório, de cara vejo Elena sentada com o amigo e odeio a sensação de desconforto que os ver juntos causa em mim, mas tento não demonstrar. Eu me sento à primeira mesa vazia que encontro e alguns caras se sentam ao meu lado. Apesar de odiar ter a visão da Elena com seu amigo, não tenho como evitar uma vez que ela está sentada bem no centro do refeitório. Eu observo os dois juntos e tento me convencer de que não rola nada, que é só a merda de um ciúme bobo. Enquanto meus pensamentos estão longe, Jay aparece e se senta ao meu lado.

— Torta de frango. Sabe que não como frango — protesto.

— A torta é pra mim, mas trouxe refrigerante para você — ela diz e dá de ombros.

— Que gentil da sua parte — ironizo. Ela comprou duas tortas e dois refrigerantes. — Valeu, Jay.

— Se começar a reclamar, juro que tomo o refrigerante também — diz com sarcasmo, então pego a droga do refrigerante e começo a beber.

Volto a encarar Elena e após algumas risadinhas direcionada ao cara, do nada ela começa a dar sobremesa na boca dele. Isso é ridículo e eu devo ser um idiota, porque a sua atitude me atinge em cheio. É assim que funcionam relacionamentos? É para isso que serve ter sentimentos por alguém? Em um minuto ter toda a sua confiança destruída por uma atitude infantil.

— Uau — Jay diz ao notar o que está acontecendo. — Agora eu entendo que ela realmente é diferente — diz para me provocar.

— Isso não tem nada de mais, Jay, eles são amigos. — Forço as palavras.

— Bom, não espere que eu coloque sobremesa na sua boca.

— Mas diferente de mim, ela sabe escolher os amigos. — Solto e Jay gargalha.

É foda, porque ela percebeu que não estou confortável com isso, mas continua como se a minha presença pouco importasse, então mando uma mensagem.

“Que palhaçada é essa?”

“Não sei a que você se refere, perdi alguma coisa?”

Ela responde com naturalidade, então olho em sua direção e agora tenho certeza que estou viajando nessa porra de relacionamento, ou pelo menos comigo ela não pretende levar isso a sério.

“Elena, para, por favor. Detesto esse tipo de coisa.”

Insisto com a esperança de que ela vai mostrar que se importa, mas ao contrário disso ela sequer me responde, simplesmente se levantam e saem abraçados, deixando claro que Elena está me mandando um “foda-se, Maycon”.

Jay gargalha com a cena, mas ao me encarar, percebe que estou péssimo.

— Pare com isso, essa garota não merece que fique assim — ela diz e eu acho insano como uma pessoa que estava debochando de mim minutos atrás quer me consolar agora.

Nós nos levantamos e vamos para o lado oposto do pátio, onde fumo dois cigarros e volto para a sala de aula. Elena não me manda uma mensagem, não que eu esperasse uma justificativa, mesmo assim magoa.

Quando você acredita que alguém se importa, cai na ilusão de que essa pessoa não irá querer te ferir, mas não é verdade, decepções só vêm de quem amamos. E quando se chega a isso, não existe a opção de se curar.

Na saída eu convido Jay para almoçar, mas ao mencionar que será com a minha mãe, ela dispensa no mesmo instante. Então eu a deixo em casa e vou para o Spolleteo. Chegando lá, escolho uma mesa mais ao fundo e peço uma vodca e mesmo achando estranho, o garçom traz. Depois de quinze minutos Emily aparece, como sempre bem vestida e toda maquiada. Assim que me vê, ela abre um lindo sorriso e se senta ao meu lado, então fazemos os nossos pedidos.

— Vi no site da faculdade que fez provas hoje, como foi?

— Bem... — É tudo que digo.

Emily toca o meu rosto e me faz encará-la.

— O que foi, querido?

— Nada, estou bem, só pensando.

— Posso saber em quê? — ela dá um sorriso de incentivo.

— Sobre a prova — minto.

Na verdade, estou chateado pra caralho porque me importo com alguém que descobri que pouco se importar comigo. Mas Emily não é uma

boa opção para falar sobre isso, até porque, assim como Elena tem uma opção melhor, Isaac também tinha. E com a sorte do caralho que eu tenho, ele acaba de entrar com a sua mulher e filha.

Acho que ninguém vai entender como essa porra ainda dói. Nós já conversamos sobre isso, mas quando eu os vejo juntos todas as suas palavras parecem mentiras. Um garçom puxa-saco o acompanha até a sua mesa e logo o dono do restaurante vai até eles.

— Quer ir para outro lugar? — eu pergunto e Emily nega com a cabeça ao vê-los se sentarem.

— Chegamos primeiro — ela me beija — a não ser que se sinta incomodado — fala e dou de ombros.

O garçom logo nos serve, então eu me dou conta de que estou com fome, graças a Jay que só pensa na porra do seu estômago. Olho para a putinha do meu pai e, em seguida, eu me viro e encaro a minha mãe. Odeio Jeniffer e agora odeio Isaac por ter nos feito isso.

— O que foi, amor? — Emily pergunta enquanto come a sua salada e o peixe.

— Mãe, em algum momento se sentiu inferior com o que o Isaac fez para você? — pergunto.

Ela olha em meus olhos e suspira. Isaac está de costas e não nos viu, mas pela cara que agora a sua putinha faz, tenho certeza que ela nos viu e finge que não.

— Não. E para ser sincera, eu envelheci mais que o seu pai. Isaac e Jeniffer formam um belo casal, eles têm mais em comum. Seu pai queria muito ter filhos, Maycon, eu também, mas não podia e fui abençoada por Deus ao ter você. Estou feliz por mim e por ele poder ter mais filhos.

— Pare de mentir pra mim, mãe. É patético — falo e ela suspira.

— Amor, é um assunto tão chato, não precisamos falar sobre isso. Ele é seu pai e te ama muito, tem que ter em mente apenas isso.

— É estranho como vocês se defendem agora — falo, deixando claro o quanto isso ainda me machuca.

— Querido, infelizmente a dor nos faz distorcer a realidade.

— Ah não, não pode me dizer isso, não depois de tudo, mãe!

— Maycon, seu pai errou e não quero e nem posso defendê-lo por isso, mas eu também errei. Hoje, assuntos que antes eram frágeis estão mais confortáveis, entende? Eu realmente quero que fique bem com ele, nós

estamos bem e...

— Só falta me dizer que quer que eu procure meus avós e os perdoe por tudo que falaram de você quando pediu o divórcio.

— Maycon, a mágoa só machuca quem a carrega, não quem a provocou. Mas quer ouvir uma boa história sobre a sua avó? — Assinto que sim. — Elisa achava que eu tinha obrigação de perdoar seu pai, mas eu não tinha. Não que eu não o tenha perdoado hoje. Eu sabia que a Jeniffer e ela estariam em um spa, então eu fui no mesmo horário e levei o meu anel de casamento. Eu me aproximei delas e depois de cumprimentá-las, eu disse a Jeniffer que tinha algo que pertencia a ela. Elas me olharam sem entender, sabe, aquele anel vale uma fortuna, é um belo diamante, então eu entreguei a Jeniffer. Ela ficou muito grata, não sabia o que dizer, então eu disse a ela que quando Isaac havia me dado ele jurou que me amaria eternamente, que eu seria seu único amor, mas que estava claro que cometemos um erro e que aquele anel deveria pertencer a ela. E que, obviamente, junto com aquele anel eu estava desejando a eles toda felicidade do mundo. — Não consigo deixar de rir ao imaginar a cara que a puta deve ter feito. — Sua avó quase enfartou pelo afronte e Jeniffer não sabia onde enfiar a cara. — Nós dois rimos. — Amor, eu juro que depois disso eu me senti bem melhor. A única coisa que não abro mão é em relação ao seu direito, no mais, foi um alívio me livrar de tudo — ela diz, ainda sorrindo. — O maior bem que eu poderia ter daquele casamento está aqui, almoçando comigo, e isso ninguém pode me tirar. Eu amo você, Maycon, e estou disposta a enfrentar qualquer um para te ver feliz.

— Também te amo, mãe — digo e dou um beijo nela.

Apesar de não nos aproximarmos, Jessica diz algo ao seu pai, então ele olha para trás e nos vê. Isaac vem até nós, beija a minha mãe e, em seguida, tenta uma aproximação, mas apenas estendendo a mão e mesmo sem graça ele a aperta e sorri. Como já estávamos terminando, nós o dispensamos junto com a sua insistência em pagar a conta. Emily, educada como sempre, vai até a mesa de Jeniffer e Jessica e as cumprimenta.

— Maycon, eu não sabia que estariam aqui — Isaac diz, mas não dou brecha para continuar.

— Esquece, Isaac, não tem clima rolando aqui. Diz a Emily que mandei um tchau — concluo e saio do restaurante sem me despedir.

Um pouco de saco cheio dos acontecimentos do dia, eu vou para o cemitério e fumo um cigarro na lápide de Robert e saio sem dizer uma

palavra.

Em casa, meu cérebro se reveza entre foder com a cocaína, lamentar pela droga de sentimento que agora sinto pela porra da Elena, matérias de prova e gráficos de jogos de PC. Elena não me liga e eu penso nela mais do que a minha consciência me permite pensar, então entro nas redes sociais dela e salvo suas fotos, mas me sinto insignificante demais para entrar em contato com ela.

A semana segue e ela continua com seu teatro idiota, até que eu percebo que não é teatro e o único idiota sou eu por querer bem mais do que posso ter.

Na quarta-feira, já não suportando mais isso, eu ligo para Elena e sou atendido no primeiro toque. Antes mesmo de dizer alô, ela vem com “estou morrendo de saudade”, e a sua atitude me deixa ainda mais confuso. Apesar de me sentir tão estúpido, eu não consigo colocar um fim. Não vai ter, não para mim.

Ela fala sobre suas provas e quando pergunta se eu achei as minhas difíceis, falo que não, mas estou chateado demais para jogar conversa fora. Ela percebe o meu desinteresse e praticamente encerra a ligação. E mesmo depois de falar com ela, eu continuo feito um idiota olhando para a sua foto e me perguntando se ela sente a minha falta como eu sinto a dela.

Na sexta-feira, estou tão mal que não consigo mais ignorar que me machuca só de olhar para ela. Quando o intervalo termina, eu decido que não posso mais continuar com isso. Eu fico tentando entender como alguém que conheço há pouco tempo pode se tornar tão importante para mim e por que me sinto um nada perto dela.

Voltando para a minha sala, eu a vejo com o imbecil do amigo. Elena acha que não, mas eu conheço bem esse tipo de cara, o babaca que faz de tudo para agradá-la, bajulando e mostrando como gosta de ficar ao seu lado. Ela não percebe que ele faz isso com o intuito de que um dia ela perceba que ele está apaixonado e se entregue para ele. O pior é que Elena adora ter essa atenção, pela maneira como ela se comporta é como se realmente precisasse tê-lo ao seu lado. Agora ele faz uma trança no cabelo dela e essa proximidade me faz perder o controle totalmente. Eu preciso dizer a ela que não existe mais um trouxa aqui, que acabou.

— Pode nos dar um minuto? — falo ao me aproximar.

Elena se vira e os dois me encaram.

— Tudo bem, Elena? — o cara pergunta, e eu me sinto humilhado.

— Caia fora, idiota! — digo, irritado, tentando me controlar para não dar um murro nele.

— Está tudo bem, Keven. Pode ir! — ela diz com um sorriso no rosto.

Assim que meus olhos encontram com os dela, o desejo fala bem mais alto que a razão e todas as palavras desaparecem. Eu só consigo pensar que preciso beijá-la antes de dizer qualquer coisa, e assim eu o faço. Eu não esperava isso, mas Elena corresponde ao beijo como se só existisse nós nesse mundo, e sentir o seu beijo é o suficiente para dissipar toda raiva.

Com um simples beijo ela consegue acabar com toda a mágoa que eu estava sentindo. Como ela consegue me domar dessa forma, fazendo com que eu apenas a queira? Quando foi que me tornei esse cara idiota? Deus, essa garota está me deixando louco, como ela pode fazer isso comigo? Que porra é essa?

Louco para querer ir muito mais além de um beijo, eu paro de respirar e sussurro.

— Dorme comigo hoje?

— Talvez! — diz com fingindo pouco caso, mas com um lindo sorriso no rosto.

— Não faça isso comigo, Elena, estou a ponto de matar aquele idiota. E a culpa é sua — imploro. Cara, estou mesmo implorando. Ela sorri e eu volto a beijá-la, sei que tudo que eu quero é continuar sentindo seus beijos. — E então? Posso te buscar hoje? — insisto.

— Tudo bem, eu vou — ela finalmente diz.

Eu sinto um misto de alívio e desejo, e para completar agora meu pau está duro. Olhando bem para ela, tenho certeza, Elena é doidinha, mas eu não me importo mais, só volto a beijá-la.

Faço mais uma prova, mas acho impossível ter tirado uma nota boa, tudo que consigo pensar é que ela finalmente aceitou. No final do último horário, ao me encontrar com Jay, estou ansioso demais até para dirigir, então peço para que ela leve o carro. Jay é um pouco ruim atrás do volante e acaba demorando muito para manobrar, e quanto finalmente consegue eu vejo Elena vindo, então sorrio como um idiota.

— Você parece um idiota quando olha pra ela, sabia?

— Foda-se — digo e ela finalmente acelera.

Seguimos cantarolando as músicas que tocam na rádio.

— Hoje eu vou fazer almoço para nós — Jay diz ao desligar o som assim que para na garagem de casa.

Apesar de ter minhas dúvidas quanto ao almoço, não protesto, simplesmente subo para o meu quarto. Eu quero muito cheirar, mas então eu me lembro da Emily falando que se estou chapado, estou em qualquer lugar, menos aqui. E hoje, mais do que nunca, eu quero estar bem aqui. De manhã eu já cheirei, então tenho certeza que não terei uma crise de abstinência se não o fizer de novo. Elena merece isso, ela merece que eu esteja aqui. E eu também mereço.

Que porra! Já transei com tantas garotas, mas é tão diferente agora, não estou chapado e apesar de ela não acreditar, também vai ser a minha primeira vez em uma situação como essa. Eu quero que seja especial para nós. Desço para almoçar e quando vou ao fogão e vejo o almoço da Jay, eu me arrependendo por ter confiado nela.

— Sopa? — reclamo.

— Eu hein? É almoço — diz com desdém.

Meu telefone toca e quando vejo que é a Elena, fico apavorado com a ideia de que ela possa ter desistido. E mesmo temendo essa possibilidade eu atendo.

— O que está fazendo? — ela pergunta de início.

— Almoçando uma gororoba que a Jay fez — falo e a louca joga em mim o resto do refrigerante que estava em seu copo.

— Que porra, Jay. Por que fez isso?

— Fiz para mim. Já que é gororoba, vomita então — ela grita. Jay é louca.

— Por que está perguntando? — pergunto para a Elena.

— Nada, só uma curiosidade — ela diz, se despede e desliga.

À tarde, Jay e eu passamos algumas músicas. Ela irá se apresentar com a Francine, juro que não falo mais nada para ela sobre essa garota. A noite mal adentra e eu já estou feito louco pensando em Elena aqui comigo.

— Lá vai bancar o Romeu! — Jay debocha ao me ver pegando a chave do carro.

— É o que temos para hoje. — Pisco.

— Muda o disco, Maycon, isso já deu cara.

— Me erra, Jay — digo, encerrando o assunto.

Às dezenove horas estou em frente ao campus. Assim que eu a vejo caminhando, eu saio do carro. Elena é linda e está maravilhosa em um vestido de alças azul-claro.

— Você está linda! — falo e beijo sua boca.

Elena dá um sorriso sem graça e parece estar muito tensa. Nós entramos no carro e seguimos para a minha casa ao som de *Cyndi Lauper*. Assim que paro o carro, vejo Jay na sala correndo de um lado para o outro.

— Ela vai ficar em casa? — Elena questiona. Está mais do que claro que ela está nervosa.

— Está de saída. Ela vai fazer uma apresentação com uma amiga.

Nós entramos em casa e Jay me encara de um jeito estranho. E por incrível que pareça, ela cumprimenta Elena. Isso sim é um milagre.

— Já vou — Jay diz e, em seguida, diz ao telefone que já está saindo.

— Vai pela sombra e volte viva — falo. Eu pego a mala dela e a levo para o carro e antes de entrar, Jay me abraça.

— Essa garota vai ferrar com você, Maycon, e eu vou rir muito quando isso acontecer — diz, me encarando.

— Tchau, Jay — falo, ignorando as suas palavras totalmente.

Finalmente Jay se vai e com ela toda a minha confiança. Agora é real. É estranho porque não bebi hoje, usei pouca cocaína e tudo isso me faz sentir inseguro.

Volto para sala e encontro Elena bem desconfortável com a situação. O foda é que eu também estou, consigo até sentir as batidas aceleradas do meu coração. Eu me aproximo tentando achar uma brecha na barreira que criamos e olho em seus olhos ao mesmo tempo em que toco o seu rosto. Elena fecha os olhos ao sentir a nossa pele se tocando, mas os abre logo em seguida.

— Sei que você está tensa. — Dou um leve beijo, ainda atento ao seu olhar. — Mas não tem motivos para isso, não vamos fazer nada que não queira. Já conversamos sobre isso. Lembra? — ressalto e ela confirma que sim.

— Não gostou do resultado dos meus exames? — Tento descontrair.

— Não é isso, é outra coisa. — As palavras saem em um sussurro.

— O que é, então?

— E se você não gostar? Se eu não for o que você espera?

Eu tento segurar o riso, mas acabo não conseguindo. Para acabar com

qualquer dúvida que ela tenha, eu a puxo pela cintura e a beijo, tentando demonstrar que não há possibilidade de não ser perfeito.

— Desde o nosso primeiro beijo, fico me perguntando como uma pessoa como você veio parar na minha vida, e apesar de não acreditar em destino ou sorte, sei que isso foi um acidente, e Jay me disse isso também — confesso —, porque não sou o cara que merece uma garota tão meiga, sincera e... linda. E apesar de saber que você deveria estar com outro cara, não vou deixar você ir embora — falo e Elena sorri. — Não fique chateada porque eu ri, mas me incomoda um pouco saber que você pensa mais em mim do que em você. Você é perfeitinha demais. Deixe rolar naturalmente, é o nosso momento e você vem em primeiro lugar, não eu. — Eu a puxo para mais perto. — Somos só nós agora, garota, podemos criar o nosso mundo. Você e eu. E depois que você for intensamente minha, não vai mais poder fugir. Vai ser para sempre, mesmo que o sempre não dure muito — falo.

— Acho que sou sua desde nosso primeiro beijo. Maycon, estou completamente apaixonada por você — sussurra e ouvir isso é como ter uma boa dose de confiança sendo injetada em mim. Apesar de não ter certeza de como continuar, volto a beijá-la e somos guiados pelo desejo que agora dividimos.

A minha semana foi uma merda, nunca me senti tão inseguro, mas agora ela está aqui, curando cada ferida que provocou em mim. Eu a pego no colo e a levo para o quarto, ainda a beijando eu a deito na cama e me afasto.

— Tem certeza que quer continuar? Sou louco por você e já estou me controlando há um bom tempo, e se formos mais adiante, não sei se vou conseguir parar — falo e ela não responde. Apesar do imenso tesão que estou sentindo, eu preciso ter certeza de que posso continuar.

— Tenho certeza, é o que eu mais quero — ela diz assim que percebe que eu estava esperando uma confirmação.

— Agora já era, entrou na cova do leão! — brinco, aliviado.

— Você é o leão? — pergunta, provocativa.

— Não, é a Jay, eu sou só um gatinho inofensivo. — Nós dois caímos na risada.

Mesmo querendo muito continuar, quero que Elena tenha certeza, isso significa tanto para mim, é uma escolha consciente e depois da coca não tive essa opção por muitas vezes.

— Não quero que se arrependa, Elena. Promete que não vai se

arrepende? — insisto, porque sei o que isso significa para ela.

— Não vou — ela diz e isso é tudo que preciso para continuar.

Eu volto a beijá-la e não é um sonho, finalmente é real. Tiro seu vestido e beijo cada parte de sua pele. Elena corresponde na mesma intensidade com gemidos. Sem conseguir conter o desejo, eu tiro a minha blusa, enlouquecido. Ficar em contato com a sua pele quente me leva à loucura, quase não consigo respirar.

Se ela pudesse sentir o que eu sinto agora, se estivesse sob a minha pele, Elena entenderia que esse momento é único para mim, assim como sei que é para ela. A minha fama e péssimas escolhas que eu fiz nunca permitiriam que ela enxergasse essa verdade. Já quase louco, eu paro um segundo, enquanto Elena acaricia o meu cabelo, meu rosto e passa suas mãos carinhosamente por minhas costas.

Queria poder ter a escolha de congelar o tempo, de ficarmos aqui, eternamente juntos. Eu a beijo novamente e sinto seu corpo se arrepiar, sei que nunca teremos o suficiente um do outro.

Vou descendo os beijos até finalmente chegar aos seus seios, e quase gozo quando os chupo. Elena geme cada vez mais alto e eu não consigo pensar em nada que não seja ela. Passo as mãos pelo seu corpo e em cada curva eu encontro meu novo caminho. Quando acho que ela está pronta, eu afasto a sua calcinha e a toco intimamente. Sentir Elena tão molhada me leva à loucura, mas quando volto a minha atenção ao seu rosto, ela está paralisada.

Mesmo querendo muito estar nela, sei que precisa de mais um tempo. Eu volto a minha mão ao seu seio e começo a massageá-lo, dando um claro sinal de que ela está no controle e quando eu a sinto mais relaxada, tiro a calcinha dela.

— Você é tão linda, Elena — sussurro, mas ela está tensa demais para manter um diálogo.

Decido tirar o restante da minha roupa e assim que ela me vê totalmente nu, fica envergonhada e desvia o olhar rapidamente. Extremamente excitado, ao olhar o seu corpo nu sei que não consigo mais me segurar, então coloco a camisinha e me encaixo entre as suas pernas e me deito sobre ela apoiado em meus braços.

— Se doer muito eu paro, tudo bem? — digo, olhando em seus olhos.

Ela assente e quando vou começar a me mover, ela me interrompe.

— Vai devagar, por favor — ela diz.

Estou tão louco, que não consigo dizer nada. Eu me posiciono novamente e quando começo a penetrá-la, ela novamente me interrompe ao me tocar. Obviamente fica envergonhada por esse contato, então solta o meu pau em segundos, constrangida por tê-lo tocado.

— O que foi? — pergunto, ofegante.

— Vai doer muito, não vai?

Eu respiro fundo e me afasto. É uma droga ela não ter certeza, porque a sua incerteza me deixa indeciso se devo continuar ou não.

— Elena, sei que rola toda essa apreensão por ser a sua primeira vez, mas prometo que se você se sentir desconfortável, eu paro... Não vou te machucar, tudo bem? — falo, querendo muito continuar, mas ao olhar em seus olhos sei que ela é quem importa aqui. — Tem certeza que quer continuar? — pergunto novamente, querendo ver essa certeza em seus olhos.

— Tenho, desculpa — diz, sem graça.

— Está tudo bem, garota, não precisa se desculpar por isso.

Eu me aproximo e a beijo com todo desejo e loucura que ela provoca em mim. Ao sentir que ela começa a relaxar, começo a brincar com a língua em sua boca, fazendo-a sorrir, então coloco suas mãos em minhas costas.

E quando acho que ela está preparada, começo a entrar nesse paraíso cujo nome é Elena. Apesar de querer me afundar nela, tento ir bem devagar, a todo momento encho-a de beijos. Assim que estou totalmente dentro dela, sinto uma sensação tão boa quanto cheirar cocaína. Uma pura. Caralho, eu não deveria ter comparado com isso!

Continuo me movimentando e não consigo pensar em nada além de nós. O nosso suor se mistura, a nossa respiração, o nosso amor, e agora, além da certeza do que eu sinto, estou feliz de um jeito que há muito não sentia. Ainda me movimentando, eu sorrio e ela faz o mesmo. Estou loucamente envolvido, gemendo e ouvindo seus gemidos.

Elena é um vício, meu novo e mais sincero vício. Com ele não existe dois Maycons, apenas um, que é dela.

Percebo que Elena chega ao êxtase quando geme enlouquecidamente, e só então, já não aguentando mais, eu gozo. Depois de sentir todo prazer que ela me proporciona, estou exausto, então eu me deito ao seu lado. Ainda com os olhos fechados e a respiração ofegante, gravo cada segundo do nosso amor em mim. Eu a puxo para os meus braços e ficamos um tempo em silêncio, mas assim que percebo que ela está chorando, entro em pânico me

perguntando se fiz alguma merda.

— Está sentindo alguma coisa? — Eu a encaro.

— Foi tão perfeito para mim — ela diz, me deixando aliviado.

— Para mim também — sorrio.

— Agora eu sou intensamente sua? — ela pergunta, ainda em meus braços.

— Agora é — digo, sorrindo.

— Por que diz intensamente sua?

Dou uma gargalhada ao me lembrar de Jay falando que uma boa erva nos faz sentir a intensidade de viajar.

— Se eu te contar vai estragar o momento!

— Por quê?

Não respondo, continuo apenas olhando as estrelas que agora vejo através de seus olhos, o meu novo universo.

— Tem alguma coisa a ver com drogas? — pergunta, desconfiada.

— Tem sim, com isso e Jay, mas deixe isso para lá — falo, querendo que ela perceba que acabamos de abrir a porta para nosso paraíso e que aqui somos invencíveis.

Eu pego o controle do ar-condicionado e o ligo, então apago o abajur e aciono o retroprojektor. Elena parece maravilhada com o que vê.

— Desde criança, sempre fui obcecado por estrelas — falo.

— É um retroprojektor de imagens?

— Sim, meu pai me deu há um tempo. Gosto de olhar para elas, ainda que não sejam reais. — Olho para o rosto de Elena e volto a beijá-la. Excitado novamente, eu pergunto: — Quer repetir?

— Pode ser mais tarde? — diz com manha.

— Pode ser a hora que você quiser — sugiro carinhosamente.

Com o olhar fixo no teto, eu percebo o tempo passando, as estrelas se transformam em pequenos pontinhos e sei que estou muito tempo sem cocaína e, do nada, começo a pensar em cheirar. No início a ideia é pequena, mas sei onde isso termina, então tento me concentrar em Elena antes que isso me tome por completo.

— Acho que amo você, Elena — falo.

Ela sorri e não sei se é de mim ou porque está feliz por ouvir essa confissão. Pensando bem, agora me sinto muito bobo por ter dito.

— Eu tenho certeza — ela finalmente diz, então me aproximo e volto

a beijá-la.

A ideia de cheirar volta à minha mente e isso é uma merda.

— Por que você surgiu só depois que eu me perdi? — sussurro, querendo saber a resposta.

— Porque eu tinha que te encontrar — ela sorri e posso sentir o calor do meu sol iluminando a minha vida.

— E quando as coisas ficarem complicadas, promete que vai ficar, ainda que eu te magoe? Ainda que eu não cumpra as minhas promessas?

— Não existe outro lugar para mim além de estar ao seu lado. — Nossos olhares se encontram e voltamos a nos beijar mais uma vez. — Me acha muito fresca? — Sua pergunta me faz sorrir.

— Não. — Ela parece não acreditar. — Você é delicada, é diferente de fresca — justifico e volto a beijá-la com todo o desejo que ela desperta em mim.

A segunda volta ao nosso paraíso é tão perfeita como a primeira. É como ter necessidade e poder saciar apenas um no outro, como se precisasse somente estar aqui, juntos.

Depois de um tempo, tomamos um banho, e quando meu doce anjo finalmente dorme, estou confuso e com o pensamento acelerado. Eu começo a ficar ofegante e apesar de me sentir horrível por ela e não suportando mais, eu rastejo até meu outro amor, a cocaína.

Capítulo 23

Olho para os últimos papelotes. Tenho somente a porra de algumas gramas e não me perdoaria se perdesse um grão. Então pego a minha seringa, meu equipamento e qualquer merda que aumente o efeito e sigo para a cozinha – limão é algo que não falta nessa casa, é sagrado – e preparo a minha picada com a minha mistura louca.

Robert não misturava, nunca, e sempre teve cuidado em preparar seu “material”. Ele optava por agulhas finas, ensinava aos viciados a diferença entre artéria e veia, os melhores lugares para se picar, o que fazer se perfurar uma artéria, ele falava tanta merda, que me fazia rir.

O foda é que ele realmente se preocupava e teria sido um excelente médico se não tivesse morrido. Assim como a minha mãe, ele amava as causas perdidas, estava disposto a escutar as lamentações dos viciados, e nunca, em hipótese alguma, ele olhava para elas com superioridade. Robert era o cara mais educado e dedicado que eu conheci, e agora está morto.

Parece que não existe muita justiça nesse mundinho de merda, afinal, ele se foi e eu continuo por aqui. Sua intenção era ajudar, mas o coitado falava aos ventos, porque, assim como eu, quando viciados estão loucos por uma picada, fodam-se os cuidados.

Eu sempre soube de todas essas merdas a se fazer para pegar uma boa veia e mesmo assim, na hora do *baque*, é a porra de um *bate agulha* do caralho. É uma merda, essa é a hora do Maycon lamentar por não se alimentar direito e está sempre anêmico. Preciso do sangue, mas como não tomo muita água, a porra do sangue não vem.

Minha veia parece brincar de esconde-esconde com a seringa, dói e é uma merda, mas quando finalmente o liquidozinho vermelho vem, meus olhos brilham. É o meu momento, estou pronto para ter meu paraíso multiplicado. Injeta tudo, sem perder nada. Cara, a coisa é tão louca, que quando sobe a sensação é de ser arremessado na velocidade da luz para o paraíso. Sinto um prazer intenso, sensação de bem-estar, felicidade, adrenalina. Eu amo essa energia que só essa mistura louca me proporciona.

Eu começo a rir quando percebo que estou no chão olhando para o teto. E ao prestar mais atenção, percebo que esse teto branco é o mais lindo que vi na minha vida. Viajo nele em um tempo que não funciona para os

normais. Sinto uma imensa paz e uma verdadeira felicidade, nada pode me atingir aqui. Estou isolado no meu mundo e aqui todo mundo tem a porra da felicidade.

Quando o efeito passa, como um espiral eu repito o ciclo de *baque*, euforia, felicidade, anestésico, descida... depressão.

Do outro lado, eu vejo Emily sorrindo pra mim, vejo Robert, Jay, todos com um sorriso no rosto, então sorrio de volta. Mas estou distante, um mundo nos separa agora. Posso ver seus sorrisos, mas não os sinto, não sinto dor, remorso ou qualquer outra porra. Não sinto nada, estou anestesiado, confortavelmente em paz. Mas meu mundo perfeito começa a ruir e sei que a qualquer momento as pequenas rachaduras se tornarão crateras, e com elas todo o meu mundo feliz irá se quebrar.

Emily acredita que seu amor pode me salvar, mas nada acontece como planejado e nenhum amor pode salvar alguém que não se ama.

Penso em Robert e na despedida que não tivemos enquanto o efeito da droga vai passando e com ele todos os demônios rastejam de volta para a minha cabeça. A dor lentamente vai tomando lugar e eu me sinto como se estivesse em queda livre, caindo de volta à minha merda de vida quando a porra do cachorro da Jayde começa a latir. Depois de um tempo no chão, consigo finalmente me levantar.

Pego as minhas coisas e subo a escada pensando se devo sair ou não para comprar coca. Eu não quero ficar sem, a simples possibilidade me deixa paranoico. Jay disse que Jong trabalha só à noite e talvez me atenda agora. Mas então eu entro no quarto e vejo Elena deitada na cama, dormindo como um anjo, e fico paralisado olhando a sua imagem.

Essa deveria ser a nossa noite especial e eu estou aqui, chapado demais para achar algo especial. Sem fazer barulho, eu jogo tudo na gaveta com o resto do *lítio* que sobrou. Não me atrevo a deitar ao seu lado, então, ao invés disso, eu me sento em uma cadeira.

Enquanto a culpa começa a tomar seu lugar de direito observando Elena, eu tento me convencer de que é apenas medicamento. Mas a minha vida não passa de uma mentira que se desintegra ao olhar a sua imagem imaculada. Olho para seu rosto angelical e um oceano de culpa nos separa, mas ao invés de nadar até o meu anjo para tentar redenção, tudo que meu cérebro diz é que eu vou ficar sem cocaína se não for comprar.

É uma loucura e eu não quero deixá-la, mas posso ficar sem a minha

garantia de felicidade. Mando uma mensagem para o Jong e em minutos ele responde que tem da boa para mim. Boa porra nenhuma, mas como não tenho opções, fica sendo. Sem pensar a respeito, pego uma jaqueta, calço chinelo e vou atrás do meu bagulho.

Não estou fazendo uma escolha, Elena, até porque viciados não tem escolhas, só estou seguindo o meu caminho. A justificativa fica martelando na minha cabeça, como se adiantasse alguma coisa.

Enquanto eu saio, tento me convencer de que não estou deixando a Elena sozinha, Jorge e Carl estão aqui e será uma saída bem rápida.

Sacar o dinheiro, casa do Jong, cocaína, casa. Na minha cabeça, eu calculo que não vou gastar mais que meia hora, mas na prática não funciona assim. Trocamos uma ideia e combino com ele que vou sempre aparecer, então ele garante que irá deixar o meu pó separado, tudo isso leva quase uma hora.

Chego em casa com o dia quase amanhecendo, e essa é a verdade que Elena não conhece sobre mim. Entro no quarto carregado de culpa, pego as minhas coisas e vou direto ao closet injetar novamente. Eu sei que se continuar assim, as blusas meia-estação serão a minha única opção. Guardo tudo na gaveta tentando não fazer barulho, mas Elena se mexe na cama, só que agora, depois de uma boa dose de cocaína, não há lugar para remorso.

Disposto a compensar as horas que estive fora, eu preparo chocolate quente para ela. Enquanto observo as chamas do fogo, escuto passos e, em seguida, o som de porta se abrindo. Desligo o fogo e subo para o quarto com o dia já claro.

Assim que entro no quarto, eu me deparo com Elena olhando a porra da gaveta que deixei as minhas coisas. Mesmo sem tocar em nada, o pavor crescente que vejo em seu rosto e as lágrimas escorrendo me alertam que eu devo interromper a merda do meu momento.

— Procurando alguma coisa? — falo e ela me encara sem reação.

— Um lençol — ela diz, sem graça, tentando disfarçar as lágrimas.

— Em uma estante? Geralmente encontramos no closet, não acha?

— Desculpa, eu...

— Tem costume de mexer nas coisas dos outros assim? — pergunto, já imaginando que teremos problemas se a sua reação sempre for essa.

— Não! Desculpa. — Envergonhada, ela fecha a gaveta.

— Se é pelo lençol, trocamos depois. Fiz um chocolate quente, você

gosta? — Mudo totalmente de assunto.

— Adoro — ela sorri, tentando disfarçar, e eu acabo entrando no seu jogo, porque sou bom nisso.

— Vamos descer? — sugiro.

Ela me segue sem protestar. Elena se senta na ilha, então sirvo chocolate quente. Ela ainda está sem graça, bebe delicadamente e eu me lembro de como adoro olhar para o seu rosto.

— Parabéns! Está ótimo, obrigada — ela finalmente diz.

Tomo um copo sem vontade alguma e sem saber mais o que fazer antes de seguirmos para a sala. Eu me deito no sofá e agora parecemos estranhos, mas não somos e eu tento amenizar a situação fazendo ela se deitar comigo. Elena se vira de frente para mim, mas não quero olhar em seus olhos, depois de ontem ela espera que eu faça promessas e não tenho nada a dizer sobre isso.

— Está frio. Amanheceu bem gelado — ela diz e, em seguida, sorri e aproxima seus lábios do meu, então me beija e eu correspondo.

— Quer uma blusa? — ofereço.

— Da Jayde? — pergunta, desconfiada.

— Não, não mexo nas coisas dela sem permissão. Pode ser uma minha? — pergunto, lembrando-a que esse lance de mexer nas minhas coisas sem permissão é foda. Ela fica sem graça, sequer responde.

— Dormiu bem? — sussurro, querendo saber se ela notou a minha falta, então beijo seu pescoço e sinto seu corpo se arrepiar.

— Dormi. E você?

— Não muito bem — falo, me lembrando da minha noite —, mas desta vez foi graças a porra do cachorro que não parou de latir.

— Realmente, eu escutei, é seu?

— Bom, é e não é!

— Como assim?

— Desde criança, tenho trauma de cachorro, tipo, para mim é igual a cobra. A Jay é meio louca. No aniversário dela fazemos uma tatoo igual, mas no meu, ela geralmente me dá uma blusa, só que no ano passado, quis fazer uma coisa diferente. Sabia que ia dar merda. O foda é que ela sabe que odeio cachorro. Mas aí o dia chegou e advinha o que ela me deu?

Elena começa a rir.

— Um cachorro?

— E não é um cachorro que ela foi ao petshop, viu um bicho bacana e comprou. Achou o lazarento na rua, levou ao veterinário e pagou com meu cartão de crédito. E no dia me deu. Na hora que vi, quase enfartei. O cachorro começou a latir e veio para cima de mim, não era nem filhote. Quase me mordeu.

Ela continua rindo, não acreditando.

— Cara, ela é foda, quando chego e ele está solto, saio correndo, senão ele avança de imediato. Só gosta dela.

— Mas então você aceitou o cachorro!

— Eu aceitei? Você pergunta se aceitei? Não aceitei, mas não fez diferença alguma para ela. Ela é louca, quando eu disse que não queria, me xingou e disse que presente não se escolhe. Eu falei “Jay, mas não gosto de cachorros”. Para quê! Ela me xingou mais ainda e disse que ele tinha sentimentos, se eu não tinha vergonha em ofender um animal indefeso e blá blá blá... até hoje essa porra está aí e a praga não morre de jeito nenhum. Ela sai e ele fica nessa latência do caralho.

— Às vezes é fome.

— Então vai morrer, não vou lá de jeito nenhum — falo.

— Eles são tão fofos, tenho dois, estão na casa dos meus pais — ela sorri.

— Credo, eu odeio. Na boa, comigo sem chance. Trocando o disco, o que você quer fazer hoje?

— Não pensei em nada a não ser ficar aqui com você — afirma e me beija.

— Adorei o plano. — Agora sou eu quem a beija.

— Mas voltando a falar da Jayde, o que ela significa para você? — Elena olha para mim em expectativa.

— No início, a gente ficava. Um dia, ela veio dormir comigo, eu não curti muito não, já te contei. Ela continuou por dois dias. Quando viu que eu morava sozinho, me perguntou se podia ficar e eu deixei. Não rolou mais nada, contudo, na convivência, descobri nela uma pessoa maravilhosa. Jay me aceita como eu sou, tipo, não escondemos nada um do outro, rola muita confiança. A gente meio que se apoia. Nesses três anos vivemos tantas aventuras. Você não faz ideia. Jay é completamente louca, mas eu gosto da loucura dela — falo ao me lembrar das nossas merdas.

— Mas são como irmãos? — pergunta, desconfiada.

— Ela é minha versão feminina, apesar de ser praticamente um homem.

— Você se prendeu a ela, não é isso?

— Jay nunca ficou chocada como você ficou ao ver minhas paradinhas — falo, sem jeito.

— Porque ela usa. — Elena muda o tom e odeio quando faz isso.

— Porque ela respeita — ressalto.

— Ela também não quer sair, não é mesmo? — ela insiste e é uma merda. Não acho que consiga fazer com que ela entenda.

— Olha, eu já tive lá minhas loucuras de intoxicação, de porre, mas hoje, eu aprendi a dosar, consigo me controlar.

Merda! Ela me lança o mesmo olhar de Emily quando me ouve falar isso.

— Usa todo dia?

Respiro frustrado, desviando o olhar.

— Uso.

— Injeta sempre?

— Na verdade, não, mas você parece ficar incomodada quando eu cheiro. Por isso acho menos incômodo para você eu injetar. — Não é bem por isso que injeto e acho que não foi legal jogar a culpa nela, deixando-a sem fala.

— Dilui com água? Sei que há várias formas, mas qual você usa?

— Não, limão ou vinagre, o efeito é mais intenso, às vezes com sangue. Depende da necessidade — falo sem saber aonde Elena pretende chegar com isso.

— Não acaba com os vasos sanguíneos usar líquidos tão ácidos?

— Sério que está me perguntando isso? Elena, de todos os males, os diluentes são os mais inocentes. — Eu não estava planejando dar uma aula, mas vamos lá. — Como eu estudo medicina, eu me sinto na obrigação de te alertar. — Imito o Robert. — Hum-hum. — Limpo a garganta como se fosse fazer um de seus discursos. — Não use drogas, garota. Veja-me como exemplo, eu uso há um bom tempo, provoquei danos irreversíveis nos vasos sanguíneos coronários e cerebrais, tenho pressão arterial elevada, o que significa que posso ter um ataque cardíaco, derrames vasculares cerebrais e morte súbita a qualquer momento. Fora os danos no fígado, rins e pulmões. E por aí vai uma longa lista, você fez um trabalho, deveria saber disso.

— E você, sabendo disso tudo, não tem intenção de parar, não é mesmo?

— Todo mundo morre, só basta estar vivo para isso.

— Maycon, você não vê a gravidade da situação? — ela pergunta, perplexa.

— Elena, eu passo mal sem a coca, sinto dor, fico paranoico, não consigo, não mais. Sinto muito, mas essa conversa não vai nos levar a nada.

— Eu a beijo para ver se ela corta esse papo irritante. — Você vai se acostumar a isso — ressalto, passando a mão em seu cabelo.

— Em ver você se matando aos poucos? A Jayde pode até ter se acostumado, mas eu não.

— Pois é. Por isso prometemos que nós dois vamos juntos — falo sem pensar.

De repente, Elena começa a chorar e imagino que seja foda perder a virgindade com um cara e no dia seguinte ouvir isso dele.

— Elena, pare, por favor — peço.

— É isso que você quer para nós? Fico com você sem planos, apenas te amando e te perdendo, e me conformando em te perder aos poucos todos os dias?

Que merda! Agora não sei o que dizer, não deveria ter falado isso. Mas antes que possa me desculpar, o telefone dela toca. Elena enxuga as lágrimas, se levanta e o pega na bolsa. Eu me levanto também e a abraço por trás para ver se é aquele amigo idiota.

— Oi, princesa! — Ouço a voz masculina do outro lado.

— Oi, pai.

— Dormindo até agora? Que preguicinha, hein!

Ela sorri e chora ao mesmo tempo, acho que seu pai percebe.

— Está tudo bem, amor?

— Tudo, pai, por quê?

— Nada. Sábado que vem é o aniversário da mamãe, estamos te esperando, tudo bem?

— Vou na sexta, não esqueceria nunca. Sabe disso — ela diz, mais recomposta.

— Eu sei, princesa! Ah! Convidei o Keven para vir.

Eu percebo que ela fica sem graça com a situação, até eu estou.

— Como assim? Deveria ter me perguntado antes — ela diz.

Será que ela faria a mesma pergunta se não estivesse aqui comigo?

— Pelo pouco que o conheci, sei que ele gosta de você. Fora que ele é um rapaz de índole, caráter. Dará um ótimo genro.

Cacete! Eu aqui, tentando convencê-la a me aceitar com meus vícios, e a porra do pai a lembrando que ela tem uma opção melhor.

— Pai, pare! Não temos nada a ver e ele tem namorada — Elena diz.

Não sei por que ela não finaliza essa merda.

— Mas você é a garota mais linda da faculdade, e sei que vocês têm futuro juntos. Percebo pelo modo como ele fala de você. — Antes que ela diga alguma coisa, ele conclui: — Querida, estou indo levar as suas irmãs ao parque, mamãe te mandou um beijo.

— Ela não está?

Por um momento invejo a sua disponibilidade em conversar com seu pai sem sermões. Isaac e eu não temos isso.

— Hoje está de plantão na delegacia. Beijos, meu anjo, fique longe dos caras errados, e mais tarde te ligamos. Te amo, princesa.

— Também te amo, pai — diz, finalmente se despedindo.

Ela sequer consegue me encarar, sabe que escutei a conversa toda. Agora entendo como tudo é mais complicado para ela, principalmente em se tratando de me ter em sua vida.

— Você é a princesinha do papai, quem diria! — sussurro em seu ouvido de forma sensual e Elena sorri.

— Três filhas, sou a mais velha — justifica.

— Sua mãe trabalha na delegacia?

— Ela é... quer dizer, ambos são policiais. Ela é tenente e meu pai subtenente.

— O quê? Como assim? Por que não me contou antes?

Que porra é essa? Os pais dela são policiais? Agora está explicado porque ela é assim. Merda de sorte a minha.

— Faz diferença?

— Não muita, mas acabo de reduzir a minha estimativa de vida para assim que ele descobrir sobre nós. Agora entendo porque você é tão perfeitinha.

— Ele vai gostar de você — ela mente na cara dura.

— Um policial gostar de um cara como eu? Você sonha demais.

— Quando virem que eu gosto, eles vão gostar.

Elena é iludida, totalmente. Eu beijo seus lábios e continuamos até perdemos o fôlego.

— E quando você se for? Como eu fico? — ela pergunta, olhando em meus olhos.

Ela tem o manual de como quebrar um clima, na boa. Elena desvia o olhar e não sei mais o que dizer. Eu penso no Robert e noto que a morte não mudou nada sobre o que éramos.

— Um dia, ouvi dizer que a morte separa apenas os corpos, mas não pode separar as almas quando o amor é verdadeiro. Ele costuma ir além da vida. Quando isso acontecer, você sempre terá a melhor parte de mim. Porque eu sei que amo você e de alguma forma sinto que me ama também. Não gaste seu tempo esperando por uma mudança que nunca vai acontecer, Elena. Isso é ilusão. — Eu tento fazer com que ela acorde para a realidade.

— Por que precisa tanto disso? Por que continuar usando, se sabe que ela está te matando?

— Como a coca interfere na maneira que o cérebro processa produtos químicos, eu preciso de cada vez mais para me sentir “normal”. O prazer que eu sinto, o êxtase, ainda que momentâneo, é necessário para que eu me sinta vivo. É inexplicável, sinto euforia, sensação de que posso tudo e posso mais que todos, me sinto livre, não sei por que, mas sinto. Não consigo ficar sem, não mais. Hoje, eu tento controlar a quantidade, mas mesmo que cheire pouco, normalmente são algumas gramas por dia. Sei que meu dia não será igual se não cheirar. Às vezes, não é o suficiente e sinto que preciso me desconectar, aí são dias só cheirando. Em uma dessas, apaguei e acordei três dias depois, no hospital. O médico falou aquilo que escutou da Jay. Por isso estou tentando controlar. Quero pelo menos entregar o diploma para o meu pai, foi um acordo, e gosto de cumprir minha parte — explico calmamente, tentando fazê-la entender.

— Mas você não sente prazer comigo? Não sou o suficiente para você?

Eu respiro fundo. Elena é frágil, se abala por qualquer palavra, então procuro as certas.

— É diferente, lógico que sinto, só que com você a sensação é oposta. Eu me sinto confortável, me sinto seguro, não preciso provar nada, sinto que não sou só um viciado. Você me faz bem, me faz sentir bem. A coca é minha distração, a liberdade que entra nas minhas veias e...

Ela volta a chorar e isso é uma merda. Como ela não está acostumada com esse mundo, imagino que suas lágrimas serão constantes.

— E leva a sua vida — diz, enxugando suas lágrimas. — Amo você e acho que estou ficando louca, porque não tem explicação você amar alguém com tanta intensidade como eu te amo, Maycon, e não quero te perder.

É muito foda ouvir isso. Eu queria poder dizer algo, mas nada vai mudar e não quero iludi-la. Ainda assim, quero fazê-la entender como funciona um vício e como ele o faz ultrapassar seus limites.

Eu a puxo para os meus braços e iniciamos um beijo intenso. Continuamos a nos beijar com tanta loucura, que em questão de segundos estamos nus. Eu encosto Elena na porta e olho em seus olhos, sei o que ela quer e como está totalmente envolvida, vai ultrapassar um limite apenas para ter o que quer e não vai sequer notar. Não agora.

Entre beijos, eu a penetro sem preservativo e é uma delícia. Ela agora chora por mim, e geme pelo prazer que estou proporcionando. É isso que a droga faz, anula o seu senso de certo e errado apenas pelo prazer. Tiro antes de gozar e a pego no colo, me jogando no sofá com ela.

— Meu mundo é escuro demais, Elena, mas, com o tempo, você percebe que não precisa de luz para enxergar na escuridão.

— Comigo não funciona assim, eu não enxergo no escuro — fala, ainda ofegante.

— Não precisa de luz para me enxergar. Só precisa me sentir, que eu te mostro o caminho — sussurro e volto a beijá-la.

Começo a sugar seus seios com força, beijando cada parte do seu corpo em seguida. Depois volto a penetrá-la e mesmo sendo do meu jeito louco, o único protesto que ouço são em forma de gemidos.

Gozamos e ela não diz nada a respeito, continua com a respiração ofegante. Aqui, juntos, olhando em seus olhos sedentos, sei que ela tem um novo vício. É tão novo que sequer percebeu ainda, mas ele já a fez ultrapassar seu limite.

— Minha vida é um inferno, Elena, mas isso não significa que eu não possa ser seu abrigo — sussurro e a beijo.

E cada beijo me confirma que, ainda que seja amarga a forma como nos entregamos, o intenso prazer irá sempre fazê-la voltar ao nosso paraíso. Mesmo que a cada volta ela quebre um de seus princípios.

Capítulo 24

Após horas ensinando a ela novas formas de se viciar, nós tomamos um banho, então empresto uma camisa e descemos novamente para pedir uma pizza. Elena me traz a sensação de estar em casa, não no sentido literal, eu me refiro a sensação de conforto, um lugar para descansar bem mais que o corpo.

— Seu pai parece gostar do Keven.

— Ele brinca muito — ela comenta, sem graça.

— É só brincadeira para você?

Elena não responde, só me beija e a resposta fica mais do que óbvia.

A pizza chega e nós comemos. Estou dominado pelos meus vícios, cheiro Elena, cheiro cocaína, fumo nicotina, e depois de toda a agitação, ela funciona como morfina, acalma a tempestade, silencia as vozes. A cada toque e cada beijo é como se ela estivesse entrando por minhas veias. É intenso e insano, começo a ter o melhor dos dois mundos e sei que depois disso não há como voltar a ser o mesmo de antes.

Quando a noite chega, apesar de dizer que tem que ir, eu não a deixo se afastar e novamente estamos nos intoxicando um do outro, elevando o nosso nível de viciados.

A cocaína torna tudo mais intenso e estranhamente ela parece se divertir mais com o Maycon chapado. Ele ultrapassa as regras e ela não se importa em andar com ele pelo lado selvagem do amor. Elena consegue me deixar cansado, enquanto ensino a ela tudo que aprendi nessa vida louca. Conto algumas histórias que a faz rir e quando os nossos olhos se encontram, sei que nós dois estamos apaixonados demais para termos noção do que está acontecendo aqui.

Vencidos pelo cansaço, eu a vejo cochilar e verifico se ela está coberta para que não sinta o frio que entra pela janela aberta. Deixando a luz do abajur acesa, eu fecho os olhos, mas não consigo dormir, fico pensando nas mensagens que Isaac enviou depois daquela merda de encontro. Não importa o quanto ele tente ou eu tente, nunca teremos de volta o que perdemos e deveria ser fácil seguir, mas não é.

Elena se mexe na cama e eu sinto sua pele quente, então percebo que a sua respiração está mais próxima quando ela me beija.

— Te acordei? — ela pergunta.

Eu abro os olhos e encontro seu rosto.

— Não, geralmente durmo mais tarde.

— Hoje não teremos estrelas? — pergunta, sorrindo.

— Sempre tem, garota dos neurônios — brinco.

Eu desligo o abajur e ligo o retroprojeto, mas hoje prefiro olhar para o universo.

— Gosta de Albert Einstein?

— O físico?

— Físico-cientista. Einstein, aos vinte e um anos, era considerado um fracasso na faculdade e para o seu pai. Ninguém esperava muito dele, que chegou até a lamentar a própria existência. Seu pai morreu acreditando que ele era uma vergonha para a família. Olha que ironia, ele mudou a física com as suas teorias — sorrio. Elena parece interessada, então eu continuo. — Mas, para provar a sua teoria da relatividade, ele teve que derrubar a teoria de Isaac Newton, que era praticamente um deus nos dias de Einstein, até mesmo o seu ídolo. Um dia, ele teve uma visão de um homem caindo de um prédio e essa visão que lhe mostrou que não existe força da gravidade, mas uma inclinação no espaço, contrariando Isaac Newton sobre a força da gravidade que te puxa. No fim, ele provou estar certo e derrubou anos de estudo, revolucionando a física. Mas ele queria ir além, queria explicar o universo com apenas uma equação simples. Hoje, por exemplo, a ciência consegue transportar a voz pelo telefone, não importa a distância, você conversa com alguém e esse som viaja pelas dimensões. Por aí, você deduz que há um caminho. — Elena continua prestando atenção, mas física não parece ser a sua praia. — A ciência evoluiu a ponto de conseguir transmitir imagens e sons pelas dimensões, mas o grande avanço que todos esperam é a matéria. — Fico feito idiota esperando estimular um diálogo. — Não consegue entender? — Ela confirma que não. — Se conseguirem esse avanço, poderemos ultrapassar as dimensões na velocidade da luz.

— Mas até então, ninguém conseguiu. — Ela finalmente parece disposta.

— Na verdade, os Maias foram grandes estudantes da astrologia e misteriosamente desapareceram sem deixar rastros, talvez eles tenham descoberto o caminho. Tudo está na matemática, tudo é matemática, serão necessários cálculos precisos, estudos minuciosos. Robert e eu sempre

conversávamos sobre isso. Às vezes é necessário desafiar nossos deuses para obtermos resultados e respostas, Elena.

Ela fica sem jeito por eu citar Robert, mesmo assim eu continuo, falo sobre as leis da física e bate aquela porra de saudade dele e suas teses loucas. Elena sequer questiona e é foda continuar falando sozinho. Mesmo tendo certeza que ela não entendeu porra, nenhuma faço a última tentativa.

— Isso não te intriga? — Sorrio, esperando seu grande cérebro entrar em ação.

— Acho que estou um pouco perdida — diz, sem jeito.

— Você é hilária. É totalmente contra a cocaína, mas o pai da Psicanálise defendia seu uso e era um usuário. Inclusive, fez um estudo sobre seus efeitos — ressalto.

— Sei disso — admite.

— Quer mudar de assunto? Acho que as leis da física e estudos sobre cocaína não te interessam muito.

— Por que estuda medicina, se parece mais interessado em física?

— Na verdade, essa seria a minha primeira opção, mas como não espero viver muito, deixei que meus pais fizessem a escolha e cá estou eu, aluno de medicina.

— Você é um prodígio, Maycon Sebastian — ela sorri e acaba de contradizer o seu grande discurso.

— Não, Elena das... Não me lembro do seu sobrenome. Sou apenas um viciado.

— Ah, pare!

— Estou brincando.

— Você está muito irônico, perdi alguma coisa quando dormi?

— Não, apenas fico deixando as ideias fluírem e acaba que minhas ideias têm ideias, sabe como é! Sou um cara viajado — falo com ironia.

— Por que não aproveita e faz algo para revolucionar o mundo? — sugere, me fazendo rir.

— Esse mundo já está fodido. Não quero melhorar esse mundo, quero sair dele. Algumas pessoas não se encaixam ou, como eu, elas não nasceram para esse mundo.

— Qual o problema com o mundo para você?

— As pessoas perderam a noção, a receita está vencida, e eles continuam usando como se fosse algo inovador, mas apenas mentes não

cauterizadas que percebem a verdade.

— Se sabe uma nova receita, cadê?

— Não funciona, elas querem a velha e eu me nego a usar sempre a mesma. Vou dar um claro exemplo. Você gosta de romances?

— Gosto.

— Os ingredientes são os mesmos, o cara problemático, a mocinha ingênua que precisa salvá-lo oferece seu amor e, no fim, chega o tão perfeito feliz para sempre.

— Está querendo me ofender?

— Jamais, mas fico pensando... Por que o cara tem que ser salvo, e se ele quiser se perder? Há quem goste de luz, há quem não goste. Mas aí, eles produzem uma merda pior que a outra, personagens irreais, as mulheres amam, a porra faz um sucesso do caralho e eu me pergunto se não estou vivendo entre zumbis. Só que fiz uma análise e cheguei à conclusão que nasci em uma época errada. Hoje, as pessoas aceitam qualquer porcaria e engolem em seco. Nego-me a ser como eles.

— Você é muito crítico, cada um tem seu gosto e devemos respeitar.

Não acredito no que ouço.

— Eu sei, esse é o pior argumento, quando faltam palavras sensatas. Por isso que os grandes estão mortos, os bons estão debaixo das estantes e os idiotas recebendo glória como heróis inspiradores.

Elena não questiona, então voltamos ao nosso ciclo de vícios.

No domingo à noite, antes de deixá-la no campus, eu compro a pílula do dia seguinte e explico como funciona. A minha noite é uma merda. Eu dormi ao seu lado as últimas noites e agora o meu corpo reage como se faltasse algo aqui. Jay volta, mas nenhum dos dois está disposto a conversar sobre a nossa merda de relação. Amigos também podem partir seu coração e acho que estar com Elena faz com que ela sinta que estou fazendo isso.

Na segunda-feira de manhã, quando vejo Elena, sinto meu sol voltar a me iluminar. Eu me aproximo e tomo a minha nova medicação, que está em seu abraço e beijo.

— Dormiu bem? — pergunto, esperando ouvir sua negativa.

— Dormi — ela sorri.

Ah, porra!

— Nossa! Eu dormi péssimo sem você, bom saber que dormiu bem

sem mim.

Então ela faz seu joguinho e eu amo cair nele.

— Dormi bem, mas se fosse ao seu lado, seria maravilhosamente bem.

— Espertinha, se safou bem. Posso te roubar hoje?

— Virou ladrãozinho agora? — provoca.

— Por você, eu viro até anjo, meu bem.

— Te amo — diz e me dá um beijo.

O professor dela passa e é quase como se estivesse vendo o demônio. Merda!

— Também te amo. Bom, como a Jayde não trouxe meu boneco de vodu, acho que vou ter que assistir à aula. — Tento fingir indiferença aos olhares que nos cercam, mas é foda.

— Até mais tarde. — Ela me dá outro beijo e se afasta, seguindo para a sala.

A semana segue e o sexo continua, não há restrições ou lugares apropriados, ficamos loucos e acontece até mesmo no carro em frente ao campus. A cada noite que passo ao seu lado, sei que preciso de mais tempo com ela, tento até reduzir com a coca. Mas as minhas tentativas não fazem diferença para as pessoas, mas faz para um viciado.

Com Elena eu posso baixar a guarda, ser apenas eu, sem muito que dizer, apenas estar ao seu lado, sentir seus beijos, sermos um do outro. Eu sei que não precisamos ter um abrigo, somos nosso abrigo.

Na quinta-feira toda a faculdade já sabe sobre nós, mas Elena parece realmente não se importar. E se amo essa parte, por outro lado Jay se afastou totalmente, ela não conversa mais comigo e sequer se esforça para tentarmos mudar essa questão. Reclamo sobre isso com Robert, mas ele não dá atenção, porque está morto.

Na sexta-feira o conselheiro a chama para conversar e sei qual é o assunto. Antes não doía o que as pessoas diziam, mas agora que eu a tenho e não quero perdê-la, dói. É complicado, porque já me sinto sufocado com meus próprios medos e isso somando ao fato de não ter motivos para fazê-la ficar, me deixa mais tenso diante da possibilidade de ela querer ir.

Nós dormimos juntos e eu me apeguei a estar sempre com ela, não sei como lidar com isso. Às sete, quando estou próximo ao campus, ela vem e

entra no carro. Não que eu esperava um convite para ir conhecer seus pais, mas machuca vê-la ir com outro, um que eles aprovam. Acho que isso é pagar pelos pecados. Mesmo não tendo nenhum bom argumento para fazê-la ficar, do meu jeito, eu tento remediar o que estou sentindo sugerindo levá-la, mas Elena não cede.

— Não precisa, já combinei com Keven.

Desvio o olhar, estou com nós demais preso na garganta. Ela vai estar o tempo todo com ele, vai levá-lo para estar com a sua família, enquanto eu fico aqui, esperando pelas migalhas que ela está disposta a deixar em seu lugar.

— Posso te deixar próximo. Não quero que vocês vão juntos. — Odeio o fato de ter que insistir, mas, poxa, estamos juntos, estamos tentando, então por que ela se mantém cega a tudo que estou sentindo agora?

— Isso levantaria suspeitas. Eu vou falar sobre você, quero que eles saibam, mas tem que ser por mim, entende? — diz, tocando meu rosto.

Eu sei que isso não vai acontecer. Elena gosta de mim, mas eu não sou o cara que ela pode apresentar aos seus pais. E por incrível e estúpido que possa parecer, nessa semana eu reduzi duas gramas, porque quero ter mais tempo com ela, mas como eu disse, isso faz diferença para mim, não para as outras pessoas.

— Recebeu muitos conselhos hoje? — pergunto, preocupado.

Ela sequer responde e magoa saber que Elena não dá a mínima para o que eu sinto agora. Quando foi que a situação se reverteu? Por que eu me sinto tão mal agora?

— Sabe, não quero perder você, mas acho que o universo conspira contra nós — falo sem jeito e ela respira fundo.

— Maycon, eu passo pelo corredor e sei que todos estão olhando, os professores acham que estou ficando louca e sempre jogam alguma indireta, mas não me importo com o que dizem, eu estou apaixonada por você. Eles podem tentar nos afastar, porque não sabem a verdade. Não conhecem você como eu conheço. E nunca vão conseguir ver que é verdadeiro o que sentimos.

Eu olho em seus olhos, querendo gravar isso na porra do meu coração, que está desesperado porque ela vai se afastar.

— Eu te amo. Desejo que todos se danem e que o Keven morra, só para constar — digo e ela sorri.

— Ele não existe para mim, não como você existe.

— E se seus pais não me aceitarem?

— Eles vão, sei que vão. — Suas palavras vêm tão facilmente porque são mentiras, doces mentiras.

— Será que um dia vai querer me apresentar a eles? — Ah, merda, não posso colocar pressão nisso, não nisso. — Não quero perder você — insisto, tentando mostrar a ela que estou péssimo.

— Não vai me perder.

Continuo prendendo-a em meu abraço, cheirando cada linha.

— Promete que se o Keven tentar alguma coisa, você me conta? — Meu desespero soa ridículo até para mim.

Eu deixei Jay se afastar e me afastei também, fiz de tudo para que Elena se sentisse segura, mas não funciona quando ela tenta fazer o mesmo por mim.

— Ele não vai fazer, mas eu prometo.

— Elena, por favor, diz para mim que não vai cair na lábia desse perfeitinho idiota.

Seguro seu rosto entre as mãos e ela sorri, sussurrando que não há chance de isso acontecer, então eu a beijo com todo desejo que sinto. Seu telefone toca, nos interrompendo, sei quem é e odeio passar por isso.

— Estou te esperando em frente ao campus — consigo ouvir o cara dizer.

Nossos olhares se encontram e Elena não diz nada.

— Não vai não, fica comigo! — imploro.

— Prometo que faço o possível para vir antes — diz e sei que é sincera, então nos beijamos novamente.

Eu a levo em frente ao campus e vejo que o cara está animado esperando ao lado do seu carro. Elena sai do meu carro e sorri para ele. Antes que ela entre, automaticamente eu vou até ela e a puxo para um último beijo.

— Qualquer coisa me liga — sussurro, forçando um último abraço.

— Vou sentir saudades — diz e me dá outro beijo.

— Eu te amo — falamos juntos, mas é com ele que ela vai.

E vendo os dois irem juntos entre sorrisos, eu percebo que não importa o que eu faça, Maycon nunca será uma boa escolha e ela merece bem mais do que um viciado que a faz chorar sempre.

É uma merda sentir tudo isso, então percebo que não faz diferença,

não importa o que eu queira fazer ou com quem queira ficar, no fim, tudo que me resta de companhia é uma boa dose de cocaína para apagar meus demônios e, talvez, em um raro momento, ela apague Elena e tudo que ela provoca em mim.

Um viciado que se viciou na droga mais nociva que existe, a droga do amor.

Capítulo 25

Dirijo pelas ruas tentando não pensar em porra alguma, mas é inevitável, não é como se eu não tivesse vivido isso, já vivi, e mesmo assim machuca.

Lembro-me que o divórcio ainda estava recente, eu estava confuso e me sentia em luto. A dor era cortante demais, Emily e eu estávamos em pedaços, mas nunca soube como expressar meus sentimentos ou por que meus dias felizes foram tirados de mim. Eu queria entender como acabamos assim, então perguntei a Emily por que as pessoas dizem amar e depois abandonam. Ela estava tão machucada quanto eu e acho que sequer cogitou a ideia de que suas palavras eram cruciais para mim.

— Só abandonamos aquilo que é descartável, Maycon, e se é descartável, nunca existiu amor ali.

Aquilo me atingiu em cheio. Eu olhei bem para ela, mas ela estava distante, ainda assim, naquele momento eu tive certeza de que eu era descartável e por isso fomos abandonados.

Eu me lembro daquele encontro desastroso em que conheci Jeniffer e pedi para Isaac não me ver mais. Estava revoltado, achava injusto o fato daquela puta ser muito mais jovem que a minha mãe e tentei de todas as formas amenizar minha culpa por ter almoçado com os dois, mas mesmo a droga não fazia isso. Eu sentia como se tivesse traído a minha mãe e me odiava por isso. Emily já havia voltado a trabalhar, estávamos tentando seguir com nossos pedaços.

Ingenuamente, eu acreditava que nós estaríamos juntos sempre, que seguiríamos e que poderíamos ser uma família de dois. Eu cuidei para que ela não se sentisse inferior. Naquela época, eu via a droga como medicação, não queria que ela descobrisse para que não se preocupasse e, caso acontecesse, eu já tinha uma lista de todos os cientistas que em algum momento fizeram uso de cocaína.

Eu era um otário e achava que ser sincero era o suficiente. Mas quando ela soube que Isaac havia assumido a vadia, apesar de tentar disfarçar, aquilo a abalou e eu não queria que ela voltasse a se trancar no quarto.

Eu escondia as minhas merdas, drogas me ajudavam a seguir em

frente, assim como ela usava antidepressivos, eu jurava que nós dois conseguiríamos.

Em uma sexta-feira, pedi a Nora que me ajudasse a fazer uma lasanha, ela trabalhava na minha casa. Minha mãe odiava que qualquer outra pessoa cozinhasse a não ser ela, ainda assim, Nora foi vencida por minha insistência. Lembro que coloquei velas, seria nosso jantar especial, queria que ela entendesse que eu nunca a trocaria, que era linda e que Isaac não a merecia.

Minha mãe chegou atrasada, subiu as escadas e demorou quase duas horas em seu quarto. Quando desceu, eu estava no sofá esperando por ela, ela estava tão linda, há tempos não se arrumava assim. Fiquei feliz por vê-la bem, quer dizer, ela realmente parecia bem. Então ela se aproximou do sofá, me beijou e disse que jantaria fora com alguns amigos.

— O que acha disso, querido? Mamãe está liberada para jantar fora hoje?

Eu sorri, sem graça, sequer sabia como reagir.

— Claro, mãe, você está linda. Divirta-se — foi tudo que eu consegui dizer.

Ela me beijou, então eu subi para o meu quarto e foi da janela que vi Erick pela primeira vez. E foi ali, ouvindo os elogios que ele fazia a ela, que eu entendi que assim como Isaac, Emily estava reconstruindo a sua vida. O foda é que eu pertencia à parte que agora eles estavam deixando para trás e eu não sabia como poderia seguir com a minha vida.

Como disse, eu vivi tudo isso e agora, já calejado dessas merdas, não deveria doer ver Elena indo embora com outro. Eu sei que ela tem seus motivos e não faz para me magoar, mesmo assim dói.

Ao entrar em casa, vejo Jay sentada no sofá com seus fones de ouvido, concentrada pintando as unhas. Somente quando estou perto é que ela nota que cheguei, então se levanta, desajeitadamente pega o esmalte, mas quando percebe que estou sozinho, volta a se sentar.

— Sua mãe esteve aqui. Ela está puta com você por causa do cartão, acho que tem a ver com a nossa última festa.

— Ah, você acha? — pergunto, irônico.

— Disse que tentou falar com você.

Eu vou à cozinha, pego um analgésico e tomo dois comprimidos com água. Ela continua me seguindo com seus grandes olhos azuis.

— Acho que ela realmente quer falar com você.

— Pena para Emily, não estou a fim de escutar porra nenhuma agora.

Deixo Jay falando sozinha e entro no meu quarto. Com tudo escuro, eu me jogo na cama e sinto o cheiro da Elena em mim, a dor é sem sentido e escrota. Isso é enlouquecer? Ela me fez experimentar algo novo e eu me viciiei nisso, agora estou feito idiota sentindo os efeitos da nossa abstinência.

Ligo as estrelas e estou tão em pedaços como cada um desses pontinhos brilhantes. O quarto está frio e ela longe. Meu telefone toca e o nome de Emily aparece na tela, ela não vai me dar um tempo.

Respiro fundo, pensando em minha merda de vida. A maluca da Elena continua aqui, me rodeando e é foda porque ela dorme comigo, mas precisa de um cara como o Keven para apresentar aos pais. E eu nunca vou ser como ele.

Penso em todas as vezes que tive overdose, mas agora, sentindo toda a porra da sua ausência, eu me pergunto se consigo sobreviver a essa merda. Se apegar a alguém é sem sentido, porque depois que se apega e pessoa está longe, o tempo para e só volta aos eixos quando ela retorna. Vejo seus olhos, sinto seus beijos e quase entro em colapso, sequer sei o que ela está fazendo agora, se realmente irá para a casa dos pais ou... Não, eu não quero ficar nessa merda de quarto tendo uma crise de abstinência de Elena.

Decidido, eu me levanto e, como um bom viciado, eu sempre confiro meu estoque antes de usar, mas é foda, sempre uso bem mais do que planejo e sei que Emily está certa, estou ferrado. Mas eu me importo, então foda-se Emily, foda-se Elena e foda-se o Maycon que quer continuar insistindo nessa merda de relacionamento.

Faço várias carreiras e começo a cheirar, meu nariz sangra e pouco me importo, mas isso me impede de continuar cheirando. Fico por segundos imóvel esperando a porra do efeito, mas não acontece nada e isso me deixa em pânico. Quando percebo que não vou matar a minha vontade com essa merda, corro feito um cão desesperado para o quarto da Jay e abro a porta, mas ela está de saída.

— Jay, eu quase não sinto nada com essa porra, cara, o Jong tá curtinho comigo. Esse pó é uma merda — falo, limpando o sangue com a minha blusa.

Ela sequer se dá o trabalho de me encarar.

— Tem certeza que o problema é o pó? — pergunta, arrumando sua bolsa.

— O que quer dizer com isso? — pergunto, não dá para disfarçar, estou desesperado.

— Maycon, você mistura muita merda, cara. Óbvio que só o pó não te dá mais aquele pico. Então a culpa não é do pó do cara, entende?

Ah, porra! Agora me bate um desespero do caralho, acho que esse é o maior medo de um viciado, ser abandonado por sua droga.

— Qual é, Jay? Sabe que o pó do cara é ruim — insisto, precisando loucamente da sua confirmação.

— Maycon, pare, porra! Eu já disse que não conheço outro fornecedor. É isso ou tenta outra merda.

Ela passa por mim, ignorando o meu estado e apaga a luz do quarto, me deixando no escuro.

— Aonde você vai? — pergunto, enquanto a sigo pelo corredor.

— Agora se importa? — Ela para e se vira para mim. — Cadê a Elena? — diz com deboche.

— Foi visitar os pais.

— E jura que não bancou o Romeu se oferecendo para levá-la?

— O amigo fez isso — falo e ela sorri com sarcasmo. Dói parecer o idiota. — Jay, por favor, sei que tem contatos e eu preciso comprar essa porra, sabe que fico mal se ficar sem.

Mantendo o sorriso sarcástico no rosto, ela continua me mandando o seu claro foda-se. Jay está com ciúmes da Elena, não aceita que eu esteja com ela, por isso está sendo tão infantil e cruel comigo. Ela sabe como eu fico e pouco se importa com isso.

— Que pena, Maycon, ela te trocou pelo amigo, mas não se sinta mal, a vida tem dessas. Amigos fazem merdas. — Ela joga a porra de uma direta. — Às vezes até as mais santinhas fazem também. Espero que tenha uma boa noite aqui, sozinho. E a propósito, Francine toca hoje no Max e alguns empresários estarão lá, então estou indo para dar uma moral. Fique bem — ela conclui e me dá as costas.

— Qual é, Jay? Você não é assim, cara. O que está acontecendo com a gente?

— Você também costuma não ser esse imbecil, e se é assim, não posso fazer nada a respeito. Se vire com seus problemas.

Que porra, velho! Volto ao quarto meio que esperando ela voltar, mas escuto o carro sendo ligado e segundos depois o portão ser aberto. Merda!

Merda! Merda!

Eu pego o telefone em um desespero do caralho e confiro cada contato, percebendo que Jay tem razão, não tenho outro fornecedor, os que conheço estão presos ou mortos. Respiro fundo, tentando manter a porra da calma. Dando uma olhada na agenda, eu vejo que o número do Robert ainda está aqui, provavelmente ele vai rir de mim do além. Odeio a ansiedade e o desespero que estão na minha cabeça. Vida de viciado é uma merda, você faz seus *corres*, consegue a porra, cheira a porra e entra em desespero para conseguir mais antes mesmo de acabar a última carreira. Começo a tremer e juro que entro em abstinência por desespero de ter uma crise de abstinência. Estou louco, só pode.

Injeto o resto do pó, deixando apenas um papelote, mas a merda do efeito passa rápido como um raio e quase choro por isso. Antes de enlouquecer, tomo um banho, me arrumo e saio na tentativa frustrada de conseguir algo. Passo no banco e estouro meu limite. Começo a ficar paranoico na ideia de que a vadia da Francine está colocando merda na cabeça da Jay, é uma puta dos infernos. Cara, me sobe um ódio. Agora eu odeio a porra toda, Elena, Emily, Jay. Isso começa a queimar e juro que a Francine vai me pagar por isso.

Chego ao Max quase meia-noite e vejo o carro da Jay. Escutando os primeiros acordes, eu entro e alguns me lançam olhares curiosos, tudo porque estive longe por uns dias, mas conheço como funciona a porra toda. Mesmo que a cocaína do Jong seja uma merda, ela ainda corre por minhas veias, então lá vai o Maycon se abastecer.

Uísque, *doce*, e depois disso o Maycon pode qualquer merda. Viro quase uma garrafa enquanto Francine canta duas músicas. Já me sentindo o demônio, eu me junto a plateia e quando ela e PlayIII me notam, ficam claramente desconfortáveis. Vejo os empresários, está óbvio quem são, até porque eu conheço todos aqui, com exceção deles.

— Maycon, não faça merda — escuto Jay sussurrar próximo a mim, então eu me viro em sua direção.

— Foi mal, Jay, mas eu sou a merda. — Pisco para ela.

Francine pega a guitarra, mas quando começa a fingir tocar, cara, é uma merda. Espero todos os gritos falsos se acalmarem e assim que posso ser ouvido eu grito:

— Que porra, velho, não faz acorde de violão em guitarra, você é

melhor que isso.

E isso continua a cada música. Grito quando ela desafina, grito quando erra a nota e, no fim, ela está tão puta quanto eu.

— Parece que temos um cantor profissional aqui, quer subir e fazer melhor, Maycon? — diz com deboche.

— Maycon, não faça isso — Jay pede, mas é tarde, eu quero fazer isso.

Quando eu subo os gritos triplicam e ela me encara com ódio e a sua banda fica sem saber o que fazer.

— Espero que saiba o que está fazendo — ela diz ao me passar a guitarra.

Não sou idiota, PlayIII toca bem mais que eu, mas não significa que eu não me saia bem.

— Qual? — PlayIII pergunta e é a primeira vez que faremos isso juntos.

Sem que eu responda, o filho da puta introduz *Sweet Child O' Mine* do *Guns N' Roses*, não sei se a intenção era foder comigo ou Francine, mas pelo meu sorriso ele percebe que não serei eu. E isso fica evidente quando eu canto e posso ver a decepção nos olhos dela e, infelizmente, nos de Jay também. Mas os caras que ela queria impressionar ficam boquiabertos e eu quase tenho um orgasmo com o solo do PlayIII. Esse filho da puta nasceu para ser uma estrela. No fim, ele faz a segunda voz comigo. O foda é que a galera curte pra caralho.

Terminamos e a galera grita empolgada e antes que eu faça menção de deixar o palco, o cara inicia *Wish You Were Here* do *Pink Floyd*. Cara, eu amo essa música porque ela resume bem a porra da minha vida. O baixista me traz o violão, então eu o acompanho e sei que agora, assim como eu pirei, ele pira quando eu começo a solar a introdução e quando começo a cantar, penso na porra da Elena com tanta intensidade, que chego e ficar emocionado.

Todos sabem que há uma disputa de egos aqui, estamos nos lixando com a plateia ou com os empresários, mas acho foda quando todos começam a cantar comigo. Eu dedicaria a canção à Elena, mas ela está em um lugar melhor, com pessoas melhores.

Quando terminamos, depois da euforia, somos aplaudidos por minutos. Tiro o violão, PlayIII se aproxima, me abraça e passa duas pílulas

coloridas que nem faço ideia do que seja, mas são bonitinhas. Eu chamaria Francine para continuar o show, mas ela desapareceu, nem a Jay eu vejo mais. Desço do palco e o restante da banda faz o mesmo, Max, então, inicia com músicas eletrônicas. Sigo para o bar a procura de Jay.

— O dele é por minha conta — uma voz grave diz ao meu lado.

Eu me viro e vejo um dos empresários. Ignorando totalmente a sua presença, eu pego o meu último papelote, faço uma carreira bem na frente do cara e cheiro como se a porra fosse a melhor coca da minha vida.

— É sempre assim? — ele questiona, então eu viro as pílulas com o uísque e isso meio que responde a sua pergunta.

— Traz a garrafa, por favor — falo.

O barman a deixa na minha frente, então eu pego e passo a tomar direto na garrafa.

— Perguntou alguma coisa? Cara, eu tô muito chapado. — É o que consigo dizer antes de cair na gargalhada.

Começo a ver tudo colorido, as cores são intensas, vibrantes, vejo notas musicais, todos rindo, gargalhando, estou muito louco. Não sei se estou andando ou o chão está me levando, mas o bagulho é louco demais.

Minha cabeça gira tanto que faz meu estômago revirar. Sinto beijos, mãos me agarrando, até no meu pau passam a mão. Que porra! Tento me desvencilhar e quando finalmente consigo, eu me sento no chão, vomitando, e isso me faz cair na gargalhada.

Assim que termino de vomitar, eu bebo de novo direto na garrafa e vomito, rindo feito um idiota. E continuo assim até alguém me puxar e sentir quando me beijam. Mas eu não consigo ver nada a não ser cores e cogumelos gigantes dançando ao som da música agitada.

Então eu vomito de novo e escuto alguém reclamar.

— Que porra, Maycon!

— Vou te levar embora.

— Você vai me levar embora? — Eu caio na gargalhada, porque agora uma árvore conversa comigo. Estou muito mal.

— Acho que estou sendo levado por esses cogumelos gigantes e eles vão fazer uma experiência bizarra em mim — sussurro — Ei, cogumelo, já reparou como a palavra bizarra é engraçada? — Volto a gargalhar, então sinto quando me sedam. Eu fecho os olhos e tudo apaga, acho que estou morrendo.

A merda é que mesmo morrendo eu posso ver a Elena, e odeio o fato de ela estar aqui, na minha morte.

— Você partiu meu coração, Elena, mesmo eu estando morto você fez isso. — Eu a encaro, sorrindo. — Não vai dizer nada? Acha certo isso? Ah, foda-se, Elena. Estou morto mesmo. — Volto a gargalhar. Que loucura! Mesmo morto eu falo pra cacete, sou um fantasma falante. — Ei, Robert, pode aparecer aqui, parceiro, eu morri também.

— Cala a porra da boca, Maycon.

Escuto a voz da Jay, mas não consigo vê-la.

— Jay, você também morreu? Que porra, velho, nós morremos e cadê a porra do Robert?

— Imbecil. — Escuto alguém dizendo ao fundo. Parece que nós morremos e ninguém se importa.

Então tudo fica em absoluto silêncio.

Acordo com a cabeça latejando. Tento abrir os olhos, mas a luz incomoda demais, então demora para conseguir abrir novamente e quando o faço, sei que estou no meu quarto. Jay está sentada ao meu lado e pelo seu olhar, sei que fiz merda.

Eu tento me levantar, mas não consigo e vomito ao lado da cama e depois disso, Jay permanece com cara de poucos amigos.

— A primeira regra é: se não lembra não pode ter sido você — digo e rio.

Jay não ri, apenas se levanta e sai do meu quarto. É uma tortura ter que levantar assim, mas eu o faço e me apoiando na parede, chego ao banheiro.

Depois de um banho demorado e minutos escovando os dentes para tirar o gosto ruim da boca, vou para o closet vestir uma bermuda. A minha cabeça gira e sei o que fazer para melhorar, mas quando eu abro a gaveta e não tem nada, eu quase piro.

— Jay — chamo.

Ela aparece com a erva na mão e joga alguns panos no lugar onde vomitei, em seguida, joga papelotes na minha cama, então respiro aliviado.

— É do Jong? — pergunto e ela me encara com ranço.

— Consegui de um cara. Maycon, hoje é só a porra de um sábado, você já estragou tudo ontem, então dá um tempo.

— Vai à merda, Jay, não preciso de você! — grito e ela sai batendo a porta.

Minha cabeça gira, então me concentro para fazer as carreiras. Depois do primeiro tiro, um pouco mais disposto, eu limpo o vômito e fecho as cortinas. Sinto como se estivesse flutuando, meu corpo está estranho, mesmo assim eu ignoro os sinais.

Dou mais um tiro e depois é um atrás do outro. Eu olho para o lado e vejo a Elena, merda, a cada tiro eu espero que ela desapareça, mas não acontece. Odeio que essa garota esteja aqui.

É um inferno. O meu pó acaba e a garota continua aqui. E quando penso em ir atrás de mais, eu me lembro que estourei o limite e não tenho dinheiro, então confiro as horas. Quase oito da noite. Um dia inteiro passou sem eu ter ideia de como cheguei aqui. Escuto a campainha e minutos depois a porta do quarto se abre.

— Porra, Jay, feche essa merda e me deixe sozinho — falo e ela fecha a porta. — Onde você conseguiu aquele pó? Ele é mais forte, entra rapidinho. — A idiota fica em silêncio, não responde. — Já falei para fumar a desgraça dessa erva lá fora, está enfumaçando a casa toda, sua porra. Você não tem jeito mesmo, hein! — falo, irritado.

Jay continua paralisada, então confiro novamente as horas. Merda, o tempo parou.

Ela fica no mesmo lugar, imóvel. Merda! Eu a encaro e percebo que não é a Jay, então me levanto e vou até ela.

— O que faz aqui? — pergunto ao perceber que estou viajando na Elena.

— Para que isso? Por que precisa disso? — Agora ela fala e pensar sobre isso me faz rir.

— Por que está aqui, Elena? Por que precisa de mim?

— Porque amo você — ela diz depois de ter ido embora com o idiota do Keven.

Mas isso não é real, é só uma viagem minha.

— Porque é idiota. Não deveria ter vindo, mas já que veio, vamos curtir. — Eu a puxo para um beijo, mas quando eu a levo para cama, ela tenta me afastar.

— Maycon, pare, por favor! Você está me machucando! — Fico olhando desconfiado, não estou entendendo porra nenhuma. — Por favor,

pare. Está me sufocando com o seu peso!

Isso é muito louco, então eu me deito ao seu lado, confiro novamente as horas, e faço meus planos esperando essa Elena desaparecer. Meia-noite vou sacar novamente e daí posso voltar no cara que a Jay comprou.

— Já usou muito, não acha que é o suficiente? — ela pergunta como se isso fosse problema dela.

— Cala a boca, sua voz é irritante! — grito, implorando para ela desaparecer. — Merda de hora que não passa!

— Eu vou embora — ela diz.

Se até agora ela não quis embora, então vou dar a ela um bom motivo para ficar.

— Agora você vai ficar — falo e me viro em sua direção.

Quando nossos olhos se encontram e vejo lágrimas nele, eu me sinto como se tivesse sido atingido por um raio e percebo que ela realmente está aqui. Elena continua chorando e não consigo ignorar tudo que ela me faz sentir.

— Pare de chorar, Elena, ainda estou sob controle. Não vou machucar você, eu prometo — falo, tentando amenizar a situação.

— Já me machuca te ver assim. Alguma vez tentou parar?

Esse é o pior momento para ela estar aqui. Merda! Merda! Merda! Tenho que demonstrar que estou no controle, então não posso fugir da conversa.

— Ninguém entra nessa porque quer, entra porque acha que de alguma forma vai te ajudar, e isso me ajuda, a coca me ajuda a seguir numa boa. — O.k., acho que foi um bom começo.

— Por que entrou?

Eu respiro fundo para me acalmar. A vontade que tenho é de mandá-la à merda, mas isso a afastaria e não quero que ela vá embora. Eu posso contar como aconteceu, não que ache que a minha sinceridade a fará ficar, mas não consigo não ser sincero e, talvez, se eu contar, ela consiga entender.

— Tinha doze anos quando a minha mãe soube de uma traição do meu pai. Eles diziam se amar tanto e blá blá blá, mas o amor desapareceu assim que ela soube que ele teve uma filha. Sempre me dei bem com ele, aquela velha história de pai herói, sabe? Nós éramos assim. Até aí tudo bem, mas eles começaram a brigar demais, o divórcio saiu e ambos queriam a guarda. Aí, complicou a minha vida, optaram por guarda conjunta. E não sei

quem inventou essa porra. Eram três dias ouvindo merdas sobre meu pai, dois ouvindo merdas sobre minha mãe, fim de semana com meus avós. Minha vida virou de cabeça pra baixo, nem sabia onde eu morava mais. Não estava aguentando aquele inferno na minha cabeça.

Eu desvio o olhar e penso se posso ou não falar sobre Britney, mas Elena pode pensar que eu era uma criança promíscua e não era, então deixo isso de fora.

— Um dia conheci um cara que conhecia outro cara e comecei a usar maconha, mas maconha deixa a pessoa burra, lerda. Já percebeu que a Jay fala devagar, quase parando? É a erva que ela tanto adora que faz isso. Queria algo que me deixasse alheio a toda a confusão. Então o cara soube que meus pais têm dinheiro e como eles estavam naquela luta de se difamarem para mim, como se eu não os conhecesse, conseguir dinheiro era fácil. Com grana rolando solta, conheci o pó, comecei com treze e aos quinze já estava viciado. Eles só foram descobrir aos dezesseis. Aí as brigas acabaram, e apesar de ambos estarem separados, se uniram para me “ajudar”, olha que ironia. Aos dezessete, eles já não suportavam mais me ver drogado e como ambos pertencem à alta sociedade, também não queriam me ver pelas ruas, nem em bocas, muito menos que as pessoas soubessem. Resultado, depois de negociar com eles a respeito da faculdade, consegui a minha liberdade. Não aguentava mais a minha mãe ficar enchendo a minha cabeça. Compraram essa casa e até hoje moro aqui. Encontrei o que precisava na coca. Já tentei largar, mas rola um amor platônico, entende? — termino de explicar, rindo.

— É uma doença crônica. Se fizer o tratamento certo...

— Não estou a fim de sair. Não sou viciado. Às vezes, eu abuso um pouco, mas posso controlar.

— Pode controlar agora? — sussurra, tentando passar uma falsa tranquilidade.

— Posso, duvida? — digo.

E agora quem quer acreditar em uma mentira mesmo? Eu.

Eu não consigo encarar a Elena. Que merda de namorado eu sou, isso não estava em meus planos, então fico em pânico. Ela não merece essa merda, mas não quero deixá-la ir. Eu ligo o meu céu estrelado e o silêncio permanece por minutos.

— Lembra-se daquele dia na chuva? Eu te vi entrar no bar e fiquei curioso. Saí fora da galera e fui atrás de você. Tive uma sensação de *déjà vu*,

apesar de não estar no meu normal, foi como um imã. Algo em mim mudou naquele momento. Eu nunca me importava com aquele ponto de ônibus. Mas, pela primeira vez, eu fui até ele. Durou uma eternidade e terminou tão cedo. Você estava sozinha, olhando para o nada e mostrou-se tão indiferente a mim, tão fria. Mas no momento que olhei em seus olhos, desejei ter tido outra vida só para poder me aproximar de você — eu falo e começo a chorar. Eu estou mal. Eu amo a Elena e por amá-la sei que ela não merece essa merda de vida. Eu não mereço alguém como ela. — Desculpa, Elena, sei que te assustei e detesto dizer isso, mas eu acabei com a minha vida, cheguei ao ponto de não conseguir ficar sem drogas. Queria que ficasse comigo, mas não posso fazer isso com você. Não merece. Na sexta-feira, quando vi você e o Keven entrarem no carro e como ele olha para você, percebi que vocês se merecem — admito. Dói pra caralho, mas Isaac tem razão, amar também é saber quando precisar deixar ir. — Você merece um cara que seus pais vão aprovar, que os professores acharão bacana. Que a sociedade vai aceitar bem. Amo você e por amar, não posso destruir a sua vida como destruí a minha. Ligue para o Keven e peça para ele te buscar. Desejo realmente que você seja feliz, agora vá embora — falo, esperando que ela se levante e vá embora.

— Por que está me dizendo isso? — ela diz com a voz embargada.

— Porque o efeito da droga está passando e a minha consciência me obriga a isso. — A depressão me pega de jeito. Merda! Choro feito um menino. — É horrível chegar ao fundo do poço como eu, sabia? Não consigo continuar sem cheirar. Minha vida depende dela para seguir. E não quero isso para você — Não consigo me segurar, estou mal, péssimo na verdade, querendo morrer. — Vá embora — insisto, mas Elena continua aqui, olhando para mim.

Alguém a faça ir embora, por favor!

— Se eu ficar, promete tentar parar?

Droga, ela quer que um viciado faça uma promessa dessa? Elena realmente é um anjo.

— Eu não consigo, não faça isso com você, não acabe com a sua vida ficando com um cara como eu. Você vai desmoronar, Elena. É frágil, não está pronta para uma vida desse jeito, e não merece isso — insisto, implorando, mas ela permanece.

— Talvez eu seja idiota por isso, mas preciso de você comigo, ainda que não seja fácil. Sei que você nunca vai ser o cara que queria para mim,

mas amo você e isso não vai me afastar.

— Está cometendo um erro, por favor, não faça isso com você — imploro mais uma vez.

— Não estamos cometendo nenhum erro, porque juntos nunca estaremos errados. Preciso de você e vou precisar sempre — ela diz e eu não deveria amar ouvir isso, mas amo profundamente cada palavra.

Eu a abraço, precisando loucamente senti-la. Nada mais faz sentido para mim, apenas nós dois aqui, é quase surreal que alguém me queira quando eu mostro o meu pior lado.

— Vamos vencer isso juntos — ela diz e eu queria acreditar nisso. Mas ao contrário dela, eu conheço a vida que levo e sei que o único caminho é a morte. Não há luz no fim do túnel, gostaria de dizer isso a ela, mas não consigo.

Continuo olhando para ela e não consigo falar, não consigo mentir, não quando olho em seus olhos. Ela aproxima seus lábios e me beija, eu sei que não mereço isso, mas ao invés de deixá-la ir, eu me sento na cama e a aperto contra o meu corpo. O problema é que ela realmente acredita na luz no fim do túnel, porque não conhece esse mundo.

Elena me beija novamente e apesar de toda dor, acabo de descobrir que em meu inferno há também um paraíso. Elena é meu paraíso e se eu morresse agora em seus braços, morreria feliz. Porque, pela primeira vez, um anjo me escolheu, mesmo eu sendo viciado em cocaína.

Capítulo 26

Eu continuo em seus braços querendo que Elena entenda que está entrando no inferno, mas ao invés de tentar afastá-la, escuto suas mentiras de que tudo irá ficar bem e acho que até gosto dessas falsas ilusões. Meu anjo está diante de mim trocando seu paraíso pelo meu inferno sem se dar conta disso. E eu, ao invés de libertá-la, estou quebrando as suas asas para mantê-la comigo.

Eu me deito novamente e ela se deita ao meu lado, colocando a cabeça em meu peitoral. Elena mal percebe o preço a ser pago. Ela espera por mudanças, acredita nelas, mas nada vai mudar e isso é previsível demais. Eu assinei a minha sentença de morte e não há muito que fazer depois disso.

Eu mal consigo encará-la, estou envergonhado porque sei que escolhi esse caminho e mereço as consequências que vêm com ele, mas ela não. É estranho, em meio a dor e uma possível crise de consciência, eu conseguir achar um campo neutro e ter conforto em seus braços. E é justamente por isso que não tenho forças para expulsá-la, porque mesmo sabendo que ela não merece viver esse inferno, quando eu olho para ela, sinto que encontrei meu lugar. E como estou arrastando meu anjo para esse caos, tudo que a minha merda de cérebro consegue processar é um escroto “Perdoe-me, Elena”. Como se isso pudesse impedi-la de sentir as chamas queimando-a.

— Eu te amo e quem ama sempre perdoa — ela diz e me dá um sorriso sincero.

É foda. Sequer consigo olhar para ela por mais que alguns segundos. Eu não queria machucá-la, não queria que ela queimasse em meu inferno, mas não fiz nada para impedir também.

— Não queria que me visse assim, desse jeito. Jay é foda, cara — lamento.

Ela coloca a mão em meu rosto e me acaricia de uma forma gentil.

— Está tudo bem — diz, tentando me confortar com mentiras, mesmo sabendo que elas nunca se tornarão verdades.

— Posso te beijar agora? — peço e me aproximo dos seus lábios.

Quando ela se entrega, eu simplesmente congelo, não consigo, não me sentindo tão culpado. Então a merda do silêncio volta, mas Elena é boa em fazê-lo desaparecer.

— Seu pai se casou com a mãe da filha dele? — ela pergunta, e apesar de me sentir frágil demais para tocar nesse assunto, acho que mereço ter minhas feridas sempre salgadas, então decido responder, e como Elena é péssima em ler os sinais, não vai notar que essas memórias machucam.

— Casou, uns três anos depois. A puta se chama Jeniffer.

— Tem raiva até hoje?

Julgaria essa pergunta como sendo retórica, mas sei que ela espera a resposta.

— Não, mas uma vez puta, sempre puta.

— Sua mãe se casou também?

— Sim, só que ela se casou só depois que eu saí de casa. Ele dormia lá às vezes, mas casar mesmo foi só depois que vim morar sozinho. Minha mãe é advogada, Erick, promotor de justiça. Só rola lei na casa dela... Ninguém merece. — As palavras saem e eu começo a gostar de toda a dor que as recordações me trazem. Sou um filho da puta e sempre procuro mil maneiras de reviver as velhas feridas.

— Nossa! — Ela parece surpresa.

— Ele é gente boa, a mulher do meu pai também é, a menina deles se chama Jéssica. Nenhum dos dois nunca implicou comigo — falo, tentando fazer com que ela veja que o problema sou eu.

— E seus pais? — Ela continua mesmo percebendo que estou deprimido.

Talvez seja um jogo, mas em se tratando de assuntos frágeis, sou um péssimo jogador.

— Isaac e Emily. — Pensar neles é uma merda, porque isso me faz lembrar de todas as merdas que eu quero esquecer.

— Quando souberam do vício, não tentaram te tirar?

Mesmo me sentindo em pedaços, era previsível que o assunto se estendesse. Elena estuda psicologia e acredita que falar sobre os problemas alivia a carga emocional. Eu me sinto exausto, confuso, envergonhado e com mais culpa do que posso carregar, mesmo assim ela continua aqui, falando sobre todos os demônios que tento inibir cheirando. Eu dei todos os motivos que a fariam correr, mas ela permanece aqui, como em um conto de fadas, porém, o que ela não sabe é que não existe final feliz, não para viciados.

— Ah, tentaram, tentaram muito — suspiro. Todas as tentativas fracassadas me vêm à mente, penso em Isaac e odeio essa culpa que agora

estou sentindo — Meu pai, depois de muitos fracassos, acho que se conformou, aí passamos a nos dar melhor. As brigas por causa do pó acabaram. Já a minha mãe está tentando até hoje, o foda é que a vida dela gira em torno disso, por mais que eu tente desligar, ela sempre está por perto. O problema é que ela só tem um filho. Acho que por isso não vai desistir nunca. Eu digo que sou uma causa perdida, mas ela fala que ama as causas perdidas — sorrio ao pensar nela. — Eu a amo, amo muito, e acho foda ela ter que passar por isso. Fazer o quê, ela não desapega — desabafo, encarando a realidade que Emily finge não ver.

— E quem te sustenta? — Elena continua e agora tenho certeza que ela acha que estamos tendo progresso aqui.

— Os dois, só que a minha mãe não me dá grana nem a pau. O que pedir, ela compra na hora, mas ela compra, entende? Já meu pai, não dava. Liguei e fiz uma pressão, ele fica com dó e cede. Pede para não contar para minha mãe para eles continuarem de boa. Os cartões de crédito foi ele quem me deu, sem limite. Quer dizer, quase isso, tem limites de gasto por dia. Mas minha mãe nem sonha com isso, se souber, é briga na certa.

— A empresa do seu pai é a Aché Callier! A que patrocina as pesquisas no campus?

Ah, Deus, se em algum momento essa conversa ficará interessante, faça com que essa porra aconteça rápido.

— É. Laboratório de produção farmacêutica, esse mesmo — digo, sem interesse.

— Jayde diz que vai falar seus pais — ela diz, sorrindo, pelo menos para um de nós o assunto está interessante.

— Nem se eu vivesse cem anos. Se a mulher e a filha dele não fazem isso, nem se eu quisesse conseguiria. Remédios vendem igual a água. Todos precisam, independentemente de classe social. Jay fala demais, por isso nunca a levei na casa de nenhum deles.

— Por quê? — Ah, Maycon, por que diabos foi atíçar?

— Ela já gasta muito, não me importo com isso, mas se Jay conhecer a realidade deles, vai passar a gastar o dobro. E sustentar meu pó e a erva dela já é o caralho. — Tento finalizar dando um sorriso.

— Seus pais não se importam com ela?

Dou um longo suspiro, frustrado. Se ela tinha dúvida sobre eu odiar isso, acabei de eliminá-la.

— Não! Meu pai não liga, minha mãe não gostava dela, hoje não fala nada... — Olho para Elena e não adianta continuar com indireta, ela as ignora, então preciso ser claro. — Olha, sei que adora saber da minha vida, mas estou sem muito ânimo para continuar conversando. Amanhã continuamos a entrevista. — Dou um sorriso sem jeito. Eu não quero magoá-la, mas a minha mente está agitada demais e em momentos como esse eu imploro pelo silêncio.

— Maycon, você...

Eu não quero ser grosso, mas não consigo continuar conversando, minha cabeça vai explodir.

— Você fala demais e se eu não te cansar, não vai me deixar dormir. — As palavras saem mais rápido que os pensamentos.

Antes que ela diga alguma coisa, eu tiro a sua roupa. Estou totalmente esgotado, mas seus beijos são capazes de despertar todo o meu tesão em questão de segundos. Estou uma merda, mas ela é o meu novo vício e como um bom viciado, eu me entrego, não é preciso muito para me deixar ser consumido.

Os beijos se tornam intensos, então desço por seu pescoço e continuo por todo o seu corpo e sem perceber quando exatamente começa, em segundos estamos loucos quase engolindo um ao outro. Em pleno caos, somos atingidos pela droga do amor e ele nos faz reféns, nos queima e amamos tudo que um proporciona ao outro. Eu amo a maneira como ela se entrega, totalmente viciada, quase tanto quanto eu.

— Você é bem safadinha, Elena — falo, quando ela mal me deixa afastar para pegar a camisinha.

Então ela sorri e esse sorriso me deixa de quatro por ela. Eu me afundo em um vai e vem do caralho e amo cada sensação que ela provoca, é gostoso, é um delírio. Esqueço a porra toda que estava me sufocando. Tudo que importa é continuar aqui, cheirando e me viciando mais na Elena. É insano, mas com essa insanidade me bate o medo de perdê-la. Dane-se se somos errados, eu sei que ela merece estar no topo, como também sei que eu mereço me afogar no abismo, mas preciso dela e enquanto ela está no auge desse sentimento, mal percebe que está se afogando comigo, porque, no final das contas, uma boa dose silencia a dor. E aqui, nos braços um do outro, temos nossa dose de amor.

— Você me deixa assim! Sem controle — ela sussurra, gemendo.

— E se eu não conseguir mudar... vai me deixar? — sussurro, fodendo cada vez mais forte, sei que ela ama caminhar por esse lado selvagem.

Apesar de não admitir em voz alta, sei que ela também gosta do caminho dos loucos. Começo a viajar na ideia de ter uma carreira entre seus seios e isso me dá mais tesão ainda.

— Isso é impossível, para deixar você, eu tenho que esquecer completamente de mim primeiro — diz elevando o meu ego.

Aprenda, Freud! É assim que se faz!

— Eu te amo demais... — retribuo com sinceridade.

Ela sorri e geme feito louca. É intenso e provavelmente estou louco por sentir tudo isso por ela, e somente quando ela grita é que me lembro da Jay.

— Elena, a Jay está aí, não grite — falo, ofegante.

Mas ela pouco se importa e acabo não me importando também. É tão gostoso esse vai e vem dentro dela, sentir o quanto ela me quer e eu a quero. Mesmo sem fôlego, não consigo parar, virou necessidade.

Já exaustos, chegamos ao limite. Depois de recuperar o fôlego, eu me levanto e pego um lençol para nos cobrir. Elena me abraça e não demoro para sentir a sua respiração mais leve. Ainda envolvido por essa atmosfera aconchegante, desejo conseguir dormir, mas não consigo. Segundos se tornam minutos, minutos se tornam horas. E crescente como a noite, um pensamento estúpido me tira do nosso paraíso. Eu não tenho cocaína e preciso dela quando eu acordar pela manhã, então a ansiedade me pega de jeito. Eu não quero deixar Elena sozinha, mas não consigo me segurar.

Amo Elena, mas estou em um relacionamento intenso com a cocaína. Ela me deu mil motivos para deixá-la, mas bem mais que meu cérebro, eu sempre estou louco seguindo os passos que me conduzem a ela.

Sinto pesar ao olhar para Elena e sei o que vem a seguir. O pensamento de que eu não posso ficar sem, de que preciso ter a minha garantia e, no fim, o que resta é a certeza de que não existe Maycon sem cocaína. É algo estúpido e começa com uma fagulha, mas quando percebo, já estou desesperado, louco para ir atrás da droga.

Elena não merece isso, mas não adianta tentar fugir, esse é o meu caminho. Delicadamente, eu a tiro do meu peito e me levanto, sentindo o chão frio. Fecho a janela, me visto e calço o par de tênis, já na porta eu me

detenho, implorando para que ela não note a minha ausência, mas é mais forte do que eu. Infelizmente, não existe escolha, deixei de ter isso quando me tornei um viciado. Bato à porta de Jayde e até as batidas são leves. Demora para escutar seus passos se aproximando.

— Fala — diz. Ela sabe porque estou aqui, mas quer ouvir.

— Jay, por favor, me leva ao cara. Preciso conseguir mais daquele pó — imploro.

A sua expressão muda na hora.

— Maycon, ele já foi. Ele estava no Max, não é daqui.

— Eu não tenho mais nada e preciso. Por favor, Jay, vamos no Jong, então.

Ela fica pensativa.

— O que usou ontem, Maycon?

— Por que pergunta?

— Você arruinou qualquer chance minha ou da Francine, depois pirou de um jeito que eu nunca vi. Com quem pegou?

— Qual é, Jay? Isso não tem nada a ver, ainda vai ter a sua chance.

— É uma merda, Maycon. Você consegue fazer a porra de um malabarismo com a sua voz, canta pra caralho sem errar uma nota ou desafinar, e pior, faz parecer ser fácil, mas não é. — Suspiro, frustrado. — Mas me diz, o que usou ontem?

— Não sei, até onde me lembro, PlayIII me deu duas pílulas bonitinhas, eram coloridas.

Ela desvia o olhar, incrédula.

— Aquele cara te odeia, como teve coragem de aceitar daquele merda?

— Jay, isso não vem ao caso agora. — Estendo a mão e ela percebe que estou tremendo. — Vamos?

Jay fecha a porta e em segundos volta com uma blusa de frio e chinelo. Com ela dirigindo, nós passamos no banco e depois no Jong. No carro mesmo eu injeto e ela fica observando a droga fazer efeito. Minutos passam e o efeito desaparece.

Eu encaro a Jay e nós dois sabemos que tem algo errado, então triplico a dose para ter a merda de um efeito mais duradouro. Quando acontece, satisfaço meu cérebro e sei que preciso voltar para casa, ter meu anjo e satisfazer também meu coração, a única parte que não pertence à coca.

— Jay, o que acha que está acontecendo comigo?

Eu já sei a resposta, mas às vezes é mais fácil aceitar quando escutamos da boca dos outros.

— May, você precisa dar um tempo, se refrescar. Nós podemos sair por aí, escapar de tudo isso — ela diz, esperando que eu concorde.

Eu sei qual é o lance, tenho um cérebro viciado em cocaína, mas o que Jay não faz ideia é que meu coração também se viciou tão rápido quanto meu cérebro, e a minha nova droga se chama Elena. Ainda que o certo seja impedir que ela entre nesse mundo, eu não consigo me afastar.

— Eu não posso, você sabe, tenho que me formar — invento uma desculpa, não quero magoá-la com a verdade.

— Isso é irrelevante agora. Você ainda pode ser médico, pode ser o que quiser. Mas precisa dar um tempo agora. Entende? Nós dois podemos...

— Eu desvio o olhar e ela percebe o verdadeiro motivo, então começa a chorar. — É por causa da Elena, não é? Não quer ir por causa dela. Me fale a verdade, porra! — grita.

— Eu não consigo, Jay, não mais...

Ela coloca o carro em movimento, chorando, mas estou chapado demais para me importar com as suas lágrimas.

— Você disse que se eu estivesse pronta, você estaria. Essa garota está arruinando tudo...

Não digo nada e isso a deixa muito puta. Ela mal estaciona em casa, eu pego meus papelotes e desço do carro, entrando em casa antes dela. Silenciosamente, entro no quarto esperando que Elena ainda esteja dormindo e é um alívio ao constatar que ela está como eu a deixei. Eu guardo as minhas coisas, tiro a roupa e me deito ao seu lado. Não consigo dormir e agora, mais recomposto, eu começo a viajar na ideia de ter o melhor dos dois mundos, Elena e cocaína. Posso encontrar um meio termo, não seria difícil convencê-la de que pode dar certo.

Enquanto ela dorme, fico por horas registrando cada detalhe dela no meu cérebro. Seus lábios, nariz, cílios, o formato do queixo, a cor do cabelo. Eu sei que não vamos ter um futuro juntos, mas posso fazer o nosso presente ser melhor que qualquer futuro. Meu mundo estava escuro e Elena surgiu com a sua luz, fazendo-o entrar em órbita novamente. Continuo acariciando a sua pele quente, cheirando Elena e ficando loucamente chapado por ela, demora, mas lentamente sou envolvido por sua luz e acabo dormindo em seus

braços.

Durmo por horas e acordo sentindo seu calor me envolvendo. Cuidadosamente, eu me levanto e uso a minha dose. É uma merda não sentir quase nada, mas não vou pirar por isso. Depois de ir ao banheiro, fico fascinado ao ver Elena com seus seios descobertos, é quase um convite para beijá-los. Volto a me deitar ao seu lado e beijo sua pele até chegar aos seios. Elena é como uma manhã calma de domingo, ela transmite uma paz que começo a amar também. De repente, alguém abre a porta bruscamente e me assusta. Nem preciso me virar para saber quem é, a voz ecoando pelo quarto denuncia.

— Maycon!

Rapidamente puxo o lençol sobre Elena.

— Mãe!

— Quem é essa garota? — ela pergunta, irritada.

— Nossa, que porra! Por que entra assim no meu quarto e ainda vem sem avisar? Isso é pré-histórico, sabia?

— Sou a sua mãe, nada é pré-histórico para mim.

Reviro os olhos ao escutar as suas palavras.

— Merda! O que faz aqui?

— Quem faz as perguntas sou eu, não você — ela diz, irritada. Então começo a achar que deveria ter atendido a sua ligação na sexta-feira. — Na última vez que vim aqui, um mês atrás, se não me engano, encontrei uma loira deitada com você. Já está com outra, e ainda tem a Jayde! Qual é o seu problema? — ela pergunta.

Imediatamente sinto Elena me beliscando. Merda, doeu. Dou um sorriso sem graça e seguro a sua mão.

— Está confundindo. Não era eu. — Falo, jogando uma indireta a Emily para ela calar a boca.

— Imagina, é o irmão gêmeo que você não tem. Ah, esquece. Vim porque estou tentando falar com você desde sexta-feira. O que aconteceu?

— Telefone descarregou — falo.

— Ah! Sério. Engraçado, estava chamando.

— Por acaso está participando do programa “Como acabar com a vida do seu filho em segundos”? — falo, deixando claro que já deu.

— Não, do programa “Salvando seu único filho” — ela responde.

— Dê dois minutos e conversamos — digo.

Mas antes de ela sair, Emily diz que Isaac está me esperando e agora sei que porra está acontecendo. É frustrante acharem que caio nessa de intervenção familiar.

— O quê?! Por quê? Morreu alguém? — debocho.

— Eu tentei falar com você sexta-feira e não consegui, o segurança me informou que estava em casa. Seu pai tentou sábado e não conseguiu. Viemos conversar com você. Não está funcionando desse jeito — ela diz e acaba comigo ver a dor em seus olhos.

— Oh, merda! Puta que pariu, viu.

— Olha a boca, Maycon Sebastian, sou sua mãe, não essas garotas que costuma dormir com você — diz só para me sacanear com a Elena. — Dois minutos, hein! Se não descer, eu subo e te faço levantar — ela diz e sai fechando a porta.

Elena mal espera minha mãe sair para começar.

— Como assim dormiu com outra há um mês? — pergunta, magoada.

— Ei, calma, foi na festa da Jayde. Lembra que me chutou? — eu tento me explicar.

— E isso foi motivo para você ficar com outra?

Sinceramente, acho essa pergunta tão sem sentido.

— Você terminou comigo, lembra? Não estávamos mais juntos. Eu vou explicar direito isso, mas primeiro me deixe ver por que o comitê da Casa Branca veio. — Eu me levanto, visto uma roupa e Elena faz o mesmo antes de irmos ao banheiro.

— Vem! — chamo quando ela caminha na direção oposta à porta.

— Não, não quero ir.

Eu a puxo delicadamente para beijá-la.

— Quero te apresentar para os meus pais — digo e sorrio, mas Elena não cede.

— Apresenta a loira — diz com raiva e isso me faz rir.

— Ela não está aqui — brinco, irritando-a um pouco mais.

— Idiota.

— Um idiota que te ama. É diferente. — Eu volto a beijá-la, tentando persuadi-la.

— Pare, Maycon, que raiva.

Mas ela cai em contradição ao corresponder o meu beijo.

— Elena, vai brigar por algo que aconteceu há cinco milhões de anos?

Não faz sentido. Sabe que é a única. Vamos rápido, se não vai dar B.O.

— Não vou com você.

— Se não vier, a minha mãe vem te buscar — provoco e finalmente ela cede.

Assim que descemos, fico surpreso ao ver que além dos meus pais, o Erick está aqui, mesmo que nunca tenha se metido em nada. Emily está de mãos dadas com ele e Isaac perto da janela e quando se vira, eu vejo o quanto está tenso.

— Chama a Jayde, Maycon. As coisas vão mudar por aqui — Emily ordena e estou começando a não gostar do que pode vir a seguir.

— Mãe, essa é a Elena, minha namorada.

Emily tenta disfarçar o desconforto, mas sei que rola um ciúme bobo.

— Prazer, Elena, eu sou Emily, mãe do Maycon — diz rapidamente.

— Esse é meu pai e esse é o Erick, esposo da minha mãe — falo.

Isaac não dá atenção, não sei se associa Elena com a garota que falamos.

— Prazer — eles falam juntos.

Isaac se vira novamente e fica observando através da janela da sala. Sei que ele teme que eu revele o nosso segredinho, mas não vou dizer nada. Não sou idiota e sei que ele está aqui porque Emily o obrigou a isso.

— Jay, vem cá! — grito.

Jayde aparece com dois copos na mão e me entrega um e o outro para Elena. Acho muito estranha essa atitude, mas finjo normalidade.

— Chocolate — é tudo que diz.

— O que está acontecendo, Maycon? — Emily é a primeira a falar.

— Não sei, estou por fora das notícias. Sabe de alguma coisa, Jay? — digo para provocá-la.

— Sem gracinhas, Maycon — Isaac interrompe, retirando os óculos.

Ele não parece bem e acredito que seja por Emily ter incluído Erick nisso. Odeio essas tentativas ridículas de me fazer ir para uma clínica, todos sabem como isso sempre acaba e mesmo assim insistem.

— Vocês são loucos, não conseguem falar comigo e vêm igual doidos. Não morri, ainda não. Relaxa, uma hora eu ia ligar — falo, me controlando. Eles sabem que odeio isso.

Emily se aproxima e sei que está irritada.

— Sei que anda abusando — ela diz e tenta não chorar.

— Mãe, estou de boa. Sério! — Tento ser convincente, não quero que Elena perceba o que está rolando aqui.

— Está mentindo. Em vez de diminuir como nos prometeu, está aumentando o vício gradualmente. Prometeu e não está cumprindo.

Olho para Isaac, mas ele desvia o olhar deixando claro que não tem nada a ver com isso, então, apesar de estar certa, é só uma suposição que ela faz. E sei bem como mudar isso.

— Como não? Jay, fala aí. O cara me ofereceu um pó puro e eu neguei. Falei na alta que não estou cheirando mais. Jay é testemunha — minto e dou um sorriso.

— Acha que nos engana? Se continuar, vamos te internar em uma clínica. — Emily muda o tom, ela odeia que a façam de boba.

— Mãe, eu cansei de andar na contramão, não quero mais. Estou me esforçando, é sério — insisto.

— Então volte a morar comigo. Prove que não está mais usando — ela revida e é uma merda.

— Ah, qual é, fizemos um acordo, medicina por liberdade. Lembra?

— Não está cumprindo a sua parte — Isaac se intromete, odeio quando ele faz isso.

— Como não? — Tento o lembrar do nosso acordo.

— Fez um trabalho sobre drogas medicinais, os prós e os contras. E qual remédio você escolhe? Porque era remédio para você escolher, Maycon. E você apronta só para nos envergonhar.

Fiz o trabalho há mais de um mês, sério que ele quer voltar a isso?

— Para mim é um remédio — provoco.

— Você escolheu cocaína, falou sobre os prós que só existe na sua cabeça, disse que não existem malefícios e que deveria ser legalizado. E ainda por cima indica onde comprar... Quer nos matar de vergonha?! — Isaac diz e sei que não está com raiva por isso, é apenas cena na frente da Emily. Como ela trouxe o Erick, ele quer mostrar quem é o pai aqui, tenho certeza.

— Tinha que ser trabalho completo. Por isso indiquei onde comprar, mas é óbvio que era mentira...

— Maycon, você não está tentando — ele insiste, irritado.

— Como não, eu tento todo dia. Todo santo dia vou naquela porra de faculdade só para vocês poderem colocar Dr. Maycon na minha lápide. Se isso não é tentar, não sei mais o que é — falo na lata.

— Não terá mais festinhas, ouviu Jayde? — Emily intervém, por mim, que se foda.

— Sem problemas, sem festas para mim — Jay responde. Mesmo que ela ache que eu preciso de um tempo, nunca iria contra mim, por isso amo essa garota.

— Você usa drogas? — Isaac pergunta para a Elena e eu quase piro por isso.

— N-não, não uso — ela diz, sem jeito.

— Que ideia fraca hein, pai. Se anda comigo é porque cheira? — protesto, mas ele me ignora.

— Usa ainda, Jayde? — Ele olha para ela, esperando resposta.

— Não, não uso mais, só maconha — ela diz, séria. Só mesmo ela para me fazer rir. — Maconha é igual cigarro, idiota — ela diz com raiva para mim.

— Tudo bem, não vou discutir isso com vocês. As regras mudaram. A partir de agora vai ser assim. Se não nos atender, Maycon, viremos direto para cá. E nas férias, você vai para a reabilitação e isso não é uma escolha sua. Eu e seu pai já decidimos.

Ah, porra! Esse é o momento de mudar a tática.

— Mãe, não faça isso. Você gosta que eu fique naquele inferno? Naquela depressão do caralho? — Eu mudo o tom da voz querendo tirar essa ideia ridícula da cabeça dela. Imagina se Elena compra essa merda? Aí sim estou ferrado.

— Não vai me convencer, não dessa vez — ela afirma, irredutível.

— Vou fazer vinte e um e vocês não mandam mais em mim. Só lembrando.

— Enquanto precisar do nosso dinheiro, mandamos sim.

— E a porra da faculdade que faço para vocês me deixarem em paz? Não conta mais não?! — falo, irritado.

— Abaixei o tom, Maycon! — Emily confronta.

— Fazer faculdade é bom para você, para o seu futuro, sabe disso — Isaac diz e acho ridículo esse teatro dele. Gostaria de poder mandar os dois para a puta que pariu.

— Mas eu não tenho merda de vocação nenhuma para medicina.

— Poderia ter escolhido outra, mas não quis escolher. Já conversamos sobre isso e está decidido.

— Vamos ver, então! — retruco.

— Vamos ver! — Emily sorri só para me provocar.

Eles mal se despedem e vão embora. Eu sei que eles estão desesperados e é uma barra ver que estão assim, mas não existe sorte em dados viciados e, querendo ou não, ao olhar para a cocaína eu sei que sou carta fora do baralho.

Capítulo 27

É uma merda ter que lidar com essa confusão sentimental que eu tento esconder. Eu sei que dessa vez a Emily vai levar isso à risca, e se Elena comprar a ideia dela vou estar duplamente ferrado. Subo para o quarto deixando Elena na sala com Jayde. Injeto cocaína e espero ela foder com o meu cérebro e depois que acontece, tomo um banho, me arrumo às pressas e desço para encontrar a Elena, que está sentada no sofá. Não sei o quanto ela caiu nesse papo-furado da Emily, então estou às cegas agora.

— Jay, vai se arrumar. Eu vou levar vocês para almoçarem no Alegretto. O espaguete lá é ótimo — digo e sorrio.

Jayde se levanta e segue para o quarto, então eu me aproximo da Elena e me ajoelho, apoiando nas suas pernas. Ela desvia o olhar e agora tenho certeza que está chateada.

— Você parece muito bem para quem admitiu ontem que não consegue ficar sem — ela murmura, desconfiada.

— É — digo um tanto sem graça. Eu não consigo olhar para o seu rosto, e me sair bem em um diálogo agora é quase impossível, então eu me levanto e faço o que sei fazer de melhor, fugir. — Meus pais vão gostar de você. — Mudo de assunto no mesmo instante.

— Acho que já causei uma péssima primeira impressão.

Sério que ela diz isso para mim? O cara que nunca causa uma boa impressão em ninguém?

— É impossível você causar uma péssima impressão. — Eu tento, mas sei que nada vai mudar isso no momento.

Assim como meus pais, Elena agora joga no time do “ele não quer tentar”. Mas ninguém quer experimentar o inferno que eu passo quando fico sem. Ainda assim, volto a me aproximar e a faço se levantar para me abraçar e beijar. Ao notar que Jay está aqui, eu me viro em sua direção e fico surpreso ao encontrá-la com o cabelo solto, sem maquiagem, saltos e vestido, diria que está simples demais para seu estilo estrela do rock.

— Vamos? — ela diz.

— Maycon, obrigada, mas não quero ir com vocês. Eu prefiro que me deixe no campus, se não for incomodar. — Elena corta meu barato.

Ah, qual é, garota? Cadê a minha chance de consertar a porra toda?

— Não, lógico que você vai com a gente — retruco.

Meu telefone toca e vejo que é Isaac, então peço licença e saio para atender. Ele solta as asinhas longe da Emily dizendo que estou cheirando toda a grana dele e que se penso que consigo iludi-lo com essa história de reduzir, estou enganado. Chega até a dizer que pensou que eu estivesse realmente tentando, mas que eu só os iludo.

Eu poderia falar algumas verdades a ele, lembrar que o dinheiro dele também é meu, só que ele me pega de surpresa ao dizer que não tem mais acordo algum, que não vai mais contribuir para a minha morte prematura. Enfim, volto à estaca zero, e ter que me virar vai ser um saco. De relance, eu vejo Jay e Elena conversando, então subo para pegar a minha carteira e cigarros.

— Vamos! — digo a elas enquanto pego a chave do carro e jogo para a Jayde.

— Maycon, eu realmente não vou. Pode me deixar no campus? — Elena insiste e parece que a qualquer momento vai começar a chorar, então eu me aproximo.

— Está assim com o que minha mãe falou? — pergunto.

— Espero vocês no carro — Jay diz ao se afastar para nos dar espaço. Enquanto sai, eu olho para ela em busca de respostas, mas não obtenho nada.

— Quero ir embora, por favor. — Elena toca o meu rosto e me dá um beijo, mas está claro que isso é demais para ela.

— Jura que não tem nada a ver com o que minha mãe disse? — insisto, porque eu não quero perdê-la.

— Não tem, só apenas eu e minha vontade de dormir — ela sorri e eu finjo acreditar. Elena mente tão mal.

— Quer passar em algum lugar para comprar algo para você comer?

— Não, não precisa — sorri novamente.

— É até idiota perguntar isso, mas fiz alguma coisa que... — Começo, mas me lembro de que a deixei sozinha à noite e ela pode ter acordado e agora não quer falar a respeito. — Ah, tudo bem, deixa pra lá. Eu a levo embora — falo.

Jayde vai dirigindo, enquanto Elena e eu vamos no banco de trás em um silêncio extremamente desconfortável. Estou com medo de perdê-la e como tenho uma sorte do caralho, os únicos sinais que ela sabe ler são os que indicam que estou chapado.

Quando chegamos ao campus, eu desço com Elena e tudo que consigo dela é um tchau frio, me deixando aterrorizado com medo de que esse seja o último. Entro ao lado de Jay no carro e ganho um sorriso debochado.

— O Romeu está com problemas com a princesinha?

— Jay, vai à merda. Se for para encher a porra do saco, me deixe em casa.

— Ei, calma! — Ela me olha, parecendo sem graça. — Você sabe que o lance de vocês não tem chance alguma de dar certo.

— Talvez tenha, mas isso não é problema seu.

— Com certeza não, o problema só é meu quando você precisa de cocaína — diz, jogando isso na minha cara.

— Sinceramente, não entendo por que está dando esse show, todas as vezes que precisa de mim, eu estou aqui por você. E não me vem dizer que está com ciúmes, porque nunca teve isso com outras garotas.

— Essa é a questão. Todas as outras eram como nós, Elena não é. Todo mundo sabe que rola um lance entre ela e o amigo certinho, só você não quer enxergar essa merda. Entenda de uma vez, vocês não têm nada a ver, é óbvio que vai dar merda.

— Ela me ama, Jay, e eu a amo também, então foda-se o que todos pensam — falo, irritado, e ela gargalha.

— Ah, qual é? Estão juntos há um ou dois meses e acha que essa merda é amor?

— Foda-se se acha que não é, nunca senti nada parecido por outra garota. E não precisamos da aprovação de vocês, Jay, só a nossa.

— Essa é a questão, porra! — Jay grita. — O imbecil apaixonado aqui é você. Acha que ela quer apresentar aos pais um viciado em cocaína? Acha que ela quer ficar ao lado de um cara que sai toda noite desesperado para comprar pó? — ela grita de novo. Eu já deveria ter me acostumado com essas verdades, mas machuca muito ouvi-las. — Maycon, você é tudo para mim, cara, mas para todos os outros somos só viciados, e não existe lugar ao sol para pessoas como nós. Essa é a nossa porra de vida.

— Contou para a Elena que saímos ontem?

— contei — ela diz e tenho vontade de esmurrá-la.

— Por que fez isso, Jay? — pergunto, irritado.

— Porque se você não vai mudar e sabe disso, deixe que ela saiba a verdade e decida se quer encarar. Mas nós dois sabemos que não, às vezes

nem eu suporto as suas loucuras, Maycon. Eu que sei como é ser viciado, acha que ela vai suportar? — Não consigo sequer responder. — Cara, você está apaixonado e essa garota vai ferrar com você. E o pior é que quando ela te chutar, todos sabem que ela vai correr para a cama daquele cara. Saia dessa antes que isso se torne mais humilhante — Jay concluí e para no semáforo, então abro a porta e saio do carro.

— Vai para a puta que pariu! — grito e bato a porta com força.

As palavras ficam rodando em minha mente, enquanto caminho pelas ruas sem saber para onde ir. Mas Jay tem razão. Eu amo a Elena e sei que é errado, mas sou egoísta demais para deixá-la ir.

Em um momento que eu já havia desistido dessa vida, eu encontro o amor. Mesmo tendo tantos motivos para desistir, Elena se choca contra eles e me faz enxergar que em meio a todo esse caos, ela é o meu melhor motivo para insistir por mais algum tempo.

Eu ligo para ela, mas ela não me atende, nem mesmo nas outras tentativas que eu faço. Eu não me importava antes, mas agora que eu a tenho, me importo. Em minha caminhada triste e solitária, acabo indo parar no cemitério para conversar com Robert, pelo menos ele não me diz as verdades que não quero escutar.

Acabo ficando a tarde toda lá e entre o monólogo sobre Elena, tentativas de falar com ela, e cigarros, Rob me mostra a verdade. Apesar de ela ser o meu melhor motivo para querer viver, eu não tenho um bom motivo para fazê-la ficar. Depois disso, não quero mais falar com ele. Mesmo depois de morto, esse cara ainda prefere ficar do lado da Jay.

Jorge fica surpreso ao me ver chegando a pé em casa. Eu fumei todo o meu cigarro e estou mal, insistindo no sentimento que tenho por alguém que não mereço. No quarto, eu entro nas redes sociais dela e vejo que é como se não existíssemos e talvez isso seja verdade. Ela tem várias fotos com Keven, e sinto inveja do cara por eles formarem um casal mais do que perfeitos.

Decidido a me transformar em alguém mais ou menos parecido com o tipo dele, eu sigo para a barbearia e peço para cortarem o meu cabelo no mesmo estilo. Existe um oceano entre mim e Elena, e mesmo sabendo que nunca vou me encaixar no mundo dela, estou pegando um barco e remando em sua direção. Quando o cara termina, eu odeio o resultado, mas quero mostrar para ela que estou disposto a ser alguém que seus pais provavelmente aceitam.

Eu volto para casa e depois de tomar um banho, vasculho no closet procurando peças de roupa que Emily comprou e eu nunca usaria. Mas hoje é o dia de deixar o velho Maycon de lado, então escolho uma blusa vermelha meia-estação, um jeans *skinny* sem graça, tênis. Em frente ao espelho, depois de pensar muito, decido tirar os brincos. Achando-me extremamente ridículo, tiro uma foto e envio para a Emily perguntando como estou. Segundos depois ela envia a resposta com um emoji de surpresa me elogiando.

Ao sair do quarto, dou de cara com a Jay, que não consegue nem disfarçar o quanto está chocada com a minha aparência. Para quebrar o clima, eu pergunto o que ela vai querer fazer no aniversário, já que sempre comemoramos juntos.

— Com você, nada. — Ela arqueia a sobrancelha e me deixa de saco cheio com esse comportamento infantil.

Ignorando-a, saio de casa e sigo para o campus, mas decido cortar o cabelo antes para fazer uma surpresa para Elena. Enquanto caminho até o seu quarto, acho bem estúpida a maneira como todos estão me encarando. Bato várias vezes à porta, mas ninguém atende, então a garota do quarto ao lado abre a porta e diz que ela saiu com o amigo.

Ótimo! Azar do caralho!

— Sabe para onde eles foram?

— Acho que no Bomburgão. É para onde sempre vão.

— Valeu — falo sem graça.

Agora me sinto mais idiota ainda. Elena merece alguém como Keven e não importa o que eu faça, nunca vou ser esse cara. Eu cogito ir embora, mas sou idiota demais para desistir dessa maneira.

Eu vejo os dois juntos enquanto estaciono em frente ao trailer e machuca mais um pouco. Elena parece bem mais à vontade com ele do que quando está comigo, mesmo assim eu saio do carro e vou até a mesa deles.

— Atrapalho alguma coisa? — pergunto, olhando para Elena, que parece ficar sem graça.

— Maycon, cortou o cabelo?

Sorriso, pelo menos parece que ela gostou.

— Liguei para você o dia todo.

— Desculpa, acho que hoje foi meu dia de não atender ao telefone — ela sorri, dando uma indireta.

— E a sua namorada, Keven? Vai bem? — pergunto para o cara para

ver se ele desencana.

— Terminamos — ele responde.

Merda! Mais essa, agora.

— Ah, que pena! Pareciam almas gêmeas.

— Conhece a Any? — Elena pergunta, surpresa.

— De vista. Mas estou tentando tirar a concorrência que não se toca de jeito nenhum. — Eu pisco para o cara, que fica sem graça.

— Maycon, hoje eu não estou legal, podemos conversar depois? — Ela me corta.

Ouvir isso depois de ter mudado o meu estilo para tentar impressioná-la é uma droga.

— Elena, por favor, me escute — insisto e ela nega. — Cinco minutos, pelo menos — suplico e ela sorri.

— Amanhã eu te dou.

— Desculpe insistir, sei que isso é chato e me faz ser insuportável. Só que eu amo você, amo mesmo e não vou desistir. Não sem me deixar falar.

Keven faz menção de se levantar.

— Keven, não, o Maycon já está indo.

É humilhante ouvir dela.

— Não estou! Pode ir, Keven, vou ficar com Elena — falo, então ele se levanta. — Pode deixar que eu pago — ressalto quando ele faz menção em deixar o dinheiro, então o cara vai embora.

— O que quer conversar? — ela diz de maneira rude.

— Elena, por favor, a ideia de ter você e me sentir todo seu me fez passar o dia todo vendo seu rosto.

— Pare, Maycon, eu me sinto uma boba ao seu lado. Não é sincero comigo.

— Sou sim. Por que está dizendo isso?

— É sincero com a Jayde, não comigo — ela fala, irritada.

Suspiro. Ela já ouviu isso da boca da Jay, mas é a minha verdade, só eu posso dizer.

— Assim que você dormiu, eu saí com a Jayde e compramos — respiro fundo. — A ideia de não ter em casa me deixa paranoico.

Ela me encara, indignada.

— Por que não me contou? — Ela nem me dá chance de responder, simplesmente continua. — É demais para mim, não posso. Está além do meu

limite. Desculpa...

O desespero me invade e fico sem saber o que fazer.

— Quem gosta de contar as suas fraquezas? Sei que não é fácil, mas não faça isso comigo, por favor. Eu nem me lembro da garota, Elena! Depois que você foi embora, eu bebi tanto que, quando acordei no outro dia com a minha mãe chamando, fiquei surpreso ao vê-la na minha cama. Nem sei como amanheceu lá. É sério, não estou mentindo.

— Não tem como acreditar em você, Maycon.

— A única pessoa que me faz ser sincero é você, não sou com mais ninguém — falo, mas ela não cede.

— Ainda assim, não acredito...

— Então olhe nos meus olhos e veja a verdade neles. — Eu a faço me encarar e percebo que ela olha bem para ter certeza que não estou chapado.

— Elena, eu vou ser sincero com você. Depois que me falou que não andava com pessoas como eu, decidi ficar com você por orgulho, simples capricho e sexo, era só sexo.

— Sabia — diz, decepcionada.

— Mas isso foi no início, as coisas mudaram, você é tão sincera que me fez ser sincero também — sorrio

— Seu sorriso denuncia a mentira — ela retruca, irônica.

— Não, não é mentira. Estou parecendo um idiota, só que quando olho em seus olhos, sei que nunca vou sentir o mesmo com outra garota. E se não puder ter você, nada mais faz sentido para mim. Eu te amo, apesar do pouco tempo.

— Não sei, Maycon, o amor muda as pessoas, e se você não quer mudar, sinceramente, isso não é amor para mim.

— Você sabe que o que sentimos pelo outro é amor sim, mas acho que você também tem que começar a me aceitar como eu sou.

— Está aí o que nos separa, não posso aceitar. Porque você sou eu, Maycon, e eu nunca irei me destruir. E te deixar seguir nesse caminho é me destruir também. Se fosse o Keven, ele tentaria por mim...

Ah, cacete! Odeio escutar isso.

— Ei, pare! Não me compare com ele, isso machuca. Não sou ele e nunca vou ser, mas se acha que pode suportar passar esse caminho comigo, prometo que, pela primeira vez, eu vou tentar. Se você prometer que não vai me deixar por nada. — O desespero me faz falar sem pensar, mas quando

penso em voltar atrás, ela me surpreende.

— Vai aceitar ir para a clínica nas férias?

Quero dizer que não, mas olhando para ela, eu não consigo. Não com ela me olhando desse jeito.

— Aquilo é um inferno, Elena. Mas se for para ficar com você, acho que posso ir ao inferno. Só que eu volto — sorrio, mal acreditando que concordei com essa loucura.

Olho para os seus lábios e não consigo me segurar, eu a beijo e sou correspondido e só nos separamos quando ela se assusta com o barulho de um trovão.

— O céu fechou, vai cair uma tempestade. Acho melhor irmos embora — ela diz, temerosa.

— Tem medo de tempestade?

— Desde criança. A escuridão que ela produz, o barulho... Tudo me assusta.

— Você se sente desprotegida?

— É essa sensação.

Eu me levanto sem dizer nada, pago a conta e volto à mesa, estendendo a minha mão para irmos. Elena pega a bolsa e seguimos rápido para meu carro para não nos molharmos muito com a chuva. Eu me aproximo e nos beijamos loucamente, então ela se afasta e eu tiro a minha blusa para secar a Elena.

— Não precisa — ela diz.

O que não precisava era me fazer concordar em ir para uma clínica, penso, mas não me atrevo a falar.

— Precisa — falo e faço. Terminando, jogo a blusa no banco de trás e coloco o carro em movimento, seguindo na direção oposta ao campus.

— Não quero ir para a sua casa. Já tive muito da Jayde por hoje.

— Ela te fez alguma coisa?

— Não, mas nossos santos não combinam — responde.

Eu tenho um bom lugar em mente, o problema é que a chuva aumenta muito, atrapalhando a visão, mas conseguimos chegar à única região montanhosa da cidade.

— Vamos!

— Debaixo dessa chuva, nem sonhando.

— Vou te mostrar que não precisa ter medo. É só uma chuva.

Saio do carro e alguns relutantes minutos depois ela vem, e, em segundos, estamos encharcados. Eu a abraço e seguro a sua mão, fazendo-a se sentar na clareira.

— Não é tão assustador assim, não é? — Ela me ignora. — Olha. — Levanto seu rosto em direção ao céu e os raios produzem uma claridade perfeita.

— É lindo... — sussurra, tremendo.

— Como você — sussurro e a beijo, continuamos assim e em segundos nada mais faz sentido, só nós.

— Elena, eu não sei as palavras certas para te convencer, nem como fazê-la entender o quanto eu te amo, só sei que estará sempre em mim, no meu coração. Eu te amo, mas vai além de ser só amor — sorrio, querendo que ela enxergue essa verdade tão clara em mim. — Sei que é loucura, mas ter você me fez conhecer um sentimento mais intenso e mais forte que o amor. Mesmo não estando ao seu lado, eu te sinto em mim. Sinto seu...

— Seu cheiro, seu olhar, seu calor — completa.

É tão intenso tudo que ela me faz sentir.

— Posso tentar por você, mas tem que prometer que não vai me deixar se eu não conseguir. — Até que enfim consegui chegar onde queria.

— Vai tentar de verdade? — pergunta, ansiosa pela resposta.

— Vou, por você. Quero você e quero mais do que quero a mim. Você é o meu mundo, a garota dos neurônios — brinco. — Nada disso parece fazer sentido ou sensato, sendo que te conheço há apenas uns dois meses, só que quando olho nos seus olhos, essas mesmas palavras loucas ganham vida e passam a fazer sentido pra mim. Você é a pessoa mais importante da minha vida agora, e prometo que será sempre só você.

Capítulo 28

Continuo sentindo seus beijos e foda-se a chuva, quero apenas continuar tendo Elena comigo. Ao contrário dela, que se mostra apreensiva a cada trovoadas, eu sempre amei tempestades, porque todo barulho que elas produzem, camuflam a tempestade que eu tento esconder dentro de mim. Se Elena soubesse a dimensão da minha tempestade interna, provavelmente seu medo seria direcionado a mim e não a uma chuva forte qualquer.

— Você está sem blusa, vai adoecer... — ela sussurra entre beijos.

— Quando chegar à minha casa eu tomo um “remédio” e ele resolve o problema. — Pisco, mas para evitar uma possível hipotermia, sei que é o momento de ir embora. Eu me levanto e a ajudo a fazer o mesmo. — Agora vai ter que passar comigo em casa para tomar banho, garota — sugiro e fico aliviado quando ela não protesta.

Começo a tremer de frio, então ligo o aquecedor do carro, precisamos de um banho quente urgente. Ao chegarmos em casa, subimos a passos largos para meu quarto e seguimos ao banheiro entre beijos. Eu tiro a roupa dela com um desespero absurdo e, em seguida, a minha, então volto a beijá-la e, em segundos, estamos loucos e pelados debaixo do chuveiro. A cada beijo eu confirmo o que sempre esteve óbvio, enquanto eu estiver por aqui, quero Elena comigo. Ela é a estrela que por noites eu admirava e agora finalmente posso tocá-la. Elena mudou algo dentro de mim e ainda que não tenha um bom motivo, vou fazê-la querer ficar.

Não transamos, apesar de querer e sentir o quanto ela quer, Elena está com receio de uma possível gravidez, então saímos e ela escolhe uma blusa minha no closet. Mesmo tendo ficado grande, eu acho sexy. Elena é sexy e linda também.

— Terá que me levar embora hoje, não posso chegar amanhã assim. Seria o mico do ano — ela diz e não sei como consegue pensar no amanhã, se eu mal consigo pensar em alguma coisa a não ser estar nela.

— Relaxa... Não vai chegar, mas, por ora, pode ficar assim, não me importo — brinco.

Deitamo-nos na cama e eu volto a beijá-la, é tão louco sentir como ela retribui cada beijo com desejo e excitação. A loucura toma o lugar da razão e tudo que se ouve a seguir são os nossos gemidos e a cama se chocando contra

a parede. Quando gozo, tenho certeza que nunca vou ter o suficiente dessa garota.

Depois de recuperarmos o fôlego, eu beijo seu ombro e a minha mente se estabiliza, sei que é o momento de refazer as promessas de um modo aceitável para os dois. Sei como funciona isso, preciso fazê-la sentir que está no controle, preciso fazer de uma forma que ela não perceba que está sendo induzida a isso.

— Elena, vamos esclarecer alguns pontos. — Tento soar o mais calmo possível, e se ela for como Emily, não será difícil. — Prometi que vou tentar por você, mas vai ser nas férias, agora, sem chance... Sabe como é... — digo, olhando em seus olhos e, em seguida, deixo que ela entre no jogo.

— Não tem medo de morrer, Maycon?

Mantenho meu olhar firme, mas nada intimidador.

— Tenho muita sorte e pouco juízo, acho que isso ajuda a não ter medo. — Examino os sinais e ela não desvia o olhar, então sei que não ficou desconfortável.

— Quando se deu conta que era viciado? — ela pergunta.

Eu tenho um plano na minha cabeça, mas quando olho para ela, não consigo pôr em prática, não com ela. Não consigo jogar, com qualquer outra pessoa é fácil, mas com ela é impossível, porque eu quero ser apenas eu mesmo e isso inclui ser quem eu realmente sou, sem máscaras. Então decido dar a minha versão dos fatos.

— Acho que quando passei a usar todos os dias, mas tem muito rótulo em cima de um “viciado”. Essa porra de sociedade com seus princípios moralistas e hipócritas colocam na cabeça das pessoas estereótipos que, quem usa drogas, é algum tipo de marginal, sem estrutura familiar, bandido, que rouba e vende as coisas de casa para consumir. Ainda que essa possa ser a realidade de muitos, nem sempre é bem assim. Eu, por exemplo, nunca roubei ou vendi algo para comprar. Recebi uma excelente educação, aprendi três idiomas além do nosso e estudei em um dos melhores colégios. Você pode até achar que não, mas depois que entra nesse mundo, fica pasmo com a quantidade de pessoas que usam. Pessoas consideradas “de bem”, “de princípios”. E essa é a grande piada da situação.

Agora ela se mostra pensativa.

— Mas nunca passou mal?

Penso em todas as vezes que tive overdose, mas falar sobre isso só vai

piorar tudo e dar a ela a convicção de que preciso me internar, então conto meu episódio mais ridículo.

— Uma vez eu cheirei vinte gramas, comecei a suar demais, a pressão subiu rápido e a minha temperatura também. Meu corpo tremia todo e tive aquela vontade enorme de morrer, uma depressão sem explicação que veio do nada. Eu sentia o coração quase saindo pela boca, então fui para o meu quarto e fiquei deitado. Achei que fosse morrer mesmo. Tinha dezesseis anos na época.

— O que fez? — ela pergunta, assustada, e acho que com Elena não rola escolher as confissões menos pesadas, tudo é demais para ela.

— Esperei. Estava sozinho e fiquei uns trinta minutos assim. Depois, do mesmo jeito que veio, passou. Não sei como não morri. Nesse dia, eu tive medo. Mas não era pura, e esse é o lance ruim de usar, você nunca sabe o que está cheirando, eles misturam muita porcaria. Por isso meu nariz sangra sempre. Hoje, aprendi a usar, uso apenas socialmente. — Nem eu consigo segurar o riso, enquanto ela se mantém surpresa.

— Existe isso? — pergunta, e agora parece decepcionada.

— Lógico. Uma grama do pó dá para fazer algumas “carreirinhas”, dependendo do usuário. Se for um usuário iniciante ele faz várias, se for um usuário mais qualificado, ele fará umas oito ou dez carreiras, no máximo. E vai usar em um período de quatro a seis horas, mais ou menos. Agora, se for um usuário profissional como eu, ele faz quatro carreiras federais e usa em vinte minutos.

— O quê? Então você é profissional?

— Quase doutorado, querida. Aprendi muito nesses anos, praticamente um especialista no ramo. Jayde veio com um lero-lero que conseguiu uma pura para mim. Realmente, é melhor do que a que eu compro, admito, mas pura, pura não era...

— Como sabe?

— A cocaína pura é linda, branca, brilhante, sem cheiro, parece floco de neve. Você cheira uma carreira bem-feita e passa bem quase o dia todo. Só vai cheirar de novo no fim do dia. Essa sim tira o sono, mas só pode usar de meia a uma grama e, ainda assim, pode dar uma overdose na hora. Só que essa é cara, cara mesmo, e rara. Só na Bolívia e Colômbia para conseguir e olhe lá. E como a coca é um produto em falta no mercado, eu me contento com essas merdas que me vendem. Geralmente, eles pegam um quilo dela

pura e fazem virar cinco misturando pó de giz, talco, bicarbonato e até pó de mármore. Aí fode tudo. Me fode mesmo, e minha mãe fica louca. Hoje aprendi que tudo depende da quantidade e tempo que leva para cheirar. Cheirar muito em tempo recorde, leva você para sete palmos debaixo da terra. Já usei da boa, mas a maioria é batizada. — Eu encaro Elena e acho que exagerei nesse lance de sinceridade. Porra!

— É estranho, você não parece querer sair dessa vida — ela diz e agora não tenho mais dúvida que exagerei.

— Elena, é relativo. Querer sair não é o mesmo que poder sair, acho que já me acostumei e aceitei a minha situação. Já fui internado em reabilitações umas quatro vezes. Não funcionou. Odeio todo o processo. Primeiro é a porra da abstinência física, aquilo é tortura e, depois, vem à abstinência psicológica. Não sei se consigo sobreviver a isso. É como se tivesse um relógio em mim, se não uso, ele desperta e me deixa louco. Enquanto não cheiro, não me sinto bem — explico calmamente, tentando fazê-la entender.

— Já usou hoje? — ela pergunta olhando em meus olhos.

— Relaxa, já tomei minha dose diária. — Eu tento amenizar, deixando claro que vou ficar com ela a noite toda.

— Tem que ser todos os dias?

— Incluindo feriado e Semana Santa — brinco.

Elena desvia o olhar, deixando transparecer a sua frustração, então sei que preciso intervir.

— Ei, mas eu vou tentar por você. Prometo.

— Aí está a diferença. Tem que ser por você também.

Nós ficamos em silêncio, não vou mentir e dizer que quero fazer por mim, eu não quero, não consigo, não mais.

— Pela primeira vez, não desejarei que as férias cheguem e a culpa é sua — sussurro, beijo o seu pescoço e continuo até senti-la mais relaxada. Eu vejo uma pulseira com trevos da sorte e percebo que não é o estilo dela, Elena raramente usa brincos. — E essa pulseira? — pergunto, querendo loucamente mudar de assunto, até ouvir que foi a porra do Keven que deu.

Caralho! Agora a insegurança volta com força total. A expressão de Elena muda rapidamente. Só consigo imaginar o papo que deve ter rolado quando ele deu a ela. Não consigo nem disfarçar o ciúme. Eu faço de tudo para que ela não se sinta insegura, tento acabar com seus medos, mesmos os

mais ridículos como medo de tempestade, mas ao contrário de mim, Elena parece adorar me fazer sentir um merda. Eu não entendo.

— Já está ficando bem chato isso com esse cara.

— Nada a ver, ele é só um amigo — ela retruca e fica claro que não é só isso.

Detesto a forma como ela tenta me fazer de idiota.

— Por favor, pare. Qualquer um percebe que vai muito além disso. — Ela me dá as costas e eu fico mais irritado, então eu a viro para me encarar. Quero ver em seus olhos o sinal de que está tudo bem, mas ela sequer consegue manter o olhar firme. — Ele tentou alguma coisa? — pergunto e ela não consegue disfarçar.

— Maycon, por favor, pare! — Elena desvia o olhar, deixando claro que algo aconteceu.

Mais uma vez, eu me sinto um otário.

— Eu sabia. Até onde ele chegou, Elena?

— Ele me deu um beijo, mas eu me afastei e disse que ele estava entendendo errado. Keven aceitou e pediu desculpas depois.

Escutar isso é como sentir uma facada, dói pra caralho. Cadê a porra do anjo agora?

— O quê? Espera aí, como assim ele te beijou? — insisto, querendo entender quando foi essa porra!

— Na festa da minha mãe.

Quase não consigo acreditar nisso.

— E quando você ia me contar?! — Estou muito puto. Ela quer que eu acredite que foi um beijo à força? E desde quando você sai com um cara que te beijou à força?

— Maycon, calma, ele me deu um selinho e eu o afastei. Você e Jayde fazem isso constantemente. — Sua justificativa é uma merda. Ela realmente acha que sou um otário sem cérebro.

— Não vem não, eu parei e você sabe disso, não se finja de boba. Fora que se tiver que escolher entre me beijar e beijar você... Ela escolhe você. — Agora sei que estou gritando.

— Não faz diferença para mim. Por que está estressado por isso? — ela fala como se fosse aceitável. Jay tem razão, agora está claro quem é o idiota apaixonado aqui.

— Que porra, Elena! Que merda! Pra mim faz diferença. Achava

aquele cara idiota, mas o idiota sou eu. Ele está jogando e muito bem, por sinal. Se eu o vir com você de novo, eu o mato. Entendeu? — continuo gritando.

— Maycon, pare. Está me assustando.

— Eu?! Você que está me assustando. O cara faz isso e você ainda sai com ele? Por acaso gostou do beijo e queria repetir, é isso? — Estou muito puto com ela.

— Não foi um beijo, eu o afastei, só encostou em mim. — Elena mente muito mal.

Odeio isso, odeio continuar aqui, odeio não conseguir colocar a porra de um fim.

— Cala a boca, sério. É melhor eu sair de perto para não escutar tanta merda. — Eu me levanto, visto a bermuda e saio do quarto, despedaçado.

No corredor, eu mal me apoio na parede antes de chorar feito criança. Estranhamente, eu penso que posso estar pagando pelos meus pecados. Estou tão viciado nessa droga de sentimento, que ainda que Elena continuasse a me cortar, sei que eu continuaria aqui, agradecendo por isso. Talvez, assim como ela uma vez disse que viciados não têm cérebro, também acredite que não temos coração. O Maycon é viciado, não merece a droga de uma consideração.

Penso em voltar ao quarto e dizer a ela que acabou, talvez assim consiga fazê-la entender que estou machucado, que ela fez merda e tem que consertar a porra que estou sentindo agora, mas quando eu entro, ela me pergunta se posso levá-la embora.

Ao olhar para ela, eu vejo que nós pertencemos um ao outro. Ou será que isso é coisa a minha cabeça? Chego a cogitar em falar para ela ir para o inferno, mas isso também só acontece na minha cabeça. As palavras que saem são opostas a toda dor que eu sinto.

— Não. Você vai dormir comigo a partir de hoje. Não vou aceitar que durma no mesmo quarto que ele.

— Ele dorme em uma cama e eu em outra, e não tem como eu vir todos os dias. — Ela tenta amenizar a situação.

— Foda-se, Elena! Se eu vou para a porra de uma clínica por você, por que não pode aceitar dormir aqui comigo? Agora, se me disser que prefere dormir com o cara, aí a conversa é outra — grito.

Sei que ela está ressentida por isso, então ela se senta na cama e apoia

a cabeça em seus joelhos para não me encarar. Eu tento manter a pose, mas não consigo, eu me aproximo e apesar de toda a mágoa, sei que vou continuar aqui, feito um cachorro implorando para ser amado por ela.

— Desculpe por gritar com você — falo e só então me dou conta de que ela sequer pediu desculpas. E o pior é que tenho certeza que ela acha que não precisa.

— Já me acostumei. Toda vez que se irrita, você grita comigo — diz, chateada. Eu não quero tratá-la dessa forma, não é certo.

— Elena, você não entende, não é? Eu te amo... E não sinto segurança nenhuma nesse amor que você diz sentir por mim — eu insisto, tentando fazê-la entender como estou magoado.

— Acho que já provei para você que te amo — diz e sei que tem razão, mas não justifica ter saído com o cara depois de ele ter dado um beijo à força nela.

— Sério? Só por que dormiu comigo? Já dormi com muitas e hoje elas nem lembram o meu nome.

— Não sou como elas! — grita, ainda magoada. Eu sei que não é, mas ela não pode só olhar o seu lado da história.

— Por acaso parou para pensar que quando eu for para a clínica, durante quinze dias, no mínimo, não vou sequer falar com você? Do jeito que a minha mãe é louca, vai escolher uma do tipo presídio. Já até imagino. Mas o pior para mim será ficar sem você, essa vai ser a pior parte, a princípio. Parece que você sequer pensou nisso. E agora, eu acho que assim que eu for, esse cara vai te tirar de mim — confesso, quase chorando. É, estou tão mal.

— Acha que vou te esquecer? Quando eu fico longe de você, a primeira coisa que me vem à mente é se está pensando em mim. E essa solidão de horas parece eterna. Então, Maycon, pode ter certeza que ainda que você fique meses, eu vou continuar te amando e esperando por você — Elena diz, irritada.

— Fala isso agora... — revido e recebo seu olhar de indignação.

— Sempre vou esperar por você, o que sinto vai além do agora, é para sempre. Vou ser sempre sua e você sempre meu — diz, olhando em meus olhos, e sei que não está mentindo, mesmo assim é foda.

— Eu te amo — digo, levantando uma bandeira branca. Eu me aproximo, nos beijamos e toda tensão desaparece.

— Você é possessivo e agressivo demais.

— Nunca tive que dividir nada e você não será exceção.

Eu a abraço forte, se ela soubesse ler os sinais, entenderia como eu preciso dela.

Talvez Elena tenha razão, eu não tenho cérebro, pelo menos não um funcional quando estou ao seu lado. E se um imbecil um dia escreveu sobre os efeitos devastadores que é ter química no cérebro, mal sabia ele que esses efeitos são fichinhas perto do estrago que é ter uma química de nome Elena no meu coração.

Capítulo 29

Antes de escutar as risadas loucas da Jayde, o cheiro da erva invade o meu quarto. Provavelmente, a sua intenção é deixar todos chapados. Qual o problema em fumar essa porra lá fora? Mas não vou brigar por isso, só pela forma como ela conversa e gargalha sei que está muito louca.

— Ela tinha saído? — Elena questiona, me trazendo de volta à realidade.

— Acho que sim, ultimamente, temos tido nossos problemas — confesso, chateado.

— Por quê?

— Jay está estranha. Quando chego perto para conversar, ela desconversa e saí, me deixando sozinho.

— Mas quando está precisando, vocês se procuram — ela diz e sei que se refere às drogas.

— Antes ia bem além disso. Ela está diferente da Jayde que conheci. Mas como eu não faço perguntas, não sei o que anda acontecendo.

— Tem certeza que ela não gosta de você? — ela questiona.

— Ela gosta, mas não é isso. Acho que, no fundo, ela tem medo de que eu a troque por você. Entende? Acha que a qualquer momento posso mandá-la embora.

— E pode? — Elena pergunta e, se me conhecesse mesmo, saberia que é impossível.

— Não, jamais. Não abandono meus amigos.

— Você diz que não tem amigos.

— Jay é a exceção disso. Quando todo mundo me crucificava e o céu fechava para mim, Jay sempre me dava uma força. Sempre estive aqui quando eu precisei.

Escutamos mais gargalhadas.

— Ela está no normal dela?

— Não. Mas não vou lá. O aniversário dela está chegando e hoje perguntei o que ela quer fazer, ela respondeu que comigo nada.

— Ela disse isso? — ela diz e ri.

— Disse e eu fiquei calado.

— Quantos anos ela vai fazer?

— Dezenove.

— Ela tem dezoito anos? — pergunta, surpresa.

— Tem.

— Então ela veio morar com você quando estava com quinze?

— Foi, ela quinze e eu dezessete, fazia apenas uns meses que morava sozinho, então, no fim, achei bom ter companhia.

— Mas uma hora vai acontecer de ela ir embora, não acha?

— Não penso nisso, me apeguei a ela, me sinto bem com ela aqui.

Elena não sabe disso, mas Jay e Rob são a família que a vida decidiu me dar e eu não vou abandoná-los nunca. Escutamos mais algumas risadas e, depois, o barulho de porta se fechando e sei que ela entrou no quarto.

— Por que ela sente tanta insegurança, se você já demonstrou que gosta dela? — Elena questiona algo óbvio.

Viciados são vistos como pessoas fracas, sem força de vontade, pessoas que não valem a pena, resumindo, qualquer um que esteja acima disso parece ser uma opção melhor. Eu respiro fundo antes de escolher uma boa resposta.

— Porque você está ocupando os meus fins de semana e não estou tocando mais com ela. Só que, ainda assim, depois de tanta coisa que passamos, não acho que seja motivo para ela fazer isso. Ela arranja outro guitarrista rápido. Mas se quer fazer drama, azar é o dela. Sabe que eu não aturo.

Antes que Elena se empolgue nessa coisa de entrevistar, eu volto a beijá-la. E entre carícias e beijos, meu anjo acaba voando para o mundo dos sonhos. Eu queria que ela me levasse a esse mundo, queria que nos perdêssemos nele, nos braços um do outro, mas ao contrário disso, seu semblante sereno me diz que eu nunca estarei lá. Então mesmo separados por mundos, observo cada pequeno detalhe do seu rosto, e mesmo que uma parte em mim implora para não a deixar sozinha na cama, a necessidade em cheirar cocaína me diz exatamente que lugar eu pertencço. Os passos seguintes são automáticos – vou à gaveta, pego alguns papелotes e na mesa perto do notebook, de costas para ela, eu faço e cheiro carreiras, enquanto escuto Jay e suas risadas loucas.

Relembro os caminhos que Jay e eu percorremos, os velhos medos, a velha estrada que nunca leva a lugar algum. O pior é que eu entendo Jay, eu sei o que é estar sentindo o medo constante de ser abandonado, eu sei, porque

depois que Isaac se foi, esse medo se tornou a minha companhia. Sei o que é sentir não ser bom o suficiente, nunca ter motivos para fazer alguém ficar. Viver esses sentimentos por tanto tempo me fez ser o cara que sou hoje, alguém que sempre espera ser deixado para trás. Mas Jay deveria levar em consideração tudo que já vivemos, a vida é feita de momentos, bons e ruins, e estivemos um ao lado do outro, isso ninguém pode mudar. Somos tudo o que temos.

Eu me viro, encaro Elena e começo a me questionar se eu estarei em suas boas lembranças ou serei associado a lembranças sombrias? Julgando pelo seu rosto sereno, não existem duas opções aqui. Ela permanece em sono profundo, então limpo os resquícios de pó, jogo fora os papelotes vazios e guardo o meu canudo, deixando apenas o cartão sobre a mesa. Eu me deito ao seu lado e beijo seu rosto angelical que tanto me atrai, enquanto observo cada detalhe. Acabo tirando uma foto como se, de alguma forma, eu soubesse que vou precisar de algo para recordar que houve bons momentos, que foi real, que meu anjo um dia esteve aqui.

E ainda que doa admitir, no meu íntimo, eu sei que o nosso fim está próximo e não há nada a se fazer a respeito. Eu a abraço tão forte e me perco em seu cheiro intoxicante. Em algum momento, eu acabo dormindo com ela em meus braços e quando acordo, um novo dia está à nossa espera.

Antes de o celular despertar eu me levanto e depois de um banho rápido, vou ao closet, então rio ao me lembrar de que no início, quando estava fissurado em fazer sexo com Elena, comprei um conjunto de lingerie e roupas porque achava que em algum momento ela iria usar, e aqui está a prova de que tinha razão. E como em um milagre, olho para meus sapatos e vejo entre eles um par tênis branco que a minha mãe havia dado a Jay, e como não serviu, eu fiquei encarregado de trocar e não fiz isso. Mas agora eles serão da Elena, só que ela não precisa saber da história toda. Junto tudo e deixo perto da cama. Eu termino de me arrumar rapidamente assim que escuto um barulho na cozinha, e depois de me picar, eu desço.

Sei que eu e Jay precisamos conversar e o melhor momento é agora, enquanto Elena dorme. Vou ao fogão, pego um cigarro do maço e o acendo. Isso deveria ser o prefácio perfeito para um bom diálogo, mas com Jay não funciona assim, nós fugimos de um diálogo. Após fumar o cigarro, encontro coragem e encaro o seu olhar. Apesar de estar bem à sua frente, Jay continua me ignorando totalmente e não sei qual o sentido disso. Quando ela dá sinal

de que irá deixar a cozinha, em um súbito impulso, eu a seguro pelo braço.

— Jay, qual é? Sabe que precisamos conversar.

Ela finalmente me encara.

— Exatamente o que precisamos conversar, Maycon? Sobre eu ir embora? Não se preocupe, não vai demorar, o.k.?

Estou perdido tentando entender quando eu disse para ela ir embora, agora Jay pirou de vez.

— Eu não estou entendendo, que porra está acontecendo com a gente?

— Espero a resposta, mas ela desvia o olhar e se afasta. — Qual é, Jay? — insisto.

— Qual é, Jay? — pergunta, irritada. Que porra é essa? — Era só você e eu, Maycon, todos os dias, só nós. E agora tem essa garota sem graça — ela diz e acho patética essa reclamação.

Mesmo irritado, eu tento deixar as coisas às claras.

— Jay, pare com isso. Você está levando para o outro lado. Eu amo a Elena e amo você, já deixei claro para as duas. Seu problema é que está exagerando na erva e fantasiando coisas. Fica o dia todo enfumaçando a casa!

Ela enxuga os olhos marejados.

— Não dá para acreditar, ela está mudando você. Sinto que estou te perdendo e parece que você está deixando isso acontecer. E se isso é o fim para nós, então não quero mais ficar no mundo real. — Seus olhos se enchem novamente de lágrimas, odeio vê-la assim.

— Jay, sabe que amo você, amo mesmo, mas é diferente. Eu amo a Elena como mulher e você como uma irmã. Não me faça escolher entre vocês duas, por favor! — Tento abraçá-la, mas ela me bloqueia.

— Nós estamos morrendo, Maycon. Elena está matando a gente e você não vê isso. Você não precisa mudar por minha causa e sei que existem mil garotas que nunca tentariam mudar você. Você é maravilhoso como é, e se essa imbecil não enxerga isso, há muitas que enxergam. Mas ela não, ela quer tirar o seu melhor e o transformar no cachorrinho dela. — Agora ela parece mesmo magoada.

— Não é nada disso, Jay. Você está ficando paranoica.

— Não! — ela praticamente grita. — Eu conheci o Maycon que andava como se fosse digno, não abaixava a cabeça para ninguém, o Maycon que deixava qualquer garota louca e não um que se tranca no quarto e fica se achando um zé ninguém, porque uma vadiazinha preferiu levar o amiguinho

perfeito ao invés dele para a casa dos pais.

Mesmo sabendo o quanto me machuca, ela joga algumas verdades na minha cara. Eu desvio o olhar, é frustrante a situação, nada do que eu disser vai convencê-la que está errada.

— Você se lembra, Maycon, que costumávamos dividir os nossos sentimentos? Nossos segredos? Lembra que ríamos de tudo, que viajávamos sem destino, apenas pegávamos a estrada e nunca chegávamos a lugar nenhum. Nós estávamos juntos e isso valia a viagem. Era perfeito, apenas eu e você — diz com a voz embargada.

— Lógico que lembro, foi bom, foi intenso, e cada memória nossa está em minha mente. Mas passou, Jay, ambos estamos vivendo outras aventuras, mas o bacana é que ainda estamos juntos — falo, mas ela está irredutível. — Sabe que amo a Elena e quero ficar com ela, mas não significa que tem que ir embora, eu nunca quis e nunca vou querer isso. Só que eu quero ficar com ela e seria foda demais se você conseguisse me entender. — Ela agora parece irritada e eu não entendo que porra está rolando. — O que está acontecendo com você, Jay, por que está assim? — insisto.

— Vejo você se perdendo por ela. Você sorri quando está perto, mas se sente um fracassado quando ela está longe. De repente, o cara mais foda que conheço não se acha mais o cara. — Agora sou eu quem está irritado. — Está tentando ser o Keven por causa dela e eu não posso ver você se arruinar sem fazer nada. Sem ao menos tentar te acordar desse sonho louco.

— Agora você viajou mesmo — revido, não querendo admitir, mas ela pouco se importa com isso.

— Cortou o cabelo no estilo dele, está mudando até suas roupas. E como seus pensamentos gritam na sua cabeça, sei que não vê a hora de conhecer os pais dela. Mas deixa eu te falar uma verdade. Você não é o príncipe que ela quer e nunca vai ser. Quando a família dela souber que não passa de um viciado, eles não vão te aceitar, se é que ela vai te apresentar a eles, porque eu duvido que isso aconteça. Ainda assim, deixe que ela fique com o prêmio, viva a sua aventura, estarei te esperando quando ela o largar. Porque um dia você vai voltar e me dar razão. Só espero que o Maycon que eu conheço ainda esteja aí, mesmo que sejam apenas resíduos.

Jayde está em lágrimas e é uma droga, porque eu nunca quis causar isso a ela, mas ouvir as suas verdades dói pra caralho. Eu não sou perfeito, mas ela também não e, sinceramente, às vezes não sei se Jay quer me

consolar ou me deixar mais na merda.

— No fim, é isso que você pensa também, não é, Jay? Que sou mais um viciadinho de merda. — Ela não diz o contrário e isso magoa muito mais. — Mas, foda-se, cara, ainda assim quero que você fique, mas se quer ir, não vou insistir, a decisão é sua. Fim de papo, eu tenho que ir. E vê se para com a porra dessa erva e vai estudar.

— Foda-se, Maycon, o que eu faço da minha vida é problema meu — ela retruca e eu dou as costas.

Subo as escadas querendo contar para a Elena todas as verdades que Jay me disse, querendo desesperadamente que ela desminta tudo, que diga que, apesar de todos os meus problemas, ela me quer, que vamos ficar juntos. Mas quando eu me aproximo do quarto e a vejo parada perto da porta, eu engulo todas as palavras. Ao olhar em seus olhos, está claro que ela escutou tudo, mas não vai contradizer nada, ela não é assim.

— Tudo bem? — pergunta.

Sinceramente, não sei como pode perguntar isso depois de tudo que escutou, mas eu entro no seu jogo.

— Tudo. A roupa ficou ótima em você. Comprei há um tempo, achei que um dia iria precisar — falo, meio sem jeito.

— Obrigada, foi gentil da sua parte. — Ela me beija e sei que esse é o seu modo de tentar me consolar.

Eu entro no quarto, pego a minha mochila e não encontramos mais com Jayde. Eu queria deixar tudo isso pra lá, mas não sou bom em ignorar a minha dor e insegurança. Apesar de eu estar claramente desconfortável, Elena só volta a falar quando chegamos ao campus.

— Aconteceu alguma coisa? — Odeio a forma como ela age, Elena sabe o que aconteceu, então por que não é direta?

— Não, está tudo bem, você está comigo — digo, sorrindo.

Estaciono em frente à faculdade na minha vaga habitual e ela sai primeiro, há poucos alunos circulando, ainda está cedo. Eu saio em seguida e me aproximo dela.

— Vou para a sala, depois nos falamos. — Eu a beijo e quando vou me afastar, ela segura a minha mão e me faz ficar de frente para ela.

— Eu te amo, Maycon — diz enquanto nos entreolhamos. Com isso, todo um mundo de possibilidades se abre e Elena dá um sorriso que eu tanto amo.

De repente, eu estou bem porque é real para nós e fodam-se todos. Ela está aqui, nós nos amamos e isso é tudo que preciso ouvir para continuar acreditando no nosso amor. Eu toco o seu rosto e o acaricio.

— Eu te amo também, garota — sorrio e vou em direção à entrada.

Poucos alunos estão na sala, então eu entro e respondo as várias mensagens da minha mãe, de alguns conhecidos, uma do Jong e, por fim, abro as mensagens de Isaac. No minuto em que visualiza, ele pergunta se estou bem.

“Estou, você gostou da Elena?”

“Gostei sim, ela é a tal garota?”

“É, Isaac... e, adivinha?”

***Depois daquela cena sua com Emily,
ela quer que eu vá para reabilitação”***

Envio e no mesmo instante ele me liga.

— Maycon, você vai? — Percebo a ansiedade em sua voz.

— Isaac, eu estou na faculdade.

— Só me responda, você vai?

— Não sei, estou pensando a respeito. Pode não contar...

— Não vou falar para a sua mãe — ele me interrompe.

— Ela falou algo sobre Elena com você?

— É a primeira vez que nos apresenta uma namorada, óbvio que ela está com ciúme. Está chateado pelo dinheiro? — ele questiona e eu respiro fundo.

— Não sei como resolver essa merda, mas de toda forma, vou ter que me virar. É problema meu.

Agora é sua vez de respirar fundo.

— Maycon, eu...

— Isaac, o professor entrou, vou ter que desligar agora, nos falamos depois. Eu só queria conversar com alguém sobre ela, mas agora não dá.

— Tudo bem. Quando estiver disponível, pode me ligar, mesmo que seja para falar da Elena. E, Maycon, eu te amo, não se esqueça disso.

— Obrigado, pai.

As horas passam e com elas toda a minha concentração na aula, só o que permanece em minha mente é Elena. Se eu realmente tentar, ela pode continuar comigo, nós podemos ficar juntos. Eu não consigo sair disso, mas uma tentativa real a fará ver como funciona essa merda de mundo. Fico

pensando nela e quanto mais eu faço isso, mais sei que quero acabar com essa droga de insegurança. Como sei que Elena não tem iniciativa, a brilhante ideia de forçar um diálogo entre mim, ela e a porra do amiguinho imbecil vem à mente. Vou deixar tudo às claras. Fico olhando a sua foto e sei que não consigo esperar o terceiro horário, então envio uma mensagem a ela.

“Não me sinto muito bem, mas tenho um trabalho para apresentar no quinto horário, se importaria se deitasse um pouco na sua cama?”

“ Jamais, já estou saindo para levar a chave... eu te amo”

Se ela soubesse como eu amo ouvir e ler isso... Tenho certeza que agora estou sorrindo feito idiota, chapado pelo efeito Elena. Eu pego as minhas coisas e vou até o quarto dela e fico esperando em frente à porta.

Assim que eu a vejo chegando, começo a sorrir. Sei que Elena não é do tipo que mata aula, mas não vamos fazer nada de errado.

— O que está sentindo? — ela pergunta ao abrir a porta, mas assim que entramos, eu a puxo os meus braços e a beijo.

— Saudade — sussurro em seu ouvido antes de voltarmos a nos beijar. — Hoje fiquei tão desatento olhando para a sua foto dormindo, não prestei atenção em nada — confesso.

— Qual foto? — pergunta, surpresa.

— Uma que eu tirei enquanto você dormia.

— Não acredito, deve ter ficado horrível. Vai apagar.

— Não mesmo, ficou linda. Qual cama é a sua? — pergunto, brincando.

— Engraçadinho. A que está com ursos, lógico.

Tiro o par de tênis e me jogo em sua cama. Como ela permanece imóvel, dou leves tapinhas na cama para que ela se junte a mim e sorrindo, ela se deita ao meu lado.

— Por que está fazendo isso? — pergunta, intrigada.

— Marcando território. Macho alfa. — Sorrio da minha idiotice.

Eu olho para o lado e vejo uma foto dela com Keven.

— Acha que estou parecido com esse cara? — pergunto para ver se a minha mudança causou algum efeito, assim como em Jayde.

— Nada a ver, por quê? — Ela se finge de boba.

— Nada. Jay é louca, só isso.

Nunca acreditei nessa história de conexão, mas diante de toda essa energia que eu sinto apenas de olhar para ela, sei que existe um mistério sobre isso, algo que a ciência ainda não descobriu. Mas está aqui e eu posso senti-la. Eu beijo Elena e envolvidos por essa energia, somos transportados para fora do mundo visível e entramos em nosso mundo particular. Ela produz em mim uma exaltação mística, sentimentos muito intensos de felicidade, prazer, admiração e reverência. Eu sou louco, ela normal demais, mas temos o encaixe perfeito e não há física que explique isso. Eu sei que vou amá-la por toda minha vida, somos feitos um para outro e dane-se quem pensa o contrário. Estamos ligados, sempre estivemos, por isso nos encontramos.

— Você é louco. Keven pode entrar a qualquer momento — diz ofegante, então a olho e sei exatamente o motivo de nunca ter sentido isso com ninguém.

— Relaxa! — Beijo seu pescoço lentamente, adorando vê-la tão entregue.

— Maycon, por favor — ela diz com manha.

— Fica sem graça se Keven nos vir juntos? — eu pergunto olhando em seus olhos e querendo ver a verdade neles.

É tão intenso, que posso ver a sua alma e, assim como a minha, está tão entregue a nós, deixando claro que não tem mais volta.

— Não é isso. — Ela mal consegue encontrar as palavras.

— Sério, então me prova — provoco.

Ela me olha sem jeito, se deita por cima de mim e volta a me beijar antes de tirar a minha blusa e beijar delicadamente as minhas tatuagens. A sensação é de quase consciência, nada muito lúcido, nada muito anormal, apenas nós em nossa zona neutra, nos viciando em nossa nova droga – o amor.

Continuamos variando entre loucura e desejo e, apesar de querer muito fazer sexo com ela, não quero constrangê-la com o cara.

— Jura que eu sou o único para você? — sussurro entre beijos.

— Nunca vai existir outro, sabe disso. Eu te amo tanto.

Sorrio ao ouvir as suas palavras e elas ganham vida quando olho em seus olhos e me vejo neles, então eu me dou conta de que será um inferno na clínica, mas tenho certeza que posso passar uns poucos dias lá se isso me fizer ter Elena sempre ao meu lado.

Ficamos no quarto até mais ou menos o horário do quarto tempo e eu me sinto excitado e frustrado por não podermos passar disso. Lutando contra todo o desejo, tiro Elena de cima de mim, eu me levanto e calço o par de tênis, enquanto ela sorri com malícia, se achando vitoriosa porque o cara não veio.

— Você deve ser bruxa, Elena, o cara não veio nem no intervalo. Puta que pariu — brinco e jogo um dos vários ursinhos que agora estão pelo chão.

— Seu plano de me deixar constrangida foi por água abaixo. Bem feito! — Sorrio da sua linha de raciocínio, enquanto visto a minha blusa. — Maycon, não vai dar para dormir com você, não todos os dias — Elena diz. Ela sempre espera por momentos como esse para tocar em assuntos frágeis.

— Por que não?

— Se meus pais descobrirem, são capazes de me tirarem da faculdade — explica e mesmo concordando, acho frustrante.

— Não quero você dormindo perto do Keven. Simples assim!

— Já faz um ano que dividimos o quarto e ele nunca tentou nada — rebate.

— Elena, mas eu não quero. Não tem o que discutir — revido. O cara tentou beijá-la e ainda assim ela insiste nisso. — Vamos?

— Vamos. Mesmo assim, não dá todos os dias! — ela diz e sei que nessa eu perdi.

Elena se levanta, ajeita a roupa e pega suas coisas, então saímos de mãos dadas. Depois que ela fecha a porta, eu a puxo para mais um beijo.

— Vai dormir comigo hoje, pelo menos hoje, não vai? — insisto com ela em meus braços.

— Não sei, vou pensar — diz enquanto acaricia o meu rosto.

— Como assim, dormir com ele, Elena? — Um cara mais velho aparece do nada.

Elena fica transparente e eu sem entender nada.

— O que está acontecendo? Por que está aqui, pai? — ela pergunta, assustada.

Put a merda. Resolva isso agora, Maycon!

— Elena, não acredito, então é verdade. Meu Deus, eu não acredito, justo você, Elena! — ele diz, magoado.

Elena se afasta, parece completamente perdida e o cara muito decepcionado, e isso me faz sentir péssimo. O cara está pirando só por que

nos viu juntos?

— Pai é... Não sei o que você está sabendo, mas posso explicar!

— Explicar o quê? Eu e sua mãe te alertamos tanto para não se envolver com esse tipinho e em poucos meses já cai nas garras de um! — Ele bufa, irritado.

Putá que pariu! É uma merda ser julgado por alguém que nem o conhece.

— Espere aí! O quê? Isso é comigo? — Ainda estou sem entender, o cara nem me conhece.

— Maycon, é melhor você ir, depois conversamos — ela diz, frustrada.

O pai dela a segura com brutalidade pelo braço e eu continuo sem entender o que está acontecendo.

— Abra a porta, Elena, pegue as suas coisas e vamos embora agora! — ordena.

— Pai, não, tenho prova essa semana e sabe que é meu sonho ser psicóloga. — Ela tenta.

Estou perdido sem saber como ajudar, esse cara nem me conhece e parece que já me odeia.

— Sério? Mas ao invés de estudar, você estava trancada no quarto com esse... — suspira, evitando olhar para mim. — Elena, que decepção! Justo você? Nós confiamos em você, sempre foi uma boa filha. Por que está fazendo isso? Quer acabar com a sua vida ou com a minha vida e a da sua mãe?

Sem conseguir mais me segurar, eu me intrometo.

— Por que está assim? Eu nem te conheço. Não sei qual o seu problema comigo! — falo, perdendo a paciência.

— Meu problema é você se envolver com a minha filha. Mas já estou cortando o mal pela raiz — diz rispidamente.

— Pai, você não conhece o Maycon, está entendendo tudo errado. — Elena me defende, mas é inútil.

— Sério? Então diz para mim que ele não é um usuário de drogas — o cara diz na lata.

Merda! Esse é o momento que se vão todas as minhas chances.

— Ah, ele tem alguns problemas, mas não é viciado — tenta parecer convincente, mas gagueja absurdamente.

— Apreendeu a mentir agora? E o pior, vai mentir para mim?

Eu queria poder dizer que Elena tem razão, mas estaria mentindo.

— Pai, eu gosto dele... — ela diz e, apesar de todas essas verdades tão decepcionantes, é bom ouvir isso.

— Imagino, e é por isso que quero você longe. Tem ideia do quanto me decepcionou?

Elena começa a chorar e isso acaba comigo. Agora eu preciso fazer algo.

— Isso não é motivo para levá-la embora. Está exagerando. — Tento, mas ele parece odiar a minha voz.

— Qual seu nome? — pergunta me encarando.

— Maycon.

— Então é o próprio — diz com arrogância. — Escute aqui. Eu sei quem você é, e esse é o principal motivo para querer a Elena longe de você. Eu não criei a minha filha para se envolver com pessoas do seu tipo! — vocifera, humilhando-me mais ainda.

É impressionante como palavras podem provocar uma ferida enorme nas pessoas.

— O quê? Espera aí! E qual é o meu tipo? — Mesmo sendo atingido, eu revido com a mesma arrogância.

Algumas pessoas vêm em nossa direção, então Elena abre a porta e nós entramos no quarto. Eu não o deixarei levar Elena embora.

— Se enxergue, garoto. Elena não é para você — ele diz para me intimidar.

— Foda-se, se não concorda. Na verdade, não faz porra de diferença nenhuma para mim. Ainda assim, eu e a sua filha estamos namorando e vamos continuar juntos — retruco, mas pelo olhar da Elena sei que ela ficou chateada pelo modo como falei.

— Minha filha não namora com viciados de merda como você — ele diz.

O olhar que Elena me dá machuca mais do que as palavras do pai, enquanto fico calado, uma vez que ela não defendeu a minha afirmação.

— Pai, pare! Por favor!

— Elena, cale a boca! Pegue suas coisas e vamos embora. Você pode não entender agora, mas eu sei o que é melhor para você — diz de maneira rude.

— Pai, eu não uso drogas e nunca vou usar, sabe disso. Não traí a confiança de vocês.

Jay tem razão, não importa o quanto eu me esforce, no mundo dos normais é só isso que sou, um viciado, e foda-se a maneira como se referem a nós. Só vivemos pela droga, não sentimos mais porra nenhuma, essa é a verdade para eles e dane-se nós e os nossos sentimentos.

— Não se envolvia com pessoas desse tipo e agora está dormindo com um. Dói ver o caminho que você tomou. Eu me pergunto onde eu e a sua mãe erramos. Então, sim, Elena, você traiu a nossa confiança.

Elena começa a chorar como criança assim que seu pai conclui. Ignorando totalmente que estou aqui por ela, Elena começa a arrumar as coisas, então eu entro em desespero.

— Elena, não vá embora com ele. Fique comigo! Eu te amo — imploro, ignorando o desprezo que seu pai sente por mim.

— Acha que vai tirar a minha filha de mim? Quem você pensa que é para dizer o que a minha filha vai ou não fazer? — ele diz, apontando o dedo para mim.

Mesmo querendo muito quebrar a cara dele, eu o ignoro por Elena, que ao prever o pior se posiciona entre nós.

— Elena, eu te amo, não o deixe separar a gente assim — insisto, olhando em seus olhos.

— Acha que vai levar a minha filha para esse caminho enquanto fico de braços cruzados? Fique longe dela ou juro que vai se arrepender, seu drogado imbecil! — Ele novamente me insulta e eu fico de saco cheio. Não consigo mais ficar calado.

— Não estou a levando para caminho nenhum, seu porra, e foda-se para o que você pensa a meu respeito — grito.

Elena me encara assustada, é óbvio que ela repudia a minha atitude.

— Maycon, por favor, vá embora — ela pede.

Putaquepariu! Agora fodeu!

— Olha que tipinho, hein, Elena! Não tem o mínimo de respeito — o cara diz, parecendo esquecer o quanto já me insultou.

— Respeito não se exige, conquista — ênfase e isso só serve para o deixar mais irritado.

— Cale a boca, seu viciado de merda! E que fique claro que isso entre vocês dois acaba agora! — o pai dela grita e logo encara Elena. — Elena,

esse caminho é sem volta, não sei como foi cair nessa com toda a instrução que eu e sua mãe lhe demos.

Ele me humilha novamente e juro que odeio esse cara. Odeio a sua tentativa baixa de me colocar como o vilão aqui.

— Amo a sua filha e não vai me separar dela, só depois que eu morrer — retruco.

— Não vai ser difícil, já que está morrendo pelo seu vício. E, quando morrer, vai livrar o mundo de mais um inútil.

Eu arregalo os olhos ao ouvir as suas palavras.

— Pai, por favor, vou com você, mas pare de insultá-lo. Você não o conhece e Maycon não merece isso — diz, tentando manter a distância entre nós.

E é por existirem caras como esse que eu prefiro andar com viciados, eles não te julgam.

— Você está tão cega, meu anjo. Esse garoto não merece você. Não ele — insiste.

— Elena, não vá, por favor, esqueça esse idiota e vem morar comigo? — falo, desesperado e esperançoso que ela aceite, mesmo sabendo que Elena nunca faria isso.

— Maycon, pare, não está ajudando. Ele é meu pai — ela diz, frustrada.

Assim que ela se vira para arrumar as coisas, o cara vem para cima de mim e me empurra, então ela novamente tenta intervir.

— Pai, pare, por favor! — ela praticamente suplica.

— Se me conhece, sabe que se encostar a mão em mim de novo, eu te mato — digo, já puto com esse imbecil.

— Minha filha não vai ficar com você, seu drogadinho de merda, aprendiz de marginal. Acha que vou permitir isso? Quando me ligaram e me contaram, eu não acreditei, não quis acreditar, então vim às pressas torcendo para ser mentira. Mas quando chego, vejo a verdade estampada na minha cara. Não vai mais voltar para cá, Elena, pode ter certeza! — ele grita, me encarando com raiva.

A porta se abre e Keven entra, parecendo ver um fantasma.

— Sabia disso, Keven? — o pai dela pergunta, alterado.

Eu pouco me importo com eles, são dois imbecis, a única pessoa que me faz continuar nessa situação humilhante é Elena, que continua arrumando

as suas coisas.

— Ele sabia, mas não concordava — Elena se adianta e fica claro quem é o idiota aqui.

— Vai embora, Elena? — Keven pergunta, preocupado.

— Vou, Keven — ela confirma.

Assim que vejo Elena confirmar, percebo que não importa o quanto eu implore, nunca serei uma boa opção. Eu caminho em direção à porta, humilhado, magoado, mas quando não se tem armas para ganhar uma luta, não adianta insistir. Eu olho uma última vez em seus olhos e, silenciosamente, junto meus pedaços e saio.

Não foi uma escolha amar Elena, aconteceu sem que eu esperasse, mas como forma de pagar pelos meus pecados, são as minhas escolhas erradas que a estão tirando de mim.

Capítulo 30

Fico sentado dentro do meu carro sem saber que estrada pegar, sem saber como fazer essa dor acabar. Eu não sou o único nessa estrada de erros, mas parece que a conta chegou para mim. Sem forças para vê-la partir, eu coloco o carro em movimento e ganho as ruas. Minutos atrás, eu me sentia o cara mais sortudo do mundo, que tinha tudo e agora que ela está indo embora, eu não tenho mais nada. Se eu pudesse voltar atrás, se em algum momento eu soubesse que iria conhecê-la, não é certo de que eu não erraria, mas ao invés de me entregar aos erros, eu tentaria ser o cara que Elena teria orgulho de apresentar aos pais.

É cruel demais ter que encarar a dor de ser deixado para trás. Eu quero parar essa imensa dor, mas nada chega perto de aliviar isso. Será que alguém acreditaria que eu poderia tentar ser outra pessoa? Até quando o sentimento de culpa continuará pesando em mim? Até que eu sinta falta da cocaína e precise de outra dose. Eu me conheço bem o suficiente para saber que promessas não vão adiantar, nada vai mudar. Não existe uma nova estrada, apenas eu e meus velhos erros.

Freud tinha razão quando disse que no auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto começa a ruir, e amantes passam a se enxergar como sendo um só. Antes eu via isso como piada, mas agora eu sinto que Elena e eu somos um e é muita crueldade nos separarem.

Dirijo pelas ruas querendo me deparar com aquela velha sorte que costuma abençoar alguns, mas tenho consciência que ela não costuma ter misericórdia com caras como eu. Eu me sinto pequeno e perdido, sem saber que caminho seguir ou qual estrada pegar para aliviar o que estou sentindo.

A verdade é que a dor cega a ponto de fazer com que você faça escolhas erradas, então, quando eu tive que encarar esse tempo de dor, procurei e acreditei que havia encontrado a cura na cocaína. Eu pensei que era liberdade e ingenuamente entrei no inferno e me deixei aprisionar.

Em meio a toda a minha escuridão, Elena trouxe a sua luz para o meu mundo e mesmo depois disso, de me sentir vivo novamente, de me sentir feliz e acolhido, percebo que tudo pertencia a ela, não a mim.

Eu preciso de um lugar para me esconder, para tentar juntar todos os meus pedaços. Tudo foi um sonho que há muito não sonhava e acordar agora

é doloroso demais.

Não vou ser hipócrita de achar que a vida está sendo injusta, não está. Estou bem ciente que eu tinha tudo para ser motivo de orgulho, que tive todas as oportunidades, mas acabei escolhendo esse caminho. Infelizmente, eu já havia me conformado com isso. Mesmo sabendo o quanto a minha vida é complicada e triste, eu queria que Elena estivesse aqui, disposta a encarar tudo isso comigo. O que mais dói é saber que tudo o que o pai dela disse não é nada mais do que a verdade. Eu não sou nada além de um viciado, mas viciados também amam.

Elena surgiu, me apresentou um novo mundo e eu achei que havia encontrado um novo caminho, mas não. Um anjo apenas andou por alguns segundos em minha escuridão e foi embora, essa caminhada sombria não pertencia a ela, somente a mim.

Sem nem saber ao certo como cheguei aqui, eu paro em frente ao cemitério e sigo até a lápide de Robert. Em silêncio, eu consigo me ver nos olhos de Elena, e depois de vislumbrar todo o meu mundo ali, bem diante de mim, percebo que nunca tive uma chance e isso machuca demais, preciso de algo que consiga aliviar tudo isso.

Eu me deito na lápide do Robert e algumas pessoas que passam parecem chocadas, mas quando se aproximam e veem como estou destruído, ninguém diz nada, então as horas passam e eu continuo aqui, vendo o meu mundo ruir.

Quando começa a escurecer, decido ir embora e assim que coloco os pés em casa, Jay me olha assustada, mas não diz nada. Estou acabado e não sei o que fazer para aliviar esse vazio que estou sentindo, mas preciso, mais do que nunca. Assim que entro no meu quarto, o meu telefone vibra e mais do que depressa eu o pego com a esperança de que seja Elena, mas a decepção me domina ao ver que é só uma mensagem de Isaac avisando que continuará fazendo os depósitos na minha conta até as férias. Até horas atrás, isso me traria um alívio inimaginável, mas agora é mesma coisa que nada.

Eu cheiro os meus últimos papelotes e a euforia é momentânea, passa em segundos. No fim, acabo perdido novamente em minha dor. Começo a olhar para todos os cantos do meu quarto e sei que não vou conseguir ficar aqui, não com o cheiro de Elena tão presente no ambiente.

Choro desesperadamente quando me dou conta de que nunca vou conseguir reverter isso, então fecho os olhos e tento sentir a presença de

Elena aqui, mas nem chapado isso acontece, nem mesmo as drogas conseguem trazê-la para mim.

A dor chega a ser tão insuportável, que eu preciso sair daqui, agora, estou a ponto de cometer uma loucura. Então simplesmente entro no meu carro e, entre lágrimas e vários cigarros, eu me vejo na frente do condomínio de Emily. Uma coisa que ela nunca me negou foi um abraço e, agora, quando eu me encontro mais do que despedaçado, sei que preciso dela. Toco a campainha insistentemente e minutos depois ela abre a porta.

— Maycon, aconteceu alguma coisa? — diz, surpresa.

Eu sequer consigo responder, só me jogo em seus braços e desabo. Emily me abraça forte, confirmando o que eu já sabia. Agora eu só preciso dela. Ainda nos braços dela, nós seguimos até o meu antigo quarto, então me deito na cama e ela tira os meus sapatos antes de me cobrir com o cobertor que eu usava quando criança. Quando percebo, ela está deitada ao meu lado, me puxando novamente para os seus braços.

— Mãe — sussurro.

— Sim, meu amor.

— Lembra quando eu me machucava e você me abraçava e dizia que tudo ficaria bem? Que a dor passaria e eu me curaria?

Ela assente olhando para o meu rosto e quando vê as minhas pupilas dilatadas, sabe que estou sob efeito de drogas, mas não diz nada.

— Claro, amor — sussurra docemente, me fazendo lembrar o timbre da voz que ela costumava usar para me acalmar.

— Pode me dizer isso agora? — imploro.

Emily não faz ideia o quanto estou machucado agora.

— Maycon, o que está acontecendo? — ela pergunta, confusa.

— Mãe, por favor, só diz isso, por favor? — imploro.

Emily me aperta mais contra o seu corpo e, em seguida, beija o meu rosto. Sentir o seu perfume tão acolher e familiar me faz desmoronar mais uma vez.

— Vai ficar tudo bem, querido. Toda dor é passageira e eu sempre vou estar aqui com você, juntos vamos vencer isso.

— Pode me perdoar?

— Maycon, não tem o que perdoar — ela diz com uma voz frágil e começa a chorar comigo.

— Mãe, pode me perdoar por todas as vezes que eu a machuquei?

Pode me perdoar por ter destruído a minha vida? Pode me perdoar por ser viciado e não conseguir sair disso? Pode, mãe?

Emily agora chora desesperadamente.

— Onde pretende chegar com isso, Maycon?

— Eu não sei, mas eu precisava dizer isso para a única pessoa que nunca me abandonou, entende? A única pessoa que nunca disse que eu sou um viciado de merda. — Ela continuando chorando. — A única pessoa que vê algum valor em mim. Então pode, por favor, ser sincera e me dizer se me perdoa por todos os erros que cometi e ainda posso cometer?

— Amor — ela acaricia o meu rosto —, desde o momento que eu soube que estava grávida, conheci o que é amar de verdade, e esse amor, Maycon, não impõe condições, um pacto de amor incondicional. Nada, veja bem, amor, nada que fizer poderá diminuir o que eu sinto por você. As pessoas que só conhecem um lado seu podem te julgar, podem falar coisas terríveis sobre você, mas eu o conheço por inteiro e te amo independentemente de qualquer coisa. Estou te vendo sofrer e quero de alguma forma aliviar a sua dor, mesmo não sabendo o que causou. — Ela me beija — E mesmo você me falando ou não o que está acontecendo, vou continuar aqui, tentando aliviar o seu dodói — diz de forma carinhosa e sorri.

— Eu te amo muito, mãe.

— Eu sei, amor. Não importa o quanto as pessoas digam que não tem solução para a sua dependência, eu sempre vou acreditar que tem. Querido, eu ainda vou te ver livre disso, e quando eu te ver bem, a minha felicidade voltará a ser completa.

Desvio o olhar. Emily acredita em um futuro bom e eu queria poder ver isso, mas só enxergo o agora e ele não é nada promissor. Eu me viro de costas e ela me abraça forte, então ficamos assim, em silêncio e na escuridão.

— Comeu alguma coisa hoje? — Seu lado mãe interrompe o nosso silêncio depois de um tempo.

— Não, nem tomei banho — digo, com a voz embargada.

— Então vou preparar a banheira e enquanto você toma um banho, vou fazer algo para você comer.

— Você dorme comigo hoje, mãe?

— Claro, mas antes tem que tomar banho e comer — diz e, em seguida, me beija. — Eu amo você, querido.

— Eu também te amo, mãe.

Ela acende o abajur ao lado e vai preparar a banheira antes de ir ao closet pegar um pijama, que deixa sobre a cama, então volta a me beijar e sai do quarto, mas não antes de dar um sorriso quando chega à porta. Eu conheço bem esse sorriso e agora eu sei que tudo ficará bem.

Depois de tomar banho e fumar dois cigarros, Erick bate à porta.

— Boa noite, Maycon. Está tudo bem?

— Sim, obrigado por perguntar.

— O.k. Se precisar de algo, estou à disposição.

— Obrigado — digo e ele sai fechando a porta.

Eu me deito novamente e esse quarto me deixa extremamente depressivo. Tento não pensar em nada, mas é inútil, meus pensamentos vagam até Elena e eu volto a chorar. Fico por um tempo na janela fumando e perdido em pensamentos, quando percebo que meu telefone está vibrando. Ao pegá-lo, vejo que acaba de chegar uma mensagem da Elena, só então eu me dou conta que tenho uma ligação perdida dela.

“Amor, por favor, me atende!”

Digito a pergunta que não sai da minha mente.

“Por que foi embora?”

“Era a única maneira de acalmar meu pai, ele não ia desistir.”

“Eu também não. Mas você desistiu!”

**“Espere por mim, amor,
eu vou voltar para você, para nós...
Por que não me atendeu?”**

Se por um lado ler isso é um alívio, por outro a sua ausência ainda dói.

“Estou horrível, me sentindo um idiota! Desculpe”

**“Amor, eu também estou, mas quando fecho os olhos,
eu sinto seus braços ao meu redor.
Sei que a distância não pode nos separar.”**

“Mas não é fácil, não acredito que ele te tirou de mim...”

“Não tirou, ninguém pode tirar.”

***“Estou sentido uma angústia tão grande
nessa escuridão do meu quarto, busco resíduos de você,
mas não tem. Quero dormir e acordar
só quando você estiver ao meu lado de novo.”***

Confesso, esperando que Elena entenda como dói estar sem ela.

***“Vou convencê-los de que você é diferente,
que eu te amo e preciso de você.”***

“Seu pai é idiota, e eu não sou diferente, Elena, sabe disso.”

***“Ele só é pai, e como todo pai, se preocupa e
ainda convive com o lado obscuro das
drogas todos os dias. Acho que
tudo foi por medo,
mas ele exagerou, não
tinha o direito de te tratar assim.
Peço desculpas por ele.”***

Emily entra no quarto e traz o jantar em uma bandeja, então volto a me sentar na cama e como enquanto troco mensagens com a Elena. Ao presenciar a cena, minha mãe sorri, mas não faz objeções, só vai ao closet e volta com um par de meias, que calça em meus pés, em seguida sai do quarto.

***“Não o odeio, porque tenho você e você veio dele,
ainda que o ache idiota... Já sabe quem contou?”***

“Não, ele disse que não me interessa, rsrs.

***“Perdoe-me por fazer você passar por isso,
eu te amo tanto. Estou me sentindo tão mal
sem você aqui. Se não voltar até quarta,
juro que encontro seu endereço e vou te buscar...”***

***“Eu te amo, amor, estou chorando feito boba,
não posso ficar longe de você, não sei
se vou sobreviver. Mas não quero que você
venha agora, vamos esperar até sexta,
enquanto isso, continua assim...”***

Promete que vai me esperar?”

“Como não vou te esperar, se meu coração foi junto com você, Elena? Estou implorando para te ter aqui, mas sei que não vai chegar por essa droga de porta.

***Olho as horas e fico nervoso por ver o tempo passar e”
“não poder passá-lo ao seu lado. Estou me sentindo como uma criança, impotente sem você, e não sei o que fazer para acabar com essa angústia...”***

“Queria estar aí, mas não há nada que posso fazer, a dor é forte, e não sei viver na sua ausência...

Quero acreditar que está aqui comigo!

Leio e me apego a cada palavra.”

“E estou, assim como você está aqui.

Um dia, a minha mãe me disse que eu iria me arrepender por cheirar coca.

Sei que é por um breve momento, mas estou arrependido agora, se pudesse apagar

tudo só para ter você aqui, eu faria sem protestar...

Tem ideia do quanto eu te amo? Do quanto sinto sua falta?”

Termino de jantar, desço com a bandeja, Emily e Erick sorriem ao me verem atento ao celular, então volto ao quarto.

“Estou horrível, me sentindo um lixo, acho que deveria ter ido com você, mas não sei magoar meus pais... Você me perdoa? Eu magoei você.”

“Está tudo bem, eu não esperava que você me escolhesse mesmo...

De certa forma, agradeço a Deus por você não poder me ver agora, estou sem chão. Desejando você sem ter você... Olhos fixos na parede e implorando para que você realmente sinta o que estou sentindo por não tê-la... Sinto tanto a sua falta, que se tivesse tido a opção, teria ido com você...”

“Sinto-me péssima por isso. Eu te amo

mais que tudo e vou voltar para você...

A cada mensagem, eu sinto a dor ser anestesiada.”

“Volta para mim, Elena, por favor... Te amo.”

Eu me deito na cama e continuamos trocando mensagens até que ela para de me responder. Emily vem ao quarto e pergunta se já escovei meus dentes, então eu a encaro com aquela expressão de “é sério isso, mãe?”.

— Vai escovar — ela diz e sorri.

Faço o que ela manda rapidamente antes de me deitar ao seu lado.

— Vai à faculdade amanhã? — pergunta e sei o que quer ouvir.

— Vou.

Ela me beija, continua me abraçando. Novamente eu tenho certeza que quando ela disse que ia ficar tudo bem, sabia do que estava falando. Eu pego o telefone de novo e envio várias mensagens para a Elena até finalmente conseguir dormir um pouco.

Quando o alarme do telefone toca, eu desperto assustado e tossindo um pouco. Emily já levantou, então eu me arrumo rapidamente e depois de tomar café com ela e Erick, agradeço pela noite e me despeço.

Como ainda é cedo, eu vou para casa pegar a minha mochila e ao sair do meu quarto eu me deparo com a Jay, que nem sei se notou que não dormi em casa. Antes de sair, envio outra mensagem para a Elena. Mesmo tendo as suas promessas, eu a quero aqui para cumpri-las.

“Eu te amo... Não sei viver sem você, nem mesmo sobreviver... Fecho os olhos e vejo você... Acho que perdi meu coração, não o sinto bater... Você o levou.

Pode me devolver? Já são sete e meia, vou para a faculdade...”

Fico alguns minutos esperando, mas ela não manda nenhuma mensagem, então sigo para a faculdade. A cada intervalo que tenho, eu envio uma mensagem a ela, mas como Elena não responde, acredito que ainda esteja dormindo.

Depois de fazer uma prova, acabo encontrando o Keven e mesmo não querendo olhar para ele, percebo que o cara também está abatido. Antes de sair do refeitório, ele vem até a minha mesa.

— Elena pediu para dizer a você que vai voltar — ele diz, em seguida, engole em seco e permanece à minha frente.

— Ela já me disse, mesmo assim, obrigado — digo, querendo que esse cara desapareça.

Ele me dá as costas e quando acho que ele vai finalmente desaparecer, ele dá meia-volta e se me encara de novo.

— Elena é tão pura e frágil, sinceramente, se a amasse como diz, deveria dizer a ela para não voltar. Você sabe que ela merece muito mais do que você pode oferecer. — Agora ele parece irritado. Nunca fiz nada para esse cara, não sei por que esse desprezo por mim.

— Vai à merda, imbecil. Você não tem nada a ver com isso. Já deu o seu recado, agora vaza! — rebato, irritado.

— Você não quer admitir, mas olha o problemão que causou na vida dela e sabe que isso é só o início. Você nunca poderá fazê-la feliz.

— Olha, se não der o fora agora, vou fazer você dar.

Ele sorri com deboche, me encarando.

— Eu dar o recado não significa que desisti dela. Eu vou lutar por ela, Elena não merece ter a vida destruída por um viciadinho como você — fala com arrogância, fazendo com que eu me sinta péssimo.

— Foda-se você e o que pensa de mim, seu idiota! — Eu me levanto, ele então se intimida e sai.

É uma merda escutar que nunca serei bom o suficiente. Agora parece que todos se acham no direito de me ofender. Depois disso, sequer tenho condições de continuar aqui. Se a intenção é me fazer sentir pior, esse imbecil conseguiu. Se fosse antes, eu estaria pouco me lixando para as acusações dele, mas como estou frágil demais, tudo isso me atinge em cheio e não consigo mais ficar aqui.

O dia passa e é uma merda ter Elena somente através de mensagens. À tarde, eu imploro para ela me deixar buscá-la, mas ela sequer cogita a ideia de passar o endereço. Às sete da noite estou desesperado querendo meus cinco minutos ao seu lado. O vazio me consome, então cheiro muita cocaína e tento a todo custo ficar chapado para esquecer a dor, mas, no fim, a descida acaba sendo bem pior. Não sei lidar com a dor, não sei lidar com a ausência dela, então eu cheiro, bebo, fumo, injeto e faço todas as loucuras para tirar isso de mim.

Durante o dia eu fingi seguir com a minha vida. Isaac me ligou e

estava tão chapado, que sequer faço ideia do que falamos. Passei a cheirar cocaína de hora em hora, em qualquer lugar. Na minha conta bancária já não resta mais um centavo. A minha vida se resume a ter Elena no celular, cheirar cocaína, ficar chapado, tossir pra caralho, viajar em Elena, chorar por Elena. Como se não bastasse, a tosse piora muito e eu passo a sentir dor nas costas. Sei que eu não deveria ignorar os sinais, mas a cocaína me ajuda a continuar seguindo, ela me faz ligar o foda-se. Inclusive o foda-se, Maycon.

Nos poucos minutos que fico sóbrio, eu sinto que meu corpo não está bem, tenho febre alta, vômito e perco totalmente o apetite. Estou realmente mal fisicamente e, se não bastasse isso, ainda choro por Elena. A depressão me pega de jeito e eu começo a achar que ela não vai querer voltar para a minha vida.

Começo a estranhar a atitude de Jay, ela em momento algum perguntou o que está acontecendo. Ela me viu afundar e sequer teve consideração de saber o que está rolando aqui. Mesmo cheirando cocaína pra caralho, nada alivia o mal-estar. Sei que estou debilitado, mas preciso tirar essa história a limpo, então bato à porta do quarto da Jay e levo um susto quando eu a vejo fazendo as malas.

— Está indo a algum lugar, Jay? — pergunto, muito puto por ela estar fazendo isso de forma covarde. Jay se levanta, me encara, mas não diz nada. — Jay, eu estava aqui pensando, o pai da Elena descobriu sobre nós, na verdade, alguém avisou — continuo com olhar firme.

— Por isso está nessa depressão? Por que ele a levou? Fala sério, Maycon — diz com ironia e sem se dar conta que acaba de confessar que foi ela.

Ah merda!

— Como sabe que ele a levou? — retruco e ela se assusta ao perceber o que fez.

Dou dois passos em sua direção e ela recua.

— Realmente queria ter acreditado que foi o Keven, mas ele não ganha nada com Elena longe. Mas quem ganha com Elena longe? Tipo, quem não nos quer juntos? Sabe de alguém, Jay? — Jogo as palavras, agora ela está claramente desconfortável.

— É melhor ele ter descoberto agora do que depois. Por que a tempestade? Uma hora ia acontecer, não?

— Com certeza! Mas quem ligou? — insisto e ela desvia o olhar. —

Por que está indo embora?

— Acho que já deu para nós, não suporto você e...

— Elena juntos. Sei disso. Daí resolveu falar com o pai dela. E agora está fugindo com o rabinho no meio das pernas, porque não quer ter que me encarar e dizer que foi você. — Tenho um ataque de tosse e sinto dificuldade de respirar.

— Não é por isso. Apenas acho que chegou a hora de trilhar o meu caminho, fazer as minhas apostas. Você mudou, Maycon, não acrescentamos mais um ao outro em nada. Porém, antes, vou confessar que realmente liguei por tolice ou um desespero banal de ter você de volta. Só que não se pode ter o que não é seu, e você não é meu. Aprendi isso. Então, adeus.

É decepcionante ouvir isso. Mesmo com dificuldade para falar e respirar, eu continuo:

— Dói saber que foi você. De longe, essa é a minha maior decepção, Jay.

— Doe a perder você para ela também — ela revida, querendo tirar a própria culpa.

— Que porra, Jay, você é burra mesmo. — Tenho outra crise de tosse. — Como me perdeu, se eu estou todos os dias com você? — grito.

— Grita mais alto, talvez consiga me assustar — diz em tom calmo.

— Se quisesse te assustar, minha atitude seria outra, você me conhece e sabe disso. Estragou tudo, finalmente conseguiu com o seu showzinho barato. Só que ele falhou, não vou me separar da Elena como você pensa. Está decepcionada? — Dou um sorriso irônico forçado, antes de ter outra crise de tosse acompanhada de uma insuportável dor nas costas. — Por que fez isso, Jay? Por que fez isso comigo? Onde eu errei com você? — Deixo a minha mágoa sair em forma de palavras tentando não chorar.

— Não me faça perguntas que já tem respostas — diz de maneira esnobe, me deixando mais puto ainda.

— Não vai embora sem me dar essas merdas de respostas, porque não sei como encontrá-las. E não vou assumir a culpa dessa vez.

— Achei que era o melhor. Eu achei que quanto mais cedo ele soubesse, seria melhor para você, não ia sofrer tanto. Mas errei e sinto por isso. Não suporte a ideia de ver Elena tomar o meu lugar.

Eu a encaro com ódio e muita mágoa.

— Ela não tomou o seu lugar, não é a mesma coisa, porra.

— Para mim é!

— O quê? — pergunto, confuso.

— Não faz diferença mais, sentimentos que nunca foram ditos se tornam inexistentes. Achei que era para sempre, mas eu perdi você para ela — ela insiste na merda do assunto e isso me irrita.

— Você é louca. Não me perdeu para ela, perdeu para o seu egoísmo, para a sua loucura. Acabou para mim, Jay.

— Você me esqueceu, Maycon, esqueceu tudo que passamos em dois meses que passou ao lado dela. — Jay finalmente deixa as lágrimas caírem.

— Isso não tem nada a ver com a Elena, isso é entre mim e você. Não pensei que fosse capaz de me trair assim. — Volto a tossir e chego a perder as forças, então me apoio na porta para não cair.

— Maycon, eu...

— Cala a boca, porra! Machuca ouvir você. Sei o que está pensando e não preciso das suas razões. Pelo menos foi sensata ao querer ir embora. Boa sorte, siga o seu caminho.

— Você é bom, Maycon, você é realmente bom. Nunca pense o contrário.

Eu fico com vontade de dizer algumas verdades, mas está doendo vê-la partir. Ela vem em minha direção e quando passa por mim, se detém por segundos, mas sai sem dizer nada.

Dói pra caralho. Eu sei que já errei muito com a Jay, mas sempre tentei corrigir meus erros e tentar acertar, e vê-la indo embora como se não fôssemos nada é difícil de encarar.

— Não vai ser fácil me acostumar à sua ausência, Jay, mas vamos confessar que ambos já estávamos meio ausentes.

Ela para e se vira novamente.

— Acreditava que eu era mais que alguém nessa casa.

— Você sempre foi, estou magoado por estar longe da Elena, porque eu a amo e ela me ama. Mas estou morrendo pelo que me fez, Jay. No fim, sabemos que o para sempre pode durar anos, dias ou horas... Mas uma hora acaba também. Eu estou cansado de tentar segurar as pessoas ao meu lado, de tentar provar que sou bom, que também mereço. Cansado de lutar. Não há mais por que continuar e não vou prendê-la ao meu lado. Pode ir. Se chegou ao ponto de fazer isso comigo, é porque a amizade, o respeito e o amor se foram. Espero que seja feliz e encontre o seu caminho. Realmente desejo a

você o melhor da vida.

Eu me viro e sigo para o meu quarto, mas percebo que tem algo muito errado comigo. Faço um esforço surreal para dar poucos passos, e quando vou abrir a porta do quarto, minha visão escurece, perco o equilíbrio e tudo apaga.

Capítulo 31

Emily

— Feliz por ter seu bebezão de volta? — Erick pergunta após nos despedirmos de Maycon e vê-lo partir.

Eu sorrio. Apesar de ver que ele está melhor, meu coração está aflito e não faço ideia do porquê.

— Ah, não fala assim, meu filho é tão maravilhoso. — Minha voz sai em um tom inquietante e Erick sorri. Ele sabe o quanto isso significa para mim. — Ele parece estar bem melhor, não parece? — falo ao me virar em sua direção.

— Parece sim, querida. Maycon é inteligente, um garoto esperto, vai sair dessa e ficar bem. Não se preocupe. — Ele me abraça e logo em seguida beija meu rosto. — Temos que ir, caso contrário, iremos nos atrasar — sussurra em meu ouvido.

Eu olho para o seu rosto cansado e seu sorriso confortador, então vejo todas as suas marcas de expressão e me sinto feliz por ter escolhido um homem mais maduro. Na época, alguns acharam que foi por despeito por Isaac ter se envolvido com uma garota que tinha idade para ser a minha filha, mas não foi. Eu vi em Erick a oportunidade de oferecer a Maycon uma figura paterna forte e ao mesmo tempo acolhedora. Pena que não funcionou.

Desvio o olhar ao me lembrar de quando aceitei sair com Erick. Foi um tempo após a separação e eu ainda estava machucada, me sentindo impotente e inferior, tão ferida que por vezes me retraía como um animal enjaulado. Isaac havia acabado de assumir Jeniffer depois de várias rejeições da minha parte e eu sabia que ele estava fazendo aquilo pela filha. Como me ter de volta não era mais uma opção, ele acabou cedendo a essa união.

Óbvio que eu tentava deixar transparecer que isso não causava nada em mim, mas essa era a mentira que eu decidi tornar verdade. Além da dor, ter que encarar os nossos amigos que não sabiam das suas tentativas em manter o casamento, a vergonha e a mágoa por agora levar o título de ter sido trocada por alguém tão jovem, me sufocavam. Eu queria muito sair daquele pesadelo, mas o orgulho me obrigava a fingir ser forte, a fingir que ele não conseguia me atingir, mas era uma máscara, eu estava em pedaços. Acreditava que aquilo era o inferno, meu inferno particular. Mas eu só desmoronava em casa, tendo meu filho como testemunha da minha ruína.

Estava muito magoada com Isaac, ausente para Maycon e sem saber como lidar com a situação. Queria a todo custo substituir Isaac em minha vida, na vida do meu filho e, conseqüentemente, em meu coração. Mas cometi um grave erro, não se substitui um grande amor assim, muito menos um pai tão presente e maravilhoso como Isaac sempre foi. Eu coloquei a minha dor acima da dor do meu filho e sequer dei atenção a tudo que ele estava passando.

Maycon tinha Isaac como um herói, ambos tinham um imenso amor pelo outro, uma ligação e cumplicidade linda, e eu os forcei a romper isso.

Eu acreditava que não existia dor pior que traição e continuei com essa crença até descobrir que Maycon estava envolvido com drogas. A princípio, achei que era apenas para chamar atenção, um baseado de maconha, um ou dois cigarros, nada muito além. Maycon sempre foi inteligente e eu quis acreditar que a situação estava sob controle, que era uma fase e iria passar quando ele se cansasse daquilo.

Eu tentei ignorar toda situação até ficar sem notícias dele por dois dias. Maycon chegou em casa tão drogado, que sequer me reconheceu. Nessa noite, eu fui apresentada para a verdadeira dor, a de ter que encarar que meu filho se tornou viciado em cocaína e não saber como o ajudar.

Depois de ter certeza que era verdade, que estava acontecendo bem na minha frente, passei não somente a conhecer, mas a viver no inferno. Conheci a verdadeira dor da impotência, a dor de ver meu filho dominado pelas drogas, a dor de dormir e implorar a Deus para que quando acordasse meu filho estivesse vivo.

Isso foi um divisor de águas. Isaac e eu deixamos todas as mágoas de lado, todas as brigas e percebemos, tarde demais, que Maycon era o mais importante. Foi quando me dei conta do erro que cometi. Foi quando percebi que Jeniffer ou Jessica não me causavam nada em relação a dor que era ver Maycon se autodestruindo. Ver o meu filho naquela situação me fez reconhecer a minha parcela de culpa, e mesmo que quisesse, não conseguiria tirar meu filho sozinho desse mundo.

Ironicamente, Isaac e eu iniciamos a nossa luta juntos. Tirar o nosso filho dessa situação era mais importante que qualquer desavença. Mas quanto mais tentávamos, mais Maycon se afastava de nós. Ele estava deixando de ser nosso pequeno gênio, as drogas o mudaram completamente e eu vi meu filho tão doce se tornar debochado, agressivo e pouco se importar em me magoar.

Eu aprendi de uma maneira cruel que nossas escolhas de hoje determinam nosso caminho de amanhã. Depois disso, não foi difícil conseguir olhar para Jeniffer sem sentir ódio. E para conseguir salvar o Maycon, entendi que precisava da ajuda de todos e me perdoar. Somente depois do perdão é que entendi que Jessica não tinha culpa e pude aceitá-la como vítima também.

Foi através da dor que eu reconheci meus erros. Hoje estou mais tranquila quanto ao passado e feliz por Isaac também estar bem, não bem como esperávamos e planejávamos estar, mas juntos estamos lutando por Maycon e, independentemente de estarmos separados, sempre estaremos aqui por nosso filho.

Hoje sei que Isaac e eu nos apaixonamos jovens demais, planejamos cada passo como se a vida permitisse ser esquematizada, como se nada pudesse nos separar, mas nenhum dos dois poderia prever o nosso futuro. E embora eu saiba que sempre existirá em nós um pouco daquele amor, também sei que não seríamos felizes juntos, não depois de tudo que houve, mas chegaremos a esse ponto quando Maycon se libertar do vício. Mesmo sentindo toda a dor de ver meu filho nessa situação, eu não perco a esperança e, hoje, todas as minhas orações estão destinadas para a vida dele.

Ainda com o coração aflito, eu vou ao meu quarto e termino de me arrumar. Eu irei me encontrar com Isaac e mesmo que tenha me habituado com a frieza desses encontros, sempre surge algum pensamento difícil de ignorar, mas sei que não dá para evitar. Não quando já se foi tão íntimo de alguém, porém, por respeito a Erick, eu mantenho uma barreira que só é quebrada quando a vida do nosso filho está em questão.

Erick irá me deixar no trabalho e só depois irei me encontrar com Isaac. Meu telefone vibra e vejo a mensagem de Isaac dizendo que irá se atrasar. Não reclamo, assim terei tempo de analisar os prazos e contratos da Callier.

Como todos os outros dias, sei que esse será estressante, ainda mais por sentir esse aperto no peito. Mas mesmo inquieta, eu tenho trabalho a fazer e ele inclui checar os e-mails que Isaac me enviou ontem. Como tive audiência durante todo o dia, deixei para fazê-lo em casa, porém Maycon esteve aqui e como essas aparições são raríssimas, eu me dediquei a ele.

Vou para a minha sala, e enquanto checo os e-mails as horas passam.

O pequeno atraso de Isaac se tornam horas, mas com isso preparo toda a papelada necessária. Adianto o meu trabalho e já com tudo em mãos, saio para almoçar e envio uma mensagem a Maycon perguntando se está tudo bem. Ele não visualiza e apesar de tentar não pensar a respeito, o sufoco no peito é quase insuportável, mas ele esteve lá em casa, não quero que pense que estou incomodada.

Quando estou saindo da empresa com a papelada em mãos para uma última análise, meu telefone toca. Isaac.

— Emily, terminei agora. Podemos almoçar juntos e já irmos adiantando?

— Vou ter que te dispensar, Isaac, eu já almocei e... — Tento arrumar uma desculpa, sei que Jeniffer é muito ciumenta e quero evitar qualquer problema com ela, mas antes que eu possa atravessar a rua, ele para o carro na minha frente e abre o vidro, sorrindo.

— Não pode negar, não na minha frente — diz, sorrindo com charme, então acabo sorrindo também.

Sem muitas opções, eu entro no carro e ele vira à direita. O Spollete fica bem longe de onde estamos, mas sei que é para lá que estamos indo. Isaac definitivamente parece não conhecer outro restaurante.

— Como vão Jeniffer e Jessica? — pergunto sem encará-lo, querendo quebrar o silêncio desconfortável.

— Bem — diz com indiferença. — Ultimamente tenho voltado tarde para casa, então acho que estão bem.

— Alguns hábitos não mudam — sorrio e ele retribui.

— Os seus mudaram, não costumava me dispensar assim — diz espontaneamente e sua frase é o suficiente para tornar tudo desconfortável novamente.

Ao chegarmos, é quase como ver a mesma cena que presenciei com ele e Jeniffer. A recepcionista sorri ao vê-lo e, julgando pelo seu sorriso, sei que assim como a maioria das mulheres, ela é suscetível ao seu charme.

Isaac se senta à mesa que ela nos indica, acho que eles sempre têm algo reservado para ele, e após cumprimentar o dono, nós nos acomodamos de frente para o outro. Eu escolho salada e peixe, ele prefere espaguete. Almoçamos quase que em silêncio, os poucos assuntos giram em torno de novos negócios e marketing, nada que realmente adiante o meu lado.

Após o almoço, seguimos para a Callier e na recepção ele diz à sua

secretária que não quer ser incomodado. Entramos em sua luxuosa sala e, mesmo com toda a sua decoração me servindo de ótima distração, nós nos perdemos entre contratos e propostas.

A tarde passa e quando falo em ir embora, Isaac insiste para que eu veja seu novo projeto, então cede a sua cadeira e eu me sento de frente para o seu computador, enquanto ele se acomoda ao meu lado. Agora posso sentir a sua respiração, então evito olhar em seus olhos, mesmo mediante das suas explicações. Ele me mostra os novos investimentos e resultados de testes para novos medicamentos. E agora, aqui, tão próximos, nossas memórias tão antigas que estavam presas em um passado quase extinto batem à porta.

Minhas tentativas frustradas em não o encarar por mais que cinco segundos não funcionam bem, e eu me forço a ficar concentrada em qualquer coisa que não seja ele ou lembranças de quem éramos. Porém em algum momento, ao reparar na foto ao lado, eu me detenho nela – Isaac, Jessica, Jeniffer e Maycon. É surreal, o choque é grande. Somente quando observo os pequenos detalhes é que percebo que é uma montagem. Meu filho estava com nove anos, Jessica sequer tinha nascido, e onde agora elas estão na fotografia, apesar de ter sido cortada da foto, era eu ali, abraçando Maycon, ela se colocou exatamente no meu lugar. Confesso que é um trabalho quase perfeito, mas conhecendo o meu filho como o conheço, sei que ele jamais se permitiria ser abraçado por sua madrasta. Sorrio ao pensar em sua reação se visse essa foto.

Minha memória volta ao dia que tiramos a foto, então observo seu sorriso. Era uma típica manhã de domingo, sempre levávamos Maycon ao parque. Quase posso ver as crianças correndo com seus pais na grama, senhoras mais velhas sentadas nos bancos, enquanto alguns homens folheiam jornais.

Maycon tentava me convencer de que eu estava sendo enganada pela minha vendedora de cosméticos rejuvenescedores. Ele havia lido um livro de bioquímica e no momento nos explicava que as partículas de colágeno que diziam ser encontradas nesses cremes anti-idades eram grandes demais para serem absorvidas pela pele. Ele explicou até mesmo em quais alimentos encontrar colágeno e como o organismo fazia a quebra e produção do mesmo.

Maycon estava tão disposto a me convencer, que só parou de falar quando prometi que não compraria mais. E quando Isaac perguntou se poderia tirar uma foto com nosso gênio, ele concordou, mas não sem antes

dizer qual a melhor posição por causa da luz.

Maycon era isso, não deixava passar nenhum detalhe. Depois de se posicionar no que ele julgou ser o melhor lugar, eu me aproximei e ele sorriu ao meu lado, me abraçando, então Isaac se juntou a nós e tirou a foto. E hoje, anos depois, aqui está a lembrança de como seu sorriso era verdadeiramente lindo, e apesar de eu ter sido cortada, ainda é uma bela foto.

— Parabéns pela linda família — brinco.

Ao perceber o meu olhar atento, ele encara a foto.

— Jeniffer fez isso — diz, sem jeito. — Ela queria uma foto em família e como sabe que Maycon não aceitaria tirar uma foto com elas, optou por uma montagem — ele se justifica.

— Ficou bom — digo.

— Ficou péssimo, mas tanto faz. — Isaac agora parece sem jeito e sei o que dizer para suavizar o clima.

— Não pretendia te contar, mas Maycon dormiu comigo ontem.

Ele arregala os olhos, surpreso.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta, ainda impactado pela confissão.

— Não, mas parecia chateado com uma garota — sorrio sem jeito e Isaac solta uma gargalhada.

— Ele está apaixonado!

— Não posso afirmar, mas ontem chegou deprimido, não quis falar o porquê, depois eles conversaram pelo telefone. Queria dizer que ele ficou bem por ter recebido colo de mãe, mas só aconteceu depois de conversar com a garota — admito, fazendo beicinho.

Isaac ri, puxa uma cadeira e se senta ao meu lado.

— Sabe que ele te ama — sorri. — E sabemos que em algum momento iria acontecer — ele se justifica, então sorrimos. — Ainda tem ciúme?

— Não é ciúme, só não quero que ele sofra, por nada.

— Não temos controle sobre isso, Emily.

— Eu sei, se tivesse, eu...

— Estaríamos juntos até hoje — Isaac diz e, em seguida, toca a minha mão. — Você ainda pensa nisso? Em como estaríamos hoje?

— Isaac, por favor — digo.

— Quase sempre eu penso. Parece ridículo, mas ainda sinto falta de

quem éramos. Sinto falta do Maycon e de como ele era tagarela. Hoje ele é tão retraído, mal conversa comigo. Ele se fechou tanto em seu mundo, que por vezes eu não faço ideia de como recuperar o que um dia fomos. — Isaac comprime os lábios, emocionado.

Olhando em seus olhos e vejo Maycon, vejo nós.

— Acha que tudo isso foi pelo divórcio?

— Por muito tempo eu insisti em me culpar por isso. Porém Maycon sempre foi uma criança inteligente, ele precisava ter frequentado uma escola que atendesse às suas necessidades. Jordan disse que até mesmo isso influenciou. Sei que não gosta de falar sobre o passado, mas hoje vejo que ele precisava de ajuda e falhamos ao não perceber isso. Porque ao mesmo tempo que era tão inteligente, não sabia lidar com emoções. Lembra quando ele ficou dois dias só chorando sem nos contar o motivo? — Confirmo. — Emily, nós insistimos tanto, e só depois de dois dias é que ele contou que seu projeto com sementes havia fracassado.

— Jordan falou sobre isso?

— Jordan disse que ele precisava ter ajuda para desenvolver melhor a sua grande capacidade de raciocínio e sua energia. Nós dois não conseguiríamos sozinhos e erramos ao tentar. — Ficamos em silêncio, pensativos.

— Se arrepende por ter tido o Maycon?

Isaac olha em meus olhos, aturdido.

— Eu amo muito meu filho, Emily, e o único arrependimento que eu tenho na vida até hoje foi por ter errado e perdido você. — Ele toca meu rosto, me acariciando. — Não importa quanto tempo passe, sabe que sempre vou estar aqui por vocês — diz, me encarando, então desvio o olhar.

— Isaac, por favor — digo e ele se afasta, sem graça. Meu telefone toca e eu me levanto para pegá-lo. Erick. Decido não atender, mas envio uma mensagem dizendo que estou a caminho. Deus! São quase sete da noite. — Isaac, eu preciso ir — insisto.

— Me desculpe, tem razão. É melhor concluirmos — diz e eu concordo.

Apesar de toda tensão em sua sala, evitamos as palavras e isso torna a volta mais tranquila. Às sete e meia da noite, ele me deixa em casa, então nos despedimos brevemente e eu entro. Ao encontrar Erick na sala, eu me aproximo e o beijo.

— Como foi, querida?

— Bem. Mandeí mensagens a Maycon, mas ele não me respondeu até o momento.

— Não se preocupe, ele deve estar bem. Mudando de assunto, podemos jantar fora hoje? — sugere.

— Claro, querido, preciso apenas de um banho rápido.

Ele sorri e volta a me beijar. Subo para o meu quarto e antes do banho ligo novamente para Maycon, mas ele não me atende, então tomo um banho e me arrumo o mais rápido possível.

— Você está linda! — Erick diz ao me ver na escada, então eu me aproximo e o beijo novamente.

Já na porta, meu telefone toca e me surpreendo ao ver que é Jayde. Um gelo percorre meu corpo e eu fico paralisada olhando para a tela.

— Emily, o que foi? — Erick pergunta ao notar que algo está errado.

Sem coragem, atendo ao telefone e as palavras a seguir tiram o meu chão.

— Não sei o que está acontecendo, mas Maycon está mal — Jayde diz e o desespero vem com às lágrimas.

— Estou indo! — É tudo que consigo dizer.

— Emily, o que foi? — Erick insiste, desesperado.

— É o Maycon, precisamos ir agora.

Erick rapidamente tira o carro da garagem e, ainda em choque e trêmula, começo a implorar a Deus por sua vida.

— Não vai dizer a Isaac? — ele questiona.

Com o telefone na mão, eu ligo para o seu número, mas chama até cair. Ligo novamente e Jeniffer atende.

— Jeniffer, preciso que Isaac vá para casa do Maycon. Aconteceu alguma coisa com ele — falo, chorando.

— Nossa, mas ele acabou de chegar. Precisa mesmo ser agora?

Suspiro irritada e desligo o telefone sem responder. Os minutos seguintes são surreais e quando chego à casa dele, no portão, Jorge me informa que ele foi levado para o hospital do centro. Erick vira o carro, enquanto tenta me tranquilizar.

Chegamos e mal espero que Erick estacione, corro para a emergência e pergunto à recepcionista, mas antes que ela me informe, vejo Jayde no corredor então me aproximo, desesperada.

— O que aconteceu, Jay? — pergunto.

— Ele parecia gripado, mas parecia ser só isso. E agora, à noite, ficou pior. Estávamos conversando e ele desmaiou — diz, chorando.

— Foi overdose? — questiono em um sussurro.

— Não.

— Tem certeza? — insisto.

— Nunca vi uma assim. Acho que tem a ver com essa gripe. Não sei.

— Ele andou exagerando?

— Sim — Jayde confirma e eu perco as forças, morrendo de medo de perder meu filho.

Erick me abraça e os minutos seguintes são cruéis, sequer consigo dizer algo, a única coisa que faço é chorar e implorar a Deus por sua vida. É cruel ficar sem notícias, é cruel uma mãe passar por isso.

Somente após quase três horas, um médico vem em nossa direção.

— Acompanhante de Maycon Sebastian? — Nós nos aproximamos dele. — Os dois pulmões estão tomados. Os primeiros resultados indicam que é uma pneumonia e está em estado bem avançado. Foram detectados altos níveis de concentração de toxicológicos no sangue. Nós o manteremos no respirador para poupar os pulmões. Infelizmente, seu sistema imunológico está bem fragilizado. Estamos fazendo o possível e já iniciamos o tratamento com antibióticos. Ele foi transferido para a UTI e se quiserem podem esperar no andar. Fica no sexto. Quando for liberado, podem vê-lo. Devido à gravidade da infecção, nós o sedamos para melhor administração do tratamento. Alguma dúvida?

— E quando vão tirá-lo da sedação? — pergunto, tentando me prender a pequena esperança de que ele irá ficar bem.

— Assim que obtivermos melhoria em seu quadro, nós o faremos. Porém agora é necessário mantê-lo assim.

O médico passa todas as informações e, por fim, Erick o agradece.

Subimos para o sexto andar e ficamos aguardando na recepção. É surreal. Meu filho esteve comigo ontem, por que eu não percebi que tinha algo errado? Que merda de mãe eu sou? Deus, não deixe que isso seja uma despedida. Eu imploro!

Escuto uma voz familiar, mas estou desolada, somente quando vejo Isaac é que vou em sua direção, então nos abraçamos.

— Isaac, nosso filho, nosso menino — digo entre lágrimas.

Ele continua me abraçando.

— Emily, vai ficar tudo bem — sussurra.

— Você promete?

— Eu prometo.

Hoje, mais do que nunca, eu quero acreditar em suas promessas, quero o meu filho ao meu lado, ainda que eu tenha que me sacrificar por isso.

Capítulo 32

Escuto uma voz distante, e essa voz traz um despertar doloroso e confuso, principalmente quando não se percebe com clareza do porquê estar despertando ou como se chegou a isso. Minha mente caótica busca por resíduos de onde estou. Ainda distante, eu posso escutar a voz que continua chamando por meu nome, mas me sinto debilitado demais para conseguir responder ou abrir os olhos. Porém cada vez mais próxima, a voz começa a ganhar vida, se tornando mais nítida.

— Maycon, pode me ouvir? — insiste, mas não há familiaridade alguma da qual minha mente fraca possa recordar. — Maycon. — Agora parece próxima demais, eu a sinto ecoar dentro da minha cabeça e esse fato começa a me incomodar.

— Maycon, pode abrir os olhos? — questiona.

Não tenho forças, no momento, eu sinto como se cada célula do meu corpo estivesse se desintegrando, e do mesmo jeito que a voz ecoa na minha cabeça, a dor começa a tomar lugar em meu corpo.

Sinto cada pequena parte dolorida, meus ossos pesados parecem rasgar a minha pele, o respirar é penoso, e posso sentir o quanto estou cansado. A sensação de estar sendo arrancado do meu lugar de descanso e cair diretamente na minha merda de vida vai se apoderando de mim e, lentamente, eu obedeço a voz que fala do outro lado, seja lá que porra é esse outro lado.

Sentir meu corpo frágil é desesperador, agora, além da voz, escuto as batidas do meu coração. Pensamentos acelerados correm pelo meu grande cérebro e todos eles me dizem que algo está errado. Outros sons começam a ganhar vida e, novamente, a voz insiste que devo abrir os olhos. Lentamente, consigo abri-los e, após segundos me acostumando com a luz que parece queimá-los, vejo um médico e uma enfermeira à minha frente. Seus rostos joviais me são estranhos, então olho à minha volta e não faço ideia do porquê estou aqui, mas pela quantidade de aparelhos ligados ao meu corpo, o soro gelado que agora sinto entrando na veia e a preocupação evidente em seus rostos, indicam que novamente ultrapassei o meu limite e fiz merda.

— Maycon — o médico se aproxima —, eu sou o doutor Eddy Charles, estou cuidando do seu caso.

Ouvir a palavra caso me faz rir internamente. Se ele realmente entendesse o caso aqui, daria como perdido, mas a sua evidente inexperiência o faz acreditar que realmente está cuidando desse caso perdido cujo nome é Maycon.

— Como se sente?

Sua pergunta me leva há várias possíveis repostas, e seja lá qual porra acredita ser meu caso, ele parece realmente convicto que pode cuidar disso. E, para a sorte do digníssimo doutor, esse é um jogo do qual gosto de jogar, sei as regras.

— Cansado — digo sem ter certeza se a minha voz saiu ou se foi apenas na minha cabeça.

— Normal. — Faz uma pausa e sei o que vem a seguir.

Ele começa a falar, sem citar diretamente a palavra milagre, que tenho sorte por estar aqui. Esses são os milagres desnecessários que ocorrem em minha vida, e acredito eu que as orações de Emily têm parte nisso. Mas essa é a minha porra de vida e, sinceramente, desisti de tentar entender como se faz suas equações.

Ele continua falando que estou acabando com a minha saúde e seria até interessante escutar se eu tivesse um cigarro para fumar, assuntos tediosos caem bem com um cigarro, mas não tenho, e estando no oxigênio, seria ridículo pedir.

Ele continua com seu falatório a respeito do meu quadro clínico, mas se conhecesse bem esse caso, saberia que não me importo. Percebo pela sua conversinha chata que estou há um tempo aqui. Então, automaticamente, meu cérebro de viciado se preocupa em saber o tempo exato, temendo ter que encarar uma crise de abstinência. A simples ideia me deixa apavorado. Meu cérebro então procura uma solução rápida – morfina.

Eu encaro o doutor, como eu disse, é um jogo e eu sei como jogar. Apesar de não sentir dor o suficiente para uma dose de morfina, não posso entregar os pontos, não sem antes ter certeza de que vou poder dar o fora daqui rápido, porque, no fim das contas, foda-se a minha saúde, só não quero encarar a droga da abstinência.

Meus pensamentos correm a milhas tentando preencher as lacunas, então penso em Elena e em como agora as minhas chances, que já eram quase nulas, são inexistentes. Como convencê-la que, apesar da overdose, ainda posso controlar? Sei que ela dará razão ao pai e é uma merda, porque estamos

presos nesse aquário tentando encontrar a saída, mas não existe. E agora, além da dor física, sinto a dor que a sua falta me causa.

Como explicarei à Emily que não era a minha intenção ter uma overdose? Como convencê-los a acreditarem em mim? Ao pensar no arrependimento que deveria sentir, percebo que nada me comove, são apenas velhas recordações do que eu deveria sentir, nada realmente se aproxima do que eu sinto. É a minha vida, eu deveria me importar, mas não me importo. E apesar de tudo, de toda essa merda que é, queria que Elena estivesse aqui, sem perguntas, apenas aqui, ao meu lado.

Volto a minha atenção ao médico somente quando ele diz que estou aqui por conta de uma pneumonia bacteriana. Sua repentina revelação me traz alívio, então guardo toda a vergonha e culpa que deveria demonstrar caso fosse overdose, porque apesar de saber que meu vício me levou a isso, Emily e Isaac vão se contentar com esse diagnóstico, e até mesmo Elena, porque agora a culpa se concentra em uma bactéria, não em mim, eu sou a vítima aqui.

O médico continua falando de como as minhas defesas estão baixas por conta da anemia, sem contar os meus pulmões tomados. Mas nada me interessa até que ele diz que para me submeter ao tratamento eu tive que ser sedado. A sua confissão desperta novamente a minha curiosidade em saber quanto tempo estou sem cocaína. Não uso exatamente essas palavras, mas faço a pergunta.

— Está a quarenta e oito horas sedado, assim que tivermos certeza que tudo está bem, iremos te transferir para o quarto. — Ele força um sorriso, pede licença e começa a me examinar para checar se está tudo certo.

Sorrateiramente, as memórias continuam se acomodando na minha mente. Elena indo com o seu pai e como isso me deixou mal, me lembro da Jay e revivo a nossa última briga, então sinto como se tudo isso tivesse acontecido há alguns minutos. Mas a verdade é que eu apaguei e parei no tempo, o que me faz questionar se as minhas chances de voltar para Elena são reais ou só na minha cabeça.

O médico sai e uma enfermeira se aproxima dizendo que outra irá ajudar a me levar ao quarto. Eu digo que posso me levantar, mas ela afirma que precisa seguir o protocolo médico. Outra enfermeira bate à porta e entra. Após retirarem alguns aparelhos, sou transferido da UTI para o quarto.

Com o cartão magnético, ela abre a porta, permitindo que eu conheça

o quarto, que não tem nada de diferente de outros quartos hospitalares. A janela é mais ampla, admito, porém no mais é como todos os outros – um sofá cama, uma poltrona reclinável, um banheiro e uma mesa para refeições.

— Vou chamar seus pais — ela diz enquanto a outra enfermeira termina de injetar o antibiótico.

Ainda que eu odeie essa parte de ter que encará-los, não estou preocupado, tenho um diagnóstico e ele elimina qualquer merda de desculpa ou falatório. Minha mãe é a primeira a entrar. Com os olhos marejados, Emily se aproxima me encarando como se estivesse presenciando um grande milagre.

A enfermeira se afasta e pede licença, nos dando privacidade.

Emily toca meu rosto, ainda emocionada.

— Estou tão feliz por te ver melhor — diz e enxuga as lágrimas.

— Quem poderia prever que uma bactéria faria isso — falo vagorosamente, reforçando quem é o vilão aqui.

Ela desvia brevemente o olhar, mas não rebate, continua com a mesma expressão emotiva.

— Amo tanto você — diz.

Em seguida, a porta se abre novamente e Isaac se aproxima a passos largos, me lançando um olhar preocupado antes de beijar a minha cabeça.

— Não faz ideia de como é um alívio te ter de volta — diz, ainda tenso. Eu tento retribuir com um sorriso, mas acho que não funciona. — Como se sente?

— Como um velho de noventa anos que ganhou na loteria — brinco, mas falo tão vagorosamente, que a piada perde a graça.

Eles não rebatem, sequer acham graça. Eu vejo Emily presa em suas orações de gratidão, enquanto Isaac parece mais receoso sobre o que dizer, mas nenhuma palavra é emitida até Emily decidir voltar a falar.

— O médico afirmou que o maior perigo já passou, precisa apenas seguir o tratamento e continuar se cuidando.

— Eu vou — falo e é contraditório dizer isso a eles. Pelo olhar de ambos, sei que não acreditam mais em mim. — Eu amo vocês — digo.

Emily sorri, já Isaac me lança um olhar de decepção. Ele pode não cair mais nessa, porém é tudo que Emily precisa ouvir no momento para continuar apostando as suas fichas em mim, então, foda-se Isaac e suas convicções.

— Amor, eu não quero forçar a barra, sei que está debilitado, mas esses dias foram um pesadelo. Pode nos prometer que irá mesmo se cuidar?
— Emily insiste como se a sua vida dependesse disso. E talvez dependa.

— Claro, mãe, eu prometo que...

Não sei exatamente quando a porta se abriu, mas a pessoa que surge à minha frente me deixa paralisado, sem saber se é mesmo real.

Elena se aproxima trazendo a doce divisão do inferno e paraíso. Ao perceber o que está acontecendo, Emily se afasta um pouco.

— Você voltou — sussurro.

Elena me abraça, confirmando que é mesmo real.

— Não vou mais embora — sussurra e juro que estou com medo de ser um sonho.

Então antes que alguma voz me acorde, faço sinal para a minha mãe. Ela se aproxima e pela sua expressão sei que não se sente confortável com isso.

— Pode me dar dois minutos com ela, por favor? — digo, enquanto Elena continua me encarando com seu rosto sereno.

Sem protestos eles saem, e assim que o fazem, eu a puxo para sentir seus lábios. Poder tocar Elena é o suficiente para me sentir grato por ter voltado.

— Não faça mais isso comigo, por favor. Sei que não sou a melhor opção, mas não suporto ficar sem você. Não me faça passar por isso de novo, porque eu te amo, Elena — imploro, enquanto ela acaricia meu rosto e depois voltamos a nos beijar.

— Você é a minha única opção, a melhor da minha vida. Eu te amo mais que tudo. Prometo que não vou embora novamente — ela diz e é um alívio.

Mesmo com dificuldade, eu continuo encostando meus lábios nos dela e não sei se posso chamar de beijo, mas seja lá o que for, eu amo sentir todo conforto que ela me traz. Paramos somente quando escutamos a porta se abrir para a minha mãe e meu pai entrarem. Pela cara que ela está fazendo, sei que está realmente incomodada. Elena também percebe e se afasta um pouco, mas seguro firme em sua mão. Meus pais nos olham sem entender.

— Jura que vai ficar aqui comigo? — pergunto, precisando ouvir que sim.

Elena parece sem graça, sei que está assim por achar que esse direito é

da Emily.

— Podemos ficar nós duas, Elena — minha mãe se adianta e não sei se Elena irá aceitar.

— Podemos revezar também — ela sugere para não contrariar Emily. Mas não posso deixá-la ir.

— Não, pode ser as duas, acho melhor — falo, sabendo que Emily não iria querer revezar.

Isaac não opina, eles se acomodam no sofá, enquanto Elena tem que ficar em pé, mas não quero soltar a sua mão.

Olho para Elena e desejo não ficar mal, não quero ter uma crise de abstinência na frente dela. Eu queria ter a chance de apagar esse meu lado agora, mas é impossível, meu cérebro de viciado desperta meu relógio interno e sei que não tenho muito tempo. Os minutos passam e sei que preciso encontrar uma solução.

Quando o médico volta, o meu plano de simular uma imensa dor para conseguir morfina desaparece e eu decido ser sincero ao falar do meu vício. Todos ficam incomodados, mas eles não sabem o que é uma crise de abstinência, então não podem me entender. Insisto muito que não posso ficar mais de três dias sem usar, sei como isso é patético aos olhos dos meus pais, mas fodam-se eles.

Pergunto ao médico quanto tempo ele pretende me manter aqui, e toda a situação deixa meus pais constrangidos. Eddy garante que irá dar calmantes para me ajudar a segurar a barra e quando ele sai do quarto, estou envergonhado demais para manter algum diálogo. Deixo isso para os meus pais e só entro na conversa quando eles insistem em ter a minha opinião.

O tempo passa e Elena permanece comigo, quase imploro para ter meus pensamentos controlados por ela, mas não acontece, minha vontade de cheirar cocaína agora grita na minha cabeça.

— Maycon, a Elena já está muitas horas segurando a sua mão, em pé. Deixa-a sentar, deve estar cansada — Isaac sugere, me trazendo de volta.

— Pode sentar-se aqui, pega uma poltrona reclinável e coloque do meu lado, por favor — falo. Meu pai sorri e faz como pedi, então ela se senta ao meu lado.

— Quando saíamos, Elena, Maycon nunca se contentava em segurar só a minha mão ou a do pai, tinha que ser a dos dois. Lembra? — minha mãe pergunta ao meu pai e isso me faz rir.

— Não tem como esquecer. Era pirracento, viu, Elena. Fazia de tudo para chamar a nossa atenção. Fora que tinha muito ciúme, eu não podia pegar ninguém que não fosse ele — Isaac completa.

— Vão mesmo ficar cortando meu barato com histórias velhas? Isso era antes, eu mudei — explico e Elena sorri. Depois da cocaína, seu sorriso é o que mais sinto falta.

— Elena, todo dia, quando eu chegava da empresa, tinha que brincar com ele. Todo santo dia, não era, Emily?

— Todo dia. Mesmo quando Isaac chegava cansado, tinha que brincar ou eram duas horas de choro.

Odeio esse papo de passado, mas isso distrai Elena, que não percebe o quanto estou tenso. Acho que somente eu estou ciente disso. Ela me lança um olhar sereno, sei que está gostando disso.

— Para que isso? Só para me deixar sem graça — digo e sorrio.

O telefone de Isaac começa a tocar, então ele pede licença e sai para atender, minutos depois volta e se despede dizendo que tem que ir, mas justifica que voltará no dia seguinte. Essa é a parte da história que ele não quis contar, que trocou a sua família por outra, mesmo ciente de que eu ainda continuaria esperando por ele por muitas noites. Ele despede-se de Emily com um abraço e um beijo no rosto. Antes isso provocava algum sentimento em mim, mas até mesmo esses pequenos colapsos a cocaína tirou.

— Qualquer coisa me liga. Independentemente da hora, pode me ligar. — Ele dá outro beijo e ela corresponde. Então se aproxima de mim e evitando olhar nos olhos um do outro, ele dá outro beijo em minha cabeça. — Fique bem, garotão!

Apenas sorrio.

— Tchau, Elena, uma hora vai à minha casa com Maycon. — Ele faz o convite e Elena sorri, então ele sai.

As horas passam e a enfermeira traz o almoço. Minha mãe insiste para me dar na boca e é patético e constrangedor, mas acabo sendo vencido pela sua insistência.

— Elena, ele é meu bebê ainda — Emily diz, arrancando um sorriso da Elena.

Após terminarmos, Emily pede almoço e ambas almoçam também. E assim a tarde passa. Eu continuo sentindo que tem um monstro à porta pronto para acordar, então poupo até mesmo as palavras, temendo o que possa vir a

seguir e é uma droga esse medo constante.

— Adivinha quem me trouxe? — Elena quebra o silêncio, enquanto a minha mãe cochila no sofá-cama no interior do quarto.

— Keven? — questiono, tentando focar o pensamento que agora permanece em uma boa carreira.

— Não, errou. Foi a Jayde. Ela me buscou na casa dos meus pais — sorri e sua confissão me deixa confuso.

— Ela não quis vir me ver?

— Na verdade, foi ela que te socorreu e esteve ao seu lado todos os dias, assim como eu e seus pais.

Merda! Todos querem o bem do Maycon, mas ele só quer a porra da cocaína. Penso em pedir desculpas por isso, mas Elena jamais entenderia.

— Quer vê-la? — questiona.

— Quero, mas acho que ela não quer me ver. Sabe se já foi embora?

— Não sei, ela me disse que iria, mas como eu pedi, ficou comigo na sua casa até você acordar. O que aconteceu entre vocês?

— Não sei. Acho que falhei em não demonstrar o quanto ela é importante para mim — confesso, desviando o olhar.

Elena então tira o meu telefone da sua bolsa. No primeiro instante, parece ligar e como não tem sucesso, ela envia uma mensagem. À medida que as horas passam, o medo e a ansiedade quase me enlouquecem. Elena se aproxima e como se pudesse sentir que preciso de conforto, ela volta e me beijar.

— Amo você mais que tudo. Espero que não tenha mexido nas minhas coisas — brinco.

Se ela está com o meu telefone, provavelmente esteve em meu quarto.

— Eu? Acha que sou capaz disso?

— Não, imagina — revido, irônico.

Voltamos aos beijos e só paramos quando a enfermeira entra para trocar meu soro. Assim que ela me mostra o sedativo e os antibióticos, é um alívio saber que essa agonia irá passar.

Agora meu coração começa a se acalmar, porque tenho sedativo correndo nas veias e Elena correndo em meu coração. Elena ao meu lado demonstra o quanto eu a quero e o melhor de tudo é que sei que quando acordar, ela continuará aqui, ao meu lado.

Capítulo 33

Sinto mãos me acariciando, então abro os olhos, ainda sonolento, e não sei quanto tempo dormi. Agora sei para quem Elena ligou. Jayde. Ela sorri quando percebe que acordei, então seguro a sua mão. Elena segue em direção à porta, mas Jay a interrompe.

— Pode ficar, vai ser rápido — diz do seu jeito rude, então Elena volta e se senta na poltrona, que antes Emily ocupava.

Volto a minha atenção para Jay, encarando esses grandes olhos azuis. Já fizemos tantas merdas um com outro que não precisamos de um pedido de desculpas para ficarmos bem, acontece como em qualquer porra de briga. No fim, tudo se resolve ou finge se resolver e nós continuamos. Sempre continuamos.

— Vai me abandonar mesmo? — pergunto, ainda segurando a sua mão.

— Você conhece meus motivos e eu conheço os seus. Pode ser que eu volte, ou não. Não sei, mas não gosto que insista, sabe disso — diz e estou longe de conseguir entender Jay.

Eu olho para o seu braço e a picada recente não me passa despercebida, não para os olhos de um viciado. Nós dois, ainda que em estradas diferentes, continuamos no mesmo caminho – dos perdidos. Mas não tenho direito de questioná-la, na verdade, ver essa marca só me faz lembrar o quanto eu estou louco por uma.

— Não estou insistindo, só perguntei. Na verdade, foi apenas uma pergunta, não estou te pedindo para ficar. É diferente — digo, sorrindo.

Nossos olhares permanecem fixos um no outro, sem segredos, apenas os velhos medos.

— Melhor assim. Fique tranquilo, não vou sair espalhando nossos segredos — ela diz, esnobe.

— Sei que não. Não estou insistindo, é apenas uma pergunta. Não entenda errado. — Quero entender a jogada. Jay está me descartando e só faria isso se tivesse outra opção, e pelo seu olhar eu sei que ela tem.

— Fala logo! — diz sem paciência.

— Está indo para onde? — Jogo minha carta, Jayde sorri e nesse sorriso vejo que sou carta fora do baralho.

— Por aí, pegar a estrada com os The Intruders — ela então revida, deixando claro que perdi o jogo.

— Pilantra! Por que não me contou antes, sua porra? — falo, assumindo a minha derrota, mas não estou chateado.

— Porque não tinha confirmação, tive agora. — Pisca para mim.

— Eles são bons, muito bons mesmo. Vai abrir os shows?

— Sim.

— Arrumou um guitarrista? — insisto e Jay sabe que quero a confirmação de que fui descartado.

Ela me lança seu sorriso de Judas, para em seguida dar a facada.

— O PlayIII — diz e agora sei que não fui somente eu a rodar, Francine também rodou.

— Puta que pariu, Jayde, não precisa humilhar. O que fez para ele deixar a banda? — falo e ela sabe que me refiro a Francine.

— O cara olha para essa potência chamada Jayde e não precisa de mais nada para convencê-lo — gargalha.

— Quanto tempo?

— Seis meses.

— Muito tempo, posso morrer antes e você nem vai ficar sabendo.

— Ah, qual é, Maycon!? Que porra é essa? — diz, nervosinha, e sei que não é como se estivesse me abandonando, mas não gosto da sensação de vê-la partindo.

— Não a quero assim tão longe de mim, apenas uns metros, tipo seu quarto e o meu. Fora que quem vai conseguir a boa para mim agora? — brinco.

— Coloca a princesinha para fazer correria para você. E eu, bom, quando sentir saudade, eu volto para nós, sabe disso.

— Tudo bem, então, vá e arrase. Eu quero seu bem, Jayde, mas quando cansar, volte para mim — digo, dando a ela a minha benção, mesmo que isso não valha nada.

— Eu também te quero. Muito — ela sorri com malícia e sei que vem merda por aí.

— Elena, para socorrer o Maycon, eu tive que fazer boca a boca e enfiar a minha língua goela abaixo para puxar a dele. Foi tão foda e sexual — ela sorri e eu desvio o meu olhar para a janela.

Sei que Elena odiou ouvir essa merda de mentira, pelo menos eu acho

que é.

Quando Jay faz sinal de que já vai, seguro seu braço picado e o viro, deixando claro que notei.

— Cuidado com os *docinhos* e *balinhas*. Se misturar muito, já era, Jayde — falo e ela sabe a que me refiro.

— Relaxa, não vou morrer, não antes de você. Sabe que só posso depois de você, para não ficar perdida no caminho — sorrimos, porque essa é a mentira que todo viciado conta a si mesmo, de que está no controle.

— Sabe se Jong melhorou a mercadoria?

— Ora, ora, olha o que temos aqui. Um noinha exigente — diz, me provocando. — Só você reclama, ninguém mais.

— Que merda! Já vi que continua ruim.

— May, não acha que precisa de um tempo?

— Sim, e eu quero me refrescar, dá uma pausa, sabe. — Pisco e Jay sorri.

— E sei que vai conseguir — ela sussurra.

— Cara, sei que não me deve porra nenhuma de explicação, mas o que rolou com a Francine? — sussurro a pergunta quase sem emitir som, então Jay desvia o olhar.

— O mesmo que você, mas os pais a internaram — diz e em seguida coça a cabeça, claramente desconfortável. — Tenho que ir. — Jay se aproxima do meu ouvido. — Quando sair, procura um carinha chamado Pablo, é o cara da vez agora. Mas cuidado, Jong quer pegá-lo — diz e me beija, se despedindo, então se vira para Elena e se despede dando um tchau, desaparecendo pela porta em seguida.

— O que ela estava te dizendo? — Elena questiona.

— Nada relevante. Vem aqui — peço

Elena se aproxima e a beijo, minutos depois Emily volta para quarto, acho que estava evitando a Jay.

— Demorou, mãe.

— Vi a Jayde entrando e esperei ela sair. Espero que ela não tenha trazido nada para você — Emily diz e me faz rir.

— Quem dera, seria pedir demais — retruco.

A noite passa lentamente e estou a ponto de enlouquecer. No momento, até a conversa da Emily com Elena me irrita. Tento loucamente manter o controle e é um alívio quando a enfermeira entra.

Ela irá fazer exames e depois deles, terei uma santa dose de calmantes correndo por minhas veias. Como o braço direito está no soro, ela tem somente as veias do esquerdo para tentar pegar. Vejo sua agulha e gostaria tanto que tivesse pó nela, mas não tem e antes que ela faça merda, eu a apresento a minha melhor veia.

— Tenta essa próxima ao pulso, ela não falha, é a melhor. — Então seguro a sua mão, fazendo-a sentir. Ela segue as instruções e instantaneamente o sangue vem. — Te falei. Ela nunca falha.

Ela termina de colher o sangue, administra o calmante no soro e não demora para que eu consiga voltar a dormir.

Acordo em meio ao inferno, sei que estou próximo de uma crise e o desespero rasteja sob a minha pele. Estou tão fissurado em ter uma dose, que sei que preciso dar o fora agora. Somente as luzes dos aparelhos iluminam o quarto e pelo silêncio, deduzo que Emily e Elena estão dormindo.

Tento me levantar e sinto tudo rodar. Mesmo com a cabeça quase explodindo, eu me apoio em meus braços e com esforço consigo me sentar.

— Precisa de alguma coisa, amor? — Emily pergunta.

Droga! Ela está acordada.

— Preciso ir embora. Preciso ir agora!

— Amor, calma. — Ela se levanta, acende a luz e vem até mim.

— Emily não vem com essa. Não percebe que eu não consigo mais ficar aqui?

Que porra! Mal consigo me sentar, mesmo com tudo rodando a necessidade em ter cocaína grita mais alto. Olho para o chão antes de arrancar o soro e o oxigênio. Coloco meus pés no chão frio e quando tento ficar de pé, perco o equilíbrio. Emily me segura, impedindo que eu caia e me ajuda novamente a deitar.

— Querido, amanhã você terá alta, ficaremos na nossa casa e...

— Cala boca, porra! Não vem com essa. Não existe mais porra de casa, não moramos mais juntos e não vou com você. Nem se tivesse só você de opção eu iria — falo, irritado, então ela se afasta, magoada. — Estou pirando. Você não entende que porra é isso, então não vai rolar essa merda de esperar até amanhã, tenho que cair fora agora.

— Maycon, por favor, é só até você melhorar — insiste e até a voz dela me irrita.

— Não! — respondo, irritado.

Ao olhar para a Elena, vejo que ela acordou e ainda sonolenta tenta intervir.

— Vou com você — ela diz e sei que Emily tem algo a ver com isso. Elena não aceitaria ficar na casa da Emily do nada. Mas não revido, ela se levanta e vem até mim. — Não quer que eu vá? — pergunta.

Minha vontade é de mandar Emily para a puta que pariu por colocar Elena nisso, mas não vou brigar agora. Elena está cansada, com sono e não merece passar por isso. Olho em seus olhos e me vejo neles, então respiro fundo para tentar me controlar.

— Ah, se quiser, então nós vamos — falo, sem jeito.

Emily sorri, tentando disfarçar a tensão. Elena me beija e volta a se deitar, sei que está cansada, todos estão, isso aqui é uma merda. Minha mãe se aproxima novamente e me ajuda a deitar, meu braço está sangrando, então ela chama a enfermeira e quando vem, Emily inventa a desculpa de que o acesso soltou enquanto eu dormia. Mas a sua mentira cai por terra quando imploro por outra dose de calmante.

— Só posso te dar outra dose daqui a uma hora. Estou surpresa por ter acordado com uma dose tão forte — ela diz, então toco sua mão, olho diretamente em seus olhos e falo em um tom convicto, porém suave.

— Por favor, preciso de outra dose agora. — Ela parece indecisa. — Sou estudante de medicina, sexto período, posso garantir que não terá problemas — insisto. — Por favor — vejo seu nome no crachá —, Gisele — sussurro seu nome, tentando encontrar seu ponto fraco.

Ela então sorri e sei que consegui convencê-la. Emily observa tudo, incrédula, mas não interfere.

— Tudo bem, então. — Ela cede e é um alívio, agradeço mentalmente por isso.

Depois de outra dose, quando volto a acordar já amanheceu. Emily já está acordada, e parece apática, nem sei se chegou a dormir. Ao perceber que acordei, ela me diz que o médico liberou banho, e que Isaac trouxe roupas e virá a noite me ver. Emily permanece no sofá me encarando e sei que provavelmente esteve chorando.

Gisele volta com meu café da manhã, mas digo que preciso tomar banho primeiro, então ela se dispõe a me ajudar e isso me deixa sem graça. Estou claramente desconfortável com a situação e espero que a minha mãe se ofereça para me ajudar no banho, mas quando isso não acontece, sigo a

passos lentos com Gisele para o banheiro.

— Vai tirar meu acesso? — pergunto, segurando o soro.

— Não. O doutor Eddy ainda não liberou. — Ela o coloca no apoio.

— Pode me dar licença?

— Acha que consegue tomar banho sozinho? — pergunta e afirmo que sim.

Ela me ajuda a tirar a roupa hospitalar e, em seguida, diz que me esperará na porta caso eu precise, então sai.

A água quente escorre pelo meu corpo e eu me sinto bem melhor quando termino o banho. Escovo os dentes e devagar visto cueca, bermuda e blusa, sei que terei alta logo e é um alívio saber disso. Saindo do banheiro, vejo o doutor Eddy à minha espera e mais recomposto, eu volto para a cama. Elena já está acordada, então sorrio para ela, que retribui. Assim que me acomodo melhor, o médico me examina, diz que já pediu para tirarem o soro e passa as instruções de como devo prosseguir com o tratamento, explicando que a infecção em si está controlada, porém frisa que preciso manter a medicação por sete dias.

Apesar de eu não reclamar, ele diz que a fraqueza deve permanecer por mais alguns dias e prescreve vitaminas, mas que manter a alimentação saudável é essencial para a cura. Ele pergunta se temos dúvidas e ao dizermos que não, ele avisa que fará a minha alta e entrega à Emily as receitas. Assim que o médico sai, ela se aproxima de Elena.

— Vai ser um prazer ter vocês na minha casa. Assim que tomar o café — ela me encara —, nós vamos embora. Erick está vindo nos buscar, eu já avisei ao seu pai.

Eu tomo o café e ter algo no estômago me faz sentir mais disposto, ainda estou sonolento e sei que é por causa do calmante, como também sei que merda vai ser quando essa porra perder seu efeito. Mais um tempo passa e às dez sou liberado.

Encontramos Erick na portaria e é um alívio finalmente sair daqui. Ele e a minha mãe se abraçam e mesmo ela não dizendo nada, ele percebe que o clima está pesado e se limita ao silêncio.

Seguimos até o carro dele, então entro atrás e Elena se senta ao meu lado e me dá um beijo antes de apoiar a cabeça em meu ombro e essa é a melhor parte. Erick aproveita o momento para nos cumprimentar e pergunta como me sinto.

— Bem — falo.

Ele então olha para Emily, que permanece indiferente. Eu me sinto sonolento e um pouco ansioso. Mesmo querendo ir para a minha casa, não vou fazer uma cena agora, decido que quando chegar na casa dela, vou pegar as minhas coisas e Elena e, então, dar o fora.

Quando chegamos à entrada do condomínio, estou quase dormindo, e mesmo assim o entusiasmo da Elena não passa despercebido. Eu vejo seus olhos brilharem à medida que adentramos o condomínio e passamos por luxuosas mansões. Ela parece uma criança indo pela primeira vez à Disney. Seu entusiasmo se torna quase palpável quando Erick estaciona em frente à casa.

— Cresci aqui — digo ao descer do carro.

Ela sorri, ainda curiosa, enquanto entramos na sala. Eu pego a mão dela e movido pelo meu sono, eu a puxo pela escada.

— Fique à vontade, Elena! — Emily diz, distante.

O corredor me traz péssimas lembranças, mas Elena me dará algo bom para recordar. Assim que entro no meu antigo quarto, tiro a colcha da cama e vou ao closet pegar um edredom, então fecho as cortinas e me jogo na cama.

— Era o meu quarto.

— Está com sono?

— Muito. Vem dormir comigo.

Ela vem sem protestar, se deita ao meu lado e eu a abraço.

— Odeio essa casa — sussurro.

— Por quê?

— Porque sim. Ela conta histórias que não estou a fim de ouvir.

Antes que ela responda, penso nas novas lembranças que Elena poderá me dar, então olho para os seus lábios e esqueço a porra do sono, quero beijá-la e quero agora. Nós nos beijamos feito loucos e eu sinto uma tensão percorrer meu corpo, meu cérebro quer sentir o prazer da cocaína e Elena é a minha fonte de prazer mais acessível agora, então tiro a sua blusa.

— Você não trancou a porta, sua mãe pode entrar — diz, ofegante.

Eu me levanto, tranco a porta e volto para a cama, retomando de onde parei. Chupo seus seios e rapidamente fico excitado, então ela tenta me afastar.

— A Jayde vai ficar bem? — sua pergunta me deixa confuso.

— Qual o problema? Você quer ou não quer?

— Maycon, você acabou de sair do hospital, ainda está fraco. Além disso, o que a sua mãe vai pensar? Acabamos de chegar e você se tranca no quarto comigo.

Eu suspiro, tentando manter a porra do controle. Estou a fim de me dopar com a Elena e ela de lero-lero.

— Por que se preocupa com o que as pessoas vão pensar? Foda-se para o que elas pensam, problema delas. Problema da minha mãe — quase grito.

Eu sei o que está acontecendo, provavelmente estou perdendo os últimos resíduos do calmante em meu corpo.

— Por que está tão estressado?

— Porque estou e, nesse momento, estou tentando esvaziar a minha mente e pensar só em você, mas não está me ajudando — explico.

Elena não diz nada, então volto a beijá-la com desejo, enquanto tiro o restante das nossas roupas. Assim que deslizo a minha mão entre as suas pernas, percebo o quanto ela está excitada, então sorrio como um louco querendo me afundar em Elena.

— Camisinha. Cadê? — ela sussurra, me fazendo revirar os olhos.

— Vou lá pedir para a minha mãe — digo, irônico.

— Maycon, não dá...

Ah, qual é, porra?

— Olha, amanhã eu compro a pílula do dia seguinte e resolvemos o problema. Relaxe e curta o momento.

— Isso não vai dar certo.

— Vai sim, relaxa.

Eu volto a beijá-la e, em segundos, Elena está tão louca quanto eu. Estou tão desesperado pelo prazer, que nem me importo com as consequências, então a penetro e isso é gostoso e intenso. O desespero para liberar o prazer no cérebro é tanto, que penetro cada vez mais forte. Não penso em nada além de mim mesmo e na ansiedade de saciar a minha fissura. Chupo seus seios, beijo sua pele e a faço completamente minha. Aquela pequena voz que insiste que estou usando Elena é perfeitamente abafada quando gozo. Elena mal percebe que seus gemidos saem altos demais e isso me faz rir, então eu me deito ao seu lado, exausto, e no fim acho que estou bem.

Eu a puxo para os meus braços, Elena coloca a cabeça em meu peitoral e ficamos assim por minutos, sentindo tudo que provocamos um no outro.

— Eu te amo — sussurro e dou um beijo em sua cabeça.

— Acho que cheguei ao ponto de ser tão sua, que desisti de voltar a ser minha — ela diz.

Quero acreditar que não usei Elena, ainda que tenha pensado na minha necessidade, ela também quis. E essa merda de convicção me faz anular a minha culpa.

Acordo com a cabeça quase explodindo. Eu me levanto, vou ao banheiro e estou entrando em colapso, não aguento mais continuar sem ter nenhuma droga correndo por minhas veias. No ápice do desespero, eu ligo a banheira na tentativa ridícula de tentar me acalmar, estou tremendo muito e preciso pensar com clareza. Assim que ela está cheia, eu entro e afundo na água, tentando aliviar essa porra que estou sentindo. Quase sem ar, eu volto a emergir e me deparo com Elena à minha frente, então me sento na banheira e faço sinal para que ela venha. Elena se aproxima e entra na banheira comigo, então se senta em meu colo de frente para mim. Eu sei que é uma merda ter somente isso para oferecer a ela, mas é só uma fase, vou consertar as coisas, preciso só de um tempo.

Ela aproxima seus lábios e me beija. Eu amo a sensação de tê-la e queria que ela pudesse suprir toda a minha necessidade, mas só acontece quando estamos fazendo sexo e é cruel tentar usá-la dessa forma. Apesar de não estar tão a fim, Elena me estimula e acabo penetrando-a, mas não gozo, mal consigo manter o foco e nem sei se ela nota. Assim que goza, ela se afasta, me beija e sei que ela não percebe o que está acontecendo aqui. Elena sorri como um anjo, enquanto eu choro internamente no meu inferno. Tenho certeza que ela pensa que somos perfeitos juntos, enquanto eu luto para parar de pensar na porra da cocaína. Do nada, ela muda a expressão, se levanta e sai às pressas, me deixando confuso.

— Você tem visitas. A sua mãe avisou há uns vinte minutos. Ela vai pensar que eu não dei o recado — diz, desesperada, me fazendo rir.

Eu me levanto, visto o roupão e sigo para o closet. Opto novamente por bermuda, blusa e chinelo, então pego a mochila de Elena e entrego para ela.

Quando terminamos de nos arrumar, eu a abraço em frente ao espelho. Pode parecer que não, mas sou grato por tê-la em minha vida, porém, nesse momento, preferiria estar sozinho com meus medos e demônios.

— Amei esse espelho, acho que combina comigo — ela diz, animada.

Vamos para a sala e percebo que a casa está cheia demais para o meu gosto. Isaac trouxe a sua putinha e a bastardinha deles, mas o mais patético é ver Emily sorrindo para eles depois de todo o inferno que fizeram na minha vida.

A puta é a primeira a se aproximar.

— Oi — ela sorri, vem em nossa direção e abraça Elena antes de sorrir para mim, que retribuo dando um sorriso forçado.

— Jess fez uma torta de chocolate para você, Maycon — Isaac diz ao se aproximar.

— Ah, meu Deus! Foi ela quem fez? — Emily pergunta, sorrindo e parecendo surpresa.

— Sim, ela adora culinária. Quando contamos que o irmão estava doente, ela disse que ia fazer para ele melhorar — Isaac explica e a puta se adianta, retribuindo o sorriso com orgulho.

— Até eu vou querer dessa torta, ainda mais sendo feito por essa princesa linda — Erick diz, brincando com ela.

Em silêncio, puxo Elena para nos sentarmos no sofá. Isaac se aproxima com a garota e se senta de frente para nós, e Erick se senta do outro lado. Odeio esse teatro ridículo. Minha mãe e a puta não param de conversar, assim como Erick e a porra do Isaac. Eles fizeram toda a merda e agora fingem que o único problema sou eu. Estar aqui é como reviver todas as memórias que quero esquecer.

— Elas não param de falar. Vai falar tanto assim quando crescer, Jessica? — Isaac pergunta, colocando Jessica em seu colo.

Ela apenas sorri inocentemente.

— Venha se enturmar, Elena! — a putinha chama e Elena só não vai porque eu a impeço, segurando com mais força.

— Coitada da Elena. Maycon não dá um segundo para ela — Emily revida e sei que irá me evitar a noite toda.

Eles conversam e sorriem, enquanto eu me lembro que ficava por horas nesse mesmo lugar onde Isaac está com a filha esperando por ele,

mesmo sabendo que ele não viria mais. Eu me recordo das brigas intensas entre eles, de todo ódio que a minha mãe sentia e me fez sentir também. Percebendo que não vai rolar um diálogo, Isaac se levanta e vai até a puta, deixando a menina aqui. Tudo isso me faz pirar, então olho para as minhas mãos trêmulas e começo a viajar na ideia de cheirar uma carreira. Cara, eu não quero continuar a sentir isso, estou feito um zumbi e tudo que meu cérebro implora é pela droga.

— Está tudo bem? — Elena sussurra, me trazendo de volta à minha merda de realidade.

Eu encaro novamente Emily e Jeniffer e me pergunto como ela consegue fazer isso depois de todas as vezes que eu estivesse ao seu lado, depois de todas as minhas brigas com Isaac. Doía ter que brigar e me afastar dele, mas eu fiz isso por ela. E como ela retribui? Recebendo essa puta em sua casa e me tratando como se eu fosse o problema.

— Elas frequentam a mesma academia e clínica de estética. Ela é gente boa, Elena, eu que não sou — respondo, carregado de rancor.

Eu olho para o rosto de Elena e queria que ela pudesse entender o que está acontecendo aqui, que ela sentisse tudo o que sinto, que pudesse ver tudo o que passei e o quanto isso me machucou, quem sabe assim ela escolheria estar ao meu lado e entenderia as minhas escolhas.

Erick se levanta e se vira para nós.

— Bom, Elena, a casa é do Maycon, e se é dele, é sua também. Fique à vontade — ele sorri e vai na direção de Emily.

Assim que se afasta, eu olho para Jessica.

— Foi você quem fez a torta ou a sua mãe?

— Eu — ela responde, distraída.

— Eu sou alérgico a chocolate — retruco, sorrindo maliciosamente.

Ela não diz nada, a garota é tão inocente quanto um dia eu fui, mas foderam comigo e vão foder com ela também.

— Pare, Maycon! Ele está mentindo, ele adora chocolate — Elena me desmente e sorri.

Eu me aproximo dela e mordo a sua orelha. Não demora para a putinha se sentar perto de nós.

— E como você está, Maycon? — pergunta.

Só porque meus pais são loucos, ela também acha que eu sou, mas não. Sem contar que tenho uma ótima memória.

— Seguindo a minha vida sem me preocupar com a dos outros — sorrio, deixando-a sem graça.

Eu me levanto sem suportar ficar perto dessa mulher. Elena não vem atrás de mim e acho que cheguei ao limite, então vou para outra sala e procuro loucamente um calmante na bolsa de Emily. Quando ela me vê mexendo em suas coisas, se aproxima.

— O que foi?

— Preciso de um calmante, é isso.

— Maycon, está se saindo tão bem, não precisa se entupir de remédios para...

— Cale a boca. Você não faz ideia do que estou aguentando por causa da sua merda de plano em trazer Elena para cá. Se não fosse por ela, eu já teria dado o fora.

— Maycon, por favor, temos visita.

Eu encaro Emily, mal acreditando que ela está falando isso para mim, o cara que a viu desejar a morte da puta e da bastarda tantas vezes.

— Eu falei com você que não queria receber visita! Pare de fingir. Fora que para mim visita é oi e tchau. Continue na boa aí, eu vou ficar no quarto, amanhã volto para a minha casa, você querendo ou não! — falo, irritado.

— Maycon, calma. Vamos conversar — ela insiste.

— Eu estou calmo, só não quero jantar, muito menos conversar. Vão vocês.

— Sua irmã veio te ver, Maycon, nunca jantamos com ela, por favor.

Ela sabe que está piorando tudo e mesmo assim continua.

— Minha irmã porra nenhuma! Pare de show, mãe. — Vou ao bar e pego um uísque, tenho que ficar chapado de qualquer jeito.

— Jura que vai fazer isso? Acabou de sair do hospital e vai beber?

— Cale a boca e pare de encher a porra do saco. Quem vai beber sou eu! — grito e todos se aproximam.

— Maycon, é só um jantar, Jessica quem pediu. Ela quer conversar com você — Isaac interrompe, me fazendo gargalhar.

— Sério? Ela quer conversar, então por que não falou antes? — Eu olho para a Jessica, que está em seu colo. — Aproveita o seu pai e a sua mãe até seus doze anos, porque assim que fizer, uma puta vai abrir as pernas para ele e ele vai fodê-la, engravidar e largar vocês como se abandona um

cachorro. Aí você não vai entender que merda está acontecendo. Vai ficar esperando seu pai como sempre faz, mas um dia descobre que ele não vai mais aparecer, porque mesmo com a sua mãe em casa, ele teve que comer uma puta e engravidá-la. E depois que você virar um noiado de merda, ele vai visitá-lo junto com a puta, trazer sua irmãzinha bastarda e querer jantar com o filhinho viciado fingindo ser uma família de novo! Porque a vida é assim, tudo se repete! — grito.

Todos ficam em silêncio. Jessica está assustada e corre para o colo da mãe, então começo a gargalhar da situação. Que merda é a minha vida.

Emily se aproxima e tenta pegar a garrafa da minha mão, mas estou tão irritado que a arremesso contra a parede.

— Pare de tentar me controlar, sabe que odeio isso. Que porra!

Emily começa a chorar e eu não sei mais o que fazer, estou totalmente descontrolado.

— Jeniffer, me desculpe. Sinto muito fazer vocês passarem por isso — Emily se desculpa.

Putaquepariu! Não acredito que escutei isso.

— O quê? Você está pedindo desculpas para ela? — pergunto em tom de deboche — Por acaso ela te pediu desculpa por ter acabado com o seu casamento? Agora virou piada nacional. Não sei como você tem coragem de conversar com ela, ou com ele, que te trocou por uma mulher que tem idade para ser a sua filha. Sou eu que cheiro e vocês que ficam louco — desabafo, enquanto encaro Jeniffer e pego outra garrafa.

— Sabe que não pode beber por causa dos remédios — Emily fala.

— Foda-se. Eu que estou bebendo e não você.

Eu me viro para o outro lado e somente quando vejo o rosto da Elena assustada, é que sei que novamente vou levar toda a culpa do filho problemático. Ela se aproxima cautelosa, parecendo estar com medo, e não quero isso. Não quero que ela tenha medo de mim. Agora estou envergonhado, louco para cheirar e sem saber como resolver essa merda.

— Maycon, está tudo bem. Já que não quer jantar, nós podemos subir.

— Ela pega a garrafa da minha mão, então começo a chorar pela vida que levo, pela falta da cocaína e pela Elena também.

— Eu estou ficando louco, tenho que cheirar ou então vou pirar — confesso.

Não sei se ela entende como é isso, mas Elena me abraça e toca o meu

rosto, me fazendo olhar para ela.

— Está tudo bem — ela diz com uma calma fora do comum.

— Não, não está tudo bem, Elena. Que porra de vida!

— Está sim. Está tudo bem. Vamos para o quarto, eu também não quero jantar. — Elena segura em meu braço, então abaixo a cabeça, evitando todos os olhares e a sigo.

Assim que entramos no quarto, ela me beija e eu correspondo.

— Me desculpe, estou ficando paranoico.

— Amor, eu te amo. Você está cansado e eu também, só precisamos dormir um pouco. O que acha? — ela sugere.

Eu sei que não vou dormir. Mesmo que uma parte em mim queira ficar, eu sei que vou atrás de drogas.

— É, eu acho que você tem razão. — Eu me deito e ela faz o mesmo.

Elena está assustada, mas isso não estava nos meus planos. Eu achei que sairia do hospital, então iria atrás dela para pedir perdão e a faria acreditar que poderíamos ter uma vida juntos, mas agora, depois de tudo isso, é impossível.

— Você vai embora, não vai? Vai me deixar assim que eu dormir.

— Não, eu não vou. Pode dormir, vou ficar ao seu lado. Maycon, eu não voltei para te abandonar, estou aqui porque eu acredito em você, acredito em mim e no nosso amor. Ainda que seja difícil, minha fé não vai falhar agora, nós vamos vencer. Sabe por quê? Porque eu amo você e você me ama, e o amor é a força mais forte que existe no mundo. Ele muda tudo, transforma pessoas, acaba com guerras. Então, meu amor, pode dormir, porque quando acordar, eu ainda estarei aqui, porque eu nunca vou sair do seu lado.

Eu a abraço com força. Eu gostaria muito de realmente tentar, ter outra vida para oferecer a ela, mas não posso prometer isso. Eu choro implorando perdão por novamente escolher a cocaína, ainda que ela não saiba da minha escolha.

— Eu não mereço você, Elena.

— Como não merece, se eu sinto o melhor da vida através de você? Eu te amo, Maycon, e nada vai mudar isso. Nada.

Elena fala o que ninguém nunca disse para mim, e mesmo que ela tenha o meu amor por completo, meu cérebro já fez a sua escolha e ele pouco se importa com o meu coração.

Capítulo 34

Os minutos passam e com isso a vontade aumenta, estou pirando. A minha cabeça roda e parece que a qualquer momento irá explodir. No momento, eu odeio todos que estão aqui, até mesmo a Elena.

Cada esforço que eu faço para respirar me diz que preciso cheirar cocaína ou irei enlouquecer. Meu estômago embrulha, então me levanto assustado e corro para o banheiro. Estou no inferno e não posso mais continuar sem cocaína.

De frente ao lavatório, eu vomito a bile amarga e escuto passos, mas antes que Elena me veja assim, eu bato a porta com força. Meu estômago dói, tudo roda e sei que estou mal, sinto todo o meu corpo trêmulo, uma depressão do caralho e um cansaço insuportável. A abstinência prova essa merda. Eu choro feito uma criança por ter deixado chegar a esse ponto e estou tão desesperado, que fecho os olhos e tudo que vejo são gramas de cocaína, mas não quero colocar tudo a perder com Elena.

Pense, Maycon, pense em como resolver essa merda.

Antes de sair, eu me olho no espelho e vejo meu reflexo péssimo. Já sei até que desculpa inventar para resolver isso. Assim que saio, eu encontro Elena sentada na cama. Não querendo que ela perceba como estou mal, eu desvio o olhar em direção à janela quando ela me encara. Eu preciso soar convincente, então respiro fundo e a encaro.

— Elena, eu vou comprar a pílula. — Diferente do desespero que sinto, minha voz soa calma.

— Não precisa, você está passando mal.

Não sei se amo ou odeio a sua inocência, então engulo toda raiva e continuo:

— Eu estou bem. — Percebo algo subir queimando por minha garganta e, novamente, corro de volta para o banheiro, mas desta vez além da bile parece que estou vomitando o restante da minha força, mal consigo ficar em pé.

Só que eu deixo o cansaço, a fraqueza e a dor em segundo plano, eu só sei que preciso cheirar e foda-se se Elena acredita ou não na minha desculpa. Eu volto para o quarto, pego uma blusa de frio e sem meias palavras ou remorso, deixo Elena sozinha.

Na sala, Emily ainda está em prantos, provavelmente lamentando por eu não ter morrido no parto. Apesar de eu não falar isso, também lamento por não ter morrido. Todos estão de alguma forma tentando confortá-la, e eu, bom, eu sou o problema. Não posso fazer nada a não ser me aliviar e acabar com isso rápido. Eu passo por eles e vejo a chave de um carro ao lado de uma bolsa na mesa, rapidamente vou até lá e a pego.

— De quem é? — pergunto, mostrando a chave.

— Meu — Isaac responde rapidamente.

— Estou pegando emprestado. — Evito encarar Emily, entendo a sua dor, mas sou eu quem está queimando no inferno, então não tenho tempo a perder. — Mãe, onde está a minha carteira? — pergunto.

Ela enxuga as lágrimas e me encara, então desvio o olhar. Odeio ser o causador disso, mas não posso lutar contra essa fissura.

— Só peguei seus documentos — ela diz com a voz embargada.

— Então onde está a sua? — questiono, impaciente. Estou desesperado, preciso cheirar, e preciso rápido.

— O que você precisa? Posso comprar para você — ela diz, me obrigando a encará-la.

Merda! Emily, já passamos por isso tantas vezes, por que tem que complicar as coisas?

— Não, não pode. Não tenho tempo, me fale onde está. Rápido! — revido, querendo finalizar essa conversa.

— Precisa tanto disso, Maycon? — questiona.

Se a intenção dela é me irritar, parabéns. Ela conseguiu. Emily sabe o que eu quero e só porque tem plateia vai fazer uma cena para que eu afirme o meu papel de vilão.

— Mais do que eu preciso de você — falo com rancor e sei que é só o início.

— Onde eu errei com você? Onde nós erramos? — ela continua.

— Isso é piada, não é? Vocês não pensaram em mim, só enxergaram a sua dor. Não perceberam que era demais para mim? Em vez de serem racionais e tentarem fazer com que fosse o menos traumático possível para mim, fizeram o oposto. Eu fingia dormir, mas te escutava chorar a noite toda, e pela mesma merda eu chorava também. Tentaram me disputar como se eu fosse um prêmio ou um produto barato. O jeito que você fez, mãe, você me machucou e eu aprendi da maneira mais difícil a lidar com essa porra.

Encontrei uma válvula de escape e estou bem. Já você, quero que se lembre de quando tinha uma vida, volte a cuidar dela e pare de se preocupar comigo. É só isso que eu peço, pare de se meter e me deixe em paz. Porque seu sofrimento não me incomoda mais, mãe, eu me tornei insensível à sua dor, me tornei frio, mas muito mais consciente sobre mim. Durante todo o processo, eu fui forçado a fingir um sorriso, a fingir que estava bem. Agora não preciso mais, não vai mais me fazer engolir o que não quero. Não ando mais sobre suas regras e pouco me importo com o que você ou meu pai querem para mim. Não conta mais. Agora é só o que eu quero. E é isso que vale! — Cuspo tudo que estava entalado na minha garganta.

— Por que tanta revolta, Maycon? — Emily insiste como se ela não tivesse vivido o mesmo inferno que eu, como se também não tivesse a sua parcela de culpa.

Isaac faz sinal para ela deixar para lá e me irrita ainda mais a forma como eles agem.

— Eu tentei minimizar a sua dor, mãe, tentei ser forte por você. Graças a isso, minha vida se tornou vazia, sei que me tornei seu pior pesadelo. Mas, foda-se, meu caminho está no fim mesmo — falo e vejo suas lágrimas.

Não sou idiota, sei que vou me arrepender por todas essas palavras, sei que causar isso a ela vai doer em mim também, mas não será agora. Agora eu só sinto a necessidade que grita em meu cérebro. Eu me viro e dou as costas a eles, tudo que penso é em como conseguir a cocaína. Saio da casa e vou direto para o carro da mulher de Isaac, e antes que eu dê a partida, ele vem até mim.

— De quanto precisa?

Vejo em seu olhar o desprezo que tem e sei que esse olhar vai me assombrar por um tempo, mas isso também fica em segundo plano.

— Jura que depois de tudo vai me dar dinheiro tão fácil assim? — O orgulho do Maycon surge em meio ao caos e isso é até risível. Na verdade, uma parte em mim precisa saber se Isaac ainda se importa.

— Acha mesmo que é fácil? — ele diz de maneira rude. — Se era demais para você esse encontro, poderia ter me enviado uma mensagem dizendo que não queria me ver, eu teria te poupado disso e poupado a mim e a sua mãe de sermos tratados como lixo — ele respira fundo. — Mas eu te entendo, Maycon, acha que não, mas eu te entendo. Somos iguais — diz e

não consigo entender onde ele quer chegar, mas fico ouvindo somente pelo dinheiro. — Olhe para você. Já apanhou por causa de drogas, já acordou jogado na rua, já foi ameaçado de morte várias vezes, já teve overdoses e até perdeu seu melhor amigo, e ainda assim você ama tanto a cocaína que está sempre atrás dessa merda. Mas não te julgo, o que a cocaína faz com você, você faz comigo e sua mãe, e mesmo assim continuamos com você. Como eu te disse, somos iguais.

— Não sou falso como você, que tem coragem de trazer a putinha na casa da sua ex-mulher — revido, mantendo um pouco do meu orgulho.

— Não mesmo, é pior. Você desce ao nível mais baixo, se aproveita do amor da sua mãe para enganá-la e ela acredita. Emily acredita nas suas mentiras, nas suas falsas promessas. Mas sei que também que não adianta eu querer falar agora, porque tudo que importa para você é a merda da sua droga. E se é de dinheiro que precisa — ele tira o que tem na carteira e joga em mim pela janela aberta —, pegue tudo e vá se entupir disso. Quando voltar com qualquer merda de desculpa, porque você vai voltar, Maycon, essas duas pessoas que você trata como lixo estarão te esperando — ele diz com raiva.

Eu detesto ouvir essas verdades, mas não passam disso, verdades.

Isaac se vira e segue de volta para a casa. Não posso fingir que tudo que ele me disse não me atingiu. Na verdade, eu me sinto péssimo, mas a necessidade em me drogar fala mais alto, então, covardemente, eu junto as notas e dou partida no carro, deixando milhões de motivos para as únicas pessoas que me amam me abandonarem, e apenas com uma sombra de remorso, eu sigo loucamente atrás do meu alívio.

Vou até o outro lado da cidade dirigindo como um louco. Não posso chegar ao Jong em um carro desconhecido, esses caras desconfiam até da própria sombra, e como sequer peguei meu telefone, o plano é parar algumas ruas antes do ponto mais próximo e seguir a pé, mesmo me sentindo tão fraco.

Estaciono algumas ruas antes e vagorosamente me arrasto até a praça, sei que aqui é um dos pontos e para a minha sorte, vários viciados estão por aqui, o que significa novo carregamento chegando e que vou ter que esperar.

— Tem um cigarro aí, irmão? — peço para o carinha que está no banco da praça.

Isso vai me custar caro, mas alivia a tensão da espera. Ele então

estende o maço, eu tiro um e acendo com seu isqueiro. Eu poderia pegar o pó diretamente com Jong, mas isso tem que ser adiantado por telefone, são as regras, então faço como a maioria, espero.

Olho para cada viciado que passa por mim e percebo que somos iguais, estamos no mesmo barco afundando lentamente. Enquanto imploramos para chegar uma boa droga, imploramos também para não ter uma batida policial e todos rodarem. Não demora para dois caras de moto aparecerem, armados, e pode ser a morte, mas, convenhamos, todos aqui já estão meio mortos.

Apesar de tensos, continuamos como se não nos importássemos, eles então descem e vão até o trailer que, além de drogas, para despistar, também vendem hambúrgueres. Os caras entram pelos fundos e somente depois que saem e desaparecem, um a um, cada viciado vai comprar o bagulho. Quando chega a minha vez, termino o cigarro, coloco o capuz para não ser reconhecido, entro pelos fundos e, sem olhar diretamente para os caras do Jong, compro tudo que tenho em cocaína, o que não é muito para mim, para dizer a verdade.

Aqui também tem regras, eles vendem a droga e não se pode usar no local, então cada um segue o seu caminho para usar onde bem entender.

Feliz da vida, caminho o mais rápido que consigo para o carro, mas antes de o alcançar, o rapaz do cigarro chega com mais dois caras.

Puta sorte a minha.

— Qual é, irmão, tem um aí para nós? — ele diz com um sorriso macabro no rosto.

Eu me lembro de todas as vezes que odiei ter que dividir com o Robert, deve ser maldição daquele porra, ele está me amaldiçoando do além por todas as vezes que neguei a ele. Olho para os caras e tenho certeza que se negar eles me apagam, são três contra um e eu não estou aguentando porra nenhuma, então dou o meu melhor sorriso.

— Claro, irmão — falo e sigo com eles seja lá para a porra do inferno que estão indo.

Agora estou tenso, posso estar caindo em uma armadilha, mas estou louco para cheirar e não tenho opções. Chegamos a um beco, então tento parecer mais forte do que realmente estou. Eles entram por uma porta, o lugar fede a urina de rato e sangue, mal dá para enxergar, e sem opções eu faço o mesmo. Um cara acende uma luz, iluminando um pouco o lugar, então vejo

uma mesa ao fundo, colchões velhos, papelões e garrafas espalhadas pelo chão sujo. Quando o cara do cigarro levanta um pouco a blusa para pegar o seu material, percebo que está com uma faca. Eu me aproximo da mesa, enquanto um deles coloca dois papелotes de heroína em cima dela, o outro põe algumas pedras de crack, então todos olham para mim esperando que eu mostre o que tenho.

Estou assustado feito um rato de laboratório, mas aguento a pressão e coloco mais da metade dos meus papелotes sobre a mesa. Todos riem como se estivessem vendo ouro, mas para nós vale mais que isso.

A tristeza me invade quando me dou conta que vou ter que dividir a minha coca. O último cara então coloca mais papелotes de heroína e um deles pega seu material, cheira uma carreira de coca, em seguida prepara a heroína e coloca em uma seringa velha. Ele tem dificuldade em injetar, começa um bate agulha da porra, seu sangue escorre, está tremendo, assim como eu, todos eles estão na fissura, e quando finalmente consegue com a ajuda do seu amigo achar a porra da veia, em segundos ele já está viajando na santa paz que ela proporciona, o outro aproveita a mesma agulha e ambos deitam em um canto qualquer, já não estão mais aqui.

O cara da faca tira do bolso um cartão velho e canudo, faz uma carreira generosa de cocaína e após cheirar, ele me oferece o canudo e cartão. Todo o temor que eu sentia desaparece quando olho para a cocaína. Eu cheiro a primeira carreira e nós continuamos até não restar nada. E se antes eu estava desconfiado, agora me sinto em casa, então me sento com o cara no chão frio e conversamos como se fôssemos amigos de infância. Não falamos porque entramos, mas concordamos que a nossa vida é uma merda. E por mais que seja horrível viver assim, nenhum de nós tem esperança de encontrar a luz fim no túnel, que quem não vive essa vida diz existir.

Ele me conta que é viciado há mais de vinte anos e que largou tudo pela droga. Diz que não é daqui e não se lembra como e quando, só que um dia saiu andando e nunca mais voltou. Essas palavras vêm quando estou na descida e a depressão começa a me pegar de jeito, então tiro meus últimos papелotes e cheiramos juntos. Ele fala que tem uma filha, mas faz dez anos que não a vê e sente saudades. A história dele em algum momento poderá ser a minha.

Eu penso em meus pais, em tudo que eu disse a eles e encaro o rapaz. Se esse é o meu destino, por que adiar por mais tempo? Estou mal e cansado

de estar nessa luta desnecessária, então, talvez, seja hora de ir embora e deixar todos viverem suas vidas.

Quase posso sentir a dor de Emily. Ela choraria por um tempo, mas em algum momento desistiria e seguiria com a vida. Isaac gastaria algum dinheiro me procurando e, no fim, o amor deles esfriaria e minha existência cairia no esquecimento.

Eles merecem que eu os deixe em paz. Quando me convenço de que devo ir, a imagem de Elena vem à minha mente. Apesar de saber que ela merece alguém melhor, não consigo desistir, não dela. Ela acredita que é possível, porém, mesmo não existindo chance de sair disso, mesmo tendo certeza de que ela só está perdendo tempo comigo, não tenho coragem de me afastar. Não do meu anjo.

Começo a chorar sem saber que merda fazer com a minha vida. O cara acende um cigarro e me oferece um, então lamentando por tudo que a droga nos tirou e ainda irá nos tirar. Não somos idiotas demais para acendermos a chama da esperança de um amanhã melhor, ele não existe para viciados. As pessoas pensam que somos covardes, que não saímos porque não tentamos, mas o tentar já é ter que encarar o inferno. Mas toda tentativa resulta em fracasso e estamos calejados demais para suportar mais uma queda desnecessária.

O cara me diz que vai partir amanhã e, após a última tragada, ele aquece a heroína e se pica, em segundos já não está mais aqui. Ele sorri e talvez esse seja o sorriso mais sincero que irei receber hoje.

Eu me levanto e saio me sentindo pior do que quando cheguei, mas agora é só a depressão da coca. Hoje eu encontrei o meu futuro e ele não me assustou, apenas me mostrou o que me aguarda, sem sarcasmo ou ironia, foi sincero e sorriu para mim com um breve até logo.

Eu perdi o respeito pelos meus pais, eles perderam por mim e ainda assim eu os amo. A cocaína não tira isso, mas anula em muitos momentos a ponto de achar que não existe, porém, quando todas as rachaduras se abrem, os sentimentos estão ali acompanhados da culpa que sente por ser viciado.

Chapado, eu ligo o carro sem saber para onde ir. Dirijo pelas ruas vazias enquanto a minha mente está a mil com pensamentos em Jay e Robert, então eu me dou conta que estou sozinho com uma alta carga de culpa e muito chapado para pedir desculpas. Mas a imagem de um anjo em minha mente sorrindo para mim me faz continuar, e ao olhar em seus olhos ela me

diz que pode me salvar.

Eu lamento por ter entrado na vida da Elena e imploro perdão aos meus pais, desejando sair desse inferno. Ao passar em frente a uma farmácia, eu me lembro da promessa que fiz a Elena.

— Elena, eu cheirei todo o dinheiro que tinha. Como vou cumprir a minha promessa com você, meu anjo?

O pai dela a levou embora e doeu perdê-la, deve ter sido uma barra para ela conseguir voltar. Elena provavelmente abriu mão de algo por mim e isso é o suficiente para querer estar novamente ao seu lado. É patético, mas acho que levar a pílula para ela talvez possa aliviar o meu lado, então procuro algum trocado no porta-luvas e acabo achando uma nota de cinquenta.

Eu entro na farmácia e o balconista diz em tom alegre que logo irá me atender. Após me cumprimentar, eu peço a pílula do dia seguinte. Enquanto ele busca o medicamento, eu vejo ao lado um display com camisinhas, então eu pego uma caixa. Com tudo que quero nas mãos, eu me dirijo para o caixa.

— Uau! Encrencado com alguma garota? — a atendente do caixa diz, com um sorriso malicioso no rosto.

— Só se o nome dela for vida — ressalto e ela sorri.

— Deu quarenta e oito, mais alguma coisa? — pergunta, dando um sorriso que demonstra segundas intenções enquanto passa a língua nos lábios.

— Não, obrigado — digo e entrego a nota para ela, que me entrega a sacola com as minhas coisas e um pedaço de papel com um número de telefone, que jogo fora assim que atravesso a porta.

Mesmo não querendo, sei que preciso voltar para a casa da Emily. Fico pensando em um pedido sincero de desculpas. Eu estou muito mal e quero me desculpar, mas eles não acreditam mais em mim, não acham que sou sincero.

Arrependido e muito envergonhado, paro o carro na frente da casa. Pego a sacola da farmácia e saio do carro com a chave na mão para entregar a Isaac, caso ele ainda esteja aqui.

Mesmo não estando preparado, entro esperando encontrar todos na sala, mas não vejo ninguém, então sigo para a escada.

— Graças a Deus você chegou bem! — ouvir a minha mãe dizer isso acaba comigo.

Com um nó na garganta, eu me viro em sua direção e a encontro ao

lado de Isaac.

— Maycon, o que está acontecendo? — ela pergunta ao ver o quanto estou abalado, enquanto se aproxima de mim.

— Nada — minha voz sai em um sussurro, então eu me aproximo de Isaac e jogo as chaves para ele. — Peguei uma nota de cinquenta que estava no porta-luvas. — Sem encará-los, eu me viro novamente em direção à escada.

— Você não vai subir sem antes comer alguma coisa — Emily insiste.

A preocupação dela faz a minha culpa aumentar. Assim que ela se aproxima e toca o meu rosto para encará-la, eu desabo em lágrimas.

— Pelo amor de Deus, Maycon, me diz o que está acontecendo? — ela implora, enquanto me abraça. Ela sabe que usei drogas e ainda assim, depois de tudo, em seu olhar não vejo condenação alguma.

— Mãe, me perdoa — falo. Ela engole em seco e Isaac desvia o olhar ao me escutar, mas não posso o culpar, ele já presenciou essa cena um milhão de vezes. — Eu sei que pode achar que é mentira, mas não é. Estou arrependido, não deveria ter feito aquilo com você. Eu sou um viciado, mãe, e não consigo ficar sem.

— Querido, eu te amo tanto, não quero que pense nisso. Está tudo bem, você só estava nervoso, eu entendo — ela diz e me beija com lágrimas nos olhos.

— Eu não mereço que me ame.

— O amor não é por mérito, é um dom divino, e eu sempre vou te amar e perdoar.

Se por um lado é um alívio escutar a minha mãe dizendo que me perdoa, por outro vejo a indiferença nos olhos do meu pai.

— Pai, eu...

Ele faz sinal para que eu me cale.

— Emily, eu vou embora. O Maycon já voltou e está bem. Por hoje, já deu para mim. Agradeça ao Erick pela gentileza de ter levado Jeniffer e Jessica.

— Está tudo bem, obrigada por ter ficado comigo — ela diz.

Isaac sai me ignorando totalmente, então desvio o olhar sentindo o seu desprezo na pele.

— Mãe, você acredita em mim? Acredita que estou arrependido? — pergunto quase implorando e ela sorri gentilmente.

— Claro, meu amor, claro que acredito. O seu pai também, ele só precisa de um tempo. — Ela me beija novamente, então vamos à cozinha ainda abraçados. — Vou preparar um lanche, precisa comer alguma coisa antes de dormir — ela diz.

Eu acabo tomando leite e como um pedaço da torta da Jessica. O maço de cigarros de Erick está sobre a bancada, então eu o pego e Emily não diz nada, só me beija e sai. Eu entro no quarto e apesar de tudo estar escuro, eu sei que Elena está acordada.

— Trouxe a pílula para você. — Eu entrego para ela, que toma rapidamente.

— Tem que tomar seus remédios — ela diz.

Então eu o tomo com o restante da água que sobrou no copo. Eu me deito ao seu lado esperando que ela diga alguma coisa, mas Elena não cede. Sem saber como começar, eu me levanto e vou fumar um cigarro na sacada, em seguida escovo os dentes no banheiro e troco de roupa. Sou péssimo em começar um diálogo quando tenho culpa, mas tenho que fazer isso.

— Você está com raiva ou coisa do tipo?

— Não! Imagina! Não tenho motivos para estar! — diz e seu tom de voz calmo me deixa confuso.

— Você está sendo irônica ou sincera? Não consigo definir.

Ela se vira e me encara, mas evito olhar em seus olhos, estou envergonhado.

— Melhorou? — pergunta, mantendo o olhar firme.

— Novinho em folha — falo e sorrio, tentando aliviar a tensão.

— Você é bem rude quando quer ser.

— Pessoas hipócritas necessitam que sejamos rudes — falo, pensando em minhas ações.

— Eu preciso?

— Não fui rude com você, pelo menos não me lembro. Mas se está se referindo a eu ter batido a porta do banheiro, só estava te poupando de ver uma cena deplorável — sorrio novamente.

Ela não diz nada.

— Comeu alguma coisa? — Tento ir pelo caminho da Emily, ao menos funciona comigo.

— Já. E você?

— A torta da minha irmãzinha. Não é que ela cozinha bem? —

brinco.

— Agora você está sendo hipócrita.

— Às vezes precisamos ser hipócritas para nos encaixarmos em toda essa merda — retruco e Elena desvia o olhar. — Elena, você é chata, mas sabe que amo até os seus defeitos — digo querendo ouvir o mesmo, mas ela novamente me ignora e muda de assunto.

— Você deve pedir desculpas para sua mãe, foi muito ofensivo com ela. — Acho que ela espera que eu faça isso na frente dela.

— Amanhã eu peço, fique tranquila. — Finalmente encaro o seu olhar e vejo a brecha bem à minha frente. Ela não parece mais tão chateada, então eu me aproximo e me deito por cima dela, beijando-a, mas ela não corresponde. — Comprei camisinha — sussurro de forma sedutora.

— Não era necessário — retruca com raiva e praticamente me empurra.

Ela quer parecer indiferente, mas seus olhos não mentem, sei que me quer, então me aproximo novamente e acaricio seu rosto.

— Se continuar assim, com esse biquinho lindo, vou ter que usar a minha melhor arma, e ela é fatal.

— Eu não entendo. Por que você foi tão agressivo?

— Porque me irritam.

— Você se acha com a razão, não é, Maycon? Acha que todos têm que aceitar seus motivos! — vocifera.

Eu poderia tentar explicar a ela, mas os meus motivos não serão aceitos. Como eu disse, só quem enfrenta essa merda sabe como é enlouquecer pela falta da droga. Eu me aproximo novamente e a puxo para um beijo, mas ela segura as minhas mãos.

Merda!

— Estou te implorando. Pare, Elena. Se não entende, não questione. Você não disse que acha que pode me salvar, que acha que pode me mudar, que acredita que o nosso amor vai vencer? — Eu a lembro e ela confirma com a cabeça. — Se acha que existe uma maneira, então me salve, Elena, pode me salvar, mas evite essa falação, porque eu não tenho paciência — desabafo com sinceridade.

— Não pensa pra falar e depois diz que sou eu.

— Tudo bem, eu estava errado, estou errado, ainda que pelos motivos certos — falo me referindo à abstinência.

Eu volto a me beijá-la e ela finalmente corresponde, então prendo suas mãos acima da sua cabeça. Ao olhar para o seu rosto, vejo todo o receio desaparecer, eu me vejo em Elena e sei que deveria deixá-la ir, mas em meio a todo o meu inferno, ela é meu paraíso. Então como posso desistir da única parte boa da minha vida?

— Eu tenho medo, Maycon, tenho medo de onde nós podemos chegar. Nosso futuro me assombra — meu anjo sussurra.

— Eu também tenho — sussurro —, e não é pecado sentir medo. Como ser corajoso, se andamos no escuro e não conseguimos ver um passo à nossa frente? Meu coração acelera quando penso nisso, mas nesse momento eu me lembro que tenho você e algo me fortalece, então não me importo mais por não enxergar o caminho, não me importo com o amanhã. Porque eu só me importo em sentir você. Estar perto de você. Eu estava morto antes de te conhecer, ainda que por algum motivo, estivesse no mundo dos vivos. Só que eu te conheci e tudo passou a fazer sentido, passei a me sentir vivo. O único passo que quero dar agora é para mais perto de você. Sei que eu já te amava antes de te conhecer e vou continuar te amando, não por toda a vida, mas por toda a eternidade. Porque a vida é irrelevante perto do amor. Me perdoe por hoje, Elena, me perdoe pelo amanhã. Me perdoe sempre, porque o seu perdão é tudo que vou precisar daqui para a frente. Do seu perdão e do seu amor. Você pode fazer isso? Pode me amar incondicionalmente? — Minhas palavras saem mais como súplica do que uma declaração de amor. Estamos fazendo um pacto de nunca abandonarmos o outro, e não importa o que aconteça, eu vou cumprir a minha parte.

— Mas vai tentar parar, não vai? — diz entre beijos.

Penso em como é encarar a abstinência, em como é ilusão acreditar que posso sair, mas olho em seus olhos, e ela, por um milagre, me faz acreditar que talvez seja possível.

— Amor, eu vou — falo, consciente do que estou prometendo —, mas não funciona assim. Tenho que tomar remédios que ajudam a controlar a vontade de querer usar, calmantes, e por aí vai uma lista enorme — explico.

Elena então sorri, retribuo e volto a beijá-la. Sei que não será fácil, a tendência é só piorar, mas diferente de todas as outras vezes, eu tenho um anjo que acredita que pode me salvar, então talvez esse seja o momento de acreditar e rezar por um milagre.

Capítulo 35

Meu plano é fazer sexo durante toda a noite, mas ao olhar para Elena depois da nossa segunda vez, ela não parece compactuar com isso, acho que prefere dormir. Só que não vou desistir tão fácil. Ainda por cima dela, eu tento beijá-la, mas Elena se esquivava e fica segundos me encarando.

— Suas pupilas estão tão dilatadas — ela diz como se tivesse chegado a uma grande dedução.

— Sério? — brinco e ela continua séria. — Daqui a pouco voltam ao normal.

Ela desvia o olhar e antes de ficar desconfortável, eu me deito ao seu lado e conto, achando graça, sobre a garota da farmácia e sua tentativa de flertar comigo.

— Normal, você é o cara por quem elas fazem esse tipo de coisa — diz e percebo seu ciúme, mas antes de dizer que eu não me importo, Elena continua. — Já namorou com quantas, Maycon? — ela questiona e só então percebo que parece chateada com o que eu disse, mas eu não tive essa intenção.

— Só com você — falo e ela dá uma risada irônica.

— Não pode mentir para mim, Maycon. — Elena fica de lado, se virando de frente para mim, então faço o mesmo.

— Eu não estou mentindo, é verdade.

— Então tudo que falam sobre você é mentira? — questiona, olhando em meus olhos.

— Eu não procuro saber o que falam de mim, mas nem tudo é verdade.

— E o que seria verdade? Uns vinte por cento? — pergunta e sinto como se estivesse pisando em ovos, então mordo os lábios e ela sabe o que isso significa.

— Sabe, eu nunca achei a matemática muito interessante, não quando se trata de calcular meu nível de culpa — confesso.

— Espertinho.

— Mas eu não estou mentindo. Você foi a minha primeira namorada e devo ressaltar que também foi a primeira que me pediu em namoro — sorrio e ela mostra a língua para mim, então se aproxima e me beija.

Estamos em nosso melhor estilo, pelados em uma cama. Ela toca o meu rosto e acaricia.

— Você é tão lindo. No hospital, fiquei olhando os seus pais e pensando como eles conseguiram — ela diz com timidez.

— Não é algo fácil, requer várias tentativas, mas posso te ensinar. — Pisco com malícia.

— Idiota! — sorri. — Sabe, Maycon, eu olho para você e às vezes me acho em desvantagem.

— Não está, seus seios são lindos — provoco e levo um tapa.

— Não faça isso. Eu estou falando sério e você está debochando de mim — revida com manha.

— Elena, eu te acho linda, totalmente. — Ela sorri — Mudando de assunto, seu pai não se importou por você voltar? — pergunto e ela então se vira, olhando para o teto.

— Digamos que não foi um acordo. Eu soube que estava no hospital e senti que precisa estar com você — diz sem jeito. — Isso é loucura, não é? — pergunta e se vira novamente em minha direção. — É loucura amar você como se eu já o conhecesse há anos.

— Se for loucura, somos dois loucos — falo e ela sorri. Acho que me considerar um louco não a surpreende, então dou um leve beijo em seus lábios. — Elena, eu nunca soube como falar o que eu sinto e pode parecer patético, mas sempre fui muito fechado. Engraçado é que hoje eu conheci um cara, e bem além de conhecer, eu me vi seguindo o mesmo caminho que ele, mas, por alguma razão, eu pensei em você e percebi que por mais que agora pareça difícil continuar, depois de pensar em você ficou claro que o único caminho que quero seguir é o que me leva aos seus braços.

Ela sorri de um jeito que me deixa sem graça, então desvio o olhar.

— O que aconteceu hoje costuma acontecer sempre? — Elena questiona e sei que se refere à cena que dei.

— Não — fico cabisbaixo —, mas se não usar, acontece.

Agora é ela quem evita me encarar.

— Queria poder entender, mas eu... Você foi tão rude com seus pais e eles parecem te amar tanto, eu até tento, mas não consigo...

— Elena, eu sei que é difícil — toco seu rosto, fazendo-a me encarar —, mas imagina que você está com muita sede e seu corpo diz que precisa tomar água, sua boca está seca. Então você fecha os olhos e tudo que vê à sua

frente é a porra da água. Você sabe onde tem água e sabe que se não tomar irá enlouquecer. Então você decide ir até a água, mas tem pessoas no seu caminho que te impedem de chegar a ela. Acha que sob essas circunstâncias conseguiria agir racionalmente? — questiono e ela não responde, está claramente desconfortável, e isso me impede de continuar a falar.

— Sua madrasta é linda, ela me disse que... — Tenta mudar de assunto, mas escolhe a pior opção.

— Pode não falar dela, por favor? — interrompo.

Elena tem o péssimo hábito de não pensar para falar. Sei que não foi de propósito, mas não vou fingir que está tudo bem falar daquela puta. Ela prende os lábios, continua desconfortável. Respiro fundo e apesar de odiar falar sobre isso, eu quero que ela saiba como foi, quero que ela me veja além da porra de uma fissura, além dos rótulos. Quero que ela possa enxergar o Maycon, quem ele realmente é, ainda que isso signifique mostrar as feridas.

— Quando eles se separaram, não foi um processo, entende? Em uma semana éramos uma família feliz, minha mãe era feliz e Isaac sempre estava aqui por nós, éramos só nós. Mas depois de uma briga que presenciei, sem se despedir, ele foi embora, e desde então Emily passou a descrevê-lo como alguém terrível, alguém que não era o pai que eu conhecia. Eu não entendia o que estava acontecendo. Se eu perguntasse por ele, ela respondia aos gritos que não queria falar sobre isso, vi minha mãe se transformar em uma pessoa amarga. Fiquei uma semana sem ter notícias e sequer poder pronunciar seu nome. Eu não entendia o que eu tinha feito de errado, mas me sentia culpado, mesmo sem saber qual era a minha culpa.

Elena engole em seco. É difícil falar sobre isso, ela é a primeira pessoa com quem falo abertamente, mas não sei se o fato de eu me abrir importa para ela, não sei se ela percebe como é difícil.

— Ninguém tentou te esclarecer o que estava acontecendo?

— Acho que nem mesmo eles entendiam, Elena. Depois de uma semana, Isaac passou a me ligar, mas todas as vezes que eu perguntava quando ele ia voltar, Emily chorava, então eu meio que me limitei a usar apenas as palavras que não fossem magoá-la. Na minha mente, eram palavras proibidas. Mas a noite eu as usava para pedir a Deus para trazer meu pai de volta. Mas acho que eram proibidas usar com Ele também, porque Isaac não voltou mais.

— Tem raiva dele, Maycon? — A pergunta sai com cautela.

— Não. Antes sim, hoje não. Acho que ele me odeia mais do que um dia eu cheguei a odiá-lo.

— Não acho que ele te odeie. Só fica magoado por...

— Hoje é raro conversarmos, estamos sempre discutindo ou fingindo estar bem. É estranho pensar sobre isso. Isaac era o cara para quem eu corria quando me machucava ou tinha medo. — Minha mente vaga por lembranças. — Hoje eu evito até responder as suas mensagens.

— Por quê?

— Não sei. Acho que as coisas ficaram estranhas entre nós, perdemos o respeito que tínhamos um pelo outro. Sentimentos são como vidros, uma vez quebrados não tente consertá-los ou irá se machucar. E toda vez que tentamos, nos machucamos. Isaac me dizia que na sua ausência eu era o homem da casa, que deveria proteger e ficar sempre ao lado da minha mãe, e eu fiquei, mesmo quando tive que escolher entre os dois, eu cumpri a minha parte. Ainda que de um jeito meio torto — sorrio.

— E da sua mãe, tem raiva?

— Ela é minha mãe, Elena, nunca teria raiva. Sei que sou inconsequente e faço merdas, temos nossos problemas, mas nos amamos. Emily foi traída pelo homem que amava e, como consequência por ter se envolvido com esse tipo de cara, teve um filho como eu — lamento. — Ela merecia bem mais que nós dois — respiro fundo. — É complicado esse lance entre nós três, e hoje, no lugar das boas lembranças, restaram só cacos, mentiras. Não sei se você conseguiria entender como é isso.

— Eu sinto muito. Obrigada por me contar isso, sei que é difícil.

— Como assim, obrigado? Jura que não vai rolar sexo depois da terapia? — questiono, brincando e ela me mostra a língua de novo.

— Por isso passou a usar drogas, Maycon? — ela pergunta.

Eu não queria chegar nesse assunto, mas quero que ela entenda que esse lance entre nós é diferente para mim, que confio nela e que ela pode confiar em mim.

— Não. As drogas vieram com a guarda conjunta. Eu era ingênuo, não tinha amigos, bem tímido — sorrio e ela retribui. — Na verdade, eu era bobo, Elena, sentimental demais, e ver meus pais em uma guerra estava sendo uma barra. Então conheci algumas pessoas e com elas as drogas. E entre presenciar as brigas dos meus pais e ficar chapado, eu preferia estar chapado. Estava vivendo um inferno, mas as drogas me faziam suportar bem.

Quando eu estava com Emily, ela dizia que Isaac havia nos trocado, que ele tinha outra família. E quando eu perguntava a ele sobre isso, ele desmentia e dizia que Emily queria nos separar. Eu achava que a minha mãe estava ficando louca, mas um tempo depois ele me apresentou Jeniffer e Jessica, então passei a achar que tudo que nós vivemos era mentira, que a minha mãe sempre havia me dito a verdade e tinha razão. Naquele momento eu perdi todo o respeito que tinha por ele. Não quis mais vê-lo, ele insistiu por um tempo, depois desistiu. Ele é bom em desistir.

— Mas ele não tentou se explicar?

— Provavelmente, mas nosso relacionamento já havia sido destruído. Depois disso eu queria apenas estar chapado. Foda-se Isaac, Emily ou Maycon. Eu decidi que nenhuma verdade sobre eles iria me machucar mais, então toda a sensação boa era vivida através de drogas. — Elena fica pensativa. — Estava enlouquecendo, doente e me automediquei.

— Se autodestruíu.

— O que é destruição para você é um escape para mim. Você estar certa não significa necessariamente que eu esteja errado.

— Não tem lógica nisso, Maycon.

— A lógica é um raciocínio mediado que fornece o conhecimento a partir de outras deduções. Geralmente se trabalha com argumentos e se formos por esse lado, não chegaremos à porra nenhuma, porque eu tenho os meus e você os seus. — Ela agora revira os olhos e sei que a deixei irritada. Elena não gosta de ser questionada, se acha sempre com a razão. — Sabe, Elena, a vida fica mais fácil quando você percebe que não existe uma medida exata sobre certo e errado, verdadeiro ou falso. É tudo sobre percepção e sentimentos.

— Você não pode estar falando sério. Certo é certo, errado é errado e ponto — diz. Seu argumento é tão frágil e fácil de contestar, mas sei que se eu continuar vou me ferrar.

— Não estou tentando me justificar, apenas ampliando o seu campo de visão para outras realidades. Mas se quer ter razão, te dou razão, o mundo tem suas regras e que vá para o inferno quem tentar quebrá-las — falo e ela sorri sem conseguir captar a mensagem, então beijo seu rosto e ela continua me encarando, esperando que eu me retrate. Mas isso não vai acontecer, e como não sou idiota, mudo de assunto. — O que eu tenho que fazer para ter sexo selvagem do tipo que dá amnésia? — Ela arregala os olhos com a minha

pergunta e eu gargalho. — Esquece a parte da amnésia, que tal só selvagem? — insisto. Elena então sorri mais abertamente e sei que essa é a minha brecha.

— Tenho uma sugestão melhor — fala com orgulho.

— Melhor que sexo? Essa eu quero ver — questiono para irritá-la. Elena arqueia a sobrancelha para me provocar.

— Vamos fazer um jogo, quem vencer escolhe o que fazer — Elena sugere e eu me lembro que a nossa última brincadeira não teve um bom resultado para mim, e agora é ela quem irá ditar as regras.

— Topo. Como vai ser?

— Perguntas sobre o casal — diz, ainda arqueando a sobrancelha.

Não tenho como me ferrar com isso. Ou tenho?

— Tudo bem, pode começar.

— Onde foi a primeira vez que nos vimos? — ela pergunta e isso me arranca um sorriso, foi fácil demais.

— No bar — falo de imediato e ela faz uma negativa. — No ponto? — Ela nega mais uma vez. — Onde então?

— No meu primeiro dia de aula na faculdade.

Olho para Elena, mal acreditando nisso.

— Você está brincando, né? Isso não vale.

— Claro que vale. Para variar, você estava usando uma blusa preta de capuz e fumando com a sua turminha de sempre. Eu te olhei várias vezes e em uma delas você me olhou também.

— Você está roubando, Elena, essa vez não conta.

— Não é porque você me ignorou que não aconteceu — diz com sarcasmo, então desvio o olhar já sabendo que sim, eu vou me ferrar. — Você perdeu. Agora tem que fazer o que eu pedir — diz, sorrindo por ter vencido a primeira.

— Tudo bem, você jogou sujo, mas pode pedir. Imagino que seja dormir — falo, aborrecido. Ela sorri com malícia, vem por cima de mim e aproxima seu rosto do meu.

— Quero um beijo nos pés. Tem que beijar e dizer o quanto você é um cara sortudo por me ter em sua vida — diz, sorrindo.

— Só os pés? — pergunto, audacioso.

— Rápido, Maycon, você perdeu — ordena, saindo de cima de mim. Então levanta os pés e em seguida aponta com o indicador para eles. Eu me

sento, seguro seus pés entre as minhas mãos e os beijo.

— Eu sou um cara tão sortudo por ter você ao meu lado — digo e Elena sorri.

— Jura que é verdade, realmente pensa isso?

— Juro — falo, deixando transparecer a minha sinceridade.

Ela então se senta, me puxa para um beijo, e ao sentir seu beijo eu percebo que cada vez fico mais apaixonado por esses pequenos momentos. Ela volta a se deitar e lentamente vou subindo os beijos alternando por suas pernas e, em segundos, estou louco, sentindo um tesão do caralho.

Eu atravessaria qualquer inferno para continuar sentindo os efeitos que ela me proporciona. Assim como a cocaína viciou meu cérebro, Elena vicia cada vez mais meu coração. E não importa o quão danoso meu vício possa ser, eu sempre quero estar chapado o suficiente para nunca ter fim.

O nosso amor expulsa qualquer sanidade, então transamos com e sem camisinha, sequer pensamos sobre isso. Depois de nos esgotarmos, como um anjo, Elena dorme em meus braços. Apesar de estar fisicamente cansado, meu cérebro fodeu muito com a cocaína hoje para conseguir dormir.

Após minutos, sua respiração acalma, então eu a cubro com edredom, vou à sacada e fumo dois cigarros. Volto para cama e olho para o que deveria ser o meu quarto, já não há mais nada por aqui que realmente seja meu. Lembranças vêm e vão como fantasmas, então abraço Elena tentando manter a sanidade, tentando não cair na paranoia pós-coca. Espero tempo demais, o dia amanhece lentamente e eu fico atento a tudo até finalmente achar que chegou o momento. Estando lúcido é complicado ter que encarar Emily, mas não posso fugir disso.

Eu me levanto e após um banho rápido, escovo os dentes enquanto olho o meu reflexo no espelho. Não dormir nada em algum momento irá pesar. Enrolado na toalha, volto ao quarto e passo por Elena, que continua dormindo, e visto uma bermuda e blusa.

Enquanto desço a escada ainda descalço, olho para cada canto dessa casa e isso me deixa um pouco insano, mas antes de ter velhas memórias me assombrando, ainda na sala, escuto Emily e Erick conversarem.

— Isaac deveria se impor, mas, sinceramente, não esperava outra atitude dele. Aqueles dois se merecem, ambos são infantis.

— Por favor, Erick, não vamos falar sobre eles. É o pai do Maycon.

— Disso ninguém tem dúvidas, querida, às vezes me questiono se

aquele garoto é seu mesmo, porque...

— Erick, chega! Maycon tem seus problemas, mas não admito que fale do meu filho. — Ela muda o tom.

— Tudo bem, me desculpe, tem razão. Maycon não é problema meu.

Engulo em seco ao escutar isso. Erick só pediu a minha mãe em casamento depois que eu saí de casa, o motivo sempre esteve claro para mim. Sei que deveria sentir mais familiaridade estando aqui com a minha mãe, mas não consigo. Respiro fundo e apareço na cozinha.

— Bom dia — falo.

Estou tão envergonhado, que mal consigo encará-los. Eles estão à mesa tomando café, Erick abaixa o jornal e me encara, enquanto Emily se vira.

— Bom dia, amor, dormiu bem? — Emily se adianta, mas percebo a tensão no ar. Ela então encara Erick e ao olhar para ela, ele responde.

— Bom dia — diz e volta a atenção para o jornal e, em seguida, pede licença e segue para a sala de estar.

Agora me sinto um intruso.

— Mãe, eu não quero causar problemas mais do que já causei. Só vou tomar café e ir embora.

— Não, não vai, essa casa é sua. E não causou problemas, está tudo bem, vou pegar seus remédios e você irá tomá-los, depois vou preparar o café e vamos passar o dia juntos — diz e logo força um sorriso, se aproxima e me beija.

— Mãe, eu...

— Maycon! — Ela aumenta o tom. — Está tudo bem! Podemos não falar mais sobre isso?

Ela vai até o armário, pega meus remédios e me entrega, que engulo tudo com um gole de água.

— Lembra quando você insistia em preparar o café da manhã para o seu pai? — ela pergunta, sorrindo. — Quer preparar para a Elena? — diz, tentando dissipar a tensão.

— Claro.

Não falamos mais a respeito. Eu ajudo Emily com a geleia, ela faz torradas e chocolate quente e suco natural. Antes de subir, eu termino de preparar a bandeja, agradeço e peço novamente desculpas à minha mãe.

— Eu já o perdoei antes mesmo de você errar. — Ela me beija.

— Por que chamou Jeniffer, mãe? — questiono, querendo entender.

— Não convidei, mas ela esteve duas vezes no hospital. Desde que ela se casou com seu pai, ela tenta se aproximar de você. Acho que deveria dar uma chance a ela.

— Não. Ela tenta se impor na minha vida, e eles não são casados, moram juntos. É diferente — revido. — Mas a pergunta vai além. Por que passou a aceitá-la? Por que aceita Isaac depois de tudo que ele nos fez? Eu não entendo, mãe.

— Amor, você quer mesmo falar sobre isso?

— Só quero entender seus motivos, mãe, sabe que sempre estive do seu lado.

— Maycon — ela respira fundo —, seria difícil lidar com o seu problema sem o apoio do seu pai — admite, constrangida.

— Então é por minha causa? — pergunto, magoado.

— Não, é por amor a você.

— Não tem que fazer isso, não por mim.

— Seu pai te ama, Maycon, mas lidar com essa situação é cansativa, entende? Agora imagina se além disso, ele tivesse que lidar com as diferenças entre mim e Jeniffer?

— Mãe, por favor, pare. Não tem que aceitá-la por minha causa.

— Meu amor, vê-los juntos não me atinge mais. Eu sei que isso o magoa, mas não faz diferença para mim. Eu desejo que seu pai seja feliz, Isaac merece, e se a felicidade dele está ligada a ela, desejo que ela também seja — fala como se explicasse a uma criança.

— Mesmo assim, se ele te respeitasse não a traria aqui.

— As coisas não aconteceram como você acredita. Seu pai me ligou, ele não queria trazê-la, mas ela fez um inferno. Jeniffer tem um ciúme doentio dele. Eu e seu pai estávamos muito cansados, ficamos todo o tempo com você, preocupados com a sua saúde, querendo uma solução, perdidos sem sabermos como te ajudar. Aceitá-la aqui foi um mero detalhe, não achei que ficaria magoado. Você me perdoa? — diz.

Eu amo ver a sinceridade em seus olhos.

— Não tem que me pedir perdão, sabe disso — falo e respiro fundo, tentando deixar a porra da raiva ir. — Erick também está chateado pelo que houve?

— Não — diz, dando de ombros. — É uma situação complicada,

querido. Erick acha que seu pai se aproveita da situação para tentar uma aproximação. Isso já não é sobre você, não tem que se preocupar.

— E se aproveita? — questiono. Ela fica sem graça, mas tenta disfarçar.

— Trazendo a mulher dele aqui, jura? — Ambos rimos.

— Sabe que é muito superior a ela, não sabe?

— Deixe isso para lá, querido — diz, sorrindo. — Agora vai levar o café para a Elena, ela já deve ter acordado — sugere com seu jeito meigo, então pego a bandeja. — Não se esqueça de colocar frutas — diz e me entrega as frutas.

Sorrio e vou direto para o quarto. Não importa o que eu faça, parece que estou destinado a sempre ser o culpado por tudo. Entro no quarto e Elena continua dormindo, então coloco a bandeja ao lado e começo a distribuir beijos por sua pele quente.

— Eu te amo. Te amo muito. Adoro te ver dormindo, mas o dia está lindo e quero passá-lo ao seu lado — sussurro.

Elena sorri e, em seguida, se vira me ignorando. Então eu puxo o edredom, abro as cortinas e a claridade adentra o quarto, enquanto ela abre os olhos preguiçosamente. Elena se senta na cama, então coloco a bandeja em seu colo.

— Você quem preparou?

— Eu e a minha mãe. Setenta por cento ela e trinta eu.

Ela dá um longo suspiro, então me aproximo e beijo a ponta do seu nariz.

— O que faz para acordar tão lindo? Acho injusto, enquanto acordo parecendo um espantalho, você acorda todo perfeitinho — diz, sorrindo.

— Jura que acordo assim? Para mim é o contrário.

Elena faz tanta hora para tomar o café, que pego uma torrada e levo à sua boca, que ela morde sem protesto. Em seguida, pego o chocolate e dou a ela. Elena sorri em retribuição, e eu continuo assim até ela terminar. Eu me aproximo e roubo um beijo, ela sorri de uma maneira contagiante. Amo esse sorriso.

— Preciso de um banho — diz, então aponto para o banheiro.

Eu vou ao closet, pego uma toalha e entrego a ela. Elena segue para o banheiro e eu aproveito para ligar o computador. No telefone, vejo várias mensagens, mas só abro as da Jay. A sua foto agora é com o PlayIII. Ela

enviou vários vídeos dos dois tocando, então abro o primeiro, que é de uma música que fiz há muito tempo. Como sempre, o filho da puta do PlayIII dá uma turbinada no som, que melhora a porra toda. Odeio esse cara. Gosto da música na voz da Jay, ele soube colocar em seu tom.

Entro no Facebook e eles parecem ser o casal do momento. Acho que ele é uma versão melhorada minha ou talvez seja só o ciúme. Antes de Elena sair, abro meus e-mails e respondo somente os da faculdade. Elena sai do banho e me olha com o rabo de olho. Sei que está curiosa, então ela se aproxima e me abraça por trás. Depois de ler praticamente toda a minha caixa de entrada, ela me beija antes de eu terminar de enviar o último e-mail, então desligo tudo para descermos.

— Bom dia — minha mãe diz para a Elena quando chegamos à sala.

Erick agora parece mais tranquilo, ainda assim ele continua me encarando como se de alguma forma quisesse me dizer algo. Minha mãe começa a tagarelar e a chama para ver álbuns e fala sobre a minha infância como se Elena necessitasse ter essas informações para vida. Quando elas vão à outra sala, Erick se aproxima.

— É impressionante como você se parece tanto com seu pai e não tem nada da sua mãe.

Não sei qual a intenção dele por trás desse comentário, visto que minutos antes ele estava falando mal do Isaac.

— Talvez Emily faça um teste de DNA, o que acha? Dê a sugestão a ela — falo e sorrio, então ele desvia o olhar.

— Como vai a faculdade?

— Estou um pouco desinformado, mas acredito que continua formando profissionais — sorrio e ele então se afasta sem dizer nada. Imbecil.

Passamos o dia com eles. É estranho me sentir tão sem lugar e agora sei porque sempre trazia o Robert. Minha mãe insiste em fazer um churrasco no jardim, eu então faço um tour com Elena, revivo boas lembranças e deixo as ruínas no baú das tormentas, essas têm o momento certo de serem revividas, e não é hoje.

Após o jantar, nos despedimos. Emily faz várias recomendações e praticamente obriga Elena a se comprometer com os remédios. Mando mensagens ao Jong e para a minha sorte ele diz ter da boa. Apesar de querer

dormir com Elena, sei que ela não me perdoaria se a deixasse sozinha hoje, então não insisto quando ela diz que tem que voltar para o campus.

— Vai ficar bem? — ela pergunta, me fazendo sorrir.

— Não tão bem. Vou estar sem você, mas acho que sobrevivo até amanhã.

— Só até amanhã. Eu te amo. — Ela me dá um beijo e eu correspondo com um desejo que aumenta gradativamente.

— Está frio, Elena, é melhor você entrar — digo, passando as mãos em seus braços para aquecê-los antes de dar um último beijo.

— Tudo bem. — Ela pega a mochila e depois de um abraço e um selinho, ela sai do carro que Emily me emprestou. Quase que de imediato, meu celular vibra. Jong.

“Qual é, meu peixe, seu cristal está aqui”

Só de ler a mensagem me sinto ansioso, então nem espero Elena entrar. Pelo aplicativo do banco no celular, consulto o meu saldo, e depois de ver disponíveis cem pratas, eu sei exatamente qual caminho vou seguir.

Capítulo 36

Isaac

Ao contrário da Emily, que escuta e aceita as desculpas do Maycon, não consigo sequer acreditar nele. É sempre isso. Estivemos tantas vezes nessa mesma situação, que não consigo mais fingir que está tudo bem como ela faz.

Mal me despeço dela e saio o ignorando totalmente. Mas no carro, eu sou obrigado a engolir todos os nós da garganta. Dói tanto vê-lo tão escravo da droga, que não sei mais o que fazer. Vou seguindo por ruas vazias me questionando se todo esse sofrimento já não foi o suficiente. Se eu e Emily não pagamos pelo nosso erro, e se não, o que falta então? Cada vez que vejo o Maycon nessa situação, meu coração se parte e eu entro em desespero.

Chego em casa e não consigo me deitar sem antes beber algo. O desespero por não saber o que fazer para ajudar o meu filho me domina, mas não encontro solução. Espero me recompor, subo a escada, mas antes de ir para o meu quarto, passo no quarto da minha anjinha. Ela está dormindo, então cubro Jessica e automaticamente me lembro que fazia o mesmo com o Maycon, e por lembrar disso, saio sem beijá-la. Amanhã tentarei explicar a ela que o irmão está doente, de alguma forma, fazê-la entender que não precisa ter medo ou raiva dele. Quando entro em meu quarto, Jeniffer já está deitada, mas percebo que ainda está acordada, então lamento por isso. Ela odeia quando eu e Emily ficamos sozinhos, seu ciúme infantil não a deixa perceber que a mãe do Maycon não me ama mais, se é que um dia me amou.

— Eu odiei o fato de ter vindo com Erick. Sinceramente, não tinha necessidade de você ter ficado, ele ficaria com Emily esperando pelo Maycon. — Ela inicia com voz embargada e sei que esteve chorando.

Eu me preparo para deitar, estou cansado demais até para um diálogo.

— Ele não é o pai do Maycon, eu sou — ressalto.

Jeniffer continua falando, mas mal presto atenção até ela dizer que Erick falou que a culpa do Maycon ter virado um viciado foi minha. Segundo ele, depois do divórcio eu abandonei o meu papel de pai. Eu me pergunto quantas vezes Emily precisou repetir isso para si mesma para passar a acreditar e falar para outras pessoas. Mas foram tantos anos levando a culpa, que não me importo mais.

— Fiquei com tanto ódio — Jeniffer continua. — Sabe que é a Emily que diz isso, não sabe? Mas eu lembrei a ele que Maycon foi criado por ela e não por você — diz e agora parece irritada.

— Então é sobre isso que vocês falam quando têm oportunidade? Sobre qual de nós tem mais culpa?

— Foi ele quem começou, mas a questão não é essa, e sim o que Emily anda falando de você. Pelo amor de Deus, você sustenta o Maycon, arca com todos os gastos, até os vícios, e sabendo disso, como ela pode falar mal de você?

— Jeniffer, você acredita mesmo no Erick? E se for realmente verdade, eu não me importo. Eu faço pelo Maycon o que meu pai fez por mim, e não somente por ele, com Jessica também é assim. São meus filhos, faço o melhor para eles e, sinceramente, eu pouco me importo com o que Emily fala de mim — minto, tentando encerrar o assunto.

— Mas deveria. Cada dia ela extrapola mais, duvido que ela vá escolher uma clínica mais em conta, mesmo sabendo que Maycon é um caso perdido.

Agora eu a encaro com incredulidade.

— Pelo amor de Deus, Jeniffer, está falando do meu filho e me magoa ouvir você falar assim. Para mim, ele nunca será um caso perdido. Agora vamos tentar dormir, estou cansado e não quero falar sobre isso.

— Sabe o que me magoa, Isaac? Hoje ele foi agressivo, me insultou, te tratou como lixo graças às mentiras que ela inventou para ele. Você nunca os trocou, ela quem pediu o divórcio e ele age como se nós fôssemos errados, e você não diz nada.

— Dizer o quê? Para atrapalhar mais ainda a relação dele comigo? Para novamente começar um inferno com a Emily? Deixe. O tempo passou, pouco me importo com quem tem mais culpa, só me importo com ele estar bem.

— É só com ele mesmo? Porque não parece quando estamos perto dela — diz, ressentida.

— Ah, não, Jeniffer, hoje não, por favor — revido com impaciência.

— Ele ao menos voltou?

— Não estaria aqui se ele não tivesse voltado — digo, desligando o abajur e me virando de costas para ela, que só então me abraça.

— Eu te amo — diz e beija meu ombro.

— Eu também, mas vamos dormir, por favor — insisto, mesmo sabendo que o sono não virá.

— Eu nunca vou desistir de você, da nossa família. Me desculpe por ter falado isso do Maycon, eu sei o quanto você o ama, mas odeio a forma como ele te trata.

Eu me viro para ela e dou um beijo na tentativa de acalmá-la.

— Está tudo bem, não estou chateado por isso.

Ela sorri com os olhos marejados, então eu a beijo e ela deita a cabeça em meu peito, e finalmente o silêncio impera.

Queria poder dormir, mas sei que não vai acontecer, não antes de passar horas pensando em uma solução. Penso em Maycon e volto ao passado, vendo-o tão feliz tocando uma música ao piano, e se me esforçar um pouco, posso até mesmo escutar. Nós tínhamos tudo e perdemos como se não fosse nada.

Fico magoado ao pensar em Emily e saber que nada mudou, ela ainda continua falando de mim. Nós nos machucamos tanto e tudo que nos une agora é Maycon e até mesmo isso dói.

Respiro fundo e tento esvaziar a minha mente, mas isso só acontece depois de revirar velhas lembranças, e quando finalmente o sono vem, consigo dormir.

Acordo com Jessica gritando pela casa que estamos atrasados.

— Acorda, papai, hoje é dia de golfe com o tio Jordan — diz alegremente. Em nada lembra a menina assustada de ontem.

— Sei que não dormiu bem à noite, quer que eu cancele? — Jennifer sussurra antes de me beijar.

Eu não entendo por que ela disse isso, mas a minha curiosidade não aflora o suficiente para perguntar.

— Não, Jordan é um pé no saco. Se não for ele irá me ligar durante todo o dia.

— Ainda preocupado com o Maycon?

— Sempre estou, Jenny. — Ela sorri. São raras as ocasiões que a chamo assim. — Vou tomar um banho, não demore para se arrumar, por favor — peço.

É quase uma hora de estrada com Jessica tagarelando de que irá ganhar hoje. Chegamos ao clube de golfe às dez e meia da manhã e Jordan e

sua família já estão aqui.

Ele sempre foi péssimo nas tacadas, ainda assim insiste em ser associado do clube. Antes de me juntar a ele e sua família, dou uma última olhada no telefone. Nenhuma ligação. Maycon provavelmente vai passar o dia com a mãe e, sinceramente, não sei mais o que esperar dele.

Entre tacadas, acertos em buracos e Jordan reclamando até mesmo do sol, eu e Jessica seguimos ganhando dele e Hannah, sua caçula, enquanto Jeniffer, Samanta e Caroline conversam no bar do clube.

Jessica e Hannah são quase da mesma idade, e Caroline estuda na mesma faculdade que Maycon, mas não são próximos.

Como a próxima tacada é de Jessica, Hannah fica atenta a seus movimentos. Jordan, percebendo a distração de ambas, se aproxima.

— Problemas com Maycon? — ele pergunta.

Suspiro, não quero falar sobre ontem.

— Ele esteve uns dias no hospital. Pneumonia, mas agora está com a mãe.

— Jeniffer nos contou — ele diz e, internamente, eu imploro para o assunto morrer aqui, mas Jordan continua. — Disse que ontem ele teve uma intensa crise de abstinência, ficou violento.

Merda! Engulo em seco. Depois que Jeniffer se tornou amiga de Samanta, ela sente necessidade de contar tudo sobre nós. Engraçado que apesar de Jordan ser meu melhor amigo, Samanta e Emily nunca foram próximas como Jeniffer e ela são agora. Coço a cabeça sem saber como me esquivar.

— Não precisa se retrair, não comigo, somos amigos e sei como é complexo lidar com o problema do Maycon.

— Não é segredo para ninguém que não concordo com a maneira como Emily passa a mão na cabeça dele, mas, sabe, minha opinião pouco importa ali. Acho que só o meu apoio financeiro — desabafo.

— Pelo que Jeniffer nos contou, Emily conseguiu manipulá-lo.

— Não a culpo, acho que todo filho se compadece do sofrimento da mãe.

— Mas não pode fingir que ela não teve culpa, Isaac, sei que ainda nutre algo por ela, mas Emily é uma pessoa manipuladora e Maycon herdou isso dela.

— Não entendi o que quis dizer com seu “nutre algo por ela”. Foi há

muito tempo. Agora só me aproximo pelo Maycon, sabe disso. — Finjo desinteresse.

— Então não aceite pagar uma clínica de reabilitação caríssima para o Maycon. Eu sei que é seu filho, mas, infelizmente, ele não quer mudar, e se insistir nisso, vai novamente jogar seu dinheiro fora.

— Está me dizendo para ignorar que ele precisa de ajuda?

— Isaac, Emily te manipula para custear as tentativas frustradas de tirar o Maycon das drogas, mas o que ela ignora é que o primeiro passo depende exclusivamente dele.

— Emily não é assim, Jordan, e Jeniffer não tem que falar sobre isso. Não é assunto dela — falo, irritado. — Sei que nunca gostou da Emily.

— Não tem nada a ver com gostar dela ou não. Eu cuidei do Maycon durante um tempo. Quando ele me disse em uma das sessões como você os abandonou, eu tive que ser parcial, porque estava ali como médico e não como seu amigo. Mas foi difícil ver como ela o manipulou contra você. Depois que saiu de casa, você mesmo me disse esperançoso que chegaram a ter algumas noites juntos, você me contou.

— Não foi bem assim. Emily estava magoada e ela achou que poderia, tentou, mas não conseguiu me perdoar na época.

— Pelo amor de Deus, Isaac, ela sequer deixou que Maycon soubesse que em algumas noites você dormiu lá.

— Jordan, chega. A situação é bem mais complexa do que você acredita ser. Não queríamos envolvê-lo nisso.

— Apesar de ser psiquiatra, juro que eu tento, mas não consigo entender por que defende tanto Emily até hoje.

— Porque eu errei, eu a magoei e...

— E está fazendo o mesmo com Jeniffer. Como seu amigo, eu sou obrigado a alertá-lo que se não quer ter outro casamento fracassado, saiba se impor com Emily. E sobre Maycon, se ele não quer sair, desculpe te dizer isso, mas é só perda de tempo e dinheiro.

Suas palavras são a sentença para o meu dia ser péssimo. Eu até tento, mas tudo que penso é se é mesmo verdade. Jordan não gosta da Emily porque só enxerga o meu lado, mas eu vi suas lágrimas, senti sua dor e sei que sempre foi sincera. Ela errou sim, mas quem cometeu o primeiro erro fui eu, só não entendo por que estou pagando por ele até hoje.

Depois do golfe, almoçamos em família e é estranho dizer isso,

porque eu perdi a minha primeira família, e fazendo uma alusão, é como perder o voo. Você até consegue outro, mas tem que mudar todos os planos. Olho para Jeniffer sorrindo ao ouvir Samanta contar sobre uma compra malsucedida. Ela é linda, jovem e, segundo Emily, bem melhor do que ela.

Mas isso é mentira, Emily nunca se sentiu inferior a ninguém, ela anda como se ninguém estivesse à sua altura, fala com confiança, e sabe como ter a atenção de todos. Eu me lembro que quando eu a levei para conhecer os meus pais, eles ficaram admirados. Emily era diferente, ela sempre foi inteligente, linda, com curvas de dar inveja e, estranhamente, apesar de amá-la eu me sentia inferior a ela. Emily sabia ser o centro das atenções.

E pensando bem, Jordan tem razão, ela era a estrela e todos queriam segui-la. Eu morria de ciúme, me sentia um menino impotente ao seu lado, mas amava o fato de ser o cara para quem ela corria ao som de aplausos para abraçar depois de um grande discurso na faculdade. Seu sorriso tão lindo e radiante, seu cabelo tão loiro, ela era a rainha da beleza e eu era o cara sortudo a quem ela escolheu.

Ela sempre foi autoconfiante e eu a conhecia bem para saber que Emily não era do tipo que dava uma segunda chance. E por conhecê-la, dói muito vê-la se sentir tão impotente perante a situação do nosso filho.

Respiro fundo tentando esvaziar a mente. Jeniffer percebe que estou distante, está claro para todos, no fim, eles nem me incluem mais na conversa. Às dezenove horas voltamos para casa e quando Jeniffer vai com Jessica para o banho, eu sigo para o bar e escolho um rum. Depois da terceira dose, eu pego o telefone e envio uma mensagem para Emily perguntando se Maycon está bem. Ela não visualiza, então com o telefone em uma mão e rum na outra, sigo para meu quarto. Minutos depois ele vibra anunciando uma mensagem.

“Está sim, passamos o dia em família com ele e Elena.”

Ler a sua mensagem machuca. Eu não entendo, se já passou tanto tempo e nós já nos perdoamos, por que ainda machuca?

Tento não me prender a isso enquanto sigo para um banho. Já na cama, continuo com o rum. Jeniffer entra no quarto e após um banho rápido ela vem até mim, tira o roupão, e se deita nua, sorrindo de uma maneira

sensual. Ela sabe como seduzir.

— Espero que não esteja cansado — diz, me provocando.

— Não, mas pretendo ficar — digo e ela sorri com malícia antes de voltar a me beijar.

Entre suas declarações fazemos sexo quente, Jenny sabe como tornar uma noite inesquecível.

Acordo com o barulho insistente do telefone. Com a cabeça pesada, abro os olhos e ao pegar o telefone demora segundos para conseguir perceber que é Maycon chamando.

— Maycon. — Atendo, ainda sonolento.

— Pai, me ajuda, eles vão me matar — sua voz sai em um sussurro e sinto como se fosse arremessado no abismo.

— O quê? Maycon, onde você está? — questiono com o coração acelerado.

— Eu não posso falar, eles escutam tudo, se eu falar eles vão me achar.

— Maycon, que porra! O que está acontecendo? — grito e acabo acordando Jeniffer.

Meu desespero aumenta quando percebo que ele está chorando, então me levanto em um sobressalto e visto um conjunto de moletom às pressas.

— Pai, por favor? — ele implora, e é um pesadelo, só pode.

— Onde você está? — imploro que ele me diga, estou desesperado com medo de que ele esteja nas mãos de algum traficante.

— Pai, eles colocaram escutas por todos os lados, até nas estrelas, filmam tudo.

Ah, Deus! Suspiro e começo a entender o que está acontecendo. Maycon está drogado. Não é a primeira vez que recebo uma ligação dele nesse estado, mas é a primeira que menciona que irá morrer. E justamente por isso eu questiono.

— Deus! O que você usou Maycon?

— Pai — sussurra —, eu não posso falar, eles estão aqui perto. Me ajude, por favor! Estou com medo, não os deixe me pegarem, pai, estou com tanto medo — ele implora e eu estou tremendo com medo de que alguém esteja fazendo mal a ele.

— Ah, meu Deus! Estou indo.

— Pai, não desliga, por favor.

— Não vou desligar.

Ele continua chorando e eu tento manter a calma enquanto saio do quarto com Jeniffer me seguindo.

— Isaac o que houve?

— Maycon está com problemas.

— É só para chamar a atenção, ele aprontou ontem e como você não o procurou, está fazendo drama.

Não dou atenção. Pego a chave do carro e saio feito um louco. No trajeto, ligo para Jorge, hoje é o plantão dele na casa do Maycon. Ao atender, mal deixo me cumprimentar, pergunto por Maycon e ele confirma o meu pesadelo. Maycon saiu há horas. Sem explicar por que, digo que irei levá-lo comigo para procurar Maycon.

Minha cabeça parece que vai explodir. Estou tremendo, com o coração acelerado implorando a Deus para guardá-lo. Ultrapasso todos os sinais e continuo dirigindo em alta velocidade. Quando chego à casa dele, Jorge corre e entra no carro.

— Ele está próximo ao cemitério — diz rapidamente.

— O quê? Como sabe?

— Rastreei o telefone.

Merda, por que não pensei nisso?

Não dizemos mais nada, estou com um aperto terrível no peito. Não quero pensar no pior, mas já espero isso. Se alguém fizer algo com ele, juro que irei matá-lo. Nem que tenha que ir procurá-lo no inferno.

Chegamos e eu paraliso ao ver o carro da Emily no acostamento. Engulo em seco, temendo encontrar seu corpo já sem vida.

— Quer que eu vá, senhor?

Não tenho voz para responder, saio do carro e cada passo é um martírio. Maycon não está morto, Deus, por favor, não deixe isso acontecer, eu imploro!

Está tudo tão escuro, que mal enxergo o que está dentro do carro. Trêmulo, eu toco a maçaneta da porta e em um sopro de coragem eu a abro.

Vejo Maycon encolhido no banco, então ilumino seu rosto e quando seus olhos se abrem é um alívio enorme.

— Ah, meu Deus! — digo, aliviado.

Ele se levanta e, como um menino, se joga em meus braços. Eu correspondo e olho novamente em seus olhos, ele está tão drogado que suas

pupilas estão muito dilatadas.

— Você conseguiu ver, pai? — pergunta e sei que está paranoico.

— Maycon, não tem ninguém aqui — digo.

Ele me olha assustado, vejo o pavor e medo em seus olhos, e isso dói muito. Vê-lo assim me faz desabar, e não conseguindo mais suportar, eu choro com ele.

— Pai, tem sim, eu escutei, me ajude, eles vão me pegar — insiste, desesperado.

Eu não consigo responder, então desvio o olhar, estou aliviado por ele estar vivo, mas magoado ao ver que ponto ele chegou. Ele se vira e vê Jorge em meu carro e do nada começa a ofegar.

— Quem está no seu carro? — pergunta, assustado.

— É só o Jorge. Vamos, vou te levar para casa.

Ele respira, aliviado, então eu o afasto, olho para o banco do carro e vejo um cachimbo e os papелotes vazios. A raiva me domina, então pego essa merda e arremesso longe. Ele me encara, confuso, e em nada lembra o arrogante de ontem.

Eu o seguro pelo braço e o faço entrar no lado do passageiro. Em seguida, faço o mesmo no lado do motorista. Agora estou tão magoado, que dou a partida no carro evitando encará-lo. Maycon se encolhe no banco como se estivesse se escondendo de alguém, não tenho dúvidas que seja crack. Já li muito sobre a paranoia do crack e dói saber como ele é inconsequente. Continuo sentindo minhas lágrimas, mas agora vários sentimentos se chocam dentro de mim.

— Fumou crack, Maycon?

— Jong me disse que esse é meu caminho agora, pai — diz como se estivesse com a razão.

Eu tento me controlar para não bater nele, agora estou muito irritado.

— Quem é essa porra desse cara para você escutá-lo assim? — grito e ele me olha assustado, chorando, parecendo uma criança.

— Me desculpe. Ele me deu porque eu não tinha dinheiro. Não fique bravo comigo, pai. Eu não sabia que tinha pessoas por trás disso, não sabia que eles iriam querer me matar.

— Ah, meu Deus! Onde você foi se enfiar, Maycon?

Continuo dirigindo e nesse estado ele parece tão indefeso, e por isso tenho medo que volte a se repetir.

— Consegue escutar isso, pai? — ele diz, desconfiado. — Eles querem me pegar.

— É só na sua cabeça, Maycon.

— Não, pai, eles querem que você pense isso, mas estou falando a verdade. Tem que acreditar em mim, pai, não pode me deixar sozinho — implora.

— Sua mãe tem razão, se não fizermos nada vamos perder você.

— Então me esconde, pai, não deixe me pegarem, por favor!

Desvio o olhar, comprimo os lábios para tentar segurar o choro. Vê-lo assim está me matando.

— É tão difícil te ver assim, sabia? — falo, mas ele está longe de conseguir me entender.

Meu telefone toca e antes que eu possa atendê-lo, Maycon se desespera implorando para que eu não o atenda dizendo que são eles, então viro a tela e ele vê que é Jeniffer.

— Oi.

— O que foi dessa vez? — questiona, irritada.

— O mesmo de sempre.

— Emily está com você?

— Não, Jeniffer, só estamos eu e o Maycon. Emily não sabe disso e quero que continue não sabendo. Vou ficar com ele hoje, depois te ligo.

— O quê? Então ele enfia a cara na droga e você vai deixar Jessica eu passarmos a noite sozinhas?

— Jeniffer, você consegue entender que ele é meu filho e precisa de mim?

— Fala como se eu e Jessica não precisássemos. A verdade é que somos irrelevantes perto do Maycon, mesmo ele não merecendo, sei que sempre vai escolhê-lo.

— Jeniffer, não estou com paciência para drama hoje! — Desligo na cara dela, cansado dessa merda.

Em seguida, ligo para Jordan e explico a situação, então ele confirma o que eu já sabia, paranoia do crack. Explico que não quero que ele se lembre, caso contrário, irá continuar a usar. Mesmo as chances sendo mínimas de fazê-lo esquecer, ele me indica um remédio forte e imploro para dar certo. Ao desligar, eu ligo para Jorge.

— Jorge, te enviei o nome de um medicamento por mensagem.

Encontre uma farmácia aberta e me traga, por favor. Estou levando o Maycon para casa, nos encontramos lá. Obrigado.

Desligo e jogo o telefone em um canto qualquer. Maycon permanece com os olhos fechados, está confuso e por conta da paranoia do crack, acredita que está sendo perseguido.

Ao abrir o portão da sua casa, ele abre os olhos assustado.

— Onde estamos? — pergunta, sequer consegue reconhecer o lugar.

— Em casa.

— Nós não temos casa, pai. Ou temos?

Suspiro, imaginando que será uma noite longa para mim.

— Vamos, você precisa descansar.

— O que está acontecendo comigo, pai?

— Está pagando o preço por suas escolhas. Vamos?

Desço do carro e ainda desconfiado, ele faz o mesmo. Eu o seguro pelo braço e o ajudo a andar. A porta da sala está aberta, então o conduzo pela escada e, em seguida, abro a porta do quarto e o deito na cama, tirando seus sapatos e cobrindo com um cobertor quente em seguida.

— Você vai embora? Vai me deixar aqui? — pergunta, preocupado Machuca ver o que a droga tem feito com ele.

— Eu não vou, Maycon. Pode ficar tranquilo.

— Então vem — ele pede para eu me deitar ao seu lado.

Emily morreria se o visse assim, por isso escondo dela as merdas que Maycon faz. Sento ao seu lado e seguro em sua mão. Tudo fica em silêncio até que Maycon volta a falar.

— Você vai embora assim que eu dormir, não vai? — pergunta, ainda assustado.

— Prometo que não vou — digo olhando em meus olhos. E ao olhar para ele tão indefeso, eu não consigo continuar com raiva, o momento me faz lembrar dele quando criança.

— Você não é bom com promessas. Prometeu nunca me abandonar e fez isso. Trocou minha mãe e eu por aquela menina chata e sua puta — diz, magoado.

— Nunca abandonei você, mas infelizmente te convenceram disso — falo, já me arrependendo.

— Eu senti tanto a sua falta. Esperei por várias noites você voltar, mas nunca voltou. Você fez merda e me deixou sozinho para tentar consertar.

— Maycon chora e eu choro junto.

— As coisas não aconteceram como te fizeram acreditar, Maycon, mas a verdade é irrelevante agora. — Passo a mão em sua cabeça. — Eu sei que sentiu a minha falta, todas as vezes que está drogado me diz isso. E eu te falo que também senti a sua. Que senti falta de poder ir ao seu quarto nas noites que voltava tarde do trabalho, de dizer e ouvir sobre o quanto nos amávamos, de ouvir você contar como você passou seu dia e depois disso sair do seu quarto tão orgulhoso por ter um filho tão inteligente. Eu me lembro como se o tempo não tivesse passado, Maycon. Mas como em todas as outras vezes, só eu vou me lembrar disso amanhã.

Escuto passos.

— Pai, eles entraram. Eles vieram me pegar — fala, ansioso.

— Maycon, calma, é só o Jorge.

— Como pode ter certeza disso?

Antes que eu responda, Jorge bate à porta, então eu me levanto e vou até ela. Jorge me entrega a medicação com um copo com água. Agradeço por tudo e desejo uma boa noite. Fecho a porta e me viro para o Maycon novamente.

— Tome, vai conseguir dormir depois que tomar.

— Tudo bem, pai — ele sorri.

O Maycon de ontem não tomaria sem questionar, mas aqui ele se comporta como um menininho assustado. Toma a medicação, duas doses a mais, e segundo Jordan ele não se lembrará de nada amanhã. Maycon se deita novamente e eu me deito ao seu lado, encostando a sua cabeça na minha.

— Eu te amo tanto — sussurro e ele sorri.

Lentamente, ele vai se entregando ao sono enquanto eu imploro para que tudo que aconteceu só fique guardado em mim.

As horas passam e agora as minhas noites vão se resumir a isso. Penso em como seria se ao invés de mim, outros o tivessem encontrado. Eles não teriam pena por vê-lo drogado. As pessoas julgam muito, e dependendo da pessoa, poderia até o machucar, e ao pensar nessa possibilidade meu coração sangra. Maycon, por ser dependente, pode não valer nada para a maioria das pessoas, mas independentemente dos problemas, tudo que vejo quando olho para ele é meu menino e ele vale muito para mim. E dói não saber o que fazer para o ajudar.

Ele sofre tanto e nós sofremos juntos.

O alarme do telefone dele toca, então abro os olhos e o pego, desligando o despertador. Abro as mensagens e vejo que as últimas conversas foram com namorada e descubro quem é o novo traficante, então envio o número para o meu celular e, em seguida, apago a mensagem.

Minha cabeça continua doendo, mas eu me levanto, vou ao seu banheiro e lavo o rosto antes de descer para pedir ao Jorge para comprar um cappuccino e chocolate para nós. Só então eu me lembro que deixei o celular no carro de Emily, e ao ir buscar, encontro mais de vinte chamadas perdidas da Jeniffer.

Ligo para um detetive particular que sempre trabalha para mim, Alexander, e peço para investigar esse novo fornecedor. Foi ele quem descobriu que Paul queria matar Maycon, então tive que dar um jeito de fazer o cara ser preso. Pelo meu filho, faço qualquer coisa. É horrível e me sinto mal por isso, mas depois que Maycon se afundou nesse mundo, eu me vi obrigado a me envolver em coisas do tipo para salvar o meu filho. Sei que muitos me condenariam, mas é o meu filho e estou disposto a ir para o inferno se isso puder salvá-lo.

Escuto passos no andar de cima e sei que ele acordou. Jorge traz nosso café, então deixo o chocolate sobre a ilha da cozinha sem saber se ele ainda toma isso pela manhã. Maycon sempre foi uma criança de hábitos e era um sacrifício conseguir convencê-lo a aceitar algo novo.

Eu olho ao meu redor e vejo na geladeira um bilhete de Emily lembrando os horários dos remédios.

Quando ele desce já pronto para o dia, em nada lembra o garoto assustado de ontem, e pela maneira surpresa que me encara, agradeço a Deus pelo plano ter dado certo.

— O que faz aqui, Isaac? — ele pergunta e quase consigo rir pelo modo como agora me chama pelo nome. — A sua mulher te chutou? — pergunta com sorriso sarcástico.

— Provavelmente sim — replico e ele sorri.

— Sua mulher já não gosta de mim e você ainda vem para a minha casa quando brigam? Sabe que me complica assim — diz e não consigo responder. — Tem que aprender a resolver seus problemas sozinhos, Isaac. Já está crescendo para isso — diz com deboche.

— Tome seus remédios, passou da hora — digo, ele então vai ao armário e pega os remédios.

— Acordei com tanta dor de cabeça, parece que meu cérebro foi frito ontem, mas não consigo me lembrar de nada, está tudo em branco. Isso é uma merda!

— Estranho. Você leva uma vida tão saudável, não tem motivos para acordar assim. — ironizo e ele gargalha.

— Dormiu onde, Isaac?

— Na sua cama, com você — falo, sorrindo.

— Ah, qual é? Não viaja.

Antes que eu possa responder, seu telefone toca, então ele vai saindo. Eu me aproximo rapidamente e entrego a ele o chocolate. Maycon segura o copo e, em seguida, pega a chave do carro e já distante o escuto falar com a Jayde.

Saindo da sua casa, eu ligo para a minha assistente Nicole e digo que preciso de roupas limpas e um par de sapatos no escritório, já que vou me arrumar lá.

— Sua esposa ligou, senhor. Ela está achando que não quer atendê-la.

— Envie flores e um cartão a ela.

— Se me permite uma sugestão, ela prefere joias a flores, senhor.

— Pode ser. Tenho alguma reunião na parte da manhã?

— Às dez, quer que desmarque?

— Não, alguma com Emily hoje?

— Não. Quer que eu deixe recado que precisa vê-la?

— Não, na verdade, é oposto a isso. Obrigado, Nicole, estarei aí em vinte minutos.

— Estarei com tudo pronto.

— Sei que sim. Bom dia.

— Bom dia, senhor.

Antes de sair, peço ao Jorge para ver com o Maycon quando pretende devolver o carro de Emily.

Sigo direto para a empresa e após três reuniões passo o meu dia trancado na minha sala. Alexander me liga e diz o que eu já esperava, Jong, cujo verdadeiro nome é Joseph Bardi, não passa de um traficante de merda sem poder algum, mas que acha tem. Alexander pergunta se quer que ele faça algo a respeito, então respondo que no momento não.

Valerie, a governanta da minha casa, atende quando ligo e pergunto se Jessica foi para o colégio. Assim que ela me confirma que Jeniffer a levou, sei que ambas estão bem, apesar do drama da minha mulher.

O dia passa lentamente e com ele cada pensamento parece vagar. Jordan me liga para conversarmos sobre Maycon, então ele faz novos alertas, que ignoro a maioria. Recebo uma mensagem de Jeniffer dizendo que estou perdoado. Apesar de todos os nossos problemas, ela sempre fica ao meu lado, independentemente da situação.

Às dezessete horas, decido voltar para a casa e no trajeto Emily me liga. São raras as vezes que ela liga para o meu telefone, geralmente liga para a Jenny e deixa recado, então atendo rapidamente.

— Algum problema?

— Parece que são só eles que nos aproximam, não é mesmo? — ressaltava.

— Desculpe, não quis dizer isso.

— Sem problemas. Na verdade, preciso conversar com você, pode passar na minha casa hoje? — Fico em silêncio pensando se quero vê-la. — Se não for incomodar, claro.

A frase é o suficiente para me fazer aceitar.

— Estou saindo agora, em meia hora estarei aí.

— Obrigada, Isaac.

— Não por isso.

Faço o trajeto pensando em tudo que Jordan falou sobre Emily. Uma parte minha entra em negação, talvez eu não queira encarar, mas, possivelmente, essa é a verdade. Quando estaciono em frente à entrada da sua casa, estranho não ver o carro do Erick, nesse horário ele já deveria estar em casa.

Toco a campainha e fico surpreso ao me deparar com uma Emily de short, camiseta, cabelo bagunçado e descalça.

— Entre — ela diz e sua voz parece melancólica.

Emily segue direto para a sala de estar, reparo que sobre a mesa está seu notebook aberto, um bloco de anotações e caneta. Ela diz para eu me sentar, e somente quando o faço, percebo que está sem aliança.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, já sabendo a resposta.

— Eu encontrei uma clínica e quero que Maycon faça tratamento lá — diz e logo percebo as lágrimas.

— O que foi? — insisto, preocupado.

— Erick e eu brigamos. Ele acha um absurdo gastar um valor tão alto com o Maycon — ela diz e apesar de querer me compadecer, as palavras do Jordan quase me metralham.

— Pediu ajuda a ele?

— Não, jamais pediria ajuda a ele. Nós acabamos brigando porque eu disse que farei um empréstimo para custear não só o tratamento, mas as despesas para ir vê-lo.

— E o que Erick fez?

— Foi embora. Falou que está cansado de me ver dedicando toda a minha vida ao Maycon — ela suspira, tentando se recompor. — Mas eu não o chamei por isso, quero que veja a clínica. O tratamento é mais humanizado, sabe, sei que é muito caro, mas acho que ele terá chance se o convenceremos a ir.

— E quer a minha ajuda para convencê-lo? — pergunto, confuso.

— Maycon está apaixonado e acho que essa garota pode convencê-lo a fazer isso.

— Quer que eu fale com ela?

— Sim, quer dizer, a Callier oferece bolsas a alunos de graduação e pós-graduação. Dê a ela uma em troca de convencer o Maycon a ir. O que acha?

— Emily, eu acho ofensivo tentarmos comprá-la.

Ela suspira, frustrada, e volta a chorar.

— Eu liguei para a Jeniffer hoje, e ela não concorda com o valor da clínica. Mas não tem problema, eu vou pagar, não quero ninguém jogando na cara do Maycon se ele não conseguir. E ela também me disse que você dormiu com ele, que Maycon estava drogado e te ligou.

— Não queria que soubesse — falo, ela então se vira para me encarar.

— Temos segredos em relação ao Maycon? — Ela nem espera a minha resposta. — Isaac, eu estou tão cansada, com medo. Eu não sei mais o que fazer, entende? — Ela está tão magoada, que prefiro não contar o que houve. — Eu sei que errei com ele, sei que errei com você, mas até quando vou ter que pagar por isso? Eu não aguento mais ver o meu filho assim e ser tão criticada. O que as pessoas esperam? Que eu desista dele? Que eu o abandone? É isso? — pergunta, chorando.

— Não dê importância para o que as pessoas dizem. Você é uma

excelente mãe e eu vou custear a clínica para ele, porque eu o amo e quero vê-lo bem.

— Mas isso pode trazer problemas com a sua mulher, e eu...

Faço sinal para ela se calar.

— Nós vamos passar por isso juntos. O dinheiro é meu e se eu não posso usá-lo para ajudar Maycon, então ele não vale nada.

— E Jeniffer?

— Esqueça a Jeniffer. Ela não tem que opinar sobre isso, não é assunto dela.

— Você é um excelente pai, nunca duvide disso — diz, ainda em lágrimas.

Eu me aproximo e a puxo para os meus braços, Emily praticamente se senta em meu colo, enquanto sinto suas lágrimas.

— Se eu pudesse voltar atrás, eu voltaria, teria continuado o nosso casamento. Eu não sei se eu já te disse isso, mas eu me arrependo muito — ela sussurra em meu ouvido.

Suas palavras me deixam paralisado, ela nunca disse isso, não para mim.

— Voltaria atrás pelo Maycon? — Faço a pergunta quase implorando pela resposta.

— Por ele, por mim, por nós — ela diz.

Ao olhar em seus olhos, automaticamente eu a beijo e enlouqueço por senti-la corresponder. Quando coloco as mãos por baixo da sua camiseta e a deslizo para os seios, Emily me afasta.

— Isaac, me desculpe por ter dito isso, não era a minha intenção desrespeitar você ou o seu casamento. Eu sei que está aqui apenas para falar do Maycon. Sinto muito mesmo por termos chegado a isso. Eu...

— Emily, por favor, não faça isso comigo — imploro. — Você sabe por que fiquei com a Jeniffer.

— Eu sei, Isaac, mas não é certo que outros paguem pelos nossos erros. Você tem uma família linda e se abrir essa porta, pode se arrepender muito — ela diz, mas não consigo ver a recusa em seu olhar.

— É o que você quer?

— Não quero atrapalhar o seu casamento. Não quero causar a mesma infelicidade do Maycon em Jessica — ela diz tudo isso olhando em meus olhos, como se suas palavras pudessem amenizar o que estou sentindo agora.

— Tudo bem. Você tem razão, é melhor eu ir embora — digo, enquanto tento me recompor.

— É melhor — ela concorda.

Mas não é o que acontece, nós voltamos a nos beijar com a certeza de que será a nossa última vez juntos. Não se escolhe a quem amar, eu sei, mas olhando nos olhos dela eu tenho a certeza de que a escolheria mil vezes. E ainda que Emily só tenha me escolhido uma única vez, estou feliz por saber que mesmo não vivendo esse amor, nós sempre permaneceremos um no outro, como foi desde a primeira vez que nos vimos. E é exatamente por isso que não desistimos do nosso filho, não importa o quão difícil seja a nossa luta, Maycon é o que restou de nós, então sempre resistiremos por ele, porque ainda que eu e Emily andemos por caminhos opostos, o nosso filho sempre será a luz que manterá o nosso amor vivo.

Capítulo 37

Chego ao campus e já atrasado espero os cinco minutos que faltam para o primeiro horário acabar. Enquanto penso se envio uma mensagem a Elena, o meu telefone vibra. Eu o pego na mochila, mas, para a minha decepção, não é Elena e sim Jong. Ele envia mensagens desconexas e eu tento entender que porra está acontecendo, mas nada faz sentido. Então percebo que ele pede desculpas pelo que houve de um jeito estranho, diz algo sobre eu ter razão e conclui com uma mensagem mais estranha.

“Hoje pego da boa. É por minha conta, pelo que houve, irmão.”

Não entendo porra nenhuma, mas depois de ele me oferecer pó de graça, eu o perdoo até por mandar a minha mãe para o inferno, ainda assim, suas mensagens me fazem querer desvendar os buracos que se infiltraram nas lembranças que eu deveria ter da noite passada, mas nada parece claro ou confiável. Porém se houve a porra de um desentendimento entre nós, isso é um claro sinal de que preciso de outro traficante.

Enquanto o tempo passa lentamente, eu fumo um cigarro. Pensar nessa merda com Jong me faz rapidamente enviar uma mensagem a Jay perguntando se ela pode me dizer de novo o nome do traficante e onde consigo encontrá-lo, mas ela sequer visualiza. É uma merda estar nessa situação, eu me sinto como um velho que já teve seus dias de glória, onde o acesso a um pó de qualidade era real e de quebra ainda tinha três traficantes disponíveis para mim. Agora, só tenho esse cara.

Ao abrir a conversa com Elena, eu vejo que também enviei algumas a ela, então bate aquela vontade de vê-la, mas, assim como eu, ela precisa se atualizar nessa porra de faculdade. Releio as nossas mensagens e agora, mais do que antes, percebo como é horrível não ter nada em minha mente.

Depois de sete minutos, sei que Jay não vai me responder e o primeiro tempo já acabou. Os corredores se enchem como um formigueiro agitado, mas da sala do sexto período de medicina ninguém sai, claro que não, hoje é segunda-feira e significa dois horários com Richard, professor de Patologia Especial.

Respiro fundo e bato à porta, pedindo licença para entrar e, com um

sorriso sarcástico, o professor apenas acena para que eu entre. Os olhares não me incomodam mais, assim como os cumprimentos, eles se tornaram irrelevantes. Acho que tudo na minha vida se tornou, a não ser Elena, ela nunca será isso. Sigo para os fundos sem olhar para ninguém e me sento no primeiro lugar vago que encontro. Após me acomodar, eu percebo que Richard continua me encarando.

— Bem-vindo de volta, Maycon Callier, estou feliz por te ver aqui — diz de um jeito irônico, como se ganhasse uma aposta ou algo do tipo, provavelmente, aquela de até quando o viciado sobrevive.

— Uma parte minha que não veio hoje compartilha da mesma felicidade. — Pisco e seu sorriso desaparece, ele então dá sequência à aula.

Uma garota loira está sentada à minha frente e assim que o professor desvia a atenção, ela se vira em minha direção.

— Oi, Maycon — diz, sorrindo. Seu rosto me parece familiar, mas nada me vem à mente.

— Nos conhecemos? — pergunto e ela agora olha bem para mim.

— Não se lembra de mim? — pergunta, parecendo surpresa.

— Se me lembrasse de você, a minha pergunta anterior seria bem idiota, não acha?

— Uau! Acordou com o pé esquerdo hoje, Maycon? — pergunta, mantendo o sorriso.

— Não, só respondendo o óbvio. Não gosta de respostas óbvias? — retruco e agora ela parece sem graça.

— Você me pareceu bem mais relaxado na noite que passamos juntos — ela diz de maneira sugestiva como, se de alguma forma, a sua informação pudesse me deixar interessado.

Olho para cada detalhe do seu rosto procurando alguma lembrança, mas nada vem. Então sorrio achando que ela está mentindo, mas vou entrar em seu jogo.

— Sério que eu fiquei relaxado depois de transarmos? Uau! Acho que devo me considerar um cara muito sortudo, afinal, quem consegue relaxar depois do sexo? — digo sussurrando e ela prende os lábios ao perceber a ironia.

— O.k., se quer ir por esse lado, então, sou April, a sua colega de sala — diz ao se virar novamente, então eu me aproximo do seu ouvido o máximo que consigo.

— Agora ficou interessante, April, estou ansioso para ser seu coleguinha e dividirmos o lanche — infernizo e ela finge nem me escutar. — Ei, coleguinha, não respondeu a minha pergunta anterior. Se transamos, pode me atualizar de quando e onde?

— Fui a uma festa na sua casa — diz, fingindo desinteresse sem nem mesmo se virar para trás.

— Convidada da Jay?

Agora ela se vira e sorri ao achar que estou interessado.

— Um amigo em comum — esclarece e fica óbvio que foi de penetra.

Mas ter ido à nossa festa desperta o meu interesse, afinal, com exceção da Elena, só vai quem curte um barato como nós. Ela se vira para a frente novamente, mas meu cérebro de viciado insiste que devo procurar saber mais, talvez ela conheça outro traficante. Deito minha cabeça sobre a mesa, aproximo a minha mão e toco delicadamente seu ombro. Novamente ela se vira.

— Você gosta de curtir, April? — questiono, sussurrando, e ela sorri.

— Agora se lembrou de mim e quer repetir, é isso? — diz de uma maneira sensual e sei que entendeu errado.

— Na verdade, eu me referia a curtir um barato — sorrio sem graça, então ela me encara e agora sei que consegui irritá-la.

— Maycon, quer tomar o meu lugar e explicar a matéria? — o professor questiona.

Eu me endireito e olho para o quadro, então ele volta à matéria. Dois horários se vão, e no intervalo compro lanches para mim e Elena e me sento à mesa vazia. Ignorando que essa não é a mesa de sempre, a velha turma de loucos se senta comigo. O lugar ao meu lado está vazio e isso faz meus pensamentos vagarem até Jay e, antes de me afundar nisso, procuro por Elena e nem vejo sinal dela, nem mesmo visualizou a mensagem.

— Posso me sentar? — April sorri ao se aproximar.

— Fique à vontade. — Ela se acomoda ao meu lado. — E então, gosta de curtir um barato? — insisto e ela se mostra desconfortável.

— Às vezes.

Sua resposta me desanima, porque fica claro que ela não curte, não como nós, e por isso não deve conhecer nenhum traficante. Todo o meu interesse vai pelo ralo. April continua falando, mas mal presto atenção. Os minutos passam eu continuo olhando para entrada enquanto engulo o meu

lanche com refrigerante.

Elena entra com a porra do Keven, ambos sorrindo e parecem íntimos, às vezes, mais que nós dois. Sei que é um ciúme idiota, mas o amor nos transforma em completos idiotas. Agora estou chateado. Depois de tudo, ela continua andando com ele, mesmo sabendo como essa proximidade me incomoda. E mesmo incomodado, ela é como a porra de um imã atraente o suficiente para ter a minha atenção, a sensação é como se não a visse há dias. Escuto uma risadinha de April, provavelmente, estou feito um idiota encarando Elena, sei disso porque ela logo pergunta:

— Quem é a garota?

Eu não respondo. Elena se senta e entrega algo para o cara, ele então se afasta e imagino que está indo comprar lanches. Rapidamente eu me levanto e só percebo que April está me seguindo quando já estou perto de Elena.

— Comprei pra você. Fiquei te esperando e mandei mensagem, mas não respondeu — falo, tentando não demonstrar como isso me chateia. Eu entrego o lanche e sei que pareço um cachorrinho implorando por sua atenção.

— Estava um pouco atarefada — justifica e sorri.

— Elena, essa é a April. April, essa é a minha namorada, Elena — falo, respondendo a sua pergunta de minutos atrás.

— Isso é piada, né? — ela diz, não parecendo acreditar, então rio do modo como ela se espantou.

— Não, por quê? — questiono, me recordando de Jay dizendo que somos um casal bizarro. Bizarros durante o dia, perfeitos à noite.

— Porque vocês não têm nada a ver — diz, sem jeito.

— Se acha piada, fica sendo, mas ainda assim é verdade — falo e sorrio para Elena, que retribui.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou — April diz de maneira simpática e se afasta.

Eu me aproximo mais de Elena e quero muito beijá-la, mas invés disso digo:

— Estou te esperando lá fora, quando terminar, vai pra lá — falo, me poupando de vê-la com esse embuste.

Assim que ela assente, eu saio e fico perto do portão fumando um cigarro. Como sempre, as pessoas se aproximam do velho cartão de visitas e

perguntam por que me afastei, perguntam por Jay e, entre uma tragada e outra, respondo alguns e rio escutando outros contarem boatos. Eu me aproximo de Charles, apesar de achar que não, ele é tão viciado quanto eu. Nós não somos amigos, mas momentos de necessidades dispensam vínculos. Cumprimento a namorada do cara e discretamente pergunto para ele se tem bagulho novo no pedaço.

— Tinha, mas Jong apagou o cara.

Nós nos encaramos por segundos, sem palavras, cada um com seus próprios questionamentos. Ele parece abalado com a revelação, mas eu conheço as regras e estou habituado a elas, é uma merda saber que nada mudou. Então, pensando no futuro, mando uma mensagem hipócrita ao Jong.

“Tamo junto sempre, irmão.”

Elena vem ao pátio, mas permanece a certa distância, então termino o cigarro e vou até ela. Assim que olho para os seus lábios, eu a beijo e isso é o suficiente para querer ter uma overdose de Elena. Quando as minhas mãos começam a vagar por sua cintura a pressionando contra o meu corpo, ela para o beijo e me faz segurar em sua mão. Acho que, no geral, as pessoas nunca irão nos ver como um casal normal.

— Conseguiu se organizar? — pergunto, enquanto a puxo para os meus braços.

— Estou indo bem, e você? — Ela devolve a pergunta, acariciando meu rosto.

— Só terei que fazer dois trabalhos e vão repetir uma prova, mas nada muito relevante. Ao menos é o que diz o e-mail que recebi da faculdade.

— Ficou íntimo da novata bem rápido — ela diz. Se ela soubesse qual interesse April me despertou, sua reação seria pior, mas sua tentativa em parecer indiferente me faz rir. — Pare! — fala com raiva e isso me faz voltar a rir.

Elena agora parece irritada, então dá um passo para se afastar, mas eu a puxo e roubo um beijo.

— Sou todo seu, todinho, nenhuma delas tem chance — sussurro e a beijo novamente.

— Deixou isso claro para elas? — questiona entre beijos.

— Mais claro, só se for escrever.

— Pode escrever, juro que não me importo — ela diz ainda receosa, então eu a abraço.

— Que horas posso te buscar hoje? — pergunto.

— Às sete.

— Não, às cinco e meia — retruco, já imaginando passar no Jong primeiro.

— Por que pergunta, se você é quem marca a hora?

— Para você achar que está no controle. Olha como eu sou legal — brinco.

Eu a abraço forte, ela é o *lítio* de uma mente insana. Elena conheceu o meu lado obscuro e mesmo assim continua comigo. Dizem que o verdadeiro amor nasce de um simples olhar, mas aprendi que a sua veracidade só é provada quando se passa pelo inferno. O nosso está sobrevivendo ao meu.

— Não me imagino sem você, Elena. Sempre estarei conectado, à espera de nós —falo e beijo seu nariz. Mesmo querendo colocá-la em meu carro e fugir dessa merda, minha boa garota não curte muito aventuras e, depois de tudo, não quero parecer um cara mais insano que sou.

As pessoas começam a voltar para as salas e é uma merda ver como o tempo voou.

— Acho que o tempo me odeia, porque quando estou com você, ele voa bem mais que o normal — falo e sorrio. — Vamos. — Pego em sua mão e seguimos de volta.

Nos horários seguintes, faço duas provas e na saída não vejo Elena. Jong enviou uma mensagem explicando que a entrega atrasou, mas diz que assim que chegar ele irá me avisar.

Sem tempo a perder, eu sigo para a minha casa. Assim que estaciono, o silêncio indica que estou sozinho, talvez como nunca estive antes ou já tenha estado, mas o sentimento de me importar com isso faz a grande diferença.

Entro pensando no fato de Isaac ter passado a noite aqui e antes de querer saber o que houve na noite passada, avisto uma fotografia diferente em cima do aparador. Eu nunca me preendi a esses detalhes, mas a foto em questão conta a história de quem eu costumava ser – um garoto sorrindo entre um casal. É um claro sinal de que Emily esteve aqui. Eu a pego e me sento na escada e acho estranho olhar para a foto e não me reconhecer mais entre eles. Ele sorri na fotografia, um sorriso verdadeiro.

Mas o que é real? Eu só sei que um dia disseram a esse garoto o quanto ele era importante, falaram algo sobre ele ser a luz que os guiava, que

tê-lo fez a diferença em suas vidas. Ele cresceu acreditando na mentira e quando a escuridão chegou, ele descobriu que não era a luz, que sequer tinha luz, e a partir daquele momento foi obrigado a aprender a andar no escuro.

Essa é a única verdade sobre a mentira, quanto mais doce a contam, mas estrago ela fará ao ser descoberta.

Acendo um cigarro ainda olhando para a foto. O garoto poderia prever que era mentira? Ele poderia prever que se tornaria um viciado? Ele poderia prever que agora só teria a porra de um traficante para atender à sua necessidade? Não, acho que ele não poderia, até mesmo o casal apaixonado não poderia.

Consigo rir sozinho da minha mente insana, então jogo a foto no lixo e, em seguida, vou para o meu quarto, mas ao passar pela porta do quarto de Jay, sinto a falta dela. Costumávamos ser nós três, sempre, mas o sempre também acaba. Enquanto jogo a mochila em minha cama, não me atrevo a apostar quem desistiu primeiro.

Essa é a vida. Um dia você tem algumas pessoas ao seu lado, e no outro se contenta em ter somente lembranças. Robert agora é só alguém vagando em minha mente, Jay é só uma garota que viaja por qualquer estrada, e eu continuo aqui, queimando sozinho.

Olhando para a rua vazia, eu percebo, mais uma vez, que a minha vida é uma piada demente sobre mim mesmo. Hoje eu tenho lembranças, amanhã serei uma. E nesse grande bueiro todos acreditam estar cumprindo seu papel, mas quando a morte chega, descobrem tarde demais que não existia um papel a se cumprir, eram apenas animais soberbos seguindo seu instinto e, no fim, todos estão destinados ao velho caminho. Somos peixes em aquários que afirmavam viver no oceano.

Mas o oceano existe? O aquário existe? Nós existimos?

Não faz diferença, não para mim. Eu encontrei meu peixinho dourado nessa merda de aquário e mesmo que isso pareça absurdo, descobri que é por ela que continuo nadando. Com fome, começo a vasculhar a cozinha atrás de sobras na geladeira, mas ela está tão vazia, que não me resta outra opção a não ser pedir comida.

Os minutos passam e em todos eles Elena permanece aqui, sobrevoando cada faísca de pensamento. E com ela a ansiedade em receber a mensagem que me fará ter a minha dose garantida.

Elena sabe o quanto é especial para mim? Assim como a maioria das

peessoas, ela acredita que o amor é cego ou já descobriu que esse é só um pretexto ridículo que usam para ignorar o que não querem encarar? Elena realmente consegue ver além do inferno que é a minha vida?

O interfone toca e eu vou ao portão buscar a minha pizza. Depois disso, são minutos que se unem e formam horas em frente ao PC digitando e dissertando sobre doenças. Nos intervalos, eu confiro cada mensagem recebida esperando que uma seja aquela que me fará ter a cura para a minha cabeça. A ansiedade me pega de jeito e em segundos estou louco procurando por alguma dose esquecida no quarto. Não encontrando no meu, eu sigo para o da Jay e é impressionante como encontrar algumas gramas traz um grande alívio. O alarme desperta quase cinco então deixo o arquivo do trabalho aberto, tomo um banho rápido e corro para o campus, ligando para a Elena assim que estaciono o carro.

— Estou te esperando. Venha rapidinho.

Atendendo às minhas expectativas, meu anjo surge em minutos e a sua imagem reluzente me diz que estou prestes a bater na porta do nosso paraíso. Elena entra no carro, se aproxima e eu a beijo enquanto acaricio o seu cabelo ainda úmido. Seus olhos me dizem que estamos prontos. O paraíso do meu inferno está à minha frente.

— April parece interessada em você — ela diz, tentando ser indiferente, mas fica evidente o seu ciúme.

Não sei por que diabos ela cismou com essa garota. Coloco os óculos escuros do Isaac sem entender onde ela quer chegar. Se eu disser que não reparei, ela vai retrucar que é mentira e iremos brigar. E se eu concordar, ela vai brigar também, então coloco o carro em movimento, deixando o assunto morrer.

— Ela é bonita, tem um corpo bem atraente e... — Elena insiste e tenho certeza que vai continuar insistindo até eu falar alguma coisa.

Paro o carro no acostamento, tiro os óculos e olho de relance para ela sem conseguir decifrar o que está acontecendo. Eu a puxo para o meu colo, e Elena mantém o olhar fixo no meu. Eu sei como é ruim se sentir inseguro e talvez esse seja um bom momento para falarmos sobre isso, então suspiro e as palavras simplesmente saem.

— Elena, olha, vou ser sincero. Houve um tempo que se uma garota como ela se aproximasse, na mesma noite eu fazia sexo com ela e isso era irrelevante. Eu queria só curtir e achava que não precisava de ninguém, que a

vida era apenas isso. Mas esse tempo se foi no dia em que conheci você. E depois desse dia, essas garotas são apenas garotas e mais nada. Você é a única, sempre vai ser. Sei o que é se sentir inseguro, porque me sinto assim perto do idiota do Keven, só que você não tem motivos para isso — falo, esperando que ela diga algo para me confortar, mas Elena continua apenas esperando, em silêncio. — Eu erro demais e vou continuar errando com você, mas sofri muito com a traição do meu pai e senti o quanto isso machuca. Então tire qualquer insegurança que tiver da sua cabeça, porque apesar de todos os meus erros, eu te amo e não farei isso com você. Não sou esse tipo de cara. Sou o cara errado, mas não o que trai — brinco, mas ela não sorri. — Toda vez que se sentir insegura, me ligue e nós conversaremos, vou te mostrar que não tem motivos para isso. Para você ter uma ideia, eu nem pensava em me casar e agora sonho com isso todas as noites. Não quero te assustar com esse pensamento bobo, porque você só tem dezenove anos e sei que ninguém quer casar nessa idade, mas se esse dia chegar, só me casarei se for com você — confesso e me sinto um completo idiota por ter dito isso.

— Jura? — Seus olhos agora brilham.

— Meu anjo, todos os dias eu amaldiçoo os segundos que passamos longe um do outro, porque cada segundo longe é um pouco da minha felicidade que está sendo roubada. Sempre vai ser só você, porque eu te amo.

Para mim, é sempre ruim falar sobre sentimentos. Elena sorri e, em seguida, eu a beijo, deixando claro porque eu disse tudo isso a ela. E quando estamos prestes a nos queimar, ela se afasta sentindo-se mais confiante.

Chegamos em casa e April já é um assunto esquecido. Rony e Carl já estão por aqui, eu os cumprimento antes de entrarmos em casa.

— Casa sem a Jayde significa sem cheiro de erva — brinco, sorrindo.

— Tem notícias dela?

— Conversamos ontem, conversamos hoje. Todos os dias ela me manda vídeos, fotos. Parece que está bem, arrasando na voz e na erva. — Tento descontrair.

Eu pego Elena no colo e ela dá um gritinho de surpresa, estou com saudades e quero começar a matá-la agora, mas quando vou beijá-la, Elena se afasta.

— As férias começarão daqui a duas semanas — diz, passando as mãos em meu cabelo.

Se a intenção é cortar o meu barato, conseguiu. Nós seguimos para o

sofá, e estou ciente do que vem a seguir.

— Estou contando os dias. Vou até dar uma festa para comemorar — revido, deixando claro que não quero falar sobre isso.

— Maycon, você não quer mudar? Não quer ser uma pessoa totalmente livre, sem ter que depender de nada?

Começou!! As palavras automaticamente me fazem pensar na coca e, instintivamente, em Jong. Aquele idiota não me enviou nenhuma mensagem ainda. Elena continua esperando uma resposta e pela maneira como ela fala, parece algo tão fácil como um passeio no parque.

— Temos que conversar sobre isso agora? — questiono, tentando me esquivar.

— Eu preciso, porque quero continuar acreditando.

— Ah, pare com isso, Elena. Papo chato, cara. Eu já disse que vou. Você está começando a ficar igual aos meus pais. Sempre me colocam como o ruim da história — retruco, já irritado.

— O quê? — Ela agora se comporta como se eu fosse o chato aqui.

— Fica chato isso, todos querem salvar o Maycon e ele mesmo não quer.

— Então você não quer, é isso? — Ela se levanta e parece frustrada.

Merda! Por que Elena sempre tem que insistir nisso?

Estou irritado, mas quando ela faz menção em se afastar, eu a puxo pelo braço e ela cai direto em meu colo.

— Faz quanto tempo que você usou? — pergunta de modo direto.

Eu nem imaginei que as minhas pupilas estariam dilatadas.

— Por favor, amor, pare — imploro e ela desvia o olhar.

— Você foi tão rude com a sua mãe, trata seus pais de uma maneira que eu nunca, nem em pesadelo, penso em tratar os meus. Não se arrepende, Maycon? — pergunta enquanto me encara.

Acho que Elena não me conhece, porque se conhecesse já teria a resposta da pergunta, mas como sempre ela quer ouvir e não existem duas opções aqui. Falo ou ela irá ficar chateada.

— Lógico que sim, são meus pais, mas eles perdoam porque sabem que são em momentos de raiva. Estamos bem, vou te mostrar — falo de maneira indiferente, enquanto pego o telefone no bolso da bermuda e envio uma mensagem para Emily.

“Oi, mãe, tudo bem?”

**Quer dizer, nós estamos bem?
Sei que às vezes sou um canalha e não posso
modificar o que faço, mas eu te amo
muito, sabe disso não sabe?”**

Ela responde de imediato.

**“Maycon, você é o amor da minha vida,
o melhor e mais lindo filho do mundo.
Eu te amooooo muito, meu bebê, e
sempre estaremos bem. Tenho uma
audiência no tribunal agora, te ligo
quando terminar. Te amo, amor, beijos.”**

Emily não costuma ter audiência nesse horário, mas seja lá o que houve, a sua mensagem é um claro sinal de que não quer conversar agora.

— Está vendo? Disse que estamos bem. Não se preocupe — digo, tentando fazê-la acreditar.

— Como foram as suas internações anteriores? — pergunta, ignorando o meu desconforto.

— Sem sucesso — confesso, sem jeito.

— Por quê?

— Eu não levava a sério, mas teve uma mais relevante, quando tinha dezessete, por isso quis sair do condomínio que a minha mãe mora. Meus pais não me avisaram e foi aquela cena patética, todos vendo o viciado sendo levado à força para a reabilitação. Foi ridículo e péssimo — falo, lembrando de como foi uma merda. Depois que consegui sair, fiquei dias sem conversar com meus pais.

— Quanto tempo ficou?

— Quinze dias...

— Por que só quinze dias?

— Foi até muito, geralmente não fico nem uma semana.

— Mas como consegue sair? — Elena diz como se fosse um absurdo eu querer sair, mas ela não faz ideia e por isso insiste para eu ir.

— Fiz drama, muito drama, não cooperei e minha mãe acabou me tirando. Ela não suporta me ver chorar — explico, deixando claro como funciona.

— E você usou isso a seu favor. Mas não entendo, por que não cooperava se é bom pra você?

Olho em seus olhos por segundos, não acreditando que ela fez essa pergunta.

— Porque não queria parar — respondo o óbvio.

— Então por que quer agora?

Merda! Nesse momento sei que as coisas podem se complicar e uma simples confissão pode colocar tudo a perder.

— Porque não quero perder você. — digo olhando em seus olhos.

— Se não fosse por mim, não pararia? — A pergunta soa melancólica demais.

— Não.

Ela suspira. Eu não entendo, ela quer que eu seja sincero, mas quando sou Elena parece me odiar.

— Maycon, meus pais não aceitaram o nosso relacionamento, mal estão falando comigo e eu jurei que você quer mudar. Que vai mudar, entende? — fala como se estivesse explicando a uma criança e eu sei que ela nunca irá aceitar a cocaína em minha vida. E como se já não estivesse tão ruim, ela começa a chorar.

— Sente falta deles? — Agora sou eu que pareço um idiota.

— Muito. Eu amo você e quero que mude, assim vou provar que estou certa a seu respeito e eles vão passar a aceitar você — diz.

Novamente eu não sei em qual mundo Elena vive, porque, sinceramente, não é o nosso.

— E se eu não conseguir, Elena? — pergunto, procurando a resposta em seus olhos.

— Vai conseguir, Maycon. Amor, você vai porque nunca tentou de verdade. Mas agora vai. — A resposta sai, mas não é a que eu preciso e quero ouvir.

Apesar de estarmos tão próximos, novamente colocamos uma barreira entre nós, tão visível quanto Elena e seu desespero em querer sair desse inferno, o meu inferno.

— Não é fácil como você pensa. Não é um passeio no parque ou coisa do tipo. Acha que não quero sair, lógico que quero. Mas não é assim. Elena, eu cheiro há mais de seis anos, meu corpo se acostumou com a droga, meu cérebro implora por ela, eu fico louco só de pensar em não usar. Mas as

peessoas adoram julgar, acham que eu não quero, que não me esforço. Eu passei mal só de ficar dois dias sem. Dois dias. É horrível, meu corpo fica ruim, me sinto péssimo, muito mesmo. A única diferença entre mim e um viciado que mora na rua é o dinheiro. No mais, é a mesma porra. Se você pudesse sentir como é difícil sair, se alguém tivesse me contado antes, juro que eu nunca teria entrado! — digo, tentando fazê-la acordar para a porra da minha realidade. Elena fica claramente desconfortável pela minha alteração um tanto agressiva e evita falar — Quer comer alguma coisa? — pergunto, mudando de tom e assunto.

— Às vezes, você me assusta — diz, então desvio o olhar.

— Não quero te assustar, não quero nada além de paz e felicidade. O que se resume a você. Desculpa se a faço sentir isso, mas não precisa ter receio, eu te amo — falo em um tom bem mais baixo.

— Jura que vai mudar, Maycon? Promete para mim que vai tentar mais que tudo! — insiste e sei que ela precisa ouvir a minha confirmação.

— Prometo que vou tentar mais que tudo. Por nós, juro que vou tentar — falo e ela agora sorri, mais esperançosa.

— Acredito em você. Mas, voltando à sua pergunta, quero brigadeiro. Se não se importa, eu mesma vou fazer.

— Tudo bem, fique à vontade, vou subir e concluir um trabalho.

Ela se levanta e segue para a cozinha, enquanto eu subo a escada. Entro no quarto e só salvo o arquivo do trabalho, eu queria mandar para o Robert dar uma olhada, mas acho que no cemitério não tem wi-fi. Sorrio com a minha piada. Merda!

Escuto meu telefone tocando enquanto desligo o notebook. Se for Jong, que desculpa vou dar para Elena? Porra! Minha ansiedade em ter cocaína se sobressai à ansiedade de que desculpa arrumar para Elena. Desço rapidamente para pegar o telefone que está no sofá.

Era uma mensagem do Jong. A Elena apagou, sei disso porque ela deixou a conversa aberta e antes estava na troca de mensagens com a Emily.

— Escutei meu celular tocar, você mexeu? — pergunto, irritado.

Eu nunca mexeria no telefone dela, muito menos apagaria suas mensagens. Agora não sei o que a porra do cara falou. Ela não responde, o que será que ela pensa?

Elena continua me ignorando.

— Você é muito intrometida, Elena.

Sem opções e já louco para conseguir o pó, eu telefono para o Jong.

— Qual é, irmão, vem que o pessoal aqui é mato.

— Estou indo. — É tudo que consigo dizer.

— Vai buscar?! — pergunta, irritada.

Ah, merda!

— É rápido, o cara mora aqui perto, não vou demorar. Só estou garantindo a semana, será a penúltima mesmo. — Tento amenizar a situação, então forço um sorriso, mas ela não retribui e sei que vamos brigar por isso. Mas não agora, saio sem dizer mais nada.

Chego ao Jong contando com a sorte e dispensando o juízo. O cara está dando uma festinha, têm várias putas praticamente nuas e todos estão chapados. Um dos seus seguranças me acompanha, enquanto vejo alguns caras conhecidos. Ele me convida para acompanhá-lo e eu faço como várias vezes fiz com Paul. Percebo que, assim como os outros, ele está chapado. Chegamos ao escritório e assim que vejo a cocaína, esqueço toda a porra que envolve a minha vida. Ele me convida para cheirar e fica perplexo quando faço uma boa carreira.

— Deveria ir mais devagar, irmão, uma hora o coração explode — fala, mas em minutos a coca fode com meu cérebro. Até que enfim Jong arrumou uma da boa.

Sorrio feito idiota e depois disso tudo é festa. Ele faz algumas carreiras e é a primeira vez que vejo esse cara cheirar. Jong chama outros caras e acabamos bebendo e cheirando juntos. Mesmo feliz, aquela sensação de estar esquecendo algo me incomoda e, depois de um tempo, eu me lembro do que esqueci — Elena.

Jong me vende fiado e sei que isso é se jogar do precipício. Eu me despeço do cara, ele me abraça e hoje somos amigos, amanhã ele será o cara que irá me apagar se eu não trouxer a grana. Como eu disse, estou habituado a essa realidade.

Quando saio da casa dele já está escuro. Elena deve estar puta comigo, tão puta que não sei que desculpa arrumar. Chego em casa com a cara mais lavada do mundo e nem sinal dela, procuro por suas coisas e nada. Ligo em seu telefone, ela não me atende.

Desesperando e pensando em como me desculpar, saio atrás dela. Meu coração acelera com a possibilidade de perdê-la, então me olho no retrovisor do carro e vejo que estou parecendo um louco, confuso e chapado.

Mil desculpas passam pela minha cabeça, mas nada parece plausível ou aceitável. É sempre uma merda, porque a sorte nunca está a meu favor, sei que Elena está certa, mas foda-se. Ter razão nunca foi meu forte.

Dar uma freada brusca em frente ao campus é o suficiente para todos olharem para o meu carro. Saio batendo a porta e corro até o seu quarto, até cogito bater à porta, mas ela vai me dispensar sem abrir e eu preciso olhar em seus olhos, dizer que estou errado, que sou errado, e que se ela me der uma chance, vou fazer as escolhas certas.

Respiro fundo e abro a porta. A cena que vejo me faz desmoronar. Elena está agarrada com a porra do Keven. Eu olho para os dois e a dor é como se estivesse com uma faca na garganta, mal consigo respirar. Ele a abraça forte e, instantaneamente, sou tomado pela raiva. Esse filho da puta vai se ver comigo.

— Então é por isso que você veio, por causa desse idiota?!

Estou muito irritado. O imbecil aqui pensando em implorar perdão, enquanto ela está com esse almofadinha do caralho. Eu parto para cima dele e Elena se vira, assustada.

— Maycon, não foi por isso que vim e sabe muito bem o porquê. — Ela fica entre nós e odeio a forma como ela me olha.

— Por que não deixa a Elena em paz? Sabe que faz mal a ela! — O filho da puta me provoca como se aguentasse alguma merda. Eu rio dele, prendo os lábios e fecho a mão, esperando a oportunidade de socar sua cara.

— Para você ter a sua chance, né! Você é péssimo, Keven, desista cara, não vai conseguir tirá-la de mim. Teve tempo pra isso. Em semanas eu consegui dela o que você não conseguiu em meses — digo para provocá-lo e Elena passa a me fuzilar com os olhos.

— Pelo contrário. Elena tem essa bondade nela em querer salvar as pessoas, quando viu como a sua vida é deprimente, achou que poderia te salvar — o imbecil responde, se mantendo covardemente atrás dela, mas ouvi-lo é o suficiente para ir com tudo para cima dele.

Eu tiro Elena da minha frente e lhe dou um murro com toda a minha força, então ele revida, mas é risível o fato de até Jay conseguir bater mais forte que esse merda. Ele não sabe brigar e fica óbvio quando eu o empurro e consigo derrubá-lo. Penso em toda a raiva que esse idiota me fez passar e dou um chute tão forte, que ele perde o ar. Vejo em seu rosto que está assustado, tentando recuperar o fôlego.

— Pare agora, se o machucar eu chamo a polícia para você! — Elena grita como se isso me assustasse.

— Sério, Elena, e vai fazer mais o quê? Porque isso não me incomoda.

O imbecil continua no chão, gemendo, então fico olhando esperando que se levante, mas sei que não vai acontecer. Elena vem em nossa direção e quando faz menção em se ajoelhar para ajudá-lo, eu a seguro pelo braço.

— Prefere ele, não é? — pergunto, olhando em seus olhos.

Ela está desesperada pela porra do cara, não consigo continuar ignorando isso.

— O quê? Você é louco?

Consigo rir da forma como ela se faz de santinha, minutos atrás estava agarrada com o imbecil, o mesmo imbecil que a beijou, e agora eu sou o louco.

— Não sou louco, mas estou cansando desse cara ficar sempre em cima de você, só que estou começando a achar que você gosta. E isso muda a questão — bufo, puto com ela.

— Ele é meu amigo e você não manda em mim! Você não passa de um inconsequente, acha que todos são obrigados a aceitar os seus erros porque é um viciado. Um viciado que não quer mudar. Não dá, Maycon, sinto muito, mas isso é demais — ela cospe tudo como se nós não fôssemos nada. Não consigo acreditar que ela está terminando comigo.

— Por favor, não me deixe, juro que estou tentando — imploro.

— Mentira! — grita ainda em lágrimas. — Não está tentando, perdi totalmente a confiança dos meus pais, perdi a credibilidade com alguns professores e todos acham que estou louca. A única coisa que pedi a você foi que tentasse, mas me acha idiota, pensa que me engana, mas não me engana. Não diga que está tentando, porque não está! — diz, abalada. Sei que tem mais verdades ali do que estou disposto a encarar.

— Seu problema é viver no mundo da lua. Sabe que não é fácil e finge que é — rebato no mesmo tom.

— Eu sei que não é fácil, só que você poderia ao menos me poupar, porque só faltou usar drogas na minha frente, todo o resto você fez — diz, magoada, então desvio o olhar.

— Elena, você prometeu que não iria me deixar. — Eu a lembro.

— E você prometeu tentar.

— Nas férias! — justifico.

— Seja sincero. Um mês resolve o seu problema? Fora que se fosse eu, imploraria para me ajudarem, iria querer sair dessa de todas as maneiras. Mas você não, sei que só vai porque estamos te forçando a ir. Amo você e no princípio, quando as pessoas me disseram que era um caminho escuro, eu ignorei e, depois de tudo, não sei por que ainda estou desapontada se fui avisada. — Vejo a dor em suas palavras. — Elas estão certas, Maycon, suas promessas não passam de fábulas vazias que não enganam nem a si mesmo.

Suas verdades são tão cortantes e eu sei por que chegamos a isso.

— É isso que pensa, acha que tudo é mentira? — questiono, magoado.

— Tenho certeza.

— Elena, por favor, não me abandone, vou tentar, eu juro — agora estou implorando e segurando as lágrimas, morrendo de medo que esse seja o nosso fim.

— Não se abandone você, Maycon. Mostre que todos estão errados, inclusive eu. Seus pais não merecem isso, você não merece isso. Não seja mais um a morrer pelas drogas, seja um que lutou e conseguiu vencer. Mas não vença por mim, vença por você, porque deve se amar antes de amar qualquer outra pessoa — ela diz como se nós fôssemos passado e, olhando em seus olhos, parece um passado distante, mas a dor está no presente. — Agora saia do meu quarto!

— Elena, por favor — minha voz sai em um sussurro.

— Saia do meu quarto. Já me machucou muito por hoje! — grita em um tom bem mais alto.

— Calma, vamos conversar. — Tento novamente.

— SAIA DO MEU QUARTO AGORA! — grita e até a porra do cara que ainda está no chão se assusta.

Eu olho para ele e, em seguida, volto a encará-la e fica claro quem é o perdedor aqui. Saio do quarto sem dizer mais nada. Estou em pedaços, me sentindo um lixo e não sei o que fazer. Ao caminhar para o carro, recebo olhares curiosos e sei que todos escutaram seus gritos.

Elena me fez conhecer um paraíso que somente ela tem a chave. Estou quebrado, arrependido e envergonhado. Sentindo uma dor insuportável e me perguntando se vou sobreviver a isso.

O vazio me consome e mesmo em pedaços eu permaneço dentro do carro, em frente ao campus, porque não tenho coragem de me afastar.

Elena, essa é a porra da nossa história. Sei que você tem mil motivos para desistir, sei que eu tenho mil motivos para lutar, mas nenhum dos dois tem a promessa de final feliz, apenas eu aqui, você aí e um futuro tão incerto.

Engulo todos os nós e desabo na minha dor. Como sempre, eu sou bom em fazer merdas, mas dessa vez não existe cocaína que possa aliviar o que estou sentindo e, pela primeira vez, eu não sei como consertar os erros e trazer meu paraíso de volta para a minha vida.

Capítulo 38

Levo horas até conseguir ligar a porra do carro. Não tem sequer uma alma viva na rua e à medida que avanço por ela, percebo que parte de quem eu sou agora ficou naquele quarto, consolando alguém que não sou eu. Sentir isso é uma merda, no fim das contas, parece que estou destinado a ser só mais um perdido vagando por aí.

E pior é que sei que toda essa dor vai continuar por aqui até se tornar insuportável, e depois disso eu vou engolir a porra do meu orgulho, rastejar até Elena e implorar por qualquer migalha que ela esteja disposta a me oferecer.

Continuo persistindo até chegar ao lugar que costumo chamar de casa. Apesar de ter seguranças, estou sozinho, nem sequer um amigo eu tenho. Mas, foda-se, mesmo que tivesse alguém eu nunca fui o cara que segue conselhos, então não adiantaria muito Rob ou Jay estarem aqui, até porque tudo que faríamos juntos, eu vou fazer agora, sozinho.

Entro no quarto escuro e tento não pensar em nada, mas a maneira como ela me encarou e como correu para os braços daquele imbecil ficam circulando em minha mente e dói. Mas não é uma dor passageira, é aquela que deixa claro que a magoei e agora ela deu o troco. E não sabendo lidar com isso, eu tento encontrar a cura à minha velha maneira, entre carreiras.

Espero a porra da cocaína foder com meu cérebro, enquanto Elena fode com a porra do meu coração e, sinceramente, estou disposto a pagar para ver qual dos dois irá explodir primeiro.

Eu a imagino transando com aquele filho da puta e isso só me faz afundar mais. Sem conseguir me segurar, eu choro feito um idiota. Não consigo entender qual a parte do tentar nas férias não ficou claro para ela. Procuro respostas, mas nada faz sentido.

Sofrer por Elena é como estar perdido em meu próprio caminho, e por mais que eu queira, estou cego demais para encontrar a saída.

Cocaína, prazer, euforia, descida, depressão, e depois disso sou chutado direto para a sua memória. O ciclo se repete, minha vida se repete, nós repetimos e cada pensamento continua circulando insanamente. E, no fim, eu continuo aqui, vomitando todas as promessas que eu fiz a ela. Estou atordoado e pouco lúcido, vagando entre o amor e ódio, dispensando seus

motivos e rezando para que ela me tire desse inferno, mas enquanto Elena não vem, eu me encarrego de ficar chapado o suficiente para parar de pensar em nós.

Quando se torna insuportável, eu recorro a tudo que possa me tirar dessa realidade, qualquer ilusão que possa consertar a porra do meu coração. Álcool, *lítio* e o que está disponível para me fazer viajar para longe.

Eu vejo Robert, vejo Jay, meus pais e, no fim, só eu encarando meu próprio reflexo. Estou cansado, cansado de mal dormir, cansado de mal comer, cansado de estar sempre atrás de drogas, enfim, estou cansado de ser o Maycon. Mas eu não conheço outro cara, estou preso a esse e ao inferno que ele mesmo criou, onde tudo que vale é continuar tendo cocaína nas veias.

Escuto gritos e risadas, então vou à janela e vejo uma galera com a garota loira da faculdade. Não me lembro seu nome, nem me esforço para isso, na verdade, nem sei se estou mesmo os vendo ou se é viagem, mas escuto risadas e elas parecem bem reais. Estão chapados, talvez tanto quanto eu, e seja lá qual piada eles contam hoje, mal imaginam que ela será a vida deles amanhã.

Mas sem tempo para perder pensando nas escolhas dos outros, volto a minha mente nas possibilidades de convencer Elena a me dar outra chance. E é justamente pensando sobre isso que me pergunto quando foi que me tornei esse cara.

A porra do Keven já beijou Elena, deixou claro que a quer, e mesmo depois de tudo isso, mesmo depois de deixar claro como isso me magoa, é para os braços dele que Elena sempre corre. A situação é ridícula, porque eu sei que é uma barra para ela, me escolher só traz decepções e eu queria poder mudar isso, mas não posso.

— Eu sou viciado, porra! Você entende que não é uma escolha? — grito, mas não tem ninguém aqui.

Eu me jogo na cama tentando entender uma equação que não tem solução e, no fim, tudo que resta são só números sobre um viciado que achou que poderia amar uma garota santinha, mas no fim era só ilusão, nada realmente válido.

Tudo é tão sem sentido, que mal consigo rir de mim mesmo, ainda que agora eu seja a piada. Sei que é tão estúpido, estou enlouquecendo, esperando que alguém jogue uma corda e me tire daqui. Estou sufocado com as próprias palavras, sentindo a falta de Elena e esperando sobreviver até

amanhã.

Quando chego ao extremo, pego o telefone e escrevo um textão insistindo que ela não pode me deixar, não depois de prometer que não faria isso. Imploro para me dar outra chance e, no fim, até eu acho patético, mas, foda-se, o amor nada mais é do que a loucura de perder a razão por alguém e isso por si só é cruel.

E enquanto espero uma resposta, tento distrações bobas e até coloco algo no Facebook com intenção de atingi-la, mas sei que não vai acontecer. Depois que Elena visualiza a mensagem, mesmo esperançoso, nada acontece, ela simplesmente me ignora e até ser ignorado a distância dói.

Uma parte minha enumera as razões para desistir, enquanto a outra contabiliza as pequenas chances de tê-la de volta. Minha noite é uma merda, não durmo nada e quando o celular desperta, recorro à cocaína para me manter em pé. Sei que a minha dívida com meu corpo só aumenta e ao olhar meu reflexo cansado no espelho, tenho certeza que quando eu for cobrado, o preço será a morte, mas não existe aqui um cara que se importe.

Tomo um banho e me arrumo rápido, então entro no site da faculdade. Por sorte, temos aula de Psicofarmacologia no primeiro horário, eu abandonei essa matéria a um tempo atrás, mas o professor parece um fóssil em extinção, acho que nem se deu conta disso.

Quando chego ao campus, estou louco para encontrar Elena, implorando internamente para que ela tenha sentido a minha falta como eu senti a dela. Quero ter a chance de conversar, dizer que eu só preciso de um tempo para consertar as minhas merdas, isso não é pedir demais, não quando existe a porra do sentimento. E após um cigarro para tentar acalmar a ansiedade, lá vou eu para a sala de Psicofarmacologia. Parece idiotice, mas ao vê-la de costas sentada na segunda fileira meu coração acelera e tudo que eu quero é ir até ela, mas sei que não vai rolar, não dessa forma. Eu me sento ao fundo e assim que os últimos lugares são preenchidos, o professor inicia.

Estou perdendo uma prova agora e espero que tudo isso faça sentindo um dia. Franklin começa a aula falando sobre drogas psicotrópicas ou psicofármacos. Ele fala, fala e eu não escuto porra nenhuma, só me concentro em minhas pequenas chances de convencê-la de que vou para a clínica, cujo codinome é inferno de viciados, mas Elena não se importa com isso. A cada nova explicação, o professor escreve um transtorno mental no quadro e espera que os alunos indiquem um psicofármaco.

Apesar de não me focar no que ele explica, remotamente me lembro das minhas consultas com Jordan. Nós debatíamos muito sobre meus possíveis diagnósticos e transtornos mentais que, segundo ele, adquiri graças ao meu vício em cocaína, mas nunca levei isso a sério.

Apesar das pessoas e todo esse barulho, eu me concentro em Elena feito um idiota que nada mais enxerga, mas ela parece presa em seu mundo. É isso que quer Elena, me apagar da sua vida?

Desde que entrou na minha vida, Elena se tornou meu sol e nesse meu pequeno universo, sem esse grande astro para me aquecer, estou condenado à morte. E é por isso que preciso ter de volta a sua luz.

O professor faz uma pergunta e só presto atenção quando ele a refaz diretamente para a Elena. Então olho para o quadro e vejo que o transtorno da vez é esquizofrenia. Esse é fácil, mas não quero chamar atenção para mim.

— Elena. Elena? — ele insiste e ela parece distraída.

— Sim! — responde, assustada, acho que só agora voltou para a sala.

— Algum problema? — Franklin questiona.

— Não, nenhum. — Sua voz está distante e embora pareça mal, assim como eu, ela também tenta disfarçar.

— Pode me responder a pergunta então, por favor? — o professor reforça, então escuto alguns insultos debochados sobre ela sendo sussurrados.

Após algumas risadinhas idiotas, Elena fica cabisbaixa deixando claro que não irá responder. Odeio a forma como esses imbecis a esnobam.

— Alguém pode responder? — ele pergunta olhando para a turma atrás de mim, como ninguém levanta a mão, eu o faço. — Obrigado, responda, Maycon.

— Usaria agentes antipsicóticos, mais conhecidos como neurolépticos.

— Por que os usaria? — Até então ele não havia pedido a ninguém para justificar, mas é a porra do viciado, vamos foder com ele.

— Mesmo não produzindo a cura, eles acalmam o paciente e melhoram consideravelmente os sintomas, inclusive alucinações auditivas e visuais, isso sem afetar a consciência ou deprimir os centros vitais. Além desses benefícios, eles não causam dependência física ou psíquica — digo e ele me encara com ironia.

— Disso você entende bem, não é mesmo? — Tenta soar engraçado, mas é ridículo, então desvio o olhar. — Obrigado, Maycon, foi uma boa

resposta — o professor conclui, causando risadas.

É demais para mim, então pego as minhas coisas e saio da sala. Elena sequer se virou como a maioria fez. Em momentos como esse, eu sinto esse imenso oceano que há entre nós.

Ela odeia a parte que todos sabem sobre meu vício. E, bom, depois disso aqui, acho que passei a odiar também e é obvio que agora estou mais ferrado do que antes. Eu me pergunto por que diabos fui abrir a boca.

Ao invés de ir para aula, fico no pátio esperando o término do horário perto da árvore que costumamos ficar fumando um cigarro. Estou sufocado com as minhas próprias palavras e sei que preciso conversar, mas não tenho muitas opções. Sem pensar muito, eu envio uma mensagem para o Isaac perguntando se podemos almoçar juntos. É foda o fato de ele responder que se for dinheiro ele já liberou.

“Não é sobre dinheiro, eu só quero... ah esquece, Isaac...”

“Quer conversar, é isso?”

“Não mais”

**“Maycon, estou em reunião, desculpe,
não queria parecer indiferente,
quero almoçar com você,
às 14 te pego na sua casa, tudo bem?”**

Apesar de ele tentar consertar, parece forçado, mas estou carente demais e talvez ele possa me ajudar.

“O.k., valeu, Isaac.”

Ele visualiza, mas sabemos que a conversa já acabou. Pela movimentação nos corredores, sei que o horário terminou. Eu vou direto para a minha sala e no corredor encontro com Keven, que me lança um sorriso de deboche. Odeio esse cara. Entro na sala, alguns cumprimentam, mas a maioria só lança olhares curiosos. April sorri quando me sento perto dela. E, finalmente, o cansaço por todas as noites mal dormidas começam a pesar.

Por que estou aqui mesmo?

Porque quero convencer alguém que antes eram mentiras, mas que agora vou tentar de verdade porque precisamos ficar juntos.

April tenta puxar assunto, mas percebe que não terá sucesso.

Você pode amar e odiar alguém na mesma intensidade?

Pode desejar estar distante e ao mesmo tempo perto, tão perto que

sente que está respirando por ela?

Elena flutua em minha cabeça, enquanto eu espero o relógio engolir as horas. Eu me sinto um idiota. Ela precisa de um cara como o Keven e a verdade é que nunca serei como ele.

Abaixo a cabeça e tudo vai desaparecendo, até ela.

Sou acordado por uma professora de aparência oriental e pelo seu nome sei que é, ou talvez seja só descendente. Ela não dá aula para mim, mas já a vi várias vezes aqui.

— Tudo bem? — pergunta e sua voz parece realmente preocupada. Isso é raro, depois da Cheryl, ninguém mais pareceu se importar comigo aqui.

— Estou... eu... — sussurro tentando entender o que está acontecendo. A sala está vazia. — Onde estão todos?

— Laboratório. Mas a aula já está acabando. Não precisa ir.

— Por que está aqui? — questiono ainda tentando organizar os pensamentos.

— Estava passando pelo corredor e o vi aqui.

— Mas nós nos conhecemos? — Ela entende o que quero saber. Em outras palavras, por que ela entrou se não sou seu aluno?

— Acho que todos te conhecem. Ou como eu, ouvem muito falar de você.

— Já imagino o quê — digo e ela parece sem graça.

— Sabe, Maycon, ninguém é ruim o tempo todo, ninguém faz escolhas erradas o tempo todo. Eu conheci um gênio que brilhava no ano passado e é triste ver esse cara com esse grande potencial ser destruído por drogas. — Eu a encaro, tentando entender onde ela quer chegar. Sua voz soa dramática. — Eu só acho que todos devem ter a chance de mudar, e você ainda tem chance. Entende? — Tenta um sorriso.

— Sabe o que eu acho? — pergunto e ela me encara. — Que você não me conhece, e talvez eu queira ser esse cara, talvez eu queira exatamente esse caminho. — Ela desvia o olhar. — Bom, eu vou comer alguma coisa agora. Obrigado por isso, seja lá o que tenha significado — falo e ela sorri sem jeito. Eu me levanto e novamente lá vou eu pagar por meus pecados.

Vou direto ao refeitório e procuro por Elena, mas ela não está, então sigo para o corredor e a vejo em frente ao seu armário. Eu me aproximo e, na altura do campeonato, sei que ela percebeu que estou indo em sua direção. É torturante demais essa conexão, eu preciso beijá-la, dizer que sinto muito e

que eu estava errado, implorar a porra do perdão e mostrar a ela que realmente vai acontecer, que eu vou me internar.

Elena fecha o armário e percebo a sua respiração tensa, está ansiosa. Ela se vira e quando os nossos olhares se encontram, todas as palavras desaparecem. Sei que está tão mal quanto eu. O tempo para e as pessoas se tornam inexistentes, então começo a implorar para sermos só nós novamente, implorar para que eu consiga dizer a droga das palavras certas, mas quando olho em seus olhos eu vejo um abismo de mágoa. Para a minha decepção, Elena tenta me ignorar e não sei como consegue isso se quase podemos tocar essas correntes invisíveis que nos mantêm presos.

Ela abraça firme os livros e segura o choro e, pela forma como me encara, sei que me quer longe e saber que eu sou o cara que a faz chorar me faz sentir um lixo.

— Elena, eu... — Tento, mas ela me interrompe.

— Maycon, por favor, por favor. — Ela fecha os olhos, implorando para eu vá embora.

Odeio isso, odeio ser esse cara e pior é que não sei mais que porra de palavra usar para que ela entenda de uma vez por todas que estou arrependido.

Dizem que uma única escolha pode mudar toda uma vida, e apesar de querer muito ficar, eu me viro e escolho me distanciar dela. Mas isso só funciona fisicamente.

Eu sou o cara errado, eu sei, mas às vezes o cara errado só precisa de mais uma chance para se tornar o certo. Só não sei se ela ainda quer me dar isso.

Penso em ir embora, mas April envia uma mensagem em meu telefone pedindo uma carona. Isso não me deixa surpreso, acho que meu número é mais comum aqui do que de puta. Ao concordar em dar uma carona, eu volto para sala e acabo dormindo nos últimos horários, ao final, April me acorda e posso ver claramente no olhar do professor a pena em ver a decadência do viciado.

Seguimos até o carro que a Jayde usava, então eu a espero entrar e assim que o faz eu vejo Elena pelo retrovisor, mas não me atrevo a encará-la.

Dou partida e April vai falando sobre tudo e nada. Tudo que ela acha interessante, mas nada que realmente me prenda à conversa. Depois de ela me explicar onde mora, eu a deixo em sua casa e sigo para a minha. Ao cumprimentar Jorge, ele me diz que levou o carro da minha mãe de volta,

então agradeço por isso.

Jogo a mochila sobre a ilha da cozinha, bebo água e me arrasto até o sofá da sala, então me deito novamente e acabo dormindo. Dessa vez sou acordado pelo meu telefone. Isaac está me esperando e, em segundos, estou em frente ao seu carro. Eu me sinto meio deslocado perto dele, que está sempre tão bem vestido com seus ternos caros. Olhamos um para o outro e é uma merda ser tão difícil iniciar um diálogo com meu pai, e isso é claro para os dois.

— Dia difícil? — questiona, dando a partida.

— Não — falo, desviando a atenção.

— Está sendo sim. Não participou de nenhuma aula, perdeu duas provas e não entregou os trabalhos que compensariam as suas faltas. — Desvio o olhar, ele e a minha mãe me acompanham como se eu ainda estivesse no primário.

— Elena terminou comigo — respiro fundo — porque... — Minha voz soa melancólica demais e ao encarar Isaac, percebo que não adianta muito falar sobre isso, porque se Elena acha que não quero tentar parar, ele tem certeza.

— Por quê? — insiste.

— Porque, pela milésima vez, eu a deixei sozinha para comprar drogas, porque eu sempre a magoo e acho que eu deveria deixá-la seguir seu caminho porque esse é o meu. Eu sei que ela merece bem mais do que alguém que só a faz chorar, mas eu não consigo. E é uma merda. Eu fico paranoico pensando em quando foi que ela se tornou essa pessoa tão importante, quando foi que ela ocupou esse lugar que eu nem sabia que tinha em mim. Ah, droga, eu não quero ir para a porra da clínica, Isaac, mas se não for já era pra mim. E eu não consigo continuar se ela não estiver comigo, entende? — digo, segurando o choro.

— Ah, Maycon, você está muito apaixonado por essa garota. Pelo que eu vi durante esses dias que estivemos no hospital e na casa da sua mãe, ela também está apaixonada por você, muito. Qualquer um que fique perto de vocês percebe isso, mas não é fácil lidar com as suas escolhas — diz, ressentido. — Só te amando mesmo para continuar ao seu lado — ele diz e não ajuda em porra nenhuma.

Nós ficamos em silêncio, então nos evitamos nos encarar. Ele segue pelas ruas que conheço e sei onde estamos indo — Spolletto. Na faixa de

pedestre, vemos um cara que segura um menino pela mão, então Isaac para o carro e os deixa atravessar, e somente quando ele coloca o carro em movimento é que volta a falar.

— Maycon você se lembra de quando parou de me chamar de pai?

Sua pergunta me paralisa, não sei onde ele quer chegar e não era sobre isso que estávamos falando.

— Acho que sempre te chamei de Isaac — digo, fingindo desinteresse.

Ele dá um sorriso torto.

— Não. Você parou de me chamar de pai quando conheceu a Jeniffer. Segundo Jordan, era seu modo de demonstrar que não éramos mais íntimos, uma barreira, uma forma de me atacar, mas também uma armadura. E só usamos armaduras quando nos sentimos frágeis.

— O que é isso? Terapia? Porque se for, eu dispenso. — Nós dois sorrimos. — Acredita no que esse cara fala?

— O grande gênio aí tem outra justificativa? Se tiver, estou disposto a ouvir.

— Isaac, qual é? — questiono, encarando-o. Ele respira fundo e quando chegamos reconheço o carro da minha mãe.

Droga!

— Combinou com Emily de nos encontrar aqui? — pergunto enquanto ele ainda manobra o carro.

— Não, por quê?

— Podemos ir a outro lugar, então?

Isaac dá um longo suspiro, desliga o carro e me encara.

— Não está escolhendo um lado, Maycon, por mais que seja difícil se desvincular dessa ideia absurda, sua mãe não vai ficar magoada por nos ver juntos — ele explica, deixando claro que será aqui ou em lugar nenhum.

Saímos do carro e Isaac evita toda reverência e puxação de saco que as pessoas desse lugar têm com ele e agradeço por isso. Chega a ser ridículo, as pessoas sabem que ele tem grana e, ao olharem para mim, como diria Robert, vestido em meu estilo mendigo, todos acham que é caridade e não que somos pai e filho. Como sempre, está cheio, mas ele não precisa reservar uma mesa. Quando vemos a minha mãe com Erick a nossa reação é quase a mesma, apesar de tentarmos disfarçar, nós dois ficamos sem graça. Isaac tem razão, ainda sinto como se isso fosse traição, já ele, não tenho muita certeza

do porquê está incomodado, e por isso escolhemos uma mesa afastada deles. Ela nos viu, mas não se aproxima. É a primeira vez que eu o vejo dar as costas a Emily e tratá-la tão friamente, ele sequer se dá o trabalho de cumprimentar Erick, já eu aceno de longe e recebo um sorriso de ambos.

O garçom vem, anota os nossos pedidos e se afasta para logo trazer as bebidas. Isaac pede uísque, então sei que tem algo errado, geralmente ele não bebe no almoço.

— Sobre o que quer conversar, além da garota, claro?

— Você falando assim, parece algo insignificante — revido. Ele prende os lábios, está tenso, muito.

— Não é, desculpe se pareceu — ele respira fundo.

— Está acontecendo algo entre você e minha mãe?

— Não. — Sua resposta é tão rápida quanto falsa.

— Não confia em mim? — insisto e ele dá de ombros.

— Não é nada, estamos bem.

— Parece magoado ou sei lá, não sou muito bom nisso quando se trata de vocês.

— Você não é bom nisso, Maycon, com ninguém. Mas relaxa, não estou e então, é sobre a garota?

— Isaac, eu sei que não falamos sobre isso e nem quero parecer ofensivo, mas você é bom em fazer as pessoas acreditarem em mentiras, então como eu faço para ela voltar a acreditar em mim?

Ele dá um sorriso sem graça.

— É o que pensa, que eu sou bom em mentir? — Agora parece chateado.

— Ah, qual é, não faz isso — falo, chateado, e ele sorri novamente.

— Por que acha que sou bom em mentir?

— Não só em mentir, mas em fazer as mulheres acreditarem em você.

— Agora ele gargalha. — Enganou a minha mãe por um tempo, e nesse tempo você se saia bem, até eu acreditava que gostava daquela vida com a gente.

Ele me encara.

— Mas eu gostava, Maycon, na verdade, eu amava, mas às vezes passamos por situações complicadas e... — Ao perceber que estou atento, ele respira fundo. — Quer falar sobre isso?

— Não, eu não quero, só quero fazer Elena acreditar que vou mudar.

Até topo ir passar uns dias na clínica quando entrar em férias se isso for convencê-la a voltar pra mim.

— Maycon, desde que conheci essa garota, achei um tanto iludida quanto ao seu problema. Posso estar enganado, mas ela realmente entende que você tem um problema gravíssimo com drogas? Porque, sinceramente, se ela sabe a dimensão do problema não acho que conseguirá convencê-la tão fácil.

— Ela não sabe. Elena não conhece como é isso, na verdade, ela nunca teve contato com drogas antes de me conhecer — digo, cabisbaixo.

Isaac desvia o olhar e acho que agora ele consegue me entender.

— E ainda assim estamos aqui para fazê-la acreditar na mentira de que irá tentar, mas está claro para nós dois que não vai. É isso? — Merda! Ele frisa o não vai e odeio quando ele faz isso. — E claro, eu, como um bom mentiroso, posso te ajudar nisso. Não é?

— Ah, Isaac, esquece, não era para ser ofensivo, mas acho que você finge ou não quer me entender — falo e ele ri com sarcasmo.

— Nisso você se parece com a sua mãe, mas me diz, se realmente vai, por que não tentar uma única vez? Tentar de verdade, essa garota não merece que tente? — ele questiona.

Eu vejo Emily se aproximar vestida em um terno escuro, cabelos presos e ego intocável. Ela parece bem, apesar de mal cumprimentar meu pai, e como se tivesse sido convidada, ela se senta ao meu lado e me beija.

— É bom ver vocês aqui, em família — diz, tentando suavizar o clima, mas ainda evita encarar Isaac e sei que tem algo estranho rolando entre eles.

— Está vendo, Maycon, sua mãe não se importa em nos ver juntos, não hoje, depois que o estrago já foi feito. Entretanto, vou confessar que se isso fosse há nove anos, muito provavelmente ela faria um escândalo aqui, me acusaria de manipulação e alienação parental, o que, na verdade, era ela quem fazia. Mas para me destruir valia tudo, até mentir descaradamente, porém, hoje, depois de anos, Emily entrou no modo passivo. E falando em modo passivo, fico feliz que você e Erick estejam bem — diz de maneira rude, mas ao encarar o olhar frio da minha mãe, ele desvia o olhar.

— Dia ruim, Isaac? — ela pergunta a ele em tom intimidador e ele dá de ombros.

— Acho que você já deve imaginar — diz, encarando-a, e agora é ela

quem desvia o olhar.

— O que está acontecendo aqui? — pergunto sem entender porra nenhuma. Minha mãe me encara e sorri.

— Nada, amor, seu pai está chateado por um problema na Callier, e eu entendo, mas não precisava ser tão grosso, Isaac, ainda assim eu entendo e o perdoo por isso — ela suspira. — Bom, eu só vim dar um beijinho em você, não vou atrapalhar mais — ela sorri, sem graça, me beija novamente e sem muitas palavras, se despede e se afasta.

O garçom se aproxima com nossos pratos, mas o clima já está uma merda.

— Se quer mesmo um conselho, Maycon, por mais que as pessoas te achem um canalha mentiroso, seja sempre sincero com quem ama. Pode parecer patético, mas isso conta quando se deitar na cama à noite. Por mais grave que seja seu erro, nunca minta para ela.

— Sério que isso vai me ajudar?

— Não sei — diz, olhando para a janela. Emily e Erick estão indo embora. — Mas pelo menos te dará uma consciência tranquila. — Ele engole em seco. — E sobre a clínica, sua mãe e eu já escolhemos uma, não te daríamos a opção de não ir, no entanto, fico realmente feliz que isso tenha partido de você, ainda que pelos motivos errados, você aceitar já é um passo — ele diz e termina seu uísque.

— Tudo isso foi ciúme?

— Não, sua mãe tem razão. Me desculpe, você não tem nada a ver com isso.

— Isaac, eu não queria te deixar chateado, não dessa vez — falo, ele ri e eu acabo rindo também.

— Está tudo bem, não é com você...

Voltamos a falar da faculdade e ele me pergunta por que as minhas notas têm caído. Eu poderia dizer que é por causa da Elena, mas vai além, meus únicos amigos foram embora, e me sinto um nada e não sei como lidar com isso. A verdade é que estou afundando e sabemos bem o porquê. Isaac fala sobre a clínica que a minha mãe escolheu, pede que eu ligue para ela e fale sobre isso. E o fato de ele evitar falar com ela deixa claro que isso entre eles foi pesado. Mas, milagrosamente, os problemas entre eles não me atingem como costumavam atingir.

Depois do almoço ele me deixa em casa, minha mãe liga e eu falo

sobre a clínica. Ela comemora e depois me pede desculpas pelo constrangimento no almoço sem me dar detalhes do que houve, também não pergunto.

À noite, eu estou decidido a falar novamente com Elena e saindo de casa encontro com April na porta da garagem.

— Indo a uma festa? — pergunta como se fôssemos amigos.

— Comer alguma coisa. — Tento encerrar o assunto.

— Posso ir junto? — sugere. Essa aí consegue ser mais bizarra que Jayde. E falando nela, estou com saudades. — Entra.

Seguimos para o trailer próximo à faculdade. April me convida para a sua festa, será no sábado, e ela só para de insistir quando aceito ir. Chegamos e é uma decepção quando vejo Elena com a porra do Keven. Provavelmente, ela deve seguir uma listagem sobre as maneiras de foder com o viciado. Elena está linda, tão linda em um vestido de alças azul, o mesmo que usava quando tivemos a nossa primeira noite juntos, e dói pra caralho vê-la usando-o com o Keven. Eles passam por nós e se a intenção era vê-la e pedir perdão, ela acabou de arruinar com meus planos. Não só com eles, mas com a porra do meu coração também.

Eu nunca quis me apaixonar, nunca desejei essa porra de sentimento, e agora estou aqui, em pedaços ao vê-la com outro. Tudo começou com um beijo que foi perfeito, e poderia ter terminado com um, mas eu sou bom em perpetuar sentimentos e sei que isso não vai ter um fim, mesmo consciente de que é o melhor.

Os passos seguintes são todos insignificantes demais. Eu peço um hambúrguer e como se não percebesse o que está acontecendo, April quer uma confirmação de que terminamos, e eu confirmo. Voltamos para casa e apesar da sua indireta em querer entrar, eu dispenso. O ritual seguinte é o mesmo de sempre, com a única exceção de que estou deprimido demais para sentir algum prazer, é tudo sobre como amar alguém pode te destruir. Acho tudo injusto e difícil de engolir. Terminamos ontem e ela já está com aquele cara? E já sob efeito de cocaína e movido mais pela raiva do que amor, eu envio uma mensagem querendo satisfações, mesmo sabendo que serei ignorado de novo. Mas, para a minha surpresa, ela responde.

“Amo você mais que tudo, mais do que me amo.

Só que o meu amor é egoísta, Maycon, quero você só para mim,

**não quero te dividir com seu “pó”.
Eu o quero sempre sóbrio, porque você é
uma pessoa maravilhosa e não precisa disso em sua vida.
Estou a ponto de enlouquecer, mas não posso
lutar sozinha por nós. Não posso fazer isso com a minha vida,
porque não quero ser uma que te viu se matar e
aceitou, não posso aceitar, não quero.
Quero sonhar com você, me casar com você e
ter filhos com você, e para isso, teremos que viver
muitos anos, e seu “pó” não nos permite fazer planos.
Desculpe, não se trata de não cumprir promessas,
se trata de não querer te ver morrendo.”**

Após ler, percebo que a sua mensagem fez mais efeito que a porra da cocaína e, apesar de tudo, tiro uma boa conclusão sobre cérebro e coração, ambos precisam satisfazer seus vícios ou todo o sistema irá pirar. Como um louco, eu vou até ela e já em frente ao campus envio outra mensagem.

“Estou aqui fora, posso te ver?”

Elena não responde, mas após minutos eu a vejo vindo em minha direção. Ela está com calça de pijama e blusa de frio, com o cabelo preso em um coque malfeito, olhos vermelhos e sei quem é o culpado por isso. Ela se aproxima timidamente e praticamente me joga em seus braços, lembrando de todas as lições que Isaac me disse sobre ser sincero.

Sei que estou feito um idiota, mas isso faz parte de quem eu sou agora e como fico mal sem ela.

— Elena, por favor, eu fui um idiota, não sei como demonstrar que quero parar, mas eu quero.

— E me manda uma mensagem dizendo que cheirou cinco carreiras?
— ela me pergunta sem me encarar, mas não tenta sair dos meus braços.

— Infelizmente, minha sinceridade é contra mim — admito.

— Foi boa a noite com a April? — pergunta, ressentida.

— Eu estava vindo comer um hambúrguer na esperança de encontrar você e ela me viu quando eu ia saindo e perguntou onde estava indo. Eu disse por dizer e ela se ofereceu para vir comigo, e como não faz diferença, aceitei — explico e olho em seus olhos, quase imploro para beijá-la.

— Se perguntar se pode, eu vou dizer que não, mas se me beijar sem perguntar, vou aceitar — diz, me fazendo sorrir.

Nós nos beijamos afirmando que no amor também existe recaídas, quase tiramos a roupa um do outro na rua e, apesar de não estar planejado, sabemos que precisamos de bem mais que beijos e acontece quando nos jogamos no banco de trás do meu carro. Não há questionamento, beijo todo seu corpo como se fosse a primeira vez, então nos entregamos em um vai e vem rápido e intenso, é como estar de volta ao paraíso, o meu paraíso. E somente depois que gozamos e já tentando acalmar a respiração é que olho em seus olhos e sei exatamente o que estive procurando em todo esse tempo. Elena é o grande astro do meu universo e sem ela eu entro em colisão.

— Estamos bem, não estamos? — pergunto, ofegante.

— Não, não estamos — diz de um jeito que me faz sorrir. — Mas se cumprir a sua promessa e se esforçar, podemos ficar — sussurra quase sem fôlego.

Ela volta a me beijar e a sensação é como se tudo voltasse à órbita. Sinto sua pele suada e quente na minha e sei que só preciso tê-la sempre em mim.

Capítulo 39

A cada beijo, paramos apenas para tentar recuperar o ar enquanto nossos corpos continuam flertando com o desejo. Olho em seus olhos e sei que nos magoamos, que tenho culpa nisso, mas senti-la é tudo que eu quero. Ainda que esse sentimento me faça parecer tão estúpido, ainda que nos machuque, meu coração viciado sabe o que vem depois e está disposto a pagar o preço.

É insano e poucos entenderiam. Estou ciente que cometo erros estúpidos e me sinto envergonhado por eles, sei que as minhas ações a deixam em pedaços e isso a faz querer se afastar, mas eu a amo e se ela pudesse entender que não é sobre ela e sim sobre eu e a porra da cocaína, ela não se magoaria tanto por minhas escolhas. Nós nos beijamos novamente e transando dentro do carro, com pessoas lá fora, sei que mesmo que isso se torne pior, mesmo que tenhamos que enfrentar tempestades, sempre estaremos aqui, nos braços um do outro, tendo a nossa melhor endorfina, porque Elena não admitiria isso, mas somos viciados nesse amor e ele sempre irá nos trazer aqui, em nosso paraíso.

Então ultrapassamos os limites que julgávamos ter, ignoramos tudo para continuar tendo doses um do outro e o que ela estiver disposta a me dar depois disso. E todo o ciclo se repete nos tornando sempre mais dependentes. E nunca é o suficiente. Ela mal percebe que várias pessoas estão olhando para o carro, já eu não me importo com isso. Eu a amo, ela me ama, temos nossos momentos ruins, porém, ao sentir sua luz, eu quero acreditar que tudo vai ficar bem. Isso não faz sentido, não quando ela me coloca contra a parede, mas ao invés de encarar os fatos de que não tem saída, eu escolho acreditar em nós.

Entre beijos, eu quase caio do banco. Ela ri disso e acaba me fazendo rir também.

Continuo sentindo seus beijos em minha pele, ouvindo seus gemidos e não me atrevo a afastá-la.

Olho ao nosso redor, os vidros estão embaçados e é óbvio que as pessoas lá fora perceberam o que aconteceu aqui, mas antes que ela perceba e fique desesperada achando que pode perder o status de boa moça, eu digo:

— Estou adorando ficar aqui com você, mas é meio apertado para

nós. Não acha? — falo, tentando fazê-la acreditar que me importo com isso.

Eu não me importo, mas atçar nela a possibilidade de ser pega seria a pior opção. Ela dá aquele sorriso sarcástico e eu sei, essa observação não me parece convincente em um pós-sexo.

— Vou entrar — diz, arruinando as minhas expectativas.

— Ah, qual é, Elena? Jura que vai fazer isso comigo?

— Maycon, estou sendo sincera. Não quero mais essa vida para nós. Você muda ou é melhor terminarmos — ela diz as palavras que tanto odeio ouvir, então me sento ao seu lado e respiro fundo, enquanto ela ajeita a roupa.

Elena se senta e me encara. Sei o que espera ouvir, mas quando olho em seus olhos, eu simplesmente não sei como ela consegue achar que sair dessa vida seja algo tão fácil. Ela continua esperando as palavras que acha que devo dizer. Olhando em seus olhos parece fácil, mas encarando quem eu sou e a minha vida, sei que são difíceis demais para serem processadas pelo meu cérebro de viciado. Mas esse é o seu conto de fadas perfeito, nossa história de amor, onde ela ignora a dor e salva a porra do seu príncipe, mesmo não existindo um príncipe aqui.

Respiro fundo, penso nas palavras que estão entaladas, nas mentiras que ela quer ouvir e as verdades que Isaac insiste que eu devo dizer. Mas ser sincero realmente ajuda?

Prendo os lábios e respiro fundo, enquanto todas as possibilidades passam pela minha mente. Elena se mantém atenta, são as palavras que irão determinar as minhas chances de tê-la de volta. Isso soa irônico, justo eu, o cara que nunca acreditou em promessas precisa fazer algumas agora.

Isso me faz parecer louco e, para piorar, do nada começo a pensar no que é estar em uma clínica e no que terei que passar se for mesmo. Eu sei que a minha sinceridade pode arruinar tudo, mas é isso e foda-se.

— Desculpe. Me desculpe pelo que eu vou te falar, mas, infelizmente, seus pais erraram na sua criação. O Keven bebe e mesmo assim você não acha que ele precisa de reabilitação. — Ela arregala os olhos como se tivesse ouvido um herege falar. Merda!

— Você está louco, meus pais não erraram, pelo contrário, eles... — diz e pelo seu tom de voz sei que não era o que ela esperava ouvir. Mas antes que ela termine, pela milésima vez, eu tento mostrar o meu lado.

— É surpreendente a hipocrisia da sociedade, não acha? — insisto e ela sorri com deboche, sei o que isso significa.

Elena se fechou para qualquer opinião contrária à sua, ignorando até mesmo o fato de a verdade nada mais ser do que visões diferentes do mundo, mas ela já tem a sua opinião travestida de verdade universal e nada pode mudar isso. Ainda assim, eu banco o idiota tentando inutilmente romper a muralha.

— Elena, é sério, por favor, me escute. Qual a diferença entre drogas lícitas e ilícitas? Diz, porque sei que a maioria das pessoas alguma vez já experimentou determinadas substâncias para alterar o humor, como café, cigarro, *Red Bull* ou maconha. Até você já tomou. E, mesmo assim, as pessoas com suas bebidas e seus cigarros pensam que são diferentes de mim. Essa é a piada, entende? Agora, se vier com esse papo que o pó está me matando, passo até te incluir na lista dos hipócritas. Porque o cigarro mata mais de cinco milhões de pessoas no ano, e vai além, porque a fumaça dele tem mais de 4,7 mil substâncias tóxicas. Então não mata só a pessoa que fuma, é prejudicial a todos. E a bebida então, ela é responsável pelo maior número de mortes nas estradas, e se for somar, eles matam mais pessoas que as drogas ilícitas. Então, qual a diferença? — questiono ainda tentando mostrar a ela o outro lado, mas em se tratando da Elena só existe um lado, o que ela quer enxergar e fodam-se os dados ou tudo que eu estou disposto a falar.

— Onde você quer chegar, Maycon? — bufa e sei que está cansada disso.

— Não estou dizendo que não vou, mas quero te mostrar que seu pai está errado, porque eu duvido que ele discrimine alguém que fume ou beba, mas quem usa “drogas ilícitas” não presta, não é mesmo? — insisto e agora ela me fuzila com o olhar.

— Não estou a fim de debater isso agora, então o assunto morre aqui. — Finaliza assim, sem argumentos, apenas porque ela quer e ponto final.

Em um passado remoto, esse seria o tipo de pessoa do qual eu debocharia muito, mas estou viciado nessa garota, implorando pela atenção de alguém que pouco se importa com o que eu penso.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou, mas, no fundo, sabe que tenho razão.

— Não quer ir, não é mesmo? — suspira, frustrada.

— Não é isso, mas não sei se estou preparado para essa luta — respiro fundo, entregando os pontos.

— Vamos lutar juntos. — Ela muda o tom, mas a sua afirmação deixa claro que Elena vive em outro mundo.

— Não, não vamos. Não é você que vai ter que lutar contra o desejo, a fissura e toda a merda que acompanha uma abstinência — desabafo, e mesmo isso é inútil, ela desvia o olhar.

— Mas com o tempo você vai se curar. — Ouvir isso é demais para mim.

— Ah, meu Deus, você é tão sonhadora, não existe cura, existe pacientes controlados. Na última vez que eu estive em uma clínica, a psicóloga me falou que sou apaixonado pela cocaína, que meu organismo já se acostumou a ela e que, no mínimo, seriam necessários seis meses para tentar desacostumá-lo. E se conseguisse, seria um milagre.

— Mas você pode lutar contra isso, Maycon, sei que pode — ela insiste nisso. Em suas palavras é tudo tão fácil que, sinceramente, estou começando a achar que o cego sou eu. Eu sei que ela está cansada, sei que espera uma mudança, mas não é fácil, não em se tratando de mim.

— Você não está entendendo. Vou te explicar em termos médicos, então. Ela libera a dopamina, o hormônio do prazer; o cérebro o produz, mas com o uso da cocaína, ele para de produzir por si só e passa a depender dela, e cada vez preciso de mais quantidades para sentir o mesmo efeito.

— Já sei disso, Maycon, fiz um trabalho. — E pelo visto não aprendeu nada.

Respiro fundo. Mesmo sendo difícil, eu tenho que tentar ou já era para mim. Olho para rua e vejo algumas gotas caindo, então volto a encará-la e, novamente, lá vou eu tentar explicar com mais precisão.

— Olha, então vou ser sincero. Para você ter uma ideia, uma carreira de cocaína faz o sexo parecer fichinha perto do prazer que ela me dá! Entende? É minha válvula de escape e não acho que seja tão ruim como você vê. — Agora ela parece decepcionada.

— Está querendo me ofender e deixar claro que eu não tenho chance, é isso? Que ela é melhor que eu?

Merda! Tento explicar de um jeito mais convencional e a garota entende totalmente o oposto e, pelo seu olhar, eu volto atrás agora ou foda-se o Maycon.

— Não, lógico que não. Eu amo você, Elena. Só quero que entenda que não é fácil. Só quero que entenda que isso é uma porra e que não me

abandone como fez. Porque eu não sei se tenho forças. Não contra isso.

Olho em seus olhos, esperando a resposta.

— Tudo bem — ela finalmente diz. — Desculpe-me. Vou ficar do seu lado sempre, porque eu sei que vai conseguir. Você vai, amor.

As palavras saem, mas Elena não faz ideia em que está se metendo. Eu desvio o olhar, pensativo, não vai dar certo e nosso fim parece próximo agora. Mas enquanto eu puder adiá-lo, eu vou fazer. Não quero me sentir tão sozinho, não hoje, não agora, então faço o que sei fazer de melhor, ignoro tudo que estou sentindo e falo a primeira merda que vem à mente.

— Abril vai dar uma festa sábado.

— E você vai? — Ela entra tão fácil no jogo, que percebo que também queria mudar de assunto.

— Já confirmei que sim, mas quero que vá comigo. Você me acompanha? — Volto a encará-la.

— Ela não me convidou, mas vou com você — diz.

Toco seu rosto, me aproximo e lhe dou um beijo, e com seus beijos lá se vai outra dose, e sei que uma delas será fatal para mim.

— Vai ficar os seis meses? — sussurra, me trazendo de volta à dura realidade.

— Não, eu não sei, mas independentemente do tempo, jura que não vai sair com Keven? — Isso soa mais como súplica que pergunta, e não sei se ficou óbvio para ela.

— Lógico que não vou. Mas você vai tentar mesmo, não vai? — insiste. Ela precisa que eu confirme a minha sentença.

— Tentar eu vou, só que a única certeza que eu tenho no momento é que assim que chegar, vou querer voltar.

Elena engole em seco, mas não a deixo se afastar, volto a beijá-la. Queria que ela me entendesse assim como eu entendo que é difícil para ela, mas sei que não vai acontecer. Continuamos com mais beijos e quando ela insiste que precisa ir, dou mil motivos para ela ficar, porém nenhum deles a convence.

Saímos do carro que já está quase sem oxigênio e nos despedimos, então dirijo por ruas seguindo o caminho de volta. As horas passam e como forma de me rebelar, eu cheiro uma carreira atrás de carreira até chegar ao êxtase, e quando chego, foda-se Elena, foda-se Maycon e suas promessas.

O que ela não entende é que eu não quero viver muito tempo, mas

quero ter um tempo com ela. Ter cocaína e Elena no cérebro é uma forma intensa de enlouquecer, ela fode comigo, eu fodo com ela e a cocaína fode com a gente. Tudo fica em silêncio enquanto meu cérebro agitado me faz viver mil vidas. O telefone toca, então atendo e escuto a voz da Jay do outro lado. Conto a ela que prometi ir para a clínica, em como Elena acredita que posso deixar as drogas e que agora estou desesperado por ter prometido. Nós dois rimos como se fosse um filme de comédia ruim, mas é minha vida e assim que o dia amanhecer, apesar de odiar essa nova versão de mim mesmo, estou apaixonado demais para me rebelar em seu mundinho perfeito.

Jay gargalha, me conta coisas idiotas e rimos por muito tempo com suas histórias e no fim da ligação, não sei qual de nós está mais louco.

Eu me jogo na cama, ligo as estrelas e começo a contar cada pequeno ponto, me perco e gargalho, recomeço e na terceira tentativa estou sentindo uma depressão do caralho. E é justamente aqui, destruído e me sentindo tão dependente dela, é que percebo que me apaixonar por alguém como Elena foi um erro, talvez meu pior erro.

Quando o alarme do telefone toca, estou confuso, sem ânimo, mas decidido a ir atrás de outra dose. Quando chego ao campus, para a minha decepção, encontro com ela e Keven aos risos. Aqueles sorrisos que nunca recebi e, sinceramente, acho que nunca irei receber.

Elena não me encara, sequer tenta se aproximar, então eu faço o mesmo, porque o dependente aqui sou eu e dependentes não têm direito a escolhas ou questionamentos, apenas aceitam o que estiverem dispostos a nos dar.

A semana segue, Elena continua com o seu joguinho ridículo e sei que é uma forma de me punir. Durante o dia ela se afasta, mas à noite dorme comigo e tê-la por perto é o suficiente para me fazer aguentar mais um dia.

No sábado de manhã, depois de deixar Elena no campus, recebo uma ligação da Emily insistindo para almoçarmos juntos e para evitar outro encontro com Isaac, vamos ao shopping. Falamos sobre suas viagens até ela chegar ao assunto clínica e ouvir a minha confirmação que aceitarei me tratar. Depois disso, não sei se ela escuta mais alguma coisa. No fim, somos dois velhos desconhecidos ensaiando uma conversa íntima. Meu pai não me ligou depois da nossa última conversa, apenas uma fria mensagem desejando um bom-dia, e apesar de eu não responder, perguntar sobre ele, mesmo que para

Emily, já alivia a minha curiosidade em saber.

— Estamos bem. Aquilo não foi nada, amor, só estresse. Não se preocupe. E você, sei que não esteve bem na faculdade essa semana, o que está acontecendo? — Emily faz a pergunta.

Apesar de escutar é como se ela não emitisse som, como se não soubesse a verdade por trás disso. E olhando para essa mulher loira, elegantemente vestida com sorrisos quase conhecidos, percebo que se Elena vive em seu mundinho perfeito, minha mãe parece ter uma versão mais convencional dele. Eu encaro o seu rosto, tentando entender o que ela espera ouvir.

— É a garota, Maycon? — sugere com um sorriso curioso.

Mesmo sendo a minha mãe, perdemos muito um do outro, talvez antes ela soubesse ler os sinais, mas não hoje. Também não sei se perdemos isso por crueldade do tempo ou foi porque escolhemos perder, mas não quero a resposta, não hoje.

— Eu estou bem, na verdade, aproveitando que estamos aqui, poderia me ajudar a comprar algo para Elena.

Emily sorri novamente e sei o que isso significa.

— Está muito apaixonado por ela?

Coço a cabeça. Eu estou dependente dela, mas Emily não veria isso com bons olhos se usar essa palavra, então sorrio sem jeito.

— Estou — digo.

— Fico emocionada por ouvir isso, você sabe, querido, esse seu lado nos pegou de surpresa.

— Por quê?

Ela apenas acaricia meu rosto. Após o almoço compramos perfume e flores, ambos preferidos da Emily, mas, para ser sincero, acredito que Elena irá gostar.

Já em casa, deixo as rosas e o perfume no quarto e respondo as mensagens da April. Ela não sabe que eu e Elena voltamos, não nos aproximamos na faculdade, e como ela fica agarrada a porra do Keven, isso reforça a ideia. À tarde, durmo tentando inutilmente recuperar noites de sono perdidas.

À noite, antes de sair, injeto uma para ficar bem e, sinceramente, não sei por que as pessoas veem tanto problema nisso, é só para ficar bem. Já em frente ao campus, envio uma mensagem para a Elena e espero minutos até vê-

la vindo em minha direção. Ela está diferente, linda, então saio do carro, dou a volta e abro a porta.

Elena usa um vestido preto e justo que marca as suas curvas, ela parece a rainha do baile. Percebo que ela engordou, suas pernas estão mais torneadas, os seios maiores. Ela dá um lindo sorriso com uma maquiagem mais forte e seus cabelos soltos com cachos me dão uma visão nova do meu anjo. Não sei se tudo isso é para mim, mas amei. É a primeira vez que a vejo assim e apesar de amá-la de qualquer jeito, me impressionou.

Eu me aproximo, mas ao beijá-la vem a decepção. Mil coisas passam pela minha cabeça, isso é demais para mim, então me afasto, seguro em seus braços e fico por segundos tentando entender que porra é essa. Por que ela está com o perfume do cara em sua pele? Respiro fundo, tentando não pirar e engulo em seco, então dou as costas a ela e entro no carro. Elena entra ao meu lado e finge naturalidade. Odeio a forma medíocre que Elena utiliza para me fazer sentir um imbecil. Respirar se torna difícil, dói e sei que se fosse o contrário, agora eu seria crucificado. Estou cansado, amar Elena é doloroso, cansativo e, no fim, sei que é recíproco.

— Aconteceu alguma coisa? — ela pergunta dando um sorriso e, sinceramente, a maneira como ela tenta fingir que está tudo bem me irrita.

E agora, bem além disso, estou magoado e tentando controlar a porra toda. Fixo meu olhar no volante.

— Nada, só acho impressionante como você consegue encontrar mil formas de me magoar. Não sei, Elena, mas apesar de dizer que me ama, você às vezes me põe tão para baixo, me faz sentir um completo idiota. — Deixo as palavras saírem.

— Amor, desculpe-me, foi uma brincadeira idiota do Kev... — Ela tenta tocar em mim, mas eu levanto a mão para a impedir de continuar.

— Pare, por favor. Se soubesse como essas atitudes idiotas suas acabam comigo, se pudesse sentir o que eu sinto. Ah, foda-se, Elena! Esquece — falo e ligo o som, colocando o carro em movimento.

Estou mal, na verdade, péssimo, e achando que estou bancando o papel de bobo. Seguimos em silêncio enquanto no som do carro Nirvana faz as honras de preencher os buracos. Chegamos e nem sei se quero continuar com isso.

— Ela mora bem — Elena diz e sorri, tentando mudar o clima.

— É só a porra de uma casa — revido enquanto estaciono, então

desligo o carro ainda indeciso sobre continuar ou ir embora.

— Maycon, foi só uma brincadeira sem importância. — Ela tenta novamente e apesar de saber que está sendo sincera, sequer consigo encará-la.

— Sabe, você me trata assim só por que cheiro pó, não é? Me acha inferior aos outros. — Quero ouvir a sua confirmação, não entendo por que ela não pode ser sincera.

— Não, pare, eu te amo. Está levando as coisas para o outro lado. Olha, eu sei que errei e vou me afastar do Keven um pouco.

— Que porra é essa, Elena? — Dou um sorriso irônico. Chega a ser impressionante como ela continua insistindo que não é nada.

— Maycon, pare, por favor, se acalme.

— Olhe para mim e diga que ele não te beija, que ele não toca em você de maneira alguma — insisto, já perdendo a paciência.

— Não. Não nesse sentido. Ele me respeita muito. — Ela diminui gradativamente o tom da voz e não consigo sentir a verdade em suas palavras.

— Ah! Ele te toca em outro sentido, entendi — digo com ironia e ela não responde. — Desculpa, mas não sei mentir como você, uma hora eu posso cansar desse seu joguinho ridículo de triângulo amoroso, porque isso não funciona para mim, e quando acontecer, quem não vai querer mais vai ser o viciado de merda.

Elena revira os olhos, odiando ouvir as minhas queixas, então saio batendo a porta do carro. Ela faz o mesmo, dou a volta e fecho a sua porta, mas quando eu olho em seus olhos, percebo que ela está chateada.

Merda! Odeio isso, passar por isso. Eu me aproximo e a beijo, Elena corresponde, é a porra da dose que me faz persistir ao seu lado, que me faz acreditar, mas então sinto o perfume do cara e isso põe tudo a perder e acabo me afastando novamente.

— Ah, que porra! O perfume do cara está em você! Depois matam uma praga dessas e ainda tem gente que chora e pergunta por quê. Puta que pariu, viu! — falo, irritado.

Ela abaixa a cabeça, então eu a seguro pelo braço e seguimos para festa. Olho à minha volta e nada me atrai, música eletrônica, bebidas sem graça e as mesmas pessoas da faculdade me encarando como se eu fosse uma celebridade, ou talvez o corno celebridade. Merda. As pessoas continuam

encarando Elena e eu e, apesar de evitar olhá-las, posso sentir.

April vem em nossa direção, mas como está cheio, não sei ela consegue ver Elena atrás de mim. Aproxima-se e se joga em meus braços, então eu retribuo só para irritar Elena. E só depois de me desfazer do abraço é que April percebe Elena e fica sem jeito.

— April, eu trouxe a Elena, espero que não se importe. — Eu me adianto.

— Ah, claro que não, acho que te convidei, Elena — sugere, sem graça.

— Na verdade, não, mas parabéns pela festa. Parece perfeita — Elena diz e acho uma piada o seu comentário.

— Fiquem à vontade, espero que se divirtam. Bebidas no bar e quitutes na mesa. Sirvam-se. — April dá um sorriso forçado e se afasta.

Bem à minha frente eu vejo Keven, ele não me encara, mas vê-lo é o suficiente para ir em outra direção para evitar socar a cara dele. Nós nos sentamos um pouco mais afastados, mas acabo me levantando para buscar Coca-Cola e encontro com Kurt, que começa a rir.

— Você gosta de uma coca, hein, Maycon!

— A melhor que tem! — revido.

Ele pede uma foto e acho que até hoje está tentando ser popular. Volto para o meu anjo infernal e me sento a certa distância, travando um duelo entre minha razão e a porra do sentimento que eles denominam amor, mas que até o momento só fode o meu coração. Ao observar as suas curvas, fico pensando se Elena percebeu a diferença em seu corpo.

— Você engordou — digo, tentando evitar especulações.

— Nossa! Que coisa boa de ouvir — ironiza, mas não parece preocupada com isso, então deixo o assunto morrer. — Vai ficar a quilômetros de distância de mim? — provoca.

Eu me aproximo, ficando de costas, então Elena me abraça colocando as mãos dentro da minha blusa e esse contato me desestabiliza.

— Me desculpe. — Ela beija meu pescoço e quase imploro para ela continuar, mas tiro suas mãos e me viro para a encarar.

— Deve ser difícil para o cara te ver tão gostosa todos os dias, ficar louco para te comer e não passar de um amigo — revido, tentando manter a sanidade.

— Maycon, pare, está ficando chato. Pare, por favor, detesto quando

fala assim.

— Não, não vou parar. Vai ficar escutando essa porra a semana toda até tomar vergonha na cara e se afastar dele. E se acontecer de novo, juro que vai se arrepender.

— O quê? — pergunta, indignada com a minha ameaça.

— Elena, você não vai me fazer de idiota — digo, encarando-a com raiva. O ciúme está me enlouquecendo.

— Nossa, você está paranoico hoje! — diz como se eu fosse o culpado.

— Não imagina o quanto — revido, então ela suspira, frustrada, e ficamos em silêncio. Segundos depois ela se levanta. — Para onde você vai?

— Maycon, não começa — diz, me ignorando, mas eu a seguro pelo braço.

— Não vou perguntar de novo.

— Eu vou ao banheiro.

— Vou com você.

— No banheiro? Sério?

— Qual é o problema? — questiono.

Novamente ela me ignora, ainda assim eu a sigo. Ela entra no banheiro, demora alguns minutos e quando sai sorri torto ao me ver ao lado escorado na parede.

— Lavou? — eu pergunto e só a menção a deixa mais irritada.

Elena não responde, mas eu a puxo para meus braços e tiro as minhas conclusões.

— Melhorou — falo e a viro, encostando-a na parede, então olho em seus olhos e a beijo, tocando cada curva de seu corpo. Já quase enlouquecendo, eu me afasto.

— Eu te amo — digo sem esperar uma resposta.

— Também te amo — diz e me faz sorrir.

— Vamos embora?

— Acabamos de chegar — diz, surpresa.

— Tenho uma festa melhor para nós na nossa casa — sussurro e ela sorri.

— Nossa casa?

Não espero a sua resposta, seguro sua mão e em dois minutos estamos no carro, seguindo para a minha casa.

Estou excitado, muito, então a encosto na parede e quase rasgo seu vestido assim que entro em casa. Eu a beijo com tanto ímpeto e desejo, e o melhor é senti-la corresponder com o mesmo desespero. Pegando-a no colo, eu a levo para o quarto. Elena vê o buquê de rosas e fica boquiaberta, então sorri feito boba, desce do meu colo e vai até ele, pegando-o com muito cuidado. Ela suspira, absorvendo seu perfume, se senta na cama com ele em seus braços, e eu acabo me sentando atrás dela. Volto a beijar seu pescoço, mas ela ainda está hipnotizada pelas flores.

— Comprei outra coisa para você.

— Não precisava, Maycon.

Então me estico, pego no criado ao lado o perfume e entrego a ela.

— Não sei se vai gostar, mas a minha mãe adora — sussurro.

Ela sorri, se levanta e coloca o buquê e o perfume sobre a estante, então volta e se deita ao meu lado.

— Eu te amo, amo muito — sussurro.

E é exatamente aqui onde toda a dor se silencia, onde eu escondo meus medos, onde tento inutilmente tampar as rachaduras do nosso mundo perfeito. Amar Elena é estar queimando debaixo de uma tempestade, nada faz sentido, sinto a intensidade, sinto o frio na pele enquanto meu coração queima. Amar Elena é odiar suas atitudes infantis e mesmo assim conseguir olhar em seus olhos, me ver neles e passar a amar tudo que ela me proporciona quando estamos juntos. E nessa loucura de contradições, eu ignoro todos os sinais e me entrego a nós. E mesmo sabendo que terá consequência, eu insisto em manter meu vício em estar com ela. Como se dependesse somente do seu amor para continuar seguindo.

— Acha que podemos ficar assim para sempre, Maycon? — ela sussurra.

Minha respiração ainda oscila. Sei que está ressentida e por isso eu me esforço para entendê-la, porém, mal sabe ela que internamente eu também estou.

— Se você quiser, nós ficaremos assim, abraçados para sempre — sussurro, construindo mais um muro em nosso frágil paraíso.

Ela sorri, se aproxima e me beija, então, olhando nos olhos um do outro, fazemos mil promessas de nunca deixar o nosso amor morrer, e quando eu a sinto ao meu lado julgo ser impossível.

Nosso fim de semana passa entre sexo, pizzas e cocaína, mas ao

contrário da última cena que ela fez quando fui comprar, movida pela frágil promessa de que vou me internar, ela ignora essa parte enquanto eu ignoro toda a dependência que ela causa em mim.

Capítulo 40

Acordo assustado sentindo o quarto frio e, confuso, olho para a janela aberta. Ainda não amanheceu. Sinto o corpo quente de Elena em minhas costas, então tento organizar meus pensamentos e me viro para puxar o cobertor que estava somente sobre ela.

Encaro seu rosto e nesse pequeno confronto interno eu quase posso me ver enlouquecer. Ela parece um anjo dormindo, meu anjo. E, inegavelmente, enquanto enfrento uma luta interna, ao olhar para ela eu me vejo na tênue linha entre paraíso e inferno. Beijo seus lábios, penso em todos os nossos problemas, em como às vezes vamos longe demais sem nos importarmos em nos magoar, mas eu não escolhi amar Elena, e por conhecer e sentir o quanto podemos nos machucar é que tenho certeza que a amo.

Vou enfrentar uma grande tempestade lá fora, meu anjo, você está pronta para isso? Está pronta para ser a luz do meu pesadelo? Está pronta para invadir todos os meus sonhos, para me roubar nas madrugadas e fazer amor imaginário comigo, enquanto eu estiver sozinho?

Não, você não está. Isaac tem razão. Você não sabe o que é isso e por não saber, acredita nas mentiras de que eu posso sair. Mas o problema real, meu anjo, é que meu final feliz não é como o que você planeja. Ele é simples e instantâneo, se resume a uma carreira de pó sobre a mesa.

É uma merda, não é? Eu estou indo ao inferno, deixando meu final feliz escorregar entre os dedos porque não quero perder você, mas, e quando ficar claro que essa luta está perdida, você terá pelo menos a coragem de dizer que não me ama? Irá me desejar sorte ou algo do tipo? Como isso termina, Elena? Para onde essa merda de amor irá nos levar?

É foda, eu não quero ir, mas depois de tudo, não consigo simplesmente desistir, não dela. Porque eu me tornei um viciado já condenado que se atreveu a amar a garota destinada a brilhar, que queria bem mais da vida que um cara como eu.

Ela consegue entender meu desespero? Pode sentir? Vai conseguir entender quando eu pirar por causa do pó? E no fim a pergunta que não quer calar, nesse momento ela será meu anjo ou vai desistir de mim?

Meus questionamentos são apenas piadas para o isolamento que terei que encarar. Merda! Sinto o desespero correr por minhas veias. Elena já

deixou claro que não irá aceitar continuar se não houver mudanças. O foda é que me lembro de ter deixado bem claro como era a minha merda de vida e mesmo assim ela quis entrar.

Encaro novamente seu rosto e poderia ficar horas olhando para ela enquanto enumero as chances de dar errado. Sua respiração se mantém em um ritmo calmo. E aqui, com o semblante tão terno, ela parece uma santa imaculada que reza pela redenção do demônio que não para de cobiçá-la. E para alimentar mais a minha obsessão, Elena se mexe, deixando seus seios tão perfeitos descobertos. E agora, tão insano como o meu amor é meu desejo por ela. Então beijo novamente seus lábios apertando seu corpo contra o meu. Desço meus beijos por seu colo e quando chego aos seios, escuto um gemido que me indica o caminho a seguir, aquele mesmo onde eu sempre termino chapado e mais viciado do que antes. Levanto o olhar e vejo seu sorriso, ela ainda está sonolenta, mas com os beijos logo suas mãos vão parar em minhas costas e não demora para ela corresponder com a mesma volúpia.

— Eu vou ficar tão sozinho longe de você — sussurro entre beijos. Eu sei que estou jogando sujo agora, mas o desespero faz isso. Olho em seus olhos e, ainda a beijando, sussurro: — Você realmente me quer longe, meu anjo?

Seguro seu rosto entre as minhas mãos olhando fixamente em seus olhos. Ela fica segundos olhando em meus olhos, então eu volto a beijar seu pescoço e a ouço gemer com isso.

— Amor, eu não te quero longe, mas quero uma vida ao seu lado, e esse tempo é necessário para você se cuidar — ela diz com tanta fé, que não sei se choro ou finjo acreditar. — Sabe, quando eu vim pra cá não estava em meus planos me apaixonar, não que não quisesse isso, eu sempre fui uma menina boba que acreditava em primeiro amor e achava que ele viria no tempo certo. — Eu me afasto, encarando seu rosto. — E juro que desde o primeiro dia que eu te vi, eu te achei lindo, mas sabia que caras como você não enxergavam garotas como eu, e estava tudo bem pra mim. Semanas depois eu soube do seu envolvimento com drogas e por sempre ter sido alertada sobre isso, eu tentei me manter longe, apesar de ainda te achar lindo — ela sorri e eu não sei o que dizer. Elena me desarma, sua sinceridade me desarma, é uma merda porque meu plano era convencê-la de que posso controlar, mas ela muda totalmente o foco.

— Mas então eu me aproximei e arruinei seus planos — completo,

sentindo um nó na garganta.

Eu me deito ao seu lado e ao contrário do que achava, ela se aproxima e vem sobre mim.

— Então você se aproximou. Primeiro me ajudou com a entrevista, depois me deu uma carona e foi exatamente aí que eu entendi por que deveria evitar você.

— Por causa das drogas.

— Não, mas porque estava claro para mim que se eu te permitisse entrar em minha vida, depois disso eu não conseguiria te deixar ir. E essa é a questão. Eu não sei o que é ser viciado, eu queria entender, mas não entendo, porém eu encontrei o amor onde não imaginava encontrar e sei que amando você, eu não posso te deixar partir para sempre, Maycon. Entende por que eu insisto tanto nisso?

Desvio o olhar. É uma merda ouvi-la e eu entendo como ela se sente, mas como ela deixou claro, Elena não faz ideia da porra que é ficar sem cocaína. Estou cansado de tudo, a nossa felicidade parece estar sempre depois da grande mudança que ela espera de mim.

— Amor, eu sei que pareço a megera agora, mas eu não posso continuar te perdendo, Maycon, não posso continuar te vendo se matar todos os dias e simplesmente deixar acontecer, entende? — diz seriamente e tenta me beijar. Essa será a nossa última semana, e ter que encarar isso me faz engolir em seco.

— E se eu não conseguir, Elena, o que pretende fazer depois disso?

— Maycon, eu preciso que realmente tente — ela diz e lá se vai a porra do clima.

Penso nela com o imbecil do amigo e é foda.

— Elena, jura que aquele filho da puta do Keven não significa nada para você? — Mudo o assunto.

— Se significasse eu não estaria aqui com você, não insistiria para se tratar.

Droga! Não tem jeito. Elena quer uma vida para depois, planeja isso, já eu sempre preferi viver o presente, até porque o amanhã pode nem mesmo existir.

E se boa parte dessa ansiedade é movida pelo medo de não conseguir encarar, medo de que quando voltar não exista mais nós, a outra parte que eu tento ignorar me assombra batendo à minha porta. Estou desesperado por ter

que ficar longe dela, mas em pânico por não saber quanto tempo eu consigo ficar sem cocaína. E por não saber o que fazer quando meu cérebro implorar por isso, é que tenho certeza que não existem milagres e o que vem depois disso pode ser a nossa ruína.

Respiro fundo. Pela primeira vez, eu estou escolhendo me internar em uma clínica, estou concordando com isso. Não que espero uma grande mudança, mas Elena acredita nisso e não quero ser o cara que irá fazê-la duvidar. Eu a abraço, ela me beija, mas quando tenta insistir, eu me esquivo. Elena insiste em me fazer tocá-la, mas eu me afasto.

— Vamos dormir — digo.

— Não quer fazer amor comigo?

— Não estou a fim, desculpe.

— Mas estaria se eu concordasse que não precisa ir — diz, ressentida, e como não quero outra briga, não digo nada.

Ela então se vira de costas e sei que quer que eu a abrace, mas não faço isso. Engraçado que durante boa parte da minha vida fiz escolhas sem pensar nas consequências, mas me internar em uma clínica nunca foi uma delas. Não que tenha me restado muitas alternativas, porém, as regras mudam quando é você quem escolhe se trancar lá? Não sei.

Na segunda-feira, pela manhã, acordo primeiro que Elena. Não sei quando aconteceu, mas estamos abraçados. Meu telefone vibra e sem acordá-la eu o pego ao lado. Vejo mensagens da Jay dizendo sentir saudades, então respondo com meias palavras que também sinto, e no mesmo instante recebo uma de April pedindo carona, replico que passarei na casa dela daqui a uma hora. Vou ao closet, cheiro algumas gramas e isso me faz lembrar de que preciso de mais e que preciso de grana para isso.

Estou irritado com tudo isso – clínica, inferno, dias sem pó, pirar. Antes de surtar, eu tento amenizar tudo com um banho frio. Eu me sinto péssimo e meu humor está uma merda. Quando saio, vejo a cama vazia e encontro Elena no meu closet. De frente para o espelho, eu tento ignorar tudo que estou sentindo.

Sempre deixei claro todos os meus vícios e ela concordou com isso, agora vem com essa merda de mudança. Então o amor é isso? Requer sacrifícios?

Ela sorri ao me ver enrolado na toalha, então eu me aproximo e a abraço por trás. Sinto seu olhar, mas evito encará-la. É tarde demais para desistir? As palavras estão entaladas, perfurando a minha garganta, prontas para saírem, mas ao levantar meu olhar e encarar o dela, engulo tudo com uma dose alta de orgulho e beijo seu rosto. Eu me afasto, visto uma blusa do Nirvana que Robert me deu que, segundo ele, ajuda a aguentar dias ruins.

A verdade é bem essa, assim como Robert, um dia eu também serei apenas uma lembrança no coração de quem eu cativei amor. E ela deveria se acostumar a isso, mas não, tem que insistir em internar a porra do seu namoradinho viciado.

— Quantas são? — Elena questiona, me encarando, então percebo que se refere às tatuagens.

— Trinta e sete, nesse braço tem vinte e seis — explico. A maioria é de aventuras com Rob e Jay, algumas para a minha mãe e outras apenas porque queria terminar de fechar o braço.

— Ao menos tem significado?

Eu não estou a fim de um diálogo agora, então respondo qualquer merda que me vem à mente.

— Tem sim, cobrir um braço com tatuagens que em sua maioria não me lembro do porquê fiz — sorrio, irônico, e ela retribui sem jeito.

— O outro não tem tantas — ela estica o assunto e não sei em que isso é interessante.

— Ando sem tempo para ir ao estúdio — digo, encerrando o assunto.

— Mas não acha que já está demais? — questiona e sei que vou acabar perdendo a paciência com ela e não quero isso.

— Não faz diferença. Vamos?

Descemos, eu preparo chocolate quente e nos sirvo. Ela se mantém distante, tão distante que começo a acreditar que quem está prestes a se trancar é ela e não eu. Ainda assim, eu tento amenizar a situação.

— Pode perguntar, sei que quer e tenho certeza que não é sobre a faxineira.

— Por que deixar de usar algo que é infinitamente mais prazeroso do que ficar comigo?

Sua pergunta me deixa boquiaberto. Em que momento eu disse isso?

Pego as nossas canecas e levo para a pia.

— Quem te disse isso?

— Você disse que sexo é fichinha perto do prazer que ela te dá.

— Por isso está assim? Deprimida e tentando disfarçar? — Ela me encara como um detetive. — É impressionante como se deixa abater por coisas supérfluas.

— Não é supérflua, você disse isso — revida com voz chorosa, Elena tem o dom de entender tudo errado.

— Você interpretou assim, mas eu disse que o sexo é fichinha perto da coca. Não disse que ter você é fichinha, na verdade, eu nem coloquei seu nome nessa frase, pelo menos não me lembro.

— Então qual a diferença?

— Essa pergunta é bem estúpida vindo de uma pessoa que se julga inteligente — falo e agora ela está claramente chateada. Pelo visto, eu deveria ter vestido uma calça do Nirvana também, mas a porra do Robert não me deu.

— Por quê? — revida com voz embargada.

— Um vibrador substitui um homem?

— Desempenha um bom papel! — Tenta parecer inabalável.

— Já usou? — pergunto com malícia.

— Maycon! — ela me repreende e agora está irritada, então baixo a guarda.

— É difícil explicar, Elena. Eu te amo, gosto de tocar seu corpo, de sentir você, de ter a sua companhia, e isso eu tenho apenas com você, um ser humano. Entendeu? — falo, enquanto pego as chaves.

Já dentro do carro posso sentir o clima estranho. Dou a partida e quando estou perto da casa da April, ligo dizendo que cheguei. Não demora para ela vir, entra no carro e nos cumprimenta, mas Elena mal responde. Seguimos em silêncio e no primeiro sinal vermelho que paro, pego um cigarro.

— Maycon, por favor! — Elena me adverte.

Se hoje ela não tirou o dia para me irritar, não sei qual a intenção. Eu abro a janela e enquanto acendo o meu cigarro, recebo outro olhar de condenação. Ofereço a April por educação, ela pega um e pelo olhar da santa imaculada, sei que estamos condenados.

— Usa cocaína também? — Elena pergunta e é totalmente sem noção, então eu a encaro, perplexo, enquanto April ri.

— Ganhei meu dia! — revido, sarcástico.

Nenhuma delas responde e, sinceramente, por hoje já deu. Chegamos

e ela sai do carro como se fôssemos contagiosos. E como sempre eu sou o errado, ela fala e faz merda, mas o errado é seu namoradinho viciado.

— Elena, sua bolsa! — chamo ao sair do carro com a bolsa que ela deixou aqui.

Ela volta, mas antes de entregá-la, termino meu cigarro e me aproximo, então vejo o filho da puta do seu amiguinho passar no corredor. Como ela está de frente para mim, não o vê.

— Não se esqueça do que falei sobre seu amiguinho, está bem? — sorrio, ela pega a bolsa e sai pisando duro.

Eu até a imagino ligando os pontos e concluindo que o cigarro que ofereci a April é prova o suficiente de que somos amantes ou algo assim.

— Sua namoradinha é bem sem noção, hein — April diz, terminando seu cigarro.

— Pessoas sem noção te fazem exercitar o cérebro.

— É só seu cérebro que ela exercita? — pergunta com malícia.

— Bem mais que isso, meu coração e pau também — digo, arrancando uma gargalhada dela.

Jay e eu trocamos mensagens em todas as aulas, ela promete vir antes da reabilitação para tomarmos um porre e, sinceramente, é o que eu mais preciso no momento. As horas passam e com elas se vão as aulas. Espero Elena no refeitório, mas apenas para entregar o lanche. No intervalo, eu fico escutando as ideias idiotas da April e rio muito. Combino com Jong de ir buscar meu pó e quitar a minha dívida. Ele me chama para ir com ele buscar uma “encomenda” e sei o que significa, nova droga no pedaço.

Quando Elena vem, ela me ignora por me ver com April, mas não vou gastar energia com ela se não for em prol do nosso amor e foda-se todo o resto.

Na hora de ir embora, April vem comigo e não vejo Elena. Ela está magoada e sei que não trocaremos mensagens. Mas eu também estou, ainda que por outro motivo. Mas, foda-se!

Chegando em casa, cheiro as minhas últimas gramas e é quase como poder beijar Deus. Esqueço a Elena e as nossas brigas, esqueço até mesmo a clínica. Meu alívio é intenso, a sensação de felicidade única, aqui o Maycon não precisa mudar. Ele é o que é e foda-se, mas o efeito passa e com os minutos o Maycon feliz se torna passado. Eu me jogo na cama esperando meu cérebro perder toda a sensação.

O telefone toca, mas antes que eu atenda, meus pais surgem na porta. Isaac em seu terno caro e Emily impecavelmente em seu terninho azul-escuro, saltos e bolsa *Gucci*. O velho Maycon tentaria esconder e jogar as evidências tão óbvias fora, mas o Maycon que me tornei pouco se importa com isso.

Emily tenta se aproximar, mas ao ver resíduos de cocaína ela recua, seus olhos se enchem de lágrimas, ela então desvia o olhar, nitidamente abalada. Já Isaac não parece se importar em me ver chapado. Emily respira fundo e começa a me contar as mesmas mentiras que Elena conta, mas em um tom maternal, lindas mentiras para seu filho drogado. Eu me pergunto quantas vezes ela repete para si mesma para passar a acreditar que posso sair dessa, ela fala para as paredes do quarto e quando pergunta se estou de acordo, minha resposta a surpreende.

— Acho que existia uma regra sobre avisos antes das visitas, não? — questiono, limpando meu nariz.

Odeio estar chapado na frente deles, odeio a forma como eles me olham e como me fazem sentir. Eu pego o telefone ao lado e depois de uma ligação perdida, Jong me enviou uma mensagem dizendo estar me esperando.

— Senhores — limpo a garganta —, estou honrado pela consideração em aparecer aqui, mas sou um homem de negócios, e se não marcaram horário, sinto muito, mas não poderemos iniciar essa reunião — digo, limpando a garganta. Isaac suspira impaciente e encara Emily.

— Só precisa assinar a sua internação. É só isso — Emily explica com uma voz passiva.

Meu telefone toca, é Jong.

— Não vou ter tempo de ler agora, deixe aqui que eu assino depois.

— Não, precisamos agora — Isaac é categórico.

— E o que eu ganho com isso? — questiono e ele dá um sorriso torto.

— Anos a mais de vida — diz com certo rancor.

— Não estou interessado — falo e ele então se aproxima.

— Sem gracinha, o dinheiro já está disponível, mas posso bloquear agora se não cooperar — sussurra.

Olho para Emily e vejo o quanto está nervosa.

— Posso confiar em vocês? — pergunto em tom de deboche.

Emily parece sufocada, ela vai até a janela e fica olhando para qualquer merda lá fora.

— Maycon, só viemos trazer a documentação porque precisamos dela agora, assine isso rápido — Isaac diz de maneira rude, tira uma caneta do seu paletó e me entrega.

Eu pego o envelope com os papéis e vou até a mesa do computador. Emily se aproxima com cautela, está inquieta, sei disso. Sinto o telefone vibrando no meu bolso. Jong não é um cara muito paciente, então posiciono a caneta e assino onde ela indica. Ao terminar, vejo o alívio em seu rosto. Isaac se aproxima e coloca a mão em seu ombro, eles então trocam olhares de conforto. Ela se vira e sorri para mim.

Eu olho para os dois e tenho minhas dúvidas sobre ser a fusão de um espermatozoide dele com um óvulo dela, parece um milagre da ciência, ou erro, talvez.

— Terminamos? — Emily afirma que sim. — Voltaram a ser amigos? — questiono, mas nenhum deles responde.

Isaac revira os olhos, mas não diz nada. Não há mais perguntas, nem tempo para elas, saio deixando os dois no quarto. Isaac me pareceu mais receptivo, já voltou com aquele olhar de adoração para Emily. Será que eu também faço essa cara de idiota quando olho para Elena? Provavelmente sim, que merda!

Passo no banco para sacar o meu dinheiro e vou para a casa do Jong acertar meus dobrados. Ele sequer me deixa descer do carro, sei qual a minha função aqui. Serei seu motorista e se der merda, rodaremos juntos. Ele vai indicando o trajeto, o cara está armado e claramente ansioso. Eu tento manter a calma, essa é a vida, minha vida, estou do lado errado, o caminho de merda que termina com uma bala no peito ou cadeia. E mesmo sabendo de tudo isso, lá vou eu buscar *cristal* de um novo fornecedor. Cristal é uma forma cristalizada da metanfetamina, um estimulante tão poderoso como a cocaína e crack, mas entre eles eu já escolhi a quem dedicar o meu amor.

Jong me diz que tem buscado variedades, segundo ele, precisa expandir os negócios e alcançar uma clientela maior. Falo sobre a clínica de reabilitação e depois de rir muito, ele me deseja sorte. Sei que sorte é essa.

Tudo corre como ele planejou, mas a minha tarde toda se vai, e graças ao “favor”, ganho míseras gramas de cocaína. Nunca é o suficiente, nem sei se isso existe mais. Só sei que fica óbvio que vou me afundar com esse cara, tenho só dois destinos, e o foda é que nenhum deles me leva para perto de quem eu gostaria de ficar.

À noite, depois de falar com a minha mãe sobre os documentos que assinei e ouvir um sermão de como eu os tratei, meu dia termina e no fim estou consumido pela falta do meu outro vício, Elena.

Cheiro novamente gramas da minha felicidade e lá vou eu encontrar com meu anjo para buscar redenção. Chego em frente ao campus e para a minha sorte vejo Keven vindo sozinho. Saio do carro, acendo um cigarro e o espero na entrada. Ao me ver, ele para por alguns minutos, mas ao notar outras pessoas, ele vem como se nada estivesse acontecendo. Quando passa por mim, eu o acompanho e antes que ele possa mudar de caminho, coloco a mão em seu ombro, apertando-o, ele então para e me encara. Pelo seu olhar, percebo que está assustado.

— Relaxa, é só um recado — digo e tiro a minha mão do seu ombro. — Vou ficar fora por um tempo, mas juro que se você tentar qualquer merda com Elena, quando voltar eu te mando para os quintos do inferno para fazer companhia ao Robert, entendeu? — pergunto, mas ele fica em silêncio. — Entendeu ou preciso ser mais claro? — Ele apenas acena e sai.

Volto ao carro, termino o cigarro e ligo para Elena. Ela me atende e quando eu digo que a estou esperando, demora minutos para ela dizer se vem. Fico escorado no carro esperando, quando finalmente ela vem, mal me abraça, sequer corresponde ao beijo e isso só demonstra o quanto é desnecessário toda essa luta. Quando ela decide finalmente me beijar com desejo, não ficamos muito tempo nisso.

— Vamos? — digo depois de um silêncio constrangedor.

— Hoje eu não vou — ela fala, desviando o olhar.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto.

— Não, só quero dormir aqui hoje — ela diz.

Eu já deixei claro o quanto odeio dormir sozinho, desde a primeira vez eu me apeguei a ela, a tê-la na minha cama, e é horrível encarar uma noite sozinho. Ela está chateada e têm seus motivos, eu tenho os meus e está claro que nesse cabo de guerra não haverá vencedores. Mesmo assim é a nossa última semana juntos e deveríamos superar nossas merdas para estarmos juntos. Engulo em seco e ao contrário do que ela sempre espera de mim, eu não imploro, apenas finjo ignorar.

— Tudo bem, boa noite.

Isso é tudo. Elena corresponde de forma fria e me dá um selinho antes de entrar.

Na terça-feira, Elena ainda parece magoada e sei que não vai ceder, não se achando com a razão. E com isso, começo a aprender seu jogo, estou fazendo isso por ela e por incrível que pareça, meus melhores momentos é conversando com Jay ou April, apesar de que com April tenho que ignorar todas as vezes que ela dá em cima de mim, e quando Jay marca de vir na quarta-feira, eu convido April com o intuito de apresentá-la para a Jay, que assim como eu, provavelmente não se lembra dela.

Terça-feira à noite fico minutos em frente ao campus esperando Elena. Quando ela vem não há beijo, tento uma aproximação, mas ela está irritada porque hoje eu joguei seu jogo e a ignorei como ela faz comigo. Seguimos em silêncio, quando entramos, ela sobe direto para o quarto. Sigo atrás e a abraço, ela então tira meus braços se afastando e eu não entendo o que houve agora.

— Vamos dormir. Estou cansada e quero acordar disposta amanhã.

Quase gargalho. Ela quer dar o troco pela última noite, então não digo nada. Nós nos deitamos e apesar do silêncio, estou feliz por ela estar aqui.

— Eu estou arrumando a April para Jay — digo, ela então solta uma risada forçada.

— O quê? Ai meu Deus! Maycon, cala a boca. É sério? Essa é a coisa mais ridícula que eu já escutei!

Eu desvio o olhar. Não entendo essa garota. Estou sendo sincero e ela debocha de mim. E, bom, se é a noite das confissões ridículas, posso falar as minhas merdas também.

— Odeio a maneira como eu amo você, odeio de todas as formas possíveis de se odiar, Elena, porque cedo ou tarde isso vai acabar e mesmo assim, eu sendo o idiota que sou, vou continuar te querendo. Acho que fui amaldiçoado a te amar por toda a vida, uma forma de pagar meus pecados — falo, ela então começa a rir.

Merda!

Saio do quarto e respiro fundo. Não adiantaria mandá-la embora se ela tem a chave do meu coração. Pego o meu violão no quarto de Jay e volto para o meu, então me sento na cama e começo a dedilhar. Elena permanece deitada em um jogo estúpido de não ceder.

Começo a cantar *Miss you love*, do *Silverchair*. Ela fica parada, parece gostar, quando termino, Elena está bem mais receptiva. Nós nos

amamos, mas não falamos a mesma língua e qualquer tentativa de comunicação parece nos levar ao limite. Ao terminar, guardo o violão. Não conversamos. Deito-me ao seu lado e ficamos olhando para o teto, mas sem estrelas hoje. E talvez o nosso amor seja assim, um céu sem estrelas. Elena é o meu sol, eu preciso da sua luz, do seu calor, mas só tenho se estiver disposto a fazer as malditas promessas.

Do nada, ela começa a rir, então eu me viro e ela se aproxima, olhamos nos olhos do outro, ela então me beija e eu correspondo, porque ela é meu vício ruim. Não há juras de amor, nada além de um céu escuro, mas ele está vivo e podemos senti-lo.

Somos de mundos opostos, seguimos regras diferentes, e ainda assim, ao olhar em seus olhos e sentir seu beijo, eu vejo todo esse abismo que há entre nós ruir. É como lutar ardentemente contra o fogo, mas acabar sendo consumido por ele. E agora, nesse exato momento, estamos em chamas, reconstruindo tudo que o nosso orgulho costuma destruir.

— Eu te amo e me sinto tão segura em seus braços — ela sussurra.

— Eu também te amo, amo mais que tudo, mais que a cocaína, e se fosse inteligente, já teria percebido isso — revido e ela sorri. — Quero ter forças para abrir mão dela, para vencê-la por você, por mim e pelos nossos bebês — brinco.

— O quê? — pergunta, confusa, então se afasta.

— Calma! Os bebês que teremos no futuro.

— Um futuro bem distante — frisa, séria.

— Uns cinco anos, talvez mais. — Volto a beijá-la.

E já consumidos pelo fogo do nosso amor, entendo que qualquer motivo é irrelevante perto da necessidade de estarmos juntos. Eu olho para ela e sei que a quero e sempre vou querer.

Pela manhã somos acordados pelo despertador, não vi a hora que fomos dormir, mas isso só aconteceu depois de acabarmos com o pacote de camisinha que comprei.

— Que porra, hoje já é quarta-feira! — murmuro.

— Bom dia para você também — ela revida, então eu me viro para ela e a abraço.

Começo a beijá-la e apesar de não ter preservativo, só terminamos depois que os dois gozam.

— Ao invés de me deixar ir sozinho, por que não fugimos para qualquer lugar? — sugiro, acariciando seu cabelo.

— Qual lugar?

— Qualquer lugar que você queira. O importante é estarmos juntos.

Elena fica pensativa. Jay odiaria ouvir isso, essa era a nossa promessa, mas acabei de quebrá-la.

— Sua proposta é tentadora, mas podemos ir depois que nos formarmos — Elena revida e sei que se refere ao depois que eu largar as drogas.

— Acho que não consigo te convencer. — Faço careta. — Promete me amar desde o dia que eu for até o dia que voltar?

— Hoje e sempre. — Nós nos beijamos mais uma vez.

Sem muita vontade, nós nos arrumamos e chegamos no segundo horário. No intervalo, Isaac me liga e pergunta se amanhã poderemos nos encontrar para acertar os últimos detalhes – terei que fazer alguns exames antes de ir. Combinamos na quinta-feira, ele então desliga e sei que Emily pediu para que ele me ligasse, provavelmente ela ainda está chateada pelo nosso último encontro.

A quarta-feira passa, eu e Jay combinamos de nos ver depois do show dela na cidade, no Rehab. Quando termina a última aula, eu me encontro com Elena.

— Amanhã eu não venho. Tenho que resolver umas coisas com meus pais. Por isso não venho te buscar hoje — explico.

Lógico que vou sair com Jay hoje, mas essa parte eu conto amanhã, Jay e eu merecemos essa noite juntos.

— Tudo bem — ela não faz muitas perguntas, claro que não, se é sobre a clínica eu estou liberado.

Nós nos despedimos, mas assim que ela vê April entrar no carro, vem até a janela e me dá mais um beijo. Isso seria legal se eu não soubesse o motivo, mesmo assim correspondo.

— Até amanhã, te amo.

— Também te amo. Até amanhã — sussurro e assim que coloco o carro em movimento, April começa com piadas. Sinto um aperto no peito por fazer isso, mas não daria certo levar Elena.

À tarde vou visitar o Robert, como eu sumi por um tempo, ele não está tão receptivo, tento explicar os motivos, mas não cola, então tudo se

resume a alguns cigarros a mais em meus pulmões e conversas jogadas fora.

À noite estou pronto para virar todas. Quando pego April em sua casa, é difícil ignorar a sua beleza atrativa, mas quando ela tenta uma aproximação mais íntima, eu falo sobre Jay e ela entende bem por que estou levando-a. Isso faz todo o trajeto ser melancólico. Ao chegarmos, minha merda de vida melhora ao ver Jay já bebendo no bar, então nos jogamos nos braços um do outro, ela me beija e eu correspondo. Eu a abraço forte e ela me mostra a tatuagem nova com as iniciais do meu nome. São esses pequenos detalhes que demonstram o quanto nos importamos um com outro. A boate está cheia e a noite promete. Apesar de tentar não ficar muito louco, com Jay isso é impossível, e depois de beber e cheirar muito, eu começo a pensar na Elena e isso é deprimente. Fico tão chapado, que quando sou acordado no outro dia com a ligação dela, quase não atendo.

— Oi. — Minha voz sai sonolenta.

— Onde você estava ontem?

Ah merda!

— Com a Jayde, por quê?

— Só com ela? — questiona e sei que está puta comigo.

— Não, mas...

— Ah, vai à merda, Maycon! — Dispara com raiva e desliga.

Estou numa ressaca do caralho, então me forço a levantar e tomar um banho. Isaac está me esperando e está irritado também por eu ter me atrasado. Vamos ao laboratório e depois dos exames, almoçamos juntos. Ele fala da clínica e como será o tratamento, me faz assinar mais papéis, não estico muito o assunto, a minha cabeça parece que irá explodir. Ele sabe que estou de ressaca e não insiste, o pouco que eu almocei vomito no banheiro do restaurante.

Volto para casa e enfio a cara em remédios para dor e calmantes. Durmo um pouco e à tarde ligo várias vezes para Elena, mas ela me ignora totalmente e por isso não cheiro cocaína. Se chegar lá e ela achar que usei drogas, já era pra mim.

Às oito da noite eu mando uma mensagem dizendo que cheguei, como ela ignora, bato à porta, Keven abre e se vira para Elena.

— Vai atender? — pergunta com ironia. Eu o ignoro, entro, e isso o faz sair.

— Não tem festinha para ir hoje? — diz, sarcástica.

Eu me aproximo e me sento ao seu lado.

— Como eu falar não vai te fazer acreditar, pode ver as mensagens.

— Entrego meu telefone.

— Não quero ver mensagens, essa era a nossa semana e preferiu dormir sem mim ontem — ela diz como se na segunda-feira não tivesse me chutado.

— Estou há semanas sem ver a Jayde. — Eu a lembro.

— Não estou nem aí, ela foi porque quis.

— Pare, você não é assim. Olhe as mensagens, já que acha que aconteceu alguma coisa — insisto, ela então pega o telefone.

— Qual era a surpresa? — pergunta, séria.

— Uma tatuagem com iniciais do meu nome.

Pego o telefone e mostro fotos da April e Jay se beijando.

— Satisfeita? — questiono.

— Poderia ter me falado a verdade.

— Você não me deixaria ir.

— Por acaso eu mando em você? — diz com grosseria.

Não acredito que ela está perguntando isso.

— Manda. Está me mandando ir para a porra da reabilitação — ressalto.

— Era mentira isso de resolver coisas com seus pais?

— Não, passamos a manhã conversando sobre a clínica e como será o tratamento e assinando papéis. Vamos esquecer isso, são as nossas últimas horas. Tem tempo pra me odiar depois — justifico.

Eu a beijo e Elena cede. São os nossos últimos momentos juntos e com esperança de uma vida sem as drogas, ela me deixa novamente entrar no nosso mundinho perfeito. E estando nele, nossos próximos dias são perfeitos.

Segunda-feira pela manhã meus pais vêm me buscar. Antes de entrar no carro do Isaac, entrego meu telefone para ela, passo a senha das minhas redes sociais, trocamos fotos e blusas, tudo pelo cheiro um do outro que fica nas roupas.

— Promete que não vai me esquecer? — digo, sentindo um aperto no peito que inicialmente é por Elena, mas sei que está prestes a mudar.

— Sabe que isso é impossível.

— Eu te amo mais que tudo. Por favor, quando o idiota do Keven chegar perto e tentar te cantar, se lembre de mim, lembra o que estou fazendo

por você, por nós — sussurro.

— Maycon, eu amo você — diz, segura a minha mão e entra no carro comigo.

Elena cumprimenta meus pais, que a deixam em frente ao campus. Desço com ela e damos o último beijo e novamente dói. Se pudesse, eu a levaria comigo, mas a partir de agora ela estará só em meus pensamentos.

— Amor, vamos! — Emily grita.

— Não quero que sofra por mim, Elena, não quero que chore, quero que fique bem, que vá passar as férias com seus pais e volte a ficar bem com eles — falo, desejando isso.

— Não é fácil, você sabe. Não sem você aqui comigo. — Ela segura as lágrimas e sei que é sincera.

— Não é, eu sei. Me espere, prometo voltar para nós e vamos recuperar esse tempo. Eu juro! — Sorrio e lhe dou as costas.

Dizem que o inferno está a alguns passos do paraíso, mas é sensato ir ao inferno por alguém? Isso eu ainda não sei, mas sei que estou indo para lá agora e espero sobreviver a ele.